

ANGÉLICA PREDIGER

**TOPODINÂMICA DO ALEMÃO FALADO EM COMUNIDADES DE IMIGRAÇÃO
DO NORTE DA BOÊMIA NO BRASIL**

PORTO ALEGRE

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
Área: Estudos da Linguagem
Especialidade: Dialectologia
Linha de Pesquisa: Sociolinguística**

**TOPODINÂMICA DO ALEMÃO FALADO EM COMUNIDADES DE IMIGRAÇÃO
DO NORTE DA BOÊMIA NO BRASIL**

ANGÉLICA PREDIGER

ORIENTADOR: PROF. DR. CLÉO VILSON ALTENHOFEN

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Rui Vicente Oppermann

VICE-REITORA

Jane Tutikian

DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Claudia Wasserman

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Izabel Saraiva Noll

DIRETOR DO INSTITUTO DE LETRAS

Sérgio de Moura Menuzzi

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Beatriz Cerisara Gil

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Vladimir Luciano Pinto

CIP – Catalogação na Publicação

Prediger, Angélica
TOPODINÂMICA DO ALEMÃO FALADO EM COMUNIDADES DE
IMIGRAÇÃO DO NORTE DA BOÊMIA NO BRASIL / Angélica
Prediger. -- 2019.
321 f.
Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Língua alemã. 2. Língua de imigração. 3. Boêmios
no Brasil. 4. Contato linguístico alemão-português. 5.
Variação e mudança linguística. I. Altenhofen, Cléo
Vilson, orient. II. Título.

Angélica Prediger

**TOPODINÂMICA DO ALEMÃO FALADO EM COMUNIDADES DE IMIGRAÇÃO
DO NORTE DA BOÊMIA NO BRASIL**

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 5 de setembro de 2019

Resultado: Aprovada com louvor.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Departamento de Estudos da Linguagem
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Karen Pupp Spinassé
Departamento de Estudos da Linguagem
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Dorotea Frank Kersch
Departamento de Letras
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Prof. Dr. Harald Thun
Departamento de Romanística
Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (CAU)

RESUMO

A presente tese de doutorado tem por objetivo identificar e compreender os processos de variação e mudança na constituição do alemão falado em pontos de imigração boêmia da matriz de origem na Europa ao Rio Grande do Sul. Os boêmios configuram um grupo de imigração originário da Boêmia, situada na República Tcheca, que a partir dos anos 60 do séc. XIX imigrou da antiga Monarquia Áustro-Húngara (1867-1918) para o Brasil e outros países da América Latina. O objetivo do estudo é compreender os processos de variação e mudança do alemão falado por meio da descrição de quatro tendências: manutenção dialetal do *Nordböhmisches*; nivelamento linguístico com o *Hunsrückisch* e o *Westfälisch* por contato; adoção de uma variedade [+standard]; e empréstimos do português. O objetivo da pesquisa ainda engloba a conexão das tendências linguísticas com quatro dimensões de análise da variação e mudança linguística: origem migratória e mobilidade diária (dimensão diatópica); nível de escolaridade (dimensão diastrática); faixa etária (dimensão diageracional); e contato linguístico (dimensão dialingual). Ponto de partida da presente pesquisa é a hipótese de que esses imigrantes se caracterizavam primeiramente pelo uso diaglótico de duas variedades intermediárias do alemão: uma variedade [+standard] de base *Obersächsisch-Schlesisch*, que servia a situações de maior formalidade, e uma variedade [+dialetal] *Nordböhmisches* para uso no círculo da família e de amigos. A segunda hipótese é de que, no contato com o alemão do entorno, a variedade [+standard] de base *Obersächsisch-Schlesisch* entrou em processo de nivelamento com a variedade *Hunsrückisch*. O modelo teórico-metodológico da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, de Radke e Thun (1996), bem como a noção de diaglossia, de Auer e Hinskens (1996), e a teoria do contínuo linguístico, de Coseriu (1982), contribuem na compreensão dos efeitos de contatos linguísticos (ALTENHOFEN, 2013; ALTENHOFEN; THUN, 2016) na matriz de origem boêmia e no Rio Grande do Sul na configuração do alemão falado hoje pelos descendentes. Entrevistas realizadas com pluralidade de informantes, selecionados por classe sociocultural (dimensão diastrática), faixa etária (dimensão diageracional), homem/mulher (dimensão diassexual), nas localidades de Venâncio Aires, Imigrante e Agudo (dimensão diatópica), revelam a coexistência das quatro tendências linguísticas. Processos de sobreposição, coexistência, perda e inovação foram identificados nos tipos de variantes: [+dialetal] *Nordböhmisches*, [+standard], [+dialetal] de contato com o *Hunsrückisch* e o *Westfälisch* e [+lusas]. Os resultados indicam um processo de perda do *Nordböhmisches* e formação de duas variedades regionais a partir da adoção de variantes *standard* e convergência com variantes em contato: 1) uma fala [+inovadora], com a presença de elementos linguísticos das variedades alemãs do entorno, com predomínio em Imigrante e Venâncio Aires, em cujo último ponto também se constatou uma fala [+conservadora], com a presença de relictos do *Nordböhmisches*; e 2) uma fala [+standard] em destaque na localidade de Agudo. Transregional mostrou-se a tendência à incorporação de elementos [+lusos] na geração mais jovem e no grupo mais escolarizado. A variação interna presente no repertório dos falantes permite definir o alemão falado em pontos de imigração boêmia como um complexo variacional (THUN, 2010). Este apresenta uma combinação de elementos de variedades alemãs da origem com variedades alemãs de contato e regionais do português.

Palavras-chave: Língua alemã; Língua de imigração; Boêmios no Brasil; Contato linguístico alemão-português; Migrações; Variação e mudança linguística.

ABSTRACT

The aim of this doctoral thesis is to identify and understand the processes of variation and change in the constitution of German spoken at Bohemian immigration points from the origin matrix in Europe to Rio Grande do Sul. The Bohemians are a group of immigrants from Bohemia, located in the Czech Republic, which from the 60s of the 19th century immigrated from the ancient Austro-Hungarian Monarchy (1867-1918) to Brazil and other countries in Latin America. The aim of the study is to understand the processes of variation and change of German spoken by describing four trends: dialectal maintenance of the *Nordböhmisch*; linguistic leveling with the *Hunsrückisch* and *Westfälisch* by contact; adoption of a [+standard] variety; and, Portuguese loans. The objective of this research is to link linguistic trends with four dimensions of analysis of linguistic variation and change: migratory origin and daily mobility (diatopic dimension); educational level (diastratic dimension); age group (diagenational dimension); and, linguistic contact (dialingual dimension). The starting point of the present research is the hypothesis that these immigrants were firstly characterized by the diaglossic use of two intermediate varieties of German: a [+standard] base variety *Obersächsisch-Schlesisch*, which served situations of greater formality, and a variety [+dialect] *Nordböhmisch* for use in the circle of family and friends. The second hypothesis assumed in this study is that in the contact with the German of the surroundings, the [+standard] base variety *Obersächsisch-Schlesisch* entered the leveling process with the *Hunsrückisch* variety. The theoretical-methodological model of Pluridimensional and Relational Dialectology, from Radke and Thun's (1996), as well as the notion of diaglossia, by Auer and Hinskens (1996), and the linguistic continuum, by Coseriu (1982), contribute to the understanding of the effects of language contacts (ALTENHOFEN, 2013; ALTENHOFEN; THUN, 2016) in the origin matrix and in Rio Grande do Sul on the configuration of German spoken today by the descendants. Interviews conducted with a plurality of informants, selected according to sociocultural class (diastrática dimension), age group (diagenational dimension), sex (diasexual dimension), in the localities of Venâncio Aires, Imigrante e Agudo (diatopic dimension), reveal the coexistence of the four linguistic tendencies. Overlap, coexistence, loss and innovation processes have been identified in the types of variants: [+dialectal] *Nordböhmisch*, [+standard], [+dialectal] contact with *Hunsrückisch* and *Westfälisch* and [+lusas]. The results indicate a process of loss of the *Nordböhmisch* and the formation of two regional varieties as a result of the adoption of standard variants and convergence with variants in contact: 1) a speech [+innovative], with the presence of linguistic elements of the German varieties of the environment, with predominance in Imigrante and Venâncio Aires, in whose last point a speech was also verified [+conservative], with the presence of relics of the *Nordböhmisch*; and, 2) a speech [+standard] highlighted in the locality of Agudo. The internal variation present in the speakers' repertoire allows us to define the German spoken in bohemian immigration points as a variational complex (THUN, 2010). This presents a combination of linguistic elements of German varieties of the origin matrix with German varieties of contact and regional varieties of Portuguese.

Keywords: German language; Immigrant languages; Bohemian immigration in Brazil; Language contact German-Portuguese; Migrations; Variation and language change.

ZUSAMMENFASSUNG

In der vorliegenden Dissertation geht es um die Erfassung der Sprachwandel- und Variationsprozesse in der Gestaltung des gesprochenen Deutschen in Migrationsgebieten böhmischer Herkunft in Rio Grande do Sul. Diese Migrationsgruppe aus der heutigen Tschechischen Republik wanderte ab den 1860er-Jahren aus der damaligen Österreichisch-Ungarischen Monarchie (1867-1918) nach Brasilien und weiteren Länder Lateinamerikas aus. Ziel der Arbeit ist es, die Dynamik der Wandels- und Variationsprozesse des gesprochenen Deutschen anhand der Beschreibung von vier Tendenzen zu erschließen: (1) Spracherhalt des dialektalen Nordböhmischen, (2) Sprachausgleich mit dem Hunsrückischen und dem Westfälischen durch Sprachkontakt, (3) Übernahme einer standardnahen Sprachvarietät und (4) Entlehnungen aus dem Portugiesischen. Weiterhin werden diese vier Tendenzen mit den Dimensionen der Sprachvariations- und Sprachwandelforschung verknüpft: (1) Migrationsherkunft und Alltagsmobilität (diatopische Dimension), (2) Bildungsniveau (diastratische Dimension), (3) Altersspanne (diagenerationelle Dimension) und (4) Sprachkontakt (dialinguale Dimension).

Ausgangspunkt für die Untersuchung ist die Annahme eines diaglossischen Sprachverhaltens der Einwanderer, dessen Pole zwei umgangssprachliche Varietäten darstellen: eine standardnahe Varietät auf obersächsisch-schlesischer Basis zur Steuerung formeller Kommunikation und eine dialektale Varietät des Nordböhmischen für die nächstsprachliche Interaktion innerhalb der Familie und im Freundeskreis. Eine zweite Hypothese besteht darin, dass die standardnahe obersächsisch-schlesische Varietät durch Sprachkontakt in einen Ausgleichsprozess mit dem örtlichen Hunsrückischen eintritt.

Als theoretische und methodische Grundlagen für diese Studie werden die pluridimensionale und relationale Dialektologie von Thun (1996), das Konzept der Diaglossie von Auer und Hinskens (1996) und die Theorie zum Sprachkontinuum von Coseriu (1982) herangezogen, um die Sprachkontakteffekte (ALTENHOFEN, 2013; ALTENHOFEN; THUN, 2016) in den böhmischen Migrationsgebieten zu erschließen.

Interviews mit Sprechern, die nach soziokultureller Schicht (diastratische Dimension), Alter (diagenerationelle Dimension) und Geschlecht (diasexuelle Dimension) in den Ortspunkten Imigrante, Venâncio Aires und Agudo (diatopische Dimension) gewählt wurden, deuten auf die gleichzeitige Existenz der vier obengenannten Sprachtendenzen hin. Überlagerungs-, Koexistenz-, Verlust- und Innovationsprozesse wurden bei [+ dialektal] nordböhmischen, [+ standardnah] und [+ dialektal] hunsrückischen, [+ dialektal] westfälischen und [+ lusitanischen] Sprachvarianten herausgefunden. Die Ergebnisse deuten auf den Verlust des Nordböhmischen und auf die Bildung zweier regionaler Sprachvarietäten infolge der Übernahme [+ standardnaher] Merkmale und der Konvergenz mit Sprachkontaktvarianten hin: (1) ein [+ innovatives] Sprechen, in dem sich Sprachvarianten der örtlichen Kontakvarietäten (Hunsrückisch und Westfälisch) durchsetzten, überwiegend in Imigrante und Venâncio Aires. Im letztgenannten Ort ist auch noch ein [+ konservatives] Sprechen mit Relikten des Nordböhmischen erkennbar, und 2) für Agudo ist ein vergleichsweise besonders standardnahes Sprechen zu beobachten. Transregional zeigt sich die Tendenz [+ lusitanisierte] Sprachmerkmale bei der jüngeren Generation und bei der hohen Bildungsniveaugruppe einzubinden. Zum Schluss lässt sich das böhmische Deutsch als ein Varietätenkomplex definieren, der Merkmale aus dem Deutschen der Herkunftsgebiete mit deutschen Kontaktvarietäten und regionalen Varietäten des Portugiesischen kombiniert.

Schlüsselwörter: Deutsche Sprache; Einwanderersprache; Böhmen in Brasilien; Sprachkontakt Deutsch-Portugiesisch; Migrationen; Variation und Sprachwandel.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas e instituições que contribuíram na concretização do meu Doutorado. Em especial:

À minha mãe Ivany Prediger, que sempre acreditou na educação como forma de liberdade e que me permitiu correr atrás dos meus sonhos mesmo em momentos difíceis.

Ao meu pai Valdir Prediger, com quem realizei a primeira pesquisa de história da família Prediger e de outras famílias boêmias em Imigrante.

Ao meu orientador Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pela preocupação com a busca pela excelência, pelas experiências compartilhadas e oportunidades de crescimento possibilitadas.

Ao Prof. Dr. Sebastian Kürschner, pelo acompanhamento de minhas atividades na Alemanha, pelas oportunidades de formação possibilitadas e pela parceria em projetos e redes.

À banca de defesa composta pela Profa. Dra. Karen Pupp Spinassé (UFRGS, Porto Alegre), pela Profa. Dra. Dorotea Frank Kersch (UNISINOS, São Leopoldo) e pelo Prof. Dr. Harald Thun (CAU, Kiel), pela leitura minuciosa dessa Tese.

Aos colegas de pesquisa, Gabriel Schmitt, Ana Carolina Winckelmann, Gerônimo Loss Bergmann, Luana Cyntia Souza, Jussara Habel, Sofia Fröhlich, Viktorya Zalewski e Paola Inhaquite, pelas experiências vividas em campo e reflexões em grupo.

A Facundo Reyna Muniain, por trazer nova inspiração à minha formação, pelas reflexões em torno da língua, pela rede de contatos, busca por soluções e imersão em novos desafios.

A Luciano dos Santos dos Reis, pelo apoio incondicional em anos difíceis, paciência, solidariedade, reconhecimento e por todas as experiências vividas.

À Cíntea Richter, Paulo Pepe, Elisa Richter Dressler, Matheus Dressler Richter, Jéferson Schaeffer, Gabriel Schmitt, Ana Winckelmann, Gerônimo Loss Bergmann, Lis Lucas, Stéfany Karl, Eduardo Calderón, pelo apoio, pela amizade, confiança e busca por soluções práticas.

A todos os informantes da minha pesquisa, que solidariamente dedicaram seu tempo para as entrevistas e me acolheram como se eu fosse parte da família, e aos grupos CAPEF e GenealogiaRS, pelos convites para apresentações e troca de informações sobre genealogia.

Ao doutorando Lucas Löff Machado e à doutoranda Carina Redel, pela parceira em projetos, redes e exposições, e apoio em minhas atividades como um todo na universidade em Eichstätt.

Ao Prof. Dr. Harald Thun, ao Prof. Dr. Elmar Eggert, ao Prof. Dr. Fernando Tavares, à doutoranda Monique Fritscher e ao doutorando Facundo Reyna Muniain, da CAU, pelos convites para apresentações em colóquios e workshops e por todo o acolhimento na universidade em Kiel.

Ao CDEA e à Parceria GIP pelo financiamento concedido para participação em atividades de estudo e eventos na Friedrich-Alexander Universität Erlangen-Nürnberg (GIP e CDEA) e na Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt (CDEA).

À CAPES, pela bolsa de doutorado recebida entre 2016 e 2019, e pela bolsa de Doutorado Sanduíche pelo Programa Doutorado na Alemanha CAPES/DAAD de abril a julho de 2019.

Muito obrigada a todas e a todos!

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Capítulo 1 – CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E DEFINIÇÃO DA BASE TEÓRICA	29
1.1 Temporalidade e trajetória de imigração	30
1.1.1 Percursos migratórios dos boêmios: mudanças em escalas.....	30
1.1.2 Identidade sociocultural dos imigrantes boêmios do séc. XIX.....	42
1.1.3 Espaços de ocupação dos boêmios na América Latina.....	51
1.1.4 Variação e mudança linguística na topodinâmica dos boêmios.....	56
1.2 Migrações e contatos linguísticos na constituição do Böhmisches.....	60
1.2.1 “Dialeto”, “língua histórica” e “língua minoritária”	61
1.2.2 Falante monolíngue e falante plurilíngue.....	66
1.2.3 Contatos linguísticos da matriz de origem, na área do <i>Ostmitteldeutsch</i>	69
1.2.4 O <i>Hunsrückisch</i> em contato com o <i>Böhmisches</i>	76
1.2.5 Contatos linguísticos com o português	80
1.3 Standard e substandard no contínuo do Böhmisches	85
1.3.1 A língua <i>standard</i> e suas normas de oralização.....	85
1.3.2 Diglossia e processos de desdiglossização.....	91
1.3.3 Línguas de campo intermediário no contínuo <i>standard/substandard</i>	101
1.3.4 Diaglossia no repertório linguístico.....	103
1.4 Pluridimensionalidade de análise da variação linguística	112
1.4.1 O espaço pluridimensional de uso variável da língua	112
1.4.2 O estudo da língua no eixo da cronologia	116
1.4.3 Dimensões e parâmetros da Dialectologia Pluridimensional e Relacional.....	118
Capítulo 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	120
2.1 Área de pesquisa: descrição da rede de pontos.....	120

2.1.1	Bo04 - Colinas e Imigrante	121
2.1.2	Bo06 - Venâncio Aires	123
2.1.3	Bo07 - Agudo	124
2.1.4	Migrações diárias e contatos intervaretais	126
2.2	Aplicação do princípio da pluridimensionalidade: dimensões de análise	127
2.3	Entrevistas e perfil dos informantes	129
2.4	Definição das variáveis linguísticas na elaboração do questionário	130
2.5	Procedimentos de análise dos dados	137
Capítulo 3 – ANÁLISE DOS PROCESSOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA DO <i>BÖHMISCH</i>		
		140
3.1	Variação fonético-fonológica	142
3.1.1	Mhd. /a/ em Nhd. <i>Vater</i> ‘pai’	142
3.1.2	Mhd. /e/ em <i>P(f)efffer</i> ‘pimenta’, <i>Hefe</i> ‘fermento’, <i>Mehl</i> ‘farinha’, <i>(P)ferd</i> ‘cavalo’, <i>Wetter</i> ‘tempo’ (meteorologia)	145
3.1.3	Mhd. /i/ diante de /r/, como em Nhd. <i>(P)firsich</i> ‘pêssego’	150
3.1.4	Mhd. /u/ no núcleo silábico em Nhd. <i>Durst</i> ‘sede’	152
3.1.5	Mhd. /ei/ em Nhd. <i>zwei</i> ‘dois’	156
3.1.6	Mhd. /u/ em núcleo de sílaba em Nhd. <i>Gurke(n)</i> ‘pepino(s)’	159
3.1.7	Mhd. /ei/ em Nhd. <i>Eier</i> ‘ovos’	162
3.1.8	/pf/ em Nhd. <i>Pfeffer</i> ‘pimenta’	167
3.1.9	Apócope em <i>Hefe</i> , <i>Schule</i> e <i>Brille</i> ‘fermento’, ‘escola’ e ‘óculos’	171
3.2	Variação morfossintática	172
3.2.1	Voz passiva em < <i>Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird am Ende gar nicht alles gegessen</i> >	173
3.2.2	Verbo <i>werden</i> em < <i>Die Nachbarn wurden krank</i> >	175
3.2.3	Conjunção final em < <i>Tu mehr Kohlen in den Offen, damit die Milch bald zu kochen anfängt</i> >	177
3.2.4	<i>Konjunktiv II</i> em < <i>Sie sagte zu ihm, sie käme nicht mehr</i> >	178

3.2.5	Terminação <-en> em verbos no particípio II em <Der gute alte Mann ist mit dem Pferd auf dem Eis eingebrochen und ins kalte Wasser gefallen>	180
3.2.6	Prefixo <ge-> em verbos no particípio II em <Warum hast du das Hemd nicht gekauft? Ich habe es nicht teuer gefunden>	182
3.2.7	Gerúndio em <Die Bäume verlieren schon die Blätter>	185
3.3	Variação semântico-lexical	187
3.3.1	Nhd. <i>barfuß</i> ‘pé-descalço’	187
3.3.2	Nhd. <i>Mund</i> ‘boca’	190
3.3.3	Nhd. <i>Pferd</i> ‘cavalo’	195
3.3.4	Nhd. <i>Pfirsich</i> ‘pêssego’	201
3.3.5	Nhd. <i>Ochsenwagen</i> ‘carroça’	202
3.3.6	Nhd. <i>Schleuder</i> ‘estilingue’	206
3.3.7	Nhd. <i>Tochter</i> ‘filha’	211
3.3.8	Nhd. <i>Großvater</i> ‘avô’	215
3.3.9	Nhd. <i>Kartoffel</i> ‘batata’	216
3.3.10	Nhd. <i>Kruste</i> ‘ponta do pão’	221
3.3.11	Nhd. <i>Gurke(n)</i> ‘pepino(s)’	225
3.3.12	Nhd. <i>pflügen</i> ‘arar’	225
3.3.13	Nhd. <i>Mais</i> ‘milho’	232
3.3.14	Nhd. <i>Streichholz</i> ‘fósforo’	235
3.3.15	Nhd. <i>parfümierte Seife</i> ‘sabonete’	246
	SÍNTESE DAS TENDÊNCIAS OBSERVADAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	252
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	262
	ANEXO A (MAPAS).....	271
	ANEXO B (TERMOS).....	320

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Correntes migratórias ao Oriente em um mapa de Van Raad/Voorwinden (1976).....	31
Figura 2: Mapa das áreas de presença alemã na Boêmia, Morávia e Silésia, em 1837, com demarcação da região de origem da maioria dos boêmios emigrados ao Rio Grande do Sul	34
Figura 3: Esquema tridimensional de Berruto (2010), para representar a a relação entre variação diatópica, diastrática e diafásica	59
Figura 4: Áreas dialetais do alemão	69
Figura 5: A língua escrita do moderno alto-alemão como língua de nivelamento na área <i>Ostmitteldeutsch</i> (Teoria de Frings, 1957).....	70
Figura 6: Fronteiras dialetais na antiga área dos Sudetos	74
Figura 7: Mapa do ALERS (2011) com a distribuição das variantes para <i>estilingue</i>	83
Figura 8: Mapa do ALERS (2011) com a distribuição das variantes para <i>jogo do baralho</i>	84
Figura 9: Esquema que visualiza a relação entre língua <i>standard</i> , variedades regionais (<i>Umgangssprachen</i>) e dialetos do alemão	87
Figura 10: Repertório linguístico diglótico de imigrantes pomeranos e vestfalianos	93
Figura 11: Níveis linguísticos na estrutura do contínuo <i>standard-substandard</i> (BELLMANN, 1957; 1983).....	102
Figura 12: Estrutura do <i>Substandard</i> (BELLMANN, 1983), adaptada ao alemão e ao português falado nas localidades desta pesquisa	103
Figura 13: Repertório diaglótico	104
Figura 14: Repertório diaglótico com perda da variedade dialetal	107
Figura 15: Repertório linguístico dos boêmios na segunda metade do séc. XIX	108
Figura 16: Repertório linguístico dos boêmios até 1940	110
Figura 17: Repertório linguístico dos boêmios após 1940.....	111
Figura 18: Espaço variacional e disciplinas da variação	113
Figura 19: Rede de pontos da pesquisa.....	120
Figura 20: Distribuição dos informantes em formato de cruz	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Localidades de origem e sobrenomes de boêmios nos pontos de pesquisa da tese.....	39
Tabela 2: Rede de variedades e línguas de base e em contato no norte da Boêmia.....	75
Tabela 3: Tabela de variantes divergentes entre os tipos <i>Deutsch</i> e <i>Deitsch</i> do <i>Hunsrückisch</i>	78
Tabela 4: Porções do tempo sobre o eixo da cronologia	116
Tabela 5: Abordagens do tempo no eixo da cronologia	117
Tabela 6: Dimensões e parâmetros da metodologia pluridimensional	118
Tabela 7: Esquema em forma de cruz do grupo de informantes.....	119
Tabela 8: Dimensões, parâmetros e critérios considerados neste estudo.....	128
Tabela 9: Variáveis fonético-fonológicas	131
Tabela 10: Variáveis sintático-morfológicas.....	132
Tabela 11: Variáveis semântico-lexicais	133
Tabela 12: Estrutura do questionário utilizado.....	136
Tabela 13: Quadro de variantes nas dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual no estilo resposta ao questionário, tomando como exemplo a variação lexical para Nhd. leihen / pt. pedir emprestado	138

LISTA DE ABREVIATURAS

Ahd.	<i>Althochdeutsch</i> (pt. <i>antigo-alto-alemão</i>)
Al.	alemão [forma neutra] (al. <i>Deutsch</i> = Dt.)
ALMA-H	<i>Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch</i> (al. <i>Sprachkontaktlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch</i>)
ALMA-Bs	<i>Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Boêmio, Bávaro e Bucovino</i> (al. <i>Sprachkontaktlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Böhmisch, Bairisch, Bukowinisch</i>)
Ba	Bávaro
(Ba01	Localidade com presença bávara – “São Bento do Sul” - Brasil)
Bo	Boêmio
(Bo01	Localidade com presença boêmia – “Nova Petrópolis” - Brasil)
(Bo02	Localidade com presença boêmia – “Farroupilha” - Brasil)
(Bo03	Localidade com presença boêmia – “Paverama” - Brasil)
Bo04	Ponto de pesquisa com presença boêmia em “Colinas & Imigrante” - Brasil
(Bo05	Localidade com presença boêmia – “Mato Leitao e Santa Clara” - Brasil)
Bo06	Ponto de pesquisa com presença boêmia em “Venâncio Aires” - Brasil
Bo07	Ponto de pesquisa com presença boêmia em “Agudo” - Brasil
(Bo08	Localidade com presença boêmia – “Jaguari” - Brasil)
(Bo09	Localidade com presença boêmia – “São Bento do Sul” - Brasil)
(Bo10	Localidade com presença boêmia – “Joinville” - Brasil)
(Bo11	Localidade com presença boêmia – “Eldorado e Puerto Rico” - Argentina)
(Bo12	Localidade com presença boêmia – “Bella Vista e Obligado” - Paraguai)
(Bo13	Localidade com presença boêmia – “Puerto Varas” - Chile)
Bu	Bucovino
(Bu01	Localidade com presença bucovina – “Maфра & Rio Negro” - Brasil)
CaGII	Classe sociocultural alta da Geração mais velha
CaGI	Classe sociocultural alta da Geração mais jovem
CbGII	Classe sociocultural baixa da Geração mais velha
CbGI	Classe sociocultural baixa da Geração mais jovem
CLP	Corpus Lexicográfico do Português
DM	Dialetologia Monodimensional
DP	Dialetologia Pluridimensional
Nhd.	<i>Hochdeutsch</i> (pt. <i>alemão padrão local</i> , cf. StDt.)
Hrs.	<i>Rio-Grandenser Hunsrückisch</i> (pt. <i>hunsriqueano rio-grandense</i>)
md.	Área <i>mitteldeutsch</i> (pt. <i>médio-alemão</i>)
Mhd.	<i>Mittelhochdeutsch</i> (pt. <i>médio-alto-alemão</i>)
MRhSA	<i>Mittelrheinischer Sprachatlas</i> (pt. <i>Atlas Linguístico da Renânia Central</i>)
Nd.	<i>Niederdeutsch</i> (pt. <i>baixo-alemão</i>)
NDHE	<i>Nuevo Diccionario Histórico del Español</i>

Nhd.	<i>Neuhochdeutsch</i> (pt. <i>moderno-alto-alemão</i>)
Nordböh.	<i>Nordböhmisch</i> (pt. <i>boêmio setentrional</i>)
Obd.	Área <i>Oberdeutsch</i> (pt. <i>alto-alemão</i>)
Ostmd.	Área <i>Ostmitteldeutsch</i> (pt. <i>médio-alemão oriental</i>)
PfWb	<i>Pfälzisches Wörterbuch</i> (pt. <i>Dicionário do Alemão do Palatinado</i>)
Pom.	<i>Pommerisch</i> (pt. <i>pomerano</i>)
Pt.	português
PtRS	português rio-grandense
PtBr.	português brasileiro
RhWb	<i>Rheinisches Wörterbuch</i> (pt. <i>Dicionário Renano</i>)
StDt.	<i>Standarddeutsch</i> (pt. <i>alemão standard</i>)
SDW	<i>Sudetendeutsches Wörterbuch</i> (pt. <i>Dicionário do Alemão Sudeto</i>)
SNOB	<i>Sprachatlas Nordostbayern</i> (pt. <i>Atlas Linguístico do Norte da Baviera</i>)
ThWb	<i>Thüringisches Wörterbuch</i> (pt. <i>antigo-alto-alemão</i>)
Ti	Tirolês
(Ti01	Localidade com presença tiroleza – “Santa Leopoldina” - Brasil)
(Ti02	Localidade com presença tiroleza – “Treze Tílias” - Brasil)
Var. Esp.	Variante Espontânea
Var. Ins.	Variante Insistida
Var. Sug.	Variante Sugerida
Westf.	<i>Westfälisch</i> (pt. <i>vestfaliano</i>)
Westmd.	Área do <i>Westmitteldeutsch</i> (pt. <i>médio-alemão ocidental</i>)

INTRODUÇÃO

A presente tese tem por tema central a variação e mudança linguística do alemão falado em comunidades de imigração boêmia no sul do Brasil. Seu foco central reside na topodinâmica da variação e mudança da língua emigrada, na segunda metade do séc. XIX, entre a matriz de partida na região da Boêmia, atual República Tcheca, e o alemão falado atualmente em localidades da área das colônias novas no Rio Grande do Sul, Brasil. Esse termo foi proposto por Thun (1996), que reconhece, ao lado da dimensão diatópica, uma dimensão diatópico-cinética, para abordar a influência das migrações na configuração da língua em estudo. Thun (1996) distingue entre a fala de falantes fixos (*topostáticos*), objeto de estudo da dialetologia tradicional, e a fala de populações móveis (*topodinâmicos*). Neste estudo, estendemos o termo *topodinâmica* para abranger o percurso migratório de uma língua no tempo e no espaço, entre a matriz de partida, nesse caso a Boêmia, em um momento no passado, e seu uso atual nas localidades de Imigrante, Venâncio Aires e Agudo, no Rio Grande do Sul, considerando o recorte sincrônico da pesquisa.

Historicamente, a bagagem linguística original desse grupo de imigrantes remete às variedades do *Ostmitteledeutsch* (médio-alemão oriental) e *oberdeutsch* (alto-alemão), no centro-leste da área de presença da língua alemã, na Europa. No entanto, as migrações assim como os contatos intervaretais (com outras variedades do alemão) e interlinguais (especialmente com o português) certamente não deixaram imune a língua imigrada, que sofreu um reordenamento em seu uso e configuração. Compreender melhor a dinâmica e os processos linguísticos envolvidos nesse “caminho migratório” constitui o interesse primordial deste estudo.

Na constelação de cerca de 14 variedades imigrantes identificadas por Altenhofen (2019, p. 534) para o Brasil, os boêmios representam um grupo de imigração relativamente posterior (de *Zuwanderer*) que imigra ao Novo Mundo, em um contexto e período em que já se encontrava uma base econômica e social assentada sobretudo por hunsriqueanos, originários da mesma macroárea do médio-alemão, porém vindos do lado oposto, mais precisamente da região ocidental na Renânia Central. É importante ressaltar também a diversidade de grupos assentados nas mesmas localidades de destino que os boêmios, como por exemplo os pomeranos, os vestfalianos e os holandeses originários da área do baixo-alemão, os bávaros, os suícos e os austríacos de fora da Boêmia, que se deslocaram da área do

alto-alemão, os saxões e s silésios, provindos da mesma área linguística dos boêmios, além de dinamarqueses e belgas. Nesse sentido, não se pode analisar os efeitos das migrações sem considerar ao mesmo tempo o papel dos contatos linguísticos no percurso migratório.

Ao abordar a topodinâmica do alemão desse grupo específico de imigração boêmia, este estudo contribui, portanto, para um campo mais amplo de estudos vinculados ao Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (doravante ALMA), que se ocupam com a variação e mudança de variedades do alemão imigradas ao Brasil, a partir de 1824. Mais recentemente, o tema do “*Böhmisch*”, denominação pela qual se optou no presente estudo devido à origem geográfica dos imigrantes boêmios (norte da Boêmia), vem recebendo novos impulsos para a elaboração de um projeto conjunto entre a Universidade de Eichstätt, através do Professor Sebastian Kürschner, e a UFRGS de Porto Alegre, através do Professor Cléo V. Altenhofen, sobre as “variedades do *Ostmitteledeutsch* e *Oberdeutsch* na Bacia do Prata: boêmio, bávaro, bucovino e tirolês”. Esta tese, assim como o estudo de Habel (2017), se alinha a esses esforços, para buscar alavancar a pesquisa das variedades do alemão faladas no Brasil.

O alemão falado pelos grupos de descendentes europeus frequentemente é caracterizado no senso comum como língua de colono, alemão do mato, simples, quebrado ou misturado, ou ainda como dialeto em oposição a um alemão gramatical. Adjetivos como *ultrapassado* ou *fora de moda* também são atribuídos ao alemão falado pelos descendentes. As conotações sociais conferidas ao alemão falado em comunidades de imigração no Brasil revelam aspectos da identidade dos imigrantes e de seus descendentes.

Trata-se de uma língua falada por imigrantes alemães que em sua maioria trabalharam, sobretudo nas primeiras décadas após a chegada ao Brasil, como agricultores, cujas próximas gerações, porém, passaram a exercer profissões diversificadas ao lado da agricultura, muitas das quais exigiam determinado grau de escolaridade. Essa língua se diferencia do alemão falado em países como Alemanha, Áustria e Suíça, onde a língua-teto permanece sendo o alemão, enquanto que no Brasil a língua-teto passou a ser o português, assim como o inglês passou a ser a língua-teto dos imigrantes boêmios nos Estados Unidos, e o espanhol, na Argentina e no Chile. A adoção do português foi acelerada pelas medidas repressoras da Política de Nacionalização no Brasil, iniciada em 1938 pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas (ROCHE, 1969). A Política de Nacionalização, segundo Altenhofen (2016, p. 124), nas localidades de fala alemã, impediu o acesso ao ensino do alemão *standard*, a continuação da produção literária e das associações culturais, exigiu a aprendizagem do

português sem dar aporte necessário para o seu ensino, obrigou os falantes a optarem entre o silêncio e o alemão aprendido em casa. Este, apesar da proibição, conseguiu ser mantido pelos falantes, pois foi a língua local que sobrou para a comunicação no interior das famílias. A expressão *Fale português, você está no Brasil* (ALTENHOFEN, 2004, p. 87) pode ser compreendida como um reflexo da política linguística das décadas de 30 e 40, e se revela como um mito, diante da diversidade linguística composta por 219 línguas indígenas e 56 línguas de imigração, além de línguas de sinais e libras, presentes no Brasil. A diversidade é ainda mais ampla se considerarmos a série de variedades do português de contato com as línguas de imigração, as línguas indígenas, as variedades do espanhol na fronteira oeste e o francês na fronteira norte.

No presente estudo, mostra-se portanto um quadro bastante plural, em que o conceito de “alemão” engloba um mosaico de variedades. A noção de *língua histórica* proposta por Coseriu (1982, 1974) serve, nesse sentido, muito bem para ordenar esse “aparente caos histórico-linguístico”. Ademais, Altenhofen (desde 1996) sempre destacou e insistiu que se mantivesse viva e acesa justamente a vinculação histórica de determinado “modo de falar alemão”, o que equivale, em outras palavras, a ressaltar sua topodinâmica, enfoque central deste estudo. Sem essa noção e distinção clara, não teríamos preservada a base migratória para reconstruir a sucessão de histórias linguísticas que formam o alemão no Brasil; simplesmente teríamos “uma língua [alemã]” que não se teria condições de identificar ou explicar por que é assim ou de onde veio.

Coseriu (1982) emprega o termo *língua histórica* para explicar que os limites da tradição linguística não são estabelecidos localmente, mas sim historicamente, isto é, são reconhecidos na diacronia por seus falantes e pelos falantes de outras línguas. Cada língua, nessa perspectiva, apresenta grupos de isoglossas, ou seja, de atividades linguísticas que constituem a fala. A língua é, portanto, um conjunto de convenções que existe na e pela fala, estando sempre relacionada a um modo de fala. A fala constitui-se como produto histórico (COSERIU, 1974), na medida em que serve de modelo (*Muster*) para as próximas atividades linguísticas e passa a integrar a tradição, constituindo-se como conhecimento linguístico. Segundo Coseriu (1974), os modos de falar, constituídos em comunidade, quando observados em uma determinada fase de seu desenvolvimento, são análogos e constituem o estado da língua ou a língua sincrônica. Os modos de falar, ainda conforme Coseriu (1974), são análogos a diferentes estados da língua, que quando observados em série, configuram uma tradição linguística ou a língua diacrônica.

A imigração colocou em cena, logo de início, novos contatos linguísticos no território brasileiro, o que acompanhado da perda da língua-teto, o alemão, conferiu novos modos de falar essa língua por parte dos imigrantes e das próximas gerações. Esses modos de falar apresentam, por isso, alta complexidade em sua configuração, e são especificidades do território brasileiro, e, como já mencionado, historicamente pertencentes ao alemão.

Os modos de falar alemão no Brasil são diversos. As diferenças na língua podem ser percebidas entre localidades brasileiras, que mesmo sendo receptoras de um grupo migratório de mesma origem, apresentam uma conjuntura de contatos linguísticos distinta, que atuam de diferentes formas e graus sobre o alemão local. Nos colocamos diante de uma língua que, como toda língua, é variável e muda, conforme uma série de fatores, entre os quais se podem citar a localidade ou contexto de uso, origem migratória, temporalidade da migração, contato linguístico, localização em área urbana, rural ou rurbana, proximidade a centros econômicos e culturais (v. ALTENHOFEN, 2013).

Conforme já se mencionou, os boêmios caracterizam um grupo de imigrantes originário da Boêmia, território que pertenceu por quase quatro séculos à Áustria, durante o período que compreende a Monarquia Habsburga, (1526-1918) e, na época da imigração ao Brasil, também a Monarquia Austro-Húngara (1867-1918). Depois disso, o território integrou a República Tcheca. À noção de “boêmio”, ao menos do ponto de vista da trajetória linguística e migratória, também se pode relacionar imigrantes bucovinos, bávaros e austríacos. Essas relações se estendem para áreas do médio-alemão (*Mitteldeutsch – Md.*) e do alto-alemão (*Oberdeutsch - Obd.*), hoje situadas na Alemanha, de onde migraram falantes para a Boêmia (saxões e bávaros), o Tirol (bávaros e suábios) e a Bucovina (bávaros e boêmios). Pode-se dizer que representam um estágio de “migração primária (ou intermediária)”; da Boêmia, do Tirol e da Bucovina saíram então, posteriormente, no séc. XIX, correntes migratórias “secundárias (ou terminais)”,¹ rumo a outros continentes.

Wildfeuer (2017), em suas pesquisas sobre o *Böhmisch* nos Estados Unidos, no Brasil, na Nova Zelândia e na Ucrânia, lista os seguintes territórios de destino de imigrantes boêmios: Bucovina, na atual Romênia, por volta de 1790 e 1820; Transcarpácia, na Ucrânia, por volta de 1827; Colorado, Kansas, Minnesota, Nova York, Washington, nos Estados Unidos, entre 1850 e 1880; Santa Catarina, no Brasil, a partir de 1870; e, Puhoi, na Nova Zelândia, entre 1860 e 1870. A temporalidade da imigração de boêmios para a América Latina coincide com

¹ Termos sugeridos, aqui, a partir de Altenhofen e Thun (2016).

a da América do Norte, ou seja, segunda metade do séc. XIX. Sobretudo entre 1860 e 1890, boêmios migram a diferentes localidades do sul do Brasil, da Argentina e do Chile. Décadas depois, no período que antecede a Segunda Guerra Mundial, entre 1930 e 1940, também para o Paraguai. Já se tratando da imigração bucovina, o primeiro registro no Brasil remonta à localidade de Rio Negro, no Paraná, em 1887.

Os boêmios começam a chegar em número expressivo ao Brasil a partir da década de 1860, com a instalação de grupos provenientes do sul e do oeste da Boêmia na Colônia Dona Francisca, no estado de Santa Catarina, atualmente representada pelas localidades de São Bento do Sul e Joinville. O período migratório e a origem dos boêmios de Santa Catarina diverge em apenas poucos anos com a do Rio Grande do Sul, receptor de imigrantes do norte da Boêmia a partir de 1872. Estes se instalam inicialmente na Colônia de São Sebastião do Caí. Novas levas de boêmios continuam a chegar até por volta de 1890. O norte da Boêmia foi receptor de imigrantes alemães sobretudo da Saxônia e da Turíngia, situada na área do médio-alemão oriental (*Ostmitteldeutsch – Ostmd.*) e do norte da Baviera, situada na área do alto-alemão oriental (*Ostoberdeutsch – Oobd.*). As variedades do alto-saxão (*Obersächsisch*), turíngio (*Thüringisch*) e bávaro (*Bairisch*) configuram a base dialetal desses falantes que, a partir do séc. XIV, adentraram a Boêmia.

A lei de obrigatoriedade do ensino na Áustria, que entrou em vigência em 1774 (BÉRENGER, 1995), e a realização deste em alemão, é um indício da presença de uma variedade *standard* regional, no caso de base *Obersächsisch-Schlesisch*, no repertório dos boêmios emigrados no séc. XIX. Essa variedade *standard*, porém, apresentou ainda influência do dialeto, o qual servia de recurso para a oralização da variedade *standard*. O vínculo com o ensino na matriz de origem é comprovado pela iniciativa de garantir o estudo aos filhos logo nos primeiros anos após à chegada ao Brasil. Segundo FLORES (1983), os boêmios valorizavam a educação e construíam suas próprias escolas no local de origem, dando continuidade à preservação de seus valores no novo território. A fundação de sociedades, como a de canto e leitura de Venâncio Aires - RS, e as atas referentes às reuniões das associações, também reforça a tese de que havia um vínculo com a escrita e leitura no alemão.

O primeiro estudo realizado sobre o alemão falado em comunidades de imigração boêmia no Brasil é o de Habel (2017). Ele serve de suporte para esta pesquisa, pois permite a comparação com outra localidade do Rio Grande do Sul – Linha Brasil, em Paverama – em contato com o *Hunsrückisch*. Habel (2017) mostra que, nessa localidade, está em processo a perda linguística da variedade [+dialetal] boêmia, havendo retenção linguística de algumas

variantes sobretudo na fala da geração mais velha. Além disso, Habel (2017) apontou que há um nivelamento da variedade [+standard] com uma variedade do alemão em contato, o *Hunsrückisch* de tipo *Deitsch* (ALTENHOFEN, 2013). Nas localidades selecionadas na presente pesquisa, o *Hunsrückisch* também é a principal variedade em contato, ao lado do *Westfälisch* e do *Pommerisch*.

O estudo da língua dos falantes boêmios não pode ser realizado desvinculado da diáspora, isto é, da história de mobilidade do grupo. Considera-se, nesta pesquisa, a língua como um objeto ligado à realidade social, histórica e cultural dos seus falantes. Cada um dos movimentos migratórios que marcam a trajetória dos boêmios envolveu novas necessidades de adaptação ao novo contexto e levou ao estabelecimento de novas redes de contatos linguísticos (*Sprachkontaktnetzwerk*, em comparação com *Varietätennetzwerk*, ALTENHOFEN, 1996), inicialmente na Boêmia (migração primária), e posteriormente no Brasil (migração secundária). No Rio Grande do Sul, os imigrantes boêmios se inseriram em localidades previamente ocupadas por um número significativo de hunsriqueanos e, depois, em menor número, por pomeranos e vestfalianos, além de italianos, que se assentaram nas localidades em foco nessa pesquisa a partir de 1880. Além disso, é importante destacar que descendentes de portugueses, africanos, e indígenas, além de caboclos (LAROQUE et al., 2019; CHRISTILLINO, 2004), já ocupavam o espaço e que o português falado por esses grupos caracterizou o primeiro contato linguístico dos imigrantes alemães, sobretudo hunsriqueanos, em solo riograndense.

O presente estudo analisa o *Böhmisch* em três localidades, Imigrante, Venâncio Aires e Agudo, conforme já mencionado, onde entrou massivamente em contato com o *Hunsrückisch* como variedade mais difundida. Altenhofen (2013) distingue o *Hunsrückisch* em dois tipos: 1) os hunsriqueanos emigrados na primeira metade do séc. XIX, falantes de uma variedade mais dialetal de origem francônio-moselana e francônio-renana, denominada por Altenhofen (2013) de tipo *Deitsch*; e 2) o grupo de hunsriqueanos emigrados na segunda metade do séc. XIX, falantes de uma variedade mais próxima do alemão *standard*, equivalente ao tipo *Deutsch*, ou “*abgeschwächtes Hunsrückisch*” (ALTENHOFEN, 1996). O que distingue ambas as variedades é o grau de dialetalidade maior, no tipo *Deitsch*, e a presença de um *Hochdeutsch* local, no tipo *Deutsch* (ALTENHOFEN, 2016). A oposição *Deitsch/Deutsch*, segundo Altenhofen (2016), se baseia nas denominações à língua mais comuns dadas pelos próprios falantes. Nas localidades selecionadas, o contato é maior com o tipo *Deutsch*, o que não exclui, porém, a influência do tipo *Deitsch*, tendo em vista a

mobilidade dos falantes. Além disso, é preciso considerar também o contato com o *Pommerisch*, nas três localidades selecionadas, e com o *Westfälisch*, em Imigrante, além evidentemente do português, que avança cada vez mais seu uso nas comunidades, através dos meios de comunicação, das instituições oficiais, das migrações diárias a outras localidades e da entrada de falantes do português nas localidades.

O presente estudo apresenta como ponto de partida duas hipóteses: 1) a de que o repertório linguístico dos imigrantes era caracterizado por uma diaglossia (AUER; HINSKENS, 1996), ou seja, por variedades intermediárias do alemão, isto é, uma variedade *standard* regional de base *Obersächsisch-Schlesisch* e uma coíné dialetal regional de base *Nordböhmisch*; e 2) de que, no contato com as variedades alemãs já presentes nas localidades de destino, os falantes privilegiaram as marcas da sua variedade *standard* regional, nivelando sua fala com o alemão do entorno e colocando em processo de perda a coíné dialetal regional *Nordböhmisch*. O contato entre os boêmios e os falantes de uma variedade mais dialetal (tipo *Deutsch*) e outra mais *standard* (tipo *Deutsch*) do *Hunsrückisch* (ALTENHOFEN, 1996, 2016, 2018), assim como os falantes de variedades mais dialetais e outras mais *standard* do *Westfälisch*, do *Pommerisch*, do *Holländisch*, levou os boêmios a encontrar uma variedade que facilitasse a comunicação com toda essa diversidade de grupos migratórios compartilhando o mesmo espaço físico-geográfico.

Habel (2017), em seu primeiro estudo sobre o alemão dos boêmios no Rio Grande do Sul, se aprofundou justamente na análise da variação do alemão dos boêmios em comunidades de contato com o *Hunsrückisch* tipo *Deutsch*. Habel (2017) já constatou a perda massiva da variedade [+dialetal] boêmia, na localidade de Paverama, assim como também encontrou evidências que apontam para um processo de nivelamento/substituição da variedade [+*standard*] com o alemão do entorno, de tipo *Deutsch*, do *Hunsrückisch*. Apesar do processo de perda da variedade dialetal, Habel (2017) encontrou ainda resquícios (formas de relicto) na fala da geração mais velha, por natureza mais conservadora.

A variação da língua entre pontos físico-geográficos distintos (dimensão diatópica), de uma classe social a outra (dimensão diastrática) e de um estilo de fala a outro (dimensão diafásica) configura o que se tem chamado de “estado da língua” (COSERIU, 1982). Na descrição da variação de uma língua ou variedade segundo essas dimensões, as relações estabelecidas entre a variedade em foco e outras variedades e línguas desempenha um papel importante, uma vez que línguas isoladas de contatos linguísticos configuram a exceção. Localidades (diferenças diatópicas), classes socioculturais (diferenças diastráticas) e estilos de

fala (diferenças diafásicas) atuam sobre a língua e desencadeiam a variação. O modelo teórico-metodológico da dialetologia pluridimensional e relacional (RADTKE; THUN, 1996) amplia a análise da variação e mudança linguística para um plano macrolinguístico e pluridimensional, que considera, além das dimensões clássicas da sociolinguística citadas anteriormente, o contato com outras línguas e variedades como uma importante dimensão de análise da variação. Conforme já se mencionou, para esta tese é expressamente relevante a distinção feita por Thun (1996) entre o parâmetro topostático, para caracterizar a análise da variação linguística de falantes fixos à localidade – que nasceram, ou viveram a maior parte da sua vida na mesma localidade –, e o parâmetro da topodinâmica, o qual considera a variação de falantes móveis, isto é, fora de seu contexto original.

Através da macroanálise da variação, migração e contatos linguísticos do *Böhmisch* numa perspectiva topodinâmica, tem-se um campo de visão mais amplo para identificar e compreender o comportamento linguístico desse grupo de imigrantes e a distribuição de padrões de fala no espaço geográfico, em territorialidades específicas, assim como também processos de variação e mudança da língua analisada e as tendências observadas, na constituição da língua trazida pelos imigrantes boêmios até o recorte atual, feito pela pesquisa. Há um caminho migratório e um espaço de tempo de cerca de 150 anos, entre a matriz de partida e os dados levantados nas comunidades em estudo.

A presente tese visa, enfim, contribuir para as pesquisas sobre as variedades do alemão como língua minoritária na América Latina como um todo, portanto de um contexto plurilíngue e intervietal que ainda requer mais estudos, e onde a complexidade dos contatos linguísticos e das migrações coloca novos desafios ao pesquisador. À medida que o conhecimento dessa complexidade for ampliado, e a metodologia ajustada às demandas que se impõem, também a comparação de resultados de pesquisa em diferentes áreas e variedades/línguas – não apenas na Bacia do Prata, como também do alemão dos boêmios em outros países como Estados Unidos, Nova Zelândia, Romênia e Ucrânia (WILDFEUER, 2017) – será possível. As possibilidades para uma compreensão melhor dos fatores e da dinâmica da língua – da topodinâmica! – tendem, daí em diante, a aumentar.

O ALMA-H² configura, nessa perspectiva, a base de partida para organizar esses estudos. Por sua posição na constelação de contatos linguísticos do alemão nessa área, o

² *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H)*, coordenado por Cléo Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS) e Harald Thun (Christian-Albrechts Universität zu Kiel, CAU, Alemanha), com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt (AvH), no âmbito da parceria interinstitucional.

Hunsrückisch mereceu uma atenção especial neste estudo, porque dele partem as maiores exigências teóricas e metodológicas, devido não apenas à enorme área de migração e à complexidade da variação interna, como também ao papel que assumiu na história dos contatos do alemão desde o sul do Brasil até Misiones, na Argentina, Paraguai e áreas da Amazônia.

A primeira motivação para a realização deste estudo da variedade dos boêmios surgiu do meu interesse pelo histórico familiar. Como descendente de imigrantes boêmios e vestfalianos da sexta geração, natural de Imigrante, Vale do Taquari (RS), esse interesse pela origem da família vem desde a infância. As lápides no cemitério próximo, diários de imigrantes, um moinho antigo, o estilo das casas de pedra da localidade, e os relatos sobre o passado sempre apontaram para indícios de um grupo migratório específico.³ Em relação ao perfil sociocultural dos primeiros boêmios em Imigrante, observou-se que estes não se restringiram à agricultura, mas já haviam alcançado outras áreas de atuação antes mesmo de sua partida na Europa, como a produção literária para jornais, consertos de máquinas e relógios, lapidação de pedras e construção de moinhos. A série de lápides atestando a origem de imigrantes do norte da Boêmia permitiu a identificação da família Prediger não como imigrantes isolados, mas sim como pertencentes a um grupo de imigração expressivo.

Essa constatação provocou alguns questionamentos iniciais sobre a existência de outras localidades em que imigrantes boêmios teriam se instalado e sobre a caracterização da fala original desses imigrantes e da fala atual. A partir da justificativa do enfoque temático desenvolvido acima, colocam-se os seguintes objetivos a serem contemplados através da pesquisa.

Considerando o objetivo geral de descrição da variação e mudança do alemão do grupo imigrante boêmio, no percurso migratório entre a matriz de origem e seu uso atual, em contato com outras variedades do alemão e com o português, tem-se, para este estudo, os seguintes objetivos específicos:

- 1) Descrever as principais tendências observadas na variação e mudança do alemão trazido com os imigrantes do norte da Boêmia para o Rio Grande do Sul, levando em conta as seguintes perguntas de pesquisa:

³ Vale citar um breve estudo sobre a história da família Prediger, em que se constatou que, em torno de 1870, um falante jovem de nome Franz Prediger (nascido em 1848) teria saído de Antoniewald, no Estado de Tannwald, na Boêmia, e emigrado para o Rio Grande do Sul, onde se instalou inicialmente em Nova Petrópolis.

- a) Em que medida a língua investigada, o alemão dos boêmios, mantém marcas da variedade dialetal original da área do *Nordböhmisch* (fala mais conservadora e resistente à mudança)?
 - b) Em que medida se observam ainda marcas da variedade *standard* regional de base *Obersächsisch-Schlesisch*?
 - c) Em que medida o alemão dos boêmios tende a convergir ou divergir das variedades dialetais em contato, como o *Hunsrückisch* tipo *Deutsch* e tipo *Deitsch*, o *Westfälisch* e o *Pommerisch*⁴ (hipótese do nivelamento linguístico)?
 - d) Em que medida o alemão integra marcas do português em contato?
- 2) Identificar, a partir das diferentes dimensões de análise, correlações do uso (objetivo 1) do alemão falado em comunidades de imigração boêmia, no Rio Grande do Sul, com fatores extralinguísticos, sociais e históricos, que possam ter influenciado o processo de variação e mudança linguística:
- a) Qual o papel dos diferentes contatos linguísticos (sobretudo com o *Hunsrückisch* e o português) na formação do alemão dos boêmios e em que se distinguem?
 - b) Qual o papel da escolaridade e, por conseguinte, da cultura escrita (variação diastrática) e como ela atua na reconfiguração do alemão dos boêmios, para se ajustar ao novo contexto?
 - c) Como as diferentes marcas linguísticas se mantêm ou se perdem de uma geração a outra (variação e mudança diageracional)?
 - d) Os usos que os falantes fazem da língua seguem as mesmas tendências ou se aproximam de um mesmo padrão de fala nas diferentes localidades em estudo, ou se distinguem em virtude de fatores locais próprios (variação diatópica)?

Como se vê, não é objetivo da tese reconstruir o dialeto original para servir a estudos sobre uma variedade já não mais falada na matriz de origem, mas sim compreender a dinâmica de constituição do alemão dos boêmios falado hoje no espaço brasileiro, para entender os rumos que os falantes de origem boêmia deram a sua língua de herança (ALTENHOFEN, 2019, p. 535). Naturalmente, os resquícios dialetais que eventualmente ainda caracterizam o conhecimento ativo ou passivo dos falantes podem revelar indícios sobre

⁴ Pode-se supor que as comunidades pomeranas e vestfalianas tenham vindo em condições análogas, ou seja, não apenas com um dialeto-base, mas também com variedades *standard* regionais, com influência dos dialetos regionais, as quais continuaram a se desenvolver em território brasileiro por meio das escolas até aproximadamente 1940.

a configuração original dessa variedade. Porém, estes só podem ser compreendidos de forma plena em sua relação com outras variedades do alemão em contato, sem menosprezar, além disso, a influência cada vez mais acentuada do português, em um contexto multilíngue, de imigração e mobilidade interna.

Para atender aos objetivos acima, a presente tese de doutorado fundamenta sua análise em levantamentos feitos nas três localidades selecionadas com presença de imigração originária da Boêmia. Esses levantamentos seguiram, como já foi dito, os pressupostos teóricos da dialetologia pluridimensional e relacional, além de considerarem princípios e conceitos básicos dos estudos de plurilinguismo e de contatos linguísticos, tais como *diglossia* (ou *diaglossia*, cf. AUER; HINSKENS, 1996; GHYSELEN, 2016), coineização, contínuo linguístico etc. O capítulo 1 se ocupa precisamente com essa fundamentação teórica. No capítulo 2, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados, considerando principalmente o princípio da pluridimensionalidade e a sua aplicação conforme propõe Thun (1998, 2010b, 2017 [2005]). O capítulo engloba os critérios de escolha dos informantes, a descrição das localidades, as perguntas do questionário aplicado e demais formas de obtenção dos dados, bem como dos procedimentos de análise dos resultados, a qual é apresentada no capítulo 3. A análise dos dados foi essencialmente qualitativo-interpretativa das quatro tendências linguísticas em foco neste estudo em relação a um conjunto de variáveis fonético-fonológicas, morfo-sintáticas e semântico-lexicais presentes na fala variável dos quatro grupos de informantes (CaGII, CaGI, CbGII e CbGI) em cada uma das três localidades. Ela é subsidiada pela macroanálise pluridimensional dos mapas em anexo. As considerações finais buscam sintetizar os principais resultados e conclusões feitas em relação aos objetivos 1) e 2) da tese. Com isso, passamos ao primeiro capítulo, voltado à fundamentação teórica para este estudo.

Capítulo 1 – CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E DEFINIÇÃO DA BASE TEÓRICA

Este capítulo apresenta a base teórica para tratar do objeto de estudo da tese – o alemão falado pelos boêmios no Rio Grande do Sul –, que coloca exigências particulares à pesquisa, devido às seguintes características: a) a migração (“transplante”) de uma matriz original da Europa para o Brasil; b) o contato com outras variedades do alemão e com o português; conseqüentemente, c) o fato de seus falantes serem competentes em mais de uma língua, isto é, possuírem em seu repertório conhecimentos das diferentes línguas e variedades em contato; e considerando, por fim, d) a posição social do *Böhmisch* como língua de imigração. Por conta dessas características, a língua objeto deste estudo requer uma análise em diferentes dimensões, que serão detalhadas mais à frente, seguindo Thun (1998). Entre elas, se destacam a variação no espaço, entre as localidades pesquisadas (dimensão diatópica) e o percurso migratório (dimensão diatópico-cinética), e a variação no tempo (tempo real e tempo aparente – variação diageracional), além de aspectos do âmbito da socialidade, considerando a influência da escolaridade e da escrita (dimensão diastrática), diferentes situações de uso da língua (dimensão diafásica), bem como, e sobretudo, os contatos linguísticos que foram moldando a língua (dimensão dialingual). Isso pressupõe a análise da língua a partir de uma perspectiva dialetológica não mais unidimensional (que reduzia a análise à dimensão diatópica) nem puramente sociolinguística (que restringia a análise à dimensão diastrática), mas sim pluridimensional, em que a língua é compreendida em sua correlação com diferentes dimensões sociais, conforme será discutido no final desta seção.

O capítulo inicia, neste sentido, com a descrição da temporalidade e trajetória de imigração dos boêmios, aprofundando aspectos relacionados ao percurso migratório, ao perfil sociocultural dos imigrantes e aos contextos em que se inserem no Brasil. A migração ao Rio Grande do Sul levou ao afastamento das variedades linguísticas dos imigrantes do alemão *standard*, o qual foi substituído pelo português *standard*. Logo, discutir aspectos relacionados ao conceito dinâmico de “língua” auxilia na compreensão do que define o *Böhmisch* em seu uso no contexto brasileiro.

1.1 Temporalidade e trajetória de imigração

Abordar a topodinâmica da variação e mudança linguística de um grupo de fala específico, como o representado pelo alemão trazido por imigrantes boêmios a partir da segunda metade do séc. XIX, implica reconstruir e/ou descrever o percurso migratório que colocou o alemão no lugar onde o pesquisamos hoje, nesta tese. Evidentemente, essa descrição tem suas limitações, pois não temos subsídios claros, muito menos registros claros de dados da língua em fases anteriores. Mas uma análise ao menos aproximativa torna-se imprescindível para a interpretação e controle dos dados coletados por nós, hoje. Isso inclui uma breve discussão de aspectos ligados à posição socio-política do grupo emigrado na Boêmia, que durante quatro séculos pertenceu à Áustria. Além disso, esta seção apresenta aspectos sobre o perfil sociocultural dos imigrantes, como escolaridade e relação com o alemão escrito (*Schriftsprache*), religião, inserção em sociedades culturais, ocupações e profissões dos imigrantes, bem como as territorialidades no contato com outras variedades do alemão e com o português. Para concluir, cabe situar a área em estudo no conjunto da área de ocupação na América, com foco especial no Brasil, onde a imigração tem seu início na segunda metade do séc. XIX.

1.1.1 Percursos migratórios dos boêmios: mudanças em escalas

No estudo das comunidades de imigração, a reconstrução do percurso migratório contribui para a identificação da rede de contatos linguísticos estabelecida pelo alemão dos boêmios nos territórios de origem. O conhecimento sobre a rede de contatos na matriz de origem, por sua vez, permite uma caracterização mais consistente sobre as variedades linguísticas trazidas pelos boêmios ao Brasil. A imigração revela ter ocorrido de forma muito lenta, envolvendo pontos diversos de ocupação. “A determinação do caminho migratório [...] não se reduz a uma relação simples entre um ponto estático de partida e outro, igualmente, estático de chegada” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 13). No Brasil, uma migração e ocupação em escalas (transmigrações) é característica e pode ser constatada não apenas no território brasileiro como também já no território europeu. O deslocamento de alemães em direção à Boêmia dá-se em um contexto maior de povoamento do leste europeu entre o final da Idade Média (*Spätmittelalter*) e a contemporaneidade, até 1945.

Friedrich (2005) infere que o povoamento do leste europeu envolveu, em primeira linha, alemães, mas também franceses e holandeses, e não apenas poloneses, sérbios e tchecos, em migrações internas. O que motivou o efeito de migrar ao leste europeu, conforme Friedrich (2005), foram questões climáticas, o esgotamento de matéria-prima no oeste, a intensificação da atividade agrícola, o crescimento populacional na Alemanha e na França e as condições sociais mais favoráveis aos camponeses, que lhes permitiam herdar os bens adquiridos na família. Friedrich também ressalta que o povoamento do leste europeu foi caracterizado por diversos movimentos individuais descoordenados, ou seja, o oposto de uma migração em grupos de famílias. O processo migratório tornava-se, por esta razão, lento e fragmentado, isto é, ocorria de modo gradual e em curtas distâncias, na forma de uma série de colonizações-filha, conforme acentua Friedrich (2005).

Figura 1: Correntes migratórias ao Oriente em um mapa de Van Raad/Voorwinden (1976)



Fonte: Van Raad/Voorwinden (1976, p. 116, *apud* Stedje, 1989, p. 90)

É preciso considerar, portanto, que a ocupação da Boêmia se estendeu por muitos anos e que, possivelmente, a origem dos imigrantes, que ali foram individualmente se instalando, está associada a regiões próximas, no entorno. Alemães de todas as partes teriam avançado entre os séc. IX e XIII em direção ao médio leste europeu, aculturando-se ou expulsando cada

vez mais os eslavos que ali haviam se instalado anteriormente em um movimento migratório em direção oposta, ou seja, do leste ao oeste, entre os séc. VI e VIII.

Somente três séculos mais tarde os alemães alcançariam a Boêmia e se iniciaria a colonização oriental (*Ostkolonisation*). A origem dos boêmios remete aos séc. XII e XIV, quando camponeses alemães oriundos de territórios alemães fronteiriços com a Boêmia, respectivamente das regiões da Baviera, da Turíngia e da Saxônia, avançaram para os territórios da Boêmia, da Morávia e da Silésia, onde se dedicaram a atividades no campo (DIE SUDETENDEUTSCHEN, 2015). Esses alemães permaneceram por séculos nessa região, em ilhas linguísticas no interior do que hoje é a República Tcheca, mas também atingiram a capital Praga:

Das neuzeitliche Sudetendeutschtum ist im wesentlichen das Ergebnis der mittelalterlichen Ostsiedlung, die im Sudetenraum im 12.-14. Jh. wirksam war, vor allem dessen Randgebiete erfaßt hat, aber auch in das Landesinnere, zumal nach Innermähren, vorgedrungen ist (BERANEK, 1970, p. 3).⁵

Beranek (1970) esclarece que, com exceção dos migrantes do baixo-alemão (*Niederdeutsche*), dos francos (ou francônios) da Renânia (*Rheinfranken*) e dos suábios (*Alemannen*)⁶, alemães de diversas partes teriam participado da “colonização” da Boêmia (*Böhmen*), Morávia (*Mähren*) e Silésia (*Schlesien*). Contudo, ressalta que migrantes da área do médio-alemão (*Mitteldeutsch*) se instalaram sobretudo no norte da Boêmia e da Morávia e na Silésia. Já migrantes da área do alto-alemão (sobretudo bávaros) teriam se deslocado ao oeste e ao sul da Boêmia, bem como ao sul da Morávia (BERANEK, 1970, p. 3)⁷. König et al. (2015) acrescenta que a Saxônia teria sido território de pouso de correntes migratórias de diversos pontos da Alemanha entre os séc. XII e XIV, antes mesmo do avanço da Saxônia em direção à Boêmia. Portanto, para a região norte da Boêmia, que compreende a matriz de origem primordial dos informantes desta pesquisa, teriam emigrado, mais especificamente, alemães oriundos da região centro-leste da Alemanha (*Ostmitteldeutsch*), que compreende os atuais estados da Saxônia e da Turíngia.

⁵ Tradução livre minha: “A herança alemã-sudeta da Idade Moderna é essencialmente o resultado do assentamento medieval, na região dos Sudetos nos séc. XII-XIV, que atingiu principalmente as áreas periféricas, mas que também penetrou no interior, sobretudo da Morávia” (BERANEK, 1970, p. 3).

⁶ Em português, tem-se a forma *alamano* como equivalente, porém mais voltada a um tronco mais antigo dos germanos. Aqui, no entanto, trata-se do grupo dialetal do sudoeste da Alemanha, por isso a tradução como *suábio* (al. *Schwaben*).

⁷ “*Entsprechend der Altwohngebiete des Reiches siedelten die Mitteldeutschen vor allem in Nordböhmen, Nordmähren und Schlesien; die Oberdeutschen, d.s. Baiern, in Westböhmen, Südböhmen und Südmähren*” (BERANEK, 1970, p. 3).

Gablonz, situada ao norte da Boêmia, umas das localidades de origem de grande parte dos imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul, foi destino de alemães falantes do alto-saxão-turingio (*Thüringisch-Obersächsisch*). O nome *Gablonz*, ou *Jablonec* em tcheco, é mencionado pela primeira vez em 1356, quando esta era caracterizada como uma comunidade eslava⁸. Esses alemães adentraram a Boêmia pelo norte e pelo oeste e avançaram, segundo Friedrich (2005), sobre Gablonz, pelo Vale do Neisse, nas proximidades de Friedland e Reichenberg, sendo esta última outra localidade de origem de um número significativo de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul. A primeira menção a Reichenberg, ou *Liberec* em tcheco, data de 1352⁹. Na época uma pequena trilha teria ligado Reichenberg a Gablonz. Segundo Friedrich (2005), seria justamente no séc. XIV que se iniciaria a produção de vidro em ambas as localidades, apesar de esta já ter começado no norte da Boêmia, na fronteira com a Sérvia, no séc. XII, 500 anos após o primeiro movimento de camponeses ao leste. Os tchecos, que no séc. XIV viviam às margens dessas localidades e que representavam uma minoria, teriam sido introduzidos na língua e cultura alemã. Depois disso, devido ao decréscimo da atividade agrícola e às epidemias, a migração de alemães à Boêmia permaneceu estagnada.

Somente no séc. XVI, uma nova onda migratória de colonos alemães ganharia força devido à inauguração de novas fábricas de vidro. Segundo Friedrich (2005), a formação de vidraçarias nos espaços de colonização, em especial de áreas urbanas, leva a crer que muitas vidraçarias foram inauguradas em maior escala por alemães, isto é, por colonos do vidro (*Glaskolonisten*) provindos das redondezas. Empresários do ramo, como as famílias Wander, Schürer e Preussler¹⁰, teriam surgido, nos séc. XVI e XVII, nas montanhas do Iser (*Isergebirge*), no norte da Boêmia, onde se situa Gablonz¹¹. No séc. XVIII, devido à falta de madeira, fábricas de vidro teriam se mudado para locais mais altos das montanhas do Iser, época em que surgiria a dinastia da família Riedel, conhecida como *reis do vidro da Isergebirge*, dando início à produção de bijuterias e também de produtos têxteis.

Conforme dados levantados no *site* oficial da localidade de Gablonz (*Jablonec*), já no séc. XIX, Gablonz é reconhecida como o centro da produção de vidros e bijuterias, tornando-

⁸ Informação retirada do portal oficial da cidade de Gablonz, disponível em: <<https://www.jablonec.com/de/kultur-und-informationszentrum-jablonec-nad-nisou/jablonec-nad-nisou/geschichte/stadgeschichte.html>>. Acesso em: abr. 2018.

⁹ Informação retirada do portal oficial da cidade de Reichenberg, disponível em: <<https://www.liberec.cz/cz/mesto-samosprava/profil-statut-mesta/zakladni-udaje-meste/>>. Acesso em: abr. 2018.

¹⁰ Esse sobrenome também muito presente entre os descendentes no Rio Grande do Sul.

¹¹ Informação obtida no *Gablonzer Archiv und Museum*, situado em Neu-Gablonz, Kaufbeuren, na Alemanha. Visitado em: abr. 2018.

se uma das dez maiores cidades da Boêmia, com ligações comerciais com diversos países. Conhecida também como *Califórnia austríaca*, devido à procura de diamantes de vidro, Gablonz é elevada a cidade em 1866, pelo Imperador Franz Josef I, fato sucedido pela instalação de uma usina de gás em 1872 e de uma usina elétrica em 1891. Gablonz formou-se a partir da vara de registros de Tannwald e Gablonz an der Neisse, exercendo a administração política sobre localidades próximas como Johannesberg, Reichenau, Wiesenthal, Grünwald, Josefstal, Tanvald, Maxdorf e Morchenstern, pontos de origem de grande parte dos imigrantes boêmios no RS:

Figura 2: Mapa das áreas de presença alemã na Boêmia, Morávia e Silésia, em 1837, com demarcação da região de origem da maioria dos boêmios emigrados ao Rio Grande do Sul



Fonte: Die Sudetendeutschen (2015)¹²

Apesar do rápido crescimento de Gablonz e da aparente inexistência de desemprego, a Boêmia atravessou, na década de 60 do séc. XIX, uma “[...] séria crise econômica na indústria

¹² Disponível no site da *Sudetendeutsche Landsmannschaft, Bundesverband e.V.*, com sede em München: Site da associação: <<https://www.sudeten.de/>>

de vidro, deixando muitos boêmios lapidadores de vidro com ouvido propício a ofertas [de terras baratas no Brasil]” (FLORES, 1983, p. 25).

Além disso, as condições de insalubridade no trabalho realizado pelos tecelões, lapidadores e operários, associadas à exploração dos empregados em suas relações com os proprietários da terra, da indústria e da religião, conforme FLORES (1983), motivou os boêmios à busca pela liberdade além-mar.

Die Abschaffung des feudalen Systems, die schon unter Maria Theresia begonnen hatte [...], wurde vom Neoabsolutismus unbarmherzig vollendet. Der Grundherr hatte seine gesamte administrative und politische Macht auf örtlicher Ebene zugunsten der Bürokratie eingebüßt (BÉRENGER, 1995, p. 619).¹³

Coloca-se a dicotomia entre, de um lado, grandes proprietários de terras, com direitos exacerbados, e, de outro, pequenos agricultores, com terras mal suficientes para garantir o próprio sustento, aos quais só restaria fugir do campo ou emigrar. Não apenas os grandes proprietários de terra retomaram seus poderes sobre os agricultores, os quais haviam sido restringidos no governo de Maria Theresia e Joseph II, como também a Igreja novamente foi reaproximada ao Estado. Como escreve Bérenger (1995, p. 622), “*in den Verordnungen wurden den religiösen Instanzen eine Kontrolle über den Unterricht an den Volksschulen sowie das Recht eingeräumt, den Katechismus an den Mittelschulen zu lehren*”.¹⁴ Nessa época, também teria sido reestabelecido, segundo Flores (1983), o controle dos tribunais por parte da igreja que, igualmente, excomungaria aqueles operários que se rebelavam contra o capitalismo e que estavam a favor de princípios socialistas. Fora os fatores econômicos e religiosos, a obrigatoriedade e a duração do serviço militar levaram muitos rapazes solteiros a emigrarem ao Brasil, onde o cenário oficial era mais animador (FLORES, 1983). Conforme ressalta Bérenger (1995), o exército era visto como escola; com isso, procurava ensinar o amor a uma pátria única, que reunia o Tirol, a Boêmia, a Hungria ou a Galícia. Duas grandes guerras marcaram, nesse cenário, a segunda metade do séc. XIX: a guerra entre a Áustria e a Prússia, em 1866, que levou à saída da Áustria da Aliança Alemã, e intensificou as rivalidades entre tchecos e alemães, já existentes desde 1848, e, posteriormente, a guerra entre a Prússia e a França, em 1870-71. Esta teve como resultado a formação do Império Alemão.

¹³ Tradução livre minha: “A abolição do sistema feudal, que já havia começado no governo de Maria Theresia, [...] foi implacavelmente completada pelo neo-absolutismo. O senhorio havia perdido todo o seu poder administrativo e político a nível local a favor da burocracia” (BÉRENGER, 1995, p. 619).

¹⁴ Tradução livre minha: “A regulamentação concedia às autoridades religiosas o controle sobre o ensino nas escolas primárias e o direito de ensinar o catecismo nas escolas secundárias” (BÉRENGER, 1995, p. 622).

O poder excessivo dos grandes proprietários sobre os agricultores, o poder da igreja sobre diferentes domínios da esfera pública, o serviço militar exaustivo e as diversas guerras enfrentadas podem ser considerados fatores *push* da decisão de emigrar ao Brasil. Estes são definidos por Eller-Wildfeuer (2017) como causas relacionadas ao território de origem e que levaram os imigrantes e seus descendentes a se estabelecer em outros lugares. Segundo Flores (2015, p. 35), “as guerras motivaram instabilidade econômica, desempregando artesãos boêmios que, atentos às ofertas de agentes recrutadores brasileiros, emigraram aos milhares com passaporte assinado pelo Imperador, chegando a Porto Alegre como ‘austríacos’”. Os recrutadores brasileiros certamente transmitiam uma imagem positiva, muitas vezes idealizada sobre o Brasil. Atuam aqui, deste modo, fatores *pull*, que Eller-Wildfeuer (2017) relaciona com aspectos do território de destino e que exercem um efeito de atração sobre os imigrantes.

Um desses recrutadores de boêmios foi Andreas Jantsch, nascido na Boêmia e emigrado em 1873 ao Brasil, onde residiu em Linha Brasil, localidade de Venâncio Aires. Jantsch teria sido convocado a voltar para a Boêmia, para atrair a população. Flores (2015, p. 87) o descreve da seguinte forma:

Jantsch não só pode prometer a terra e mais ofertas costumeiras, como garantir aos conterrâneos que deixara a esposa e os filhos trabalhando nos 25 hectares de propriedade da família – sonho que na compreensão dos ouvintes garantia mesa farta aos artesãos expostos a desempregos cíclicos e de prole sempre numerosa.

Os fatores *pull* apontados no excerto aparecem combinados com a escrita de cartas dos emigrados aos seus familiares na Boêmia. “Possuir um parente no Brasil era sinônimo de não migrar para o desconhecido” (FLORES, 1983, p. 101). Conforme a autora, a ação desses primeiros parentes, normalmente jovens/filhos já emigrados, em escrever cartas animadoras sobre o Brasil incentivou os familiares a se mudarem do mesmo modo.

Desde 1526 até 1918, os países da Coroa Boêmia (*Länder der böhmischen Krone*) se mantiveram sob o governo dos Habsburgos, inicialmente como parte do Sacro Império Romano-Germânico. A partir de 1648, passaram a pertencer à Monarquia Habsburga (*Habsburgermonarchie*)¹⁵, também conhecida como Monarquia Austríaca, constituída por terras herdadas de habsburgos e terras da Coroa Boêmia e da Coroa Húngara. Em 1804, após

¹⁵ A Monarquia Habsburga constitui um período do Império Habsburgo (*Habsburgerreich*), o qual apresenta seu início no ano de 1273 e finalização em torno de 630 anos depois, isto é, em 1918, com a queda da dupla Monarquia Áustro-Húngara.

a queda do Sacro Império, é fundado o Império Austríaco (*Kaisertum Österreich*), regido por Franz von Österreich, que antes também fora o último imperador do Sacro Império. Do Império Austríaco surge, oficialmente em 1867, uma dupla monarquia, a Monarquia Áustro-Húngara (*Österreichisch-ungarische Monarchie*), que perdura até 1918, quando a Boêmia se liberta do domínio austríaco de quase 400 anos.¹⁶ Segundo Beranek (1970), três milhões de alemães teriam vivido na parte ocidental da República Tcheca, mais especificamente em locais sob domínio austríaco (*österreichische Kronländer*) como Boêmia, Morávia e Silésia, até o período da 2ª Guerra Mundial, 1945/46. Ao lado do alemão, foram línguas oficiais no Império Áustro-Húngaro húngaro, tcheco, eslovaco, polonês, italiano, esloveno, croata, sérvio, romeno e ucraniano.

Como se pode ver, a história de imigração dos boêmios engloba pelo menos duas grandes escalas no percurso migratório: primeiro, de diferentes pontos de origem da Alemanha, como Saxônia, Bavária e Turíngia, para diferentes pontos da Boêmia; e, segundo, destes pontos da matriz de origem na Boêmia para diferentes pontos no Brasil. Entretanto, se considerarmos o movimento interno daqueles alemães que, antes de se estabelecerem na Boêmia, tiveram passagem pela Saxônia, poder-se-ia falar de um movimento migratório de até três escalas.

Estão incluídos nesse tipo de migração tripla os bucovinos, presentes em São Bento do Sul (SC) e Rio Negro (PR), uma vez que migraram (1) da Alemanha para a Boêmia, (2) da Boêmia para a Bucovina, localizada hoje na Romênia, e (3) desta para o Brasil. Ellis, no Kansas, configura uma localidade que também foi alvo de imigrantes bucovinos. Segundo Lunte (1998, 2006), os bucovinos que para lá se mudaram se diferenciam em alemães suábios, procedentes do sudoeste da Alemanha, e alemães boêmios, procedentes do oeste da Boêmia, mais especificamente da Floresta da Boêmia (*Böhmerwald*), mesmo ponto de origem dos boêmios que se estabeleceram em Santa Catarina.

O primeiro registro de uma pessoa da Boêmia em território brasileiro, segundo Fendrich (2016)¹⁷, remete a 1862, quando Therese Franze, 21 anos, veio ao país através do Porto de São Francisco, em Santa Catarina. Por sua vez, o último registro, conforme o mesmo autor, diz respeito à chegada de Gustavo Keil, em 1890, pelo Porto de São Francisco, embora com passagem antes já pelo Rio de Janeiro. Fendrich (2016) aponta um total de 709 registros

¹⁶ Síntese baseada em Bérenger (1995), Beller (2007) e Lackner et. al (2016).

¹⁷ Lista de registros de boêmios que chegaram no séc. XIX ao Brasil pelo Porto de São Francisco, no estado de Santa Catarina. Disponível em: <<https://genealogiaboemia.wordpress.com/2016/01/13/lista-de-imigrantes-boemios-list-of-bohemian-immigrants-2/>>. Acesso em: jun. de 2018.

de boêmios nas listas de passageiros do Porto de São Francisco do Sul, o que representaria 6,5% de todos os imigrantes registrados nesse porto no séc. XIX. A partir desses registros, 1872 se consolida como o ano de início da chegada em massa de boêmios ao Rio Grande do Sul. Ele coincide de certo modo com a fundação de Nueva Braunau, no Chile (1873), em um período em que se observam os efeitos da guerra entre a Prússia e a França, da formação da Monarquia Áustro-Húngara, bem como do Império Alemão.

Outra área de presença de boêmios é o Paraguai. Nesse contexto, porém, a imigração boêmia, assumiu contornos totalmente diferentes. A chegada dos primeiros boêmios ao Paraguai tem seu início na década de 30 do séc. XX. Essa migração tem por pano de fundo o ativismo de alemães boêmios no governo tcheco, em busca de um tratamento diferenciado e justo com as suas comunidades frente à formação da então República da Tchecoslováquia (DIE SUDETENDEUTSCHEN, 2015). A busca por reconhecimento das comunidades boêmias, consideradas nacionalmente minoritárias, não obteve êxito, pois não alcançou influência suficiente na política do governo tcheco. E, já no final dos anos 30 e início dos anos 40, os alemães boêmios foram expulsos, por representarem uma ameaça à nacionalidade tcheca e por supostamente compartilharem ideais nazistas. A expulsão acarretou em uma onda de imigração de alemães boêmios para o território do qual há séculos haviam saído seus ancestrais. Na Alemanha, as famílias de imigrantes boêmios formaram as suas próprias comunidades, como por exemplo *Neugablonz*, em *Kaufbeuren*, no estado da Baviera, cujo nome faz alusão à localidade boêmia *Gablonz/Jablonec*.

Os boêmios que chegaram em Porto Alegre, a partir de 1872, foram registrados como austríacos. A sua profissão mudou de lapidadores para lavradores, “atividade que lhes era estranha, mas que atendia ao desejo oficial de expandir o minifúndio agrário nas Colônias de São Leopoldo e Santa Cruz”, como explica Flores (2015, p. 73). O registro oficial como austríacos se contrapõe ao registro feito pelos próprios falantes nas lápides dos cemitérios nas localidades de destino, onde a origem na Boêmia aparece acompanhada, muitas vezes, da menção à localidade específica de naturalidade dos mesmos.

Em Nova Petrópolis, segundo Flores (2015), foram registrados 223 sobrenomes de imigrantes boêmios, muitos deles também presentes nas localidades de Imigrante, Venâncio Aires e Imigrante. No quadro a seguir, é possível visualizar as localidades de origem de parte desses imigrantes,¹⁸ que se instalaram em Imigrante, Venâncio Aires e Agudo, que

¹⁸ A identificação das localidades de origem está baseada em fontes como lápides de cemitérios locais, livros de história de família, livros de história da localidade, registros eclesiásticos das igrejas locais.

caracterizam a base de dados deste estudo. A lista a seguir inclui não apenas localidades da Boêmia, mas também da Saxônia e da Áustria, uma vez que a origem dialetal de seus imigrantes é a mesma dos boêmios, e a temporalidade da entrada no Brasil também coincide.

Tabela 1: Localidades de origem e sobrenomes de imigrantes boêmios nos pontos de pesquisa da tese

<i>Ponto de pesquisa</i>	<i>Localidade de origem</i> ¹⁹	<i>Número de imigrantes</i>	<i>Sobrenome</i>
RS_Bo04 Imigrante (Arroio da Seca e Seca Baixa / Dt: Seggebach unn Unnersegge)	Reichenberg ²⁰	3	Riemmer (1)
			Brückner (1)
			Porsche (1)
	Tannwald	12	Prediger (11)
			Dressler (1)
	Reichenau	3	Müller (3)
	Kathrinenberg	2	Willrig (1)
			Brückner (1)
	Gablonz	4	Weyhs (2)
			Wünsch (1)
			Rieger (1)
	Unterkratzau	2	Prade (1)
			Gattermann (1)
	Böhmen	1	Wanderer (1)
	Willig	1	Hillebrand (1)
	Harzdorf bei Reichenberg	1	Kail (1)
	Österreich	1	Baumert (1)
Weihskirchen bei Kratzau	1	Gattermann (1)	
Dux	1	Mildner (1)	
Schönwalde Frankenstein ²¹	1	Buhl (1)	
Waldenburg Schlesien	2	Rother (1)	
		Rötich (1)	
BO2 Venâncio Aires (Linha Isabel, Linha Brasil, Linha Andréas)	Gablonz ²²	12	Scheibler (9)
			Matthes (3)
	Klitschnei	1	Appelt (1)
	Saskal	1	Glaser (1)
	Johannesberg	8	Hübner (2)
			Zenkner (1)
			Reckziegel (2)
Nürich (1)			

¹⁹ A transcrição equivale à grafia em que aparece nas lápides (via de regra em alemão).

²⁰ As localidades de Reichenberg a Dux estão situadas no norte da Boêmia, com exceção de Österreich, que não especifica se a origem foi da Boêmia ou de outro lugar da Áustria.

²¹ Schönwalde Frankenstein e Waldenburg Schlesien estão situadas na Silésia.

²² As localidades de Gablonz a Wiesenthal estão situadas na Boêmia.

			Fischer (1)
			Pilz (1)
	Jung Bunzlau	1	Posselt (1)
	Josefstal	2	Siebeneichler (2)
	Dalschitz bei Gablonz; Maksdorf	2	Peukert (2)
	Hennersdorf Bezirk Gablonz	1	Bergmann (1)
	Wiesenthal	2	Endler (1)
			Haupt (1)
	Gränzendorf	4	Klamt (4)
	Lautschnei	1	Heidrich (1)
	Áustria	1	Feix (1)
	Morchenstern	1	Richter (1)
	Böhmen	15	Ludwig (1)
			Heussler (1)
			Wagner (1)
Grünewald (1)			
Seidel (1)			
Freder (1)			
Fessner (1)			
Sänger (1)			
Damann (1)			
Kaulfuss (1)			
Bienert (1)			
Weiss (1)			
BO3 Agudo (Linha Boêmia, Picada do Rio / Dt: Behmertal, Riopikad)	Böhmen	32	Tischler (4)
			Flechsich (1)
			Scheibler (9)
			Müller (1)
			Hoffmann (1)
			Kegler (1)
			Hörbe (1)
			Morgenstern Lucke (1)
			Preussler (1)
			Scheffel (1)
			Kowarsch (4)
			Kirchhoff (2)
	Neumann (5)		
	Radel	4	Scheffel (4)
	Johannesbeck	3	Zenkner (3)

	Gablonz	19	Kittel (1)
			Halbich (1)
			Knirsch (1)
			Reckziegel (7)
			Müller (1)
			Hatschbach (5)
			Posselt (1)
			Kleinert (1)
			Lange (1)
	Wiesenthal	17	Prade (9)
			Stecker (1)
			Wenzel (7)
	Áustria	10	Maier (7)
			Altmann (3)
	Grüna ²³	1	Gräbner (1)
	Oppin/Halle	3	Ehrhardt (3)
	Chemnitz	8	Luther (6)
			Lindner (2)
	Annaberg	3	Wiedemann (2)
Drechsler (1)			
Reichenbach	3	Kegler (3)	
Bertholz	1	Fritzsche (1)	
Görlitz ²⁴	1	Kellermann (1)	
Schweidnitz	1	Berger (1)	
Breslau	3	Hübner (3)	
Münsterberg	1	Katzer (1)	
Zadl	7	Wittke (7)	

Fonte: de autoria própria

Todas as localidades citadas, com exceção daquelas situadas nos territórios da Silésia e da Saxônia, apontam para o norte da Boêmia. O quadro traz pelo menos 20 famílias boêmias e 2 silesianas de pelo menos 14 diferentes localidades do norte da Boêmia e Silésia, em Imigrante. Já em Venâncio Aires, constata-se 35 sobrenomes vinculados a 13 localidades distintas do norte da Boêmia, muitas delas distritos de Gablonz (Jablonec).

Flores (1983) ainda cita outros sobrenomes de imigrantes boêmios presentes em Venâncio Aires, como Lahr, Schaurich, Freudenberg, Markmann, Steffen, Rieger, Hückelscherer, Stein, Umann, Lux, Feix, Seidel, Rössler, Scholze, Pick e Schneider, o que, somado ao número de famílias do quadro, resultaria em 51 sobrenomes em Venâncio Aires.

²³ As localidades de Grüna, Oppin/Halle, Chemnitz, Annaberg, Reichenbach e Bertholz pertencem à Saxônia.

²⁴ As localidades de Görlitz, Schweidnitz, Breslau, Münsterberg e Zadl se situam na Silésia.

Flores (1983, p. 70) cita também outras localidades, além daquelas que já constam no quadro, todas pertencentes ao distrito de Gablonz (*Jablonec*).

Jablona possuía jurisdição sobre uma série de comunidades como: Johannesberg, Marienberg, Josefstal, Tannwald, Grünwald, Reinowitz, Morgenstern, todas elas com aldeias secundárias. Imigrantes boêmios que se fixaram em Venâncio Aires procederam, dentre outras localidades, de Wiesental junto a Jablona, Josefstal, Oberjosefstal, Bruch junto a Jablona, Johannesberg, Prichwitz junto a Tannwald, Wustung junto a Tannwald, Tiefenbach junto a Tannwald, Diesseldorf junto a Tannwald, Brand junto a Tannwald, Kreis Egger e Rochlitz.

Acrescentando-se esses povoados ao quadro, alcançam-se 24 localidades de origem dos boêmios em Venâncio Aires, todas situadas no norte da Boêmia. Gablonz aparece como a localidade de origem mais frequente entre os boêmios, sobretudo em Agudo, ao menos dentre aquelas que foram especificadas nas fontes consultadas. Em Agudo, foram encontradas 29 famílias boêmias, 8 saxãs e 5 silésias. A presença conjunta de imigrantes da Saxônia, da Silésia e da Boêmia no mesmo território em Agudo caracteriza um cenário de contato linguístico interno, entre variedades muito próximas: boêmio (*Böhmisch*), alto saxão (*Obersächsisch*) e silésio (*Schlesisch*)

1.1.2 Identidade sociocultural dos imigrantes boêmios do séc. XIX

Religião

Lunte (1998, 2006), em seus estudos sobre os bucovinos no Kansas, constata que a maioria dos imigrantes boêmios era de confissão religiosa católica. Também os boêmios que se mudaram para o Chile, segundo Rambo (2003), eram católicos. No Brasil, houve igualmente um predomínio de boêmios católicos, porém, devido à presença em massa de evangélicos luteranos em algumas localidades, como Imigrante, cercada por hunsriqueanos e vestfalianos luteranos, assim como também em Agudo, já ocupada por pomeranos luteranos, muitos boêmios católicos acabaram se convertendo ao luteranismo. E, mesmo em Venâncio Aires, apesar de ser um ponto católico, os boêmios ali instalados nunca foram “muito religiosos”, segundo relatos de informantes da geração mais velha. Isso leva a crer que os boêmios talvez já não fossem mais praticantes tão fervorosos da religião católica no próprio território de origem na Boêmia, o que possui uma explicação histórica, que marca a trajetória religiosa no centro-leste europeu, especificamente na Boêmia.

Até o séc. XIV, os boêmios se dividiam basicamente em fiéis da Igreja Católica Romana e dos hussitas, que seguiam as pregações de Jan Hus, teólogo, pregador e reformador boêmio. Hus criticava o modo como a Bíblia era interpretada e foi responsável por inserir a pregação em língua tcheca. Conforme Bahlcke (2014), possuía o apoio da nobreza boêmia em seu modo de pregar. Depois de se contrapor à igreja católica, que lhe proibiu de continuar suas pregações, Hus foi morto. Conforme acentua Bahlcke (2014), a sua morte levou a protestos da nobreza, entre os quais se destaca o *Prager Fenstersturz* (Queda da Janela de Praga), que caracterizou a queda de 13 padres da janela da prefeitura de Praga, em 1419. Esse acontecimento foi seguido da Guerra dos Hussitas, que se caracterizou por movimentos revolucionários e reformadores na Boêmia contra a Igreja Católica Romana e a tentativa brutal de eslavizar principalmente a Boêmia oriental. Católicos alemães que habitavam a Boêmia foram expulsos pelos hussitas; suas igrejas foram saqueadas e suas terras foram invadidas. Além disso, alemães instalados em Praga foram expulsos. Com a perda da batalha, os hussitas foram obrigados a devolver as terras e bens que antes pertenciam aos alemães católicos. Devido aos efeitos da batalha dos hussitas, a língua e cultura alemã em território boêmio foi fortemente fragilizada, no final do séc. XV.

Entretanto, no séc. XVI, em decorrência do grande alcance da Reforma, de Martinho Lutero, e conseqüente difusão de sua tradução da Bíblia para o alemão, muitos alemães boêmios passaram a se reconhecer como luteranos e não mais como católicos. Segundo Hauffen (1897), inclusive muitos tchecos teriam se convertido ao luteranismo, importando livros, pastores e professores da Alemanha e enviando filhos para as universidades protestantes. O advento da Reforma promoveu o auge da literatura e do sistema escolar alemães. Além disso, o surgimento da imprensa permitiu rápida multiplicação de textos na língua alemã, contribuindo para a difusão da escrita de Lutero, fortemente influenciada pelo modelo da chancelaria da Saxônia.

Durante a Contra-Reforma, a partir de 1627, em meio à Guerra dos 30 Anos, os boêmios foram obrigados a se reconverterem ao catolicismo, pastores protestantes foram substituídos por padres católicos e a nobreza protestante perdeu seus bens e precisou deixar o país. Em contrapartida, agricultores luteranos foram impossibilitados de sair da Boêmia, enquanto que os demais alemães boêmios que ainda eram católicos permaneceram na área rural. A igreja católica dominou, assim, a vida pública, mantendo, com isso, o controle sobre as escolas.

Em meio à resistência à recatolização, a Guerra dos 30 Anos levou a uma redução drástica da população na Boêmia, o que incentivou a busca de novos colonos alemães para ocupar e trabalhar nas terras. Segundo Hauffen (1897, p. 642), esses novos colonos, vindos até 1700, eram, em sua maioria, originários da Baviera. Há indicações no Museu de Gablonz, em Kaufbeuren (Alemanha) de que, ao lado de agricultores, também tenham sido requisitados produtores de vidro provindos das montanhas da Saxônia (*Erzgebirge*). Estes teriam se instalado nas áreas limítrofes da Boêmia. Soma-se a esse fator, que contribuiu para a retomada e o fortalecimento da língua e cultura alemãs na Boêmia, o fato de que, com o Massacre em *Weissen Berge*, em 1620, a Boêmia se tornou Província da Áustria, enfraquecendo o poder eslavo e, com isso, o poder da religião católica sobre a Boêmia. Somente a partir de 186, os austríacos passam a ter direito à liberdade de religião.

Nas localidades de destino no Brasil, a religião, segundo Flores (1983), foi determinante na distribuição dos imigrantes recém-chegados. Porém, esse é um aspecto a se questionar, uma vez que em Linha Isabel, Venâncio Aires, católicos e evangélicos precisaram se unir para desbravar a mata, para dar início à agricultura de subsistência e fazer as primeiras construções, frequentando também os mesmos espaços, inclusive a igreja, até início do séc. XX. Um dos imigrantes boêmios, Josef Umann, originário de Rochlitz, retratou em seu diário o “espírito parceiro” entre os colonos que se instalaram em Linha Cecília, Venâncio Aires: “Todos se uniam e se auxiliavam sem indagar [...] não se perguntavam pela crença que cada um professava, se católico, protestante ou livre pensamento. Éramos colegas de profissão [...]” (UMANN, 1997 [1938] p. 63). Enfim, o fato de os boêmios de Agudo e Imigrante terem se convertido ao luteranismo já sinaliza que os imigrantes boêmios se adaptaram à religião dominante nesses dois pontos.

Como se vê, a religião em si pode não ter gerado um efeito determinante sobre a configuração das variedades linguísticas faladas na Boêmia, porém três acontecimentos motivados por razões religiosas e políticas permeiam a trajetória linguística dos boêmios: 1) o desfecho da revolução hussita garantiu a permanência do alemão falado pelos alemães boêmios; 2) a escrita de Lutero, propagada na Boêmia e em Praga por meio das esferas religiosa e educacional, pode ter contribuído para a manutenção de elementos linguísticos do alto-saxão (*Obersächsisch*) devido a tentativas de oralização da língua escrita, fundada na escrita da chancelaria da Saxônia; 3) também a chegada de novos imigrantes bávaros após a Contra-Reforma, nos séc. XVII e XVIII, pode ter causado transformações na língua, por meio da incorporação de elementos linguísticos bávaros.

Profissões

Conforme exposto no *Gablonzer Museum*, em Kaufbeuren, a agricultura via de regra não garantia o sustento da família, devido à pouca fertilidade da terra e devido aos invernos rigorosos, nas localidades de Reichenberg e Gablonz, na segunda metade do séc. XIX. Assim, a prática agrícola era complementada com trabalho doméstico, pequenas empresas industriais e com o trabalho em fábricas. A criação de animais assegurava o sustento da família, mesmo em épocas de crise. Entre os animais mais criados estava a cabra, fato pelo qual os pequenos agricultores eram apelidados de criadores de cabras (*Ziegenagrariet*). Cidade e campo já estavam em constante intercâmbio econômico e cultural, apesar de os contrastes ainda serem intensos: modernos centros urbanos *versus* localidades entre as montanhas, com casas de madeira e sem energia e água. Mesmo Gablonz, até sua elevação a cidade, em 1866, ainda apresentava características de pequena localidade.

Foi nessa época que surgiram personalidades marcantes no contexto sociocultural e econômico do norte da Boêmia, como os pioneiros da indústria têxtil Johann von Liebig (1802) e Heinrich von Liebig (1839), os pioneiros da indústria automobilística Ferdinand Porsche (1875), ao lado de Rudolf Linser (1871) e Theodor von Liebig (1872), os pioneiros da produção de vidro, como Josef Riedel (1862) e Johann Josef Kittel (1865), e os pioneiros do polimento de pedras, como Daniel Swarovski (1862).

Diferentemente do trabalho exercido na matriz de origem, em solo brasileiro – como já se mencionou – os boêmios precisaram inicialmente se dedicar mais à agricultura para garantir o sustento e, somente aos poucos, outros trabalhos foram ganhando espaço na comunidade. Já na matriz de origem, a atividade agrícola era realizada por uma minoria. Umann (1997 [1938], p. 47) revela em sua biografia detalhes sobre o perfil dos imigrantes:

A maioria eram casais, mas havia também alguns rapazes solteiros que pela emigração quiseram se evadir ao serviço militar. Buscavam o Brasil, para no Rio Grande do Sul iniciar vida nova, livre de preocupações para si e os seus. Eram na maioria operários das fábricas de vidro e outros artífices da zona montanhosa do Iser e de Reissegegend, junto a Reichenberg na Boêmia.

Enquanto os menos instruídos trabalhavam como lapidadores de vidro e tecelões na Boêmia, aqueles que possuíam alguma formação profissional, que na época era adquirida na escola ou com vizinhos e parentes experientes, exerciam profissões como sapateiro, mecânico, costureiro, moleiro, etc. O excerto abaixo revela as diversas funções exercidas por

um imigrante pioneiro de Linha Ano Bom (Colinas), no Rio Grande do Sul, emigrado em 1872 da Boêmia:

Prediger, Franz ou Francisco - Sapateiro, músico e construtor de casas, moinhos e moendas de cana. Entendia ainda de mecânica de máquinas de costura, trilhadeiras, ventiladores de cereais, conserto de relógios e de vários equipamentos rurais da época. Sabia ler e escrever, em alemão e português. Entendia de fraturas ósseas, machucaduras simples, mordeduras de cobras, curativos em feridas comuns, receitava chás e ervas (SCHIERHOLT, 2002, p. 988).

Como mostra o excerto acima, além da habilidade de escrita e leitura que também acompanhava o imigrante, como reflexo de sua familiaridade com o ensino, conforme se verá a seguir, esse mesmo imigrante trazia uma série de outras habilidades que irão desempenhar um papel central na adaptação ao novo meio.

Educação

Segundo FLORES (1983), uma das preocupações centrais dos tecelões, lapidadores, agricultores e moleiros da Boêmia era a educação dos filhos. Esta era promovida nas escolas das próprias comunidades, no Brasil, à parte do Estado, a quem interessava exclusivamente a produção agrícola. Na Boêmia, apesar de o ensino já ter existido antes do séc. XVIII, este era restrito à classe alta e ocorria nas residências. Só depois de 1717, o ensino se tornou público, porém, segundo Besch e Wolf (2009, p. 72), muitos anos ainda foram necessários até que houvesse escolas e professores qualificados suficientes, além de pais motivados a inserir seus filhos nas escolas.²⁵ Em *Baden-Württemberg*, a legitimação do ensino já havia ocorrido em 1559.

Em relação ao ensino na Áustria, Bérenger (1995) observa que sua modernização está correlacionada à assinatura da regulamentação escolar de Maria Theresia, em 1774, por meio da qual o ensino se torna obrigatório em todo o território austríaco. “*Es wäre falsch, ein gebildetes Preußen einem unwissenden Österreich gegenüberzustellen, ein protestantisches und aufgeklärtes Norddeutschland einem katholischen und `obskuranten` Süddeutschland*”, escreve Bérenger (1995, p. 516)²⁶. É nesse contexto de disputa pela melhor formação escolar

²⁵ Segundo Besch e Wolf (2009, p. 72), “1717 steht als frühes Datum für eine allgemeine Volksschulpflicht in Preußen für alle, die den nötigen Unterricht nicht im Hause erteilt bekamen, wie es beim Adel und den städtischen Oberschichten üblich war”.

²⁶ Tradução livre minha: “Seria errado contrastar uma Prússia educada com uma Áustria ignorante, um norte da Alemanha protestante e iluminado com um sul católico e obscuro” (BÉRENGER, 1995, p. 516).

entre Áustria e Prússia que acontecem diversas reformas no ensino. A ordem austríaca previa cinco anos de obrigatoriedade do ensino, o qual se centrava nas disciplinas de alemão, matemática, história e geografia, enquanto o estudo do latim foi direcionado para segundo plano, conforme Bérenger (1995, p. 516). Maria Theresia teria contratado o silésio Johann Ignaz Felbiger para a comissão de ensino da Áustria, o qual se orientaria pelo modelo educacional prussiano. *“Auf dem Land wurden mit Unterstützung der Großgrundbesitzer Trivialschulen eingerichtet. Sowohl in Ungarn als auch in den Erblanden wurde dort in der Landessprache unterrichtet, die von der Kirche schon seit langem verwendet wurde”* (BÉRENGER, 1995, p. 516).²⁷ Como cada país da Monarquia Habsburga poderia ensinar na sua língua, na Boêmia o ensino poderia ocorrer na sua língua oficial, no caso o alemão. Nas capitais de cada país, teriam sido inseridas escolas normais e seminários de preparação para futuros professores. Com a reforma de 1777, *Ratio educationis*, foi retirado o monopólio do latim na universidade e nas escolas ginasiais, usando-se em seu lugar o alemão (BÉRENGER, 1995, p. 516).

Segundo o mesmo Bérenger, Joseph II²⁸ teria sido o grande responsável por dar continuidade à expansão e qualificação do ensino na Áustria, pautado no uso do alemão como língua de ensino mesmo onde esta não se apresentava como língua oficial. Em 1784, a língua alemã foi elevada a única língua oficial (com exceção da Lombarida e dos Países Baixos austríacos); toda a administração devia ser fluente em alemão, sendo que para as escolas na Boêmia, na Hungria e na Galícia foram enviados professores alemães (BÉRENGER, 1995, p. 524).²⁹ Na Boêmia, onde o governo detinha uma posição mais sólida, a reforma no ensino foi bem recebida, mesmo entre a população falante de tcheco, em contrapartida, na Hungria e na Galícia, esta teria ocasionado inquietação, dada a heterogeneidade da nação. Conforme Böhm (1997), o bispo Ferdinand Ritter von Schulstein Kindermann teria sido responsável pela qualificação do ensino nas escolas populares e da formação de professores na Boêmia, além de inserir o trabalho manual em sala de aula, como tecer, tricotar e costurar. Joseph II desejava complementar e ampliar o sistema de ensino. Para isso, o ensino deveria ser

²⁷ Tradução livre minha: “Nas áreas rurais, escolas triviais foram criadas com o apoio dos grandes proprietários de terra. Tanto na Hungria como nas terras hereditárias era ensinado na língua local, que já estava sendo usada pela igreja há muito tempo” (BÉRENGER, 1995, p. 516).

²⁸ Filho de Maria Theresia e de Franz Stephan von Lothringen, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (*Heiliges Röhmisches Reich*). Estes fundaram a Casa de Habsburg-Lothringen. Joseph II deu continuidade ao governo do Império Romano.

²⁹ “1784 wurde die Deutsche Sprache jedenfalls zur einzigen Amtssprache (mit Ausnahme der Lombardei und der österreichischen Niederlande); alle zukünftigen Beamten mußten ihrer mächtig sein, und die Schulen in Böhmen, Ungarn und Galizien wurden mit deutschen Lehrern versorgt“ (BÉRENGER, 1995, p. 524).

garantido pelo Estado, apesar de a religião ser reconhecida como fundamental para a qualidade do ensino. Devido a isso, o monarca inserira um rígido controle do trabalho do corpo docente, o que contribuiu para um índice mais elevado de escolarização do povo, embora tenha trazido muitas dificuldades para a formação nas universidades, já que a pesquisa e a ciência como um todo não eram de interesse do governo, como aponta Bérenger (1995, p. 527).

Em 1816, 54.1% das crianças em idade escolar frequentavam instituições de ensino na Prússia, contra 80% na Saxônia, 50% na Renânia e 40% na Prússia Ocidental (JELSMANN; LUNDGREEN, 1987, p. 127, *apud* BESCH; WOLF, 2009, p. 73). A literatura alemã começa a ganhar força, e grandes escritores que se formaram na Universidade de Praga entram em destaque. Estes números sugerem, conforme Besch e Wolf (2009, p. 73), que a alfabetização no final do séc. XIX já devia estar bastante avançada, atingindo uma parcela importante da população, mesmo que muitas vezes de forma parcial no domínio da língua escrita.³⁰ Na primeira metade do séc. XIX, o mercado de bijuterias também teria atraído muitos artesãos da área rural que buscavam formação em escolas situadas nos núcleos mais urbanizados, como Gablonz. É o que observa Flores (2015):

Na segunda metade do séc. XIX proliferaram educandários, em resposta ao crescimento industrial a exigir maior preparo profissional: a Escola Evangélica, a Escola Comunal para meninos e outra para meninas, a Escola Municipal, a Escola na Estrada do Vale e a da Travessa da Cervejaria, o Ginásio Esportivo (da década de 1880) e a Escola de Comércio. A Escola de Artes, direcionada à indústria do cristal e porcelana, ensinava técnicas de esmaltar, cinzelar, gravar, imprimir em metal, cálculo e contabilidade. Na Escola de Steinschönau (1856) e de Haida (1870) operários frequentavam aulas de desenho [...]. A Escola Profissional de Gablonz, para fundição e bronzeamento (FLORES, 2015, p. 34).

Em contrapartida a essas mudanças, a língua tcheca passou a perder, nesse período, ainda mais seu significado como língua dominante na política e na sociedade. Seu uso se restringiu à classe dos trabalhadores rurais, já que a nobreza e os demais cidadãos utilizavam o alemão, que também era a língua da política, da cultura e da educação (FLORES, 2015). Somente depois de 1918 é que começariam a chegar educandários oficiais tchecos, apesar de a administração central ainda ter empregado o alemão até 1930.

³⁰ “Man kann davon ausgehen, dass die Alphabetisierung auf deutschem Gebiet im Sinne von elementarer Lese- und Schreibfähigkeit im späten 19. Jh. weitgehend durchgeführt ist. Damit hat auch das breite Volk Anteil, wenn auch mit unterschiedlichem Sicherheitsgrad, an der überregionalen Schriftsprache“ (BESCH; WOLF, 2009, p. 73).

A partir do final do séc. XVIII, porém, os ideais democráticos da Revolução Francesa e as guerras em prol da liberdade contra Napoleão contribuíram para novos ares aos eslavos. “Die demokratischen Ideen der französischen Revolution wirkte mittelbar bis nach Böhmen; die Befreiungskriege gegen Napoleon weckten auch bei den österreichischen Slaven das Nationalbewußtsein“ (HAUFFEN, 1897, p. 642). Com isso, a busca pela identidade nacional por parte dos eslavos ganhou força. Gramáticas do tcheco foram desenvolvidas, e a língua tcheca foi descrita cientificamente. A partir da Constituição de 1861, as reivindicações nacionalistas por parte do povo tcheco só foram aumentando e a língua tcheca foi conquistando diferentes esferas sociais como a cultura e a política. A união da Áustria com a Hungria, em 1867, levou à formação da Monarquia Áustro-Húngara, e a tentativa mal-sucedida de uma fusão com a Boêmia criou um distanciamento dos tchecos frente aos alemães boêmios. Isso fez com que os tchecos incentivassem migrantes tchecos a ocuparem a Boêmia, com a finalidade de estender a fronteira linguística cada vez mais ao norte. Porém, o número de alemães na Boêmia se manteve estável. Em 1846, os alemães configuravam 39% da população total da Boêmia e, em 1880, esse percentual se situava nos 37,11%, segundo Hauffen (1897).

A *Sociedade Escolar Alemã* e a *Liga dos Alemães na Boêmia* se mantiveram contra e passaram a financiar escolas alemãs em localidades linguisticamente mescladas. Somado a esse fator, que contribuiu para a manutenção do alemão na Boêmia, está o aumento do número de alunos a partir de 1869, quando a obrigatoriedade do ensino alcança os oito anos, e meninas passam a poder frequentar escolas mais avançadas. A mobilização dos alemães boêmios em prol da manutenção da sua cultura e língua pode ter contribuído para manter a média de 95% de falantes de alemão a cada 100 austríacos ainda no ano de 1900. E, segundo Hauffen (1897), das 7063 localidades alemãs referentes ao ano de 1897, apenas 88 eram mescladas com o tcheco e 44 delas se situavam na fronteira linguística entre alemão e tcheco. Esses dados são um importante indício da vitalidade da língua alemã no território da Boêmia na segunda metade do séc. XIX, quando começa a imigração ao Brasil.

Es ist also zwischen den beiden Sprachgebieten (von einzelnen Ausnahmen abgesehen) nicht einmal ein sprachlich gemischter Gürtel vorhanden, so daß die Sprachgrenze in einer scharfen Linie gezogen werden kann. Die tschechischen Minoritäten sind in den meisten deutschen Bezirken nur geringfügig und sie sind im letzten Jahrzehnt im allgemeinen gesunken (HAUFFEN, 1897, p. 643).³¹

³¹ Tradução livre minha: “Assim, salvo algumas exceções, não há sequer um cinturão linguisticamente misto entre as duas áreas linguísticas, de modo que a fronteira linguística pode ser desenhada com uma linha nítida. As

Não apenas o sistema educacional estava engajado na defesa cultural e linguística, como também a mídia. O jornal de Reichenberg, por exemplo, alertava a sociedade frente à “ameaçadora tchequização” do território boêmio e sugeria aos alemães boêmios frequentar apenas o comércio alemão, conforme Hauffen (1897).

No território de chegada, no Brasil, os boêmios procuraram dar continuidade à tradição escolar. Os imigrantes, de maneira independente, precisaram construir suas escolas e igrejas. Segundo Umann (1997 [1938]), já a partir de 1882, homens da comunidade assumiram a tarefa de ensinar em suas próprias casas, até que, em 1909, surgiu a primeira Sociedade Escolar de Linha Cecília, Venâncio Aires. “As comunidades da Boêmia mostraram perene preocupação e alerta com a escolarização de seus filhos. Construíram e mantiveram escolas, considerando a sociedade escolar mantenedora como instituição intrínseca à formação sociocultural” (FLORES, 1983, p. 156).

Concluindo, é preciso destacar, para os fins deste estudo, que a educação desempenhou um papel significativo na trajetória dos imigrantes boêmios e no desenvolvimento de uma variedade *standard* regional: 1) a lei de obrigatoriedade do ensino em alemão, instituída no séc. XVIII, contribuiu para o contato dos boêmios com uma variedade *standard* difundida por meio da escrita e da oralização desta variedade, o que é um importante indício de que eles já estavam familiarizados com esta ao se instalarem no Brasil; 2) a mobilização dos boêmios contra os avanços do tcheco evidencia uma identidade e organização coletiva interna muito forte para manter o alemão e resistir frente à adoção e substituição pelo tcheco; por fim, 3) a continuidade da tradição escolar em língua alemã no Brasil contribuiu para a manutenção da variedade, ao menos pelas primeiras cinco décadas.

Sociedades recreativas

Até 1860, sociedades recreativas eram consideradas politicamente perigosas e eram proibidas na Boêmia. Associações de irmãos nos campos da religião e da vida social eram permitidas. As sociedades mais antigas remetem a Reichenberg (1670) e Gablonz (1761). Após 1867, uma onda de fundação de sociedades atingiu todas as esferas da vida em sociedade. A *Sociedade de Ginástica de Gablonz e de Reichenberg* (1862), a *Liga Alemã de Canto de Gablonz* (1867) e a *Sociedade de Professores de Reichenberg e Tannvald-Gablonz*

minorias tchecas são parcas na maioria dos distritos alemães e diminuíram como um todo na última década” (HAUFFEN, 1897, p. 643).

estão entre as mais renomadas. Além disso, pode-se citar sociedades menores como a *Sociedade Masculina de Canto de Gablonz*, o *Círculo de Canto de Reichenau* e a *Sociedade de Canto Eintracht*, além de diversas sociedades esportivas. Além destas, é necessário destacar a *Sociedade de Amigos Wiese* (1865), que prestava suporte a soldados retornados da guerra³².

Segundo FLORES (1983), os imigrantes boêmios também criaram diversas sociedades culturais incluindo orquestra, futebol, teatro, bolão, leitura e canto. Vale citar a *Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade*, criada em 1900, em Alto Sampaio, Venâncio Aires (RS), e a *Sociedade de Canto Frohsinn*, inaugurada em 1892 na mesma localidade. É ilustrativo, neste sentido, o perfil de um imigrante como Heinrich Johann Prediger, sobre o qual Schierholt (2002, p. 989) escreve o seguinte: “Prediger, Heinrich Johann, mais conhecido por *Páragaita*, fundador do *Schützen Verein*, onde era porta-bandeira, em Arroio da Seca Baixa. Foi regente do coral da mesma sociedade”.

Os boêmios, fundaram, também, sociedades de defesa, como de tiro ao alvo, de lanceiros e cavaleiros no Rio Grande do Sul. Segundo Flores (1983), as sociedades de defesa surgiram em resposta à necessidade de enfrentar a Revolução Federalista (1893-1895), conhecida como a Guerra dos Maragatos.

Já nas sociedades de canto, por exemplo, “O ato de cantar satisfazia ao espírito gregário, combatia o isolamento sociocultural, oportunizava a convivência, conclamava o grupo à coesão, oportunizava realimentação espiritual, dava status social e, principalmente, atuava como elemento normativo de costumes” (FLORES, 1983, p. 177). Tanto as sociedades culturais quanto as de defesa podem ter contribuído para a manutenção das variedades linguísticas faladas por esse grupo migratório.

1.1.3 Espaços de ocupação dos boêmios na América Latina

A ocupação de espaços demograficamente vazios ou com menor densidade de ocupação, normalmente em áreas de mata pouco habitadas, é definida por Altenhofen (2014) de “territorialização horizontal”. Ela se vale de brechas ou lacunas que uma territorialidade – espaço potencial de uso de determinada língua – coloca em evidência. Em contrapartida, a

³² Dados obtidos no *Gablonzer Archiv und Museum*, em Neu-Gablonz, Kaufbeuren, na Alemanha, em visita realizada em abril de 2018.

territorialização vertical é exemplificada por Altenhofen pela sobreposição do português sobre territorialidades já existentes, como as compostas por línguas indígenas a partir do séc. XVI, no Brasil, num movimento que se inicia pela região litorânea e que segue em direção oeste, no sentido do continente. A territorialização vertical envolve, assim, uma disputa pelo mesmo espaço, que pode também ser exemplificada pela tentativa de ocupação da Boêmia pelos eslavos, quando esta já era um território constituído por alemães. O tcheco não chegou a suplantar o alemão; pelo contrário, constituiu apenas ilhas linguísticas em meio ao alemão dos boêmios, pelo menos até o afastamento dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

As regiões do Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo e Vale do Jacuí já haviam sido ocupadas antes da imigração alemã (a partir de 1850) e da imigração italiana (a partir de 1880) por açorianos, portugueses, indígenas e africanos, que viviam ao longo dos rios Taquari, Pardo e Jacuí. Segundo Laroque et al. (2016), no final do séc. XVIII essas regiões foram ocupadas por açorianos, que receberam da Coroa Portuguesa sesmarias [terra não cultivada] e deveriam preencher o vazio demográfico característico. Segundo Ahlert e Gedoz (2001), o objetivo da Coroa Portuguesa era povoar mais intensamente o Rio Grande do Sul, que estava sob domínio da Coroa Espanhola na Bacia do Prata, para minimizar o poder econômico dos espanhóis nesse espaço. No início do séc. XIX, as sesmarias foram divididas em fazendas e, com a abolição do trabalho escravo e substituição deste pela agricultura familiar, foram novamente divididas em porções menores, os chamados lotes, e concedidas ou vendidas aos imigrantes europeus. Segundo Laroque et al. (2019, p. 108), “o Governo Imperial organizou frentes de expansão em direção às matas, até então consideradas como vazias, na intenção de povoar o território e deixá-lo mais rentável”.

A venda de lotes, conforme Christillino (2004), foi mais intensa a partir da Lei de Terras, de 1850, que permitia a aquisição de terras somente por meio da compra, o que teria sido decisivo para a expropriação de terras por parte dos indígenas. “O processo colonizatório avançou em direção às matas entendidas como desabitadas/devolutas, não levando em consideração a presença indígena e seus respectivos aspectos culturais, provocando reiterados (des)encontros, conflituosos ou não, com o outro” (LAROQUE et al., 2019, p. 115).³³

Os africanos, que antes viviam como escravos nas fazendas, começaram a se juntar e a formar quilombos, isto é, comunidades de escravos refugiados. Nas regiões em foco, têm-se como exemplo os quilombos *Santa Emília*, em Venâncio Aires; *São Roque*, em Arroio do

³³ O principal grupo indígena que habitava, no séc. XIX, as Bacias Hidrográficas do Caí e Taquari-Antas, além do planalto sul-rio-grandense, eram os *Kaingang* (v. BECKER, 1995).

Meio; *Rincão dos Negros*, em Rio Pardo e *Unidos do Lajeado*, em Lajeado. De forma semelhante, vale mencionar comunidades indígenas, como por exemplo a *Aldeia Foxá de Índios Kaingang*, em Lajeado, e a *Aldeia do Coqueiro*, em Estrela.

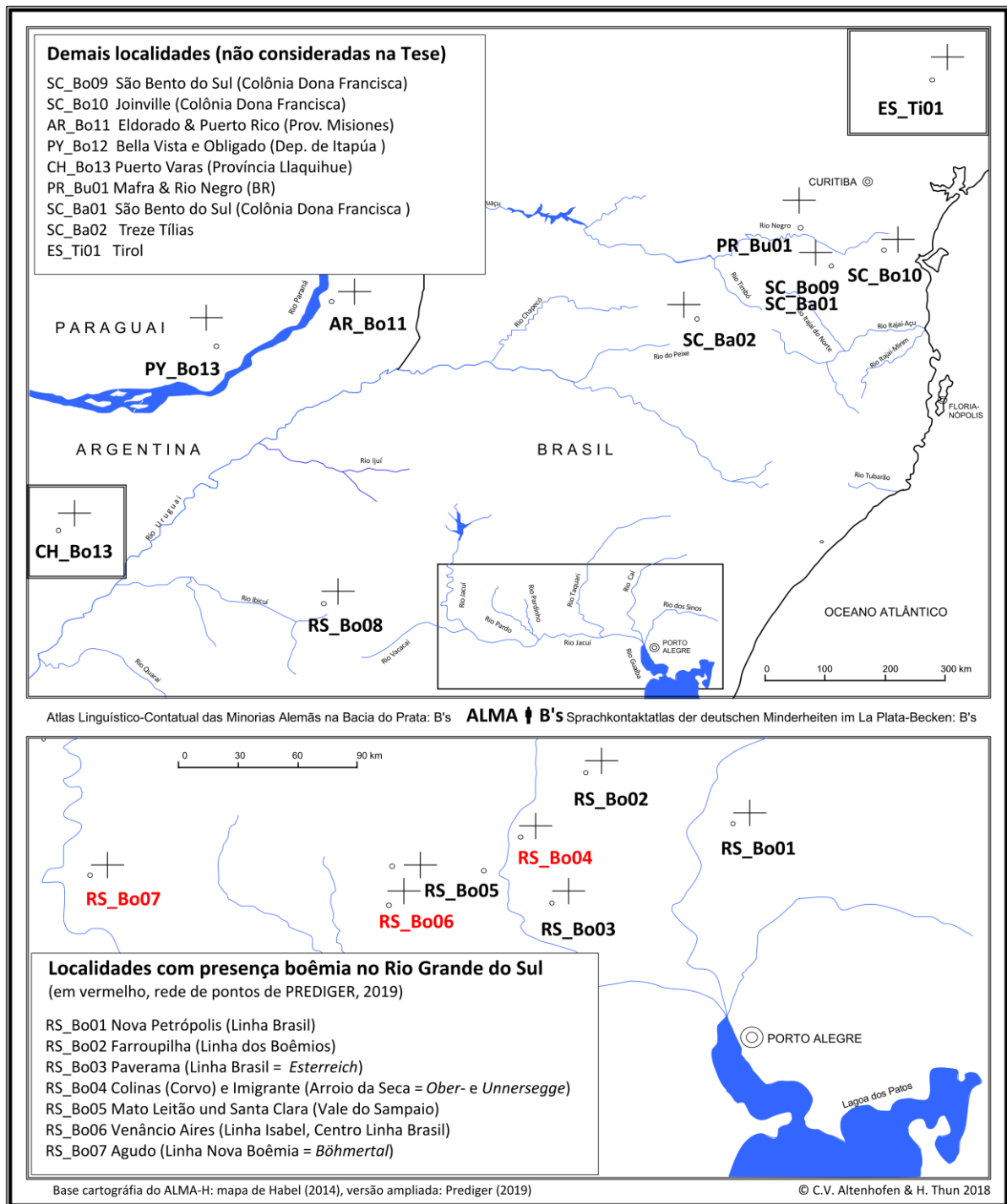
Os Vales do Taquari, do Rio Pardo e do Jacuí somente foram ocupados por europeus a partir de 1850, os quais provinham de territórios diversos, muito além do alemão e do italiano. Sua ocupação pelos boêmios ocorre apenas a partir de 1872, primeiramente para localidades próximas da capital Porto Alegre e região da Serra, como Nova Petrópolis, Feliz, São José do Hortêncio e São Sebastião do Caí, pertencentes aos Vales do Paranhana e do Caí. Essas eram áreas já colonizadas por hunsriqueanos na primeira metade do séc. XIX. Foi no decorrer da década de 1870 que os boêmios passaram a ocupar regiões do Vale do Taquari e Vale do Rio Pardo, em localidades como Imigrante, Colinas e Arroio do Meio (a partir de 1872), Venâncio Aires, Santa Clara do Sul e Santa Cruz do Sul (1873) e Agudo (1876). Dessas migrações participaram não apenas boêmios, já que havia imigrantes de fala alemã de procedência variada – Alemanha (Nordrhein Westfalen, Bayern, Sachsen, Mecklenburg Vorpommern e Rheinland Pfalz), Dinamarca, Bélgica, Holanda, Áustria e Polônia –, visto que se retomou a vinda de imigrantes da Europa.

Levando em conta as localidades de pesquisa deste estudo, encontram-se, nesse contexto migratório tão diversificado, os seguintes grupos majoritários: em Imigrante, hunsriqueanos, vestfalianos e italianos; em Venâncio Aires, hunsriqueanos, pomeranos e italianos; e, em Agudo, hunsriqueanos, pomeranos, saxões e italianos. Como se vê, a presença do grupo migratório hunsriqueano caracteriza, portanto, as três localidades em foco nesta pesquisa, sendo a área caracterizada por falantes de uma variedade mais próxima do alemão *standard*, de tipo *Deutsch* (ALTENHOFEN, 2016).

Devido aos movimentos migratórios de um território a outro, pode-se dizer que os boêmios, assim como os hunsriqueanos, os gaúchos, os nortistas, os italianos, foram “agentes de primeira ordem na difusão territorial de suas línguas ou variedades linguísticas” (ALTENHOFEN, 2014, p. 81). O mapa a seguir identifica as localidades com presença de boêmios, bávaros e bucovinos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Argentina e Chile.³⁴

³⁴ Ver também *Sudetendeutsche in aller Welt: Vereinigung der Sudetendeutschen von Rio Grande do Sul (Linha Isabel); Asociacion de Sudete-Alemanes en la Argentina (Buenos Aires); Kolonie Sudetia (Villarica)*. Disponível em: www.sudeten-bw.de. Acesso em 10.05.2018.

Figura 3: Área de ocorrência de imigração de boêmios (Bo), bucovinos (Bu), bávaros (Ba) e tirolezes (Ti) no Brasil, Argentina e Chile



Fonte: de autoria própria, adaptado do mapa-base do ALMA-H

A imigração de boêmios a Santa Catarina, a localidades como São Bento do Sul³⁵ e Joinville, pertencentes à Colônia Dona Francisca, deu-se a partir de 1873, com a instalação de 480 famílias do oeste e do norte da Boêmia. Migrações sucessivas de boêmios ocorreram nas décadas de 1870 e 1880, muitas vezes com a chegada de familiares da geração dos pais e irmãos e primos dos primeiros imigrantes. Já a vinda de bucovinos tem seu início no ano de 1887, quando 77 famílias de bucovinos, essencialmente católicos, se assentaram em Rio Negro³⁶, no Paraná. Entre esses bucovinos, ainda se encontram falantes de uma base dialetal essencialmente bávara. Esta, aliás, aparece subsumida também em outras denominações, como tirolês (SCHABUS, 2009) e austríaco (em Santa Catarina). Trata-se de um campo terminológico bastante fluido, no contexto brasileiro, que requer atenção em estudos futuros.

Nessas comunidades de falantes de base imigrante boêmia, identificam-se práticas linguísticas características, em espaços privados ou mesmo públicos, como as sociedades de tiro, de canto, de leitura, de orquestra, bem como os cultos e missas ou as aulas no colégio. Os salões de sociedades de canto e leitura abrigaram, por exemplo, reuniões, ensaios, encontros em torno da música e da leitura, bem como festas e outros eventos, em que a língua dos imigrantes era falada. Já a escola, muitas vezes, assumiu múltiplas funções, servindo às aulas, às reuniões das sociedades que não possuíam seus próprios salões, a velórios, bem como para realizar festas da comunidade católica ou evangélica.

Esses espaços constituem o que Altenhofen (2014) denomina de *territorialidade*, isto é, o espaço de uso real ou potencial de uma variedade linguística, em contraposição ao espaço físico-geográfico de uso da língua, que representa um determinado *território*. Atualmente, pode-se citar como territorialidades da língua de imigração mais comuns nas comunidades em estudo um encontro de amigos para jogar baralho em um bar, os cultos e missas, as festas da igreja, as “roda de chimarrão” entre a vizinhança, o “jantar-baile” da comunidade e os jogos de futebol.

³⁵ *De Liberec/Reichenberg a São Bento do Sul: boêmios alemães no alto da serra em Santa Catarina – situação a 120 anos segundo testemunho de visitante da região de Eifel*. Disponível em http://www.revista.brasil-europa.eu/133/Reichenberg-Santa_Catarina.html. Acesso em: mai. 2018

³⁶ *O Município*. Disponível em: http://camaraderionegro.pr.gov.br/?page_id=33. Acesso em: mai..2018.

1.1.4 Variação e mudança linguística na topodinâmica dos boêmios

Ao abordar a topodinâmica do *Böhmisch* entre sua matriz de origem, no norte da Boêmia, e o Brasil, após quase 150 anos (o equivalente a cerca de cinco gerações), é de se supor uma mudança linguística em tempo real. Desde que há uma série de fatores operando sobre a língua, a mudança não se dá de forma homogênea, e sim implica em variação linguística. Em que consiste, no entanto, essa mudança e variação linguística?

É certo que ela ocorre de forma lenta, gradual, e ininterrupta, como diria Faraco (2005). Mas é certo também que não podemos esperar uma mudança regular e uniforme, como se costuma afirmar, pois lidamos com diferentes línguas e variedades em contato e, conseqüentemente, com uma complexidade de usos e competências que não se restringe a uma língua uníssona, mas se apresenta como um “complexo variacional” (*variety complex*, conforme THUN, 2010b), que converge ou diverge na fala dos membros das comunidades de falantes pesquisadas. Por isso, falar de variação e mudança linguística de uma língua de imigração em contato com diferentes línguas e variedades sob condições distintas de acesso a uma norma culta (*Dachsprache*) e sob a pressão de uso da língua dominante do entorno não é tarefa que possa se restringir à configuração interna da língua. Há outras possibilidades que é preciso aventar, que são de ordem mais tipológica:

- 1) Pode haver uma standardização ou desdialetalização;
- 2) Pode ocorrer um nivelamento linguístico entre variedades em contato (*Sprachausgleich*);
- 3) Pode se dar uma substituição linguística ou de variedade (*language shift* ou *variety shift*);
- 4) Pode se conservar uma forma arcaica da língua (postura mais conservadora);
- 5) Pode a língua ser romanizada (postura mais inovadora);
- 6) Mesmo o *status* e a função da língua imigrada pode ter sofrido mudanças.

Evidentemente, não queremos tirar do conceito de mudança o sentido de uma mudança no sistema da língua (sobretudo nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico). Mas a consideração de “questões maiores” requer também a consideração do pesquisador (cf. ALTENHOFEN, 2019).

O termo *variedade* exige, nesse sentido, uma explanação. Originalmente, teria surgido na biologia, para designar a variedade de determinado tipo de planta. Besch e Wolf (2009, p. 115) apontam que, ao surgir na sociolinguística anglo-saxã (*variety, varieties*), esse termo contribuiu significativamente para uma mudança de visão da língua *standard*/língua nacional como construtos homogêneos, passando a ser visto como um aglomerado de línguas de grupo, com determinadas marcas em comum, distintas da de outro grupo. Na relação entre essas chamadas variedades, se observam, segundo Auer et al. (2005), processos de convergência (de acomodação) e divergência (variação). Weinreich (1954, p. 395) considera a convergência e a divergência como objetos de estudo da dialetologia diacrônica.

(a) with DIVERGENCE, i.e. it studies the growth of partial differences at the expense of similarities and possibly reconstructs earlier stages of greater similarity (traditionally, comparative linguistics); (b) with CONVERGENCE, i.e. it studies partial similarities increasing at the expense of differences (traditionally, substratum and adstratum studies, 'bilingual dialectology, and the like').³⁷

Isso significa que, às custas de similaridades, os falantes colocam em ação movimentos de divergência, enquanto que, às custas de diferenças, os mesmos ativam movimentos de convergência linguística. A divergência é explicada por Siegel (1983) como a exaltação das diferenças linguísticas e sociais, por meio da repetição de marcas linguísticas fonéticas e lexicais em diferentes situações de comunicação por exemplo. Já a convergência linguística é relacionada pelo mesmo autor com a adaptação da própria fala à fala do outro, com a finalidade de reduzir diferenças. *“In face-to-face interaction, speakers accommodate to each other linguistically by reducing the dissimilarities between their speech patterns and adopting features from each other`s speech”* (TRUDGILL, 1974, p. 39).³⁸ Nesse ajustamento à fala do outro, o falante tende a evitar o que Trudgill (1974, p. 11) chama de *saliência*, ou seja, marcas linguísticas associadas à incompreensão, estigma, distância fonética da fala do interlocutor.

Logo, o estudo da divergência no alemão dos descendentes boêmios poderá ajudar a revelar aspectos da configuração linguística em estágios anteriores do seu desenvolvimento,

³⁷ Tradução livre minha: “(a) com DIVERGÊNCIA, isto é, o estudo do crescimento de diferenças parciais à custa de semelhanças e possivelmente reconstrução de estágios anteriores de maior semelhança (tradicionalmente, linguística comparada); (b) com CONVERGENCE, isto é, o estudo de similaridades parciais aumentando às custas das diferenças (tradicionalmente, estudos de substrato e adstrato, 'dialetologia bilíngue e similares)” (WEINREICH, 1954, p. 395).

³⁸ Tradução livre minha: “Na interação face a face, os falantes se acomodam linguisticamente, reduzindo as diferenças entre os padrões de fala e adotando características do discurso um do outro” (TRUDGILL, 1974, p. 39).

que podem estar vinculados ao estado da língua na época da imigração, por exemplo. Já a análise da convergência poderá contribuir na compreensão das similaridades entre o alemão dos boêmios e as variedades de outros grupos em contato, devido à provável tentativa de redução das diferenças. Na acomodação linguística, o falante estaria antes preocupado com o ajuste da sua fala à do outro do que em fazer com que o interlocutor se acomode a sua fala, conforme Trudgill (1974, p. 23): “[...] *in addition to the sociopsychological factors which lie at the root of accommodation (such as the desire not to be too different), the desire to be intelligible is also an important factor*”.³⁹ Nesse caso, as modificações durante a acomodação estariam sendo motivadas pela tentativa de facilitar a compreensão.

Conforme Faraco (2005), variantes linguísticas estão em constante competição, podendo, porém, haver fases intermediárias, em que duas ou mais variantes podem coexistir, até que uma delas se sobressaia. Assim, em se tratando do alemão falado pelos descendentes boêmios, a maior regularidade de variantes originais da matriz de origem poderá indicar a tendência de manutenção da variedade dialetal original. Já a maior regularidade de elementos nivelados com as outras variedades em contato revelaria a tendência de acomodação ao alemão do entorno. E, a maior regularidade de variantes [+standard] estaria relacionada à tendência de aproximação com a variedade *standard*. Os três processos podem estar presentes, porém com maior predominância de um ou outro, dependendo da localidade.

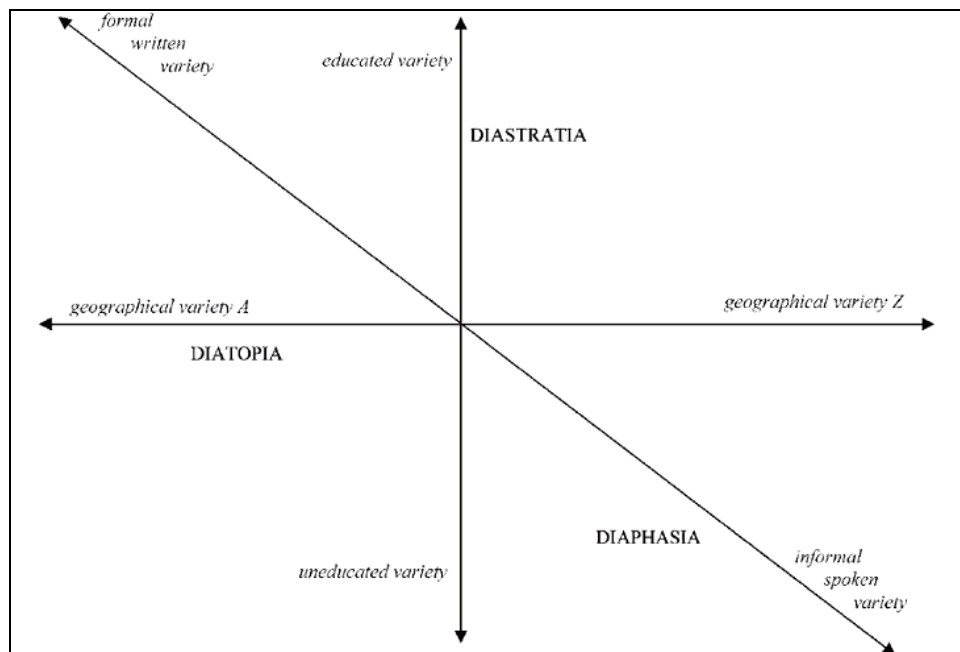
A mutabilidade das línguas no tempo é um pressuposto da análise diacrônica, enquanto que a relativa imutabilidade das línguas é um pressuposto da análise sincrônica. Enquanto a primeira integra um estudo linguístico na dimensão histórica, a segunda engloba um estudo na dimensão estática. Neste, descreve-se “as características da língua vista como um sistema estável num espaço de tempo aparentemente fixo” (FARACO, 2005, p. 95). Para a compreensão da língua em sua diacronia, Saussure (1916) afirma ser imprescindível a análise de diferentes estados da língua (eixo da sincronia). Porém, mesmo no eixo da sincronia, a língua não é estática, pois está em movimento constante e varia. Coseriu (1974) concebe a língua como um sistema sempre em movimento, que exige a integração das análises nos eixos diacrônico e sincrônico.

Segundo Berruto (2010), o espaço linguístico é composto por variedades linguísticas e, metaforicamente, uma língua pode ser concebida como um espaço linguístico, como uma cena ocupada por entidades linguísticas. A variação inerente à língua não se manifesta de

³⁹ Tradução livre minha: “[...] além dos fatores sociopsicológicos que estão na raiz da acomodação (como o desejo de não ser muito diferente), o desejo de ser inteligível também é um fator importante” (TRUDGILL, 1974, p. 23).

forma aleatória, mas de forma organizada, podendo ser analisada em diferentes dimensões, conforme mostra o esquema a seguir:

Figura 3: Esquema tridimensional para representar a a relação entre variação diatópica, diastrática e diafásica



Fonte: Berruto (2010, p. 237)

O esquema acima aponta quatro axiomas da variação linguística: (i) a língua varia com o passar do tempo; (ii) a língua varia conforme a distribuição geográfica dos falantes; (iii) a língua varia conforme o grupo sociocultural em que os falantes se inserem; e (iv) a língua varia com as situações comunicativas em que é empregada. As dimensões de análise sugeridas por Berruto (2010) dialogam com as dimensões da variação apontadas por Coseriu (1980): (i) dimensão diacrônica: variação ao longo do tempo; (ii) dimensão diatópica: variação no espaço físico-geográfico; (iii) dimensão diastrática: variação entre classes socioeconômicas e grupos sociais; (iv) dimensão diafásica: variação entre situações comunicativas. Berruto (2010), Labov (1994), entre outros, destacam que a variação no eixo da sincronia, isto é, o estado da língua em um dado momento, está correlacionada à variação no eixo da diacronia, isto é, à mudança da língua ao longo do tempo.

Observado o complexo quadro da variação e mudança linguística em situação de migração, passemos ao próximo tópico, que diz respeito à dimensão contatual de análise fortemente presente no contexto deste estudo.

1.2 Migrações e contatos linguísticos na constituição do *Böhmisch*

Toda migração é acompanhada por uma mudança na rede de contatos linguísticos de um ponto a outro na escala migratória. As línguas e variedades em contato no território de partida se diferem daquelas presentes no novo território e podem colocar em processo mudanças na língua falada pelo grupo migratório e também nas línguas faladas pelos que já habitam os pontos de destino. Esta subseção analisa os contatos linguísticos do *Böhmisch* na matriz de origem e no novo contexto no Brasil, além de processos comuns nos contatos linguísticos, como a desdiglossização, o nivelamento linguístico e a coineização.

A dialetologia pluridimensional e relacional se concentra sobre novos campos de observação, na medida em que não se interessa estritamente por dialetos considerados “puros”, livres de qualquer contato com outras línguas ou variedades, preservados por gerações mais velhas, em áreas rurais isoladas. Segundo Altenhofen e Thun (2016, p. 2), “[...] não é mais o falante estável, topostático, portanto fixo à localidade, que representa o grupo mais comum, e sim o falante móvel, topodinâmico, que migra e muda de lugar na sua vida”. Logo, a atenção deve recair sobre o conjunto das variedades mistas, para dar conta da complexidade de relações em jogo no contato entre línguas minoritárias e majoritárias, formas regionais e diferentes estilos de fala, considerando “[...] *el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastando con el de los grupos topostáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística*” (THUN, 1998, p. 706).

As rodovias e as novas tecnologias da comunicação funcionam como importantes canais de difusão das línguas e de novos contatos linguísticos. O encontro intercultural e interlinguístico é inevitável e está correlacionado às mudanças sociais, econômicas e políticas na sociedade. “O estado normal de uma língua ou variedade é estar em contato com outras línguas e variedades. O isolamento absoluto configura antes a exceção”. (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 3). Em um estudo realizado por Thun (1996), constatou-se que a busca por informantes sedentários não obteve êxito, pois no norte do Uruguai prevaleceram, em sua maioria, informantes móveis (os quais se decidiu incluir na categoria topostática) e outros extremamente móveis (considerados portanto topodinâmicos). “A mobilidade espacial [...] coloca a necessidade de uma dialetologia não apenas pluridimensional, que combina fatores sociais e geográficos, mas também dinâmica” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 5), capaz de captar a dinamicidade e o movimento da língua no espaço. Em seu percurso de migração, a

variedade falada pelo grupo migratório entra em contato com outras variedades e línguas e “desse movimento podem resultar novas configurações linguísticas, que incluem sobreposições de variantes, amálgamas, substituições, mudanças etc.” (ALTENHOFEN; THUN, 2016, p. 6).

1.2.1 “Dialeto”, “língua histórica” e “língua minoritária”

Como já mencionado, os boêmios apresentam-se, na sua origem, como um grupo de alemães oriundos da Baviera, da Turíngia e da Saxônia, que se direcionaram para a Boêmia, Morávia e Silésia, entre os séc. XII e XVII e, de lá, ao Brasil, na segunda metade do séc. XIX. Na Boêmia, predominou uma distribuição descontínua, com formação de comunidades com reduzida diversidade étnica, onde os tchecos, por exemplo, configuravam uma minoria. Até fins do séc. XIX, quando ocorre a emigração para o Brasil, a língua alemã era a língua dominante nessa região. Levando em consideração o contexto de origem dos imigrantes boêmios, adota-se, nesta pesquisa, a designação *Böhmisch*, para se referir à língua desse grupo migratório. Discute-se, nesta subseção, o que se compreende por *Böhmisch*. Trata-se de uma língua, um dialeto, ou uma variedade linguística no sentido amplo? De qual língua? Qual seu *status* enquanto língua, hoje, no Brasil?

Coseriu (1982) concebe *dialeto* como um modo interindividual de falar, ou seja, um modo comum de falar que se constitui entre indivíduos que interagem. Um modo comum de falar, por sua vez, é um sistema de isoglossas que se realiza no falar em si. E um sistema de isoglossas completo, entendido como uma atividade linguística, constitui uma língua. Coseriu (1982, p. 10) aprofunda o conceito de língua como “*sistema de isoglossas comprobadas en una actividad lingüística completa, es decir, que consiente el hablar y el entender de varios individuos de acuerdo con una tradición históricamente común*”. Segundo Coseriu, a tradição pode se firmar dentro de limites diversos, por exemplo, dentro dos limites de uma localidade, de uma cidade, de uma região, de uma família. Todo sistema que pode funcionar na fala, na forma de atividade linguística, configura uma língua.

Logo, segundo Coseriu (1982, p. 10/11), não há diferença substancial entre dialeto e língua. “*Intrínsecamente, un dialecto és una lengua: un sistema fónico, gramatical e léxico [...]. Pero, si todo ‘dialecto’ es una lengua, no toda ‘lengua’ es un dialecto*”. Ou seja, sistemicamente um dialeto equivale a uma língua, pois é composto pelos mesmos níveis

linguísticos que uma língua, possuindo regras de organização e funcionamento, isto é, uma lógica em sua estrutura e em seu uso. O que distingue um dialeto de uma língua é sua subordinação histórica a uma determinada língua. Por exemplo, o *Hunsrückisch* e o *Böhmisch* equivalem, historicamente, a subsistemas do alemão, como o vêneto é do italiano, o mbyá do guarani. Assim como o dialeto, a língua também é um sistema de isoglossas, porém, diferente daquele, já que configura um sistema linguístico não realizável imediatamente no falar. Uma mesma língua pode englobar uma série de dialetos, em outras palavras, variedades que se diferenciam entre si.

Se o conceito de “dialeto” se refere a um subsistema subordinado a uma língua, a “língua histórica”, como propõe Coseriu (2017 [1980]), abarca o conjunto de variedades da mesma língua. Alemão é, nesse sentido, a língua histórica da qual faz parte, especificamente, o *Böhmisch*. Segundo o autor, os limites da tradição linguística não se estabelecem localmente, mas sim historicamente, isto é, são reconhecidos ao longo do tempo por seus falantes e pelos falantes de outras línguas. “*Hay, entre ‘lengua’ y ‘dialecto’, diferencia de estatus histórico: um ‘dialecto’, sin dejar de ser intrínsecamente una ‘lengua’, se considera como subordinado a otra ‘lengua’, de orden superior*” (COSERIU, 1982, p. 12). Assim, pode-se falar de dialeto como uma língua menor dentro de uma língua maior, que é uma língua histórica. Sendo esta uma “‘família’ histórica de modos de hablar afines y interdependientes [...] como conjunto de ‘dialectos’” (COSERIU, 1982, p. 12). Em outras palavras, os diversos modos de falar correspondem a convenções da fala, já que estão ligados a uma tradição historicamente comum. Nessa perspectiva, o *Böhmisch* se define como um sistema de isoglossas que se constitui na fala, ou seja, como uma atividade linguística, também entendido como uma língua menor ou um dialeto, que está subordinado a uma língua maior, a qual foi constituída historicamente e definida pelos seus falantes e por falantes de outras línguas como sendo o alemão.

Os critérios de grau de semelhança e de intercompreensão, conforme Coseriu (1982), não são suficientes para diferenciar uma língua de outra ou um dialeto de outro, na medida em que as diferenças entre duas línguas históricas podem ser muito menores do que as diferenças entre dialetos no interior de uma língua histórica. Em outras palavras, pode haver maior compreensão entre duas línguas históricas distintas do que entre dois dialetos pertencentes a uma mesma língua histórica. Como exemplos de línguas históricas que permitem compreensão mútua, pode-se citar o português e o espanhol, já que se trata de um par de línguas históricas que, em suas origens, se cruzam. Em contraposição, é quase nula a

intercompreensão entre o português e o guarani, ou o alemão e o tcheco, visto que suas origens estão distantes uma da outra. Por outro lado, o *Böhmisch*, o *Hunsrückisch*, o *Westfälisch*, o *Pommerisch*, enquanto dialetos, não se relacionam a qualquer outra língua comum senão o alemão. Isso, porém, não impede graus de semelhança e intercompreensão diversificados entre um dialeto e qualquer um dos outros dialetos, sendo, por exemplo, a semelhança entre o *Böhmisch* e o *Hunsrückisch* maior, por ambos pertencerem ao médio-alemão (*Md.*), do que entre o *Böhmisch* e o *Pommerisch*, já que este último provém do baixo-alemão (*Nd.*).

Uma língua histórica, compreendida como um conjunto de sistemas linguísticos, segundo Coseriu (1980, 1982), não funciona direta e imediatamente pela fala, mas apenas por suas variedades linguísticas, isto é, como sistemas linguísticos autossuficientes. Um dialeto pode funcionar como um sistema linguístico autossuficiente, ou seja, como uma variedade linguística, mas não necessariamente. “*Como la única condición para un ‘dialecto’ es que se trate de un sistema de isoglosas incluido en una lengua histórica [...], también los dialectos pueden abarcar – y normalmente abarcan – toda una serie de variedades*” (COSERIU, 1982, p. 17). Nessa perspectiva, como o *Böhmisch* está presente não apenas em diferentes estados do Brasil, mas também na Romênia, na Ucrânia, entre outros países, além de se constituir como uma variedade pertencente ao alemão, coloca-se também como termo guarda-chuva para uma série de variedades linguísticas. Pois, os modos de falar *Böhmisch* no Brasil são primordialmente diferentes dos modos de falar *Böhmisch* na Romênia; assim também o *Böhmisch* falado no Rio Grande do Sul pode ser distinto do *Böhmisch* falado em Santa Catarina e, até mesmo, o *Böhmisch* de Agudo pode ser distinto do *Böhmisch* de Imigrante, assim como pode haver diferenças de variedades entre épocas distintas, em outras palavras, diferentes variedades linguísticas na sincronia e na diacronia.

As variedades linguísticas, por sua vez, podem funcionar como línguas ou dialetos, ou até subdialetos, dependendo da perspectiva adotada: “*‘lenguas’, si se delimitan independientemente de su relación con otros sistemas [...]; ‘dialectos’, si se delimitan directamente dentro de una lengua histórica [...]; y ‘subdialectos’, si se delimitan dentro de un dialecto*” (COSERIU, 1982, p. 17). Isso significa que toda língua, todo dialeto e todo subdialeto são variedades linguísticas, porém nem todas as variedades linguísticas são línguas, dialetos e subdialetos, dependendo da abordagem. “*Variety is defined as a subsystem of a language characterized by internal linguistic cohesion, clear system boundaries (separating it from other varieties), well-defined pragmatic functions and an emic status* (cf. LENZ, 2003,

2004b, 2005a)”.⁴⁰ Nesse caso, uma variedade sempre está subordinada a uma língua, o que significa que uma língua não pode ser uma variedade, já que é um sistema maior. No presente estudo, adota-se a perspectiva de Coseriu (1982) sobre variedades linguísticas, na medida em que se entende que as variedades linguísticas faladas pelos descendentes boêmios na variação diatópica configuram subdialetos, pois estão em relação com determinado dialeto ou variedade maior, no caso, o *Böhmisch*, o qual, por sua vez, está circunscrito a uma língua histórica, o alemão.

Lenz (2010, p. 296) restringe, por outro lado, o conceito de “dialeto” à variedade que apresenta o maior número de marcas divergentes (por conseguinte, [+dialeto]), que a distanciam do *standard*, que é, contrariamente, a variedade “mais alta”, no contínuo variacional da língua.⁴¹ Há, no interior de cada língua, variedades mais estandardizadas e outras mais dialetais que se situam respectivamente ou mais acima (portanto, mais perto do topo [+*standard*]), ou mais abaixo (isto é, mais próximo da base [+dialeto]) do contínuo variacional de uma língua. Dessa forma, variedades [+*standard*] se opõem a variedades [+dialeto], isto é, quanto mais dialetal for uma variedade, mais distante do *standard* ela será.

Ao aprofundar o conceito de dialeto, Lenz (2010, p. 296) acrescenta que “*a dialect is [...] a variable subsystem with a varying degree of internal substructure, which can exist alongside other dialects or “beneath” other diatopic varieties with a greater areal distribution*”.⁴² A noção de dialeto como subsistema variável pode explicar a variação existente no interior do *Hunsrückisch* bem como do *Westfälisch*, do *Pommerisch* e do próprio *Böhmisch*, podendo haver elementos linguísticos em comum entre um dialeto e outro.

O alemão está, entre as 58 línguas de imigração identificadas no Brasil, representado com 14 variedades linguísticas (ver ALTENHOFEN, 2019). Contudo, apesar da diversidade de línguas presente no contexto brasileiro, às quais se soma um total de mais de 300 línguas, dentre as quais 274 línguas indígenas (IBGE, 2012), são faladas em torno de 300 línguas em território brasileiro, a quantidade de falantes das línguas de imigração ainda é restrita. Altenhofen (2013, p. 107) fala de em torno de 1% do número de brasileiros falantes de uma língua diferente do português, isto é, a diversidade de línguas e variedades está concentrada

⁴⁰ Tradução livre minha: “A variedade é definida como um subsistema de uma língua caracterizada pela coesão linguística interna, limites claros do sistema (separando-a de outras variedades), funções pragmáticas bem definidas e um status êmico” (LENZ, 2010, p. 296).

⁴¹ “[...] *dialect can in turn be defined as the “lowest” (most linguistically divergent from the standard) and the most spatially confined variety in the dialect-standard constellation*” (LENZ, 2010, p. 296).

⁴² Tradução livre minha: “Um dialeto é [...] um subsistema variável com um grau variado de subestrutura interna, que pode existir ao lado de outros dialetos ou abaixo de outras variedades diatópicas com uma distribuição aérea maior” (LENZ, 2010, p. 296).

em um contingente demográfico extremamente reduzido. Esse contingente tem evocado a noção de “língua minoritária”, que mantemos, na presente tese, apesar da posição de alguns autores em favor do correlato *língua minorizada*. Por *língua minoritária* compreende-se, nesse sentido, uma

[...] modalidade de línguas e variedades usadas à margem, ou ao lado, de uma língua (majoritária) dominante. O ‘status político’ constitui, nesta definição, o critério central para o conceito de língua minoritária, muito mais do que a ‘representatividade numérica’ ou o ‘status social’ de seus falantes” (ALTENHOFEN, 2013, p. 94).

Uma língua pode assumir *status* e posição de língua majoritária ou minoritária, central ou periférica, ou, ainda, de língua oficial ou marginal, independente do número de falantes. No entanto, é da essência da língua minoritária ocupar uma posição marginal ou à parte política e socialmente, e também numericamente, mesmo que ocupe uma posição de poder ou até de prestígio. O alemão no Brasil é uma prova dessa relação: ele mantém o *status* de língua marginal e minoritária, mas, dependendo da localidade, assume posição de língua central, pois compete com o português na ocupação dos espaços sociais. O próprio alemão dos boêmios, que no Brasil constitui, nessa definição, uma língua minoritária, já foi majoritário na Boêmia, segundo Flores (1983, p. 171)

Na década de 1860, os tchecos trabalhavam na Boêmia alemã como aprendizes, criados, operários de fábrica, ajudantes [...]. Os mestres tchecos faziam questão de aprender a língua alemã, pois assim tinham mais facilidade de se imporem como profissionais e progredirem. Educavam seus filhos como alemães [...].

Lembrando que os tchecos, até o final do séc. XIX, eram minoria no território da Boêmia e viviam em ilhas linguísticas rodeadas de alemães, o que os forçava a aprenderem o alemão para poderem se integrar. Somente após a mudança da Monarquia Habsburga em uma dupla monarquia Áustro-Húngara é que começam os primeiros esforços de sobreposição da língua tcheca ao alemão falado na Boêmia. O temor frente a um possível nivelamento boêmio originou um distanciamento por parte dos tchecos em relação aos seus vizinhos alemães boêmios. “Ao final da década de 1870, os tchecos moradores em território boêmio passaram a lutar por sua igualdade no trato e no uso da língua tcheca nas escolas, mesmo quando minoritários” (FLORES, 1983, p. 171). Os fatos apontam para uma tentativa frustrada de elevação do *status* da língua tcheca no território boêmio, já que a mobilização empreendida

pelos alemães boêmios ajudou a conter, pelo menos até o início do séc. XX, a sobreposição da língua tcheca ao alemão.

Com a dissolução da Monarquia Áustro-Húngara (1918) e com a busca pela nacionalização tcheca, o alemão entrou em processo de perda do seu *status* de língua majoritária. Os poucos alemães que conseguiram permanecer na Boêmia depois da expulsão, passaram a falar o alemão já como língua minoritária. Com a imigração ao Brasil, o *Böhmisch* perdeu seu status para a língua majoritária português, e passou a assumir o *status* de língua minoritária. Como se vê, o *status* minoritário ou majoritário de uma língua é dinâmico e varia de um espaço a outro e também de uma época a outra.

1.2.2 Falante monolíngue e falante plurilíngue

A análise de situações de contato linguístico leva inevitavelmente à constatação do plurilinguismo, isto é, da habilidade de usar enunciados simples em uma E outra língua, para se comunicar. As definições de *bilinguismo*, hoje comumente estendido à noção de *plurilinguismo*, tem oscilado entre dois extremos, ora como domínio de duas línguas com proficiência próxima da de um *native speaker* (HAUGEN, 1953), ora como conhecimento, mesmo parcial, de mais de uma língua. Além disso, tem-se associado o bilinguismo muitas vezes, de forma restrita, à habilidade oral, excluindo, portanto, a compreensão de uma segunda língua. No entanto, o bilíngue altamente proficiente em duas ou mais línguas configura antes a exceção, já que o normal é, se não falar mais de uma língua, ao menos mais de uma variedade da mesma língua e desenvolver conhecimentos passivos em outras línguas e variedades. A mobilidade da sociedade faz emergir contatos linguísticos diversos que geram novas formas de interação em que são necessários conhecimentos em outras variedades e línguas.

Tendo em vista a dificuldade de estabelecer o ponto de corte do quanto de uma língua ou de outra seria necessário para alguém ser considerado bilíngue, o que varia de indivíduo para indivíduo, seguimos neste estudo a recomendação de Mackey (1972, p. 556), que define o bilinguismo como um conceito relativo, isto é, como “um padrão de comportamento que envolve práticas linguísticas que mudam mutuamente, variando em grau, função, alternância e

interferência”.⁴³ Nessa perspectiva, mais do que definir se determinado indivíduo é bilíngue ou não, é importante compreender em que medida determinado indivíduo é bilíngue ou plurilíngue. O grau de bilinguismo se refere, neste sentido, a quanto o falante consegue falar, escrever, ler e entender em cada uma das línguas/variedades. A função envolve a finalidade social no uso de cada variedade/língua. A alternância engloba saber em que medida o falante muda de uma língua/variedade a outra e em que condições. Já a interferência está ligada ao quanto o falante separa uma variedade/língua da outra ou as une.

Para os fins deste estudo, de qualquer forma, a relevância do plurilinguismo está em considerar que os falantes dos contextos analisados se caracterizam por um repertório linguístico que abarca elementos de diferentes línguas e variedades com as quais estão em contato, desde a sua infância – e, principalmente, que eles podem fazer uso desse repertório quando o seu interlocutor também é plurilíngue. Essa constatação, por mais óbvia que pareça, passa muitas vezes despercebida do pesquisador que descreve uma língua ou variedade em contato. Mesmo o senso comum manifesta, muitas vezes, atitudes negativas em relação ao que considera uma “mistura linguística”, considerando o emprego alternado do repertório linguístico composto por duas ou mais línguas ou variedades costuma gerar uma confusão, um domínio deficiente das línguas envolvidas. *“In Wirklichkeit jedoch verlangt ein solcher Sprachgebrauch hohe Kompetenzen; er wird außerdem mehrfach durch die kommunikativen Praktiken des Alltags gerechtfertigt“* (ALTENHOFEN, 2019, p. 7).⁴⁴

Nas comunidade-alvo desta pesquisa, é comum que as pessoas falem mais de uma língua/variedade (*Westfälisch, Hunsrückisch*, português e, em alguns casos, têm conhecimento passivo do italiano). “Como o repertório linguístico deles engloba diversas línguas e variedades, os falantes dispõem de competências que lhes possibilitam mudar de uma língua e variedade a outra na comunicação local” (ALTENHOFEN, 2019, p. 6, tradução livre minha).⁴⁵ As habilidades em relação às línguas de um repertório podem, por outro lado, ser variáveis, o que demonstra a complexidade que envolve o plurilinguismo.

Com a imigração ao Brasil, o português, como língua majoritária, e o italiano, como minoritária, além de novas variedades do alemão, entram em contato com o repertório dos

⁴³ “Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in degree, function, alternation, and interference” (MACKEY, 1972, p. 556).

⁴⁴ Tradução livre minha: “Na realidade, porém, tal uso linguístico exige altas competências; ele também se justifica de vários modos através das práticas comunicativas do cotidiano” (ALTENHOFEN, 2019, p. 7).

⁴⁵ *“Da ihr Sprachrepertoire mehrere Sprachen und Varietäten umfasst, verfügen sie über Kompetenzen, die ihnen ermöglichen, in der lokalen Kommunikation von einer Sprache und Varietät zur anderen zu wechseln”* (ALTENHOFEN, 2019, p. 6).

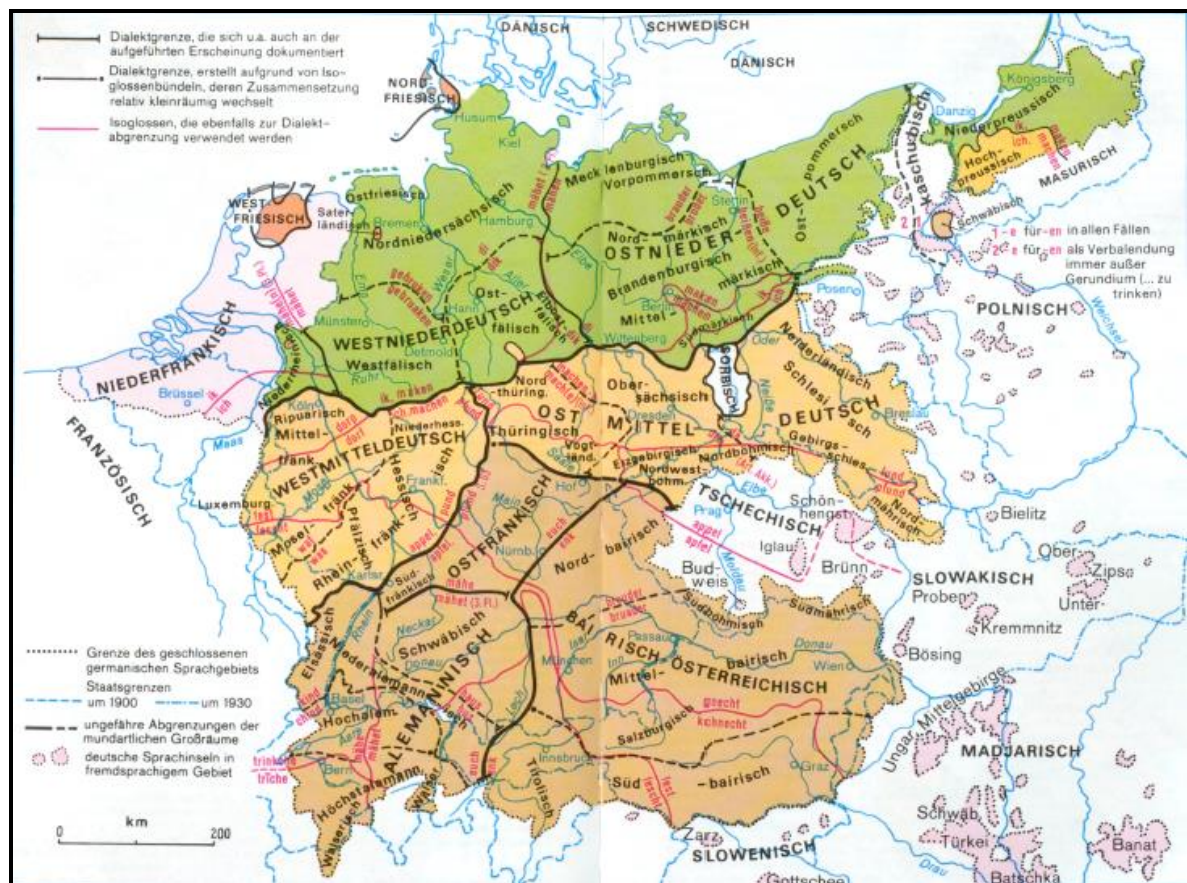
boêmios. Os imigrantes e descendentes podem apresentar conhecimentos em graus variados de cada uma dessas línguas e variedades do alemão, podendo uma ou outra predominar. O bilíngue fluente, segundo Romaine (1995), fala mais de uma língua ou variedade, das quais uma pode predominar, visto que – em nossa definição –, para ser bilíngue, não é preciso que o falante domine na mesma proporção ambas as línguas ou variedades. Contudo, pode-se supor que a língua dominante, das localidades de pesquisa desta tese, na geração mais velha ainda seja o alemão, na geração mais jovem, por outro lado, já seja o português, sobretudo nas habilidades escritas (*Dachsprachenwechsel*). Em ambas as gerações, a aquisição do alemão, no ambiente familiar, antecede o português, que é aprendido a partir da entrada na escola.

Os falantes apresentam, portanto, um repertório linguístico que pode ser caracterizado como uma rede de variedades (*Varietätenbündel*, ALTENHOFEN, 2019, p. 8), em que cada uma delas pode estar associada com graus de domínio e funções variados. Esta questão irá retornar na análise de dados.

1.2.3 Contatos linguísticos da matriz de origem, na área do *Ostmitteldeutsch*

O alemão foi falado, ao longo da história, em três grandes áreas físico-geográficas e culturais de seu território de origem: a do baixo-alemão (*Nd.*), a do médio-alemão (*Md.*) e a do alto-alemão (*Obd.*). O baixo-alemão divide-se entre o baixo-alemão do leste e do oeste (*Ostnd. e Westnd.*, respectivamente), assim como o médio-alemão engloba uma área a leste e a oeste (*Ostmd. e Westmd.*, respectivamente), enquanto o alto-alemão conta com uma área francônia (*Fränkisch*), uma área alamano-suábica (*Schwäbisch-Alemmanisch*) e uma área bávara-austríaca (*Bairisch-Österreichisch*). O mapa a seguir serve para visualizar essas três grandes áreas.

Figura 4: Áreas dialetais do alemão

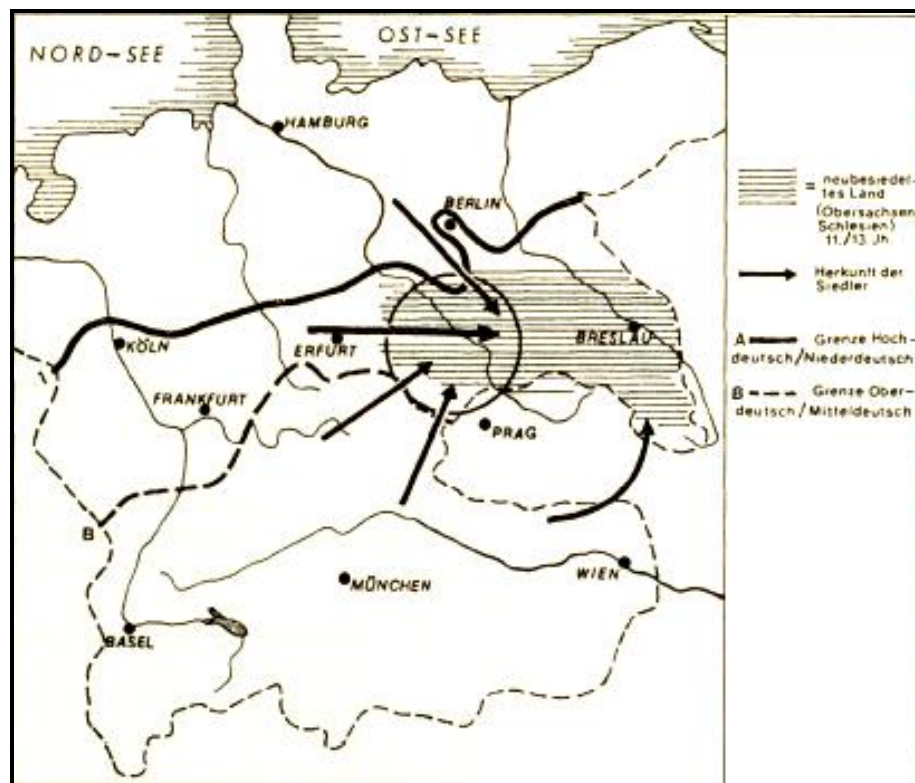


Fonte: König et al. (2015, p. 230-231)

Toda a área linguística do médio-alemão oriental (*Ostmd.*) desempenhou papel central na formação do moderno alto-alemão (*Nhd.*): “*Im mitteldeutschen Osten der Mark Meißen*

trafen sich Siedlerströme aus dem niederdeutschen, dem mitteldeutschen und dem oberdeutschen Raum, die sich mischten und eine Ausgleichssprache als Kompromiss bildeten“ (KÖNIG et al., 2015, p. 93).⁴⁶ O termo *Ausgleichssprache* (‘língua nivelada’) teria sido empregado anteriormente por Frings (1957), para descrever o resultado das influências de uma variedade na outra no território de transição de *Obersachsen* e *Schlesien* na Idade Média. Como língua franca, a língua nivelada pode ser vista como efeito dos contatos linguísticos em atuação na região *Ostmd.*, entre imigrantes falantes de dialetos oriundos dos espaços linguísticos *Md.*, *Obd.* e *Nd.*, que para lá migraram ao longo dos séc. XI a XIII, como apresentado pelo mapa a seguir:

Figura 5: A língua escrita do moderno alto-alemão como língua de nivelamento na área *Ostmitteldeutsch* (Teoria de Frings, 1957)



Fonte: Besch e Wolf (2009, p. 62)

Segundo Besch e Wolf (2009), partindo da teoria de Frings (1957), a pressão para entendimento entre os falantes teria motivado o desenvolvimento dessa *Ausgleichssprache*, a

⁴⁶ Tradução livre minha: “Na área do médio-alemão oriental, em Meißen, encontraram-se correntes migratórias oriundas do baixo-alemão, do médio-alemão e do alto-alemão, que se misturaram e formaram uma língua nivelada como compromisso” (KÖNIG, 2015, p. 93).

qual se tornaria peça-chave para a comunicação no comércio e base para a unificação linguística através da escrita. Segundo König et al. (2015), essa língua franca seria reconhecida e conquistaria espaço na Saxônia que, nessa época, era considerado o estado mais poderoso no Reino Alemão, com uma vida cultural significativa e uma posição central no comércio entre leste e oeste e norte e sul. Essa língua nivelada pode ser entendida também como uma coine (SIEGEL, 1985), já que o contato intenso com falantes de variedades dialetais diversas, emigrados das três áreas linguísticas do alemão, pode ter conduzido à formação de uma variedade para a intercomunicação desses falantes. No norte da Boêmia, a coine dialetal regional que ali se formaria é denominada de *Nordböhmisch* (KÖNIG et al., 2015).

Besch e Wolf (2009) fazem pensar em que medida se formara realmente uma língua de compromisso na Idade Média. Em uma época em que as migrações eram extremamente lentas, devido a estradas e meios de transporte escassos, é possível que o contato entre os falantes tenha sido sobretudo interno às localidades. Também König et al. (2015, p. 93) alertam que essa língua de compromisso não fora tão unificada como parecia ter sido, pois diversos aspectos linguísticos do moderno alto-alemão (*Nhd.*) são provenientes de outras áreas linguísticas e/ou se diferenciam no que diz respeito a ter passado pela 2ª mutação consonantal (*zweite Lautverschiebung*), por exemplo.

A 2ª mutação consonantal do alto-alemão ou *hochdeutsche Lautverschiebung*, segundo König et al. (2015), foi uma mudança no consonantismo que atingiu as oclusivas bilabiais (sonoras e surdas) em um processo lento entre os séc. V e VIII. König et al. (2015) explicam que as antigas plosivas desvozeadas /p/, /t/, /k/ foram deslocadas para fricativas duplas /ff/, /zz/, /hh/, em posição pós-vocálica. Em final de sílaba, e após vogais longas, essas fricativas duplas são simplificadas; e, em ataque silábico, antes de geminadas (-pp-, -tt-, -kk-) e após consoantes, sofreram uma mudança significativa de *p*, *t*, *k* para africadas /pf/, /tz (z)/, /kch (ch)/. König et al. (2015) alertam que essas mudanças atingem de forma diversa as três áreas linguísticas do alemão. A mudança de /p/ > /f(f)/ ou /pf/ ocorre apenas na área do *Obd.* (nas áreas do bávaro, alamanco e francônio oriental), não atingindo a área *Md.* A mudança de /k/ > /kch/ tem uso restrito em partes do *Obd.*, mais especificamente do *Schwitzerdütsch*. De outro lado, as antigas plosivas vozeadas /b/, /d/, /g/ evoluem para plosivas desvozeadas /p/, /t/, /k/. A passagem de /d/ > /t/ atinge sobretudo a área *Obd.* e parte do *Westmd.*, de /b/ > /p/ apenas o bávaro e o alamanco no *Obd.*, e de /g/ > /k/ principalmente o bávaro. Por fim, também ocorre o

desenvolvimento de /β/ > /d/, como por exemplo a variante *brōpar* (pt. *irmão*), que se desenvolve para *bruoder* no antigo alemão (Ahd.)

Por fim, o que é preciso ressaltar com König et al. (2015) é que essa 2ª mutação consonantal tem seu auge na área *do Westmd.*, mais especialmente no francônio renano, de onde também sai o *Hunsrück*, e se estende do sul em direção ao norte. A perpetração em diferentes graus da rotação consonantal sobre essas áreas está intrinsecamente vinculada às relações de poder político-militar-cultural desempenhadas e em concorrência nesses espaços. Em se tratando das vogais, os ditongos /ai/ e /au/ foram deslocados para monotongos /ē/, /ō/, que depois passam a ditongos /ie/ e /uo/, respectivamente. Outra mudança envolve a passagem de /a/ > /e/, /a/ > /ä/, /ā/ > /æ/, /u/ > /ü/, antes da presença de /i/, /j/ ou /ī/ na sílaba seguinte.

Antes da constituição do moderno alto-alemão, Martin Luther já havia empreendido esforços na busca de uma escrita unificada, quando traduziu a Bíblia para um alemão acessível a todos. Conforme König et al. (2015), o reformador não chegou a criar um novo sistema de escrita, apenas procurou integrar as variedades faladas no norte e no sul da Alemanha na busca de uma escrita transregional. König et al. (2015, p. 97) assinalam que Luther inicialmente oscilou entre o *Ostmd.*, *Ndt.* e *Obd.*, mas, depois, entre inúmeras combinações possíveis entre as variedades do norte e do sudeste, Martin Luther, por fim, tende a priorizar aquelas da área da Saxônia e de Meißen, na busca por uma escrita mais próxima da fala do povo e de ampla distribuição diatópica.

A diversidade de origens dos imigrantes alemães instalados na área *Ostmitteldeutsch* reflete-se, segundo Beranek (1970, p. 3), até mais recentemente, nas diferentes configurações do alemão falado principalmente até 1945/46 nessa região, em que, apesar das tendências macroareais, ainda se reconhecem, em determinadas áreas, marcas claras do bávaro, do francônio oriental, do alto-saxão, do Lausitzisch e do silésio. Nos estudos de Beranek (1970), a cartografia de dados de fala do alemão sudeto revela que é a fronteira/isoglossa entre *Md.* e *Obd.* que assume um papel importante na configuração do alemão aí falado: „*Inbesondere ist es die Grenze zwischen mitteldeutschen und oberdeutschen Spracherscheinungen, [...] die den Sudetenraum und seine westlichen Sprachlandschaften verschiedentlich durchzieht*” (BERANEK, 1970, p. 3).⁴⁷ Isso significa, portanto, que a área dos sudetos foi caracterizada por dialetos tanto do *Md.* quanto do *Obd.*

⁴⁷ Tradução livre minha: “Em particular, é a fronteira entre os fenômenos linguísticos das zonas do médio-alemão e do alto-alemão que [...] permeia a área dos Sudetos e as áreas linguísticas ocidentais” (BERANEK, 1970, p. 3).

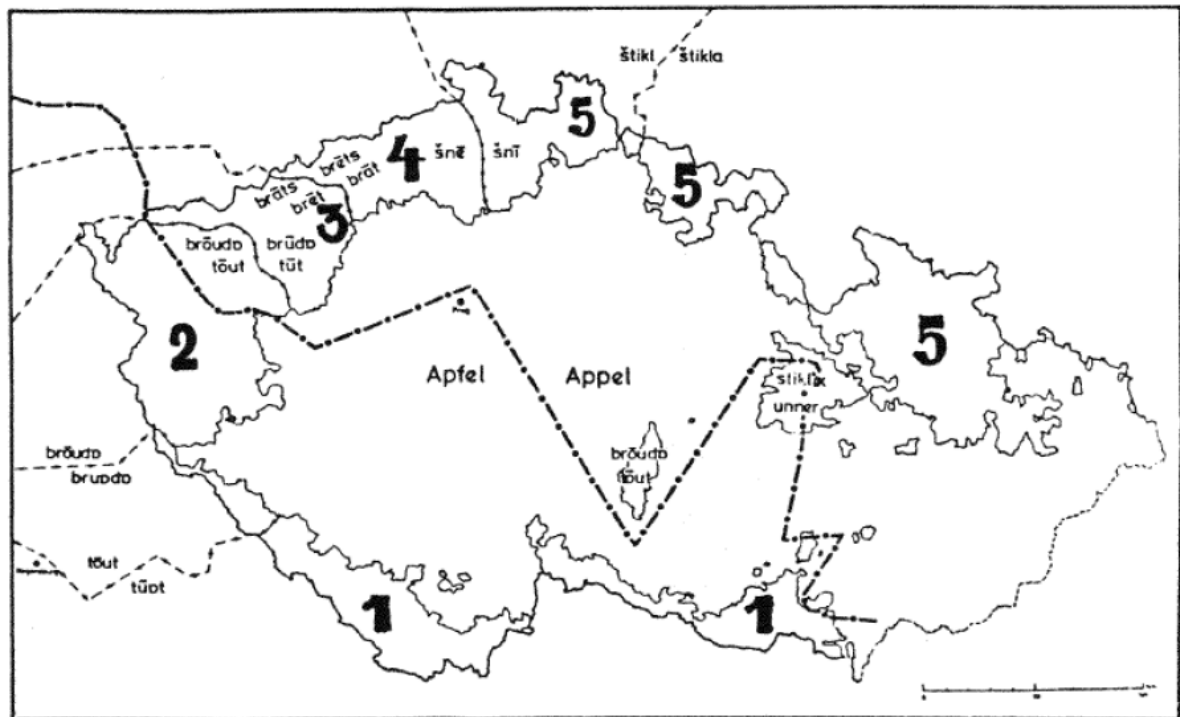
É possível que o contato das línguas tenha ocasionado a incorporação de elementos da área *Obd.* na área *Md.* e desta na primeira, mas não a ponto de causar a substituição de uma língua pela outra, já que ambas pertencem à metade sul da Alemanha, por apresentarem semelhanças linguísticas.

O alemão da Boêmia, conhecida também como região dos sudetos, por um lado, incorporou elementos do *Obd.* e, por outro lado, emprestou marcas linguísticas a este (BERANEK, 1970, p. 4). Somente com o fim da Monarquia Áustro-Húngara (1918) é que essa integração entre austríacos e boêmios terminaria, conforme Beranek (1970). Com isso, se finalizaria a influência, inclusive linguística, de Viena sobre os alemães sudetos (BERANEK, 1970, p. 4).

Hoje, as fronteiras linguísticas ainda são perceptíveis no alemão falado na Boêmia, o qual, porém, se mostra independente dessas fronteiras, conforme o autor. No estudo de Beranek (1970), o alemão dos sudetos seria resultante do jogo de forças entre os dialetos falados no interior do território e a língua escrita que se expandia no território da Saxônia. Os efeitos da proximidade e da influência da Saxônia na constituição do alemão escrito pode ter desempenhado papel decisivo no contato dos boêmios com uma variedade mais próxima do *standard* (BERANEK, 1970, p. 3), primeiro através da sua forma escrita e, a partir do séc. XIX, com a ampliação do ensino, também pela oralidade.

A história de colonização do leste europeu, conforme visto na seção 1.1, implica em uma série de contatos linguísticos na Boêmia, que se desenvolveram em menos de cinco áreas dialetais, como aponta o estudo de Kolibová (2008).

Figura 6: Fronteiras dialetais na antiga área dos Sudetos



Fonte: Kolibová (2008, p. 43), baseado em Baumbach (2001, p. 83)

Segundo Kolibová (2008), o extremo sul da Boêmia revelou marcas linguísticas muito próximas do bávaro central (*Mittelbairisch*), que estão presentes em Eisenstein e se estendem até a cabeceira do rio Luznice, seguido de uma nova área que inicia em Neuhaus, na direção do sul da Morávia, até chegar em March. Também está presente em Brünn e Budweis e entra em contato com o silésio em Neboten e Wischau. A ocupação da área pelo médio-bávaro ocorre nos séc. XII e XIII, seguida de silésios do norte da Morávia nos séc. XVI e XVII.

Kolibová (2008) observa, em seu estudo, que no oeste da Boêmia predominava o bávaro do norte (*Nordbairisch*), de Asch e Graslitz, passando por Karlsbad e Marienbad até Pilsen. Ao sul, na divisa em meio à Floresta Boêmia até Eisenstein, estabelece-se um contato com o *Mittelbairisch*, enquanto no norte prevalece o contato com o *Obersächsisch*.

O francônio do leste (*Ostfränkisch*) se difundiu principalmente na parte central tcheca da região da Erzgebirge, de Joachimsthal, passando por Brüx e atingindo Podersam, entrando em contato, ao sul, com a variedade norte-bávara. Em Schönhengst, bem como em Zwittaus, Landskron e Müglitz, era a variedade predominante.

Já o alto-saxão (*Obersächsisch*) se estendia da parte norte de Erzgebirge, de Brüx, passando por Tetschen, até Boêmia Leipa. Ao sul, o alto-saxão atingiu Leitmeritz e o lado direito do rio Elba. O silésio, por sua vez, iniciava na Boêmia Leipa, passando por Reichenberg e Gablonz, seguindo ao Elba Superior, onde entrava em contato com o francônio do leste, a Trautenau e Braunau. O silésio também estava presente em Mährisch Schönberg e Sternberg, no norte da Morávia, cujas localidades do centro, como Röhmerstadt, Bodenstadt e Libau, entravam em contato com o francônio do leste. Reichenberg e Gablonz, portanto, estão situadas em uma zona de transição formada pelo encontro do *Obersächsisch*, vindo do oeste, e do *Schlesisch*, vindo do oeste.

As diferentes áreas do alemão na República Tcheca, identificadas no estudo de Kolibová (2008), revelam um complexo contexto intervareial acompanhado de resquícios linguísticos importantes da matriz de origem dos imigrantes boêmios das localidades enfocadas no presente estudo, os quais, em sua maioria, partiram da região 5 (ver mapa da fig. 6), caracterizada pelo silésio. A partir dos levantamentos de Kolibová (2008), pode-se supor que os contatos linguísticos do grupo em foco se deram, nessa região, essencialmente com o alto-saxão, o tcheco e possivelmente o polonês.

Levando em conta toda a história de constituição do alemão na região dos Sudetos, há a possibilidade de que os boêmios já tenham emigrado ao Brasil como falantes de uma variedade mais próxima do alemão *standard*. Para compreender a relação de contatos linguísticos do *Böhmisch* desde a matriz de origem, adotamos o termo “rede de variedades” (*Varietätennetzwerk*), empregado por Altenhofen (1996) para descrever os contatos linguísticos que deram origem à configuração do *Hunsrückisch*. Podem-se identificar pelo menos dez situações de contatos linguísticos que é preciso considerar, ao menos potencialmente, na constituição do alemão emigrado do norte da Boêmia para o Brasil, entre os quais se incluem já os contatos no Novo Mundo:

Tabela 2: Rede de variedades e línguas de base e em contato no norte da Boêmia

1. Uma base inicial bávara, saxã e turíngia;
2. O alemão como língua oficial do Império Áustro-Húngaro;
3. O tcheco como língua oficial do Império Áustro-Húngaro em contato;
4. O *Obersächsisch* como variedade em contato na área da Saxônia;
5. O *Schlesisch* como variedade em contato na área hoje situada ao sul da Polônia, oeste da Saxônia e norte da República Tcheca;

6. O *Lausitzisch* como variedade em contato na área hoje situada ao oeste da Saxônia e sul da Polônia;
7. O *Hunsrückisch* de tipo *Deutsch* e *Deitsch*, como variedades em contato no Brasil;
8. O português como língua oficial e majoritária no Brasil;
9. O *Westfälisch* e o *Pommerisch* como variedades alemãs onipresentes;
10. O italiano como língua em contato.

Já falamos sobre os contatos linguísticos ocorridos na matriz de origem no norte da Boêmia, situada em meio ao *Ostmd.* (situações de contato 1 a 6). Nas duas próximas seções, descrevemos os aspectos centrais a serem observados nos contatos linguísticos em território brasileiro (itens 7 a 10 da tabela anterior).

1.2.4 O *Hunsrückisch* em contato com o *Böhmisch*

O *Hunsrückisch* foi uma das primeiras variedades em contato com o *Böhmisch*, ao se instalar no Brasil. Enquanto os boêmios chegaram como “remigrantes” (*Zuwanderer*, cf. ALTENHOFEN; THUN, 2016), os falantes do *Hunsrückisch* já se encontravam nas colônias velhas do Rio Grande do Sul, pode-se dizer, em sua segunda ou terceira geração. Além disso, representavam o grupo de falantes mais numeroso.

Hrs. ist der Oberbegriff für eine überregionale Varietät des Deutschen in Rio Grande do Sul/Südbrasilien, die ein Dialektkontinuum darstellt, dessen sprachliche Konstitution auf eine rhein-/moselfränkische Basis zurückgeht und eine Vielfalt sprachkontaktbedingter Elemente anderer deutscher Dialekte sowie insbesondere solche des Ptg. einschließt (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).⁴⁸

O *Hunsrückisch* por si apresenta, segundo os estudos desenvolvidos no âmbito do ALMA-H, uma variação interna muito ampla e surge como resultado do nivelamento entre uma variedade moselana [+dialeto] e uma variedade renana [+standard], a partir da matriz de origem na Europa. Fatores como a maior arealidade e a proximidade com o *standard* foram decisivos para que houvesse uma maior seleção de elementos renanos e exclusão de elementos moselanos. Características que o moselano compartilhava com o renano foram

⁴⁸ Tradução livre minha: “Hrs. é o termo guarda-chuva para uma variedade transregional do alemão no Rio Grande do Sul, Brasil, que representa um contínuo dialetal, cuja constituição linguística remete a uma base francônio-renana / francônio-moselana e uma série de elementos relacionados ao contato linguístico com outros dialetos do alemão bem como do Ptg” (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).

mantidas no uso do *Hunsrückisch*, e marcas divergentes foram sendo eliminadas, na medida em que caíram em desuso.

Os hunsriqueanos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, a partir de 1850, e se instalaram nos Vales do Taquari, do Rio Pardo e do Rio Jacuí, caracterizam-se como falantes de uma variedade ainda [+standard], o tipo *Deutsch*. Os imigrantes hunsriqueanos foram os que se instalaram em maior número do Rio Grande do Sul, já antes da chegada de boêmios.

A oposição *Deitsch/Deutsch* apresenta uma base em comum, uma vez que ambas as variedades apresentam variantes que convergem nos diferentes níveis da língua. Altenhofen (2016, p. 119) cita:

- a) Falta de vogais arredondadas, como em [ʃe:n] para Nhd. *schön* (pt. bonito), [mi:ɖ] para Nhd. *müde* (pt. cansado);
- b) Dissimilação de encontros consonantais /nd, rd, rt/, como em ['k^hɪnɐ] para Nhd. *Kinder* (pt. crianças), ['hʊnɐɖ] para Nhd. *hundert* (pt. cem);
- c) Uso de *tun*-perifrásico, como em *Das tut reene/reechne* para Nhd. *Es regnet* (pt. Está chovendo);
- d) Dessonorinização de consoantes em ataque silábico e lenização após sílaba tônica, como em ['bʌgə], para Nhd. *backen* (pt. assar), ['bʌɖaɖ] para Nhd. *Süßkartoffel* (pt. batata doce);
- e) Apócope de *-e* em final de palavra, sobretudo em substantivos femininos, como em [ʃu:ɪ] para Nhd. *Schule* (pt. escola), assim como também de *-(e)n* em verbos no infinitivo e em verbos irregulares no particípio, por exemplo [gə'fɔn] para Nhd. *gefunden* (pt. encontrado);
- f) Uma série de variantes lexicais em comum, como também formas de relicto das localidades de origem, como *Fixfeier*, além de formas do português integradas ao alemão, ou em vias de integração, ou hibridismos como *Fosfeier* para Nhd. *Streichholz* (pt. fósforo), neologismos motivados pelo contexto brasileiro, como *Keesboom* para Nhd. *Käsebaum* (tipo de árvore) (pt. umbu), bem como empréstimos do português como *Scharack*, que designa um tipo de cobra (pt. jararaca).

Em relação às variantes divergentes, Altenhofen (2016, p. 120) aponta as seguintes:

Tabela 3: Tabela de variantes divergentes entre os tipos *Deutsch* e *Deitsch* do *Hunsrückisch*

Variable	Varianten für den Typus »Deutsch«	Varianten für den Typus »Deitsch«
<i>mhd. ei</i>	[aɪ] <i>Reis</i> ›Reise‹, <i>klein, allein</i>	[e:] <i>Rees, kleen, (a)lleen</i>
<i>mhd. ie</i>	[i:] <i>veliere, Schmier</i> ›Marmelade‹, <i>namoriere</i> ›eine(n) Freund(in) haben‹	[e:] <i>veleere, Schmeer, namoreere</i>
<i>mhd. iu</i>	[ɔɪ] <i>Deutsch, Feuer, heut</i>	[aɪ] <i>Deitsch, Feier, heit</i>
<i>mhd. ou</i>	[aʊ] <i>Baum, auch, laufe</i>	[ɔ:] <i>Boom, ooch, loofe</i>
<i>mhd. a</i>	[a:] <i>Hahn, saht</i> ›sagte‹, <i>Fadem</i> ›Faden‹, <i>kaate</i> ›Karten spielen‹, <i>Calçada</i> ›Fußgängerweg‹	[ɔ:] <i>Hoohn, sooht, Foodem, koote, Kalsoode</i>
<i>mhd. â</i>	[ɔ:] var. [o:] var. [a:] <i>Jahre, Straß</i>	[o:] <i>Johre, Stroß</i>
<i>wgerm. pf</i>	[f] <i>Fiesich</i> ›Pfirsich‹, <i>flanze</i> ›pflanzen‹	[p] <i>Pesch, planze</i>
<i>wgerm. s</i>	[s] <i>fest, Fenster, bist, leest</i> ›liest‹	[ʃ] <i>fescht, Fenschter, bischt, leescht</i>
<i>wgerm. g</i>	[ç, x] <i>reechne</i> ›regnen‹, <i>Vochel</i> ›Vogel‹	[] <i>reene</i> ›regnen‹, <i>Vohl</i> ›Vogel‹
<i>wgerm. b</i>	[b] <i>lebe, schreibe</i>	[v] <i>lewe, schreiwe</i>
<i>Lexik</i>	z.B. <i>Fead</i> ›Pferd‹, <i>Gorke</i> ›Gurke‹, <i>Friedhof</i>	z.B. <i>Gaul, Gummer, Kerrichof</i>

Fonte: Altenhofen (2016, p. 120)

A oposição entre os tipos *Deitsch* e *Deutsch* do *Hunsrückisch* é visível na divisão das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul em uma área mais antiga, com imigração anterior a 1850, que apresenta as marcas [+dialetais], e uma área de imigração posterior (pós-1850), onde se situam as localidades deste estudo, em que predominam marcas mais próximas do *standard*, portanto do tipo *Deutsch*. Aquelas localidades colonizadas na primeira metade do séc. XIX apontam, assim, para uma maior dialetalidade na fala, o tipo *Deitsch*, e aquelas receptoras de imigrantes na segunda metade do séc. XIX, para o *Hochdeutsch*, o tipo *Deutsch*, o que, neste último caso, estaria associado à ampliação do ensino e a maior difusão da língua *standard* na Alemanha (ALTENHOFEN, 2016). As localidades de Imigrante, Venâncio Aires e Agudo, em foco nesta pesquisa, como já mencionado, estão situadas em pontos do tipo *Deutsch*. Porém, é preciso levar em consideração também a proximidade de Venâncio Aires e Imigrante com a localidade de Lajeado, que configura um ponto da área de tipo *Deitsch* e que está situado em uma área de transição da oposição *Deitsch/Deutsch*. Em Lajeado, a variedade é autodenominada pelos seus falantes de *Lajoode-Meessich*, ou *Lashoodich*, conforme mencionado por informantes da presente pesquisa em Venâncio Aires. Além disso, Imigrante

configura uma ilha linguística rodeada por localidades com falantes da variedade tipo *Deitsch* devido à proximidade com Estrela e Teutônia.

Em relação ao modelo de territorialização do *Hunsrückisch*, Altenhofen (2014) afirma que este foi caracterizado pela instalação de grupos de famílias em núcleos, isto é, colônias, onde foi criada uma base de sustentação e de onde os descendentes teriam saído em busca de novas terras, devido à perda de fertilidade das primeiras terras ocupadas, onde teriam iniciado uma nova organização social. A repetição do ciclo migratório original é mais intensa no final do séc. XIX, quando ocorre uma migração de alemães e seus descendentes das Colônias Velhas em direção ao noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina. Posteriormente, por volta de 1899, novos deslocamentos ocorrem destas duas últimas áreas e das Colônias Velhas para além da fronteira em direção à Argentina e ao Paraguai. “O processo de ocupação de novos territórios pelos hunsriqueanos repete-se em ciclos [...] até transpor as fronteiras até Misiones e Paraguai (e mesmo Bolívia), ou ainda áreas da Amazônia” (ALTENHOFEN, 2014, p. 88). Relatos de descendentes boêmios, como por exemplo das famílias Tischler, Dressler e Kegler, revelam indícios da migração de boêmios a Obligado e Bella Vista, no Paraguai, e das famílias Prediger e Rieger, a Eldorado, na Argentina. Trata-se de localidades, cujos pioneiros foram imigrantes de fala alemã provindos do Rio Grande do Sul, dentre eles boêmios e hunsriqueanos, como bem retrata o *Museu de Los Fundadores de Bella Vista*. No Paraguai, fundam a Colônia de Hohenau.

Portanto, a repetição do ciclo migratório também é uma característica dos boêmios e seus descendentes, seguindo os boêmios a mesma rota dos hunsriqueanos. Também desta vez, a territorialização ocorreu pela ocupação de espaços vazios ou com população esparsa, ou seja, uma territorialização horizontal. “Os vínculos entre o novo destino (colônias-filha) e o núcleo de origem (colônia-mãe) prevalecem por no mínimo uma ou duas gerações e dão sustentação à difusão da língua minoritária” (ALTENHOFEN, 2014, p. 88). Essa também é uma característica da migração interna boêmia. Os vínculos de boêmios entre o noroeste do Rio Grande do Sul, Argentina e Paraguai com a colônia-mãe não apenas perduraram nas primeiras gerações, por meio de cartas, como continuam a se manter até os dias atuais, por meio de grandes festas de família entre os territórios de distribuição dos boêmios, visitas em datas comemorativas, conversas ao telefone e por redes sociais. As mídias da comunicação bem como as múltiplas vias rodoviárias entre as colônias facilitam e intensificam o contato entre parentes e amigos descendentes de boêmios e hunsriqueanos. Tem-se, portanto, um contato intervietal intenso entre o *Böhmisch* e o *Hunsrückisch*, porém com algumas

diferenças e acréscimos a fazer. Em Linha Isabel e Nova Boêmia, as variedades alemãs em contato com os boêmios são o *Pommerisch* e o *Hunsrückisch*. Já em Linha Ano Bom e Linha Arroio da Seca Baixa, o contato ocorre com as variedades *Westfälisch* e *Pommerisch*.

Já em relação a outras línguas, constata-se um contexto de contato multilíngue com presença do português, em todos os pontos, e do italiano, em menor escala. Apesar da influência do português, no contato interpessoal e também por meio da televisão, rádio, jornal e escola, as variedades alemãs continuaram em uso até hoje, sendo ainda predominantes na interação dos falantes da geração mais velha.

1.2.5 Contatos linguísticos com o português

Além do contato intralingual de diferentes variedades do alemão com o *Böhmisch*, o contato com a língua românica português – mais precisamente com a variedade local do português rio-grandense – sem dúvida deixou marcas em todos os níveis, na configuração da língua de imigração. O contato com o português, na área que abrange esta pesquisa, ocorre de diversas formas. As migrações internas a centros urbanos regionais, como Lajeado, Santa Cruz do Sul e Santa Maria, são um dos principais meios de contato com o português, facilitadas pelas múltiplas rodovias que atravessam as suas regiões.

O público que mais tende a essas migrações costuma ser a geração jovem e pessoas de mais escolaridade, que muitas vezes conseguem vagas de trabalho em empresas de maior porte ou no comércio mais desenvolvido nesses centros urbanos. A busca por festas, jantares em restaurantes, passeios na casa de familiares, motiva os falantes, em geral, a se deslocarem a essas localidades. Outra forma de contato mais intenso com o português é por meio das mídias da comunicação, em que a maioria das programações é veiculada em português. Também as redes sociais têm funcionado como verdadeiros espaços de uso do português, inclusive pela geração mais velha. Esta passa a utilizar o português para interagir via redes sociais com pessoas próximas, com quem normalmente utiliza o alemão, quando se trata da fala.

Logo, o crescimento em infraestrutura e a ampliação do acesso às mídias da comunicação funcionam como caminhos inevitáveis de contato com o português. Logo, a proibição do alemão, durante o Estado Novo, que causou a perda da língua-teto do alemão no Brasil, em troca da obrigatoriedade do português nos espaços públicos, não pode ser considerada como o único motivo de maior penetração do português nas localidades. No que

tange ao uso do português, independente da proibição do alemão, este consegue entrada por diversas vias nas comunidades, conforme exposto.

Com a perda da língua-teto, contudo, as variedades do alemão falado nas comunidades no Brasil ficaram numa posição mais vulnerável aos efeitos de uma língua sem parentesco com o alemão do que em outros contextos, onde o alemão seguiu com a sua língua-teto. Sobre essas variedades sem teto (*dachlose Mundarten*), Kloss (1978, p. 60) afirma o seguinte:

*‘dachlose Außenmundarten’: darunter sind Dialekte zu verstehen, deren Sprecher in ihren Volksschulen nicht die ihrem Dialekt linguistisch zugeordnete, gleichzeitig aber in einem anderen Lande, dem ‘Kernland’ der Sprachgemeinschaft, als Amts- und Schulsprache verwendete Hochsprache zu erlernen Gelegenheit haben, so dass diese Mundarten gleichsam ohne das schützende Dach dieser Hochsprache bleiben und somit den Einwirkungen einer unverwandten Hochsprache stärker ausgesetzt sind als ihre ‘überdachten’ Schwestermundarten.*⁴⁹

Neste caso, a língua *standard* do alemão ficou apenas na memória dos falantes daquela geração. Os filhos tiveram chances ainda mais reduzidas de acesso a essa variedade escrita, já que poucas instituições religiosas e de ensino retomaram as atividades no alemão da mesma forma como antes da proibição. Já os netos, mas de forma ainda muito restrita, estão voltando a ter contato com o alemão *standard*, por meio de aulas de alemão como língua adicional (PUPP-SPINASSÉ; KÄFER, 2017) nas escolas.

Pode-se falar, portanto, de uma ressignificação do alemão *standard*. Se, para o falante da geração mais velha que frequentou a escola, ele está situado na memória, entre os mais jovens que aprendem alemão na escola, esse *standard* representa uma inovação e, neste último caso, está associado ao alemão *standard* falado na Alemanha, hoje. Por vezes, trata-se de uma inovação tão grande para alguns falantes, que podem haver dificuldades de conectar essa língua *standard* ao “alemão de casa”, se a ponte com a mesma não for construída com o professor (PUPP-SPINASSÉ, 2016).

Os efeitos do português, porém, já iniciaram muito antes da imposição do português, por meio do contato com descendentes lusos, caboclos e descendentes de africanos. É o caso da Colônia de Santa Cruz, vizinha à Colônia Santa Emília, onde se situa Venâncio Aires.

⁴⁹ Tradução livre minha: “‘Variedades sem-teto’: com esse conceito entendem-se dialetos cujos falantes não tiveram a oportunidade de aprender, nas suas respectivas escolas, a língua *standard* à qual o seu dialeto está vinculado, e que, ao mesmo tempo, usada em um outro país, o país-núcleo de sua comunidade linguística, como língua oficial e da escola, de modo que esses dialetos permanecem igualmente sem o teto protetor dessa língua *standard* e, assim, mais expostos aos efeitos de uma língua *standard* não aparentada do que suas variedades-irmã” (KLOSS, 1978, p. 60).

De Rio Pardo à colônia de Santa Cruz eram transportados em carretas de duas rodas, guiadas por caboclos que só falavam português. No Faxinal do Faria, hoje sede do município de Santa Cruz do Sul, eram alojados no sobrado de um descendente de açorianos. Em 1857, o Faxinal já contava com sessenta ranchos para o acolhimento de colonos (STAUB, 1983, p. 43).

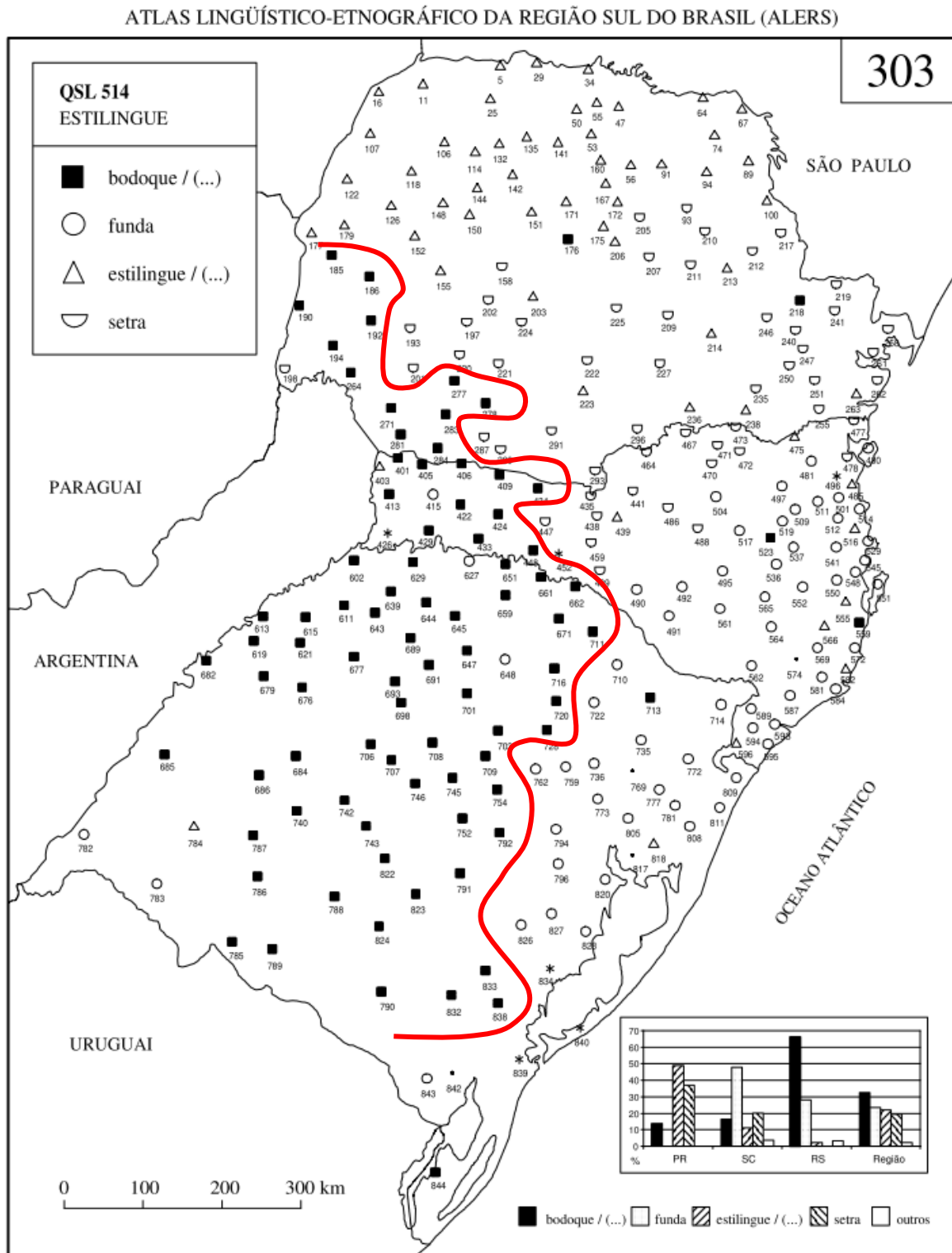
Como exemplos de empréstimos do português, Staub (1983) cita *carijó* [kari'ʃo], que significa ave de penas salpicadas de preto, cinza e branco; *picaço* ['bigas], como nome dado a cavalo preto com mancha branca no centro da cabeça; *reiuno* [re'unə], para cavalo de pouco valor, sem raça, feio e de má qualidade e *doce* [tos] para biscoito doce feito de farinha de trigo. Também topônimos como *Lajeado* [la'ʃadə] e *Jacuí* [ʃa'kwɪ], entre outros, são mencionados pelo autor.

O caboclo constitui-se no veículo mais importante de penetração de empréstimos do português no *Hunsrückisch* de São Martinho e outros dialetos falados na Colônia de Santa Cruz. Era o caboclo que sabia o nome dos bichos, das aves, dos pássaros, das plantas, dos acidentes geográficos e de outros aspectos culturais (STAUB, 1983, p. 45).

Se, na época da imigração, foi o caboclo o principal agente na constituição de empréstimos do português ao alemão local, pelo menos no que tange à lavoura, ao relevo e a aspectos culturais, hoje em dia os agentes são os detentores das mídias, das empresas e do comércio em grande escala. Saber o português se tornou a porta de entrada para oportunidades de trabalho e estudo no mundo moderno, o que trouxe consigo a necessidade de os falantes estabelecerem uma comunicação, no mínimo, mais regional.

Uma pergunta que se torna relevante para a descrição de nosso objeto de estudo é a pergunta sobre qual português entra em contato com o *Böhmisch*. Certamente, é antes de tudo uma variedade falada, porque o contato se dá essencialmente pela oralidade. Na área de tipo *Deutsch*, em foco nesta pesquisa, que compreende a faixa central do Rio Grande do Sul, é possível identificar, neste sentido, o contato das variedades do alemão local com duas variedades regionais do português. O mapeamento dessa variação pelo ALERS (2011) constitui, para tanto, uma fonte de dados bastante elucidativa. Um exemplo é o mapa 303, relativo à variável lexical *estilingue*. Observam-se, nitidamente, duas grandes áreas no Rio Grande do Sul, uma a oeste, onde se concentra a variante *bodoque* e que engloba a localidade de pesquisa de Agudo, atingindo até a região central, onde se situa Venâncio Aires, e outra área a leste, abrangendo Imigrante e Colinas, onde ocorre o uso da variante *funda*.

Figura 7: Mapa do ALERS (2011) com a distribuição das variantes para *estilingue*

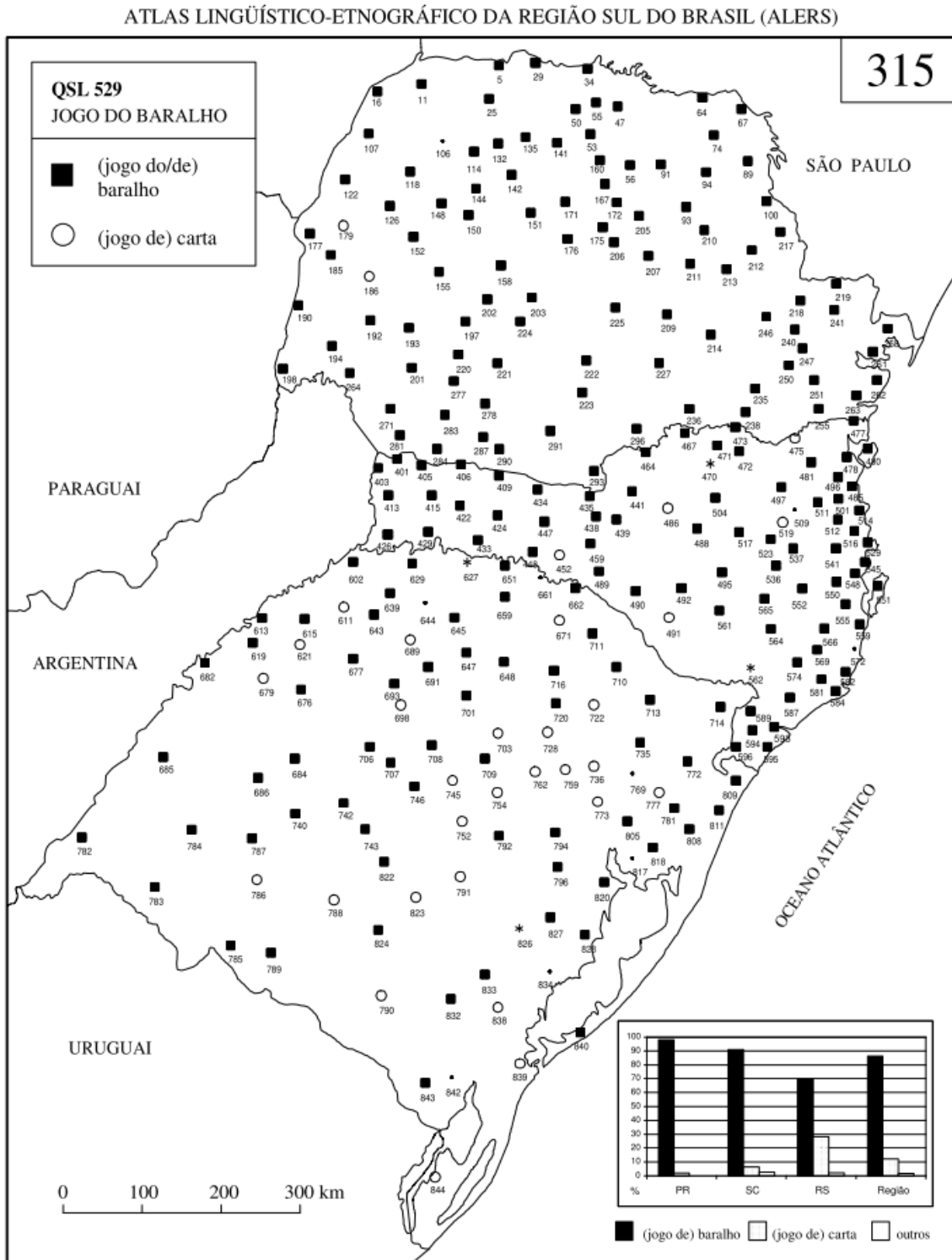


Fonte: ALERS (2011, mapa 303)

Venâncio Aires está situada justamente em uma zona de transição (linha vermelha que corta verticalmente a região sul do Brasil), podendo, portanto, apresentar a coexistência de

variantes de ambos os lados. Que o português da faixa mais a leste possui suas especificidades também pode ser comprovado com o seguinte mapa do ALERS (2011) sobre a variável *jogo do baralho*.

Figura 8: Mapa do ALERS (2011) com a distribuição das variantes para *jogo do baralho*



Fonte: ALERS (2011, mapa 315)

O mapa 315 mostra uma concentração da forma (*jogo de*) *cartas* justamente na área do entorno das localidades de pesquisa desta tese. Essa variante possivelmente reflete um padrão de fala associado às áreas plurilíngues, diferentemente do mapa anterior, que remete à base original do português luso-gaúcho. Enquanto, em grande parte do oeste e do extremo-leste, se emprega a variante *jogo de baralho*, observa-se uma linha vertical atravessando o Vale do Taquari (representado no mapa por símbolos redondos), onde se localiza Imigrante, e parte do Vale do Rio Pardo, onde se encontra Venâncio Aires, que atesta o uso de *jogo de carta*.

Concluindo, é preciso ter em mente, na análise dos dados deste estudo de contato interlingual e intervietal, o papel tanto das arealidades de cada língua ou variedade quanto da dominância relativa de cada língua ou variedade no repertório dos falantes da pesquisa. Isso se mostra especialmente perceptível na análise das dimensões diageracional e diastrática, onde é possível que falantes, sobretudo da GI e da Ca, devido aos motivos já expostos, tendam ao maior empréstimo de variantes do português seja para uma fala toda (*code-switching*) ou parcial (*code-mixing*), em português.

1.3 *Standard e substandard no contínuo do Böhmisch*

Esta subseção se propõe a definir o alemão dos boêmios, por meio da sua caracterização enquanto língua, dialeto e variedade linguística. Já que a língua-objeto deste estudo é uma língua de imigração que se afastou de sua língua teto, no caso o alemão *standard*, e passou a se situar em um contexto em que a língua majoritária é o português, torna-se importante verificar seu *status* sociopolítico no novo território. A posição do *Böhmisch* na constelação linguística já não é a mesma que no território de origem. Nessa constelação, seria o *Böhmisch* uma variedade mais próxima da variedade *standard*, ou seja, da norma escrita, ou guardaria esta principalmente elementos mais dialetais, arcaicos?

1.3.1 *A língua standard e suas normas de oralização*

O estabelecimento de uma língua escrita do moderno alto-alemão ocorre, segundo Wiesinger (2000, p. 1932), primeiramente nas regiões do centro e do norte da Alemanha (1650), em seguida na Suíça (1730), na Áustria (1750) e por último na Baviera (1760). Porém,

iniciativas de oralizar essa variedade literal, segundo Schmidt (2005, p. 283), já teriam se mostrado presentes, a partir de 1603, na região do médio alemão, por parte de uma pequena elite intelectual e social, quando as diferenças entre os dialetos no interior de um ponto geográfico e de um a outro começam a ser percebidas e reconhecidas.

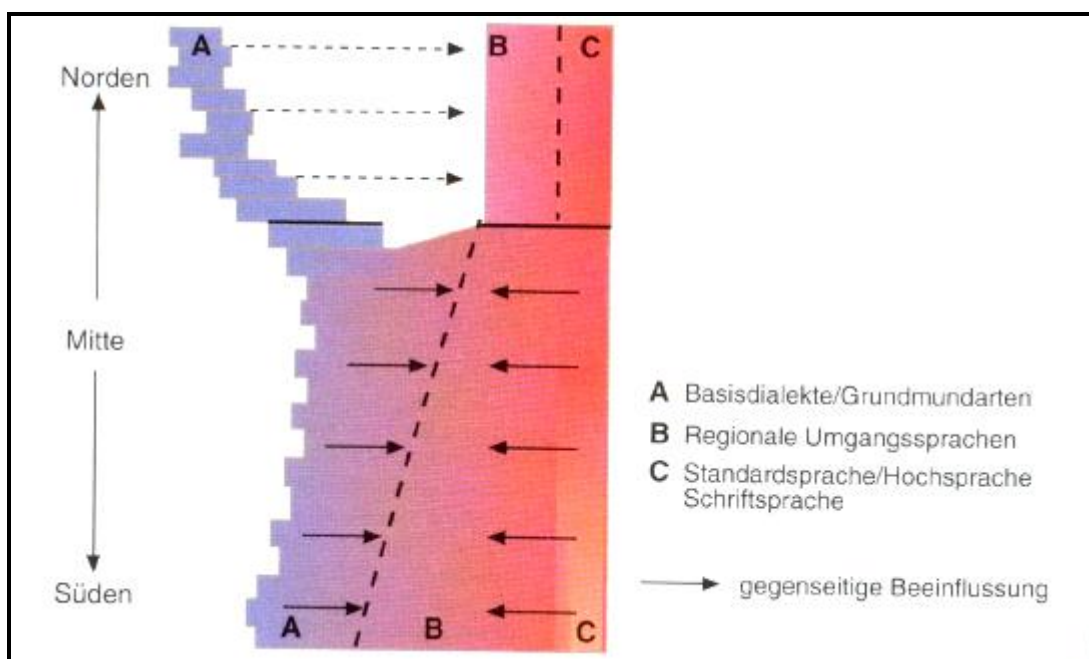
Num movimento de estabilização de aspectos convergentes e de modificação de aspectos divergentes do conhecimento linguístico individual, se constitui, por meio da interação com o outro, a sincronização do conhecimento linguístico (SCHMIDT, 2005, p. 280). No contato pessoal entre os membros da pequena elite, nos mais diversos centros urbanos de concentração de atividade cultural e intelectual, tendo eles uma base dialetal igual ou semelhante, é que se desenvolvem as ações de oralização da língua escrita. (SCHMIDT, 2005, p. 285). Num processo de microsincronização, ou seja, de formação de conhecimento linguístico em interações isoladas, surgem convenções relativamente estáveis na língua. As fronteiras das grandes áreas geográficas a que estavam circunscritos os dialetos (áreas dialetais do *Obersächisch*, do *Mittelbairisch* e do *Rheinfränkisch*) teriam sido determinantes no processo de sincronização do conhecimento linguístico dos falantes daquelas áreas. Os primeiros conjuntos de convenções da língua resultantes desse processo teriam se elevado a normas de oralização de grande alcance geográfico por meio de agentes da igreja e, depois, também da escola, num processo de mesosincronização, isto é, de formação de conhecimento linguístico específico, nesse caso, a situações da igreja e da escola. “*Vor dem 19. Jahrhundert hatte die Oralisierungsnorm des Sprachraums, in dem die literalen Norm entstanden ist (Mitteldeutsch, besonders Ostmitteldeutsch) das höchste Prestig*” (SCHMIDT, 2005, p. 299).⁵⁰

Na ciência da linguagem, o termo *Umgangssprache* é definido por Schmidt (2013, p. 187) como as variedades do alemão que se formaram a partir do processo de desconstrução dos dialetos devido ao desenvolvimento da língua *standard* e o alcance desta a diferentes esferas da sociedade, com o advento da industrialização e a ampliação da mobilidade demográfica. Segundo Schmidt (2013, p. 187), as *Umgangssprachen* se diferem entre si em seu grau de proximidade no espectro língua *standard* e dialeto. O quadro a seguir apresenta o grau de influência entre dialetos (A), variedades regionais (B) e língua *standard* (C) nas áreas do *Nd.*, *Md.* e *Obd.* No sul e no meio do território europeu de fala alemã, observa-se uma

⁵⁰ Tradução livre minha: “Antes do século 19, a norma de oralização na área linguística em que a norma literária surgiu (alemão central, especialmente alemão do leste central) tinha o maior prestígio” (SCHMIDT, 2005, p. 299).

influência que parte de A para B e de C em direção a B. No sul, a influência da língua *standard* posiciona a linha que separa B de A para mais próximo de A, o que indica que os elementos *standard* avançaram com força sobre os dialetos (A / ←). Já na área do meio, a influência dos dialetos sobre a língua *standard* foi maior do que no sul, e ocorreu praticamente na mesma proporção que o avanço da língua *standard* sobre estes. Em ambas as regiões, dialetos e língua *standard* se fundem originando variedades regionais.

Figura 9: Esquema que visualiza a relação entre língua *standard*, variedades regionais (*Umgangssprachen*) e dialetos do alemão



Fonte: König et al. (2015, p. 134)

Já no norte, observa-se um distanciamento entre A e C. Há apenas uma influência frágil que parte dos dialetos sobre a língua *standard*. Nesse caso, as variedades regionais resultantes estão muito mais próximas da língua *standard* do que nas áreas do meio e do sul (A → C).

Im Norden hatte sich das Hochdeutsche als Sprache der Städter (und dort v. a. der gebildeten Schichten) schon früh durchgesetzt. Die Schulsprache war das Hochdeutsch, das von genuinen Plattsprechern als Fremdsprache erlernt wurde, der Unterschied zwischen Mundart und Schriftsprache war groß (KÖNIG et al., 2015, p. 135).⁵¹

⁵¹ Tradução livre minha: “No norte, o alto-alemão já havia se estabelecido logo como a língua dos cidadãos (e especialmente das classes instruídas). A língua da escola era o alto-alemão, que foi aprendido pelos falantes

Além disso, os dialetos do norte estão mais distantes da língua *standard* por não terem acompanhado a mudança da 2ª mutação consonantal do alemão, ao contrário dos dialetos das outras duas áreas. No norte, se entenderia por variedade regional uma forma estilística mais flexível da língua *standard*. Já no sul e no meio, a variedade regional seria uma variedade intermediária, próxima do *standard*, e que evita marcas de pouco alcance geográfico, conforme König et al. (2015). Portanto, no norte, os polos dialeto e língua *standard* apresentam clara separação, mantendo uma relação diglósica (cf. 2.3.2), enquanto que nas outras áreas, torna-se mais adequado falar na atuação de dialetos, variedades intermediárias e língua *standard*, em uma relação diaglósica (cf. 2.3.4).

O grau de incorporação de variantes da língua *standard* seria dependente, entre outras coisas, da escala de desenvolvimento dos centros regionais e da classe social dos falantes, já que ao pobre, muitas vezes, era negado o acesso ao ensino. Segundo König et al. (2015), também fatores pragmáticos, como interlocutor, tema, objetivo, bem o do tipo de variante disponível para a comunicação, desempenhariam um papel no grau de variabilidade e, por sua vez, de aproximação com o *standard* ou com a base dialetal. O autor estima que, no início do séc. XX, as *Umgangssprachen*, em suas diferentes posições no espectro língua *standard* e dialeto conforme a região, teriam sido as principais variedades de comunicação entre os falantes a nível regional.

A língua em seus dois pólos linguísticos, em uma ponta os dialetos e na outra as normas de oralização, perdura nesses moldes até 1930, quando novas normas de oralização, desta vez transregionais, se espalham graças às mídias da comunicação. “*Orientierungspunkte waren die Ausrichtung an der Schreibnorm und an Hand dieser die Kodifizierung einer dialektfreien, heute als überhöht betrachteten Bühnensprache*” (BELLMANN, 1983, p. 115).⁵² Começaria, nesse momento, um processo de ressignificação ou depreciação dialetal (*Um-, Abwertungsprozess*), conforme SCHMIDT (2005). As antigas normas de oralização seriam ressignificadas como variedades regionais. “*Als `richtige`, `reine` Realisierungen der Standardvarietät erlangten sie kommunikative Präsenz. Die alten*

genuínos do baixo-alemão como uma língua estrangeira, a diferença entre dialeto e linguagem escrita era grande” (KÖNIG et al., 2015, p. 135).

⁵² Tradução livre minha: “Os pontos de orientação foram o alinhamento com a norma escrita e, com base nisso, a codificação de uma hoje considerada exagerada pronúncia de palco livre de dialeto” (BELLMANN, 1983, p. 115).

großlandschaftlichen Varietäten wurden als regional begrenzt wahrgenommen” (SCHMIDT, 2005, p. 285).⁵³

Nos estudos sobre o *standard* e o *substandard* em Wittlich, Lenz (2003) descobriu que as antigas variedades regionais de prestígio apresentam marcas identitárias, as quais ainda são consideradas como alto-alemão pela geração velha, enquanto que a geração jovem evita as marcas regionais e caracteriza como um bom alto-alemão uma fala livre de marcas. Já a geração jovem de classe sociocultural alta caracteriza essas variedades como *Umgangssprache*, e uma fala sem marcas identitárias regionais (*Regionalakzent*; LENZ, 2003) como um bom alto-alemão, mas ainda não um alemão alto ‘puro’, para se comunicar com parceiros de fora da região. Enquanto que no uso e na percepção da geração velha, topostática (isto é, pouco móvel no espaço físico-geográfico), só existe o dialeto e a antiga norma de oralização regional, para a geração jovem existe, além do dialeto, um *substandard* regional que se subdivide em alto, ‘bom alto-alemão’, e baixo, ‘ruim alto-alemão’.

Com o alcance da língua *standard* a diferentes esferas da sociedade, não mais se restringindo a um pequeno grupo da elite, inicia-se, sobretudo na segunda metade do séc. XIX, com o enfraquecimento dos dialetos, um processo de influência entre as próprias *Umgangssprachen* e a língua *standard*. “*Gleichzeitig setzte mit der zunehmenden Ablösung des Dialekts als sprachlicher Grundschicht eine wechselseitige Beeinflussung zwischen Umgangssprache und Standardsprache ein*” (SCHMIDT, 2013, p. 189).⁵⁴ A aproximação entre ambas as variedades foi motivada pelo esforço empreendido nas escolas para ensinar a língua *standard* bem como pela produção de gramáticas, dicionários e livros didáticos. Em relação ao repertório linguístico original dos boêmios, isso pode significar que a *Umgangssprache* dos imigrantes possa ocupar posições distintas de aproximação com a língua *standard* e que certamente o dialeto já chegara enfraquecido a ponto de ter adentrado o Brasil mais ou até mesmo totalmente desconstruído por parte de alguns grupos de falantes boêmios, conforme a localidade de origem e até mesmo o ano da imigração. É, portanto, possível que grupos de falantes, possuíssem *Umgangssprachen* com aproximações diferenciadas da língua *standard*.

⁵³ Tradução livre minha: “Como realizações ‘corretas’, ‘puras’ da variedade *standard*, elas alcançaram presença comunicativa. As antigas variedades em grande escala foram percebidas como regionalmente limitadas” (SCHMIDT, 2005, p. 285).

⁵⁴ Tradução livre minha: “Ao mesmo tempo, com a crescente substituição do dialeto como base linguística, iniciou-se uma influência mútua entre linguagem coloquial e linguagem padrão” (SCHMIDT, 2013, p. 189).

A antiga norma de oralização trazida no séc. XIX pelos imigrantes boêmios ao Brasil está relacionada à área geográfica do *Ostmitteldeutsch* em que se falava *Obersächsisch*, *Ostfränkisch* e *Schlesisch* (KOLIBOVÁ, 2008), não excluindo-se possíveis influências do *Mittelbairisch*, devido ao pertencimento da Boêmia à Monarquia Habsburga e à imigração tardia de bávaros, no séc. XVI, para o norte da Boêmia. Até antes do séc. XIX, era a norma de oralização da área *Ostmitteldeutsch* que configurava o maior prestígio.

Como já exposto, a norma de oralização seria o resultado de um processo de sincronização do conhecimento linguístico, em que se busca reproduzir ou falar o mais próximo possível da língua *standard*, ou seja, da norma escrita, circunscrita à determinada área geográfica. Já a língua *standard* (*Standardsprache*) é compreendida por Schmidt (2005) como uma variedade em si, em cuja norma escrita os falantes de uma comunidade se orientam para falar. “*Die Standardsprache umfasst eine gesamtsprachliche Literalisierungsnorm, drei nationale Oralisierungsnormen, verschiedene Sprechlagen innerhalb der Oralisierungsnormen und eine Fülle sektoraler Varietäten*” (SCHMIDT, 2005, p. 302).⁵⁵ As três normas nacionais de oralização a que ele se refere são a da Alemanha, da Áustria e da Suíça.

No Brasil, a norma de oralização que havia se formado no território boêmio certamente sobreviveu nas primeiras década após a imigração, já que possuía o aporte da língua *standard* do alemão por algumas décadas. A língua *standard* (*Standardsprache*) permaneceu viva no novo território na forma de textos literários, artigos de jornais, revistas, atas de reuniões das associações, canções, textos bíblicos, livros didáticos. O padre, o pastor, o professor, o dentista, muitos deles da primeira geração no Brasil, eram referência na solução de problemas na comunidade⁵⁶ e representavam os falantes ideais da *Oralisierungsnorm*, ou *Standardsprechsprache* (BELLMANN, 1983). A norma de oralização possuía, inicialmente, portanto, a orientação na língua *standard*. Após a década de 1930, os falantes tiveram podada essa sua orientação. Com a Campanha de Nacionalização, que estabeleceu a proibição das línguas vistas como estrangeiras (1938-1945) no Brasil, a língua escrita alemã perdeu seu espaço, devido a uma substituição forçada pela língua portuguesa, com alta repressão da língua falada inclusive. Segundo Altenhofen (2016, p. 124),

⁵⁵ Tradução livre minha: “A língua *standard* inclui uma norma literária geral, três normas nacionais de oralização, diferentes modos de falar dentro das normas de oralização e uma série de variedades setoriais” (SCHMIDT, 2005, p. 302).

⁵⁶ Como bem retratado no filme *Walachai*, dirigido por Rejane Zilles.

es ist jedenfalls klar, dass die Nationalisierungspolitik des Estado Novo (1938-1945) hinsichtlich der Institutionen, die die hochdeutsche Standardsprache trugen und förderten (Schule und Presse), als Wendepunkt in der Geschichte des Deutschen in Brasilien gilt.⁵⁷

A partir desse período, o número de escolas, alunos de alemão, jornais e almanaques caiu drasticamente. Após esse contexto, a *Standardsprache* não retornou mais na mesma intensidade às localidades, pois muita literatura foi perdida, e o português passou a ocupar cada vez mais os espaços oficiais e públicos.

A norma de oralização começou a se desenvolver em outra direção que não a da *Standardsprache*, apesar de esta recentemente estar voltando, num processo a longo prazo, para as localidades nos Vales do Taquari, Rio Pardo e Jacuí, devido ao ensino de alemão e viagens à Europa, mas já se tratando de uma *Standardsprache* distinta daquela da década de 1930, a qual hoje se vinculam normas de oralização próprias da Europa. Tentativas de orientação a essa moderna *Standardsprache* por parte de falantes boêmios no Brasil existem, mas envolve um processo de sincronização bastante recente, que poderia ser denominado de “microsincronização”, por se tratar de casos específicos de pessoas que estudaram de forma autônoma, frequentaram algum curso ou viajaram. O fato é que a norma de oralização seguiu uma direção diferente de desenvolvimento da que estava seguindo até 1938, podendo ter permanecido estável - o que parece menos provável, já que outra língua, o português, passou a ocupar posição de língua-teto -, ou ter mudado, uma vez que diferentes contatos linguísticos continuaram a atuar sobre a norma. Coloca-se, portanto, a pergunta: as variedades regionais, ou *Umgangssprachen*, dos boêmios permaneceram estáveis ou mudaram? Se mudaram, em qual direção? O contato reduzido ou muitas vezes inexistente com a *Standardsprache* do alemão e a imposição da *Standardsprache* do português, porém, (ainda) não impediram que o alemão continuasse sendo falado.

1.3.2 Diglossia e processos de desdiglossização

No emprego de diferentes variedades e línguas, pode ocorrer o uso de duas variedades ou línguas em condições distintas, denominado de diglossia por Ferguson (1959),

⁵⁷ Tradução livre minha: “De qualquer forma, fica claro que a política de nacionalização do Estado Novo (1938-1945) foi considerada um ponto de virada na história do alemão no Brasil em relação às instituições que apoiavam e promoviam o alemão *standard* (escola e imprensa)” (ALTENHOFEN, 2016, p. 124).

comportamento linguístico característico em território europeu de fala alemã, sobretudo até início do séc. XIX. Ferguson (1959) compreende diglossia como o uso de uma variedade alta (*high*), como um comportamento linguístico a nível sociocultural, e de uma variedade baixa (*low*), como um comportamento linguístico a nível individual, cada uma ligada a uma função social específica no interior de uma comunidade. A variedade alta é mais comumente empregada em situações formais de fala e principalmente de escrita, no âmbito religioso, político, universitário, literário e jornalístico. A variedade baixa estaria associada a situações informais restritas ao domínio familiar e aos grupos de amigos.

Além do aspecto funcional, Ferguson (1959) ressalta que, em todas as definições de língua, os falantes reportam à variedade alta como superior à variedade baixa:

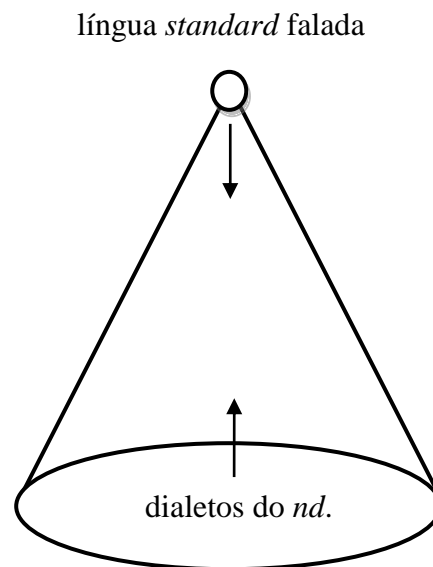
Even where the feeling of the reality and superiority of H is not so strong, there is usually a belief that H is somehow more beautiful, more logical, better able to express important thoughts, and the like. And this belief is held also by speakers whose command of H is quite limited (FERGUSON, 1959, p. 7).⁵⁸

Esse desprestígio associado à variedade baixa está associado a noções de certo e errado na língua, o que, porém, se coloca como um equívoco, já que não há nada intrínseco a uma variedade que a defina como inferior ou superior a outra. Ferguson (1959) associa a diferença de prestígio à herança literária da variedade alta, a qual serviria como variedade *standard* para uma prática legitimada de utilização de léxico e gramática que reportariam a uma específica época da história literária. Já a aquisição linguística geral se desenvolve, costumeiramente, na variedade baixa, cuja estrutura gramatical seria aprendida naturalmente, ou seja, sem discussão de normas e nomenclaturas, contrariamente ao que ocorre na aprendizagem da variedade alta. O autor ainda cita a característica de standardização da variedade alta, que, por ser alvo de estudos científicos, já apresentaria gramáticas, em contraste com a variedade baixa, a qual ainda pouco fora estudada. O fator de estabilidade, conforme Ferguson (1959), também seria mais característico da variedade alta, que pode levar centenas de anos para se modificar, diferente da variedade baixa, que pode passar para uma forma intermediária, de aproximação com a variedade alta. A gramática seria mais complexa na variedade alta, na medida em que o respeito às regras gramaticais seria mais cobrado do que na variedade baixa, em que a simplicidade gramatical seria mais característica.

⁵⁸ Tradução livre minha: “Mesmo onde o sentimento da realidade e da superioridade de H não são tão fortes, há usualmente uma crença de que H é, de alguma forma, algo que é mais bela, mais lógica, mais propícia para expressar pensamentos importantes, e assim por diante. E essa crença é mantida, também, por falantes cuja proficiência em H é limitada” (FERGUSON, 1959, p. 7).

Fishman (1967), ao discutir o conceito de diglossia de Ferguson (1959), explica que cada uma das variedades expressa um conjunto de comportamentos, valores e atitudes distinto, isto é, cada uma das línguas estaria conectada a uma função diferente. Essa separação de funções, completa Fishman (1967), normalmente refletia uma variedade *standard*, para as atividades ligadas à religião, educação e atividades formais no geral, e uma variedade *substandard*, para funções relacionadas aos sentimentos, ao lar e ao trabalho. Steinig (1976) e Gumperz (1975) se referem à coexistência de dialeto e variedade *standard* como diglossia coordenada, em que uma variedade *standard* é utilizada de forma alternada com uma variedade dialetal. O que diferenciaria uma variedade da outra seria a distância formal e a distribuição funcional, concordando com Fishman (1967). A diglossia coordenada é característica do repertório das pessoas do séc. XIX da área *Nd.*, onde, conforme visto em 2.3.1, e representado na figura 10, a variedade *standard* foi aprendida quase como uma língua estrangeira, devido a sua grande divergência com o dialeto.

Figura 10: *Repertório linguístico diglótico de imigrantes pomeranos e vestfalianos*



Fonte: de autoria própria, baseado em Auer (2005)

Logo, os imigrantes pomeranos e vestfalianos emigrados ao Rio Grande do Sul na segunda metade do séc. XIX também já adentraram as localidades com um repertório formado por mais de uma variedade e não apenas por um dialeto. O outro extremo disputado com o dialeto certamente foi uma variedade *standard* falada, ou norma de oralização, que, segundo König et al. (2015, p. 159), já começara a influenciar os dialetos da área do *Nd.* no

séc. XVI. E, para concluir essa reflexão, a necessidade de pomeranos e de vestfalianos estabelecerem uma intercomunicação prática com os grupos em contato, como, por exemplo, boêmios e hunsriqueanos, pode ter levado à adoção de normas de oralização para atingir esse objetivo; já estas, ao contrário dos seus dialetos, apresentavam maior similaridade com as variedades em contato.

Fishman (1967) refina o conceito de diglossia, ao propor quatro situações distintas de uso da língua: a) diglossia com bilinguismo; b) diglossia sem bilinguismo; c) bilinguismo sem diglossia; e d) nem bilinguismo nem diglossia.

Em contextos de diglossia e bilinguismo haveria o emprego de duas línguas, como é o caso do espanhol (língua majoritária) e do guarani (língua minoritária), no Paraguai, com funções distintas, mas sem necessariamente refletir uma separação de comportamentos, valores e atitudes.

Wherever speech communities exist whose speakers engage in a considerable range of roles [...]; wherever access to several roles is encouraged or facilitated by powerful social institutions and processes; and finally, wherever the roles are clearly differentiated, both diglossia and bilingualism may be said to exist (FISHMAN, 1967, p. 32).⁵⁹

Fishman (1967) ainda destaca que, em sociedades complexas da modernidade, o repertório linguístico dos falantes se torna cada vez mais diversificado. Já situações de diglossia sem bilinguismo, conforme Fishman (1967), são características de comunidades em que não há uma diversificação de papéis e, conseqüentemente, um acesso restrito a outras línguas, o que faz com que a comunidade recorra a tradutores e intérpretes em casos de contato com outras comunidades de fala. Nesse contexto, o bilinguismo não se desenvolve, mas apenas o uso de duas ou mais variedades da mesma língua para funções distintas no interior da comunidade. Fishman (1967) salienta que esse é o caso de comunidades minoritárias que vivem no extremo oposto do spectrum social, ou seja, economicamente subdesenvolvidas e imobilizadas. Pode-se dizer que essa condição social pode levar a adoção da língua majoritária para fins de sobrevivência e igualdade.

Em casos de comunidades de imigrantes que foram deslocados à força por decisão política e seus papéis sociais abalados pelo deslocamento de valores e normas a eles associados, resultante da emigração e industrialização simultânea, a língua do trabalho passa a

⁵⁹ Tradução livre minha: “Em qualquer comunidade de fala, cujas pessoas estão engajadas em uma ampla gama de papéis [...]; onde o acesso a múltiplos papéis é encorajado ou facilitado por poderosas instituições e processos sociais; e finalmente, onde os papéis sejam claramente diferenciados, diglossia e bilinguismo podem coexistir” (FISHMAN, 1967, p. 32).

ser usada também no lar, ao lado da língua de imigração. Fishman (1967) define esse como sendo um contexto de bilinguismo sem diglossia, que nada mais é do que transitório, uma vez que a língua do trabalho mais tarde se torna a única língua do lar.

Fishman (1967) também aponta uma situação rara caracterizada pela ausência tanto de diglossia como de bilinguismo. É o caso de comunidades em que há pouca diversificação de papéis, compartimentalização do repertório linguístico, interação face a face e contato com outras comunidades de fala, o que não oportuniza o desenvolvimento de bilinguismo e/ou diglossia. Segundo Fishman (1967), a ausência de bilinguismo e diglossia seria rara em um mundo caracterizado por contatos culturais, expansão populacional e crescimento econômico. O contato com outros, por sua vez, direcionaria para uma diversificação interna e, conseqüentemente, para a diversificação do repertório (FISHMAN, 1967).

Segundo Bellmann (1983), o comportamento diglósico coordenado, composto por dialeto e língua falada *standard* (*Standardsprechsprache*), teria existido em território de fala alemã principalmente até o início do séc. XIX. Depois disso, já teria se transformado em um uso diglósico composto, fundido, devido a mudanças na vida social, dentre elas migrações diárias entre zona rural e zona urbana e alfabetização das pessoas do campo.

O movimento de convergência, tanto no plano horizontal, entre variedades da zona rural e da zona urbana, como no plano vertical, entre variedades [+dialetais] e variedades [+standard], levou a um processo de nivelamento entre ambas as variedades e, conseqüentemente, à perda das variedades mais dialetais (*Dialektabbau*), conforme Bellmann (1983). A desconstrução dialetal se intensifica na medida em que o uso da *Standardsprechsprache* (BELLMANN, 1983) avança pelo território de fala alemã. O avanço da industrialização, a crescente urbanização, a mobilidade geográfica e social e os efeitos das novas mídias da comunicação teriam conduzido à ampliação e à abertura das comunidades de fala, ao pertencimento de indivíduos e grupos de falantes a diferentes grupos, a mudanças nos sistemas de valores e a inovações linguísticas.

A desconstrução dialetal, segundo Bellmann (1983), avançou, nesse contexto, em duas direções. Na primeira, o grau de variabilidade aumentou quando uma variedade se difundiu com outra. As variedades que antes eram mantidas de forma compartimentada, sem qualquer interferência, passam a se entrecruzar. Na segunda direção, a *Standardsprechsprache*, como variedade inovadora, passa a ter o controle sobre o dialeto, variedade conservadora, desconstruindo-o. Quando a língua ingressa num estágio de variação avançado, pode se desencadear uma mudança na língua. Toda mudança é decorrente de estágios de variação,

porém nem todo estágio de variação pressupõe uma mudança. Pode ser que um falante em sua infância e adolescência tenha utilizado uma variedade [+dialetal], a qual na idade adulta foi substituída por uma variedade [+standard], e que numa idade mais avançada esse falante volte a se comunicar na variedade [+dialetal]. Isso vai ao encontro da trajetória linguística da informante CaGII no ponto Bo04, que afirma ter usado o alemão local na infância e na adolescência, o português na fase adulta e o alemão local novamente após os cinquenta anos de idade.

A desconstrução dialetal possui como alvo os “basiletos”, que são definidos por Bellmann (1983) como variedades com grande grau de dialetalidade e um revestimento local exclusivo caracterizado como arcaico. O *Böhmisch*, formado originalmente pela diglossia dialeto e norma de oralização, poderá apresentar elementos arcaicos de origem saxã, bávara e silésia, podendo, assim, o dialeto *Böhmisch* ser denominado de basileto. Esse basileto seria alvo de uma desconstrução dialetal impulsionada pela sobreposição da *Oralisierungsnorm*, a qual continuou se desenvolvendo, até 1938, com o aporte da *Standardsprache*, pois esta permitiria uma comunicação intra e transregional com os demais grupos migratórios em contato.

Se na comparação entre dialetos locais não for identificado nenhum conteúdo linguístico arcaico, em função de uma desconstrução dialetal, poderá se falar em um dialeto regional. Caso não se encontre mais marcas arcaicas, é possível que a variedade já tenha atravessado a desconstrução dialetal e se transformado em uma variedade regional. Não apenas os contrastes verticais, no contínuo [+standard]/+dialetal], seriam reduzidos, como também as diferenças linguísticas na arealidade da língua, na medida em que a regionalização se torna a tendência. Porém, Bellmann (1983) acredita que pode haver gradações entre um basileto e uma variedade regional e destes em direção a uma língua coloquial (*Umgangssprache*).

A desconstrução de um basileto tem por objetivo a difusão de uma variedade linguística, podendo esta ser, por exemplo, a língua *standard* falada, uma variedade urbana ou uma variedade de um grande centro urbano, nas palavras de Bellmann (1983). A variedade objetivada atua por meio de interferências linguísticas. Como essas interferências ocorrem em ambas as direções, do basileto sobre a língua *standard* falada e desta sobre o basileto, pode-se falar de uma língua *standard* falada com nuances dialetais, isto é, levemente “colorida” por elementos linguísticos provenientes do basileto. Na medida em que essa língua *standard* avança sobre o basileto, interferindo linguisticamente sobre ele, os contrastes entre ambos vão sendo minimizados e forma-se uma variedade regional.

A interferência de uma língua *standard* falada sobre um basileto, segundo Bellmann (1983), pode ser impulsionada de duas formas em situações de contato linguístico: 1. da língua *standard* pertencente à mesma língua que o basileto, como por exemplo o *Lausitzisch*, que possui como língua-teto o alemão *standard*; e, 2. de outra língua *standard* que não possui parentesco direto com o basileto, mas que serve de língua-teto a este, como por exemplo o *Elsässisch*, que não possui mais sua língua-teto, no caso o alemão *standard*, e o francês *standard*, que interfere sobre o *Elsässisch*. Outro exemplo semelhante a este último é em relação ao alemão bucovino em Washington, que não recebeu mais nenhuma interferência do alemão *standard*, sua língua-teto, no novo território, que já após uma geração fora substituído pelo inglês, nova língua-teto, conforme Eller-Wildfeuer (2017) - o que a autora explica pelo desejo de assimilação e pela postura liberal das gerações mais velhas, conforme relatos de falantes. Esse caso é diferente do que ocorre em Banater Bergland, na Romênia, em que o *Böhmisch* continua vinculado a sua língua-teto, o alemão *standard*, por meio do ensino, por exemplo, apesar de o romeno ser a língua oficial. Segundo Eller-Wildfeuer (2017), neste caso, é questionável a desconstrução dialetal, já que falantes da geração mais jovem de boêmios romenos ainda mantêm o basileto, podendo o ensino do alemão e a ampla difusão nas mídias da comunicação estar contribuindo para essa manutenção.

No caso do basileto *Böhmisch* no Rio Grande do Sul, é provável que a desconstrução dialetal tenha sido impulsionada de duas formas: 1. a sobreposição da variedade *standard* regional; e, 2. o nivelamento com o *Hunsrückisch* e outras variedades *standard* por contato linguístico. O português, como nova língua-teto, serviu com empréstimos lexicais. Nessa competição pela maior interferência sobre o basileto, é possível que, de um ponto geográfico a outro, as variedades de contato e o português tenham atuado em diferentes graus sobre a desconstrução do mesmo. Caso tenha se desenvolvido uma variedade regional, esta poderá conter contrastes verticais, isto é, elementos ora de base dialetal saxã, bávara e silésia, ora da norma de oralização original, situada no meio do contínuo mais próximo da língua *standard* falada, ora do *Hunsrückisch*, também situado no meio do contínuo linguístico, porém um pouco abaixo da norma de oralização original.

Crítérios de seleção de variantes linguísticas na nova variedade para elementos equivalentes na variedade alvo dependem da escala de valoração da comunidade de fala. Segundo Bellmann (1983), é totalmente possível que duas variantes coocorram durante toda uma geração, quando a variante velha serve à solidariedade e identificação do grupo local e quando a variante nova serve à melhor interação com outras comunidades de fala. Ou seja,

quando ambas as variantes são funcionais. Devido à escala de valoração das variantes pela comunidade de fala, é natural que o processo de desconstrução (e suposta reconstrução) dialetal ocorra de modo variável de um ponto a outro. A substituição de variantes se desenvolve sistematicamente, a passos lentos, por meio da composição de variantes de compromisso (*Kompromissform*) ou variantes parciais (*Teilschrittvarianten*). Essas variantes podem se transformar de forma coexistente e se agrupar em séries de variantes (*Variantenreihen*). Isso poderia significar a possibilidade de coexistência de variantes oriundas da variedade [+dialetal] boêmia, da variedade [+standard] boêmia e do *Hunsrückisch* em contato.

Segundo Altenhofen (2014), tinha-se a ideia de que predominava, no Rio Grande do Sul, uma variedade alemã coloquial uniforme e homogênea, caracterizada pela influência do português, porém, seus estudos comprovam que, na verdade, existe uma variação interna muito grande. Estudos sobre o *Hunsrückisch* (ALTENHOFEN, 1996; 2014) revelam que há variações dentro dessa mesma variedade, provinda do contato entre esta e o português e mesmo com outras variedades do alemão. Esse processo de variação pode estar relacionado, também, à variedade dos boêmios.

O processo de contatos de uma variedade com outras variedades pode ter como efeito o surgimento de uma coine. SIEGEL (1985) propõe dois tipos de coine, a coine regional e a coine de imigração. A coine regional nasceria em um território onde outras variedades da mesma língua são faladas. “*This type of koine remains in the region where the contributing dialects are spoken, although it may be used outside the region as a trade language with other linguistic groups*” (SIEGEL, 1985, p.364).⁶⁰ Isto é, a coine regional tem a função de servir à comunicação externa à comunidade. Já a coine de imigração seria resultante do contato entre diferentes variedades regionais. “[...] *however, the contact takes place not in the region where the dialects originate, but in another location where large numbers of speakers of different regional dialects have migrated*” (SIEGEL, 1985, p.364).⁶¹ Além disso, esse tipo de coine pode se tornar a língua materna dos falantes.

⁶⁰ Tradução livre minha: “Esse tipo de coine permanece na região em que os dialetos contribuintes são falados, embora possa ser usado fora da região como língua comercial com outros grupos linguísticos” (SIEGEL, 1985, p.364).

⁶¹ Tradução livre minha: “[...] No entanto, o contato ocorre não na região onde os dialetos se originam, mas em outro local aonde um grande número de falantes de diferentes dialetos regionais migrou” (SIEGEL, 1985, p.364).

Provavelmente o contato entre os imigrantes alemães provindos de diferentes pontos da Europa fez emergir a necessidade de uma variedade alemã comum que garantisse a comunicação entre as diferentes comunidades de fala. A coíné que surge nesse contexto é, pois, uma coíné de imigração.

Esse processo surge através de um nivelamento linguístico entre variedades dialetais que tenham uma base parecida. Por meio desse nivelamento de variedades linguísticas, os falantes de diferentes comunidades de fala (boêmios, vestfalianos e hunsriqueanos) conseguem se comunicar utilizando essa língua de comunicação comum e compreensível entre todos (HABEL, 2014, p. 31).

O nivelamento entre as variedades faladas por boêmios, vestfalianos e hunsriqueanos nos pontos desta pesquisa pode ter dado origem a uma variedade que não é nem uma nem outra, mas sim um nivelamento entre as três variedades do alemão, cujas marcas linguísticas ainda podem estar presentes no alemão falado nas comunidades boêmias. É possível que o *Hunsrückisch* apresente maior influência sobre o processo de nivelamento, uma vez que,

Por suas características, maior proximidade do standard, origem intermediária entre o standard e o baixo-alemão, bem como um número bastante representativo de falantes, o hunsriqueano logo assumiu a função de língua comum de intercomunicação entre os diferentes grupos regionais de imigração alemã (HABEL, 2014, p. 32).

O *Hunsrückisch* impôs-se como língua comum dominante na comunicação dos diferentes grupos regionais de imigração alemã (ALTENHOFEN, 2014a, p. 86). É preciso, porém, atentar que em cada povoado o grau de interferência do *Hunsrückisch* sobre o basileto *Böhmisch* pode ser distinto e atingir níveis diferentes da língua, além disso, como já mencionado, a variedade [+standard] boêmia pode ter competido juntamente com o *Hunsrückisch* e o basileto *Böhmisch*. Um terceiro fator a ser controlado é a similitude de variantes entre o alemão dos boêmios e o *Hunsrückisch*, ou seja, entre variedade do médio-alemão ocidental (*Westmitteldeutsch*) e médio-alemão oriental (*Ostmitteldeutsch*), ambas pertencentes ao espaço do médio-alemão (*Mitteldeutsch*). Logo, não obstante, pode haver elementos linguísticos do *Böhmisch* que coincidem com o *Hunsrückisch* em contato, não na forma de interferências deste no primeiro, e sim de variantes da matriz de origem.

A língua falada *standard* (*Standardsprechsprache*) do alemão é resultado de séculos de constituição do moderno alto-alemão em sua forma escrita. A busca por uma escrita uniforme do alemão, portanto, antecede a utilização dessa variedade na fala. A língua *standard* em sua forma falada, como discutido na seção 2.2.3, apresentava, segundo Bellmann

(1983), no séc. XIX ainda forte coloração dialetal local. Somente no séc. XX é que o uso da língua *standard* falada se intensifica nos ambientes privados, e crianças passam a aprendê-la como primeira língua. Desde 1945 constatou-se uma popularização da variedade *standard* falada, num movimento de abertura e flexibilização de cima para baixo no contínuo linguístico. A língua *standard* falada foi colocada em discussão devido ao seu caráter negativo de instrumento de repressão. A nova concepção de ensino pós Segunda Guerra Mundial teria contribuído para a conotação negativa da língua *standard* falada e para a sua flexibilização. Essa língua *standard* falada, que apresenta suas raízes no moderno alto-alemão escrito e resultante de um longo processo de desconstrução dialetal, mostra de forma acentuada uma tendência em uma direção totalmente oposta distinta do uso diglótico da língua no passado, como observa Bellmann (1983).

Se no período da pré-industrialização ainda era possível falar de um uso diglótico de uma variedade [+dialeto] e uma variedade [+*standard*], isto é, de um dialeto e uma norma de oralização, de forma alternada para cumprimento de funções distintas e com distanciamento formal, agora esse discurso já não encontra mais respaldo, conforme Bellmann (1983). Os basiletos desconstruem e reconstruem suas regras e variantes contrastivas, até alcançarem o campo intermediário do contínuo linguístico, fixando-se perto da linha superior próximo à língua *standard* em seu nível máximo. Já a língua *standard* falada cede sua norma de uso e passa a descer no contínuo, em direção ao mesmo campo intermediário. O falante, segundo Bellmann (1983), evita as marcas dialetais, por um lado, mas também não alcança, de forma intencional ou não, a língua *standard* falada, por outro lado. O desenvolvimento a essa condição de convergência entre o basileto e a língua *standard* falada Bellmann (1983) denomina de desdiglossização (*Entdiglossierung*). Logo, o conceito de diglossia composta não faria mais sentido, já que não se trataria mais de diglossia, e sim de um *Kompositum* variável. Para Bellmann (1983), seria pouco adequado afirmar que se trata de uma variedade mista ou de transição, mas sim de uma variedade de campo intermediário (ou *Mittelfeldsprache*, ALTENHOFEN, 2019) no contínuo linguístico [+*standard*/+dialeto].

Observar e compreender os estágios de desconstrução (e respectivamente de reconstrução) dialetal pode revelar pistas sobre os problemas linguístico-estruturais visíveis no campo intermediário que são a base do comportamento linguístico (*Sprachverhalten*). Bellmann (1983) afirma que a gênese da língua *standard* falada do alemão, considerada como variedade intermediária, com colorações locais específicas, comporta fenômenos sistemáticos, por um lado, e fenômenos à margem, por outro lado, isto é, entre contrastes sistemáticos,

haveria também contrastes não sistemáticos, conforme o dialeto em contato, que lhe concede a coloração. Efeito da desdiglossização seria a raridade de uma única variante para referenciar algum objeto, e sim o conhecimento ativo e passivo de variantes diversas para o mesmo objeto. A língua de campo intermediário, sistematizando, seria resultante de forças de interferência entre uma língua *standard* falada sobre um dialeto, que como língua regional alcança proximidade com a variedade *standard* falada. Devido à flexibilização e popularização da norma de uso, esta abre espaço para a manutenção de elementos dialetais locais junto a elementos da língua *standard* falada, compondo o que Bellmann (1983) chama de “sistema geral da língua falada” (*sprechsprachliches Gesamtsystem*).

1.3.3 Línguas de campo intermediário no contínuo *standard/substandard*

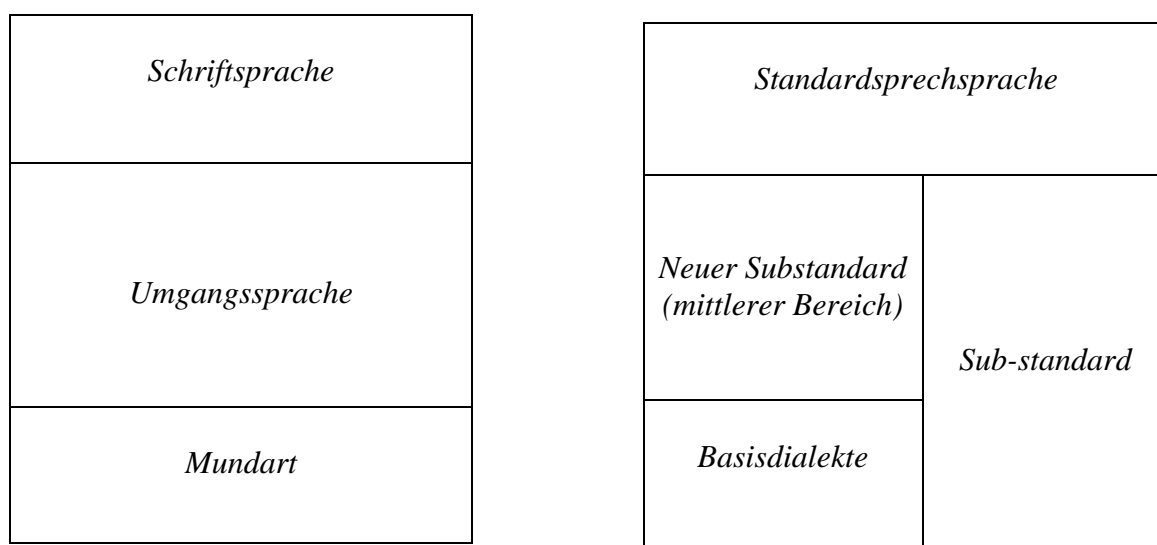
A posição de uma variedade linguística no contínuo *substandard* pode variar entre o campo do meio e o da base. Bellmann (1983) concebe o campo da base do contínuo como *substandard*, ou seja, a língua em sua verticalidade [+*standard*/+dialeto] e em sua horizontalidade, entre grupos de povoados distintos, preservando ou incorporando elementos linguísticos dialetais locais. *Substandard* geral (*Gesamtsubstandard*), por sua vez, cunharia o conjunto de *substandards* de todos os locais. Já o campo intermediário é denominado por Bellmann (1983) de novo *substandard*, representando uma língua ou variedade distribuída em uma maior arealidade, na forma de língua regional. Como exemplo cita línguas de cunho coloquial como o bávaro e o suábio.

A desdiglossização, que tem seu início durante a inserção da industrialização, se desenvolveu, segundo Bellmann (1983), a partir da diversificação de variantes linguísticas. O acúmulo histórico de variantes parciais (*Teilschrittvarianten*) processa na forma de uma projeção sincrônica, em que coincidem como variantes e variáveis coexistentes. Somente a partir da inserção do ensino é que entram em cena variantes do alemão *standard* falado. Em outras palavras, Bellmann (1983) explica que a competência inicial se desenvolve com a interferência de variantes do *substandard*, e somente depois essa competência é complementada pela interferência de variantes da língua *standard*. Para recapitular, cito Bellmann (1983, p. 129), em que resume a dissolução da diglossia:

Die außersprachlich hervorgerufene Auflösung der Dialekt/Standard-Diglossie zugunsten des Kontinuums und die nachhaltige Konzentrierung der Kommunikation auf dessen etwa mittleren Bereich, „Umgangssprache“ und von mir Neuer-Substandard genannt, ist sprachlicherseits durch Interferenzwirkung ermöglicht worden.⁶²

Os dois quadros a seguir revelam as denominações utilizadas por Bellmann para descrever as camadas da língua. A *Umgangssprache* equivaleria ao campo do meio, ou seja, ao *Neuer Substandard*, e a *Mundart* aos *Basisdialekte*.

Figura 11: Níveis linguísticos na estrutura do contínuo *standard-substandard*



Fonte: Bellmann (1957; 1983)

Aplicando-se esta estrutura ao alemão dos boêmios, a coine regional dialetal *Nordböhmisches*, e a variedade regional standard de base *Obersächsisch-Schlesisch*, que funcionava como *Oralisierungsmuster* (modelo de oralização), ocupariam o espaço intermediário do contínuo, isto é, o status de novo substandard. Estas seriam depois ressignificadas porque, como já exposto, perderam sua língua-teto, o alemão *standard* de base *Ostmitteldeutsch-Schlesisch*, e ficaram sob uma nova língua-teto, o português *standard*, além de estarem sob influência de variedades alemãs por contato linguístico. Já o alemão *standard* ocuparia a posição superior, podendo ser atingido em casos específicos por dois caminhos: 1. o estudo da língua escrita do novo-alto-alemão, sobretudo na geração jovem; e, 2. a memória

⁶² Tradução livre minha: “A dissolução evocada pela diglossia dialetal/*standard* em favor do contínuo e da concentração sustentada da comunicação no campo do meio, chamado “coloquial” e por mim denominado de novo *substandard*, tornou-se possível pelo efeito de interferência linguística” (BELLMANN, 1983, p. 129).

da *Oralisierungsnorm* num estágio anterior de desenvolvimento, principalmente por parte da geração mais velha. Neste caso, se trataria do alemão *standard* com a configuração vigente até a metade do séc. XX.

O português *standard* falado passou a ocupar os espaços da sociedade em que antes o alemão *standard* falado imperava. Além de os falantes possuírem uma norma de oralização do alemão *standard* ressignificada, e em alguns casos atingirem uma norma de oralização do novo-alto-alemão ou de um estágio anterior de desenvolvimento da atual norma de oralização em uso, podem apresentar também o domínio de variedades regionais do português. Este último sobretudo na geração mais jovem e mais escolarizada.

Figura 12: Estrutura do *Substandard* (BELLMANN, 1983), adaptada ao alemão e ao português falado nas localidades desta pesquisa

Alemão <i>standard</i> de base <i>Obersächsisch-Schlesisch</i>		Português <i>standard</i> falado	
Coiné regional dialetal <i>Nordböhmisch</i> e variedade regional <i>standard</i> <i>Obersächsisch-</i> <i>Schlesisch</i>	<i>Sub-</i> <i>standard</i>	Variedades regionais	<i>Sub-</i> <i>standard</i>
Dialeto boêmio		Português arcaico	

Fonte: de autoria própria, baseado em Bellmann (1983)

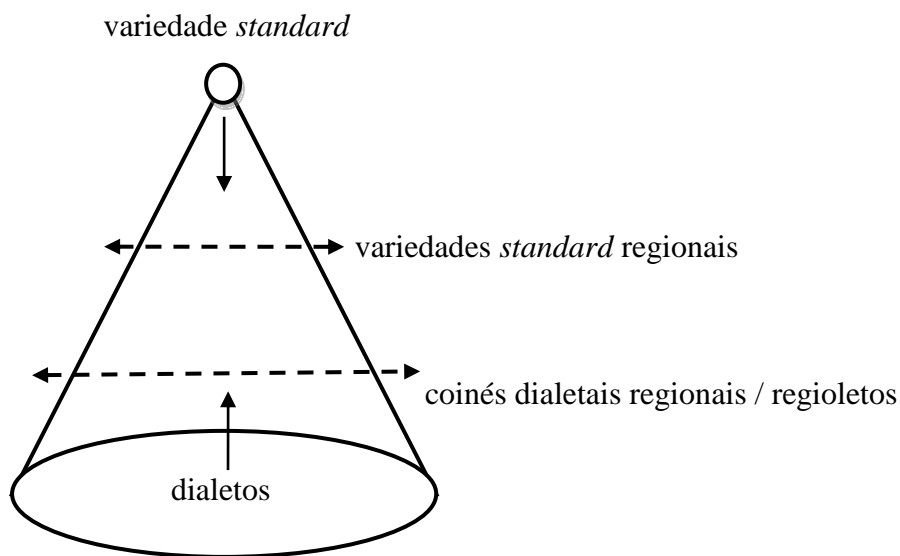
1.3.4 Diglossia no repertório linguístico

A partir do início do séc. XIX, a influência entre os dois polos da diglossia, isto é, a variedade *standard* sobre o dialeto, levou a uma mudança linguística.

Provided there is a dialect and a standard variety, and provided that the former orients itself towards the latter, language change may take place in the form of structural convergence, either because the standard assimilates do the dialects or because the dialect converges towards the standard (AUER; HINSKENS, 1996, p.6).⁶³

A convergência vertical entre esses dois polos, variedade *standard* e dialeto, apresenta como resultado variedades intermediárias (AUER; HINSKENS, 1996), que podem se estabilizar ou não, no sentido de se divergir mais em relação ao dialeto ou em relação ao *standard*. Dessa forma, a posição das variedades intermediárias podem variar, movendo-se, porém, para posições mais próximas do *standard* na maioria das vezes, conforme os autores. O cone abaixo ilustra o processo de convergência que se forma no interior do contínuo linguístico:

Figura 13: Repertório diaglóstico



Fonte: Auer (2005, p. 27)

Tanto os falantes das variedades *standard* regionais como das coínés dialetais regionais podem assumir o papel de agentes.

⁶³ Tradução livre minha “Desde que haja um dialeto e uma variedade *standard*, e desde que as formas se orientem por esta última, a mudança linguística poderá ocorrer na forma de convergência estrutural, seja porque o *standard* assimila os dialetos ou porque o dialeto converge para o *standard*” (AUER; HINSKENS, 1996, p.6).

For instance, if a traditional dialects absorbs features of the standard language or a variety closer to the standard language, a process which may eventually lead to the formation of a regional dialect, then this dialect is the recipient variety and the standard language the source variety (AUER; HINSKENS, 1996, p.8).⁶⁴

Nesse caso, os falantes do dialeto ocupam a posição de agentes, e forma-se uma variedade dialetal regional de um processo de convergência do *standard* em direção ao dialeto. Em se tratando da formação de uma variedade *standard* regional, a variedade *standard* torna-se recipiente e o dialeto a alimenta com recursos linguísticos próprios, cujos falantes assumem o papel de agentes (AUER; HINSKENS, 1996). Forma-se, portanto, uma variedade *standard* regional do processo de convergência do dialeto em direção ao *standard*.

Segundo os autores, na dialetologia tradicional o termo *Umgangssprache* era utilizado para denominar as variedades *standard* regionais, enquanto que atualmente ele designa todo o espectro variacional entre o *standard* e o dialeto, englobando, portanto, todas as variedades intermediárias do contínuo. Em relação ao repertório linguístico dos boêmios, sobretudo da primeira metade do séc. XIX, antes da imigração portanto, pressupõem-se que este já era composto por variedades intermediárias: uma *standard* regional de base *Obersächsisch-Schlesisch*, e outra dialetal regional *Nordböhmisch*, resultantes dos processos de convergência do *standard* em direção ao dialeto e deste em direção ao *standard*. Essa variedade *standard* regional, porém, apresentando ainda forte influência do dialeto *Nordböhmisch*, pois era este que servia de recurso para a oralização da variedade *standard*. Ambas as variedades configurariam as *Umgangssprachen* dos boêmios do norte no séc. XIX.

Enquanto que no repertório diglótico, a variedade *standard* estava rigidamente separada da variedade dialetal, assumindo cada uma funções distintas na comunicação, no repertório diatlético, as variedades são mais fluidas. “*In this repertoire type, there are not only code-switches between dialect and the standard but speakers can also make subtler shifts from a more dialectal variant to a more standard one*” (GHYSELEN, 2016, p. 39).⁶⁵ Ghyselen (2016) em sua pesquisa sobre a mudança de um repertório diglótico para um repertório diatlético em falantes de *Standard Dutch* e *Flemish* em Ypres, em Flandres Ocidental, na Bélgica, identificou a presença tanto de diglossia como de diatlética entre os

⁶⁴ Tradução livre minha: “Por exemplo, se um dialeto tradicional absorve características da língua *standard* ou uma variedade mais próxima do *standard*, processo este que pode eventualmente levar à formação de um dialeto regional, então esse dialeto é a variedade-destino e a língua *standard* a variedade-fonte” (AUER; HINSKENS, 1996, p.8).

⁶⁵ Tradução livre minha: “Nesse tipo de repertório, não ocorre somente o code-switching entre o dialeto e o *standard*, pois os falantes podem fazer, para além disso, mudanças mais sutis de uma variante mais dialetal para uma mais padrão” (GHYSELEN, 2016, p. 39).

falantes, sendo que em relação a esta última foram identificadas variedades intermediárias diversas. Em seu estudo, confirmou a mudança de um repertório diglótico para um repertório diaglótico por meio de processos de convergência: 1. vertical do dialeto em direção ao standard, a partir da “limpeza” do dialeto; e, 2. horizontal entre dialetos, pela acomodação com dialetos em contato. A autora também explica que essa mudança em processo emerge da necessidade de uma comunicação suprarregional informal.

The observed patterns moreover show how intermediate variations in this change process are firstly used for suprarregional informal communication and that dialect and (an intended form of) standard language are still vital as means of respectively regional informal and suprarregional formal communication (GHYSELEN, 2016, p. 56).⁶⁶

Auer e Hinskens (1996) já afirmavam que uma convergência vertical entre standard e dialeto também implicaria em uma convergência horizontal, a qual também denominam de transversal (*cross-dialect convergence*). Novas variedades intermediárias não necessariamente são resultantes de convergências verticais, mas podem ser produtos da convergência com outros dialetos ou variedades standard em contato. Além disso, o surgimento de variedades intermediárias nem sempre implica na perda da variedade dialetal.

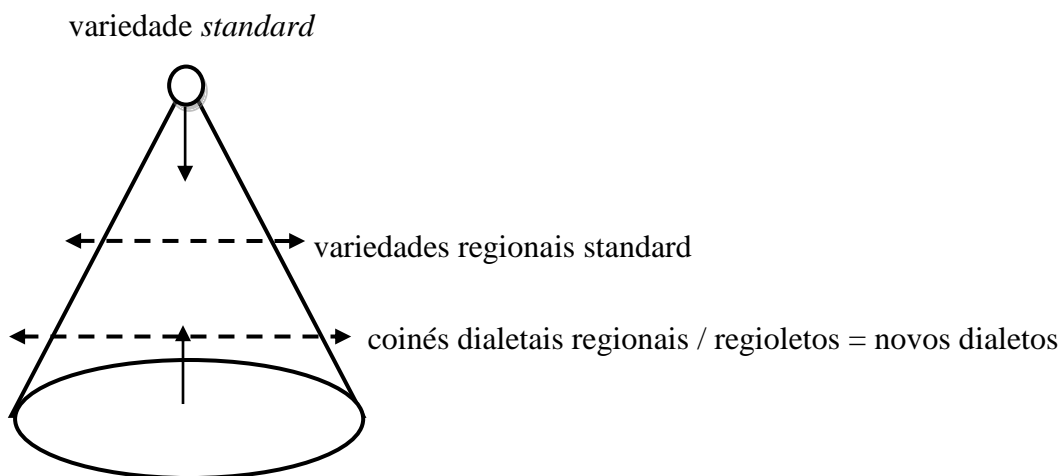
Certainly, the emergence of new regional varieties certainly does not automatically lead to the extinction of the dialects from which they developed. On the contrary, cases have been reported in which the development of regional varieties seems to guarantee the survival of the dialects (AUER; HINSKENS, 1996, p. 10).⁶⁷

Por outro lado, haveria casos em que a variedade dialetal desapareceria totalmente, posicionando a variedade dialetal intermediária no novo polo inferior do contínuo:

⁶⁶ Tradução livre minha: “Os padrões observados, além disso, mostram como variações intermediárias nesse processo de mudança são primeiramente empregadas para a comunicação informal transregional e que o dialeto e (uma forma intencional de) língua *standard* ainda são vitais, como forma de comunicação respectivamente informal regional e formal transregional” (GHYSELEN, 2016, p. 56).

⁶⁷ Tradução livre minha: “Certamente, o surgimento de novos ativos regionais não leva automaticamente à extinção dos dialetos dos quais eles são desenvolvidos. Pelo contrário, casos têm sido relatados em que o desenvolvimento de novas variedades regionais parece garantir a sobrevivência dos dialetos” (AUER; HINSKENS, 1996, p. 10).

Figura 14: Repertório diaglóstico com perda da variedade dialetal



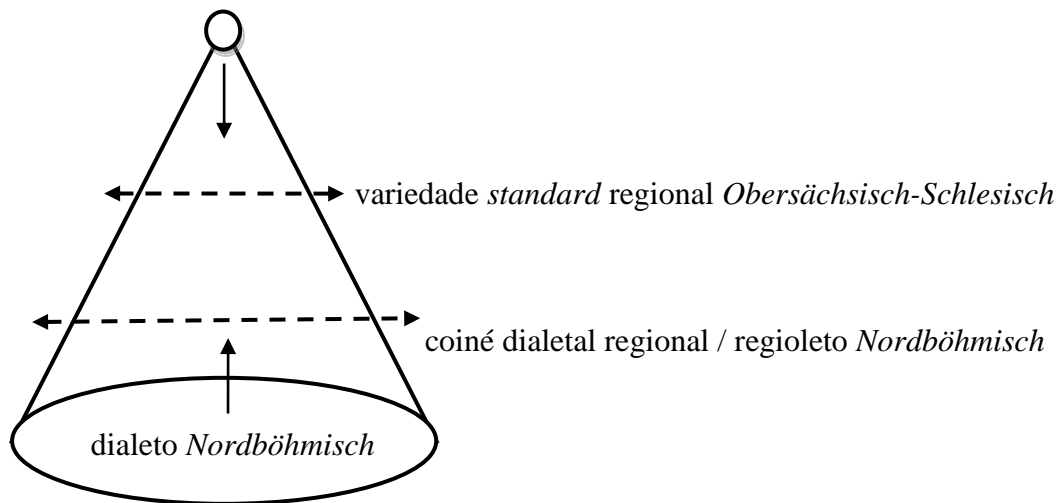
Fonte: Auer (2005, p. 36)

No caso de perda dos dialetos, as coínés dialetais regionais, antes variedades intermediárias, ocupariam o extremo inferior do contínuo, isto é, o polo de dialetos. Porém, segundo Auer e Hinskens (1996), de forma alguma essas variedades intermediárias, ou novos dialetos, assumiriam todas as funções sociais e comunicativas dos antigos dialetos, mas carregariam muito mais os valores positivos e negativos associados à reestruturação social conectada com à industrialização. *“Important prerequisite for standard/dialects convergence: the later must have a generally accepted high status and its use must be considered appropriate in a wide range of domains and situations”* (AUER; HINSKENS, 1996, p. 12).⁶⁸ Em se tratando do repertório linguístico dos imigrantes boêmios, é possível que o dialeto tradicional *Nordböhmisches*, na segunda metade do séc. XIX, já estivesse em processo maior de desconstrução no repertório daqueles falantes de povoados mais urbanizados e industrializados como Gablonz e Reichenberg. O cone a seguir ilustra o repertório linguístico dos imigrantes boêmios:

⁶⁸ Tradução livre minha: “Pré-requisito importante para a convergência *standard* / dialeto: o último deve ter um status alto geralmente aceito e seu uso deve ser considerado apropriado em uma ampla gama de domínios e situações” (AUER; HINSKENS, 1996, p. 12).

Figura 15: Repertório linguístico dos boêmios na segunda metade do séc. XIX

variedade *standard* de base *Obersächsisch-Schlesisch*



Fonte: de autoria própria, baseado em Auer (2005)

Importante ressaltar que a posição da variedade regional *standard* e do novo dialeto regional dos boêmios pode ter sido variada no campo do meio do contínuo, dependendo da conjuntura social de cada povoado do norte da Boêmia. Nesse caso, é possível que alguns falantes tenham migrado com um dialeto regional ainda mais resistente a mudanças do que outros. O que, porém, não significa que a variedade *standard* regional não tenha existido para esses falantes. Esta, assim como o dialeto, pode também ter apresentado variação entre os falantes.

Se por um lado, a variedade dialetal pode subir no contínuo, mudando seu status de dialeto para regioleto, por outro lado, a variedade *standard* pode apresentar um declínio em seu status, passando para a posição de variedade *standard* regional. Auer e Hinskens (1996) citam como exemplo o declínio de status das línguas nacionais da Itália, Inglaterra e Alemanha, devido ao reacendimento dialetal. O contrário também seria válido, na medida em que um dialeto pode resistir à influência da variedade *standard* e continuar a se desenvolver independentemente, passando seu status de dialeto para língua minoritária. Este seria o caso das línguas frísio, catalão e galego, que passaram por codificação e standardização.

Quando o prestígio da variedade *standard* nacional é muito baixo, este exerce pouca ou nenhuma influência sobre o dialeto, o qual, por sua vez, pode se desenvolver independentemente ou se nivelar com dialetos em contato. Se a variedade *standard* nacional

apresenta prestígio e pressão sobre o dialeto, ambos os processos de convergência, vertical e horizontal, podem se apresentar simultaneamente. O nivelamento com outros dialetos não necessariamente caminha em direção a uma convergência com o *standard*, mas pode ser concomitante a um processo de distanciamento, divergência, da variedade *standard*. Em alguns casos, o nivelamento entre dialetos ocorreria “*when the dialect converged towards is perceived as being closer to the standard by the speakers of the speakers of the converging variety*” (AUER; HINSKENS, 1996, p. 14).⁶⁹ A convergência entre dialetos poderia ter como resultado variedades intermediárias compostas tanto por lexemas mistos como por lexemas fundidos. Os mistos seriam uma combinação de duas variantes, cada uma proveniente de um dos dialetos em convergência. Já os fundidos caracterizariam a combinação de duas variantes que, porém, originaram uma terceira variante, a qual funciona como variante-compromisso entre os falantes de cada um dos dialetos.

No contato entre falantes boêmios com falantes hunsriqueanos, sendo este o grupo em maior número, pode ter levado a uma convergência entre as variedades *standard* de cada grupo de falantes. “*A supraregional (so-called Hunsrück) variety developed, presumably as a consequence of the numerical dominance of speakers from this area among the first settlers, and due to the more open networks of communication between the settlements*” (AUER; HINSKENS; KERSWILL, 2005, p. 228).⁷⁰ É preciso ressaltar, porém, que a denominação dada ao alemão falado no Brasil é muito variável, conforme demonstrado no âmbito do projeto IHLBrI, dependendo do ponto geográfico e dos contatos linguísticos em atuação. Outra ressalva a ser feita é a proximidade ou até mesmo igualdade entre variantes do *Westmitteldeutsch* e do *Ostmitteldeutsch* migradas para o Brasil. Para além disso, também os outros falantes em contato com os hunsriqueanos, como pomeranos, vestfalianos, alemães-russos, holandeses já adentraram o território brasileiro com pelo menos um repertório diglótico, se não diatlótico, composto por variedades dialetais e *standard* em diferentes graus.

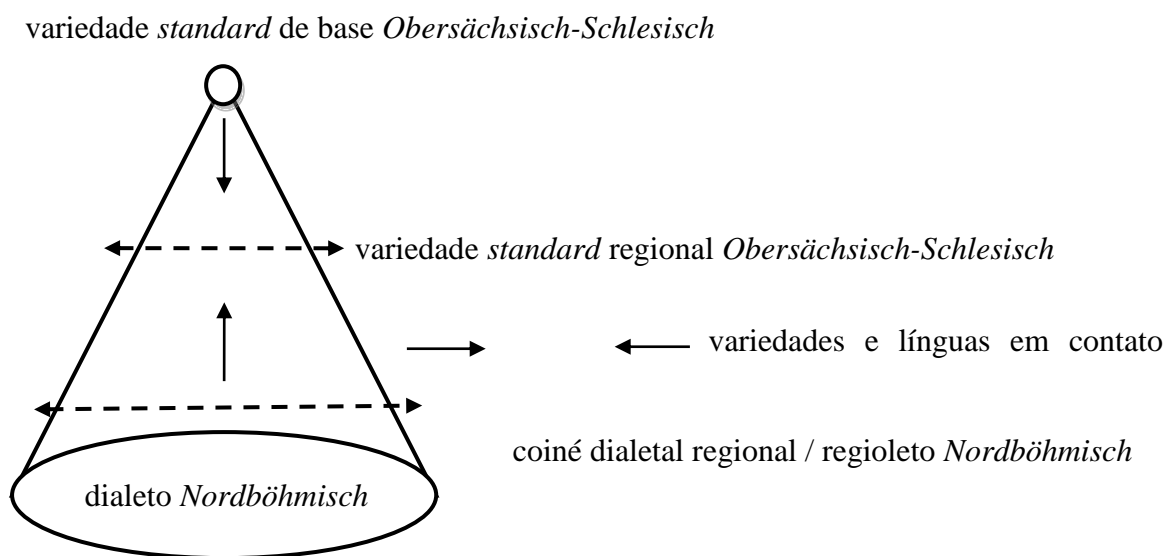
Logo, devido a proximidade e inteligibilidade entre as variedades regionais *standard* desses grupos, incluindo os boêmios, e o *Hunsrückisch*, aquelas passaram a ser agentes do processo de convergência com este último por contato linguístico. Este, por sua vez,

⁶⁹ Tradução livre minha: “quando o dialeto convergido é percebido como mais próximo do *standard* pelos seus falantes em relação à variedade convergente dos outros falantes” (AUER; HINSKENS, 1996, p. 14).

⁷⁰ Tradução livre minha: “Uma variedade transregional (chamada *Hunsrückisch*) desenvolveu-se, presumivelmente como consequência da predominância numérica de falantes dessa área entre os primeiros colonos, e devido às redes mais abertas de comunicação entre os assentamentos” (AUER; HINSKENS; KERSWILL, 2005, p.228).

alimentava as variedades recém-chegadas com variantes que inexisteriam naquelas, comumente empregadas para nomear aspectos específicos do novo território. Porém, em localidades onde o contato com o *Hunsrückisch* foi restrito, a convergência linguística seguiu numa outra direção, como será apresentado na seção dos resultados da presente pesquisa. Nesse contato entre falantes boêmios e hunsriqueanos, bem como com os demais grupos presentes em cada ponto, ocorreu uma convergência horizontal entre a variedade regional standard dos boêmios com as variedades em contato, ao mesmo tempo em que continuava a ocorrer uma convergência vertical desta em direção à variedade standard, que ainda foi ensinada nas escolas no Brasil até 1940. O ensino desta pode ter posicionado a variedade standard regional dos boêmios mais próxima do polo superior, já no Brasil. Em contrapartida, a variedade dialetal regional foi se distanciando do standard cada vez mais.

Figura 16: Repertório linguístico dos boêmios até 1940

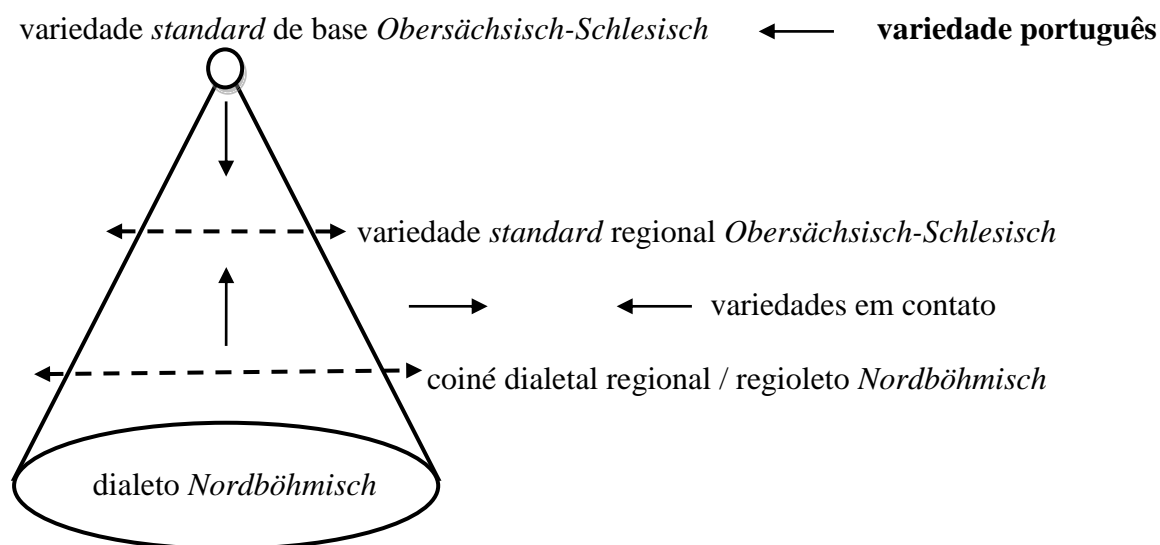


Fonte: de autoria própria, baseado em Auer (2005)

No Brasil, o alemão falado pelos descendentes boêmios continuou com a variedade *standard* como língua-teto até 1940, sendo ensinada na escola por descendentes ou mesmo alemães recém-chegados, e estando presente nos âmbitos religioso, administrativo, cultural e literário. Até esse período, é altamente provável que o processo de convergência da variedade dialetal em direção à variedade *standard* tenha continuado a se desenvolver, ao mesmo tempo em que se desenrolava uma convergência horizontal com variedades similares em contato. O

cone a seguir apresenta a perda da variedade standard em substituição pelo português, que passa a ser utilizado oficialmente no ensino, na pregação, na literatura, na imprensa em 1940:

Figura 17: Repertório linguístico dos boêmios após 1940



Fonte: de autoria própria, baseado em Auer (2005)

Após a proibição do seu uso em espaços oficiais e públicos, só restou a variedade intermediária que havia se formado nos processos de convergência com a variedade standard oficial e as variedades *standard* em contato em cada localidade. Esta variedade intermediária continuou seu processo de convergência com as variedades em contato, podendo ter passado a ocupar posições distintas no campo intermediário dependendo do contato linguístico em atuação. Porém, ocuparia de todo modo o *status* de novo dialeto no polo mais inferior do contínuo, em cujo outro extremo estaria a língua-teto português. Nesse processo, a variedade dialetal boêmia ficaria cada vez mais distante.

Segundo Eller-Wildfeuer (2017), em Banater Bergland, na Romênia, por exemplo, decisivo para a manutenção do *Böhmisch* foi a permissão do ensino na língua dos falantes e a não proibição do uso da língua deles em espaços públicos, acrescentando-se a circulação livre de um jornal diário na língua dos falantes. Para contrastar, Eller-Wildfeuer (2017) cita São Bento do Sul, no Brasil, em que o *Böhmisch* estaria ameaçado após a proibição do uso da língua alemã nas instituições de ensino, nas sociedades recreativas, bem como nos espaços públicos logo após a Primeira Guerra Mundial em troca da obrigatoriedade do uso da língua portuguesa.

Políticas de cooficialização de línguas minoritárias podem garantir o direito a um status mais elevado à língua minoritária, mas cabe à comunidade ocupar os diferentes domínios sociais como a literatura, a política, a educação, com a língua minoritária. Além disso, a política linguística precisa ir além da cooficialização, contribuindo para promover relações sociais de uso da língua, isto é, garantindo funções sociais à língua, seja por meio de concursos de leitura e de escrita, teatros, discursos políticos, cultos e missas, encontros de conversa, atividades esportivas, atendimentos hospitalares na língua minoritária.

1.4 Pluridimensionalidade de análise da variação linguística

Tratando-se do estudo de uma língua que apresenta variação e que se situa em um contexto em que o contato plurivarietal e plurilíngue é a regra, poderia parecer complexa a tarefa de encontrar uma organização lógica dos elementos linguísticos semântico-lexicais, fonético-fonológicos e sintático-morfológicos. Porém, o princípio de pluridimensionalidade da variação linguística serve de guia para o estudo da organização e do funcionamento de uma língua em contextos de migração e contato linguístico, o que se torna possível devido a análise da variação e mudança linguística em diferentes dimensões, como veremos na presente seção.

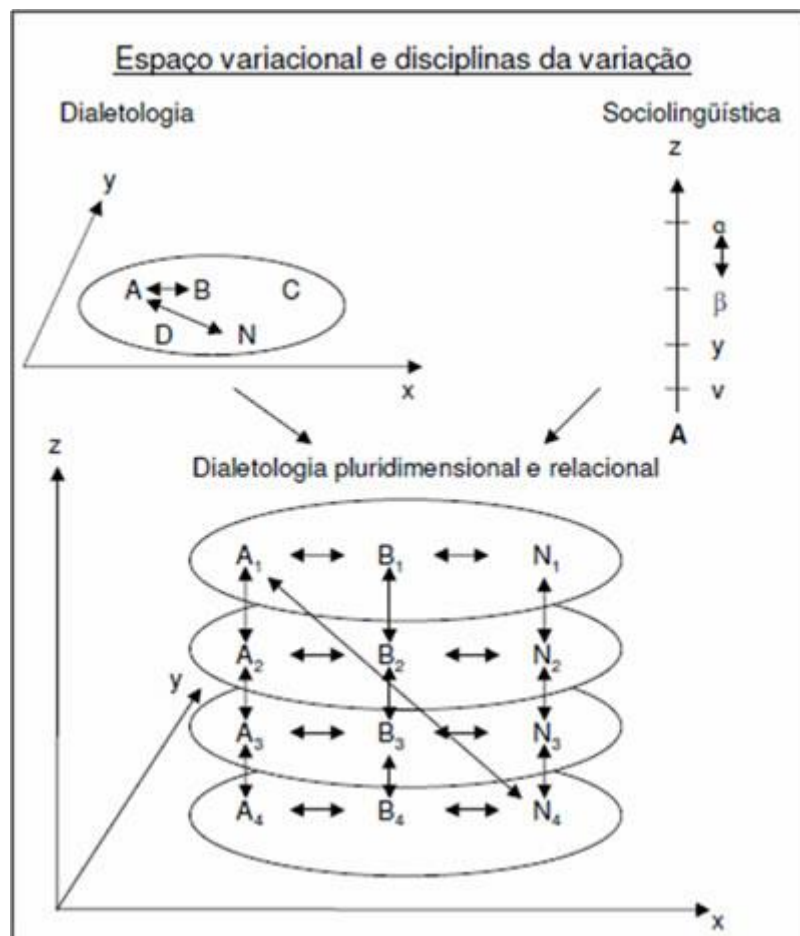
1.4.1 O espaço pluridimensional de uso variável da língua

Na dialetologia clássica, também conhecida como dialetologia unidimensional, maximizava-se as variáveis linguísticas e minimizava-se as variáveis sociais, pois não havia a preocupação de se compreender as motivações das realizações linguísticas dos informantes. Segundo Thun (2010, p. 2), “*Monodimensional geolinguistics is characterised by a minimum of extra-linguistic variables and by a maximum of linguistic variables (the many types represented by the items of the questionnaire and the still more numerous occurrences of the forms)*”.⁷¹ Já, a sociolinguística inverte essa ordem, na medida em que amplia o número de variáveis sociais e limita as variáveis linguísticas, conforme Thun (2010, p. 2), “*Sociolinguistics is characterised by a maximum of extra-linguistic variables (sex, age,*

⁷¹ Tradução livre minha: “A geolinguística monodimensional é caracterizada por um mínimo de variáveis extra-linguísticas e por um máximo de variáveis linguísticas (os muitos tipos representados pelos itens do questionário e as ocorrências ainda mais numerosas dos formulários)” (THUN, 2010, p. 2).

profession, etc.) and a minimum of linguistic variables, frequently phonetic phenomena in limited quantity".⁷² Porém, para a dialetologia pluridimensional, tanto as variáveis sociais quanto as linguísticas são estudadas em profundidade (THUN, 2010) e de forma entrelaçada. Une-se, portanto, o estudo do microcosmos (elementos linguísticos) em escala macrocós mica (em toda uma zona), segundo Thun (1998), devendo a dialetologia pluridimensional apresentar as configurações linguísticas em escala macro. O esquema a seguir apresenta os espaços variacionais de cada um dos campos de estudo da variação.

Figura 18: Espaço variacional e disciplinas da variação



Fonte: Thun (2005)

⁷² Tradução livre minha: "A sociolingüística é caracterizada por um máximo de variáveis extra-lingüísticas (sexo, idade, profissão, etc.) e um mínimo de variáveis linguísticas, frequentemente fenômenos fonéticos em quantidade limitada" (THUN, 2010, p. 2).

A dialetologia tradicional voltada para a variação nos espaços diatópico (x) e diageracional (y) unida à variação diastrática (z), focalizada pela sociolinguística, compõem o espaço tridimensional da dialetologia pluridimensional e relacional. Além disso, inclui-se a variação diafásica, ou seja, entre um estilo de fala a outro, não representada por nenhuma das duas disciplinas, conforme Thun (2010, p. 3),

*Following the example of sociolinguistics, PG adds to the “topical” and “stratified” characteristics of informants (stability of residence in the case of monodimensional geolinguistics and permanent or relatively durable qualities like sex or intervals of age identified by sociolinguistics) the dimension of style or ‘phase’.*⁷³

Dessa forma, a língua é compreendida na sua relação entre um estilo de fala a outro, de um grupo social (distinguindo faixa etária e classe sociocultural) a outro e de um ponto físico-geográfico a outro, o que permite o estudo da variação linguística em um espaço pluridimensional.

No passado, o informante-alvo era aquele “bom falante” de um dialeto. Esse critério restringia o estudo do dialeto falado por um informante da geração mais velha e morador da zona rural. Com grave prejuízo para a representatividade dos dados, o *Atlas Linguistique de la France* contenta-se com um só informante por localidade, chamado ironicamente “ROM” por Peter Trudgill, isso é “*rural old man*” (THUN, 2009, p. 534). Nesse contexto de coleta de dados de fala, o dialeto aparentemente se encontrava isolado de qualquer contato com outras línguas, o que permitia o resgate do dialeto em sua “pureza”. Conforme Thun (2010, p. 3), “*Informants have to be “good speakers” of the dialect. Influence of the standard language is forbidden, interference of other, historically related dialects are only tolerated if they led to consolidated ‘mixed’ or ‘transitional dialects’*”.⁷⁴

Os critérios de seleção dos informantes na dialetologia clássica podem ser compreendidos e aceitos, se olharmos para o objetivo da dialetologia da época, o qual não era descrever a variação linguística, mas sim a reconstruir um dialeto em sua forma “pura”. Porém, é importante distinguir que mesmo no estudo da variedade mais dialetal é preciso

⁷³ Tradução livre minha: “Seguindo o exemplo da sociolinguística, a GP acrescenta às características tópicas e estratificadas dos informantes (estabilidade de residência no caso da geolinguística monodimensional e qualidades permanentes ou relativamente duráveis, como sexo ou intervalos de idade identificados pela sociolinguística) a dimensão do estilo ou fase” (THUN, 2010, p. 3).

⁷⁴ Tradução livre minha: “Os informantes precisam ser bons falantes do dialeto. É proibida a influência da língua *standard*, a interferência de outros dialetos historicamente relacionados só é tolerada quando se tratarem de dialetos ‘mistos’ ou ‘transitórios’ consolidados” (THUN, 2010, p. 3).

observar que o informante se movimenta ao longo do contínuo [*standard*/dialetal], conforme o estilo e até dentro de um mesmo estilo. Enquanto que a dialetologia clássica apenas levava em conta o estilo pergunta-resposta, a dialetologia pluridimensional visa à compreensão da variação linguística em diferentes estilos. Segundo Thun (2010, p. 3), os falantes passam facilmente de um estilo a outro, monitorando mais, ou menos, a língua dependendo do estilo, podendo empregar variedades linguísticas distintas. “Caso não se registre a fala do informante em estilos distintos (variação diafásica), tampouco se pode saber se existe variação entre vários falantes da mesma localidade” (THUN, 2009, p. 534).

Enquanto que a dialetologia tradicional se concentra sobre a fala de indivíduos em pontos físico-geográficos diversificados, a sociolinguística estuda a fala de grupos de falantes em um único ponto (THUN, 2010). Já a dialetologia pluridimensional une aspectos de ambas as disciplinas, pesquisando a fala de grupos de informantes em pontos diversificados. Assim chega-se à terceira divergência entre a DM e a DP, que diz respeito à concepção de informante único, na primeira, para a perspectiva da pluralidade de informantes, na segunda. A resposta espontânea de um único informante, da zona rural, pode não ser tão representativa como as contribuições de dois ou mais informantes agrupados pelo mesmo perfil, já que lhes permite dialogar entre si, além de facilitar a interação com o pesquisador, que vem de fora (THUN, 2010).

A pluralidade de informantes agrupados por características em comum garante, portanto, dados mais consistentes e representativos, além de proporcionar um ambiente mais favorável à espontaneidade. Restringir o falante à zona rural e ao sexo masculino certamente não revela suficientemente a variação de uma língua. A dialetologia pluridimensional amplia as características do informante, que além de ser plural, pode se enquadrar nas variáveis sociais zona (rural/rurbana/urbana), sexo (homem/mulher), confissão religiosa (ex.: católico/evangélico).

Diferente da geolinguística tradicional, que excluía qualquer contato linguístico na seleção dos informantes e posterior análise dos dados, na abordagem pluridimensional, “especial atenção é dada à influência de variedades que coexistem no espaço linguístico analisado” (THUN, 2010, p. 3). Dessa forma, o contato com outras variedades linguísticas é reconhecido e tomado como um dos principais aspectos condicionadores da configuração linguística. “*PG, of course, does not exclude dialects but it opens its field of observation to the whole spectrum of varieties which occupy the linguistic space from the estandard to the*

substandard” (THUN, 2010, p.3).⁷⁵ Nessa mesma abordagem, o estudo da língua não se limita a uma variedade [+dialetal], mas abrange todo o espectro linguístico do contínuo [+*standard*/+dialetal]. Além disso, considera que o falante de uma variedade [+dialetal] possa fazer uso de uma variedade *standard* regional (THUN, 2010).

A abordagem do espaço como algo estático por parte da dialetologia tradicional impede que se identifique mudanças linguísticas em curso, enquanto que a concepção de espaço dinâmico da dialetologia pluridimensional permite que se observe resquícios da língua em mudança. Assim, a concepção dinâmica de espaço diatópico, diastrático, diageracional e diafásico é de suma importância na compreensão da variação e mudança linguística do alemão dos boêmios, desde a manutenção de uma variedade mais dialetal, até a formação de uma variedade nivelada com o *Hunsrückisch* ou a adoção de uma variedade mais próxima do *standard*.

1.4.2 O estudo da língua no eixo da cronologia

Uma importante divergência entre a DM e DP é a concepção de tempo, pois ambas abordam porções distintas do tempo sobre o eixo da cronologia.

Tabela 4: Porções do tempo sobre o eixo da cronologia

I. Nanocronologia	Segmentos de formas na fala de um informante em um estilo único.	DM / DP	A DP combina I a IV.
II. Microcronologia	Formas na fala de um informante em estilos diferentes.	DP	
III. Mesocronologia	“Tempo aparente” (W.Labov). Fala de informantes que pertencem a grupos distinguidos por idade, sexo, escolaridade, etc., mas conviventes num tempo dado.	DP	
IV. Macrocronologia	Fala de informantes que pertencem a gerações que se seguem, unidas pela “continuidade de estafeta”. (H. Lüdke)	DM / DP	

Fonte: Thun (2009, p. 537)

⁷⁵ Tradução livre minha: “A GP, é claro, não exclui os dialetos, mas abre seu campo de observação para todo o espectro de variedades que ocupa o espaço linguístico do *standard* ao *substandard*” (THUN, 2010, p. 3).

É preciso compreender que a DP engloba o estudo da língua falada nas quatro porções do tempo, justamente porque se tratam de momentos distintos de análise, em que uma abordagem não exclui, mas complementa a outra. A tabela a seguir é resultado de sistematização das diferentes fases de análise da língua no eixo da cronologia.

Tabela 5: Abordagens do tempo no eixo da cronologia

Informante 1	Estilo A	Informante 1
Informante 2	Estilo B	Informante 2
Informante 3	Estilo C	Informante 3

Fonte: de autoria própria, baseado em Thun (2009)

Enquanto que a análise nanocronológica se refere ao estudo da variação linguística na fala de um informante em um mesmo estilo (Informante 1 no estilo A), a abordagem microcronológica envolve a observação da fala de um informante em estilos distintos (Informante 1 nos estilos A, B e C). Na análise mesocronológica, observa-se a fala de homens e mulheres, de gerações diferentes, que convivem entre si (Informantes 1, 2 e 3 nos estilos A, B e C). Já a abordagem macrocronológica se debruça sobre a fala de informantes de gerações diferentes que não convivem entre si (Os mesmos informantes em um momento no passado, 1, 2 e 3, e no presente, nos estilos A, B e C). “Dados podem ser obtidos através da repetição sucessiva da coleta de dados no mesmo grupo (painel)” (THUN, 2009, p. 542) para identificação da variação linguística em tempo aparente, “[...] ou pela comparação de duas séries de material que pertencem a períodos diferentes, mas que se recolhem num mesmo período no presente” (THUN, 2009, p. 542), para compreensão da língua em tempo real. O grau de comparabilidade é maior no primeiro caso, pois no segundo é preciso recorrer a material obtido por outros métodos.

Em um mundo cada vez mais globalizado, é comum o contato linguístico entre falantes de diferentes variedades, etnias, pontos geográficos. O contato intervareial e interlíngua é normal e a exceção é o isolamento linguístico, mesmo na zona rural, onde o contato se dá pelo rádio, pela televisão e pela internet ou pelo trabalho na zona urbana, por exemplo. No passado, essa mobilidade geográfica e virtual talvez fosse menor, mas havia a

escola, a igreja, as associações recreativas, caracterizadas pelo uso de estilos e variedades mais monitoradas.

O critério da pluridimensionalidade prevê a existência de três principais variações na língua: a variação diatópica, a variação diastrática e a variação diageracional, conforme veremos a seguir.

1.4.3 Dimensões e parâmetros da Dialectologia Pluridimensional e Relacional

A metodologia pluridimensional e relacional da análise da variação linguística, de Thun (1996), permite a identificação de variações linguísticas correlacionadas a variações de espaço, geração, classe social, gênero, etc. Essa metodologia envolve a realização de entrevistas com informantes segundo uma série de dimensões, conforme tabela a seguir:

Tabela 6: Dimensões e parâmetros da metodologia pluridimensional

Dimensão	Parâmetro
Diatópica	Topostático (informantes com domicílio fixo)
Diatópico-cinética	Topodinâmico (domicílio fixo e mudança de domicílio – mobilidade espacial)
Diastrática	Ca = “classe (socioculturalmente) alta” Cb = “classe (socioculturalmente) baixa”
Diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais nova)
Diassexual	Homens vs. Mulheres
Dialingual	Monolíngues vs. Bilíngues
Diafásica	Resposta ao questionário vs. Leitura vs. Conversa Livre
Diarreferencial	Língua-objeto vs. Metalíngua incluindo língua apresentada
Diarreligioso	Católico vs. Evangélico-Luterano

Fonte: de autoria própria, baseado em Thun (1996)

A dimensão diatópica se subdivide em: 1. Topostática, que prevê a variação da língua entre informantes de domicílio fixo; 2. Topodinâmica, partindo da ideia de variação linguística entre falantes móveis no espaço. A dimensão diastrática se refere à variação linguística entre informantes de classe alta (Ca) e de classe baixa (Cb). A dimensão diageracional pressupõe a variação linguística entre falantes de geração mais velha (GII) e de geração mais nova (GI). Já a dimensão diassexual parte da variação linguística entre homens e mulheres. A dimensão dialingual pressupõe que haja variação na língua entre informantes monolíngues e bilíngues. Já variação linguística presente entre as respostas a um questionário,

a leitura de um texto e a conversa livre remetem à dimensão diafásica. As diferenças no uso da variedade como língua-objeto e como metalinguagem referem-se a dimensão diarreferencial. Por fim, a dimensão diarreligiosa engloba a variação linguística entre informantes católicos e evangélicos-luteranos.

Dentro de cada espaço, seja ele composto por bilíngues, monolíngues ou monolíngues em local bilíngue, é preciso definir os grupos de informantes, levando-se em conta classe alta (Ca) e classe baixa (Cb), geração mais velha (GII) e geração mais nova (GI), escolaridade alta e baixa e sexos feminino e masculino. Na ilustração a seguir, é possível verificar que, em cada local de pesquisa, podem ser entrevistados, portanto, oito informantes que se diferem nas dimensões citadas (THUN, 1996).

Tabela 7: Esquema em forma de cruz do grupo de informantes

CaGII [+ velhos] [+ escolaridade] [homens e mulheres]	CaGI [+ jovens] [+ escolaridade] [rapazes e moças]
CbGII [+ velhos] [- escolaridade] [homens e mulheres]	CbGI [+ jovens] [- escolaridade] [rapazes e moças]

Fonte: baseado em Thun (1996)

A linha horizontal do esquema representa, da esquerda para a direita, uma progressão na idade dos informantes (dos mais velhos para os mais jovens), e a linha vertical revela, de cima para baixo, um aumento na escolaridade (dos mais escolarizados aos menos escolarizados).

Após a definição dos informantes, opta-se por um número de falantes monolíngues e falantes bilíngues (dimensão dialingual), aplica-se um questionário, a leitura de um texto e uma conversa livre a cada grupo (dimensão diafásica) e, por fim, desafia-se os informantes a se comunicarem na língua objeto e com a metalinguagem (dimensão diarreferencial). No presente estudo, devido à raridade de informantes monolíngues, uma vez que os boêmios dos três pontos geográficos em foco são falantes de pelo menos duas línguas (português e alemão) e de variedades distintas de cada uma dessas línguas, optou-se apenas pela seleção de informantes bilíngues.

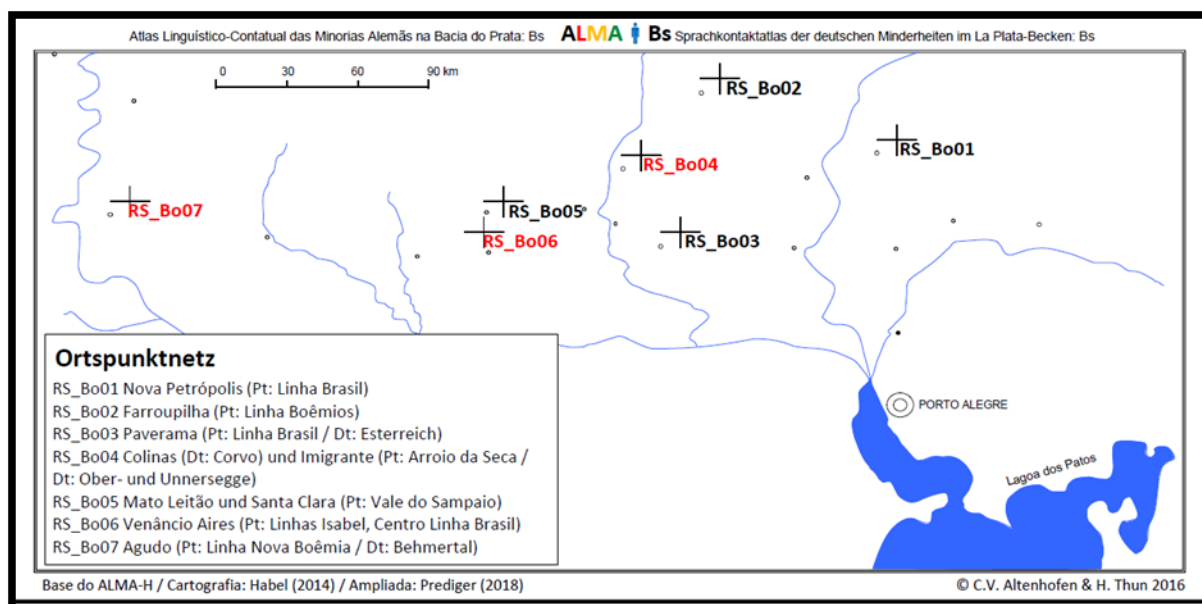
Capítulo 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo, será descrita a metodologia usada para a coleta e análise dos dados. Esta segue fundamentalmente o princípio da pluridimensionalidade de análise da variação e mudança linguística, explicitado no capítulo anterior e aplicado aqui ao estudo do *Böhmisch* em três localidades que servem de base para a pesquisa e que descrevemos a seguir.

2.1 Área de pesquisa: descrição da rede de pontos

O presente estudo, conforme já se expôs, optou por localidades com presença boêmia que se situassem em áreas de domínio original do *Hunsrückisch* de tipo *Deutsch*, no Rio Grande do Sul, tendo em vista o interesse nas relações entre *standard* e *substandard* e complementando o estudo de Habel (2017) que focou sobretudo o contato na área de tipo *Deutsch*, em Paverama. Em razão disso, foram escolhidos os pontos Bo04 - Colinas e Imigrante, Bo06 - Venâncio Aires e Bo07 - Agudo, localizados na área das Colônias Velhas.

Figura 19: Rede de pontos da pesquisa



Fonte: de autoria própria, adaptado de Habel (2017)

Trata-se, vale acrescentar, de localidades que foram colonizadas a partir de 1850 tanto por imigrantes do Vale dos Sinos e do Vale do Paranhana quanto por imigrantes diretamente

da Europa, em um período em que estava sendo retomado o fluxo de imigração, após o intervalo em que ocorreu a Revolução Farroupilha (1835-1845).

2.1.1 Bo04 - Colinas e Imigrante

Imigrante foi localidade pertencente à Colônia Santos Pinto (FERRI, 1998), situada no Vale do Taquari, na região centro-leste do Rio Grande do Sul. Segundo Laroque et al. (2016, p. 104), “O Vale do Taquari é [...], historicamente, formado pelas movimentações/migrações internas dos grupos étnicos de indígenas, de africanos e de europeus, dentre os quais os açorianos, alemães, italianos e seus descendentes, bem como, mais recentemente, de haitianos e senegaleses”. Os açorianos, segundo esses autores, teriam se instalado na região na segunda metade do séc. XVIII, por volta de 1760, mais especificamente na porção sul do Vale, com a finalidade de ocupar o vazio demográfico em que se encontrava a região. Já os alemães teriam colonizado a partir da segunda metade do séc. XIX a porção central, mesma época em que os italianos teriam se instalado na parte norte do Vale do Taquari. Segundo Laroque et al. (2016), parte do território do Vale do Taquari foi colonizada por uma “elite fundiária estabelecida nos Campos de Viamão, cuja jurisdição, no séc. XVIII, estendia-se sobre os territórios dos rios do Sinos, Caí, Gravataí e Taquari, onde muitos portugueses, dentre os quais açorianos de posses, haviam recebido sesmarias da Coroa portuguesa”. Essas sesmarias é que se transformariam em fazendas no início do séc. XIX.

A partir da metade do séc. XIX, muitas dessas fazendas foram vendidas para Companhias Colonizadoras, as quais dividiam as terras em pequenas propriedades para serem vendidas a imigrantes europeus. “Foi a partir da Lei de Terras de 1850 que a ocupação do Vale do Taquari tornou-se efetiva, por meio de processo de colonização e negócios imobiliários de compra e venda de terras” (AGOSTINI; GREVE, 2009, p. 24). As pequenas propriedades se devem ao fato de que os lotes de terra eram comercializados e não doados aos imigrantes, às características geográficas do Vale, que tornam difíceis a produção em longas áreas de terra e a construção de estradas, e devido às diferentes habilidades profissionais dotadas pelos imigrantes, que não se limitavam à agricultura. Muitos destes primeiros compradores de terras nas colônias pertencentes a Antônio Fialho de Vargas, um dos grandes incentivadores do processo de colonização privada no Vale do Taquari, vinham das primeiras colônias, no caso de Santa Maria de Soledade e São Leopoldo, conforme Weber (2016). Fialho de Vargas incentivava a vinda de novos colonos primeiramente para localidades do

lado direito do rio Taquari e, depois, para o lado esquerdo, por meio de financiamento de recursos aos compradores até a primeira colheita.

Segundo Laroque et al. (2016), na segunda metade do séc. XIX, diversas transformações de ordem político-administrativa atingiram o Vale do Taquari. Em 1849, foi criado o município de Taquari, em 1876 o município de Estrela, que até então ainda fazia parte da jurisdição de Taquari, e em 1892, a Vila Lajeado. Imigrante foi emancipada somente em 1989, a partir de Estrela e Garibaldi, e Colinas em 1993, a partir de Estrela e Roca Sales.

Por volta de 1860, nos lados leste e sul de Imigrante, se instalaram imigrantes vestfalianos, falantes de *Plattdüütsch*, os quais uma década depois entrariam em contato com os imigrantes boêmios. Segundo Ahlert (S.d., p. 6), “A terceira fase da colonização já inclui a vertente do Arroio da Seca, que liga Estrela a Garibaldi e as áreas mais montanhosas de Teutônia. Surgiram as picadas de Catarina, Bismarck (atual Olavo Bilac), Berlin (anteriormente Almirante Barroso), Moltke.” Com o passar dos anos, vestfalianos também foram avançando para Colinas na parte que se liga a Teutônia.

Em 1873, começam a chegar os primeiros imigrantes boêmios à Colônia de Estrela instalando-se nos territórios de Linha Ano Bom (*Neujahrpikad*), em Colinas, e Seca Baixa (*Unnesegue*) e Arroio da Seca (*Obersegue*), em Imigrante. Registros eclesiásticos de Feliz e nova Petrópolis fazem referência a determinados imigrantes boêmios já em 1872. Há registros de óbito por exemplo em Imigrante, Colinas, Arroio do Meio, Santa Clara do Sul que atestam essa presença. É provável que tenham migrado das antigas colônias de São Leopoldo e Vale do Paranhana às Colônias de Estrela e Conventos, no Vale do Taquari. Os boêmios que ali se instalaram eram católicos, mas se converteram à religião evangélica-luterana, devido ao contato com hunsriqueanos evangélico-luteranos, muitos deles migrados das Colônias próximas de Porto Alegre para esses pontos.

Imigrante e Colinas estão localizadas a 30 quilômetros de Lajeado (fundado em 1891, a partir de Estrela), importante ponto de desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari. O Vale do Taquari é reconhecido como de fácil acesso a outras regiões, devido às suas rodovias pavimentadas e entroncamentos ferroviário e hidroviário. Como acentuam Laroque et al. (2016), a economia é baseada no agronegócio (80%) e, devido ao relevo e ao modelo de colonização, predominam minifúndios de propriedade familiar.

2.1.2 Bo06 - Venâncio Aires

Venâncio Aires integra a Colônia Santa Emília (FLORES, 2015) e está localizada no lado direito do Rio Taquari. Até 1891, as localidades ao norte se desmembraram de Santa Cruz do Sul, onde hoje se localiza Monte Alverne, e entraram na formação de Venâncio Aires. Em Venâncio Aires, segundo FLORES (1983), a parte urbanizada é caracterizada pela diversidade étnica, a qual inclui lusos, alemães, italianos, afrodescendentes. Já nas partes sul e sudeste predominam os lusos e nas partes oeste e norte, ou seja, na região setentrional não explorada para a pecuária pelos lusos, encontram-se os teutos. Linha Isabel e Monte Alverne se localizam nessa área, sendo esta última atualmente pertencente a Santa Cruz do Sul. A densa mata subtropical que estava presente nessa área foi, como observa Flores (1983), substituída pela agricultura de subsistência.

O registro mais antigo da presença de descendentes africanos e de colonizadores portugueses remete à segunda metade do séc. XVIII. Entre os anos de 1760 e 1800 teriam se instalado os primeiros casais de colonizadores, todos portugueses, na margem direita do rio Taquari (FOLHA DOS DISTRITOS, 2008, p. 3). Esses primeiros imigrantes teriam vindo diretamente de Portugal, outros das ilhas dos Açores e Madeira e uma última parte da Bahia e do Rio de Janeiro. Por volta de 1850, os negros teriam formado irmandades e quilombos, como por exemplo a Irmandade de São Sebastião Mártir, na parte sul de Venâncio Aires, e o quilombo de Santa Emília. Em Linha Taquari-Mirim teriam habitado estancieiros donos de escravos.

A origem dos imigrantes alemães remete principalmente à Alemanha, Áustria e à Prússia, sendo a maior parte da Boêmia. Os boêmios se instalaram na parte norte, montanhosa, de Venâncio Aires, a partir de 1873. Dentre diversas sociedades, a mais renomada é a Sociedade de Canto e Leitura Jovialidade (*Gesang- und Leseverein Frohsinn*), localizada em Linha Andreas, e inaugurada por imigrantes boêmios em 1892, sendo a sociedade de leitura fundada em 1900. Lá também se encontra uma biblioteca com livros em alemão trazidos pelos imigrantes, além de cadernos de atas de reuniões da sociedade, em alemão. Josef Umann (1891; 1997 [1938]) foi o principal imigrante boêmio responsável pela aquisição de livros para essa biblioteca. Segundo Flores (1983), a constituição da sociedade possibilitou a continuação da vida associativa que os imigrantes levavam na matriz de origem no novo território. Segundo relatos de informantes da localidade de Linha Isabel (Venâncio

Aires), com a proibição do uso da língua alemã durante a Segunda Guerra Mundial, a biblioteca foi fechada na década de 1940, e muitos livros desapareceram.

De 2011 a 2015 ocorria anualmente o *Böhmerfest*, encontro que reunia em torno de 700 participantes descendentes boêmios do Brasil, da Argentina e do Paraguai em Linha Isabel. Os encontros foram encerrados e, desde 2015, ocorre o encontro de idosos do *Böhmer Kreis*, formado por 90 membros, com encontros mensais caracterizados por jogos de carta e boliche entre os homens e loto entre as mulheres. Uma vez ao ano, ocorre uma festa de idosos reunindo grupos de outras localidades e municípios vizinhos, com culto ecumênico católico-evangélico. Em Linha Isabel e em Centro Linha Brasil predomina a religião católica, a qual foi inserida pelos imigrantes boêmios nesses pontos. A religião evangélica luterana está presente apenas em Centro Linha Brasil.

2.1.3 Bo07 - Agudo

Agudo integrou a Colônia Santo Ângelo, fundada em 1857. Foi seu diretor, até 1882, o famoso Barão von Kahlden. A região tanto à esquerda quanto à direita do Rio Jacuí era habitada, até o séc. XVIII, por diversos grupos indígenas, sendo os últimos os guaranis, conforme Neumann (2003). A partir de 1663 teriam participado das Reduções Jesuíticas ali instaladas e sido dizimados pelo exército luso-espanhol na Guerra Guaranítica, por se recusarem a deixar as terras conforme previa o Tratado de Madri, de 1750. Esta previa a transferência de posse das terras pertencentes até então aos espanhóis para os portugueses, conforme Neumann (2003). Parte dos índios teria migrado para locais isolados na mata da região. No conflito entre espanhóis e portugueses, os portugueses teriam iniciado a distribuição de sesmarias, as quais constituíram estâncias. É assim que em 1777 se origina o povoado de Santa Maria.

Com o crescente interesse econômico nessa região, os portugueses estavam preocupados em ocupar os espaços demograficamente vazios, conforme Neumann (2003). Porém, “a destinação de sesmarias não foi suficiente para ocupar o território, uma vez que as imensas áreas de mato não despertavam o interesse dos estancieiros pecuaristas” (NEUMANN, 2003, p. 110), permanecendo imensas áreas de floresta totalmente desocupadas demograficamente. Assim, a solução do Governo Imperial foi ocupar a região, ainda no início do séc. XVIII, com imigrantes açorianos, conforme Neumann (2003) e depois no séc. XIX

com imigrantes alemães e italianos, que ali se instalaram a partir da década de 50 daquele século.

Porém, segundo Neumann (2003), quando os imigrantes alemães chegaram à região para ocupar as terras devolutas foram surpreendidos por posseiros de origem portuguesa que já estavam ocupando as terras que a eles deveriam ser destinadas. Somente anos mais tarde é que os posseiros das terras começaram a demarcar lotes para vendê-los aos imigrantes já instalados na parte serrana. Além de portugueses, caboclos estavam de posse de pequenas áreas de terra e, no geral, viviam em condições precárias, trabalhando para os comerciantes e estancieiros lusos. Além disso, eram vistos como intrusos, indisciplinados e incapacitados. Uma parte dos caboclos, com o tempo, vendeu suas terras aos imigrantes, e outra parte, assim como também os descendentes de índios e de negros, foi transferida, segundo Neumann (2003), para as piores áreas de terra da região, que integram a Quarta Colônia Italiana, fundada em 1877.

Segundo Dreher (2014, p. 172-173), “ter escravo significava ter mão de obra para a lavoura e, mais, significava ter status semelhante ao dos demais proprietários de escravos. Logo o sistema verificou que o imigrante poderia vir a se tornar concorrente ao latifúndio”. Esse contexto de escravidão nas colônias não pode ser generalizado e se restringe ao âmbito da Colônia de São Leopoldo e adjacências, conforme Dreher (2014). Porém, segundo Neumann (2003, p. 116), até a abolição da escravatura, em 1888, também donos de latifúndios da região serrana da Quarta Colônia contavam com mão de obra escrava em suas lavouras. Com a abolição, os afrodescendentes teriam migrado para áreas mais planas da região, para trabalhar nas terras dos colonos. Porém, “em função das leis trabalhistas e do medo da legislação agrária que prevê a forma de usucapião aos ocupantes de terras, os proprietários acabaram `se desfazendo` dos descendentes de escravos” (NEUMANN, 2003, p. 116). Depois disso, os afrodescendentes acabaram por se organizar em vilas e a fundar cooperativas de trabalhadores, como é o caso da Cooperativa dos Arrancadores de Feijão de Faxinal do Soturno, citada por Neumann (2003).

Os primeiros alemães a se instalarem à margem esquerda do Rio Jacuí, na década de 50 do séc. XIX, eram oriundos de diferentes partes do território alemão, como Ducado de Oldenburg, Hessen, Hanover, Reno, Saxônia, Brandenburgo, sendo a maioria da Pomerânia (45%), dos quais 75% eram protestantes, conforme Neumann (2003). Exerciam profissões diversas, apenas 43% teriam sido agricultores quando partiram da Europa. No novo território, no entanto, se dedicaram inicialmente apenas à agricultura. Mais precisamente, os boêmios

começaram a ocupar Linha Boêmia (*Böhmertal*), Nova Boêmia (*Neuböhmertal*) e Picada do Rio (*Riopikad*), a partir de 1876.

2.1.4 Migrações diárias e contatos intervarietais

As duas primeiras localidades, Imigrante (com 3.152 habitantes, segundo IBGE, 2016) e Venâncio Aires (com 69.859 habitantes, segundo IBGE, 2010), se localizam a aproximadamente 130 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (atualmente com cerca de 1,5 milhão de habitantes, segundo IBGE, 2016). A terceira, Agudo (com 17.102 habitantes, segundo IBGE, 2016) está localizada a 243 quilômetros de Porto Alegre; é portanto o ponto de pesquisa mais distante da capital. A maior cidade próxima de Imigrante é Lajeado, enquanto que a de Venâncio Aires é Santa Cruz do Sul e a de Agudo é Santa Maria. Estas cidades eram responsáveis pelo recebimento de uma parte dos produtos cultivados pelos agricultores das localidades próximas e comercializados nos grandes estabelecimentos de cada região. A outra parte dos produtos rumava em direção a Porto Alegre pelos rios. No caso de Agudo,

esses estabelecimentos compravam todos os produtos agrícolas dos colonos, que eram transportados pelos próprios “bodegueiros” para as grandes casas comerciais da Região (localizadas em Santa Cruz do Sul, Cachoeira do Sul e Santa Maria), de lá traziam produtos manufaturados, principalmente tecidos, louças, ferragens, sal, chapéus, e outros, para serem vendidos aos colonos (NEUMANN, 2003, p. 140).

Agudo foi, como lembra Neumann (2003), também palco das primeiras investidas econômicas de Johanes Heinrich Kaspar Gerdau, que fundou casas comerciais, uma fundição (*Eisengiesserei*) e uma sociedade imobiliária, tornando-se peça-chave na fundação do Grupo Gerdau, no ramo metalúrgico.

Os três pontos se localizam nas encostas de grandes rios, como o Rio Taquari, no caso de Imigrante e de Venâncio Aires, e o Rio Jacuí, no caso de Agudo. Esses rios funcionaram como vias de escoamento da produção principalmente até a primeira metade do séc. XX. A BR 386, cuja construção iniciou em 1960, é conhecida como Rodovia da Produção, e liga Canoas a Iraí, isto é, respectivamente a região metropolitana de Porto Alegre e o noroeste do RS, divisa com Santa Catarina. Além dessa rodovia, uma importante ferrovia atravessa o Vale do Taquari, a Ferrovia do Trigo, também conhecida como Estrada de Ferro e como Obra do Século, que interliga o Tronco Principal Sul, em Roca Sales, com a Ferrovia Marcelino

Ramos-Santa Maria, em Passo Fundo, totalizando 156km de extensão. A ferrovia foi inaugurada em 1979 para o escoamento de grãos do planalto rio-grandense até o Vale do Taquari e de lá até Porto Alegre. Santa Maria, centro regional do Vale do Jacuí, caracteriza um dos pontos, onde atravessa a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (inaugurada em 1919). Por fim, uma importante rodovia atravessa Agudo, interligando a região metropolitana de Porto Alegre com a região fumageira de Santa Cruz do Sul, com Santa Maria e São Borja, na fronteira com a Argentina. Trata-se da BR287, também conhecida como Rodovia da Integração.

Migrações diárias são possíveis por estas rodovias e caracterizam o cotidiano de descendentes alemães principalmente da geração mais nova, que se dirige aos grandes centros urbanos em busca de novas opções de emprego e escolas privadas. Estes grandes centros são também o destino de falantes à procura de consultórios especializados, comércio atacadista e eventos culturais variados. A inserção das rodovias e a ampliação das mídias da comunicação configuram importantes vias de entrada do português nas pequenas localidades de Imigrante, Venâncio Aires e Agudo, assim como possibilitam o contato mais intenso entre boêmios de Imigrante e de Venâncio Aires com hunsriqueanos falantes da variedade *Deitsch*, migrados do Vale dos Sinos e do Vale do Paranhana a Lajeado.

Como se vê, as migrações associadas aos contatos linguísticos com o português de mais variedades presentes nas três localidades requerem um certo controle na análise dos dados e do contexto de pesquisa. Vejamos, agora, como as dimensões de análise foram definidas, para os objetivos da pesquisa.

2.2 Aplicação do princípio da pluridimensionalidade: dimensões de análise

Uma vez que a comunidade linguística selecionada para esta pesquisa é caracterizada por contatos linguísticos diversos, migrações diárias, acesso aos meios de comunicação, constituição interétnica das comunidades de fala e pela presença de falantes plurilíngues, recorreu-se ao princípio da pluridimensionalidade (THUN, 1998) para organizar os fatos da língua em parâmetros opositivos que permitissem distinguir relações entre os usos da língua. O quadro a seguir apresenta o conjunto de dimensões consideradas neste estudo, lembrando que uma dimensão se define, segundo Thun, como um conjunto de parâmetros que, via de regra, se reduzem a uma relação de oposição binária, a fim de reconhecer mudanças no comportamento linguístico dos falantes investigados.

Tabela 8: Dimensões, parâmetros e critérios considerados neste estudo

Dimensão	Parâmetro	Crítérios
Diatópica	Rede de pontos da pesquisa: Bo04 – Colinas e Imigrante Bo06 – Venâncio Aires Bo07 – Agudo	Pontos de contato com o <i>Hunsrückisch</i> na área de tipo <i>Deutsch</i> , nas Colônias Velhas do Rio Grande do Sul
Diatópico-cinética	Topostático (informantes com domicílio fixo) Topodinâmico (domicílio fixo e mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Este estudo amplia a noção de topodinâmica em uma perspectiva de tempo real: entre imigrantes (forma reconstruída) e descendentes no Brasil (forma da sincronia).
Diastrática	Ca = “classe (socioculturalmente) alta”	Curso Profissionalizante, Técnico ou Superior.
	Cb = “classe (socioculturalmente) baixa”	Até Ensino Médio.
Diageracional	GII (geração mais velha)	Acima de 50 anos.
	GI (geração mais nova)	Entre 18 e 36 anos.
Diassexual	Homens vs. mulheres	
Dialingual	Bilíngues	Fala ou compreende mais de uma língua.
Diafásica	Resposta ao questionário vs. Conversa Livre	Grau de monitoramento da língua.
Diarreferencial	Língua-objeto vs. metalíngua incluindo língua apresentada	Emprego da língua vs. comentários metalinguísticos
Diarreligioso	Católico vs. Evangélico-Luterano	Bo04 [+luterano] Bo06 [+católico] Bo07 [+luterano]
Diacontatual	Contato linguístico	Bo04 com o Hsr., o Westf.; Bo06 com o Hrs., o Pomm.; Bo07 com o Hrs. e o Pomm.

Fonte: de autoria própria, baseado em Thun (1998)

Em síntese, pode-se dizer que esta tese aborda, na dimensão diatópica, o *Böhmisch* falado por homens e mulheres, velhos e jovens (GII e GI) de maior ou menor escolaridade (Ca e Cb), em três localidades de pesquisa - Arroio da Seca e Seca Baixa, em Imigrante (Bo04);

Linha Isabel e Linha Centro Brasil, em Venâncio Aires (Bo05); e, Linha Boêmia, em Agudo (Bo07) – diferenciadas por determinados parâmetros como religião (dimensão diarreligiosa), do período de imigração até hoje (tempo real) e contatos com outros grupos de fala (dimensão contatual). Considerando que todos os falantes pesquisados são, em certa medida, bilíngues em português e alemão, na variedade que constitui o objeto de estudo, se tem parâmetros opositivos, na dimensão dialingual. As dimensões diarreligiosa e contatual serão enfocadas na relação com os pontos de pesquisa, associados a um parâmetro ou outro. Por fim, as dimensões diafásica e diarreferencial não foram analisadas de forma objetiva, em virtude das limitações de uma tese, porém apenas consideradas na interpretação dos dados.

2.3 Entrevistas e perfil dos informantes

Estabelecidas as dimensões de análise, cabe descrever os procedimentos observados na realização das entrevistas. Em cada ponto da pesquisa, foram quatro as entrevistas realizadas. Cada entrevista atendeu ao mesmo perfil social fixado pelo ALMA-H e seguem o mesmo esquema em cruz, para apresentação e análise cartográfica (ver anexos): da esquerda para a direita, seguindo o eixo do tempo, em uma coordenada x, GII (geração mais velha) → GI (geração mais jovem); abaixo a classe menos escolarizada (Ca) e acima a classe social com escolaridade mais elevada.

Figura 20: Distribuição dos informantes em formato de cruz

CaGII [acima de 50 anos] [mais que ensino médio] [um homem e uma mulher]	CaGI [entre 18 e 36 anos] [mais que ensino médio] [um homem e uma mulher]
CbGII [acima de 50 anos] [até ensino médio] [um homem e uma mulher]	CbGI [entre 18 e 36 anos] [até ensino médio] [um homem e uma mulher]

Fonte: de autoria própria, baseado em Thun (1998)

Houve, no caso da definição dos critérios para a classe social, algumas dificuldades para encontrar determinado perfil. Na geração [+velha], principalmente nascida na área rural,

são raros os informantes escolarizados com nível de escolaridade superior. Devido a isso, lidou-se de forma mais flexível com este critério de seleção, na medida em que também se aceitou informantes com curso técnico ou profissionalizante, que, na época em que foi realizado, estava associado a uma escolaridade alta. Além disso, foram considerados os informantes que apenas haviam começado, mas não concluído, uma faculdade.

Cada entrevista contou com pluralidade de informantes, na medida em que sempre duas pessoas de mesmo perfil eram entrevistadas simultaneamente, portanto pluralidade simultânea de informantes (v. RADTKE; THUN, 1996, p. 16s.). Com isso, aumentou-se a representatividade dos dados, pois se teve a oportunidade de confirmar uma divergência ou convergência entre as respostas dos participantes do respectivo grupo. A interação entre os informantes além disso preencheu lacunas e fomentou comentários metalinguísticos para a variação diarreferencial, graças especialmente à técnica em três tempos – perguntar | insistir | sugerir – que Thun propõe para captar o espectro variacional todo, ou o polimorfismo como também coloca, presente na comunidade (cf. THUN, 2005).

Com a pluralidade de informantes, foram selecionados, em cada ponto, 8 informantes, totalizando 24 informantes e 12 entrevistas nesta pesquisa. Sendo o alemão dos boêmios o objeto de estudo desta tese, selecionaram-se apenas informantes de descendência boêmia, em territorialidade predominantemente boêmia, para garantir ao máximo a relação de sua fala com a topodinâmica do *Böhmisch* desde sua matriz de origem, na área do *Ostmitteldeutsch*, até a localidade pesquisada.

2.4 Definição das variáveis linguísticas na elaboração do questionário

A seleção de variáveis linguísticas foi possível após uma primeira visita à localidade de Linha Isabel, Venâncio Aires. Escolheu-se este ponto devido ao amplo desenvolvimento cultural de raízes boêmias ali presente, como por exemplo, a formação de sociedades de canto, leitura, tiro, além da inauguração de uma biblioteca, e realização de atividades ligadas a igreja como as festas de homenagem à padroeira e de escolha de reis das sociedades. Além disso, esse ponto também foi palco de encontros de descendentes boêmios do Brasil, da Argentina e do Paraguai, até 2015. A primeira visita teve por objetivo obter informações sociológicas e históricas da localidade a partir da gravação de conversas livres.

A conversa inicial com falantes de Linha Isabel tratou principalmente de acontecimentos relacionados aos primórdios de formação e ocupação da localidade relatados

pelos antepassados dos informantes. A gravação permitiu, posteriormente, a identificação, por um lado, de elementos que se diferenciavam do alemão do entorno, no caso do *Hunsrückisch*, e por outro lado, de elementos próximos de uma variedade [+st], além de elementos [+lus]. Os elementos que se diferenciavam do *Hunsrückisch* e do português foram, posteriormente, conferidos em atlas e dicionários da Região dos Sudetos, da Silésia, da Bavária e da Turíngia, confirmando sua relação com a matriz de origem.

A partir de uma lista de variáveis identificadas na gravação e registradas em diário de campo, foram selecionadas perguntas do questionário do projeto ALMA-H que permitissem a abordagem das variáveis observadas previamente. Desse questionário foram selecionadas 35 perguntas de ordem semântico-lexical, 35 de ordem fonético-fonológica e 35 de ordem sintático-morfológica, as quais compuseram o questionário linguístico da presente pesquisa. Para a análise, selecionou-se 32 variáveis, das quais 10 são fonético-fonológicas, 7 sintático-morfológicas e 15 semântico-lexicais, que revelavam variantes [+st], [+dial] Nordböh. e [+dial] Hrs., conforme as tabelas a seguir:

1. Variáveis fonético-fonológicas (10)

Tabela 9: Variáveis fonético-fonológicas

Vogais		
Variáveis	Variantes	Exemplos
Mhd. /a/ em núcleo silábico	[a] [+st] [ɔ:] [+dial] Nordböh.	<i>Vater, Mann, hat</i> <i>Voter, Monn, hot</i>
Mhd. tardio /e/ (/e/ germânico) em núcleo silábico	[e] [+st] [a] [+dial] Nordböh.	<i>Teller, Geld, Pferd</i> <i>Taller, Gald, Pford</i>
Mhd. /i/ em núcleo silábico	[i] [+st] [ɛ] [+dial] Nordböh.	<i>(P)ffirsich</i> <i>Fe(r)sich</i>
Mhd. /u/ em núcleo silábico	[u] [+st] [ɔ] [+dial] Hrs. [a] [+dial] Nordböh.	<i>Durst, Wurst, Kruste</i> <i>Doscht, Woscht, Koscht</i> <i>Dascht, Wascht, Kascht</i>
Mhd. /ei/ em coda silábica Nhd. ditongo /ei/	[aɪ] [+st] [ɔɪ] [+dial] Hrs. [ɛɪ] [+dial] Westf. [ɛ:] [+dial] Nordböh.	<i>zwei, drei</i> <i>zweu</i> <i>twäi</i> <i>zwää, drää</i>
Mhd. /ou/ em núcleo silábico Nhd. /au/	[aʊ] [+st] [ɛɪ] [+dial] Nordböh. [ɔ:] [+dial] Hrs.	<i>gekauft</i> <i>gekejft</i> <i>gekooft</i>
Mhd. /u/ em núcleo silábico	[u] [+st] [ɔ] [+dial] Nordböh.	<i>Gurke</i> <i>Gorke</i>

Mhd. /ei/ em ataque silábico Nhd. ditongo /ei/	[a _i] [+st] [e _i] [+dial] Nordböh. [ɔ _i] [+dial] Hrs. [e] [+dial] Westf.	<i>Eier</i> <i>Ejer</i> <i>Euer</i> <i>Egge</i>
Apócope em substantivos	-e [+st] sem -e [+dial] Hrs.	<i>Hose, Brille, Schule</i> <i>Hoss, Brill, Schul</i>

Consoantes		
Variáveis	Variantes	Exemplos
/pf/ em ataque silábico	[pf] [+st] [f] [+dial] Nordböh. [p] [+dial] Hrs.	<i>Pfeffer, Pferd</i> <i>Feffer, Ferd</i> <i>Peffer, Perd</i>

Fonte: elaborado pela autora

2. Variáveis sintático-morfológicas (7)

Tabela 10: Variáveis sintático-morfológicas

Variáveis	Variantes	Exemplos
Conjunção indicativa de finalidade	<i>damit, dass</i> [+st] <i>fo...dass</i> [+dial] Hrs.	< <i>damit die Milch bald anfängt zu kochen</i> > < <i>fo dass die Milch...</i> >
Verbo <i>werden</i> no sentido de <i>estado, condição</i>	<i>werden</i> no pretérito, ou sein + <i>werden</i> no particípio II [+st] <i>sein</i> + <i>geben</i> no pretérito [+dial] Hrs.	< <i>Die Nachbarn wurden krank</i> > < <i>Die Nachbarn sind krank geworden</i> > < <i>Die Nachbare sinn krank gebb</i> >
Voz passiva	<i>werden</i> + verbo no particípio II [+st] <i>geben</i> + verbo no particípio contraído [+ dial] Hrs.	< <i>Hier witt/wett das Brot noch von uns selber gebacken</i> > < <i>Am Ende gebt es gar nicht alles gess</i> >
<i>Konjunktiv II</i>	<i>werden</i> no <i>Konj. II</i> + verbo no infinitivo, ou verbo no <i>Konj. II</i> [+st] <i>tun</i> -perifrásico no <i>Konj. II</i> [+dial] Hrs.	<... <i>dass du nicht kommen würdest</i> > <... <i>dass du nicht käm(e)st</i> > <... <i>dass du net komme tüst</i> >
Terminação <i>-en</i> em verbos no particípio II e no infinitivo	<i>-en, -n</i> [+st] sem <i>-en</i> [+dial] Hrs.	<i>gebacken, gegessn, gefallen</i> <i>geback, gegess, gefall</i>
Prefixo <i>ge-</i> no particípio II	<i>ge-</i> [+st] sem <i>ge-</i> [+dial] Hrs.	<i>gekauft, gefall, gefun</i> <i>kauft, fall, funn</i>

Gerúndio	verbo no Präsens [+st] <i>tun</i> -perifrásico ou <i>sein</i> + <i>an</i> + verbo [+dial] Hrs.	<Die Bäum verlieren schon die Blätter> <Die Bäum tun schon die Blätter vorliere > <Die Bäum sinn schon die Blätter am vorliere >
----------	--	--

Fonte: elaborado pela autora

3. Variáveis semântico-lexicais (15)

Tabela 11: Variáveis semântico-lexicais

Variáveis	Variantes / Exemplos
Nhd. <i>barfuß</i> pt. ‘pé-descalço’	<i>barfuss, borfuss</i> [+st] <i>barbs, borbs, barfußich</i> [+dial] Nordböh. <i>barfißich</i> [+dial] Hrs. <i>balfoerich</i> [+dial] Westf. <i>pé-descalço, nada nos pés</i> [+lus]
Nhd. <i>Mund</i> pt. ‘boca’	<i>Mund</i> [+st] <i>Maul</i> [+dial] Hrs. <i>Maul, Schnud, Gusche</i> [+dial] Nordböh. <i>boca</i> [+lus]
Nhd. <i>Pferd</i> pt. ‘cavalo’	<i>(P)ferd</i> [+st] <i>(P)fard</i> [+dial] Nordböh. <i>Gaul, Krack(e)</i> [+dial] Hrs. <i>Matunge, Picass, Gueixa</i> [+lus]
Nhd. <i>Pfirsich</i> pt. ‘pêssego’	<i>Pfirsich, Firsich</i> [+st] <i>Fe(r)sich</i> [+dial] Nordböh. <i>Fisich, Pesche</i> [+dial] Hrs. <i>pêssego</i> [+lus]
Nhd. <i>Ochsenwagen</i> pt. ‘carroça’	<i>Ochsewagen, Wache, Wagen</i> [+st] <i>Woan</i> [+dial] Nordböh. <i>Waan</i> [+dial] Hrs. <i>Karross, Karett</i> [+lus]
Nhd. <i>Schleuder</i> pt. ‘estilingue’	<i>Schleuder</i> [+st] <i>Fundenlader</i> [+dial] Nordböh. <i>Funde, Bodock</i> [+lus]
Nhd. <i>Tochter</i> pt. ‘filha’	<i>Tochter</i> [+st] <i>Mädche</i> [+dial] Hrs. <i>Med(e)l</i> [+dial] Nordböh. <i>menina, filha</i> [+lus]
Nhd. <i>Großvater</i> pt. ‘avô’	<i>Großvater Grufvoter</i> [+st] <i>Wowwo</i> [+lus]
Nhd. <i>Kartoffel</i>	<i>Katoffle</i> [+st] <i>E(r)äppel, A(r)äppel</i> [+dial] Nordböh.

pt. ‘batata’	<i>Grumbeere</i> [+dial] Hrs. <i>Erappel</i> [+dial] Westf. <i>Siessbatat, batatinha</i> [+lus]
Nhd. <i>Kruste</i> pt. ‘ponta do pão’	<i>Krust(e), Krost(e)</i> [+st] <i>Kroscht, Koscht</i> [+dial] Hrs. <i>Kosen</i> [+dial] Westf. <i>Rampel, Kanten, Kirscht, Kurscht</i> [+dial] Nordböh. <i>ponta do pão</i> [+lus]
Nhd. <i>Gurken</i> pt. ‘pepino’	<i>Gurke, Gurkn, Gorke, Gorkn</i> [+st] <i>Gummer</i> [+dial] Hrs. <i>Pepino</i> [+lus]
Nhd. <i>pflügen</i> pt. ‘arar’	<i>(p)flieche, plieche</i> [+st] <i>ackre, ackern</i> [+dial] Nordböh. <i>zackre</i> [+dial] Hrs. <i>lavrar</i> [+lus]
Nhd. <i>Mais</i> pt. ‘milho’	<i>Mais</i> [+st] <i>Mülgen</i> [+dial] Westf. <i>Milje, Milho</i> [+lus]
Nhd. <i>Streichholz</i> pt. ‘fósforo’	<i>Streichholz, Streichhelzche</i> [+st] <i>Fixfeier/Fixfeuer, Fosfeier/Fosfeuer</i> [+dial] Hrs. <i>Fosfo</i> [+lus]
Nhd. <i>parfümierte Seife</i> pt. ‘sabonete’	<i>Seife</i> [+st] <i>Säife</i> [+dial] Nordböh. <i>(Riech)seif, (Riech)seef</i> [+dial] Hrs. <i>(Rouck)säif(e)</i> [+dial] Westf. <i>sabonet(e)</i> [+lus]

Fonte: elaborado pela autora

A estrutura do questionário segue, igualmente, os moldes do do questionário do ALMA-H, que se divide em seis partes: A) informações sociológicas; B) caracterização da localidade; C) dados linguísticos (Clex: dados lexicais; Cfon: dados fonológicos; e, Cgram: dados gramaticais); D) leitura; e, E) conversas livres. Na parte A, são colocadas perguntas relacionadas às competências de leitura e escrita, à presença de outros grupos de falantes e a marcas típicas de outras variedades linguísticas do alemão em contato. Questões de ordem sociológica pressupõem a consideração dos usos que o falante bilíngue faz de duas línguas, o papel social dos falantes no uso de cada língua/variedade, a competência do falante em cada língua e a influência de uma língua na outra. Ou seja, é preciso que as perguntas selecionadas permitam compreender o significado social e o contexto de uso de cada variedade/língua. À ordem sociológica também se relacionam questões sobre a posição social dos falantes de cada língua/variedade em foco, ou seja, sua escolaridade, profissão, hábitos culturais, condições econômicas, etc. Os dados obtidos nesta primeira parte da entrevista podem auxiliar na interpretação das tendências de manutenção

dialetal, adoção de uma variedade [+standard] e aproximação com o português, isto é, na dessas tendências a partir dos fatores sociais que as condicionam.

Na parte B do questionário utilizado nesta pesquisa, o falante é convidado a descrever a distribuição do grupo de falantes na comunidade e a relembrar a história de formação da localidade. Esse relato é gravado e constitui a primeira conversa livre do falante, a qual pode complementar os dados coletados nas próximas etapas do questionário, ajudando a elucidar determinada tendência do alemão dos boêmios nas dimensões diatópica, diastrática e diageracional.

Os dados obtidos na parte C (Clex, Cfon e CgramI, CgramII e CgramIII) constituem as variantes linguísticas ativas, passivas e ausentes no repertório dos falantes, que servem de indício das três tendências a que este estudo se propõe a analisar. A parte Clex se relaciona à coleta de variantes semântico-lexicais, por meio do estilo pergunta-resposta, enquanto que a parte Cfon engloba perguntas de ordem fonético-fonológica, por meio da tradução de palavras do português para a variedade do alemão dos falantes, e a parte Cgram (I, II e III) atende a variantes sintático-morfológicas obtidas por meio do estilo tradução de frases, primeiramente do alemão standard para a variedade do alemão dos falantes, depois do português para a variedade do alemão dos falantes e, por fim, do português para a variedade [+standard] dos falantes. A parte CgramI engloba as tradicionais frases de Wenker (*Wenker-Sätze*), que Georg Wenker usou para elaborar o *Atlas Linguístico da Alemanha (Deutscher Sprachatlas - DSA)*. Por haver dados obtidos com essas frases já do final do séc. XIX, na extensa área de língua alemã desse período, essas frases permitem comparações com estágios mais antigas da matriz de origem do *Böhmisch*.

Na parte D, além de obter amostras de dados no estilo mais monitorado, da leitura, buscou-se avaliar a competência leitora dos falantes em alemão *standard*, por meio da leitura de um texto bíblico nessa variedade. Por fim, a parte E abrange o acervo de etnotextos de fala espontânea, coletados para análise de marcas variáveis no estilo mais informal.

No presente estudo, foi analisada apenas a parte C por completo, pois nela se aplicou a técnica dos três tempos a cada pergunta, o que permitiu a obtenção de dados que revelassem indícios sobre cada uma das quatro tendências as quais esta pesquisa se propõe a compreender e descrever. A parte E serviu para complementar as tendências linguísticas observadas em C e permitiu, assim, aprofundar a interpretação dos dados. O restante do *corpus* fica como banco de dados da língua, para futuras pesquisas.

O quadro a seguir apresenta a estrutura do questionário utilizado para o levantamento de dados deste estudo, que abrange um escopo mais amplo do que o que foi de fato analisado para este estudo.

Tabela 12: Estrutura do questionário utilizado

Parte A: Informantes (Identificação dos informantes; Aspectos (meta)linguísticos

Parte B: Descrição da localidade da Pesquisa

Parte C: Língua (Clex: Léxico; Cfon: Fonética; Cgram: Gramática)

Parte D: Leitura

Parte E: Conversas livres

Temáticas do cotidiano dos falantes abordadas nas partes C e E:

- *Kleidung* / Vestuário
- *Der Körper: Gesundheit und Hygiene* / O corpo humano: saúde e higiene
- *Ernährung* / Alimentação
- *Wohnhaus* / Habitação
- *Naturphänomene* / Fenômenos naturais
- *Landwirtschaft* / Atividades agrícolas
- *Pflanzen* / Flora
- *Tiere* / Fauna
- *Verwandtschaft und Familie* / Parentesco e família
- *Soziale Beziehungen* / Relações sociais
- *Spiele und Feste* / Jogos e diversões
- *Quantitäten, Zahlen, Relationen* / Quantidades, números, relações
- *Verkehr und Kommunikation* / Transporte e comunicação
- *Arbeit, Handel* / Trabalho, comércio
- *Religion* / Religião

Fonte: de autoria própria

Para abranger o máximo de dados indicativos da configuração do repertório linguístico dos falantes, foi de grande auxílio a “técnica em três tempos”, de Thun (2005), já referida na seção anterior. Segundo essa técnica, o entrevistador inicia com uma **pergunta aberta**, para a qual se espera uma resposta espontânea, que se supõe presente a(s) variante(s) linguística(s) mais recorrente(s) na fala dos informantes, por ser a que primeiro ocorre à memória. Como segundo passo, o **insiste** na pergunta, para assegurar outras variantes em uso pelos informantes. Por fim, de posse das prováveis respostas à pergunta, o entrevistador pode **sugerir** variantes linguísticas ainda não mencionadas pelos informantes. Com esses três tempos, enfim, tem-se uma conversa aberta e franca de um que entrevista e outros, os falantes entrevistados, que “cooperam” com o pesquisador, na apresentação de sua língua. Thun (2005) defende que o entrevistador sai com

dados muito mais representativos, que abrangem o espectro variacional inteiro, mais condizente com a realidade local, portanto não apenas uma forma espontânea exclusiva.

2.5 Procedimentos de análise dos dados

Este estudo segue uma análise essencialmente qualitativa e interpretativa dos dados, que inicia com a interpretação das respostas dos informantes ao questionário linguístico, nas três fases da entrevista em cada ponto de pesquisa. As variantes espontâneas (Esp.), insistidas (Ins.) e sugeridas (Sug.), obtidas em cada fase da técnica dos três tempos, em relação a cada uma das variáveis a que este estudo se propôs a analisar, foram combinadas nas dimensões diatópica (Bo04, Bo05 e Bo07), diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GII e GI), conforme demonstrado na tabela a seguir:

Nhd. *leihen* / pt. *pedir emprestado*

Tabela 13: Quadro de variantes nas dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual no estilo resposta ao questionário, tomando como exemplo a variação lexical para Nhd. *leihen* / pt. *pedir emprestado*

Variantes Esp.	Bo_04_Imigrante	Bo_06_Venâncio	Bo_07_Agudo	Bo_04_Imigrante	Bo_06_Venâncio	Bo_07_Agudo
		CaGII			CaGI	
	f/m- <i>borche</i> m- <i>verlange</i>	f/m: <i>borche</i>	m: <i>borgen</i>	m- <i>borche</i> , f- <i>boiche</i> <i>lehne</i> , f- <i>verlange</i>	m/f: <i>borche</i>	m/f: <i>voborgen</i>
	CbGII			CbGI		
m/f- <i>borche</i> f- <i>lehne</i>	m: <i>borgen</i> f: <i>borche</i>	f: <i>borche</i>	m/f: <i>borche</i>	m/f: <i>boiche</i>	f: <i>pegar emprestado</i>	
Variantes Insist.	Bo_04_Imigrante	Bo_06_Venâncio	Bo_07_Agudo	Bo_04_Imigrante	Bo_06_Venâncio	Bo_07_Agudo
		CaGII			CaGI	
	f- <i>lehne</i> , <i>emprestieren</i>	m: <i>emprestá</i> m: <i>gerborche</i> (f: <i>geborche</i>)		m- <i>lehne</i>	m: <i>pedir emprestado</i>	m/f: <i>varlangen</i>
	CbGII			CbGI		
m/f: <i>emprestiere</i> <i>gehen</i>		f: <i>verlangn</i> f/m: <i>pumpen</i>	m: <i>lehne</i> , f: <i>verlange</i>	m: <i>velange</i>		
Variantes Sug.	Bo_04_Imigrante	Bo_06_Venâncio	Bo_07_Agudo	Bo_04_Imigrante	Bo_06_Venâncio	Bo_07_Agudo
		CaGII			CaGI	
	m/f- <i>leihe</i> (+), <i>Geld</i> (+), <i>Gald</i> (-) (m/f: <i>Geldscheine</i>)	m/f: <i>Geld leihe</i> (+), <i>emprestiere</i> (+), <i>Gald borche</i> (-), <i>lehne</i> (+)	m/f: <i>leihe</i> (-), <i>lehne</i> (-), <i>boriche</i> (+), <i>emprestiere</i> (-), <i>Gald borgen</i> (-)	m/f- <i>emprestiere</i> (+), <i>Geld</i> (+) (m/f: <i>Nickle</i> , <i>Schein</i>), <i>Gald</i> (-)	m/f: <i>emprestiere</i> (+), <i>leihe</i> (-), <i>lehne</i> (-), <i>empresteere</i> (-)	m/f: <i>leihe</i> (-), <i>lehne</i> (-), <i>emprestiere</i> (+) (f: <i>pump</i>)
	CbGII			CbGI		
m/f: <i>leihe</i> (-) (<i>lehne</i>), <i>Geld</i> (+), <i>Gald</i> (-)	m/f: <i>leihen</i> (+), <i>lehne</i> (+), <i>emprestiere</i> (+), <i>Gald boriche</i> (+)(m: <i>das is wieder wie Behmisch Gald borgen, verborgen</i>).	m/f: <i>leihe</i> (-), <i>lehne</i> (-), <i>emprestiere</i> (+) (m: <i>vorborche</i>)	m(-) <i>leihe</i> f(+), m/f(+) <i>emprestiere</i> , <i>Geld</i> (+), <i>Gald</i> (-)	m/f: <i>leihe</i> (-), <i>lehne</i> (-), <i>emprestiere</i> (+), <i>Gald borge</i> (m: <i>Geld borche</i>)	f: <i>leihe</i> (-), <i>lehne</i> (-), <i>borche</i> (+), <i>emprestiere</i> (+), <i>emprestiere</i> (-) (f: <i>varborche</i>)	

Fonte: de autoria própria

Após a organização das variantes em tabelas ou quadros de variantes, foram elaborados, para cada variável analisada, mapas linguísticos com base nas respostas espontâneas, insistidas, sugeridas aceitas e sugeridas negadas. Somente foram cartografadas as variantes que revelavam pistas dos processos de sobreposição, coexistência, perda e inovação de variantes [+dialetais] Nordböh., [+standard], [+dialetal] Hrs./[+dialetal] Westf. e [+lus] e que foram levantadas em todos os pontos e no máximo de grupos. Este último aspecto se deve ao aparecimento de algumas variantes, sobretudo dialetais originais, na fase de insistência, com as quais não se contava na elaboração do questionário.

A cartografia desenvolvida no ALMA-H serviu de modelo para a elaboração das cartas linguísticas desta pesquisa. A macroanálise dos dados linguísticos sobre uma base cartográfica auxilia na sua interpretação e na identificação de relações entre as diferentes dimensões analisadas, no caso dos mapas especialmente a diatopia e as dimensões diageracional e diastrática representadas no esquema em cruz. É possível, assim, realizar uma observação mais detalhada da variação linguística, identificando mais facilmente tendências de mudanças, inovações e manutenções. Como observa Altenhofen (2004, p. 145), “[...] o papel da cartografia aproxima-se [...] ao comumente atribuído a gráficos e diagramas, na medida em que se reforça seu papel auxiliar de instrumento de análise de dados.”

Para uma compreensão mais aprofundada das tendências linguísticas, combinou-se, na análise de cada variável selecionada, conversas das entrevistas, com conversas livres e com os mapas linguísticos. Foram selecionadas as conversas das entrevistas que melhor ilustravam os processos de sobreposição, coexistência, perda e inovação de variantes. Além disso, foram levados em consideração os comentários metalinguísticos dos informantes durante as entrevistas. Iniciamos, portanto, com a análise dos dados.

A transliteração das entrevistas segue uma transliteração mínima e de base de GAT 2 (SELTING et al., 2010), em que segue a língua standard e representa desvios do standard por meio da ortografia (quando necessário, recorre aos símbolos IPA). A fala da entrevistadora é marcada pela letra I, a fala do informante masculino pela letra M e a fala do informante feminino por F.

Capítulo 3 – ANÁLISE DOS PROCESSOS DE VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA DO *BÖHMISCH*

Este capítulo tem por foco a descrição das variáveis selecionadas para a descrição da variação e mudança linguística do alemão trazido pelos Bo04s da Boêmia para as localidades da pesquisa. Com isso, se pretende identificar as principais tendências na topodinâmica dessa língua de imigração, considerando suas migrações e contatos linguísticos ao longo de cerca de 150 anos. Evidentemente, o ponto de análise se situa na sincronia, através do recorte de dados coletados em campo. Todo o resto, sobre o caminho diacrônico que antecede esse recorte, é analisado de forma interpretativa, por meio da correlação de variantes com marcas linguísticas que apontam para os seguintes processos possíveis:

1. Manutenção de resquícios da coíné regional [+dial] Nordböh.;
2. Manutenção de variantes [+st];
3. Nivelamento com as variedades [+dial] Hrs. / [+dial] *Westf.* em contato;
4. Lusitanização com a integração de empréstimos das variedades regionais do português e a alternância/substituição do alemão dos boêmios na direção [+lus].

Neste sentido, considera-se as seguintes perguntas na análise de cada variável:

- a) Quais variantes [+dial] Nordböh., [+st], [+dial] Hrs. / [+dial] *Westf.* e [+lus] resistem no repertório dos falantes como conhecimento ativo? Observa-se a sobreposição de alguma variante em relação às outras?
- b) Há variantes [+dial] Nordböh. que coexistem com variantes [+st], [+dial] Hrs. / [+dial] *Westf.* e [+lus]? Quais significados lhes são atribuídos por parte dos falantes?
- c) Quais variantes [+dial] Nordböh., [+st], [+dial] Hrs. / [+dial] *Westf.* ou [+lus] apontam indícios de perda no eixo da diacronia? A perda é mais saliente em quais grupos sociais e em quais pontos? Quais são as outras variantes que imperam no lugar destas?
- d) Há variantes [+dial] Nordböh., [+st], [+dial] Hrs. / [+dial] *Westf.* ou [+lus] que estão presentes na GI e não na GII? Quais os fatores extralingüísticos que podem estar contribuindo para essa inovação?

No que se refere ao nivelamento com as variedades dialetais em contato, analisou-se a presença sobretudo do *Hunsrückisch* de tipo *Deutsch* e do *Westfälisch*, especialmente no ponto Bo04. Devido à proximidade entre a variedade *standard* trazida pelos Bo04s boêmios e a variedade do *Hunsrückisch* de tipo *Deutsch* em contato, optou-se por flexibilizar essa distinção e focar na manutenção de marcas mais próximas do *standard*, resguardando contudo a percepção dos falantes de que existe no entorno um “modo de falar” *Hunsrückisch* com algumas marcas que se distinguem de seu alemão, mas que não impedem a comunicação.

Na análise de cada tipo de variante, procurou-se compreender se as variantes configuraram conhecimento ativo ou conhecimento passivo ou se estiveram ausentes do repertório dos falantes, com a finalidade de identificar possíveis mudanças em progresso ou até mesmo já completadas. Correlacionando cada variante com as principais dimensões sociais que podem estar condicionando seu uso, foi possível identificar graus de variação e mudança distintos. Por fim, comentários metalinguísticos sobre determinadas variantes permitiram entender como essas variantes são acessadas pelos informantes, quais conteúdos semânticos lhes são atribuídos e qual a percepção dos falantes sobre a posição dessas variantes na constelação de variedades em contato.

A análise de cada uma das variáveis selecionadas inicia com a exposição e discussão de um excerto de conversa livre ou de entrevista, para sua constatação e controle em um estilo de fala espontânea. A seleção das conversas livres e de excertos de entrevistas ocorreu com base nas tendências linguísticas observadas em relação à respectiva ~~cada~~ variável (fonético-fonológica, semântico-lexical ou morfo-sintática), definida na metodologia como sendo especialmente reveladora para os propósitos do estudo.

A análise das entrevistas é complementada pelos respectivos mapas linguísticos (em anexo), que permitem uma visão macro da abrangência de determinada variante, à qual se associa uma marca linguística específica – [+st], [+dial] ou [+lus]. Os comentários metalinguísticos presentes nas entrevistas ou conversa livres são levados em consideração na interpretação das tendências observadas e podem aparecer cruzados com comentários de outras conversas.

3.1 Variação fonético-fonológica

3.1.1 Mhd. /a/ em Nhd. *Vater* ‘pai’

Em relação à variável Mhd. /a/, foram identificadas as seguintes variantes: [ɔ:] em *Voter*, considerado, neste estudo, como [+dial] Nordböh. e [a] em *Vater*, classificado como [+st].

3.1.1.1 [ɔ:] em *Voter* [+dial] Nordböh.

A realização de vogal semiaberta [ɔ:] posterior foi identificada no emprego da variante *Voter*⁷⁶ ['fɔ:dɐ], a qual foi citada como sugestão aceita por metade dos informantes entrevistados.

A variante *Voter* ['fɔ:dɐ] apareceu, por exemplo, na terceira fase da entrevista com o grupo CbGII do ponto Bo06, que a classificou como uma “variante mais boêmia” (“*mehr Behmisch*”, cf. linhas 14 a 18 do excerto abaixo). Caracteriza, portanto, uma variante de conhecimento passivo dos informantes. No uso ativo, priorizam-se as formas-[+lus] *Papai* ['papaɪ], *Papa* ['paba], *Paio* ['pajɔ], ao lado da variante *Vater* ['fadɐ], vista como [+st]. A variante [+dial] *Alte* ['aldə], que também ocorre no Hrs., completa a sequência variacional, sendo porém de uso menos frequente, conforme linhas 14 a 17.

((Clex <*Vater*>_Bo06_CbGII_2017-03_00:00:51))

- 01 I⁷⁷: wie HEIßT noch eure papa?
 02 M⁷⁸: der PApai ['papaɪ]?
 03 wie der geHIEß hat?
 04 I: JA.
 05 M: EDgar, edgar.
 06 I: unn wie SAHT ihr,
 07 edgar ist EUre?
 08 M: PApai ['papaɪ] (.) mehr gewehnt.
 09 F⁷⁹: PApai ['paba];

⁷⁶ ThWb, Bd. 6, p. 448: *Vater* / *Papa* / *Vati* / *Voter*.

⁷⁷ I: indica o Inquiridor / Entrevistador.

⁷⁸ M: é o informante masculino (al. *Mann*, *maskulin*).

- 10 der VAtEr ['fa:də].
 11 M: der PAbA=der vader ['fa:də] =ja.
 12 I: kennt ihr NOCH ein wott?
 13 M: viele sahn PAIO ['paɪjo];
 14 der Alte ['aldə]. ((lacht))
 15 <<lachend> der ALde> ['aldə]
 16 F: aber das hann mir aber NIE gesaht.
 17 M: das hann ich noch NIE gesaht (.)
 18 I: unn hat ihr schon voter ['fɔdɐ] geHERT?
 19 M: VO:ter ['fɔ:dɐ] jo.
 20 F: VO:ter: ['fɔ:dɐ]
 21 M: das is mehr BEHmisch;; vo:ter ['fɔ:dɐ].
 22 VO:ter ['fɔ:dɐ] unn mutter.
 23 I: ah VO:ter ['fɔ:dɐ].
 24 net VOter ['fɔdɐ].
 25 M: ja: VO:ter ['fɔ:dɐ].
 26 vo:ter ['fɔ:dɐ] e PAI [paɪ]; vader ['fa:də].
 27 mit zwei o:; oder wie GEHT das?

A variante *Voter* [fɔ:dɐ] aparece, no mapa 1, exatamente na metade dos doze grupos na forma de sugerência aceita, distinguindo na dimensão diatópica, já que – segundo o mapa A11.1 – somente foi constatada nos pontos Bo04 e Bo06. Em Bo07, a variante não integra o repertório dos boêmios, o que aponta para uma perda completa, se assumirmos que de fato veio junto com os primeiros Bo04s.

3.1.1.2 [a] em *Vater* [+st]

Vater ['fa:də] se realiza com vogal aberta anterior longa sobretudo entre falantes da GII, em concorrência com outras variantes lexicais [+lus]. A variante *Vater* ['fadɐ] compõe o conhecimento ativo dos informantes da CaGII de Bo04 sendo apontada na primeira fase de aplicação da pergunta, após a variante [+lus] *Papa* ['paba]. *Vater* foi associada sobretudo com a figura do avô e *Papa* ['paba] com a figura do pai, apesar de os informantes conhecerem o lexema *Großvater* para designar o avô e *Vater* ['fadɐ] para denominar igualmente o pai, usos também correntes no Hrs. em contato (ALTENHOFEN, 1996). A relexificação de *Vater*

⁷⁹ F: significa informante feminina (al. *Frau*, *feminin*)

[ˈfadə] pode ser um indício de que a geração passada ainda preservava o significado original da variante [+st] *Vater* [ˈfadə] e este uso, na presença dos filhos, levou à associação da figura do avô com esta variante. Somado à entrada crescente de lexemas lusos germanizados devido ao contato com o Hrs., a GI passou a adotar as formas *Papa* [ˈpaba] e *Paio* [ˈpaɪjo].

((Clex <Vater>_Bo04_CaGII_2017-06_00:02:05))

01 I: erni is dein?
 02 M: paba [ˈpaba].
 03 F: (stimmt zu)
 04 I: du sahst auch paba.
 05 F: papa [ˈpaba].
 06 I: gibts noch ein wott fo papa [ˈpaba]?
 07 M: mein vater [ˈfa:də].
 08 F: vater [ˈfa:də] (.) ja=welche hann so ausdricke papi [ˈpabi] und so=né (.) pabi [ˈpabi] und pai [paɪ].
 09 I: paio [ˈpaɪjo]?
 10 F: paio [ˈpaɪjo], maio, ja.
 11 M: paio [ˈpaɪjo], maio.
 12 I: der alde [ˈaldə]?
 13 F/M: der alde [ˈaldə].
 14 I: kenntme auch voder [ˈfɔdə]?
 15 F: voder [ˈfɔdə]...voder [ˈfɔdə] sahn die hunsricke.
 16 M: ja.
 17 F: voder [ˈfɔdə]. aber dann vater [ˈfadə].
 18 mir hann so gelennt (.) der großvater hann mir vater [ˈfadə] gesaht.
 19 pai era paba [ˈpaba].
 20 M: ja.
 21 F: paba und der vater [ˈfadə].
 22 unn der uhrvater, unn so großvater, wusst mir, dass das großvater heisse tät, o avô.
 23 aber mir hann bloss immer vater [ˈfadə] gesaht.
 24 unn dann wens depois do vater [ˈfadə], era o bisavô, dann wars der uhrvater.
 25 M: uhrvater ja.
 26 F: der großvater, der gross is net pronunziert gebb bei uns, der großvater.
 27 abe mir wussten, dass es tät großvater heisse.

- 28 M: der großvater.
 29 I: abe pai [paɪ̯] dann auch?
 30 F: o pai [paɪ̯] era o paba ['paba], o avô era o vater ['fadə].
 31 I: abe fo paba ['paba] kamme auch vater sahn, oder?
 32 M: ja, isso.
 33 I: abe wie sahtme dann fo avô?
 34 F: dann sahtme großvater.
 35 wennsde fo pai [paɪ̯] vater ['fadə] saht, dann musste fo avô
 großvater sahn.
 36 M: ja, aber das is so.
 37 viele hann jo nur vater ['fadə] gesaht fo de avô (.) das groß
 weggelass.

É preciso observar que a variedade da entrevistadora pode, por vezes, induzir as respostas dos informantes para um determinado padrão de fala, como por exemplo na linha 4. A afirmação por parte da entrevistadora para confirmar a variante em uso pela informante F pode ter induzido esta a pensar que a variante que se esperava ouvir era *Paba*.

A variante *Vater* ['fadə] se sobressai como conhecimento ativo nos três pontos da pesquisa, como se pode constatar no mapa A11.2. Porém, já é observável um processo de perda dessa variante [+st], visto que em pelo menos um grupo da GI de cada ponto, *Vater* aparece somente como sugestão aceita. Nos grupos que não citaram *Vater* como primeira resposta espontânea, a variante que aparece em primeiro lugar é a [+lus] germanizada, ou seja, *Papa* ['paba].

No cruzamento de variantes, o mapa A11.3 revela a presença de ambas as variantes, *Vater* e *Voter*, nos pontos Bo04 e Bo06, e de apenas *Vater* em Bo07.

3.1.2 Mhd. /e/ em *P(f)effe* ‘pimenta’, *Hefe* ‘fermento’, *Mehl* ‘farinha’, *(P)ferd* ‘cavalo’, *Wetter* ‘tempo’ (meteorologia)

No que se refere à variável Mhd. /e/, foram identificadas as seguintes variantes: [a] em *P(f)affer*, *Haf*, *Mahl*, *(P)fard*, *Watter*, considerado, neste estudo, como [+dial] Nordböh. e [e] em *Leder*, *Brett*, *Nebel*, classificado como [+st].

3.1.2.1 [a] em *P(f)affer, Haf, Mahl, (P)fard, Watter* [+dial] Nordböh.

A variável Mhd. tardio <e> (/e/ do germânico) foi identificada em sua realização como vogal aberta anterior [a] curta em variantes como *P(f)affer* ['p(f)afə], *Watter* ['vatə] e *Gald* [galɔ], e longa em *(P)fard* [(p)fa:rd], *Haf* [ha:f], *Mahl* [ma:l], *Masser* ['ma:zə], *Taller* ['ta:lə], *Lader* ['ladə], porém como formas de relicto encontradas apenas em Bo06.

Em conversa livre na CbGII do ponto Bo06, foi identificado o uso da vogal aberta anterior breve [a] na variante [+dial] Nordböh. *Paffer* ['pafə], e longa [a:] em *Haf(e)* [ha:f(ə)] e *Mahl* [ma:l]. O trecho de conversa a seguir revela a vinculação da variedade [+dial] Nordböh. com falantes do passado, bem como apresentar indícios de que no domínio comercial, bem como no interior da comunidade de forma geral, essa variante, e conseqüentemente a variedade [+dial] Nordböh., devia estar presente na comunidade.

((Tx_*P(f)affer, Hefe, Mehl*_Bo06_CbGII_2018-06_00:01:46))

- 01 F: die behmer wo bei uns dot gewohnt hann, die hann net peffer verlangt, paffer ['pafə].
- 02 M: doch. dot unne kam immer zu weihnachte ein einkäufer, weihnachtseinkäufe mache. der kam runter geritten unn der musst dann die ganze zutaten kejfen.
- 03 dann musst der das mahl [ma:l] kejfen, das weizemahl ['vaɪtsəma:l] kejfen, der hefe, hirschensalz musste kejfen.
- 04 wiere dann fetich war dann hat der noch sacht „unn zucker unn zimt noch“.
- 05 F: unn haf [ha:f] hafe ['ha:fə] hat der gesacht.
- 06 M: die behmer sahn flejsch, fleische unn so is bekannt fleisch.
- 07 schweinebraten tun die behmer schweinebrouten.

As variantes [+dial] Nordböh. surgem em um contexto de narração de fatos marcantes do passado que emergem na memória dos falantes. Ambos situam as variantes em épocas passadas, quando estes ainda eram crianças, e as correlacionam com descendentes boêmios no mínimo adultos, clientes do armazém local, que dominavam a variedade [+dial]. Em outras palavras, são formas da memória, que apesar de se manifestarem ainda como conhecimento ativo por parte da CbGII de Bo06, caíram em desuso e, por isso, sinalizam um processo de perda e substituição pela variante dominante no entorno. O pertencimento étnico se mostra

estritamente relacionado à identificação linguística. Aqueles que empregam ou empregavam essas variantes são definidos como boêmios.

Outro exemplo de forma de relicto da vogal aberta anterior [a] longa é a variante (*P*)*fard*. Ela foi identificada em outra conversa livre com o informante masculino da CbGII do ponto entre Bo04 e Bo06. Sua lembrança foi despertada no repertório do informante quando se perguntou como os falantes de época passada designavam o cavalo em seu alemão. O informante simplesmente menciona a forma [+dial] Hrs. *Gaul*, o que pode ser um indício de que esta variante se sobrepôs neste ponto. Além das formas dialetais, o mesmo informante menciona a forma [+st] (*P*)*ferde*, em que mantém a marca típica de manutenção do *Omd.* -e final.

((Tx_Primeira conversa_Bo06_CbGII_vídeo 00:27 a 04:34_ *Der Dokter mit dem Pfard*_21.04.2016))

- 01 M: dann war noch eines passiert.
 02 war ein behmer friher war die krank frau gebb die frau krank
 gebb was weisste doente (...) krank gebb in bett.
 03 unn frihes ist es passiert vor 70 80 jahr (.) do sinn die leut=
 do war in monte alverne tinha um médico pedro eglert (.) lá em
 santa cruz tem um neto bisneto médico dele (.) então quando
 tinha uma doente dificil eles iam de cavalo busca o médico.
 04 eu inclusive tenho um livro desse médico (.) ele era tamém
 andava de cavalo (.) isso era bem antigo.
 06 M: ah das pfard [pfard] gaul pfard [pfard] das pferde ['pferdø] so in
 deutsch das pferde ['pferdø].
 die hann gesach das pfard [pfard].
 07 dann sinse=dann war die frau doch schlecht gebb krank krank
 krank unn fieber fieber unn der mann=dann hannse n nachbar
 runner geschickt monte alverne dot tät der eglert wohne (.) der
 is dann auch nach unn nach komm bis dothin.
 08 nujor licht sinnse mitn kerosenfunzel (.) não tinha luz
 elétrica.
 09 unn die frau die hat glaub ich der fieber wie man sacht (.) der
 fieber hoch (.) die hat glaub ich die poke was kricht die
 wussten das net was das wär.
 09 unn dann wär der dokter dann komm unn dann geleucht mitn lichte
 mitn kerosenfunzel (.)uf einmal hätt der dokter dann gefracht
 (.)

10 ja posselt was hat den eigentlich deine frau?
 11 was hot denn deine frou froue?
 11 jo was hotse (.) hitze hotse sohtse hätse unn houtse ouch.
 10 diz que ela tem febre e ela tem e ela mesma diz que tem febre.
 11 I: wer hat das dich verzehlt?
 12 M: mein großvater der nietzsche.

Nessa conversa livre, também se constata o uso da forma contraída de <*geben*>, *gebb*, típica do Hrs., para se referir a mudança de estado, condição: *krank gebb*, *schlecht gebb* (l. 02 e 07). A variante surge de forma espontânea, o que é um indício do processo de perda da variante *standard* de base *Obersächsisch-Schlesisch* no repertório dos boêmios, e sobreposição da variante em contato. A cartografia da variação fonética em *Pferd* (v. mapas A12) apenas confirma a perda relativa de formas como (*P*)*fard* (cf. mapa A12.1) e o conhecimento quase generalizado de *Pferd* (cf. mapa A12.2). Já o mapa A12.3a sugere, na comparação diageracional, que Bo07 é o ponto com perda da marca mais hunsriqueana *Gaul*, enquanto Bo06 sinaliza o processo contrário, de avanço da marca hunsriqueana. Fica a pergunta se essa tendência é um caso isolado, ou se ela se estende para outras variáveis.

Um último caso de forma de relicto para a vogal aberta anterior [a] breve foi identificado numa conversa livre em que M da CbGII do ponto Bo06 cantou uma música que teria sido cantada pelas gerações passadas:

((Tx_Primeira conversa _Bo06_CbGII_ Vídeo: 13:45 a 15:03 _*Seff und das Watter*_21.04.2016))

01 M: dann hannse gesung frihers (.) schreib mo hin (.) seff bleib
 dou (.) seff bleib dou mer weiss jo ne wies watter wourd (.) ma
 wejss jo ne wies watter wourd,
 02 es kinnde blitzn es kennde blitzen es kennde knollen do kenn
 der seffel uffs orschlouch follen.
 03 das is nur son kotz lied.
 04 das war so seff bleib dou me wejs jo net wies watter wett seff
 bleib dou me wejs jo net wies watt.
 05 es kennde glitzn es kennde knolln und seffel kennde uffs
 orschlouch folln.
 06 seff bleib dou me wejs jo net wies wott.
 07 I: wer is der seffel?
 08 seff der hat ein name (.) josef (.) sein spitzname.

Como se vê, veio na bagagem linguística dos Bo04s boêmios uma variedade [+dial] da matriz de origem que, no entanto, foi substituída por variantes [+st] e, portanto, mais “neutras” e mais aceitas e reconhecidas pelo entorno, em contato com o alemão que já havia se instalado nas novas localidades no Brasil, alguns anos antes. A memória de algumas dessas variantes sinaliza isso; elas porém caíram em desuso mas subsistem ainda como conhecimento passivo, e, em alguns casos, como o do informante M de CbGII Bo06, ainda se manifesta como conhecimento ativo, já que o informante apresentou essa canção sem que ela tivesse lhe sido pedida ou sugerida.

3.1.2.2 [e] em *Leder*, *Brett*, *Nebel* [+st]

Na tradução das palavras do pt. *couro*, *tábua* e *neblina* para o alemão dos informantes, observou-se o predomínio da vogal [e] em núcleo silábico em todos os pontos, enquanto que o uso da vogal aberta anterior longa foi apontado apenas pela CbGII de Bo06 e pela CaGII do mesmo ponto, porém apenas em relação à forma *neblina*. Esse é um indício de que a variante [+st] se sobrepôs à variante [+dial] na diacronia, visto que a geração jovem e grande parte dos grupos GII não a empregam mais. Essa sobreposição revela a iniciativa dos imigrantes boêmios em se acomodarem à fala do entorno, a partir da adoção da variedade intermediária [+st] que com eles migrou para o Brasil.

((Cfon <*couro*, *tábua*, *neblina*>_Bo04-Bo06-Bo07_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO04	CAGII	F/M: ['le:de]	F/M: ['pred(ə)] ['pret]	F/M: ['ne:bəʔ]
	CBGII	F/M: ['le:de]	F/M: ['pret]	F/M: ['ne:bəʔ]
	CAGI	M/F: ['le:de]	M/F: ['pret]	M/F: ['ne:bəʔ]
	CBGI	F/M: ['le:de]	F/M: ['pret] ['pred(ə)]	F/M: ['ne:bəʔ]
BO06	CAGII	F/M: ['le:de]	M/F: ['pret]	F: ['na:bəʔ] F/M: ['ne:bəʔ]
	CBGII	F/M: ['le:der] ['la:der]	M/F: ['preter] M: ['pra:der] M/F: ['pret]	M: ['na:bəʔ] M/F: ['ne:bəʔ]
	CAGI	M: ['le:de]	M/F: ['pret]	F/M: ['ne:bəʔ]
	CBGI	M/F: ['le:de]	M: ['pred(ə)] F: ['pret]	M/F: ['ne:bəʔ]
BO07	CAGII	F/M: ['le:der]	M/F: ['pret] M: ['bret] ['preter]	M/F: ['ne:bəʔ]

	CBGII	F/M: ['le:de]	F/M: ['bret]	M/F: ['ne:bət]
	CAGI	F/M: ['le:de]	F: ['bret]	F/M: ['ne:bət]
	CBGI	F: ['le:de]	F: ['pret]	F: ['ne:bət]

Pode-se falar, portanto, de uma substituição da variedade intermediária [+dial] Nordböh. pela variedade intermediária [+st] de base *Obersächsisch-Schlesisch*, já que esta cumpria com a função de intercomunicação com os demais grupos em contato. A não ocorrência, em qualquer parte da aplicação do questionário, da variante [+dial] [a] em posição núcleo-silábica pode indicar um alto grau de convergência com o alemão standard, em se tratando do repertório de imigrantes que adentraram Bo04 e Bo07. Auer e Hinskens (1996) alertam justamente para a existência de graus distintos de convergência com a língua *standard* dependendo da localidade na segunda metade do séc. XIX.

3.1.3 Mhd. /i/ diante de /r/, como em Nhd. (*P*)*firsich* ‘pêssego’

O uso de Mhd. /i/ diante de /r/ foi observado e analisado em duas realizações: como vogal fechada anterior [i], em (*P*)*firsich* [+st], e como vogal semiaberta anterior [ɛ], em *Fe(r)sich* [+dial] Nordböh..

3.1.3.1 [i] em (*P*)*firsich* [+st]

A realização da vogal fechada anterior [i] foi observada no emprego da variante [+st] (*P*)*firsich* ['(p)fırziç] sobretudo em Bo04 e Bo07, conforme mostra o mapa A1.2, onde configura conhecimento ativo dos informantes. Em Bo06, aparece desta forma apenas na CbGII; em contrapartida, está ausente do repertório de CaGII e da GI. A variante que se sobressaiu nestes três grupos foi a *Fesich* ['fɛziç], com o emprego da vogal semiaberta anterior [ɛ]. Além disso, neste ponto, também foi apontada a variante [+dial] Hrs. *Pesche*, como resposta espontânea. Este é um indício de perda da variante [+st] no ponto Bo06 e de resistência por um lado da variante [+dial] Nordböh. em competição com a variante [+dial] Hrs. Pode-se dizer, de modo geral, que *Fesich* representa uma marca [+boêmia], enquanto *Pesch* se associa à fala [+Hrs.].

3.1.3.2 [ɛ] em *Fe(r)sich*⁸⁰ [+dial] Nordböh.

O excerto da entrevista com a CbGII de Bo04 revela o emprego de vogal semiaberta anterior [ɛ] na variante *Fe(r)sich* ['fɛziç], na forma de conhecimento ativo. Indício este de que a variante resistiu no repertório dos falantes boêmios nesse ponto, existindo em coexistência com *Firsich* ['firziç].

((Clex_<P*firsich*>_Bo04_CbGII_2017-08_00:01:03))

01 I: son=GELbrotliches !beer!, (.)
 02 mit dem man SIIS oder SCHMIer koche kann=
 03 =GIBS auch noch in tode;
 04 F: Äh: ERDbeere?
 05 (-)
 06 F: NAUN?
 07 I: NEE:, (.)
 08 das is=so GELB=
 09 =ROTlich=so;
 10 F: ein KOCHpobe?
 11 I: NEE:, (.)
 12 so=RUND;
 13 F: eine ROTriib?
 14 I: NEE:;
 15 F: AUCH net?
 16 F: nee=was kann das dann SINN?
 17 I: kann SIIS devon mache, (.)
 18 unn in die TOdre gibs das.
 19 voSCHNEIde[se]
 20 F: [FI]Rsich ['firziç]?
 21 I: aHA=
 22 =wie sahst DU [fe]
 23 M: [FE]Rsiche ['fɛrziçə].
 24 I: wenss EIN is?
 25 M: ein fir !FERSich! ['ferziç];
 26 ein FERSich ['ferziç].
 27 F: ode ein FESich ['fɛziç].
 28 M: ein FESich ['fɛziç];
 29 I: aHA;

⁸⁰ ThWd, Bd.4, p. 1117: *Firs(i)ch* / (*B*)*fersich* / *Bfars* / *Fersch*; SDW, Band II, 1996, p. 310: *Fearsich*, *Pfarsich*, *Fersich*, *Farskn*, *Pferschke*, *Pfirsich*.

30 kamme noch ANnerste sahn?
 31 M: PEsche.
 32 F: aHA;
 33 I: unn FIIsich?
 34 F: <<nachdenkend <FIIsich hannich noch>-:
 35 F2: FIRsich ja ['firzɪç].
 36 M: FIRsich ['firzɪç] isuff !platt!.
 37 F: FIRsich ['firzɪç] ja.
 38 (.) aber Fisich-
 39 I: FIRsich ['firzɪç].
 40 aber net FIIsich.
 41 F: FIRsich ['firzɪç]=ja.

Na primeira fase da entrevista, os falantes citam a variante [+dial] Nordböh. *Fe(r)sich* como resposta espontânea. Não é criada nenhuma vinculação com a fala de descendentes boêmios de gerações [+velhas] passadas, em relação a essa variante. É possível que a proximidade de *Fesich* com o standard possa ter contribuído para a adoção desta pelos falantes, já que as variantes em contato [+dial] Hrs. *Pesche* e [+dial] *Westf. Peschken* divergem lexicalmente mais do *standard*.

No mapa A1.1 em anexo, pode-se observar que *Fesich* predominou como resposta espontânea, sendo o grupo CbGII o que mais a empregou. Já na CaGI, a variante configura conhecimento passivo. Os pontos Bo04 e Bo06 se destacam no uso dessa variante, enquanto que no ponto Bo07, é pouco conhecida, configurando conhecimento passivo de apenas dois grupos.

O grupo CbGII demonstra conhecer a variante, mas não a sua origem, conforme comentário metalinguístico de F: *Das sacht die Eli Stock immer, weiss nich was das von language is*, o que reforça a ideia de que a variante está presente de forma muito restrita na comunidade. O processo de perda também é indicado pela CaGI, que a associa à geração dos pais e dos avós conforme comentário de M: *O vô fala assim. Pela entonação da voz dele, ele fala Fesich* e F: *É, e o pai também fala Fesich*. E segundo percepção de F, *Fesich* é vista como erro quando afirma *Eftes dass ma richtig Pfirsich kommt, kommt Fesich*, conferindo-lhe, portanto, um status inferior à variante standard *Pfirsich*.

3.1.4 Mhd. /u/ no núcleo silábico em Nhd. *Durst* ‘sede’

A presente variável foi identificada em sua realização como vogal fechada posterior [u], em em *Durst*, *Durscht* [+st], e como vogal semiaberta posterior [ɔ], em *Do(r)scht*, *Dorst* [+dial] Hrs..

3.1.4.1 [u] em *Durst*, *Durscht*⁸¹ [+st]

Na tradução da sentença “*Wir sind müde und haben Durst*” para a variedade local, foi mencionada a variante *Durscht* [durft] como primeira resposta espontânea na CbGI de Bo07. Outra variante ativa nesse grupo é *Dorscht* [dɔrft], que segundo a informante, é comum na localidade (linhas 04 e 10), o que pode ser um indício da coexistência de uma variante *stand* com uma variante Hrs. que já adentrou Bo07 e integra o repertório local. O excerto também permite destacar a conservação da variante [+dial] Nordböh. *hamma*, que é uma contração do verbo *haben* (pt. ter) e do pronome pessoal *wir/mir* (pt. nós), apontado como primeira resposta. A forma [+st] desse verbo também foi aceita.

((CgramI_<Wir sind müde und haben Durst>_Bo07_CbGI, 00:00:53))

01 I: wir sind Müde und haben durst.
 02 F: wir sinn MIID;
 03 MIID a gente diz;
 04 unn HAMma: comé que é?
 05 I: und haben DURST.
 06 F: unn hamma DURSCHT [durft].
 07 SEDE?
 08 DURSCHT [durft] a gente diz, sede.
 09 DORSCHT [dɔrft];
 10 unn DORSCHT [dɔrft] sagense.
 11 I: ah, DORSCHT [dɔrft]?
 12 F: DORSCHT [dɔrft].
 13 I: unn sahtma HAben?
 14 F: wir HAben.
 15 wir haben (.) DORSCHT [dɔrft].
 16 I: wir HAMM dorscht [dɔrft],
 17 sahtme das AUCH?
 18 F: welche sachen AUCH;

⁸¹ ThWb, Bd. I, p. 1429: *Dorscht*, *Durscht*, *Durst*.

19 wir HAMMN dorscht [dɔrʃt], wenn mehre sind zusammen so=né;
 20 und dann einer sacht ah wir HAMMN dorscht [dɔrʃt].
 21 I: unn fo wir kamme auch MIR sahn?
 22 F: NEIN.
 23 was ich denk NICH.

Conforme mapa A18.2, o emprego da vogal fechada posterior [u] em *Durst*, por sua vez, se encontra fragilizado nos pontos Bo04 e Bo06, visto que a GI de Bo04 e a CbGI de Bo06 sequer a reconhecem. A CaGII desse último ponto apresentou somente conhecimento passivo. Nestes casos, a realização da vogal semiaberta posterior [ɔ], proveniente do contato linguístico com o Hrs., se sobressaiu. Somente em Bo07, a variante [+st] *Durst* apresenta uma maior resistência, porém já em competição com a variante [+dial] Hrs. *Dorscht*, obtida em sua maioria como segunda resposta espontânea neste ponto.

3.1.4.2 [ɔ] em *Do(r)scht*, *Dorst* [+dial] Hrs.

A variante [+dial] Hrs. *Doscht* foi citada como variante espontânea na CaGI de Bo6, configurando, portanto, conhecimento ativo. Em contrapartida a variante [+st] *Durst* não foi sequer entendida no ato de tradução da sentença do *standard* para o alemão local. Como segunda resposta espontânea, surge a variante *Duscht*. Já na fase de sugestões, a variante [+dial] Nordböh. *Dascht* foi refutada, não caracterizando mais o repertório desse falante. As respostas, neste ponto, indicam um nivelamento com o Hrs..

((CgramI_<Wir sind müde und haben Durst>_Bo06_CaGI_2018-06_00:00:56))

01 I: wir sind Müde und haben !durst!.
 02 M: (-) WIE?
 03 I: wir sind Müde und haben !durst!.
 04 M: (-) ((verneint))
 05 I: KEIN wott?
 06 M: kein WOTT.
 07 F: <<im Hintergrund> alemao e um pouco complicAdo>.
 08 I: estamos cansAdos e temos [!sede!].
 M: [ah::]
 I: wie täst du das SAHN?
 09 M: (.) mir sinn MIID unn hann !doscht!.

- 10 I: fo !doscht! kamme noch ANneste sahn?
 11 M: DUSCHT.
 12 duscht; ich hann DUSCHT.
 13 I: kenntme auch sahn äh DURSCHT?
 14 M: ((verneint))
 15 I: oder DORSCHT?
 16 M: ((verneint))
 17 I: unn DASCHT?
 18 M: DOSCHT ja.
 19 DOSCHT.
 20 I: aber DASCHT?
 21 M: dascht (.) äh: KENNT sinn;
 22 I: wett NET=so gesproch?
 23 M: NEE.

Relativo ao mapa A18.3, o uso da vogal semiaberta posterior [ɔ] nas variantes *Doscht*, *Dorst* ou *Dorscht* aparece na maioria dos grupos na forma de conhecimento ativo no repertório, sendo primeira resposta espontânea em todos os grupos de Bo04, em três grupos de Bo06 e em dois grupos de Bo07. Apenas na GII do ponto Bo07 é que essas variantes configuram conhecimento passivo, o que pode ser um indício de que já estiveram mais presentes na localidade no passado. Por outro lado, o aparecimento da vogal [ɔ] como forma espontânea na GI desse ponto é um indicador do retorno dessa variante por meio dessa geração.

3.1.4.3 [a] em *Dascht*⁸² [+dial] Nordböh.

Na CaGI de Bo04, foi identificado um caso de forma de relicto. A realização da vogal aberta anterior [a] na variante [+dial] Nordböh. *Dascht*. O mapa A18.1 revela a ocorrência dessa variante apenas nos pontos Bo04 e Bo06, em quatro grupos no total, sendo três deles da GI. O aparecimento de *Dascht* apenas na GI, nesse ponto, pode estar relacionado ao contato da geração jovem com a geração dos avós⁸³, que, como já pode ser observado na presente pesquisa, preserva mais traços dialetais da matriz de origem boêmia do que a geração jovem.

⁸² *Schlesischer Sprachatlas*, Band I, Kt. 14: *Dascht*.

⁸³ Nas localidades desta pesquisa, é comum que os jovens, quando crianças, tenham contado com a participação dos avós em sua criação, sobretudo nos momentos do dia em que os pais trabalhavam fora.

No cruzamento de variantes, conforme o mapa A18.4, pode-se observar o império de *Du(r)scht* e *Do(r)scht* em todos os pontos, e a coexistência de *Dascht* e *Do(r)scht* em três grupos GI.

3.1.5 Mhd. /ei/ em Nhd. *zwei* ‘dois’

A presente variável foi identificada em sua realização nos seguintes ditongos: [aɪ], em *zwei* [+st]; [ɔɪ], em *zweu* [+dial] Hrs.; [ɛɪ], em *twäi* [+dial] Westf.; e, [ɛ:], em *zwää* [+dial] Nordböh..

3.1.5.1 [aɪ] em *zwei* [+st]

Segundo o mapa A15.2, o emprego do ditongo [aɪ], na variante [+st] *zwei*, caracteriza conhecimento ativo dos informantes boêmios, sendo obtida como primeira resposta espontânea nas três dimensões em foco, diatópica, diageracional e diastrática, nesta pesquisa. Trata-se, portanto, de um ditongo que se impôs sobre os ditongos [+dial] Nordböh., [ɛ:] em *zwää*, e Hrs., [ɔɪ] em *zweu*.

3.1.5.2 [ɔɪ] em *zweu* [+dial] Hrs.

Observando-se o mapa A15.3a, a realização do ditongo [ɔɪ] em *zweu* aparece em destaque nos pontos Bo04 e Bo06, como conhecimento passivo em cinco dos oito grupos de informantes, enquanto que nos outros três grupos aparece como conhecimento ativo, obtido na segunda resposta. A classe sociocultural se manifesta como determinante, sendo a Ca vinculada ao conhecimento ativo e a Cb ao passivo. No ponto Bo07, a variante com esse ditongo foi negada.

3.1.5.3 [ɛɪ] em *twäi* [+dial] Westf.

Em relação à realização do ditongo [ɛɪ] em *twäi*, conforme mapa A15.3b, esta foi identificada apenas no ponto Bo04, como resultante de convergência com o Westf. Neste ponto, o uso desse ditongo apareceu como resposta espontânea. O fato de esta variante não ter

aparecido como resposta espontânea nos outros pontos é um indicativo de que no mínimo não integra o conhecimento ativo dos falantes.

3.1.5.3 [ɛ:] em *zwää*⁸⁴ [+dial] Nordböh.

No ponto Bo06, foi identificado o emprego do monotongo [ɛ:] em resposta à pergunta relacionada aos números de 1 a 15. Este foi obtido, porém, apenas na CbGII, e como variante já sobreposta pelo ditongo [+st] [aɪ], que ocupa a posição de conhecimento ativo atualmente. A sugestão da variante *zwee* fez emergir as variantes [+dial] Nordböh. *zwiene* (Nhd. *zweite*) e *zwää* (Nhd. *zwei*), conforme linhas 36-42. Essa fase da entrevista proporcionou a obtenção de outras variantes [+dial] Nordböh. como *äis* (Nhd. <*eins*>), *käis* (Nhd. <*keins*>), *Gald* (Nhd. <*Geld*>) como indica a linha 49. Estas são distinguidas da variedade [+st] pelos falantes, que as mencionam como pertencentes ao *Behmisch*, o que indica o grau de percepção dos falantes sobre as variedades. As variantes [+dial] Nordböh. dessa conversa surgem como já sobrepostas pelas variantes [+st], mas ainda presentes no repertório dos falantes na forma de variantes-lembrança.

((Clex_Zahlen_Bo06_CbGII_2017-03_00:02:53))

01 I: kennt ihr bis ZWELF zehle?
 02 M: DOCH:.
 03 I: dann: fängt mal AN.
 04 jede saht EIN nummer.
 05 M: EINS;
 06 F: ZWEI;
 07 M: DREI;
 08 F: VIER;
 09 M: FIMF;
 10 F: SECHS;
 11 M: SIEben;
 12 F: ACHT;
 13 M: NEUene;
 14 F: ZEHN.
 15 I: NOCH zwei.
 16 M: ELF;

⁸⁴ ThWb, Band V, p. 1367 e 1368.

17 F: ZWELF.

18 I: unn wie wäre QUINze? (.) wie saht ihr QUINze?

19 M: FINFzehn.

20 F: FEMFzehn jo.

21 M: FEMFzehn, oder fimfzehn.

22 I: hab ihr kennt ihr ein ANdes wott noch fo !quinze!?

23 (-)

24 F: <<ganz leise> FUFzehn>.

25 M: FUFzehn jo:.

26 fimfzehn, femfzehn unn fufzehn.

27 I: fo SEte kennt ihr auch siewe?

28 M: SIEben?

29 I: SIEwe.

30 M: siewe, ja=die sahn AUCH manchma siewe, sechs siewe.

31 sech SIEben, sechs !sie!we.

32 I: fo dois kennt ihr auch ZWEU?

33 M: jo, ZWEU; oder zwei.

34 I: ore ZWEE?

35 M: zwee odern ZWIENE;

36 ZWÄÄ;

37 zwää, ich hobe ZWÄÄ äier (.) gekauft.=

38 =ich hobe ZWÄÄ äier gekauft. (.)

39 [anstatt]

40 [SAHST d]u so?

41 M: ICH sah zwää. (.)

42 aber das is mehr BEHmisch das !zwää!.

43 F: JO.

44 I: unn ENS?

45 M: äis, das is BEHmisch.

46 eins wett so geSPROchen=

47 =eins unn ÄIS.

48 I: HUM:=

49 =ob ich gald hob ore KÄIS, bleibt sich alles !äis!.

50 ((lachen)) (...)

51 I: unn en:?

52 M: EN;; enner.

53 EN: oder enner.

54 das is ÄIS, äis.

55 I: unn fo nove hat ihr schon [NEIN] gehert?

56 M: [NEUN];

57 F: NEUN;
 58 I: NEIN?
 59 M: NAUN, nao e conhecida.
 60 aber hier wett NUR neun.
 61 NEUne (.) jo neune.
 62 neun oder NEUne.

O mapa A15.1 indica que a variante [+dial] Nordböh. *zwää* está presente somente na GII de Bo06 na forma de conhecimento passivo, o que aponta para uma conservação maior nesse ponto da diatopia e nessa geração. Nos pontos Bo4 e Bo07, aparece como sugestão negada, estando, portanto, em processo de perda avançado. Também nesses pontos impera a variante [+st] seguida das variantes [+dial] de contato com o Hrs. ou com o Westf.

Quando cruzadas, o mapa A15.4 revela que Bo04 e Bo06 concentram o maior número de variantes, diferenciando-se apenas no uso da variante dial. Nordböh. *zwää* em Venâncio Aires e da variante Westf. *twäi* em Imigrante. Já em Bo07, nota-se o império da variante st. *zwei* e indícios de perda da variante Hrs. *zwei*.

3.1.6 Mhd. /u/ em núcleo de sílaba em Nhd. *Gurke(n)* ‘pepino(s)’

Esta variável apresentou-se nos dados coletados em sua realização como vogal fechada posterior [u], na variante ['kurgə] ou como vogal semiaberta posterior [ɔ], na variante ['kɔrgə].

3.1.6.1 [u] em *Gurke* [+st]

O uso da vogal fechada posterior [u] em *Gurke* foi identificado em primeira resposta na na CbGII e na CaGI do ponto Bo07. Compete com esta variante, a forma [+dial] Nordböh. *Gorke*, ativa no repertório da GI e ausente no repertório da GII nesse ponto. Conforme o mapa, a variante que predomina na GII é a [+st]. Logo, *Gorke* caracteriza uma variante [+dial] Nordböh. inovadora, já que retorna à comunidade pela GI, provavelmente devido ao contato linguístico com o saxão, e entra em competição com o império da variante [+st].

((Clex_<*Gurke(n)*>_Bo07_CaGI_2018-01_00:00:54))

01 I: son griines geMIIse das an !RAN!gle wachst,
 02 unn me kann das nachher SAUer mache, inmache;
 03 F: ZWIEbel.
 04 I: NEE.
 05 is GRIIN.
 06 F: ah?
 07 ah, GORke!
 08 M: GURke.
 09 I: kamme noch ANnerste auspreche?
 10 M: GURke.
 11 I: aha; wie hast DU gesaht?
 12 F: GORke.
 13 M: é mais:, tem mais de UMA.
 14 F: die GORK; (-)
 15 die gorke ode die GORK.
 16 I: (...)
 17 I: unn GUMmer?
 18 M: NÃÃO.
 19 F: gummer pra mim é eLÁstico.
 20 ((lachen))
 21 I: GUMmi?
 22 I: JA.

Relativo ao mapa A17.2, a variante [+st] *Gurke* integra o conhecimento ativo de quase todos os grupos, sendo resposta espontânea sobretudo nos pontos Bo04 e Bo07. Em Bo06, nota-se um início de perda dessa variante, em contraposição à resistência da variante [+dial] Nordböh. *Gorke*, que resiste e impera nesse ponto, pois continua ativa nos grupos da GII e GI. Na GI deste ponto, a variante [+st] apresenta maior fragilidade.

3.1.6.2 [ɔ] em *Gorke(n)*⁸⁵ [+dial] Nordböh.

A informante CbGI do ponto Bo07 apresentou o uso da vogal semiaberta posterior [ɔ] em primeira resposta, na variante [+dial] Nordböh. *Gorke(n)*. Já a variante [+st] *Gurke* foi aceita, porém desvinculada da fala local. E, a variante [+dial] Hrs. *Gummer* foi refutada. A

⁸⁵ ThWb, Bd.2, p. 753: *Gurke / Gorke*; dtv-Atlas, p. 225: *Gork(e) / Gurke*.

variante [+dial] Nordböh., portanto, ainda ocupa o conhecimento ativo da informante, frente à inexistência ou distanciamento da variante Hrs.

((Clex_<Gurke(n)>_Bo07_CbGI_2018-01_00:01:03))

01 I: son grines geMise was an rangle wachst,
 02 man kann das Inmache, (.)
 03 SAUer mache;
 04 (.)
 05 F: in RANgel?
 06 I: ja, in RANgle;
 07 ufn BODE (.)
 08 kamme=dann nachher INmache; (.)
 09 in=son GLAS; (.)
 10 SAUer esse.
 11 (-)
 12 F: das KENNich denkich nich.
 13 I: ach=das KENNST du schon.
 14 ((lachen))
 15 F: WEISS ich nich.
 16 I: <<gestikulierend> SO sinn die>.
 17 so LANGche.
 18 F: ah, GORken.
 19 I: JA.
 20 ((lachen))
 21 I: kamme noch ANnerste auspreche?
 22 F: gorKEN;
 23 oder gorKE.
 24 hier sprechtme GORken. (.)
 25 I: GURke?
 26 F: habich SCHON gehert, aber nich so:
 27 hierROM sprechense gorken.
 28 I: GUMmern?
 29 F: NEIN.

O mapa A17.1 revela que a variante *Gorke* foi primeira resposta espontânea em todos os grupos de Bo06, no grupo CbGII de Bo04 e na GI de Bo07. Na GI e na CaGII de Bo04, foi constatado o conhecimento passivo da variante, o que denota um processo de perda da

variante entre as gerações desse ponto. Por outro lado, em Bo07, é a GII que desconhece a variante, o que pode ser um indício de reintrodução de uma variante [+dial] Nordböh. através do contato linguístico. Porém, neste caso, trata-se de convergência com o saxão por contato linguístico interior à comunidade. Devido a migrações internas para a área urbana, que configura o ponto de encontro dos diferentes grupos, o contato linguístico resultante entre boêmios e saxões pode ser responsável pelo reaparecimento de uma variante [+dial] já esquecida e substituída por uma variante [+st]. Esse processo também revela a conservação de resquícios do saxão na localidade e sua sobreposição à variante [+st]. Uma mesma variante, portanto, apontando simultaneamente caráter conservador, em Bo06, e inovador, em Bo07, na dimensão diatópica. Em Bo06, a variante *Gorke* aponta o maior grau de conservação.

Quando cruzadas, as variantes *Gorke*, *Gurke* e *Gummer* se sobressaem na dimensão diageracional na GII de na dimensão diatópica no ponto Bo04, como ilustra o mapa A17.4.

3.1.7 Mhd. /ei/ em Nhd. Eier ‘ovos’

A variável /ei/ foi identificada nas seguintes formas de ditongo no que se refere à variável Nhd. Eier ‘ovos’: [ai], em *Eier* [+st]; [eɪ], em *Ejer* [+dial] Nordböh.; [oi], em *Euer* [+dial] Hrs.; e, [e], em *Egge* [+dial] Westf..

3.1.7.1 [ai] em *Eier* [+st]

A variante [+st] *Eier*, em relação ao mapa A5.2, surge como primeira resposta espontânea nos três pontos de pesquisa, mostrando sua sobreposição à variante [+dial] Nordböh. *Ejer*, que unicamente foi citada no ponto Bo06 CbGII. Pode-se concluir, também em relação a esta variante, que a forma [+dial] Nordböh. *Ejer*, da qual restam resquícios somente na CbGII de Bo06, foi completamente sobreposta pela variante [+stand].

3.1.7.2 [eɪ] em *Ejer* [+dial] Nordböh.

Ejer configura o conhecimento passivo dos falantes da CbGII no ponto Bo06, em relação à tradução ao alemão local da sentença CgramI *Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer* por parte dos informantes:

((CgramI_<Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer>_Bo06_CbGII_2018-06_00:02:48))

01 I: er ISST die eier immer ohne salz und pfeffer.
 02 M: der FRISST die eier immer ohne salz unn !paffer! ((lacht))
 03 F: er FRISST die eier immer ohne salz unn peffe.
 (...)

 49 I: unn fo EIer, kamme noch ANnerste sahn?
 50 M: EJer, (.)
 51 EUer, (.)
 52 EJer unn eier.
 53 I: woHER eJer?
 54 wieSO eJer?
 55 M: eJer das is BEHmisch.
 56 (.)
 57 I: unn EUer?
 58 M: euer: das IS=son, (.)
 59 F2: SPRICHwott ()
 60 M: NAUN;;
 61 mecht das net HUNSrickisch sinn ore was?=
 62 =EUer.
 63 F: ich DENke.
 64 I: das sprechtme AUCh hierrom?
 65 F: sprichtme AUCh ja.

Em se tratando da variável <Eier>, no mesmo diálogo abordado anteriormente, a primeira resposta de ambos os informantes foi a variante [+st], seguida da variante [+dial] original, *EJer*, na fase de insistência, configurando conhecimento ativo desse grupo. Conforme o mapa A5.1, nos outros grupos e pontos, *EJer* não configura conhecimento ativo, mas existe a possibilidade de estar disponível no repertório dos informantes de forma passiva.

3.1.7.3 [ɔi] em *Euer* [+dial] Hrs.

Em se tratando de <Eier>, foi citada a variante [+dial] Hrs. *Euer*, a qual foi associada pelos informantes à fala de Lajeado. O contato linguístico apresenta-se como responsável pela inclusão dessa variante no repertório linguístico. É o caso de uma variante que já se encontra em estágio avançado de integração, visto que foi obtida como resposta espontânea.

((CgramI <Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer>_Bo06_CaGII_2018-06_00:00:54))

01 I: er isst die eier immer ohne salz und PFEFFer.

02 F: er esst die sai (.) er esst die eier immer ohne salz unn
PEFfer.

03 M: JA.

04 I: fo peffer, kamme noch ANnerste sahn?

05 F: PEFfer.

06 M: ((verneint))

07 F: denke NET.

08 M: PEFfer.

09 F: kommt mich nix in die geDANke jetzt (.) annerste.

10 I: annerste AUSpreche=so,
11 wie PEWwer;

12 M: ist next QUase wie peffer auch,
13 wie MIR sahn.

14 I: unn EIer?
15 kamme ANnerste sahn?

16 F: EUER.
17 euer sahnse AUCH manchmo;
18 aber auch schon WIEDER mehr hinne (.) in lajeado.

19 M: JA.

20 I: ta, HIER eier?

21 M: É.

Em Bo04, a variante *Euer* foi obtida da mesma forma, já na segunda fase da entrevista, na forma de conhecimento ativo, o que reforça a premissa de integração avançada da variante na fala dos boêmios, ao menos nos pontos Bo04 e Bo06.

((CgramI <Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer>_Bo04_CaGII_2017-06_00:00:51))

01 I: er isst die eier !im!mer ohne salz und PFEffer.

02 F: der esst die eier immer ohne salz unn ohne PEFfe.

03 I: wie täst DU das sahn?

04 M: er esst die eier !im!mer ohne salz unn PEFfe.

05 I: aha, fo eier, kamme noch ANnerste sahn?=
06 F: =EUer=
07 M: =EU:er.
08 F: EUER sahn die hunsricke.
09 M: die EU:er. ((lacht))
10 F: die EU:er.

11 I: unn fo PFEFfer?
 12 F: PEFfe unn FEFfe.
 13 (...)
 14 I: unn PEWwer?
 15 M: ((verneint))
 16 (.)
 17 I: mit WE; pewwer.
 18 F: pewwer, (.) GIBS.
 19 pewwer, gibs AUCH alleweche;
 20 etliche.
 21 M: etliche.
 22 F: bem POUco, mas existe;
 23 chama a atenÇÃO;
 24 wenn einer BISSche annerste spricht.

Euer integra sobretudo o conhecimento ativo dos falantes nos dois pontos citados, enquanto que no terceiro ponto, Bo07, sequer foi reconhecida, como se pode constatar no mapa A5.3. A segunda variante obtida nesse ponto foi *Hihnerer*, mantendo a pronúncia [+st] de *Eier*. No geral, foi a GII que mais citou a variante como forma espontânea, obtida na segunda resposta. Não a dimensão diastrática, mas sim a dimensão diatópica, nesse caso, se mostra decisiva no uso da variante.

3.1.7.4 [e] em *Egge* [+dial] *Westf.*

A variante *Peffer* surge em concomitância com *Feffer* na fala da CbGI de Bo04, sendo ambas consideradas parte da fala local pelos informantes. As demais variantes ativas identificadas correspondem a variantes vestfalianas na fala masculina, como *Solt* em relação à variável <Salz> e *Egge* em relação à variável <Eier>. Na sugestão de variantes hunsriqueanas, a variante [+dial] *Pewwer* não foi aceita, não integrando, portanto, o repertório desse grupo. Em contrapartida, houve o reconhecimento das variantes hunsriqueanas *Euer* e *uhne*. Porém, estas ainda estão são acessadas de forma receptiva.

((CgramI <Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer>_Bo04_CbGI_2017-08_00:01:13))

01 I: er isst die eier IMmer ohne salz und pfeffer.
 02 F: die eier sinn immer ohne salz unn ohne PEFfer?
 03 I: nee; er ISST; er isst=
 04 M: =er ESST.
 05 I: die eier ohne salz und PFEFfer.
 06 M: der ESST die eier immer ohne salz unn ohne feffer.
 07 F: er esst die [eier immer oh]ne salz unn ohne PEFfer.
 (...)
 19 I: unn fo EIer, (.)
 20 habt ihr schon ein ANdes wott gehert?
 21 F: EIer.
 22 M: só EGge.
 23 é PLATT.
 24 I: unn EUer?
 25 F: euer JA.
 26 M: ja, die EUer.

No cruzamento de variantes, o mapa A5.4 indica o império de *Eier* em Bo07 e o emprego de até três variantes em Bo06 e Bo04, com uma distinção. Ambos os pontos possuem em comum a presença de *Eier* e *Euer*, sendo o repertório de Bo06 acrescido da variante boêmia *Ejer* e o de Bo04 da variante vestfaliana *Egge*.

3.1.8 /pf/ em Nhd. *Pfeffer* ‘pimenta’

A variável /pf/ foi identificada em três realizações: [pf], em *P(f)affer* [+st]; [f], em *Feffer* [+dial] Nordböh.; e, [p] em *Peffer* [+dial] Hrs..

3.1.8.1 [pf] em *P(f)affer*⁸⁶ [+st]

P(f)affer ['p(f)afə] configura o conhecimento ativo dos falantes da CbGII no ponto Bo06, conforme o mapa A4.1, no que se refere à tradução do Nhd. ao alemão local da sentença CgramI *Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer* por parte dos informantes:

((CgramI <*Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer*>_Bo06_CbGII_2018-06_00:02:48))

- 01 I: er Isst die eier immer ohne salz und PFEffer ['pfefe].
 02 M: der frisst die eier immer ohne salz unn PAffer ['pafe].
 ((lacht))
 03 F: er FRISST die eier immer ohne salz unn peffer ['pefe].
 04 I: <<nachfragend> peffer ['pefe] unn?:>
 05 M: PAffer ['pafe].
 06 paFFER ['pafer].
 07 I: Paffer ['pafe].
 08 I: kamme noch ANnerste ausspreche?
 09 M: Peffer ['pefe] (.) so SAHTme normal.
 10 die leut hierrOm die nenn paffer ['pafe] NET.
 11 F: PEffe ['pefe].
 12 M: der PFAffer ['pfafe], (.)
 13 der pfaffer ['pfafe] isn BEHmisch wott (.) behmisch. (.) der
 paffer ['pafe]. (.)
 14 EIgepaffet (.) det schweinebrouten eigepaffet=ja. (.)
 15 EIGesalzt (.) de schweinebrouten eigesalzt unn eigepaffet.
 16 unn KNOUBloch (.) unn knobloch noch drohgetun.
 17 I: <<nachfragend> unn KNOUBlouch noch>
 18 M: DROH=drohgetun (.) drangetun.
 19 I: unn kenntme auch sahn PEwwer ['peve]?

⁸⁶ Schlesischer Sprachatlas, Band I, Kt. 17; ThWb, Bd. IV, p. 1074: *Pfaffer, Faffer, Fäffer*.

- 20 M: PEffer ['pefɐ] (.) JO:.
- 21 I: PEwwer ['pevɐ] (.) mit we. (.) pewwer ['pevɐ]
- 22 M: das is pe ef (.) PFEffer ['pfefɐ].
- 23 I: ich meine jetzt mit we: (.) PEwwer ['pevɐ].
- 24 M: AH:;
- 25 F: é:(.) wer der net richtig AUSspricht,
- 26 DER spricht pewwer ['pevɐ].
- 27 M: (...)
- 28 F: spricht AUCH eine als pewwer ['pevɐ], jo::.
- 29 I: unn kenntme AUCH sahn fewwer ['fefɐ]?
- 30 M: FEffer ['fefɐ] (.) JO:.
- 31 F: JO:: feffer ['fefɐ]. (.)

Já na primeira fase da entrevista, M menciona a variante *Paffer* como primeira resposta espontânea, em que se manifesta a vogal aberta anterior [a], marca [+dial] Nordböh., combinada com a consoante plosiva bilabial desvozeada [p], marca [+dial] Hrs., o que sinaliza para uma convergência entre uma vogal [+dial] Nordböh. com uma consoante [+dial] Hrs. F, por outro lado, apresentou uma variante [+dial] Hrs. *Peffer*, o que acompanhado do comentário metalinguístico, M: *Peffer, so sahtme normal hierrom*, aponta para a sobreposição da variante [+dial] Hrs. Na fase de insistência, M cita a variante *Pfaffer*, em que a presença da plosiva bilabial acompanhada da fricativa labiodental desvozeada [pf] configuram marca [+st], esta já presente na matriz de origem em concorrência com a fricativa labiodental [f]. Esta é aceita na fase de sugestões em relação à variante *Feffer* [+dial] Nordb, configurando, portanto, conhecimento apenas passivo. Na fase de insistência, M cita outras variantes dialetais Nordböh. relacionadas ao tema *churrasco* como *Schweinebrouten*, *eigepaffet*, *eigesalzt*, *Knoubloch*, *drohgetun*. Já na fase de sugestão, a variante [+dial] Hrs., *Pewwer*, foi aceita, mas reconhecida como uma variante “errada” foneticamente. Apesar de a variante *Pfaffer* e a variante fundida *Paffer*, assim como provavelmente as demais variantes dialetais Nordböh. citadas em torno do tema *churrasco* ainda integrarem o repertório linguístico de M como conhecimento ativo manifestado no estilo de fala resposta ao questionário, os comentários metalinguísticos sinalizam para um processo de perda dessas variantes na comunidade.

3.1.8.2 [f] em *Feffer* [+dial] Nordböh.

No ponto Bo04, a fricativa labiodental desv. [f], em *Feffer*, surge em concomitância com a plosiva bilabial desv. [p], em *Peffer*, na fala da CbGI, sendo ambas aceitas entre os informantes. Este é um indício da coexistência de uma variante [+dial] Nordböh. e uma variante [+dial] Hrs. As demais variantes ativas identificadas correspondem a variantes vestfalianas na fala masculina, como *Solt* em relação à variável <Salz>. Na fase de sugestões, a variante [+dial] Hrs. *Pewwer* não foi aceita, não integrando, portanto, o repertório desse grupo.

((CgramI <Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer>_Bo04_CbGI_2017-08_00:01:13))

01 I: er isst die eier Immer ohne salz und PFEffer ['pfefɐ].
 02 F: die eier sinn immer ohne salz unn ohne PEFfer ['pefɐ]?
 03 I: nee; er ISST; er isst=
 04 M: =er ESST.
 05 I: die eier ohne salz und PFEFfer ['pfefɐ].
 06 M: der ESST die eier immer ohne salz unn ohne feffer ['fefɐ].
 07 F: er esst die [eier immer oh]ne salz unn ohne PEFfer ['pefɐ].
 08 M: [PEFfer ['pefɐ], feffe]r ['fefɐ].
 09 I: ja:, fo PFEffer ['pfefɐ]?
 10 M: FEFfer ['fefɐ] oder peffer ['pefɐ].
 11 I: unn PEWwer ['pevɐ]?
 12 (.)
 13 F: immer mitn PEF.
 14 I: unn fo OHne, ohne salz,
 15 das !oh]ne kamme das noch ANnerste sahn?
 16 M: ohne SOLT.
 17 I: kamme AUCH sahn uhne?
 18 M: ja (.) Uhne mEhr HUNSrickisch.

O mapa A4.2 indica a predominância das variantes [+dial] *Peffer* e *Feffer* como conhecimento ativo nos três pontos da pesquisa. Mesmo na CbGII de Bo06, em que M havia citado como primeira resposta a variante [+dial] *P(f)+affer*, simultaneamente foi citada a variante [+dial] Hrs. por F. Pode-se concluir que as variantes [+dial] de origens distintas se sobrepuseram à variante [+st] *Pfeffer*. O uso da fricativa labiodental desv. [f] também foi observado em *Ferd*.

3.1.8.3 [p] em *Peffer* [+dial] Hrs.

Na CaGII de Bo06, a plosiva bilabial desvozeada [p] apareceu já na variante espontânea [+dial] Hrs. *Peffer* para ambos os informantes. Na segunda fase da entrevista não foi obtida nenhuma outra variante em relação a *Pfeffer*, o que revela redução do repertório da CbGII nesse ponto e o império da variante hunsriqueana. As variantes [+dial] Nordböh. *Pfaffer* e *Feffer* não foram mencionadas.

((CgramI <Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer>_Bo06_CaGII_2018-06_00:00:54))

01 I: er isst die eier immer ohne salz und PFEFFer ['pɛfɛ].
 02 F: er esst die sai (.) er esst die eier immer ohne salz unn
 PEFfer ['pɛfɛ].
 03 M: JA.
 04 I: fo peffer ['pɛfɛ], kamme noch ANnerste sahn?
 05 F: PEFfer ['pɛfɛ].
 06 M: ((verneint))
 07 F: denke NET.
 08 M: PEFfer ['pɛfɛ].
 09 F: kommt mich nix in die geDANke jetzt (.) annerste.
 10 I: annerste AUSpreche=so,
 11 wie PEWwer ['pevɛ];
 12 M: ist next QUase wie peffer ['pɛfɛ] auch (.) wie MIR sahn.
 13 (...)

Já a variante hunsriqueana *Pewwer* foi obtida somente na terceira fase da entrevista com a CaGII, em Bo04, como sugestão aceita por F. O comentário desta mostra que apesar de a variante não estar totalmente integrada, ela foi reconhecida e correlacionada com o Hrs., que é percebido pelos informantes como uma variedade distinta daquela que estes falam.

((CgramI <Er isst die Eier immer ohne Salz und Pfeffer>_Bo04_CaGII_2017-06_00:00:51))

01 I: er isst die eier !im!mer ohne salz und PFEffer ['pɛfɛ].
 02 F: der esst die eier immer ohne salz unn ohne PEFfe ['pɛfɛ].
 03 I: wie täst DU das sahn?
 04 M: er esst die eier !im!mer ohne salz unn PEFfe ['pɛfɛ].
 05 (...)

- 14 I: unn PEWwer ['pevə]?
- 15 M: ((verneint))
- 16 (.)
- 17 I: mit WE; pewwer ['pevə].
- 18 F: pewwer ['pevə], (.) GIBS.
- 19 pewwer ['pevə], gibbs AUCH alleweche;
- 20 etliche.
- 21 M: etliche.
- 22 F: bem POUco, mas existe;
- 23 chama a atenÇÃO;
- 24 wenn einer BISSche annerste spricht.

No mapa A4.3, pode-se constatar que a variante *Pewwer* é no geral desconhecida nas comunidades boêmias investigadas, apenas um grupo de Bo04 e dois de Bo06 revelaram conhecimento passivo sobre a variante. Dos três grupos que conhecem a variante, dois são da CaGII. Em Bo07, essa variante não integra o repertório dos falantes. No lugar desta se sobressaiu a variante [+dial] Hrs. *Peffer*. No cruzamento de variantes, o mapa A4.4 revela o império de *Feffer* em Agudo, enquanto que em Venâncio Aires e Imigrante ainda se constata duas variantes, com uma distinção entre ambos os pontos: *Peffer* e *Pewwer* em Bo06 e *Peffer* e *Feffer* em Bo04.

3.1.9 Apócope em *Hefe*, *Schule* e *Brille*

Na tradução de variantes do português para o alemão local (Cfon), observou-se a realização de apócope por exemplo em *Hef*, *Schul*, *Brill* em todos os pontos e grupos. A maior concentração de apócope em substantivos femininos ocorreu em Bo04 e Bo06, com exceção da CbGII desse último ponto, em cuja fala coexistem as formas com e sem *-e*. Os dados nesses dois pontos indicam um nivelamento avançado com o Hrs. em relação a esse fenômeno.

((Cfon <*Fermento*, *Escola* e *Óculos*>_Bo04-Bo06-Bo07_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO04	CAGII	f/m: Hef	f/m: Schul	m/f: Brill
	CBGII	m/f: Hef	f: Schul, m: Schule	f/m: Brill
	CAGI	f: Heb, m: Hef	f/m: Schul	f: Brille, m: Brill
	CBGI	f/m: Hef	m/f: Schul	m/f: Brill

BO06	CAGII	f/m: Hef	f: Schul	m/f: Brill
	CBGII	m: Hefe	m/f: Schule	f: Brill, m: Brille
	CAGI	m: Hef	f: Schul	m: Brill
	CBGI	m/f: Hef	m/f: Schul	m/f: Brill
BO07	CAGII	f: Hefen, m: Hefe	f/m: Schule	f: Brille, m: Brill
	CBGII	m: Heb	f: Schule, m: Schul	f: Brill
	CAGI	f: Hefen	f: Schule, m: Schul	f/m: Brill
	CBGI	f: Hef	f: Schul	f: Brill

Em Bo07 a manutenção do *-e* ainda está mais presente e compete com a apócope. Por se tratar de um ponto em que se sobressaem elementos standard em relação à maioria das variáveis indagadas, é questionável se a coexistência de apócope seja resultante de um nivelamento com o Hrs., visto que grande parte das variantes hunsriqueanas sugeridas foi refutada. A probabilidade de que se trate da manutenção de uma marca bávara também deve ser levada em consideração, uma vez que as variedades do sul (*Obd.*), assim como as do oeste (*Wmd.*), são marcadas pela realização de apócope.⁸⁷

3.2 Variação morfossintática

Na análise das variantes sintático-morfológicas, o presente estudo focalizou apenas nas respostas espontâneas, pois as fases de insistência e sugestão na maioria das vezes causavam confusão em relação às partes da frase a que se referiam. Além disso, a extensão das sentenças exigiu a divisão das mesmas por parte da entrevistadora, o que facilitava a tradução ao leitor, mas por vezes não auxiliou nas fases de insistência e sugestão, já que o significado inicial não era memorizado.

⁸⁷ Segundo König (2015, p. 159 e 243), a apócope surge na área do Od. No séc. XII e se mantém mesmo após a difusão da variedade *standard* do alemão em grande parte do sul da Alemanha, como por exemplo em *Leut/Leute*, enquanto que no norte foi eliminada. O sul mostra uma tendência maior à adoção de formas econômicas da língua.

3.2.1 Voz passiva em <Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken. Es wird am Ende gar nicht alles gegessen>

A voz passiva na sentença acima, foi identificada em sua realização com o uso de *werden* mais verbo principal no particípio II [+st] e de voz ativa ou voz passiva com *werden* mais verbo no Particípio II (seguido de *gebb*) [+Hrs.].

3.2.1.1 *werden*...verbo principal no particípio II [+st]

Na tradução das presentes sentenças para o alemão dos informantes, observa-se na fala da GII de todos os pontos o uso da forma [+st], formada pelo emprego de verbo auxiliar *werden* conjugado no presente e de verbo principal no particípio II. Nos pontos Bo04 e Bo06, identifica-se o emprego da forma contraída *gess* no particípio II, forma também presente no Hrs. em contato. Enquanto isso, na GII de Bo07, impera a variante mais próxima do *st. gegessen*.

((CgramI <Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken>_Bo04-Bo06-Bo07_GII))

BO04	CAGII	f- hier wett das brot noch selbst gebackt. das wett an end ganet alles gess, das wett ibehauptst net alles gess. m- hier wett das brot von uns selbst gebackt. es wett an end ganet alles gess.
	CBGII	f- hier wett das brot noch von uns selba gebackt. zuletzt wett`s ganet alles gess. m- hier wett das brot noch von uns selbe gebackt. zuletzt wett`s ganet alles gess.
BO06	CAGII	m- hier wett noch das brot selber gebackt. (<i>gibt nicht alles gegess</i> +) f- oder hier back mir selber unser brot. zum schluß wett`s nicht alles gess.
	CBGII	f- bei uns wett das brot noch alles selber gebackt. unn das wett auch garnet alles gess. m- hier bei uns wett das brot noch selber gebackn. aber es wett nich alles gegessn... (die behmer sahn gefrassn ⁸⁸ , das brut wett net alles gefrassn. das is so rafgierig, schnell).
BO07	CAGII	f/m- hier wird das brot noch von uns selbst gebacken. es wird am ende ganicht alles gegessn. (insist: m- maisbrot, f- es witt; es gibt f/m -)
	CBGII	f- hier wert das brot noch von uns selbst gebackn. es wird nicht alles gegessn. m- bleibt nix ibrich, wert alles gegessn

⁸⁸ SDW, B. IV, p. 465: *frassn, frassa, gefraßn, gefressen*.

Enquanto que em Bo04 e em Bo06 se constata o uso de vogal semiaberta anterior [ɛ] seguida de plosiva dental [t] no verbo *werden* em terceira pessoal do plural, em Bo07, se mantém a vogal [i] seguida de retroflexo.

3.2.1.2 voz ativa ou voz passiva com *werden*...verbo no Particípio II (seguido de *gebb*) [+Hrs.]

Já na GI observa-se a manutenção da construção de voz passiva com *werden* e verbo no particípio II apenas no ponto Bo04, na CbGI de Bo06 e na CaGI de Bo07. Nesses dois pontos, o verbo *werden* não foi reconhecido por alguns informantes (Bo06 CaGI: *o wird o que é?*, Bo07 CaGI: *não entendi muito bem a frase, não consegui formular nada*). No lugar desta, surgem construções alternativas com o uso da voz ativa. Em Bo06 se constata na fala de M da CbGI, o uso de voz passiva no pretérito com a forma contraída (*gebb*) do particípio de *geben* (*gegeben*). Este assume o papel de segundo verbo auxiliar (sendo o primeiro *sein* ou *werden*) em última posição, após o verbo principal (*gebackt gebb, gess gebb*). A forma no presente (*gebt/gibt net alles gess*), substituindo diretamente o auxiliar *werden*, também foi aceita.

((CgramI <*Hier wird das Brot noch von uns selbst gebacken*>_Bo04-Bo06-Bo07_GI))

BO04	CAGI	f- hier is das brot, hann mir selebst gebackt. es wett am end ganet alles gess, gegess. m- hier wett das brot noch selebst gebackt. es wett am end ganet alles gess.
	CBGI	f- hier wett das brot noch selebst gebackt. es wett ganet alles gess. m- hier wett das brot noch selebst gebackt. wett ganet ganz am end gess.
BO06	CAGI	m- mir honn hier brot, wo selber gebackt hann. die honn mich das bald alles gegess... net alles gegess... o <i>wird</i> o que é? (sugg: das wett +, es gibt +)
	CBGI	m- ... hier wird das brot selber gebackt honn... hier is das brot selber gebackt gebb. es wird garnet alles gess gebb. (sugg: <i>gebt net alles gess</i> +) f- <i>hier wird</i> , was soll das sinn? ist net alles gess gewor. (sugg: wett +)
BO07	CAGI	f- hier witt das brot noch von uns selba geback, gebackn. unn es witt am enn ganicht gessn alles... es wird am letzten ganicht alles gegessn. m: não entendi muito bem a frase... não consegui formular nada. (f/m- sugg: <i>es wett +, es gibt -</i>)
	CBGI	f- hier wir...wird das brot noch selbst gebacken. das... es... esse <i>wird</i> aí... das kriechn mir nicht alles gegessen... grieht ma nicht alles gegessen.

Portanto, a construção com *geben*, resultante de convergência com o Hrs., já adentra as localidades Bo04 e Bo06, e entra na competição com a forma imperante *st. (wett)*. Já em Bo07, a construção com *gebb* foi refutada, e impera a forma mais próxima do *st. (witt/wird)*, o que indica um distanciamento do Hrs.

3.2.2 Verbo *werden* em <Die Nachbarn wurden krank>

A variável *werden* como verbo principal, indicando mudança de estado ou condição, foi identificada em sua variação como verbo auxiliar, em *sinn krank gewonn/gewor/gebb* [+Hrs.], e como verbo principal, em *wurden krank* [+st].

3.2.2.1 *sinn krank gewonn/gewor/gebb* [+Hrs.]

As formas que imperam como resposta espontânea na GII dos três pontos na tradução da sentença são as mais próximas do *standard: gewor / gewonn*, no particípio, em Bo04 e Bo06. O uso da forma contraída *gebb* também foi constatado como resposta espontânea sobretudo na GI, como indicam as respostas da CbGI de Bo04 e os dois grupos da GI de Bo06. Além disso, também na CaGII de Bo04 já configura conhecimento ativo.

((CgramII <Os vizinhos ficaram doentes>_Bo04-Bo06_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO04	CAGII	f/m: die nachbre sinn krank gebb.
	CBGII	m: die nachbre sinn krank gewonn. (krank gebb +)
	CAGI	m/f: die nachbre sinn krank gewonn. (krank gebb +)
	CBGI	m: die nachbre sinn krank gewor. f: die nachbre sinn krank gebb.
BO06	CAGII	mein nachber sinn krank gewor. (krank gebb +)
	CBGII	m: die nachbare sind krank geworden. f: die nachbarleit sinn krank gewor.
	CAGI	m: die nachbre sind krank gebb. (krank gewor -)
	CBGI	f: die nachbar sinn krank gewor, gebb. m: krank gewor. f: krank gebb.

Quando a forma com *gebb* foi sugerida aos demais grupos da GII, foi aceita, o que indica que sua entrada no repertório linguístico dos boêmios está se desenvolvendo pela GI e já atingindo a GII pela Ca.

3.2.2.2 *wurden krank* [+st]

No ponto Bo07, identificou-se a forma [+st] *wurden krank* como imperante no conhecimento ativo dos informantes. A variante [+dial] Hrs. *krank gebb*, ao contrário dos outros pontos, não foi aceita em nesse ponto, com exceção da CaGII, grupo este que está mais contato com familiares em Santa Cruz do Sul e no noroeste do Rio Grande do Sul, onde o uso dessa forma é mais difundido.

((CgramII <Os vizinhos ficaram doentes>_Bo07_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO07	CAGII	m/f: die nachbare wurden krank. (krank gebb +)
	CBGII	f: die nachbarsleut wurden krank.
	CAGI	f: die nachbare wurden krank. m: wurden krank. (krank gebb -; krank gewor +)
	CBGI	f: die nachbars worden krank. (krank gebb -; krank gewor +)

A manutenção da variante standard nesse ponto pode estar relacionada ao contato histórico com a variedade mais standard do repertório diglósico dos pomeranos na localidade. Dada a necessidade de encontrarem uma variedade que permitisse a intercomunicação de forma prática, ambas as variedades entram em processo de convergência. O resultado desse processo aponta para a manutenção de variantes [+st]. Devido ao fato de a variedade *Hunsrückisch* não ter se difundido em Agudo, e, portanto, não poder servir de suporte para o *Böhmisch*, é possível que a fala dos boêmios tenha se orientado mais pela escrita, servindo a variedade standard de principal apoio para a comunicação. Esse fenômeno pode ter resultado na maior sobreposição das variantes [+st] em Bo06, na comparação com Bo04 e Bo06. Outro aspecto a ser considerado é a reduzida similaridade e inteligibilidade entre a variedade dialetal do *Böhmisch* e a variedade dialetal do *Pommerisch*, que pode ter levado a optar por uma variedade [+st], por ambos os grupos, para a intercomunicação.

3.2.3 Conjunção final em <Tu mehr Kohlen in den Offen, damit die Milch bald zu kochen anfängt>

A conjunção final *damit*, na tradução da sentença acima, foi encontrada em sua realização como *dass...zu / dass...tun e como fo/fe (dass) / dass...zu*.

3.2.3.1 *dass...zu / dass...tun*

Observou-se na GII, de todos os pontos, o emprego predominante da conjunção *dass* para expressar finalidade. Nos pontos Bo04 e Bo06, *dass* aparece acompanhada da partícula *zu* antes de infinitivo ou apenas do verbo *kochen* conjugado em terceira pessoa no final da sentença. Também identificou-se a substantivação de *kochen* antecedida de *zu*, como mostra a resposta de M da CbGII de Bo04.

((CgramI <Tu Kohle in den Ofen>_Bo04-Bo06-Bo07_GII))

BO04	CAGII	m/f: tu kohle in den ofen, dass die milich bald anfängt zu koche.
	CBGII	f: tu kohle in der ofen, dann fangt die milich bald an ze koche. m: ich tu holz in ofe, fo feuer, dass das milich zum kochen kommt.
BO06	CAGII	m: tu mo mehr fier mache in der ofe fe die milich koche. f: dass die milich schnelle kocht.
	CBGII	m: tu mo kohlen an ofen. ich tu feuer an den ofen, dass die milich bale anfängt ze kochen. f: tut feuer in der ofen mache, dass die milich koche kann.
BO07	CAGII	m: tu der ofen feuern, dass die milich bald anfängt zu kochn. tu holz anlegen oder feuern, dass die milich bald kochen tut. f: die milich in ofen tun bis se kochen tut. ich tun holz anlegen bis die milch kochen tut.
	CBGII	f: kohlen in ofen tun, dass die milich anfängt zu koche. kohlen in ofen tun, dass de milich bald kochen tut. feuer machn, dass se schneller kochen tut. m: feuer in ofen, dass die milch kocht.

Já no ponto Bo07, o *dass* está acompanhado de *tun*-perifrásico no final da frase, como aponta a maioria das respostas espontâneas da GII.

3.2.3.2 *fo/fe (dass) / dass...zu*

Enquanto que a CbGI de Bo04 e de Bo06 ainda preservam a conjunção *dass* acompanhada de *zu*, a CaGI já passa a utilizar a conjunção *fe/fo* com construção no infinitivo ou acompanhada por vezes de *dass* e verbo em terceira pessoa. O uso de *der* logo depois de *fo*, por F na CaGI de Bo07, possivelmente está ocupando a função de *dass*. Também M nesse mesmo grupo utiliza *fe*, porém, acompanhado do verbo conjugado e não no infinitivo como se esperaria nesse tipo de construção. Já a CBGI do mesmo ponto apontou uma terceira construção frasal com ausência de conjunção para ligar o período que expressa finalidade com a oração principal. A informante, nesse caso, apesar de ter apontado que a tradução da sentença para o alemão local era exatamente igual a que lhe foi dita na variedade *standard*, mostrou bastante incerteza na hora de formular a resposta.

((CgramI <Tu Kohle in den Ofen>_Bo04-Bo06-Bo07_GI))

BO04	CAGI	m: tu die kohle in ofe, fo dass die milich kocht.
	CBGI	m: tu kohle in den ofe, wenn die milich bald an koche is. mehr holz anlehe, dass die milich zu koche anfängt. f: bissche holz anlehn, dass die milich anfängt zu koche.
BO06	CAGI	m: ich tät der ofe holz anleche fe die milich koche.
	CBGI	m: tu guckst in der ofe, dass die milich bald kocht.
BO07	CAGI	m: tu de ofen an, tu feuer anlechn, fe die milch gleich kocht. f: du kochst an ofen, fo der die milich gleich kocht.
	CBGI	f: tu kohl in ofen, bald witt die milch so anfangt ze kochen.

A variação nas respostas em Bo07 revela indícios do processo de perda da competência no alemão, ao passo que nos outros pontos ainda se observa uma regularidade.

3.2.4 *Konjunktiv II em <Sie sagte zu ihm, sie käme nicht mehr>*

O *Konjunktiv II*, na tradução da sentença <Sie sagte zu ihm, sie käme nicht mehr>, foi identificado no uso da conjunção *dass*, seguida da flexão do verbo principal *kommen* no *Konjunktiv II*, e de *dass* acompanhado de *tun*-perifrásico no *Konjunktiv II*.

3.2.4.1 *dass...kämt*

Na maior parte dos grupos da GII dos três pontos observou-se o emprego imperante da conjunção *dass* acompanhada de verbo em *Konjunktiv II* para expressar o discurso indireto. Porém, há distinções a serem feitas entre Bo04/Bo06 e Bo07. Em Bo04 e Bo06 foi mais comum a utilização dessa conjunção com a flexão do verbo principal *kommen* no *Konjunktiv II*, com exceção da CbGII do primeiro ponto, que respondeu com duas orações sem qualquer conjunção.

((CgramIII <Ela disse a ele que ela não viria mais>_Bo04-Bo06_GII))

BO04	CAGII	f/m: die hat fo dem gesach, die kämt net mehr.
	CBGII	f: sie hat zu ihm gesacht, sie kommt nicht mehr zurick. m: sie hat gesacht zu ihm, sie kommt nicht mehr zurick.
BO06	CAGII	m: sie hat gesacht, dass er nicht net kämt ode kommen tät. sie hat gesacht fo ihm, dass sie nicht me kämt.
	CBGII	m: sie hat ihm gesagt, sie käme nicht mehr. sie hat zu ihm gesagt, sie wollt nicht mehr kommen. f: sie hat zu ihm gesacht, dass er nicht mehr kämt.

3.2.4.2 *dass...komme(n) tät*

Em Bo07, observou-se o *dass* acompanhado de *tun*-perifrásico no *Konjunktiv II*, construção esta que também compete em CaGII de Boo06.

((CgramIII <Ela disse a ele que ela não viria mais>_Bo07_GII))

BO07	CAGII	f: sie hat ihm gesacht, dass sie tät nicht mehr komme.
	CBGII	f: sie hat zu ihm gesagt, dass sie nie mehr kommen tät.

A GI dos três pontos não apresenta uma distinção expressiva nos tipos de construções frasais utilizadas para formar o discurso indireto, já que se observa uma variação entre o uso de *dass* com verbo principal *kommen* no *Konjunktiv II*, bem como orações sem qualquer conjunção e *dass* acompanhado de *tun*-perifrásico no *Konjunktiv II*.

((CgramIII <Ela disse a ele que ela não viria mais>_Bo04-Bo06-Bo07_GI))

BO04	CAGI	m: sie sachte zu ihm, dass sie nicht mehr kämt.
	CBGI	f: ihr hat dem gesach, dass se nemme tät komme. m: ihr hat zu dem gesach, tät netme komme.
BO06	CAGI	m: die hat gesaht, kämt nemehr bei dem.
	CBGI	m/f: die hat iber der gesaht, dass die nimme kämt.
BO07	CAGI	f/m: sie hat zu ihm gesacht, sie tät nimme komme.
	CBGI	f: sie hat fer ihm gesagt, dass sie nicht mehr kommt.

Também nas dimensões diastrática e diatópica não é possível notar uma sobreposição de uma forma ou outra, o que revela a coexistência das três formas sintáticas no conhecimento ativo dos falantes jovens e o avanço de um nivelamento linguístico na dimensão diatópica entre essas formas de uma geração a outra, uma vez que na GII ainda se observava a preferência por formas distintas entre os dois primeiros pontos e o terceiro.

3.2.5 Terminação <-en> em verbos no particípio II em <Der gute alte Mann ist mit dem Pferd auf dem Eis eingebrochenen und ins kalte Wasser gefallenen>

A terminação <-en> em verbos no particípio II, na tradução da sentença <Der gute alte Mann ist mit dem Pferd auf dem Eis eingebrochenen und ins kalte Wasser gefallenen>, foi observada na forma de ausência da terminação -en e na forma de manutenção da terminação.

3.2.5.1 *ingebroch / gefall* [+Hrs.]

Na tradução da sentença da variedade standard para o alemão local, identificou-se a ausência imperante da terminação -en no infinitivo dos verbos *ingebrochen* e *reingefallen* em todos os grupos do ponto Bo04. Apenas o informante M da CaGII manteve o -en em *ingebrochen*, mas em seguida elimina o -en em *gefall*. Da mesma forma, M havia eliminado a terminação no infinitivo no verbo *kochen*, na sentença já discutida anteriormente.

((CgramI <Der gute alte Mann ist mit dem Pferd>_Bo04_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO04	CAGII	m: der gude alde mann is mit den fead aus der eis eingebrochen unn in das kalde wasse gefall. f- der gude alde mann is mit das fead in de eis ingebroch unn in das kalde wasse ringefall.
	CBGII	f: der gude alde mann is mit dem pfead in de eis ingebroch unn in das kalde wasse gefall. m- der gude alde mann is mit fead uf den eis eingebroch in das eiswasse gefall.
	CAGI	f: der gude alde mann is mitn ferd in der eis ingebroch unn in das kald wasse gefall. (m- in das kalde wasser)
	CBGI	f/m: der gude alde mann is mit das fead uf das eis runner gebroch unn in das kalde wasse gefall.

Logo, as respostas desse ponto indicam para um nivelamento expressivo com o Hrs., em que a ausência de *-en* é uma das marcas principais tanto no tipo *Deutsch* como no tipo *Deitsch*.

3.2.5.2 *ingebroch(en) / gefall(en)*

No ponto Bo06, observa-se a coexistência da ausência e da manutenção da terminação *-en* em ambos os verbos. A manutenção ainda é mais expressiva na GII. O informante M da CaGII mantém a terminação quando aponta esses verbos em Nordböh.: *eigebrochen* e *gefoallen*, o que caracteriza o *-en* ainda como conhecimento ativo no repertório desse informante, porém não da localidade, já que os demais informantes, sobretudo da GI, já nivelaram essa terminação com o Hrs. em contato, onde a ausência da mesma configura a regra.

((CgramI <Der gute alte Mann ist mit dem Pferd>_Bo06_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO06	CAGII	f/m: der gude alde mann ist mit den feard in dem eis gebrochen unn in dem kalde wasse gefall. ingebroch.
	CBGII	m: der gude alte moan mit dem pfar an eis eigebrochen. eis kale wasser gefoallen. (a moan, pfar, gefoallen) f: der gude alde mann is in dem eis ingebroch mit dem pfeard. unn in das kalde wasse gefall.
	CAGI	m: der alde mann is mit dem feard uff das eise verbroch. in das kalde wasse gefall.
	CbGI	m/f: der alde mann ist...ferd... angebroch, is ins kalde wasser gefall, ringefall.

3.2.5.3 *ingebrochen / gefallen* [+st]

As respostas espontâneas do ponto Bo07, diferente dos outros dois pontos, indicam uma manutenção maior da terminação *-en* em ambos os verbos. A grande manutenção de marcas *standard*, como já constatado em relação a outras variáveis, nesse ponto, pode estar vinculada ao contato histórico com a variedade *standard* do repertório diglótico trazido pelos pomeranos à localidade. Certamente esse contato, intensificado pelos casamentos interétnicos entre boêmios e pomeranos⁸⁹, contribuiu na manutenção ou sobrevida maior de elementos *st.* já presentes no repertório diglótico dos boêmios.

((CgramI <Der gute alte Mann ist mit dem Pferd>_Bo07_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO07	CAGII	m/f- der gute alte mann is mit dem pferd in den schnee eingebrochen unn in das kalte wasse reingefallen.
	CBGII	m: der mann is runder gefallen vom ferd ins kalde wasse rin. f- der eis is zusammengegangen unn das is er rundegefallen unn in wasse rin.
	CAGI	m/f: der gude alde mann is mit dem ferd in eise ingebroch, ingebrochen unn in das kalde wasse gefall.
	CBGI	f: der guten alten mann is mit den feard off den eis ingebrochen unn in den kalden wasser gefallen.

Em meio a essa manutenção do *standard* na fala dos informantes de Bo07 já há um indício ainda tímido do emprego de ausência de *-en* como bem aponta a resposta de CaGI.

3.2.6 Prefixo <ge-> em verbos no particípio II em <Warum hast du das Hemd nicht gekauft? Ich habe es nicht teuer gefunden>

O prefixo *ge-* em verbos no Particípio, na tradução da sentença <Warum hast du das Hemd nicht gekauft? Ich habe es nicht teuer gefounden>, pode ser identificado na forma de apagamento e na forma de manutenção do prefixo *ge-*.

⁸⁹ Por exemplo, o casamento entre família Reckziegel (de Gablonz, Boêmia) e família Hope (de Labes, Pomerânea), entre muitos outros que constam nas biografias genealógicas elaboradas pela Editora Werlang. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/28340526/fama-lia-reckziegel-editora-werlang>.

3.2.6.1 *kauf/ gefunn, funn* [+Hrs.]

As respostas de todos os grupos do ponto Bo04 revelam o emprego da forma contraída *kauf*, isto é, com apagamento do prefixo *ge-*, quando se referem ao verbo *kaufen* no particípio II. O mesmo, porém, não ocorre com o verbo *finden*, que permanece com a partícula *ge-*, não sendo encontrada, portanto, a forma *funn* na fala dos informantes dos três pontos pesquisados.

((CgramII <Por que tu não comprou a camisa>_Bo04_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO04	CAGII	m: wechen was haste das hemd net kauf, weil ich hanns net teuer gefunn. f: fowas haste das hemd net kauf, ich hanns net teuer gefunn.
	CBGII	f: fowas hast du das hemd net gekauft, es war net teuer. ich habs net teuer gefunn. m: fowas hast du das hemd net gekauft, es war billig. ich habs nich teuer gefunn.
	CAGI	m: warum haste das hemd net kauf, ich habs net teuer gefunn. f: warum hast net das hemd kauf, ich hann die teuer gefunn.
	CBGI	m: fowas hast net das hemd kauf, habs net teuer gefund. f: fowas haste net das hemd gekauft, es war billig, ich hanns net teuer gefunn.

A ausência dessa partícula também é um fenômeno comum no Hrs. local, o que sugere o nivelamento com a variedade em contato.

3.2.6.2 *gekauf(t)/ gefunn* [+Hrs.]

Já em Bo06, pode se constatar o predomínio da manutenção da partícula *ge-* em ambos os verbos, com exceção da fala de M em CbGI. O maior nivelamento com o Hrs. em Bo04 pode estar associado ao fato de esse ponto configurar uma ilha linguística tipo *Deutsch* em meio ao tipo *Deitsch*. A submersão pelo tipo *Deitsch* vindo das direções de Teutônia e Estrela revela estar em processo avançado. Já em Bo06, apesar do contato com falantes de Lajeado, onde se observa uma fusão dos tipos *Deitsch* e *Deutsch*, há o contato intenso com pessoas de

Santa Cruz do Sul, onde predomina uma variedade bastante próxima do *standard*, caracterizada por falantes oriundos de São Sebastião do Caí inclusive como *Hochdeutsch*⁹⁰.

((CgramII <Por que tu não comprou a camisa>_Bo06_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO06	CAGII	m: wieso haste net das hemd gekauft, das war nich teier gewes, ich hanns nich teuer, teier gefunn.
	CBGII	m: fewas hast du das hemd nicht gekauft, ich habs nich teuer gefunden. f: fewas haste das hemd net gekauft, ich hanns net teuer gefunn.
	CAGI	m: weche was honn net das hemd gekauft, das war billig, ich honns net teuer gefunn.
	CBGI	f: wieso hast du net die kamiset gekauft. m: hemd, kauf, weche ich hanns net teuer gefunn.

Bo06 está situada, dessa forma, em uma zona de transição da fusão *Deutsch/Deutsch* e de uma variedade mais próxima ainda do *standard*, podendo conter nivelamentos variados de ambos os lados. Também em Bo07 foi observada a manutenção do *ge-* em ambos os verbos no particípio II em todos os grupos.

((CgramII <Por que tu não comprou a camisa>_Bo07_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO07	CAGII	f/m: warum hast du das hemd nich gekauft, ich hab es nich teuer gefunden.
	CBGII	f/m: warum haste das hemd nicht gekauft, ich habs nich teuer gefunden.
	CAGI	f: fowas hast das hemd nich gekauft, ich habs nich teuer gefunden.
	CBGI	f: fowas haste nicht das hemd gekauft, ich habs net teuer gefunden.

A variante contraída *kauft* foi refutada em grande parte, o que reforça a ideia de que ou o contato com o Hrs. nesse ponto não foi tão expressivo até o momento ou que as variantes

⁹⁰ Como apontado por um padre de Agudo, natural de São Sebastião do Caí, e que já viveu em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul. Segundo a percepção do padre, de Santa Cruz do Sul em direção a Agudo se falaria uma variedade mais *Hochdeutsch*, diferente daquela falada por exemplo na sua terra natal, a qual foi denominada por ele de *Hunsrückisch*. O excerto de fala se encontra no banco de dados levantado em pesquisa de campo em março e abril de 2019, organizada pelo Prof. Sebastian Kürschner (Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt – KU), pelo doutorando Lucas Löff Machado (KU) e pelas doutorandas Angélica Prediger (UFRGS) e Jussara Habel (UFRGS).

standard se sobressaíram e conseguiram se manter, em parte devido ao contato com a variedade *standard* dos pomeranos, como já mencionado.

3.2.7 Gerúndio em <Die Bäume verlieren schon die Blätter>

O gerúndio do verbo *verlieren*, na tradução de <Die Bäume verlieren schon die Blätter>, foi observado no uso do verbo auxiliar *sein*, acompanhado da preposição *an*, seguida do verbo principal no infinitivo, e no uso do verbo *verlieren* conjugado no presente.

3.2.7.1 *sinn...an voliere* [+Hrs.]

As respostas espontâneas no ponto Bo04 apontam para o emprego da construção *sinn... an voliere* por todos os grupos para expressar a continuidade de uma ação. A construção é formada pelo verbo auxiliar *sein*, nesse caso no presente, acompanhado da preposição *an* seguida do verbo principal no infinitivo, enquanto que no alemão *standard* se utilizaria apenas um verbo simples conjugado.

((CgramIII <As árvores já estão perdendo as folhas>_Bo04_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO04	CAGII	f: die bäume sinn die blätter schon an voliere. (m: "mir here oft die beem, aber ich sahn die baim")
	CBGII	m: die bäume sind schon die blätter an velirn. f: diese bäume sind schon die blätter all an voliere.
	CAGI	f: die bäum sinn schon die blätte an verliere. m: die bäum sind schon die blätte an verliere.
	CBGI	m: die bäum sind schon die blätte an vorliere, die beem. f: die bäum sind schon die blätte an vorliere.

O aparecimento de *sinn...an voliere* é um indício de nivelamento com o Hrs. em contato, o qual também apresenta essa estrutura sintática, conforme apresentado na tabela de marcas dos tipos *Deitsch* e *Deutsch*.

3.2.7.2 *verlie(re)n* [+st]

Já nos pontos Bo06 e Bo07, a construção anteriormente discutida aparece claramente na fala da CaGI do primeiro ponto, e possivelmente foi tentativa de uso pela CaGII desse ponto e da CbGI do segundo ponto. A forma que se encontra ativa em Bo06 e Bo07 é a forma mais *standard* com o uso do verbo simples conjugado no presente.

((CgramIII <As árvores já estão perdendo as folhas>_Bo06_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO06	CAGII	m: die bäumen sein ein blätten verlieren, valieren.
	CBGII	f: die bäum verliere schon die blätter. m: die bäume verlieren schon die blätter.
	CaGI	m: die bäum sinn schon die blätter an verliere.
	CbGI	m/f: die bäum verliere schon die blätter.

Em ambos os pontos, e sobretudo em Bo07, se observa o conhecimento ativo da terminação *-en* no estilo tradução de sentença do português para a variedade *standard* do alemão. Porém, ao passo que em Bo07 se trata de uma fenômeno comum observado na maioria das respostas ao questionário, em Bo06 foi observado com mais intensidade apenas nessa parte de tradução, como no caso analisado.

((CgramIII <As árvores já estão perdendo as folhas>_Bo07_CaGII-CbGII_CaGI-CbGI))

BO07	CAGII	m/f: die bäumen verlieren schon die blätter.
	CBGII	m: die bäume verlieren schon die blätte.
	CAGI	f: die bäumen verlien schon die blätte. m: die blatte
	CBGI	f: die bäaume sind schon die blätter verlien.

Pode-se afirmar, portanto, que em se tratando da intencionalidade em aproximar a fala da variedade *standard*, os falantes de Bo06 e de Bo07 ainda dispõe de conhecimento ativo da forma *standard* para expressar continuidade de uma ação e também da terminação no infinitivo, enquanto que em Bo04 já houve a sobreposição do Hrs..

3.3 Variação semântico-lexical

3.3.1 Nhd. *barfuß* ‘pé-descalço’

A variável *barfuß* ‘pé-descalço’ foi descrita em suas realizações como *barbs*, *borbs*, *barfüßig* [+dial] Nordböh., *barfuß* [+st], *barfisich* [+dial] Hrs. e *balfoerich* [+dial] Westf.

3.3.1.1 *barbs*, *borbs*, *barfüßig*⁹¹ [+dial] Nordböh.

Nos grupos CbGII dos pontos Bo07 e Bo04 foram constatadas variantes-lembrança em relação à <*barfuß*>, no estilo resposta ao questionário:

((Clex <*barfuß*>_Bo07_CbGII_2018-01_00:01:39))

01 I: unn wemme NIX an die fiis hat, dann isme?
 02 M: BARfiisich (.)
 03 F: <<lachend>BARfiisich>.
 04 M: der alte edmund tät sahn, me geht BAABS.
 05 F: BARBS ja. (.)
 06 BARBS gihen. (-)
 07 ich tu BARBS gihen.
 08 (-)
 09 I: BARBS gehen? (.)
 10 M: BARBS gehen.
 11 I: WER hat das gesaht?
 12 M: hier, der NACHbar.
 13 F: mein paba sein ONkel (.) hat das gesaht. (.)
 14 mein vater=mein paba sein Onkel.
 15 I: (...)
 16 F: BARBS gihen.
 17 M: kann net BARBS gehen.
 18 F: bei die RENi gehen; (.) DÄser esse.
 19 I: AHA.
 20 F: hab ich geHERT;
 21 wollt DÄser esse;
 22 DOSS esse.

⁹¹ SDW, Band II, p. 82 e 83: *barbs* / *borbs* / *bourbs*; ThWb, Bd.1, S.561: *barbs* / *barfüßig*.

23 I: unn kamme das noch ANnerste ausspreche?
 24 (--)
 25 F: BARfisich gehen.
 26 M: weiter WEISS ich nich;
 27 I: so=wie BORfuß?
 28 F: BARfuß ja.
 29 M: NAUN.
 30 das WETT nich so gesproch.
 31 F: das HERTme hier nich mehr.
 32 das is denk weit brasiliANisch.
 33 I: unn BARfuß?
 34 M: das wett geSPROCH.
 35 I: unn baaFU sich?
 36 M: ((verneint))
 37 I: oder borFU sich?
 38 M: AUCH nich.
 39 I: borFIsich?
 40 F: ((verneint))
 41 I: BORBS?
 42 M: BARBS=oja, barbs.
 43 I: aber net BORBS?
 44 M: ICH hab gehert !barbs!.

O informante aponta como resposta espontânea a variante [+dial] Nordböh. *barbs* e a relaciona com o repertório de gerações [+velhas] passadas, no caso com a fala do tio do seu pai, como indicam as linhas 12 a 14. Apesar de ser uma variante-lembrança, pode ser caracterizada como conhecimento ativo, pois surgiu de forma espontânea na fala do informante em resposta ao questionário. Já no grupo CbGII de Bo04, a variante-lembrança foi obtida na fase de sugestões, como aponta o excerto a seguir:

((Clex <barfuß>_Bo04_CbGII_2017-08_00:01:23))

01 I: unn wennme NIX an die fiis hat, dann isme?
 02 M: [BARfisich].
 03 F: [BARfusich].
 04 M: BARfusich; BARfisich.
 05 I: unn kamme das noch ANnerste sahn?
 06 M: in DEUTSCH wisst ich net.

07 F: das BARfusiche,
 08 der hat kein SCHLAppe an die fiis;;
 09 M: kein SCHUHzeuch.
 10 F: hat kein SCHUHzeuch an.
 11 I: SCHUHzeuch?
 12 F: <<lachend> jo; SCHUHzeuch>.
 13 I: unn hat ihr schon gehert BORfusich?
 14 M: oh ja, STIMMT;
 15 BORfusich ja.
 16 F: ja.
 17 gehert auch schon, jo. (.)
 18 guck, der hat das auch schon selber gesacht [aber]:
 19 I: [ore]borfisich?
 20 M: DAS noch net.
 21 F: borfisich NET.
 22 I: unn BORBS?
 23 F: BORBS, jo;;
 24 das HABich schon ge!hert! ja.
 25 die MUTter hat das immer gesaht=
 26 =war wieder BORBS gang, ja=guck.
 27 <lachend> die alt alVIna mutter>.
 28 dort die SCHLAppe anziehen;
 29 net immer BORBS gehen.
 30 I: unn BOURBS?
 31 F: ((verneint))
 32 I: BOURBS net (.)
 33 dann borbs;
 34 F: BORBS ja.

Nesse caso, a variante [+dial] Nordböh. com emprego da vogal semiaberta posterior [ɔ], em *borbs*, configura conhecimento passivo, obtida como sugestão aceita. Por ter sido vinculada com a fala da avó por parte de F, pode ser considerada variante-lembrança. O mapa A9.1a revela essa variante como conhecimento ativo em Bo06 e em Bo07 e somente na GII, enquanto que em Bo04 foi obtida de forma receptiva apenas. O desconhecimento desta é geral na GI em todos os pontos.

3.3.1.2 *barfuß* [+st]

A variante *barfuß* foi identificada como variante espontânea apenas na CaGII de Bo07, na CbGI de Venâncio Aires e na CaGI de Bo04, nas formas de ['̥arfus], ['̥arfis] e ['̥a:fus]. Aparece sobretudo como variante sugerida aceita nos três pontos (cf. mapa A9.2). Em CaGII de Bo04, como ['̥arfus], em Cb e CaGII de Bo06, como ['̥ɔrfus] (cf. mapa A9.1b), sendo esta caracterizada como *Behmisch* por M em CbGI. Em CbGI desse último ponto também como ['̥arfus] e em CaGI como ['̥arfis]. Na CaGII de Bo07, como ['̥ɔ:fus], e na CbGI como ['̥arfus].

3.3.1.3 *barfisich*⁹² [+dial] Hrs.

Constata-se a presença de variantes [+dial] Nordböh. *barfusich* ou *barfisich* em Bo04, Bo06 e Bo07, que coincidem com o Hrs. O mapa A9.3 revela estas variantes como respostas espontâneas predominantes nas dimensões diatópica, diastrática e diageracional. Em Bo04 ainda foram constatadas as variantes *bloussfisich* e *blangefuß* do contato com o Hrs.

3.3.1.4 *balfoerich* [+dial] Westf.

Na CbGI de Bo04, ainda foram identificadas as variantes *balfoerich* e *balfisich*, resultantes de nivelamento com o Westf..

No cruzamento de variantes, o mapa A9.4 aponta para as localidades Bo04 e Bo06 e o grupo GII como os maiores detentores de lexemas para a variável *barfuß*.

3.3.2 Nhd. *Mund* 'boca'

A variável *Mund* 'boca' foi analisada em suas realizações lexicais como *Mund* [+st], *Gusch(e)* [+dial] Nordböh. e como *Maul* [+dial] Nordböh. / Hrs.

⁹² ThWb, Bd.1, p.561: *barbs* / *barfußig*.

3.3.2.1 *Mund* [+st]

A variante [+st] *Mund* foi citada como primeira resposta espontânea pela CbGII de Bo04, seguida das variantes [+dial] *Schniss* e *Maul*. Estas duas últimas também foram mencionadas para se referir à boca de um animal, juntamente com a variante *Schnud* (linhas 13 a 15). Observa-se, portanto, uma competição entre a variante [+st] e as variantes [+dial] *Schniss* e *Maul*. Como visto na seção anterior, *Maul* foi primeira resposta no ponto Bo06 e segunda resposta em Bo04 e Bo07, inclusive na GI, o que é suficiente para afirmar apenas que há diferenças diatópicas quanto a seu uso sim, mas que *Maul* e *Mund* coexistem como conhecimento ativo nos três pontos, já que não foram observadas diferenças diastráticas e diageracionais que atestassem uma sobreposição.

((Clex <*Mund*>_Bo04_CbGII_2017-08_00:00:39))

01 I: mit welchen TEIL von kerper tutme !es!se?
 02 F: mit das MUND.
 03 I: wie sahst DU das?
 04 M: JA, ja, mund.
 05 I: MUND auch?
 06 M: ja: ja:.
 07 I: gibbs noch ANnes wott dodefor?
 08 M: SCHNISS.
 09 F: MAUL;
 10 I: hat das dieSELbiche bedeutung?=
 11 M: =beDEUTung ja:
 12 F: MEHR wisstich dann net;
 13 I: unn wenns ein TIER is,
 14 wie saht ihr DANN?
 15 M: SCHNUD. (.) schnud.
 16 F: SCHNISS.
 17 M: SCHNISS, schnud.
 18 M: MAUL.
 19 I: maul AUCH?
 20 M: JA.
 21 I: NET mund? (.)
 22 tätme NET sahn;
 23 F: NAUN.

A variante [+st] *Mund* predomina como conhecimento ativo nos três pontos de pesquisa, caracterizando primeira resposta espontânea em Bo07 e Bo04, conforme mapa A2.2. Bo06 configura o ponto onde a variante foi sobretudo segunda resposta espontânea, atrás da variante [+dial] *Maul*, coincidente entre o Bo. e o Hrs. Somente a CbGII ainda a citou como primeira resposta e, contrariamente, o grupo GI da mesma classe sociocultural a mencionou somente de forma receptiva.

3.3.2.2 *Gusch(e)*⁹³ [+dial] Nordböh.

A variante [+dial] *Gusch* apareceu como resposta espontânea no grupo CbGII do ponto Bo06 juntamente com a variante [+dial] *Maul*, ambas configurando conhecimento ativo dos informantes. A variante *Schnisse* foi caracterizada como de origem boêmia, assim como *Gusche*. A terminação em *-e* é marca típica do *Omd*.

((Clex <*Mund*>_Bo06_CbGII_2017-03_00:01:02))

01 I: woMIT kamme esse? (.)
 02 mit WELcher teil?
 03 M: ESse?
 04 mitem MUND.
 05 mitem MAUL;
 06 miter SCHNAUze;
 07 mitem GUSche.
 08 ((lachen)) (...)
 09 I: kennt ihr auch SCHNIß?
 10 M: HA?
 11 I: schniß for MUND.
 12 M: JA.
 13 schniß is das MUND.
 14 M2: die SCHNIße;
 15 das warn die BEHmer;
 16 SCHNISse.
 17 F: GUSche !auch!.
 18 I: GUSche heißt das?

⁹³ ThWB, Bd. 2, p. 756: *Gusche, Rüssel*.

19 M: [JA] ((lacht))
 20 F: [JA]
 21 I: kennt ihr auch diesen petiss (.) äh diesen VERS (.)
 22 MUND hat ein hund;
 23 MAUL hat ein gaul;
 24 SCHNIß hat en,
 25 M: MENSCH.
 26 (.)
 27 M: NET?
 28 I: NEIN;
 29 peTISS.
 30 M: peTISS?
 31 I: peTISS.
 32 SCHNIß hat ein petiss.
 33 F: ah=SO:.
 34 I: das is ein VERS=so;
 35 ich WEISSnet ob ihr das kennt.
 36 M: KENNme nich. (.)
 37 peTISS;
 38 der KLEIne gaul=der petiss.

A partir do mapa A2.1b, pode-se dizer que a variante *Gusche* já entrou em processo de perda, visto que em quatro grupos está ausente e em sete grupos configura somente conhecimento passivo. No ponto Bo04 está em vias de completar seu processo de perda, já que somente um grupo ainda a mencionou receptivamente. Observa-se que mesmo na GII de Bo06, a Ca já não citou a variante espontaneamente.

3.3.2.3 *Maul*⁹⁴ [+dial] Nordböh. / Hrs.

O grupo CaGII do ponto Bo06 apresentou a variante [+dial] *Maul* como conhecimento ativo, ao lado da variante [+st] *Mund*. *Maul* é uma variante que coincide entre a variedade da matriz de origem e o Hrs. em contato, pois integra o *Mdt*. É possível que tenha sobrevivido no repertório dos falantes como variante ativa justamente devido a essa correspondência com o alemão em contato.

((Clex_<*Mund*>_Bo06_CaGII_2018-06_00:01:21))

⁹⁴ ThWb, Bd.4, p.548: *Maul*, n; ThWb, Bd.5, p.889: *Schnude*, f; ThWb, Bd.5, p.889: *Schnudel*, m/f; ThWB, Bd. 2, p. 756: *Gusche*, *Rüssel*.

01 I: mit welchen teil von den KERper tutme !esse!?
 02 F: en MAUL.
 03 I: aHA=
 04 =wie sahst DU,
 05 DOTdribbe?
 06 M: mitem MAUL auch.
 07 I: gibts NOCHN wott dodefor?
 08 M: MUND=
 09 F: =MUND ja.
 10 I: aHA. (.)
 11 NOCH eins?
 12 F: MUND,
 13 MAUL.
 14 M: ((verneint))
 15 F: °hh
 16 I: schonmo gehert SCHNISS?
 17 F: JA, (.)
 18 mich kams in die geDANke, (.)
 19 aber schniss wär WIE:,
 20 ein EGlich wott.
 21 M: AH:;
 22 F: né,=
 23 =HALmo die !schniss!.
 24 I: AH:,
 25 F: CAAla boca. (.)
 26 HALmo die schniss.
 27 I: die klapp AUCH?
 28 F: JA. (.)
 29 HALmo die !klapp! é:. (-)
 30 dodeweche hab ich nich geSACH. (.)
 31 schniss hats: mit !esse! täts nich kombiniERE.
 32 M: NÃO.
 33 F: NÉ:, (.)
 34 Dodorch.
 35 I: unn SCHNUD?
 36 schon mo geHERT das wott?
 37 F: schnud JO:.
 38 M: schnud é: MAIS um bico assim.
 39 F: schnud é beiÇUdo? (.)
 41 is das SCHNUdich?
 41 ((lachen))
 42 M: É.
 43 I: unn GUSCH?
 44 F: GUSCH é.
 45 das hann ich schon LANG nich mehr gehert. (.)

46 GUSCH.
 47 I: IS das bekannt?
 48 F: É.=
 49 =IS mir bekannt (.) von KLEIN off. (.)
 50 die GUSCH.

Gusch nesse caso pode ser considerada uma variante-lembrança para a informante feminina, já que a associa com um determinado período no tempo, a infância, provavelmente quando convivia com os pais e sobretudo com os avós. Essa conexão com uma época passada é mais um indício de que a variante entrou em processo de perda e cedeu lugar a *Maul* e *Mund*.

O mapa A2.1a em anexo comprova que *Maul* é conhecimento ativo em todos os pontos, sendo primeira variante espontânea no ponto Bo06 e segunda variante espontânea nos outros dois pontos. No cruzamento de variantes, o mapa A2.3 indica a coexistência de *Mund*, *Maul*, *Schniss* e *Gusch(e)* em todos os pontos, com indício de perda desta última em Bo04.

3.3.3 Nhd. *Pferd* ‘cavalo’

A variável *Pferd* ‘cavalo’ pode ser observada nas formas lexicais de *Gaul* [+dial] Hrs., *Krack* [+dial] Hrs. e *Picass*, *Matunge* [+lus].

3.3.3.1 *Gaul* [+dial] Hrs.

A variante [+dial] do Hrs., *Gaul*, é citada como variante espontânea por ambos os informantes da GI, no ponto Bo06. Juntamente é citada outra variante Hrs., *Krack*, ao passo que sobre a variante [+st], apesar de ter sido espontânea, os falantes já não demonstram tanta certeza quanto ao conteúdo semântico, se representa fêmea ou o macho. Nesse caso, as variantes do alemão em contato se sobrepuseram à variante [+st].

((Clex <*Pferd*>_Bo06_CbGI_2018-07_00:01:01))

01 I: ein !TI!er mit dem man REIte kann?
 02 F: n GAUL.
 03 M: n GAUL.
 04 I: gibts NOCHN wott?

05 F: NEE.
 06 M: gaul; (.) krack; FEAD, !É!gua no caso.
 07 I: ah, FEAD fo !É!gua?
 08 M: JA. (-)
 09 nee, fead é GAUL.
 10 égua é STRUD.
 11 F: é, eu ia faLA. (.)
 12 ich honn das NIE gehert.
 13 (.)
 14 M: fead é GAUL, sim.
 15 I: aha, unn FARD?
 16 M: FEAD hat mir !MEHR! gesaht.
 17 I: aham, maTUNge?
 18 M: AUCH.
 19 I: is das dasSELbiche?
 20 M: JA.
 21 I: ALle gaul?
 22 F: aHAM.
 23 I: unn PICass?
 24 F: NEE.
 25 I: oder piCASso, von brasilianisch?
 26 NIE gehert?
 27 M/F: ((verneinen))
 28 I: unn GUEIxa fo !É!gua?
 29 F: NEE.

No mapa A12.3a, constata-se que a variante *Gaul* se apresenta como variante espontânea sobretudo na GI, não sendo aceita apenas na GI do ponto Bo07. A GII de Bo07 apenas dispõe de conhecimento passivo sobre a variante, o que revela uma perda de *Gaul* na diacronia. Trata-se, portanto, de uma variante-lembrança vinculada à variedade do Hrs., cujo uso mais intenso nesse ponto geográfico está situado em épocas passadas. No ponto Bo06 pode-se constatar uma diferença sutil na dimensão diageracional, na medida em que a GII apresentou essa variante somente na segunda fase da entrevista, o que pode ser um indício de que a variante Hrs. possui como porta de entrada a GI.

3.3.3.2 *Krack* [+dial] Hrs.

A variante [+dial] Hrs. *Krack* aparece no repertório da CaGII, do ponto Bo07, como variante passiva, uma vez que foi sugerência aceita. Os informantes, porém, conferem um significado distinto ao lexema, relacionando-o a um cavalo já mais velho e magro. Diferentemente, *Gaul* possuiria o mesmo significado da variante [+st] (*P*)*ferd*, citadas como variantes espontâneas. A fala de F aponta que não somente *Matunge* foi uma variante falada pelas gerações passadas como também a variante anterior, *Krack*, quando diz *Matunge hann'se auch gesacht* (pt. *Matunge* eles também falavam). Logo, *Krack* pode ser considerada uma variante-lembrança.

((Clex <Pferd>_Bo07_CaGII_2018-01_00:01:26))

01 I: ein !Tier! mit dem man REIte kann?
 02 F: das FERD.
 03 I: wie sahst DU hélio?
 04 M: PFERD.
 05 pe ef e er de.
 06 I: kannst du das wott NOCHmal sahn?
 07 M: PFERD.
 08 I: kamme noch gibS NOCHN wott?
 09 F: NEIN.
 10 I: andre AUSsprache?
 11 ((verneinen))
 12 I: NEE? (.)
 13 GAUL?
 14 M: gaul GIBS ja; kamme AUCh sachen. HAB schon gehert.
 15 I: was isn GAUL?
 16 M: AUCh ein ferd.
 17 I: geNAUso?
 18 M: JA.
 19 I: maTUNge?
 20 F: das hab ich schon=
 21 M: =das auch schon geHERT;
 22 aber wie geSAGT, das is !MAIS! portugIEsisch.
 23 I: aber das is AUCh=son normales ferd oder !WIE!?
 24 M/F: JA.
 25 I: unn KRACK?
 26 F: AUCh schon gehert.
 27 M: AUCh schon gehert.

- 28 aber MEIStens sachense wenns ein !GANZ! mages ferd war;
dann meinese isn ALte krack.
- 29 F: É.
- 30 I: ach=SO:, ta.
- 31 ma!TUN!ge AUCH?
- 32 F: alte maTUNge; hammse !AUCH! gesacht;
33 alde maTUNge.
- 34 I: unn PICass?
- 35 M: NEIN.
- 36 F: AUCH.
- 37 ICH hab !SCHON! gehert.
- 38 I: unn GUEIxa?
- 39 F/M: NEIN.
- 40 I: von brasiLIAnisch? (.)
- 41 fo égua;
- 42 M: NEIN.
- 43 wie is Égua auf deutsch?
- 44 F: STUD, né?
- 45 M: STUD.

A variante *Krack* configura sobretudo conhecimento passivo em dois pontos, Bo06 e Bo07, sendo aceita na maioria dos grupos, conforme mapa A12.3b. Porém, em todos os grupos do ponto Bo04 caracteriza variante espontânea. Também na CbGI de Bo06 foi citada na forma espontânea, o que nesse caso reforça a ideia de entrada do Hrs. pela GI, ao menos nesse ponto. O predomínio de *Krack* e *Gaul* em Bo04, assim como desta segunda variante em Bo06, pode ser um indício de que a convergência com o Hrs. é mais intensa nessas duas localidades, em comparação a Bo07. Nesta última, nota-se uma perda de *Krack* na diacronia, visto que a CaGI já desconhece a variante.

3.3.3.3 *Picass*, *Matunge* [+lus]

A variante *Picass*, segundo o mapa A12.4a, revela variação na dimensão diatópica e diageracional, na medida em que caracteriza conhecimento passivo em todos os grupos do ponto Bo04 e em todos os grupos da GII dos três pontos. Isso indica que se trata de uma variante antiga no repertório dos falantes, ao passo que só os [+velhos] a aceitaram, e em processo de perda no eixo diacrônico, já que a GI a refutou.

A variante [+lus] *Matunge* apareceu na CbGII de Bo06 na fase de sugestões, sendo definida pelos falantes de *vorkommne alde Gaul*, isto é, cavalo velho e desnutrido, o que se refere não a um tipo de cavalo, e sim à condição de vida do cavalo, conforme l. 30 e 31. Como respostas espontâneas, os falantes citam a variante [+st] (*P*)*ferd* e depois a variante Hrs.a *Gaul*. Ainda na fase de insistência, o falante masculino faz conexão com um outro animal para o qual cita uma série de variantes: do alemão, *Steinesel*, *kleine Mule*; e do português, *burrojó*, *cavalinho pequeno*, *mula pequena* e *jegue*. Para *égua*, os informantes citam a variante [+st] *Strute* e a variante [+dial] *Hutsche*.

((Clex <Pferd>_Bo06_CbGII_2017-03_00:02:41))

01 I: ein !TIER! mit dem man REIte kann.
 02 F: ah das ist das FERD, der mUle.
 03 (.)
 04 I: kennt ihr NOCH ein wott?
 05 F: DOCH; stEInesel.
 06 I: für pfErd, wie sagt man NOCH?
 07 M: FERD;
 08 ferd ist der GAUL;
 09 der GAUL, das pfErd.
 10 I: aber STEINesel?
 11 M: steinesel ist der kleine Mule, weisst du, was gibt?
 12 burruJÓ, burroJÓ nennense uff portugIEsisch.
 13 não é o burroJÓro, burrojó?
 14 I: não: sei-
 15 M: burroJÓ,
 16 não conhece o cavaLInho pequEno?
 17 como É que se TRAta?
 18 não é o burroJÓ, mUla pequena?
 19 M2: burrujÓ é o STEINesel.
 20 M3: é o JEgue.
 21 M: !JE!gue.
 22 é o JEgue ja.
 23 I: ah: TÁ, tá bOm.
 24 (...)
 25 F: das gehert dann NET dabei.
 26 M: der JEgue=ja.
 27 F: Égua.

28 M: äh?
 29 F: STRUte.
 30 M: Égua ist die STRUte.
 31 I: ah=ja, das wollt ich AUCh frache.
 32 F: eine STRUte.
 33 M: die HUTsche.
 34 F: viu, mUlher que não se comPORta sahnse immer, ist eine
 !STRU!te.
 35 M: die strute.
 36 STRU:de, hUtsche.
 37 STRU:de, unn hutsche sahnse auch fo égua.
 38 I: Égua?
 39 M: ja, STRUte, hUtsche.
 40 (.) die hutsche.
 41 I: das wusst ich NICHT.
 42 I: hat ihr schon maTUNge gehert?
 43 M: maTUNge?
 44 matunge isn Alde GAUL.
 45 F: isso mesmo, hab net dran geDACHT.
 46 (--) matunge is ein vor!KOM!ne alde GAUL.
 47 I: unn habt ihr schon KRACK=
 48 M: =ja, der Alde KRACK.
 49 F: AUCh, jo.
 50 krack is so (.) wenn er so=bisschen MAger Ist, magro ist.
 51 DEN nennense der Alde !KRACK!.

Matunge configura, relativo ao mapa A12.4b, somente o conhecimento passivo dos falantes boêmios, pois foi obtida como sugestão aceita na maioria dos grupos sociais dos três pontos, exceto na CaGI dos pontos Bo04 e Bo07, o que pode estar apontando para um estágio em ritmo já avançado de perda dessa variante lusa germanizada. A perda pode estar vinculada a mudanças no contexto social das comunidades, uma vez que o cavalo, antigamente muito utilizado na propriedade rural como meio de transporte de pessoas e mercadorias, perdeu espaço e foi substituído por veículos automobilísticos. Como indica a foto em anexo, realizada na propriedade rural da CbGII de Bo07, as celas de cavalo se encontram na casa antiga e abandonada, por já estarem em desuso há algumas décadas. O cavalo que ainda se encontra na área rural costuma ser aquele utilizado em CTGs ou como

bicho de estimação em casas de famílias muito específicas. Portanto, o contato dos falantes com cavalos em um estágio de vida avançado é extremamente raro.

No cruzamento das variantes (*P*)*fard*, (*P*)*ferd*, *Gaul* e *Picass*, conforme mapa A12.5, observa-se a presença do maior número de variantes no grupo GII de maneira geral e nos pontos Bo04 e Bo06.

3.3.4 Nhd. *Pfirsich* ‘pêssego’

A variável *Pfirsich* ‘pêssego’ foi analisada em suas realizações lexicais como (*P*)*firsich* [+st] e *Pesche* [+dial] Hrs..

3.3.4.1 (*P*)*firsich* [+st]

Nos três pontos, a primeira resposta espontânea foi em maior parte a variante [+st] (*P*)*firsich*, como revela o mapa A1.2. Porém, percebe-se um avanço da variante *Pesche* sobre esta, já que a GI já a apresentou como primeira e *Firsich* como segunda resposta. Em Bo07, como revela o mapa A1.3, *Pesche* é totalmente desconhecida, o que é um indício de que a variante *Firsich* possa não ter tido a oportunidade de concorrer com *Pesche*, devido à inexistência desta no repertório local. A competição, nesse ponto, se deu sobretudo com a variante Nordböh. *Fesich* e se sobrepôs a esta.

3.3.4.2 *Pesche* [+dial] Hrs.

A variante [+dial] Hrs. *Pesche* se manifesta na CaGI do ponto Bo04 como segunda resposta ainda na primeira fase da entrevista, logo após uma variante [+lus], *pêssego*, para F, e uma variante [+dial] Nordböh., *Fesich*, para M. Ela demonstra desconhecimento da variante [+dial] *Nordb*, conforme linha 8, e uso predominante de *Pesche*, enquanto que ele indica uso predominante de *Fesich* e conhecimento de *Pesche*. Trata-se, portanto de conhecimento ativo. ((Clex <*Pfirsich*>_Bo04_CaGI_2017-10_00:01:31))

01 I: son gelbrotliches BEER,
 02 womit man SIIS ode schmier koche kann.
 03 gibbs auch manchmo in TODde.
 04 F: PÊssego?

05 coMÉ que se diz?
06 M: FESiche.
07 PEsche=
08 F: =PEsche; pesche.
09 I: DU sahst mästens pesche.
10 unn DU?
11 M: FESiche.
12 pesche é diFÍcil;
13 mas fesich é mais coMUM assim.
14 F: não coNHEço.
15 eu conheço como PESche.
16 I: gibs NOCHN wott?
17 F: ((verneint))
18 (...)
19 I: von HOCHdeutsch her; (.)
20 velleicht KENNST du.
21 M: die FIRsiche.
22 F: ja: !hann! schon geHERT, aber:=
23 M: =FIRsiche.
24 F: FIRsiche?
25 M: [é, o mais comum é FEsich]
 F: [eu achei que talvez fosse] OUTro tipo de fruta.
26 M: não;
27 é a MESma, a mesma.
28 I: aber hast du SCHON gehert?
29 F: ja, SCHON gehert.

Pesche é uma variante que se destaca no repertório dos falantes no ponto Bo04, manifestando-se como conhecimento ativo em todos os grupos, e em parte também no ponto Bo06, nos grupos menos escolarizados, como aponta o mapa A1.3. No cruzamento de variantes, conforme mapa A1.4, Bo04 apresenta o maior número de variantes coexistentes: (*P*)*firsich*, *Fe(r)sich* e *Pesche*, em contraposição ao ponto Bo07, com o menor número.

3.3.5 Nhd. *Ochsenwagen* ‘carroça’

A variável *Ochsenwagen* ‘carroça’ foi analisada nos seguintes usos: *Waache*, *Wage* [+st], *Woan*, *Waan* [+dial] Nordböh. e *Karrett*, *Karren*, *Karross* [+lus].

3.3.5.1 *Waache*, *Wage* [+st]

As variantes *Waache* e *Wage* compõem o conhecimento ativo dos informantes da CaGI de Bo04, visto que foram citadas como variantes espontâneas, seguidas da variante [+lus] germanizada *Karross*, podendo este ser mais um exemplo de variante [+st] em competição com uma variante [+lus]. A fala do informante masculino na linha 07 aponta para um segundo significado associado à variante *Wage*, que também pode denominar balança. Esse conhecimento das variantes [+st] por parte desse informante pode estar relacionado à aprendizagem da variedade padrão no período em que morou na Alemanha. A variante [+dial] Hrs. *Wooche* integra somente o conhecimento passivo dos informantes.

((Clex <Ochsenwagen>_Bo04_CaGI_2017-10_00:01:00))

01 I: woMIT nemmtme das !fut!ter von plantag in schobbe?
 02 M: der WA:che.
 03 F: mit der WA:che?
 04 I: kamme noch ANnerste sahn?
 05 (.)
 06 I: hat das nochn [ANDre name?]
 07 M: [die karROSS]
 ((lachen))
 08 M: daí já é mais um português alemão=né;
 09 wa:che assim que tu MAIS ouve;
 10 der WAge.
 11 I: WA:che oder wage.
 12 M: só que wage já lembra balança tamBÉM.
 13 ou NÃO?
 14 die WAge.
 15 wage eu já ia pensar em baLANça.
 16 die WAge.
 17 der wa:che pra carROça=
 18 F: =WAcHe ja.
 19 M: womme sahn, tät ICH mo denke.
 20 I: unn hat ihr schon geHERT !waan!?
 21 F: WAAN, der waan;
 22 M: EU não.
 23 I: unn WO:che?

- 24 M: wo:che JA.
 25 já é mais prum HUNSRickisch tamén.
 26 der WO:che.
 27 I: unn WO:N?
 28 F: NEE.
 29 I: unn OCHsenwagen?
 30 F: OCHsenwage.
 31 ochsenwage JA.
 32 M: carro-de-BOI?
 33 F: JÁ.

Como mostra o mapa A13.2, as variantes *Waache* e *Wage(n)* configuram conhecimento ativo de maneira quase uniforme nos três pontos de pesquisa, com exceção da CbGI, em que foi obtida como sugestão aceita. Nos demais grupos, uma das duas variantes, ou até mesmo ambas simultaneamente, caracterizou primeira resposta espontânea. Esses dados revelam o grau de resistência dessas variantes [+st] e confirmam que também as variantes [+st] apresentam graus distintos de perda e manutenção entre si.

3.3.5.2 *Woan, Waan*⁹⁵ [+dial] Nordböh.

Na fase de insistência, os falantes da CbGII de Bo06 manifestaram a variante [+st] *Ochsewaache* e as variantes [+dial] Nordböh. *Woan* e *Ochsewoan*, acrescida do artigo definido [+dial] Nordböh. “a”, conforme linhas 10 e 12. O aparecimento espontâneo dessas variantes boêmias mostra que ainda se encontram ativas no repertório desse grupo [+velho] e [-escolarizado] do ponto Bo06.

((Clex <*Ochsenwagen*>_Bo06_CbGII_2017-03_00:00:46))

- 01 I: woMIT nemmtme das !futter! von plantage in schobbe?
 02 M: woMIT?
 03 I: ja; das hat=so vier REder oder zwei;;
 04 F: WA:che;
 05 M: SCHUBBkarren; (.)
 06 kamma auch NEHmen.
 07 F: WA:che;

⁹⁵ ThWb, Bd. VI, p. 690: *Waachn, Woong, Woin, Wouchn, Waan, Waun.*

08 M: WAgen;
 09 I: mit OCHse meinich
 10 M: OCHsewa:che.
 11 F: ja; OCHsewa:che;
 12 M: mit ochse geZOgen; ja=
 13 F: =mit PFERde kamme !auch!.
 14 I: JA. ((lacht))
 15 kennt ihr ein ANdes wott, für !ochsewa:che!?
 16 F: ja=uf BEHmisch heisst !a woan!.
 17 M: a WOan.
 18 I: HUM:; (...)
 19 M: <<nachdenkend> a WOan>;

No mapa A13.1, constata-se que a variante *Woan* está ausente em oito dos doze grupos entrevistados. Os quatro grupos, onde ainda está presente, apresentam-se na dimensão diatópica apenas nos pontos Bo04 e Bo06, sendo que no primeiro ponto estão vinculados à GII na dimensão diageracional e no segundo ponto à Cb na dimensão diastrática. Nesses casos, a variante *Woan* predomina na forma de conhecimento passivo. A variante se encontra num processo quase completo de perda linguística, já que só uma CbGII a citou como resposta espontânea, conforme discussão do último excerto de fala, a favor das variantes [+st]. Outra variante obtida como sugestão aceita foi *Waan*, a qual curiosamente configura conhecimento ativo no grupo GI de Bo06.

3.3.5.3 *Karrett, Karren, Karross* [+lus]

Os informantes da CbGII de Bo06 apresentaram como respostas espontâneas as variantes [+st] *Waache* e *Wagen* junto da variante [+lus] *Schubbkarren*. Além de *Schubbkarren*, foram identificadas, no repertório ativo dos informantes no geral, outras variantes como *Karrett*, *Schubbkarrett*, *Puschkarrett* e *Karross* (cf. mapa A13.4), que certamente são empréstimos do pt. *carreta* e *carroça*, que passaram por germanização.

No cruzamento de variantes, de acordo com o mapa A13.5, observa-se um repertório reduzido em Bo07, com o império da variante mais st. *Waache* que compete com a mais lus. *Karrett*.

3.3.6 Nhd. *Schleuder* ‘estilingue’

A variável *Schleuder* ‘estilingue’ foi analisada em suas realizações como *Funde* [+lus], *Fundenlader* [+dial] Nordböh., *Bodock*, *Bidock* [+lus] e *Estilingue* [+lus].

3.3.6.1 *Funde* [+lus]

O mapa A14.2a revela que a variante *Funde* aparece sobretudo no ponto Bo04 como variante espontânea, na primeira fase, e em três grupos do ponto Bo06, porém, nestes na fase de insistência. Em Bo07 esta variante é apenas conhecimento passivo na GII, o que pode indicar que esta já fazia parte do português regional no passado e que se tornou uma forma de relict, já que a GI não a reconhece. *Funde* é uma variante do português regional ainda difundida no Vale do Taquari e Vale do Rio Pardo, tendo possivelmente adentrado o alemão dos boêmios como empréstimo de segunda mão do Hrs.. Mas, como veremos na análise da próxima variante, *Funde* está em processo de perda.

3.3.6.2 *Fundenlader* [+dial] Nordböh.

A variante lusa germanizada *Funde* integra o português regional do Vale do Taquari e Vale do Rio Pardo. No ponto Bo06 ela foi obtida como resposta espontânea, após as variantes *Bidock/Bodock* e *Schilinke*, outras duas variantes lusas germanizadas: bodoque e estilingue. *Funde* é caracterizada pela informante masculino com o mesmo conteúdo semântico de *Bidock/Bodock*. A variante fez o informante recordar uma variante antiga, *Fundenlader*, que nada representa o resultado da aglutinação de uma variante lusa germanizada, *Funde*, com uma variante [+dial] original, *Lader* (Nhd. *Leder*), segundo descrição do informante, entre linhas 5 e 7. O lexema [+dial] Nordböh. composto com o português indica ser uma variante antiga, pois foi associado com pelo informante com um fato do passado e um falante específico, que provavelmente reproduzia essa variante, como apontado na linha 3. A descrição nessa linha revela também outras variantes [+dial] Nordböh. como *Kotzenkoder*, *ejs*, *Koup*. Já a variante *Schilinke*, apontada no início da conversa e retomada no final, indica ser uma variante lusa germanizada, que segundo o informante, estaria presente na fala da geração [+jovem], porém pode se tratar apenas da forma como o informante compreende a

variante foneticamente, quando reproduzida em português. Como essa variante não foi sugerida nessa forma nos outros grupos e pontos, não é possível confirmar se ao menos ela caracteriza o conhecimento passivo dos informantes.

((Clex <Steinschleuder>_Bo06_CbGII_2017-03_00:02:27))

01 I: woMIT schießen viele kinder die vechelche?
 02 M: ja=das SAHN[se:]
 03 F: [biD]OCK.
 04 M: die sahn der boDOcke, die schiLINke (.)
 05 und wie HAT der dann- (.)
 06 wie hatn den werkmann albert den KOTzenkoder geschoßen?
 07 hatn grouen KOTzenkoder an koup geschoß.(.)
 08 wie hat der noch geSAHT iber der bodock?
 09 war von DEIxa eu pensar um pouquinho. (.)
 10 F: jö, ich sah schon BIdock.
 11 [...]
 12 M: FUNdenlader.
 13 mitn FUNdenlader annen !kot!zenkoup,
 14 n KOTzen ejes an !koup! geschossen.
 15 hat mitn FUNdenlader den grouen ko:ter ejs an koup geschossen.
 16 I: ah;;
 17 M: hast verSTAND? (...)
 18 I: mit die FUNde:?
 19 M: FUNdenlader, fundenlader, funde.
 20 FUNde,
 21 funde is AUCh ein bodock.
 22 I: FUNde?
 23 M: die FUNde ja.
 24 das is mit GUmMi, und das hinner dran das: isen stick !le!der;
 25 wo se der stein RINntun.
 26 haste schon geSEhen, frihers?
 27 I: JA.
 28 M: das nenntme dodaWEche; die funde:, unn das lader. (.)
 29 dort tunse der STEIN rinn unn do schieße.
 30 I: die funde mussme LAde,
 31 M: ja, mitn STEIN rinntun.
 32 I: unn hat ihr schon äh: HONda gehert?
 33 M: he?

- 34 I: HONda. oder hondita?
 35 M: das is mich Unbekannt.
 36 was SOLL das bedeuten?
 37 I: AUCh funde (.)
 38 dasSELbiche.
 39 M: die brasilianer, (.) so meistenen guri!za!da, (.) die sahn
 schiLINke.
 40 I: (...)
 41 M2: biDOCK;
 42 was is biDOCK?
 43 M: biDOCK ja.(.)
 44 bidock das hannse bei UNS immer gesaht.
 45 I: unn boDOCK?
 46 M: AUCh. (.)
 47 das is EINS;
 48 boDOCK oder bidock;
 49 I: AH:.

A variante *Fundenlader* não estava prevista no questionário, portanto, somente acabou sendo aplicada no ponto Bo06, onde foi reconhecida também pela CaGII na forma de sugestão aceita, conforme mapa A14.1. Esse grupo também revelou uma outra variante, que demonstra uma nova aglutinação de uma variante [+dial] Nordböh. com uma variante lusa: *Reúnalader*. Esta variante foi associada pelo grupo com a fala da localidade de Rolante. O repertório da GI de Bo06 já não integra mais *Fundenlader*.

3.3.6.3 *Bodock, Bidock* [+lus]

A variante lusa germanizada *Bodock* ou *Bidock* caracteriza o português regional do Vale do Jacuí, tendo sido citada como primeira resposta espontânea no grupo CbGII em Bo07. Na fase de insistência, a informante feminina apenas cita *Schiessgabel*, que vem acompanhada de risadas, podendo ser, portanto, apenas uma variante improvisada por meio de sua comparação com o estilingue em questão, e não necessariamente uma variante comum. Nenhuma outra variante é manifestada nessa fase. Na fase de sugestões, *Funde* é aceita apenas por M e relacionada por ele com o português. Essa consciência sobre a origem da variante não foi expressa nos outros dois pontos, o que pode ser um indício de que neles já se encontra tão integrada que sequer é diferenciada do alemão. Já em relação à variante lusa

estilingue, no ponto Bo07, é refutada por F e associada a um conteúdo semântico distinto de *bodoque* por M, conforme linha X. A associação de *estilingue* com *bodoque*, como nos revela a fala repetida de uma informante CaGI, presente no local no momento da entrevista, indica que esta variante já está mais presente entre a geração [+jovem], que deve estar servindo de porta de entrada para esta em Bo07.

((Clex <Steinschleuder>_Bo07_CbGII_2018-01_00:01:55))

01 I: unn wo!MIT! schießen die kinner VEchelche?
 02 M: mitn boDOCK.
 03 ((lachen))
 04 I: do !DEFF!me doch keine mehr SCHIEße heut ((lacht))
 05 I: JA.
 06 gibts !NOCHN! wott fo (.) boDOCK?
 07 F: SCHIEßgabel? ((lacht)).
 08 I: ja?
 09 F: naun sei.
 10 ((lacht))
 11 engracado.
 12 M: ich wusst nich;
 13 aber es !HAT! glaube ich nochn andre apeLido.
 14 ich weiss nur boDOCK.
 15 F: ich weiss auch NUR bo!DOCK!.
 16 I: SCHONmo gehert äh=
 17 F: =ein biDOCK.
 18 I: FUNde?
 19 M: das is AUCH der:,
 20 aber das is schon wieder brasiliANisch, nicht?
 21 F: ich weiss es NICH.
 22 I: !FUN!de, is das beKANNT das wott?
 23 M: das is: (.) meine das IS brasiliANisch.
 24 (...)
 25 I: unn estiLINGue?
 26 F: hi: estiLINGue-
 27 M: !NAUN!, estilingue is was ANdes.
 28 F2: é boDOque?
 29 F: ((lacht))
 30 <<:->jetzt hamma !EI!ne wo hätt was verSTAND>.
 31 I: was soll das SINN for dich, estilingue?

32 M: pois é;
 33 was soll ich richtig SAche, was das !IS!, estilingue.
 34 F: NUNca ouvi fala.
 35 M: doch, ich hab das [schon]
 36 F: [das e]rste wott von die mana fo estilingue is
 boDOCK.
 37 M: das is etwas zum Picken.
 38 I: Picke?
 39 M: JA.
 40 ((lachen))
 41 (-)
 42 I: aber fo SCHIEße auch, ore net?
 43 M: NEIN.

As variantes lusas germanizadas *Bodock* ou *Bidock* aparecem como variantes espontâneas nos pontos Bo06 e Bo07, no que se refere ao mapa A14.2b, o que indica que a competição entre *Funde* e estas já apresentou como ganhadora a segunda predominantemente em Bo07 e em Bo06. Apesar de que neste ponto *Funde* ainda configure conhecimento ativo, já se observa a ligeira sobreposição de *Bodock*. Também em Bo04 já há indícios da entrada dessa variante pela Ca, onde configura até o momento conhecimento passivo.

3.3.6.4 *Estilingue* [+lus]

Para comparar, na CbGII de Bo04, onde impera a variante *Funde* como conhecimento ativo, não foram reconhecidas as variantes *Bodock* e *Bidock*, conforme respostas à terceira fase. Já a variante *estilingue* foi citada na segunda fase da entrevista, integrando, portanto, o conhecimento ativo dos informantes, o que indica que essa variante já está numa fase mais avançada de integração do que no ponto Bo07. Outras variantes citadas foram *Schiesswaff* e *Fletsch*, porém com conteúdo semântico diferenciado, sendo a primeira uma arma de fogo, *Gewehr*, e a segunda com um aparelho manual de atirar sementes de frutos, *pressão arminha*, conforme explicação obtida pela CaGII desse ponto.

((Clex <Steinschleuder>_Bo04_CbGII_2017-08_00:00:50))

01 I: wo!MIT! schießen die kinner manchmo VEchelche?
 02 F: FUNde.
 03 M: FUNde.

04 I: sahst du AUCH so?
 05 M: JA.
 06 I: kamme noch ANnerste sahn?
 07 F: estiLINGue.
 08 ne, das is uff brasILIAnisch.
 09 I: aber sahtme AUCH=né?
 10 F: JA.
 11 M: aber das hat nochn ANDre name;
 12 F: das kann SINN.
 13 M: aber wenn ich sollt sache jetzt-
 14 I: SCHONmo gehert=
 15 M: =SCHIESSwaff.
 16 aber SCHIESSwaff isn gewEhr.
 17 I: SCHONmo gehert fleTsch?
 18 F: FLETScher.
 19 FLETScher is abern pres!SÃO!gewehrche.
 20 M: ARma de pressão; fletsch.
 21 F: ja, FLETSCH ja.
 22 I: unn boDOCK?
 23 (.)
 24 F: noch NIE gehert.
 25 I: oder BIdock?
 26 ((verneinen))
 27 I: unn HONda?
 28 F: ((verneint))
 29 noch net.

O mapa A14.2c aponta para *estilingue* como uma variante ativa sobretudo nos pontos Bo04 e Bo06 e no grupo GII. Em Agudo, somente a GII ainda tem conhecimento passivo da variante, enquanto que na GI essa variante lusa já não foi mais lembrada.

O mapa de cruzamento de variantes, A14.3, revela a presença de no mínimo duas variantes ativas em todos os grupos e pontos, sobressaindo-se Bo06 e a GII desse ponto.

3.3.7 Nhd. Tochter ‘filha’

A variável *Tochter* ‘filha’ foi observada nas seguintes formas lexicais: *Tochter* [+st], *Madl*, *Madl* [+dial] Nordböh. e *Mädche* [+dial] Hrs..

3.3.7.1 *Tochter* [+st]

A variante *Tochter* foi identificada na CaGI de Bo07 na terceira fase como sugestão aceita, acompanhada do comentário sobre a raridade do seu uso na fala local (linha 09). As variantes que estão em processo de sobreposição à essa variante são *Medl* e *Med*. A GII desse ponto representa o único grupo que ainda conserva ativamente a variante [+st].

((Clex <*Tochter*>_Bo07_CaGI_2018-01_00:00:59))

01 I: unn FILha?
 02 oder meNIna?
 03 F: das MEdl,
 04 das JING.
 05 I: gibbs nochn WEITeres wott?
 (---)
 06 I: MEdl oder med?
 07 F: MEdl, med.
 08 M: med, medl, os DOIS.
 09 I: unn TOCHter?
 10 M: TOCHter:,
 11 I: fo FILha.
 12 I: schon mo geHERT?
 13 F: gehert JA;
 14 aber SPRECHTme nich.
 15 M: meine TOCHter:,
 16 e: minha FILha.
 17 I: unn Madl?
 18 M: NÃO;
 19 só Medl.

Relativo ao mapa A10.2b, a variante [+st] *Tochter* está presente nas comunidades boêmias em maior parte como conhecimento passivo, apresentando-se menos intensa nos pontos Bo04 e Bo06, onde foi obtida sobretudo na forma de sugestão aceita na GII. Três

grupos da GI desconhecem a variante nesses dois pontos, o que pode estar indicando uma perda em velocidade mais avançada de variantes [+st]. Em Bo07, também está entrando em processo de perda, visto que somente está presente passivamente na GI e ativamente na GII.

3.3.7.2 *Madl*⁹⁶, *Madl* [+dial] Nordböh.

Os informantes da CbGII de Bo06 citam como primeiras variantes espontâneas para filha a variante [+st] *Mädche* nivelada com o Hrs., para se referir à menina, e a variante [+st] *Kind*, para se referir à criança sem distinguir os sexos. Na segunda fase, aparecem as variantes [+dial] Nordböh. *Medl* e *Madl*, conforme linhas 12 e 19, integrando, portanto, ainda o conhecimento ativo no grupo em foco. Conforme exposto, os falantes ainda percebem somente a variante *Madl* como de origem boêmia. A variante [+st] *Tochter*, sugerida na terceira fase, configura apenas o conhecimento passivo dos informantes.

((Clex <Tochter>_Bo06_CbGII_2017-03_00:01:20))

01 I: unn wenn es ein frau als KIND is, (.)
 02 was IS das dann?
 03 F: n MÄDche,
 04 M: eine frau- (.) wenn die frau ein KIND hat,
 05 DAS is mutter.
 06 F: ach SO.
 07 I: wenn die frau ein kind hat unn das kind is EIN::=
 08 F: =STROHwitz.
 09 I: WEIblich (.)
 10 wie HEISst das dann?
 11 M: ein MÄDchen oder ein: (.)
 12 I: ja; für FILha meine ich.
 13 M: FILha?
 14 I: ja; wie saht ihr FILha?
 15 M: das kind=ein MEdl=né; (.)
 16 wenns ein MEdl, feminina is.
 17 I: kennt ihr NOCH ein wott?
 18 M: wie SACHTma forn medl, forn kleines kind?
 ((Kiewitze schreien im Hintergrund))
 19 M2: KIND.
 20 M: ja=KIND.
 21 aber agora distinGUINDo feminina masculino.

⁹⁶ *Schlesischer Sprachatlas*, v. I, mapa 72.

22 F: n MÄDche.
 23 M: ja; MÄDche sahnse; medl.
 24 F: unn uff behmisch a Madl.
 25 M: a Madl.
 26 JA; so ja.
 27 I: A Madl?
 28 M: ja; geNAU. (.)
 29 MIR sahn ma:del; ma:del=
 30 aber DAS:=
 31 F: =NÃO.
 32 I: a meNIna;
 33 M: a meNIna ja;
 34 a Madl; so ja.
 35 I: ta BOM.
 36 unn habt ihr schon TOCHter gehert?
 37 M: DOCH.
 38 jaja=TOCHter: (-)
 39 wie SAHNme ibbich die !toch!ter? (.)
 40 MEIne tochter;

O mapa A10.1a aponta sobretudo para a variante *Madl* ou *Medl* como conhecimento passivo em nove dos doze grupos de entrevistados, com uma distribuição uniforme na dimensão diatópica. Como conhecimento ativo, aparecem somente em dois grupos, na CbGII de Bo06 e na CaGI de Bo07, enquanto que na CaGI de Bo04 a variante não foi reconhecida. Em alguns casos foi identificada a variante lexical reduzida de *Medl*: *Med* (cf. mapa A10.1b). Os resultados mostram que *Madl* ou *Medl* já estão em processo de perda avançado, devido à sobreposição de *Mädche*, como veremos na seção de nivelamento com o Hrs..

3.3.7.3 *Mädche* [+dial] Hrs.

A variante nivelada *Mädche* predomina como resposta espontânea em todos os pontos, fazendo parte, portanto, do conhecimento ativo dos falantes, como mostra o mapa A10.2a. Conforme visto na seção de manutenção de variantes originais, *Madl* é uma variante que já está presente somente de forma passiva no repertório da maioria dos falantes. Diante disso, fica evidente que *Madl* foi substituído gradativamente pela variante hunsriqueana para se referir à filha. Observa-se que em Bo07 essa variante apresentou mais força de difusão do que outras variantes Hrs.as discutidas anteriormente, o que pode encontrar sua explicação na preexistência de *Mädchen* na variedade [+st] original.

No cruzamento de variantes (cf. mapa A10.3), o maior número de lexemas em relação à variável *Mädchen* se encontra na GII nos pontos Bo04 e Bo06 e curiosamente na GI no ponto Bo07. Este pode ser um indício de que, em Agudo, o grupo mais móvel, GI, pode ser o responsável pela entrada de novas variantes.

3.3.8 Nhd. *Großvater* ‘avô’

A variável *Großvater* ‘avô’ foi analisada nas seguintes realizações lexicais: *Grußvoter*, *Großvoter* [+st] e *Wowo* [+lus].

3.3.8.1 *Grußvoter*⁹⁷, *Großvoter* [+st]

A reflexão provocada pela pergunta anterior possivelmente levou os falantes a expressarem de forma espontânea a variante [+st] *Großvater* e a variante [+dial] Nordböh. *Grußvater*, a qual se apresenta com variação fonética, *Grußvoter*, para se referir a avô.

((Clex <*Großvater*>_Bo06_CbGII_2017-03_00:00:38))

- 01 I: dem papa sein papa ist DER?
 02 M: GROßvater.
 03 mein GROßvater.
 04 F: GRUßvater.
 05 M: unn mir hann aber das immer=so das SPASSig;
 06 anstatt for PAPA iber der vater,
 07 hann mir iber der großvater VATER gesaht.
 08 I: für der GROßvater nur: [vater]
 09 M: [VATER] gesaht.
 10 F: AHah.
 11 M: der GRUßvater. (.)
 12 dann behmisch GRUßvo:ter.
 13 I: hum:, das wolltich FRAHN auch,
 14 ob ihr schon WOwo gehert hat?
 15 F: JO;;
 16 M: jo;; WOwo jo:.

⁹⁷ ThWb, Bd.2, p.736: *Großvater* / *Gruß(e)vater*.

- 17 das isn norMAL wott.
 18 I: unn GROßvater?
 19 M: großvater; groußvoter; GRUß:voter.
 20 I: GRUß?
 21 M: ja; GRUß:voter=ja.

O comentário metalinguístico do informante masculino revela aspectos sobre o conteúdo semântico de *Vater*, sendo esta variante aplicada sobretudo para se referir ao avô e não ao pai.

3.3.8.2 *Wowo* [+lus]

Na linha 11 do excerto de entrevista anterior, o falante aponta que a variante mais usual seria a [+lus] *Wowo*. Apesar de as variantes Nordböh. ainda constituírem conhecimento ativo, já se identifica a sobreposição das variantes [+lus] germanizadas *Paba* e *Wowo* respectivamente.

3.3.9 Nhd. *Kartoffel* ‘batata’

A variável *Kartoffel* ‘batata’ foi analisada em suas seguintes formas lexicais: *Katoffle* [+st], *Areppel*, *Erdeppel* [+dial], *Grumbeere* [+dial] Hrs. e *Batate* [+lus].

3.3.9.1 *Katoffle* [+st]

A variante [+st] *Katoffle* configura conhecimento ativo, a partir de primeira resposta espontânea, em todos os grupos de todos os pontos, como indica o mapa A6.2. Como visto na seção anterior, em alguns grupos foi citado *Erdeppel* ou *Areppel* como sugestão aceita e inclusive como segunda resposta espontânea, porém este mapa indica que a variante [+st] se sobrepôs definitivamente, colocando em processo de perda a variante [+dial] original, da qual só restam resquícios na GII de Bo04 e Bo06.

3.3.9.2 *Areppel, Erdeppel*⁹⁸ [+dial]

O próximo excerto, ainda no ponto Bo06 Bo06, CbGII, revela as respostas referentes à pergunta sobre a variável <*Kartoffel*>:

((Clex <*Kartoffel*>_Bo06_CbGII_2017-03_00:01:24))

01 I: womit machtme püREE?
 02 M: piREE?
 03 ja: mit kaTOffel.
 04 kaTOffelpiree.
 05 F: kaTOffel,
 06 manJOK,
 07 M: manjok kamme AUCh mache.
 08 I: kennt ihr ein ANdes wott für katoffel?
 09 M: karTOffel. (.)
 10 AREppel.
 11 AREppel.
 12 AREppel.
 13 das ist nommo BEHmisch.=
 14 =AREppel. (.)
 15 das is ERDeppel (.) erd,
 16 einen ERDeppel. (.)
 17 unn die sahn AREppel.
 18 die kaTOffel. (-)
 19 so in portugiesisch sahnse batata inGLEsa=ne? (.)
 20 unn dann die batat, SIISbatat, is=jo wieder was anderste. (-)
 21 so gewehnt gemeint, MIR sahn bataten was ist die !SIIS!batate.
 22 unn kaTOffel ist die katoffel. (-)
 23 aber die ALde hamm friher gesach die !ERD!eppel. (.)
 24 aber die BEHmer !AR!eppel. (.)
 25 ERD, ar.
 26 I: FÜR katoffle?
 27 M: karTOffel ja.
 28 I: bataTInha?
 29 M: bataTInha ja.
 30 I: hat ihr schon GRUMMbeere ge[hert]?

⁹⁸ ThWb, Bd.2, p.120: *Erdapfel*.

31 M: [ja G]RUMMbeere sahnse auch.
 32 I: für kaTOffle?
 33 M: karTOffel ja. (.)
 34 GRUMMbeere;
 35 grumm: grumm: GRUMMbäan.
 36 F: ich war bloss net [DRUFkomm].
 37 M: [grumbäa]n jo.
 38 F: ich WUSST das schon.
 39 M: das kann auch sinn GRUNDbeeren; (.)
 40 aber GRUMMbeere hammse gesach.
 41 I: und ERD:,
 42 ja=ERDapfel, das ist fast das selbiche;
 43 M: ja.
 44 maçã de terra=né?

Na primeira fase emergem variantes [+st] para ambos os informantes. Já na fase de insistência, o informante masculino cita as variantes [+dial] Nordböh. *Areppel* e *Erdeppel*. Nesta conversa, assim como na anterior, nos comentários metalinguísticos, o falante define as variantes originais como sendo boêmias, o que indica a percepção do falante sobre diferenças de variedades. O falante relaciona as variantes *Areppel* e *Erdeppel* com falantes das gerações passadas, no caso com os pais (*die Alde*) e os boêmios (*die Behmer*), o que permite dizer que essas variantes surgem na forma de variantes-lembrança (*Erinnerungsformen*, PREDIGER; KÜRSCHNER, 2019) no repertório dos falantes. A variante é desconhecida sobretudo na GI e aceita ou dada como resposta espontânea na GII.

O ponto em que ela mais foi citada é Bo04, conforme revela o mapa A6.1. Conforme comentário metalinguístico nesse ponto, F: *Der Miro unn sein Leut in Santa Cruz sprechen das*, foi associada com a região de Santa Cruz do Sul, que faz divisa com o ponto Bo06. Nesse caso, não se trata de uma variante-lembrança, mas antes uma variante-geográfica, por ter sido circunscrita pelos falantes a um ponto no espaço físico-geográfico, no caso um povoado próximo onde residem familiares. Em Bo07, a CbGII demonstra incerteza quanto à origem da variante Erdapfel, na medida em que F a associa primeiramente a morango, F: *Sinn das Erdbeern?* e depois desconfia que pode ser de uma variedade em contato, percebida pela falante como saxão, conforme F: *Erdapfel? Is das Sächsisch ore was?* Já M contesta afirmando que se trata do alemão *standard*: *Das is Deutsch!* Essa conversa revela a percepção

dos falantes em relação ao grau de dialetalidade entre as variedades saxão e *standard*, o que é um indício de que o saxão ali falado era [+dial] e não uma variedade [+st].

3.3.9.3 *Grumbeere* [+dial] Hrs.

Em um primeiro momento, os falantes do ponto Bo04 citam a variante [+lus], *Batate*, para se referir a batata, sendo portanto esta a primeira resposta espontânea. Na segunda fase ocorre uma correção por parte dos informantes, os quais denominam batata como *Katoffel* e batata doce como *Batate* ou *Siisbatate*. Essa correção demonstra a insegurança dos falantes quanto ao significado comum dos lexemas no alemão local. Também nessa fase, foi apontada a variante [+dial] *Westf. Erappel* por M, que no domínio familiar fala sobretudo Westf.. Na terceira fase, quando sugerida a variante *Grumbeere*, nota-se que ambos os informantes a associam com frutas, no caso morango e cereja, e não com o legume batata. No caso da informante feminina, a variante foi praticamente corrigida para *Erdbeere*. E no caso masculino, a variante é conhecida, mas com outro significado.

((Clex <Kartoffel>_Bo04_CbGI_2017-08_00:02:21))

01 I: womit machtme piREE?
 02 M: käs, fleisch unn
 03 ((lachen))
 04 M: ja=NAUN;
 05 baTAtE. (.)
 06 piREE machtme mit ba!TA!te.
 07 ((lachen))
 08 F: baTAtE.
 M: JETZT hannich italiEnisch !RIN!misturiert.
 09 F: piree baTAtE.
 10 M: piree machtme mit baTAtE.
 11 F: batate; kannme mit maJOK mache.
 12 M: ja, AUCH.
 13 I: gibS NOCHN wott?
 14 F: kaTOffelscheibche.
 15 is dasSELbich dings, kamme sache.
 16 fo uns batate ises die=
 17 M: =SIIßbatate.

18 F: die GROße.
 19 kaTOffle sinn die !KLEI!ne.
 20 M: kaTOffle sinn bata!TI!nha.
 21 F: bataTInhas ja.
 22 (...)
 23 I: unn wie ises uf PLATT? kennst du DIE?
 24 M: ERappel é bata!TI!nha;
 25 ou baTAten.
 26 F: die SIIßbatate.
 27 I: unn hat ihr schon gehert GRUMMbeere?
 28 M: GRUMbeere? (--)
 29 grumbeere warn nichma: (.) äh: wo an BAUM geb?=
 30 =wusst ICH.
 31 I: WELche?=
 32 M: sinn so:=
 33 I: =die fo ESse?
 34 M: ja, rode BEERche an bäum.
 35 (...)
 36 F: nich ceREja?
 37 M: naun, framboEsa die. (.)
 38 grumm, GRUMbeere;
 39 framboEsa eu !A!cho.
 40 I: ah:, kann SINN.
 41 unn ERDapfel, fo katOffle?
 42 F: Erd=
 43 M: =Erd fo kaTOffel.
 44 F: ja, EpfelkatOffel;
 45 mir sahn EPflekatoffel dann=né?
 46 M: ja, mas isso é (.) son TIPP katoffel.
 47 F: gibbs die epfle unn die anne (.) die GREßT;
 48 GREßkatoffle;
 49 !AS!teRICK sahnse.
 50 I: ASter?
 51 F: !AS!teRICK sahnse.
 52 I: ah:.
 53 F: !AS!teRICK sinn mEhr so fo batata äh: SCHEIBche mache unn die
 anne sinn fo !SO! KOche;
 54 die EPfel.
 55 I: ach=SO, intressant.
 56 wenn ich WIEder in mercado komme,

57 velange ichn paar asteRICKkatoffle.
58 ((lachen))

Segundo o mapa A6.3, a variante *Grumbeere* no geral não foi reconhecida nos três pontos da pesquisa, com exceção do grupo CbGII de Bo06 e CaGII e CbGI de Bo04 que a aceitaram, apesar de este último a ter associado a outro conteúdo semântico. Trata-se, portanto, de uma variante em contato, mas distante do repertório dos informantes, conforme comentário de F: *Hah ich schon gehert, abe das wett hier net gesproch.*

3.3.9.4 *Batate* [+lus]

Batate foi obtida predominantemente como segunda resposta espontânea, na fase de insistência, de modo bastante uniforme nos três pontos de pesquisa, sobressaindo-se na CbGII, como revela o mapa A6.4. A primeira resposta no geral foi a variante [+st] *Katoffel*. Nesse caso, apesar de espontânea, *Batate* apresenta um significado ligeiramente distinto de *Katoffel*, usado para se referir a um outro tipo de batata, a batata-doce, também denominada de *Siisbatate*. Devido a isso, não é possível dizer que essa variante esteja concorrendo com *Katoffel*, mas antes com *Siisbatate* ou até mesmo com *batata-doce*. As variantes lusas apresentadas para se referir à batata foram *batatinha* e *batata-maçã*. Outras variantes alemãs identificadas foram *Epfelkatoffel* e *Asterikkatoffel*, do alemão, no geral como variantes espontâneas na segunda fase ou sugeridas aceitas.

O cruzamento de variantes, ilustrado no mapa A6.5, indica o predomínio de *Ka(r)toffel* e *Batat* nos três pontos, acrescido da variante *Erdapfel* na GII, e até mesmo na GI em Imigrante. A maior manutenção de *Erdapfel* / *Areppel* / *Erdeppel* em Imigrante pode se dever ao contato com uma variante foneticamente semelhante: *Erappel*, do *Westfälisch*.

3.3.10 Nhd. *Kruste* ‘ponta do pão’

A variável *Kruste* ‘ponta do pão’ foi analisada em suas realizações como *Krost(e)* [+st], *Rampel*, *Kanten* [+dial] Nordböh., *Koscht* [+dial] Hrs. e *Kascht* [+dial] Nordböh.

3.3.10.1 *Krost(e)* [+st]

A variante [+st] *Krost(e)* aparece como resposta espontânea de forma geral em Bo04 e na CbGII de Bo06 e Bo07, segundo mapa A7.2. A geração mais velha de menos escolaridade se coloca, portanto, como o grupo em cujo repertório linguístico essa variante se sobressai. Aos demais grupos de Bo06 e Bo07 essa variante não foi sugerida, porém já está visível que não configura conhecimento ativo, o que sugere um início de processo de perda na dimensão diageracional.

3.3.10.2 *Rampel, Kanten*⁹⁹ [+dial] Nordböh.

Para se referir à variável *Kruste*, os informantes citam como respostas espontâneas as variantes [+dial] Nordböh. *Rampel* e *Kanten*. Referem-se a elas como variantes comuns na comunicação em casa, com a família, o que é um indício de que estão integradas no repertório dos informantes, ao menos nesse ponto de pesquisa. Podem ser consideradas conhecimento ativo, em uso pelos falantes, nesse caso no domínio familiar.

((Clex <*Kruste*>_Bo07_CbGII_2018-01_00:01:04))

- 01 I: unn wie heisst die SPITZ ode der anfang von das
gebackte brot?
- 02 F: der RAMPel? ((lacht))
- 03 I: WIE heisst das?
- 04 F: <<lachend> der RAMPel>; (.)
- 05 ODER die krost;
- 06 I: is DAS das[selbiche]?
- 07 M: [der KANT]en?
- 08 F: ja; [die RAND].
- 09 M: [der KANT]en.
- 10 F: der erste schnitt woma abschneidt vom brot IS der
!rampel!.
- 11 M: IS der !kanten!.
- 12 I: unn du hast NOCHN wott gesaht,
- 13 F: die KROST?
- 14 I: KROST. (.)
- 15 das is AUCH dodefor?

⁹⁹ Eichhoff, 1978, Bd. 2, Kt. 57: *der Kanten*; ThWB, Bd. V, p. 26 und 27: *a Rämpel Brot = großes Stück*.

16 F: ((stimmt zu))
 17 I: unn WAS is oberdribbe?
 18 M: OBENdribbe die !kirscht!.
 19 F: ja=welche SACHen,=
 20 =die leut sachen geb MICH die krost;
 21 ich ESS die da.
 22 I: das ERStE stick.=
 23 F: =ja, SCHNEIden schon dinn ab;
 24 dann nur so eine KROST. ((lacht))
 25 M: bei UNS wett gesacht,
 26 geb MICH der !kanten!;
 27 der !kanten! esse ICH. (-)
 28 [KANten].
 29 F: [(lacht)] ich sache immer der !rampel! will ICH. ((lacht))
 30 I: kenntme auch sahn KESCHtche?
 31 F: SIcher doch; (.)
 32 KENNTme sache.
 33 I: ODER die koscht?
 34 F: die KOSCHT.
 35 I: JA?
 36 ((stimmen zu))

Conforme o mapa A7.1a, a variante *Rampel*, ou *Ramfel* apresenta diferenças na dimensão diatópica e diageracional, na medida em que em Bo07 e em Bo06 foi citada como resposta espontânea e em Bo04 sequer foi reconhecida na terceira fase. Nos dois primeiros pontos foi citada apenas pela CbGII e somente em Bo07 aceita pelos grupos da GI.

3.3.10.3 *Koscht* [+dial] Hrs.; *Kascht* [+dial] Nordböh.

A variante [+dial] Hrs. *Koscht* foi apontada como resposta espontânea na CbGI do ponto Bo06, juntamente com a revelação de uma variante [+dial] Nordböh, *Kascht*, citada pela informante feminina, e *Brotkoscht* ou *Brotkascht*, configurando todas estas variantes ativas. A variante hunsriqueana *Kroscht* foi aceita, na terceira fase, porém *Korscht* não. As variantes [+dial] Nordböh. *Rampel* e *Ramfel* foram refutadas. Temos neste caso, temos a presença de uma forma de relictos boêmia, *Kascht*, em competição com uma variante Hrs., *Koscht*. A presença de *Kascht*, porém, não foi identificada como resposta espontânea na GII de qualquer um dos três pontos. Pode se tratar de uma forma de relictos que sobrevive no repertório da

geração jovem devido à convivência com os avós sobretudo na infância, conforme já discutido.

((Clex <Kruste>_Bo06_CbGI_2018-06_00:00:51))

01 I: die ERStE !schei!be von das gebackte brot?
 02 die spitz?
 03 F: die KASCHT.
 04 M: die KOSCHT.=
 05 F: =KOSCHT;
 06 KASCHT.
 07 I: KASCHT sahst !du!?!=
 08 M: =BROTKoscht.
 09 F: BROTKascht.
 10 I: aHA;
 11 hum: intresSANT.(.)
 12 unn, gibS NOCHN wott?
 13 F: KOSCHT; kascht; koscht.
 14 M: koscht; BROTKoscht.
 15 I: aHA;
 16 unn KESCHTche? (-)
 17 M: <<zweifelnd> é: das KESCHTche>.
 18 F: <<zweifelnd> É:>.
 19 I: KROSCHT?
 20 M: kroscht AUCh.
 21 I: ah KROSCHT dann;
 22 abe=so kurscht AUCh?
 23 F: NEE.
 24 I: KORSCHT?
 25 M: nee, DAS net.
 26 I: RAMpel?=
 27 M: =NEE.
 28 I: RAMfel?
 29 F: NEE.

Como revela o mapa A7.3, *Ko(r)scht* demonstra estar num estágio bastante avançado de integração ao repertório linguístico dos falantes boêmios. No que diz respeito ao ponto Bo07, já se observa o uso dessa variante como primeira resposta espontânea na GI, o que reforça a ideia de que o Hrs. adentra a comunidade através deste grupo. No ponto Bo06, ela já

está totalmente integrada e no ponto Bo04 em estágio avançado na Ca. Nesse ponto, a variante em coexistência é a [+st] *Krost(e)*, a qual já não integra mais o conhecimento ativo em Bo07 e Bo06, com exceção da CbGII neste último, como demonstra o mapa A7.2. Conforme discutido na seção de adoção de uma variedade [+st], este é um indício do processo de sobreposição do Hrs. à variedade [+st] dos boêmios.

No cruzamento de variantes, o mapa A7.5 revela a concentração do maior número de variantes na CbGII: *Ramfel*, *Krost(e)*, *Ko(r)scht* e *Ku(r)scht*.

3.3.11 Nhd. *Gurke(n)* ‘pepino(s)’

A variável *Gurke(n)* ‘pepino(s)’ foi analisada em suas variantes lexicais *Gummer*, *Gummre* [+dial] Hrs. apenas, já que as formas *Gurke* e *Gorke* já foram analisadas na perspectiva fonético-fonológica.

3.3.11.1 *Gummer*, *Gummre* [+dial] Hrs.

A variante [+dial] Hrs. *Gummer* apresenta variação na dimensão diatópica, na medida em que foi citada apenas nos pontos Bo04 e Bo06, relativo ao mapa A17.3. O ponto Bo04 é o que mais se destaca, visto que a variante surge ativa em três grupos. Apenas a CbGI a apresentou como conhecimento passivo, assim como em Bo06, onde a GI desconhece totalmente a variante, o que aponta para um início de perda. Em Bo07, a variante não integra o repertório de nenhum dos informantes, sinalizando para uma possível ausência dessa variante na localidade, mesmo em década passadas, já que nem a GII não criou relações do lexema com falantes de épocas passadas.

3.3.12 Nhd. *pflügen* ‘arar’

A variável *pflügen* ‘arar’ foi analisada em suas variantes lexicais *ackern*, *ackre* [+dial] Nordböh., *zackre(n)* [+dial] Hrs. e *fliegen* [+st].

3.3.12.1 *ackern, ackre*¹⁰⁰ [+dial] Nordböh.

Na CaGII de Bo06 observa-se uma competição entre a variante [+dial] Nordböh. *ackre* com uma variante [+dial] Hrs., no caso *zackre*, conforme excerto de entrevista a seguir.

((Clex <pflügen>_Bo06_CaGII_2018-06_00:01:03))

- 01 I: ebme etwas neues FLANze will,
02 muss me erst mit die OCHse?
- 03 F: ACKre.
- 04 M: ackre É;
05 oder ZACKre.
- 06 F: JA.
- 07 I: gibts NOCHN wott?
08 F: oder die ERD rom: (.)
09 wie hannse noch: ROMwelle;
10 M: die ERD romwelle.
11 F: JA.
12 (.)
- 13 I: kenntme auch sahn FLIEche?
14 F: FLUCH tamén é.
15 M: FLIECH aham.
16 I: PLIEche?
17 (.)
- 18 M: NAUN.
19 F: denk NET.
20 I: PLUche?
21 (--)
- 22 M: pode SÊ que dá pra usá tamém,
23 mas não é falado aQUI.
24 F: É.
- 25 I: unn FUHren?
26 M: ((verneint))
27 F: fuhren, (.)
28 FUHren ziehe das wär mehr schon wenn me !flan!ze will.
29 die erd IS schon romgewellt wor,=
30 M: =dann tutme FUHren ziehe.

¹⁰⁰ ThWb, Bd.1, p.99: *ackern*.

- 31 F: é; fuhre ziehe fo die RIChtung honn.
 32 M: (stimmt zu)
 33 F: ungeFÄHR.
 34 I: fo wisse WO flanze.
 35 M: É.

As variantes *ackern* ou *ackre* são principalmente desconhecidas pelos informantes boêmios, pois estão ausentes do repertório de Bo07 e de Bo04, com exceção de um grupo, de acordo com o mapa A3.1. Somente em Bo06, essas variantes foram obtidas ainda como respostas espontâneas na CaGII e na CbGI e passivas nos outros dois grupos.

No mapa A3.5, é possível observar o cruzamento das variantes [+dial] Nordböh. *ackre*, [+dial] Hrs. *zackre*, [+st] *flieche* e *plieche*. A presença simultânea das variantes se destaca em três grupos da GII e no ponto Bo06. Em Bo04 se sobressaem as variantes *zackre* e *flieche*, sendo *ackre* apenas citado na CbGII desse ponto. A variante [+st] *ackre* resiste sobretudo em Bo06, pois nos demais pontos já foi sobreposta pelas outras duas variantes.

3.3.12.2 *zackre(n)* [+dial] Hrs.

A variante [+dial] Hrs. *zackre* foi apontada no ponto Bo04 como primeira resposta espontânea, ao lado de *Fuhre ziehe*, caracterizando, portanto, o conhecimento ativo dos falantes. Já a variante *flieche* não foi aceita em sua forma de verbo, sendo, porém, associada com o equipamento usado para arar, *Fliech* ou *Fluch* (f: *Ich hol mein Fluch unn geh zackre*). Na terceira fase, também foram negados *plieche* e *pluche*, sendo este último associado a uma outra pronúncia do nome da ferramenta: *Pluch*, o que porém não caracteriza o ponto Bo06, onde a variante *plieche* foi reconhecida com o mesmo significado de *zackre*, conforme mapa A3.4. Em contrapartida, a variante [+st] *ackre* foi aceita, embora os falantes já não tivessem total certeza do seu conteúdo semântico, o que mesmo assim permite que seja considerada conhecimento ainda que passivo. Esta variante foi vinculada sobretudo à variedade falada no passado (m: *Ich gehe ackern, frihers hat me so das Deutsch gesprochen, ich kann mich denke*). Este é um indício de perda da variante [+st] e sobreposição da variante [+dial] Hrs., nesse ponto.

((Clex <pflügen>_Bo04_CbGII_2017-08_00:01:16))

- 01 I: unn ebme etwas neues !flan!ze will, mussme erst mit die OCHse?

02 M: [ZACKre].
 F: [ZACKre].
 03 M: oder FUHre ziehe.
 04 I: kamme noch ANnerste sahn, fo !zack!re?
 05 (-)
 06 F: ich: (.) wisstmo NOR fo zackre.
 07 M: zackre unn FUHre ziehe.
 08 I: äh FLIEche?
 09 M: [fliech ist das:]
 F: [fliech is das F]LUCH:=
 wome mit ZACKre tut.
 FLUCH.
 M: der equipaMENTo que se usa fo mit !zack!re.
 10 I: abe me saht NET ich tue jetzt !flie!che?
 11 F: [NAUN] naun.
 12 M: [NAUN].
 13 F: ich hol mein FLUCH unn [geh !zack!re].
 M: [geh !zack!re].
 14 I: unn PLIEche?
 15 M: auch NET.
 16 I: NET.
 17 ore PLUche?
 18 M: ein PLUCH;
 19 tu usa o PLUCH fo !zack!re.
 20 F: ja, das is die ferraMENTa.
 21 I: dann die ferraMENTa;
 22 F: JA.
 23 I: FUHre haste gesaht;
 24 unn ACKre?
 (.)
 25 M: ackre noch NIE gehert;
 26 ma deve ser ZACKre=so.
 27 ich gehe ackern.
 28 !fri!hers hatme soetwas das deutsch geSPROCH;
 29 kamme sich das DENke.
 30 alquem ja faLOU.
 31 ich GEHmo ackre.
 32 mas pode se que:=
 33 F: =kann SINN=

- 34 M: [=das is net richtig AUSgesproch.]
 F: [hannse das gesaht fo PUTze velle]icht;
 35 gehmo HACK ackre.
 36 im (NEUbrand) hats geheisst immer; hacke.

3.3.12.3 *fliegen* [+st]

Já no ponto Bo07 a variante *zackre* foi apontada apenas na terceira fase, sendo aceita, porém com conteúdo semântico levemente distinto, como indicam os comentários entre a linha 13 e 18, o que, apesar disso, a configura como conhecimento passivo no repertório dos informantes. Os comentários metalinguísticos na sequência, da linha 22 à linha 25, revelam que se trata de uma variante sobretudo vinculada ao passado, por se tratar de uma forma de lidar com a terra comum no passado, a partir do uso de um equipamento mais rudimentar, denominado de *Flug*, o qual apenas revirava a terra. Possivelmente, hoje a atividade é executada com tratores, como bem mostram as fotos feitas na propriedade dos informantes. Estas indicam, bem nos fundos da propriedade, a casa antiga onde os informantes viveram sua infância, ao lado de um poço de água tradicional, uma estrebaria com carroça e um arado, e dentro da casa diversas celas de cavalo amontoadas num dos quartos. Na parte de frente da propriedade, vê-se a casa nova, a garagem, os fornos para a secagem do fumo e os equipamentos que são anexados aos tratores para lidar com a terra, preparando-a para o plantio.

A variante *zackre* já virou variante-lembrança, vinculada a um modo antigo de lidar com a terra, já que antigamente não existia a ferramenta que existe hoje, o *Wendflug*, e também a famílias específicas da localidade. A variante que se sobressaiu como conhecimento ativo foi *fliegen*, que caracteriza o modo moderno de preparar a terra. Há, portanto, um indício da sobreposição da variante [+st] sobre a variante [+dial] Hrs em Bo07, conforme comprova o mapa A3.2.

((Clex <pflügen>_Bo07_CbGII_2018-01_02:03))

- 01 I: unn ebme etwas !flan!ze will, mussme erst mit die OCHse?
 02 F: FLIEgen.
 03 I: ta;;
 04 SAHST du das auch so?

05 F: ode erst noch ECHen,
 06 mit die ECH. ((lacht))
 07 I: aHA, [fliegen]
 08 M: [FLIEgen].
 09 I: FLIEgen;
 10 kamme noch ANNerste drike sahn?
 11 M: NAUN;
 12 ich denke NICH=né?
 13 wisst NICHT.
 14 M: wir hamm nich annerste geHERT.
 15 I: ta;; ZACKre?
 16 (.)
 17 M: ah: DAS hats viel gegeben.
 18 mitn ZACKrer.
 19 aber ich kann mich [NICH denke].
 F: [((lacht))]
 20 zackrer is der fluch. ((lachen))
 21 I: ZACKre.
 22 ich muss noch ZACKre.
 23 M: ich muss noch ZACKre;
 24 aber WIE das richtig funktio!niert! hat, naun sei.
 25 geHERT habich von;
 26 ZACKre.
 27 F: ZACKren.
 28 geHERT habich auch von=
 29 M: =ich glaube das hat nicht geDECKT, so ge!fliegt!.
 30 das hat nur uff, geWIELT das fluch.
 31 F: so Umgearbeitet;
 32 aber nich ONDlich nicht,
 33 so: DURCHgewielt.
 34 I: AH: tá.
 35 F: DURCHgewielt.
 36 M: das war ZACKre.
 37 I: HIERrom hannse dann:=
 38 F: HIERrom hammse das nicht gemacht.
 39 I: WO hast du das dann !her!?
 40 M: oja=das hat die FRAU von ((lacht))
 41 frihers von die BROUnes do oben.
 42 F: ah das WEDD wohl.
 43 aber ICH hann auch=

44 M: =friher da hats jo kein WENDflug gegeben.
 45 F: unn der heinrich hat AUCH mal gefragt,
 46 kennt ihr dann auch noch ZACKre?
 47 ja=wir wussten doch GAR nicht was das !is!
 48 ((lachen))
 49 I: demNACH wases is-
 50 F: WUSST nicht was wär;
 51 wusst nicht ANTwote.
 52 I: fliegen kamme auch sahn FLIEche?
 53 F: FLIEgen; jo.
 54 M: FLIEgen.
 55 F: wir sahn ja immer FLIEchen gehen.
 56 I: unn PLIEche?
 57 M: NAUN.
 58 I: PLUche?
 59 M: AUCH nicht.
 60 I: FUHre?
 61 M: oja=FUHre,
 62 mach mal die fuhr UCH. ((lacht))
 63 F: FUHren ja.
 64 M: ein fuhr UCHmachen;
 65 n fuhr UCHmachen=
 66 I: =ein REIH, verga?
 67 M: ja ein REIH;
 68 n fuhr UCHmachen.

Conforme mapa A3.3, as entrevistas nos pontos Bo04 e Bo07 apontam para uma variação na dimensão diatópica e para processos de mudança distintos na diacronia, na medida em que no primeiro ponto caracteriza uma variante ativa e no segundo uma variante-lembrança. A variante *zackre* se sobressai no ponto Bo04 como primeira resposta em todos os grupos, assim como na GII de Bo06. Na GI de Bo06 essa variante se mostra menos intensa, sendo somente segunda resposta e sugestão aceita, o que pode ser um indício de que a variante esteja entrando em processo de perda na dimensão diageracional. Também em Bo07 esta variante demonstra estar se perdendo, porém num estágio ainda mais avançado que em Bo06, já que principalmente a GI já não reconhece a variante. No cruzamento de variantes, seguindo o mapa A3.5, Bo07 demonstra um repertório reduzido, com o império de fliegen,

em contraste com Bo06 e Bo04, em que até quatro variantes foram citadas: *ackre*, *zackre*, *flieche(n)* e *plieche*.

3.3.13 Nhd. *Mais* ‘milho’

A variável *Mais* ‘milho’ foi observada em suas realizações como *Mais* [+st], *Mülgen* [+lus-dial] *Westf.* e *Milje* [+lus-dial] Hrs..

3.3.13.1 *Mais* [+st]

Na entrevista a seguir com a CaGII de Bo07, observa-se uma variação de *Mais* na dimensão diassexual, visto que a variante *Mais* foi obtida como primeira resposta somente pelo informante masculino, em contraposição a *Milje*, única variante conhecida pela informante feminina (linha 03). O informante masculino dispõe das duas variantes e atribui uma explicação (linha 05), segundo a qual já teria existido essa variação na fala dos pais. Esse já é um indício da competição entre a variante [+st] e a variante [+lus] germanizada. Neste caso, o contato do informante com alemães pode ter contribuído para a manutenção da variante [+st] em seu repertório.

((Clex <*Mais*>_Bo07_CaGII_2018-01_00:00:52))

01 I: unn wie heisst DAS was viele baure !FLAN!ze unn das vIeh ode
die hinkle mit fittre?
02 hat son KOLbe;
03 M: MAIS.
04 I: aham. Wie sahst DU?
05 F: ich täts kenne fo MILje=ne;
06 I: MILje ore mais=ne,
07 gibbs NOCHN wott?
08 M: (ich verTUNS immer).
09 ja: wir sprechen (.) ich hab das zu hause gelernt,
10 meine mein vater hat gesacht es tät MILje heisse.
11 meine mutter hat gesacht es heisst MAIS.
12 I: ah !die! hann schon n [UNNERSchied]
M: [unn dann hab] (.)
I: gehabt.

13 unn dann hab ich die ZWEI::
 14 I: die ZWEI weter kennstde=so.
 15 unn=äh MÜLgen?
 16 is DAS bekannt?
 17 F: NEE.
 18 M: in !deutsch!land sprechense alle MAIS.
 19 MAIS flanze.

De acordo com o mapa A19.1, a variante [+st] *Mais* caracteriza sobretudo conhecimento ativo nos três pontos de pesquisa, obtida como segunda resposta espontânea em 7 grupos e primeira resposta em 3 grupos, sendo Bo07 o ponto onde a variante resiste mais. Porém, já é observável um processo de perda da variante na dimensão diageracional, visto que um grupo da GI de cada ponto somente dispõe de conhecimento passivo da variante.

3.3.13.2 *Mülgen* [+lus-dial] *Westf.*

Mülgen está presente unicamente no ponto Bo04, onde o contato com o *Westf.* é mais intenso, como indica o mapa A19.2. Apenas no grupo CbGI é que a variante caracteriza conhecimento ativo. Na GII foi obtida somente de forma receptiva. E, na CaGI já se percebe a ausência dessa variante no repertório, o que permite dizer que a variante *Westf.* está em processo de substituição pela variante *Hrs.*

3.3.13.3 *Milje* [+lus-dial] *Hrs.*

No ponto Bo06, a CaGII citou como respostas espontâneas na primeira fase a variante [+st] *Kolbe*, que indica a espiga, e a variante [+lus] germanizada *Milje* para se referir a milho. Já a forma composta *Miljekolbe* especifica que se trata de uma espiga de milho. A resposta obtida na fase de insistência foi a variante [+st] *Mais*, que foi apontada como rara na localidade. Isso é mais um indício de que as variantes [+st] estão em processo de perda a favor das variantes [+lusas] adquiridas do contato linguístico com o *Hrs.*, já que *Milje* é uma variante de empréstimo de segunda mão pelo *Hrs.* A variante [+lus] vestfaliana não compõe o repertório desses informantes, já que foi até associada com o verbo *melken* (pt. *ordenhar*).

((Clex <Mais>_Bo06_CaGII_2018-06_00:00:44))

01 I: unn was viele baure FLANze, das vIeh, die hinkle mit fitre?
 02 F: KOLbe.
 03 wie HEISST das?
 04 M: MILje.
 05 F: die MILje.
 06 M: MILjekolbe, und- (.)
 07 I: gibbs NOCHN wott?
 08 F: hamme AUCH schonmo gehert die !MAIS!; (.)
 09 MAIS;
 10 MAISkolbe. (.)
 11 aber: !NET! so viel, WEnich.
 12 I: unn MÜLgen?
 13 is DAS bekannt das wott?
 14 M: MÜLgen não é tirá !LEI!te?
 15 F: !É!, tamBÉM me remeteu a::-
 16 M: MILge.
 17 F: !MEL!ge, É.
 18 I: hum:, aber fo MILje net?
 19 F: NEIN.
 20 M: ((verneint))

Milje é uma variante lusa germanizada ativa no repertório linguístico dos falantes boêmios e transregional, sendo obtida entre as primeiras respostas espontâneas, como mosra o mapa A19.3. Não há comentários metalinguísticos indicando a percepção dos falantes sobre a variante como proveniente do português, o que mostra que se trata de uma variante já integrada ao alemão local. A presença ativa de *Milje* em Bo07 mostra a vitalidade dessa variante lusa germanizada em um território onde o contato com o Hrs. atualmente é restrito, embora este muito provavelmente fora mais comum no passado, como indicou a análise de variantes [+dial] Hrs. na seção anterior.

No cruzamento das variantes (cf. mapa A19.4), observa-se a competição entre a variante st. *Mais* e a variante lus. *Milje* nos três pontos, diferenciando-se Bo04 pela presença de uma terceira variante, a Westf. *Mülgen*.

3.3.14 Nhd. *Streichholz* ‘fósforo’

A variável *Streichholz* ‘fósforo’ foi descrita em suas realizações como *Streichhelzer* [+st], *Fixfeier / Fixfeuer* [+dial] Hrs. e *Fosfeier / Fosfeuer* [+lus] e *Fosfo, isquero* [+lus].

3.3.14.1 *Streichhelzer* [+st]

A variante [+st] *Streichhelzer* compõe o conhecimento ativo da CaGII de Bo07, visto que foi mencionada como primeira resposta espontânea. A variante é relacionada à fala do avô, como citado pelo informante masculino na linha 08, com quem teria aprendido o lexema. *Helzche* pode ser considerado o diminutivo (Nhd. *Hölzche*). Uma outra variante ativa refere-se à variante lusa *fósforo*, associada aos brasileiros não falantes de alemão, conforme linha 18. No alemão local, estaria ativa a variante lusa já germanizada: *Fosfo*. Fica visível, portanto, uma competição entre a variante [+st] e as variantes [+lusas], que nesse grupo ainda coexistem, mas nos demais grupos não, como revela o mapa em seguida. O excerto ainda revela que variantes husnriqueanas não integram o repertório dos informantes.

((Clex <*Streichholz*>_Bo07_CaGII_2018-01_00:01:49))

01 I: um das feuer ANzinde, brauchtmē?
 02 M: STREICHhelzer.
 03 I: JA?
 04 wie sahst DU?
 05 F: AUCH.
 06 I: gibbs NOCHN wott?
 07 M: is RICHTig !streich!helzer?
 08 I: es gibt kein RICHTig oder vorkehrt;
 09 ALLES is richtig.
 10 ((lachen))
 11 M: streichhelzer hat mein GROSSvater mich eingelernt;
 12 do wollt ich wissen, waRUM das?
 13 I: meinst du wenss eins: EIN is, oder wie?
 14 M: NEIN;
 15 ein STREICHhelzer.
 16 wars einer ich WEISS nich.
 17 er hat nur geSACH, die helzer is: äh:
 18 mussme STREIche das.

19 I: meinst du das HELZche;
 20 net die: caiXInha meinst du?
 21 M: das is eine SCHACHtel.
 22 I: ta.
 23 (-)
 24 F: BRINGmo die streichelzche her;
 25 womme FEUER mache.
 26 dann hatme die kleine SCHACHtel geholt,
 27 unn da waren denn die STREICHhelzche drin=ne;
 28 I: gibbs NOCHN wott dodefor?
 29 M: ich kennt KEIN and.
 30 F: NEIN.
 31 I: MANCHmo von brasilianisch, bissche adaptiert=so;;
 32 F: die brasilianer sachen FÓSforo=né.
 33 FOSfo;
 34 bring=mo der FOSfo her.
 35 aber das is dann: wie uf deutsch is STREICHhelzche.
 36 I: unn SCHONmo gehert !fix!feier?
 37 F: NEIN.
 38 I: FOSfeier?
 39 F: NEIN.
 40 M: daLI pra diante=
 41 I: =oder FOSfeuer?
 42 F: NEIN.
 43 I: FOSfa?
 44 F: FOSfa ate ja sim=né.
 45 I: unn FEIERzeich,
 46 oder FEUERzeuch?
 47 F: NEIN.
 48 ICH nicht.
 49 I: AUCH net?
 50 M: NEIN.

A variante lexical [+st] *Streichholz*, ou *Streichelzer*, como revelado pelo mapa A20.1, apresenta variação diatópica, na medida em que configura conhecimento ativo apenas na CaGII de Bo07 e conhecimento passivo em três grupos de Bo06 e em apenas um grupo de Bo04 e um de Bo07, sendo a perda maior nesses dois pontos. Além da diferença diatópica, observa-se que, na dimensão diageracional, a variante é em grande parte desconhecida pelos grupos da GI, pois a geração [+jovem] de Bo04 e Bo07 já não a identifica mais. Pode-se dizer

que *Streichholz* está em processo de perda avançado, já que até mesmo quatro grupos da GII somente dispõem da variante passivamente. Na dimensão diastrática, observa-se que a CaGII representa o grupo com maior índice de aparecimento da variante.

3.3.14.2 *Fixfeier / Fixfeuer* [+dial] Hrs. e *Fosfeier / Fosfeuer* [+lus]

A primeira variante citada foi [+lus], *Fosfo*, por ambos os informantes da CaGII de Bo04. Na segunda fase da entrevista foi obtido *Streichfeuer*, com o mesmo conteúdo de *Streichholz*, e *Fosfostrahl*, para se referir à fásca. Somente depois é obtida a variante *Fixfeier*, que, apesar de ter sido obtida apenas na terceira fase, pode ser considerada uma variante ativa, pois os informantes comemoraram a identificação da variante na entrevista, conforme linhas 23 e 24. *Fixfeier* foi associada pelos falantes com a variedade do Hrs.. Na sequência, a informante feminina reconhece a variante Hrs. *Feierzeich*, porém a relaciona, em um primeiro momento, à roupa de festa, pois manteve o significado [+st], e somente depois vincula *Feier* ao significado no Hrs., o que foi decisivo para que a identificasse como um item do fogo, conforme linha 32, porém, com incerteza.

((Clex <*Streichholz*>_Bo04_CaGII_2017-06_00:02:19))

01 I: um !FEU!er anzumache, was BRAUchtme?
 02 M: FOSfo.
 03 F: FOSfo ja.
 04 I: kamme das noch ANnerste sahn?
 05 F: das hatn NAME gehabt JO;;
 06 M: JO.
 07 die SAHN:,
 08 F: STREICH:-
 09 M: die ceLIta hat immer geSACHT;
 10 F: streich, STREICHfeuer. ((lacht))
 11 M: STREICHfeuer (.) ja.
 12 ((lachen))
 13 F: STREICHfeuer ((lacht));
 14 aHA.
 15 is mich KOMM.
 16 I: STREICHfeuer ah;;
 17 M: ja, STREICHfeuer.
 18 I: gibbs NOCH ein wott?

19 F: do war wohl NOCH:,
20 (--)
21 M: FOSfostrahl dann.
22 (--)
23 F: FOSfostrahl, ja. (.)
24 FOSfostrahl; (.)
25 war dann die faÍSca von der fosfo.
26 M: JA.
27 F: das war der FOSfostrahl.
28 pass !UFF! mit der FOSfostrahl.
29 fosfostrahl, wens dot ANwär.
30 aber SO wars dann:=
31 M: =FOSfo.
32 F: NAUN äh:,
33 pass uff mit der FOSfostrahl,
34 das is dann die fa!ÍS!ca (.) von das FEUer;
35 von der FOSfo her.
36 I: unn streich, STREICHfeuer?
37 F: das is der: (.) o risCÁ.
38 M: E.
39 I: STREIche?
40 F: ANstreiche.
41 an STREIche unn ANstreiche.
42 M: pass !UFF! net der fosfo ANstreiche.
43 I: hat ihr schon FIXfeier gehert?
44 F: ach Sicher!
45 M: jo, FIXfeier !JOU!;;
46 FIXfeuer.
47 F: FIXfeier, das is HUNSrick.
48 M: JA.
49 I: unn FOSfeier?
50 F: AUCH.
51 I: AUCH (.) hunsricker?
52 M: HUNSrick.
53 I: unn FEIERzeich?
54 (.)
55 F: feierzeich is ROUpa pra !FES!ta.
56 I: ah;; fo fosfo sahtme hertme das NET? (.)
57 FEIERzeich;
58 M: NAUN.

59 F: kennt=jo SINN.
 60 das is: (.) das isn item do FOgo; (.)
 61 ZEICH=né; (.)
 62 FEIERzeich.
 63 I: ah: TA. (.)
 64 unn STREICHholz?=
 65 F: =!ZEUCH!
 66 M: jo, das hamme HANNich schon gehert,
 67 aber tume sEhr wenig HIERrom.
 68 F: POUco.

A variante [+dial] Hrs. *Fixfeuer* foi apontada pela CaGII do ponto Bo06 como resposta espontânea, na segunda fase da entrevista. O informante masculino apresenta incerteza, num primeiro momento, citando uma outra variante semelhante foneticamente: *Rissfeuer*, a qual levou à identificação de *Fixfeuer* pela informante feminina, e em seguida houve a aceitação de *Fixfeier* por ambos os informantes. A CaGII de Bo06, conforme questionário sociolinguístico, foi um grupo que denominou a sua língua e a língua dos avós como *Deutsch*, e paralelamente é o grupo que mais apresentou variantes Hrs. tipo *Deutsch*, relacionando-as muitas vezes com a fala da localidade de Lajeado, onde essa variedade de fato é mais difundida. Esse pode ser um sinal de que o Hrs. adentra a localidade sobretudo pela Ca.

Já em Bo07 a variante *Fixfeuer* foi associada pela CbGII com o modo acelerado de acender o fogo e não com o objeto com o qual se acende, conforme linhas 8 a 11. As variantes ativas nesse grupo são as variantes [+lus] *Fósforos* e *Isqueere*, e como variante passiva *Fosfo*, o que aponta para uma sobreposição das variantes lusas sobre a variante [+st] *Streichholz*, presente apenas na forma de conhecimento passivo, visto que foi sugestão aceita. Já, em relação a *Feuerzeuch*, os falantes demonstraram incerteza quanto ao seu conteúdo semântico (l. 23) e sem expressar nenhuma referência a falantes de outras gerações por exemplo, o que pode ser um indício de ausência de contato com essa variante nesse ponto.

((Clex <Streichholz>_Bo07_CbGII_2018-01_00:02:00))

01 I: um das !FEUER! ANzinde, brauchtmé?
 02 F: FÓSforos. ((lacht)).
 03 I: kamme noch ANnerste sahn?
 04 F: mitn isQUEEre? ((lacht))

05 oder mit was NOCH?
06 (---)
07 I: hann eure Eltre oder GROßeltre ANnerste velleicht gesaht?
08 (--)
09 F: ((verneint))
10 M: wisst ich NICH.
11 FÓSfo.
12 I: FIXfeier?
13 F: FIXfeuer.
14 M: FIXfeuer, fix !FEUER! mache.
15 F: ((lacht))
16 I: aber !NET! fo de FOSfo?
17 F: NEIN.
18 I: mehr so: WIE me das mache soll.
19 F: ja, SCHNELL mache.
20 FIX das !FEUER! mache.
21 (.)
22 I: fosFEIER?
23 M/F: ((verneinen))
24 I: NET;
25 FOSfa?
26 F: fosfa JA.
27 I: FOSfo:?
28 M: FOSfo ja.
29 M: is das SELbiche.
30 ((unverständlich, 3 Sek.))
31 I: unn !FEIER!zeich, oder FEUERzeuch?
32 F: das habe ich NICHT gehert.
33 M: FEUERzang.
34 F: FEUERzeuch=guck;
35 FEUERzeuch;
36 das war !WO!me mit FEUER macht;
37 FEUERzeuch.
38 I: das feuerzeuch. (...)
39 I: unn das ANDre wome fo in offe=so nemmt, fo SAÜber mache;=
40 F: =der RUSS.
41 I: wie SAHT ihr dot?
42 F: der RUSS?
43 M: NEIN;
44 der OBENdribbe !REIN!mache.

45 F: fo REINmache?
 46 I: nee, der ANDre fo drin das !ASCH! wegmache.
 47 F: ach die ASCH wegmache;
 48 äh die FEUER[zang, FEUERhack].
 M: [zang, FEUERhack].
 49 F: ((lacht)) FEUERhack.
 50 <<:-)> die ZANG is fo die !KUHle petzen.> ((lacht))
 51 M: fo in BLETTTeisen tun.
 52 F: AH=ja;
 53 in unser Bletteisen tume doch auch. ((lacht))
 54 I: unn STREICHholz?
 55 F: STREICHholz;
 56 STREICHhelz.
 57 (.) is FOSfo.
 58 I: HERTme das hierrom?
 59 F: ja, streichhelz.
 60 M: ja, STREICHhelz, streichhelz.

Fixfeier, ou *Fixfeuer*, estão presentes sobretudo na forma de conhecimento passivo, na fala dos informantes dos pontos Bo04 e Bo06, mapa A20.2. Há, porém, apenas dois grupos da GII, no total, que apontaram pelo menos uma das variantes como resposta espontânea. Em Bo07, ambas as variantes foram negadas por todos os grupos, o que indica que talvez nunca tenham estado presentes na comunidade, já que a GII nem as aceitou na terceira fase. Por outro lado, também não significam inovação no repertório dos falantes, visto que a GI não as reconheceu. A variante que impera nos três pontos da pesquisa como resposta espontânea é uma variante lusa germanizada, como será visto na próxima seção.

Em relação ao mapa A20.3c, a variante [+lus] *Fosfeier*, ou *Fosfeuer*, caracteriza conhecimento passivo em Bo06, porém somente em dois grupos: CaGII e CbGI. Exatamente em cinco grupos, do total dos pontos, caracteriza apenas conhecimento passivo e, em outros cinco grupos, está ausente do repertório linguístico. Bo04 é o ponto que mais aceitou a variante na forma de sugestão. Já em Bo07, o que predomina é a negação da variante, embora a CaGI já a conheça.

3.3.14.3 *Fosfo, isquero* [+lus]

Fosfo foi citada pela CaGI no ponto Bo04 como primeira resposta espontânea, apresentando variação fonética como *Fosfa*, e variação lexical, podendo denominar a caixinha de fósforos como um todo ou a unidade palito de fósforo, conforme linha 22 a 24. Para a unidade também é apontada a variante *Helzche*, e para a caixinha *Helzchekaste*. Na terceira fase, a variante [+dial] Hrs., *Fixfeuer*, foi aceita pelo informante masculino, que a conhece devido ao contato linguístico com outro falante brasileiro relacionado à mobilidade do informante em determinada época à Alemanha. A linha 11 indica que o caráter topodinâmico dos falantes pode coloca-los em uma situação de contato linguístico até mesmo inédita em um território totalmente distinto daquele da origem de ambos. Nesse encontro com o outro, novas variantes podem ser aprendidas e incorporadas no repertório de ambas as partes. Já a variante [+lus], *Fosfeier*, foi reconhecida parcialmente e associada com o isqueiro, denominado especificamente por esse informante de *Plásticofosfo*. As variantes [+dial] *Feuerzeuch* e *Feierzeich* e a variante [+st] *Streichholz* não foram reconhecidas. As respostas mostram que as variantes [+lus] já se sobrepuseram às variantes [+dial] e [+st].

((Clex <Streichholz>_Bo04_CaGI_2017-10_00:01:38))

01 I: um das FEUER anzünde, anzinde, was brAUchtme?
 02 (.)
 03 M: FOSfo.
 04 F: FOSfo?
 05 JA.
 06 I: gibts NOCHN wott?
 07 M: FOSfa.
 08 F: JA.
 09 M: hab ich SCHON mo gehert.
 10 F: ich[AU]ch.
 M: [FOS]fa.
 11 (...)
 12 I: hat ihr AUCH schonmo gehert !FIX!feier?
 13 M: !HIER! net, aber dotDRAUSse habe ich schon mo gehert.
 14 hier aber NET.
 15 I: WO drausse?
 16 M: <<ganz leise> wie ich in DEUTSCHland war.>
 17 ah, in !DEUTSCH!land haste das SCHONmo gehert?
 18 M: FIXfeuer;
 19 aber das hatn brasiliANer gesaht.

20 also das war dann schon velleicht von HIER
nach !DOT! hinkomm.

21 NET von hier.

22 ein brasilianer hat das moDOT schon gesaht.
23 aber HIERum hann ich das noch !NIE! gehert.

24 I: ah: TA.
25 der WAR von hier?

26 M: WAR von hier.

27 I: hum; unn (.) schon mo gehert (.) FOSfeier?
28 F: FOSfeier?
29 (.)

30 M: talVEZ, aber so:=
31 =FOSfo.

32 I: net beKANNT?

33 M: o CLAssico fosfo.

34 F: É.

35 I: unn FEIERzeich?

36 M: NAUN.

37 I: oder FEUERzeug?

38 M: NAUN.

39 I: noch NIE.
40 STREICHholz?

41 F: faz sentido=né?

42 M: naun.

43 I: wie tät ihr sahn fo die (.) fo jedes (.),
44 fosfo is ALles=ne?

45 M: naun; ich tät FOSfo sahn fo !EIN!.
46 fo alles EIne.
47 fo der kaste !VOLL!, DAS wär fOsfo.

48 F: FOSfo.

49 M: ob das helzche EINS oder alles, DAS wär fOsfo.

50 M: ah, !HELZ!che saht du fo EINS?

51 M: ja, fo EINS;
52 FOSfohelzche wens !EI!ne is.
53 unn FOSfo wens der !KAS!te is.

Fosfo foi citado como resposta espontânea, segundo o mapa A20.3a, em todos os grupos dos pontos Bo04 e Bo07, ao passo que em Bo06 aparece apenas na GII como conhecimento ativo. A GI deste aponta para um início de processo de perda dessa variante no

repertório dos falantes boêmios, visto que na CaGI configura conhecimento passivo e na CbGI sequer está presente. Nesses dois grupos, o que se sobressaiu como resposta espontânea foi uma outra variante [+lus] *isqueero*, como veremos na sequência.

((Clex <Streichholz>_Bo06_CbGI_2018-07_00:00:38))

01 I: fo das FEUER Anzinde, Anmache, was brauchtme?
 02 F: isQUEero?
 03 M: FOSfeier.
 04 F: isquEro, FOSfeier.
 05 I: ja; FOSfeier, kamme das noch Annerste sahn?
 06 (--)
 07 F: ne; (-)
 08 ich denke NET.
 09 M: é, FOSfeier.
 10 F: FOSfeier.
 11 (.)
 12 I: unn FIXfeier?
 13 F: NEE.
 14 M: NEE.
 15 I: FOSfe?
 16 F: NEE.
 17 I: ode FOSfo?
 18 ((verneinen))
 19 I: FEUERzeich oder FEUERzeuch?
 20 (.)
 21 F: NEE.
 22 I: STREICHholz?
 23 F: ((lacht))
 24 NEE.

Na Ca de Bo07 e Bo04, a variante *isqueero* foi citada apenas na terceira fase, o que de todo modo aponta para a entrada dessa variante em ambas as localidades por meio da Cb. Como primeira variante, a Ca desses dois pontos havia adotado *Fosfo*, conforme já discutido na seção anterior.

((Clex <Streichholz>_Bo06_CaGI_2018-06_00:01:28))

01 I: fo das FEUER Anmache, brauchtme?

02 F: <<ganz leise> FOSforo>.
03 I: WIE haste gesaht?
04 F: é FÓSforo; mas não sEi.
05 M: FEUER;
06 wemme feuer Anmache, mumme der- (---)
07 FEUERhelzche não ne?
08 FEUERhelzche.
09 (---)
10 F2: <<die Großmutter wird unruhig und mischt sich rein>isQUERO
kamme !AUCH! hole>.
11 I: Ja:.
12 M: aleMÃO sinn;
13 I: ja=von brasiLIANisch kennt ihr auch sahn.
14 M: SIM.
15 F2: FOSfe.
16 (---)
17 I: fOsfo, ist das beKANNT fo euch, fOsfo?
18 M: fOsfo, JO:.
19 I: unn FOSfeier?
20 F: fosFEIER?
21 ((verneint))
22 I: unn FIXfeier?
23 M: ((verneint))
24 F: FIXfeier eu já escu!TEI!.
25 I: é?
26 unn FEIERzeich, (.)
27 oder FEUERzeuch?
28 F: NAUN.
29 I: STREICHholz?
30 M: STREICHholz kennt- (.) kennt SINN.
31 I: velleicht SCHON.

O isqueiro, como um produto já mais moderno para acender o fogo, apresenta-se, segundo o mapa A20.3b, como conhecimento ativo sobretudo nos quatro grupos do ponto Bo06 e nos grupos da Cb nos três pontos de pesquisa, na forma de *isqueiro*.

O cruzamento de variantes, conforme mapa A20.4, revela a presença de até quatro variantes, *Streichholz*, *Fixfeier*, *Fosfo* e *Isquero*, sobretudo na GII e indícios da sobreposição destas duas últimas variantes na GI de Agudo.

3.3.15 Nhd. *parfümierte Seife* ‘sabonete’

A variável *parfümierte Seife* ‘sabonete’ foi descrita em suas realizações como *Roucksäife* [+dial] Westf., (*Riech*)*seif* / (*Riech*)*seef* [+dial] Hrs. e *Sabonet* [+lus].

3.3.15.1 *Roucksäife* [+dial] Westf.

A variante [+dial] Westf. *Roucksäife* foi obtida na segunda fase da entrevista, como conhecimento ativo, porém somente na CbGI do ponto Bo04. As primeiras respostas foram uma variante [+lus] *sabonete*, e uma variante [+st] *Seif*, seguida de *Riechseif*, como sugestão aceita. Em contrapartida *Riechseef* e *Seef* não foram reconhecidas pelos falantes. Como a variante não foi sugerida nas outras localidades, somente é possível dizer que de fato não integra o conhecimento ativo dos falantes de Bo07 e Bo06. Variedades do Westf. são mais difundidas em Bo04, pois a região recebeu uma migração de vestfalianos, enquanto que os outros pontos não. Como revela o diálogo abaixo, o repertório dos boêmios nesse ponto é composto por conhecimento ativo e passivo também de variantes vestfalianas, além das do Hrs. e daquelas variantes originais da Boêmia. Isso configura o repertório dos boêmios de Bo04 como o mais diversificado, podendo ser encontradas até 8 a 10 variantes para uma variável. No outro extremo, encontra-se Bo07, onde o repertório é muito mais restrito, muitas vezes com duas variantes para a mesma variável. Também em Bo06, o repertório se mostra bastante diversificado sobretudo na GII.

((Clex <*parfümierte Seife*>_Bo04_CbGI_2017-08_00:00:51))

01 I: unn was benutztme fo sich=so WASche, fo sich bAde?
 02 M: WASser.
 03 F: WASser.
 04 I: das is so perfuMIERT.
 05 F: saboNEte?
 06 M: SEIF.
 07 F: SEIF.
 08 I: ja, gibns nochnn ANdes wott dodefor?
 09 (---)
 10 M: ROUCKsäife.

11 I: uff PLATT sahst du das so?
 12 M: ja, ROUCKsäife.
 13 I: gibts NOCHN wott?
 14 M: naun: (.) wo ich mich dEnke, NET.
 15 I: hat ihr schon gehert RIECHseif?
 16 F: jo, hab ich SCHON gehert.
 17 I: sahtme das AUCH?
 18 ((stimmen zu))
 19 I: unn RIECHseef?
 20 (-)
 21 M: SEEF kann ich nEt denke.
 22 F: NEE.
 23 I: aber saboNET (.) dann doch?
 24 M: jo, das JA.

Apesar de a variante *Roucksäife* não ter sido prevista no questionário, conforme revela o mapa A8.3 em anexo, pode-se dizer que não configura conhecimento ativo em Bo06 e Bo07.

3.3.15.2 (*Riech*)seif/ (*Riech*)seef [+dial] Hrs.

A variante [+dial] Hrs. *Seef* foi constatada somente na terceira fase da entrevista, como sugestão aceita, como aponta o diálogo com a CbGII do ponto Bo04. Caracteriza, portanto, o conhecimento passivo nesse grupo. Como conhecimento ativo obteve-se a variante [+lus] *Sabonet* e as variantes [+dial] Hrs. tipo *Deutsch Riechseif* e *Seif*. Já *Riechseef* não foi reconhecida, somente *Seef*. Esta denominando não somente o sabão neutro, normalmente usado para banho no passado, como também o sabonete perfumado, mais comum atualmente, conforme apontado nas linhas 23 e 25.

((Clex <parfümierte Seife>_Bo04_CbGII_2017-08_00:01:07))

01 I: unn was benutztme wemme sich BAde tut?
 02 was so perfuMIERT is?
 03 F: saboNET.
 04 [RIECHseif].
 M: [RIECHseif].
 05 I: wie sahst DU?

06 M: RIECHseif.
 07 I: Ore saboNET dann?
 08 M: JA.
 09 I: gibbs NOCHN wott, dodefor?
 10 M: SEIF, seif.
 11 RIECHseif;
 12 nor SEIF.
 13 F: ja, RIECHseif unn seif.
 14 I: kamme seif noch !AN!nerste AUSspreche?
 15 (--)
 16 M: ja:, das wisst ich NET.
 17 I: hate SCHONmo gehert=so?
 18 F: ((verneint))
 19 I: hat ihr schonmo RIECH!SEEF! gehert?
 20 M: NAUN, ach: net.
 21 I: ode SEEF?
 22 F: seef hann ich mo [SCHON gehert].
 M: [mo SCHON geh]ert.
 23 F: JA.
 24 F2: stick SEEF.
 25 !NÓS! aqui não faLAmo, mas:=
 26 F: =ja, MIR net.
 27 I: aber SCHON gehert.
 28 aber wär das die perfuMIerte seif, !RIECH!seif;
 29 NET die and?
 30 M: ja, RIECHseif.
 31 I: die and, die wome so fo wasche hat, wie heisst DIE dann?
 32 F2: ja, DIE auch.
 33 F: is AUCH seif.
 34 I: kamme AUCH sahn?
 35 F: ja ja.

A variante [+dial] Hrs. *Seef*, em sua maioria, não caracteriza o repertório linguístico dos boêmios das localidades pesquisadas, como se pode verificar no mapa A8.2b. Em Bo07, *Seef* foi refutada pelos falantes. Em Bo04, a variante caracteriza o conhecimento passivo de três grupos de informantes, e em Bo06 de apenas um grupo, o que pode ser um sinal da entrada dessa variante em ambas as localidades, com mais intensidade na Cb e no ponto Bo04. Pois, dos quatro grupos constatados, três são da classe sociocultural baixa. Na CbGII

de Bo06 foi despertada a forma de relicto [+dial] Nordböh. (*Riech*)*säife* (cf. mapa A8.1) no momento da sugestão de *Seef*, cuja proximidade fonética de *Seef* e *Sejfe* pode ter ocasionado o aparecimento desta na entrevista. Esta forma de relicto aponta para a manutenção de -e final.

A forma do alemão que se sobressai nos três pontos de pesquisa é (*Riech*)*seif* (cf. mapa A8.2a), a qual compete com a forma lusa *Sabonet*, como veremos a seguir.

3.3.15.3 *Sabonet* [+lus]

A variante [+lus] *Sabonet* foi apontada já na primeira fase da entrevista, como segunda resposta espontânea, ao lado da variante [+st] *Seif*. Este pode ser o indício da competição entre ambas as variantes, a do alemão e a do português. A linha 11 indica que *Sabonet* foi um produto que surgiu mais tarde, visto que antes, ao menos na zona rural, os sabões eram sobretudo neutros, produzidos em casa com soda, e que o termo *Sabonet* é, por isso, mais recente, já empréstimo do português, como apontado na linha 19. A fase de insistência permitiu que a informante lembrasse de uma variante para se referir a perfume, no caso *Riechwasser*, a qual levou à conexão com a variante *Riechseif*, para denominar sabonete, conforme linha 18. O tempo que os informantes levaram para se lembrarem do lexema em alemão, *Riechseif*, pode ser um sinal de que esta variante já está se tornando lembrança, ao menos nesse ponto, tendo sido sobreposta pela variante lusa *Sabonet*. Esta, em um primeiro momento, sequer é distinguida do português pelos falantes, o que mostra o grau de integração dessa variante no alemão local. Já a variante [+dial] Hrs.a foi aceita na terceira fase e associada com os falantes de Hrs. da comunidade, conforme linha 32, configurando, portanto, conhecimento passivo. Esta, diferente da variante lusa, está associada a uma percepção clara de sua distinção com outras variedades, o que é um sinal de que ainda está num estágio anterior de integração no alemão dos falantes boêmios.

((Clex <parfümierte Seife>_Bo04_CaGII_2017-06_00:01:49))

01 I: unn was benUtzte wemme sich BAde tut?
 02 fo sich ABwasche.
 03 F: SEIF.=
 04 M: =SEIF.
 05 I: ah, unn das is so perfuMIERT.
 06 F: saboNET.

07 I: saht ihr SEIF, sabonEt,
08 F: saboNET.
09 I: saboNET dann?
10 F: JA.
11 M: saboNET ja.
12 I: gibS NOCH ein wott?
13 ich glaub SEIF, wie ihr gesaht hat, tät me Auch sahn.
14 F: SEIF,
15 I: HOLmo die sEIf dot.
16 F: ja, HOLmo die sEIf.
17 I: HOLmo n neu sEIf.
18 F: ja, der sabonet war noHER dann surgIert;
19 wo noher KOMM is=so, perfumAdo=né.
20 RIECHwasser.
21 M: JA.
22 ((lachen))
23 I: riechWASser?
24 F: RIECHwasser is perfUme.
25 M: ja, RIECHwasser.
26 I: ah: ((lachen)).ICH hann immer perfUme gesaht.
27 M: NAUN.
28 (.)
29 F: RIECHwasser is perfUme. ((lacht))
30 F: !RIECH!seif.
31 !RIECH!seif is DER fo sich bAde.
32 M: ja.
33 !DO!dorch wollte ich grAd SAHN,
34 der sabonEte is wasme uns BEIgeholt hann;
35 porque äh: is brasiLIAnisch schon.
36 aber der:=
37 F: sabonEt tät net GILle.
38 M: das wär=
39 F: =RIECHseif.
40 M: RIECHseif.
41 F: ich habs net geFUNN.
42 jEtz mit dem RIECHwasser ises !KOMM!.
43 M: riechWASser unn riechSEIF.
44 ((lachen))
45 F: grad so.
46 I: unn KENNT ihr Auch (.) riechSEEF?

47 (-)
 48 F: <<zweifelnd> nAun>.
 49 I: noch NIE gehErt?
 50 riechSEEF
 51 F: dAs is HUNsrick.
 52 M: das is HUNsrick.
 53 I: aber SCHON gehert dann?
 54 F: ja:, die SPREchen das.=
 55 M: [die SAHN das.]
 F: [die hUnsricke] SAHN das.
 56 M: was mir riechSEIF sahn, tun die riechSEEF.
 57 M: porque wie mIr SEIF sahn,
 58 tun die hUnsricke unser hier die tun SEEF sahn.

O mapa A8.4 revela que *Sabonet* integra o conhecimento ativo de todos os grupos do ponto Bo04, ao passo que em Bo06 e na Cb de Bo07 configura somente conhecimento passivo. As variantes que se sobressaem nesses dois pontos são da variedade [+st] do alemão, *Seif* e *Riechseif*. Apesar de na Ca de Bo07, a variante sequer ter sido aceita, é provável que em breve já integre também o repertório desses informantes, pois observa-se a entrada de *Sabonet* pela Cb. O contato com aula de alemão e viagens à Alemanha pode ter contribuído para o distanciamento da Ca dessa variante lusa germanizada. Mas, é importante cogitar a ideia de que uma consciência maior sobre os empréstimos do português por parte da Ca possa ter contribuído para que os falantes refutassem a variante na entrevista. O contato mais intenso com o Hrs. em Bo04 pode ser um indício de que essa variante entrou como empréstimo de segunda mão.

No cruzamento de variantes, o mapa A8.5 aponta para Bo04 como o ponto e o grupo Cb de forma geral com maior a concentração de variantes.

SÍNTESE DAS TENDÊNCIAS OBSERVADAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fala dos informantes boêmios sobrevivem variantes [+dial] relacionadas a variedades da matriz de origem boêmia de base turíngia, bávara e silésia. Por meio da técnica dos três tempos, puderam ser resgatadas uma série de variantes lexicais e fonéticas [+dial] Nordböh., que foram constatadas em dicionários e atlas da matriz de origem. Na análise e caracterização das variantes [+dial] Nordböh., pode-se compreender que elas ocupam uma posição específica no conhecimento ativo e passivo dos falantes. As variantes [+dial] são acessadas por caminhos distintos, por vezes caracterizando-se como lembranças de pessoas, fatos e locais do passado, noutras vezes por conexão com falantes e fatos recentes na comunidade, e também por associação com localidades próximas.

Todas as variantes identificadas com maior ou menor grau de uso são relictos do alemão falado na matriz de origem, com base em variedades turíngias, saxãs, bávaras e silésias, que se manifestam de diferentes formas no repertório dos falantes entrevistados. A mesma variante pode caracterizar-se como lembrança em um ponto e como variante integrada em outro. E, a mesma variante pode ainda estar integrada na GII e já estar se tornando lembrança para a GI. A manutenção de elementos originais, sobretudo no ponto Bo06, na forma de relictos, pode estar relacionada à duração da diglossia original, que foi mais longa em Bo06, em parte devido às inúmeras associações culturais e esportivas, que atribuíam funções à variedade, e também devido à presença de boêmios reunidos no mesmo espaço físico-geográfico. Em Bo07, o número de associações foi menos expressivo e a vinda de pastores, médicos e professores da Alemanha mais intensa do que em Bo06. Em Bo04, a presença dos boêmios não se manteve concentrada no mesmo espaço físico-geográfico, mas, sim, espalhada por todo o território, e as associações foram menos numerosas.

Os reflexos do raro contato com o alemão padrão são revelados pelas entrevistas desta pesquisa, na medida em que não foram registradas, em grande escala, variantes que atestassem o ressurgimento de variantes antigas [+st] já esquecidas e nem o aparecimento de variantes [+st] novas por meio do contato linguístico ou do ensino de alemão. Apenas constataram-se alguns casos isolados, como a variante *Pommes frites* (pt. batata frita), citada pelo informante masculino da CaGII de Bo07, e a variante *Waage* (pt. balança), citada pelo informante masculino da CaGI de Bo04.

No contato com o *Hunsrückisch* tipo *Deutsch*, com o *Westfälisch* e, em menor grau, o *Sächsisch*, a variedade [+st] original passa a incorporar elementos linguísticos dessas variedades. Um nivelamento linguístico com o *Hunsrückisch* entra em processo e é mais intenso com esta variedade do que com outras nos pontos em que esse contato é maior, como Bo04 e Bo06, devido a uma concentração maior de hunsriqueanos, casamentos interétnicos, mobilidade diária a localidades vizinhas, como Lajeado e Arroio do Meio, onde o *Hunsrückisch* se sobressai. O mesmo ocorre no contato com o *Westfälisch* em Bo04. Onde o contato com o *Hunsrückisch* e o *Westfälisch* é frágil, como em Bo07, as variantes próximas ao *standard* se mantiveram mais. O contato com o *Sächsisch*, nesse caso, devido à proximidade com o *Böhmisch*, pode ter contribuído para a manutenção da variedade [+st] bem como de alguns elementos [+dial] Nordböh..

A necessidade de se comunicar com falantes de outros grupos migratórios, como os hunsriqueanos e os vestfalianos em Bo04, os hunsriqueanos e os pomeranos em Bo06 e os saxãos e pomeranos em Bo07, desencadeou a escolha por uma das variedades boêmias. A diglossia cedeu lugar à sobreposição da variedade [+st] original, pois esta assumiu a função de língua comum para a comunicação com os outros grupos migratórios e, além disso, representava a variedade de prestígio ligada à escola, à igreja, à literatura e ao canto, nas comunidades boêmias. A sobreposição da variedade [+st] colocou em processo de perda a variedade [+dial] original. Onde a função da língua ainda se mantém, como no caso do ponto Bo06, em que ainda ocorre o *Böhmerkreis*, e, até pouco tempo, o *Böhmertreffen*, sobrevivem mais resquícios boêmios.

Paralelamente à perda linguística, desenvolve-se a perda da identificação com a etnia e a variedade *Böhmisch*, sobretudo em Bo04. Nesse ponto, não foi feita nenhuma menção à etnia boêmia e à existência de uma variedade *Böhmisch* nem ao menos em relação ao passado. Também não houve referência aos Bo04s boêmios no relato da história da localidade por parte dos informantes. Em Bo07, os boêmios são citados na história da localidade, além de haver um memorial aos boêmios na Linha Boêmia. Em Bo06, a identificação ainda é intensa, pois os falantes reconhecem os antepassados e alguns falantes específicos como boêmios e a existência de uma variedade [+dial] *Böhmisch*, mencionada inclusive pela GI.

O enfraquecimento das associações culturais e o término de outras, bem como de cultos ou missas, ensino, programas de rádio e da imprensa em alemão, podem estar vinculados à perda de espaço da variedade [+st] nas comunidades de imigração boêmia. O seguinte comentário metalinguístico da informante feminina CaGII de Bo04 aponta para a

força da variedade mais *standard* na geração dos avós: O avô por parte de pai falava mais Hochdeutsch. A convivência com outras pessoas da localidade fez com que o Werner falasse mais Deutsch. Esse é um indicativo do processo de perda em que entrou a variedade *standard* depois de 1940.

Apesar de o ensino de alemão ter sido retomado nas últimas décadas, ainda são raras as escolas que oferecem o alemão, em comparação com a quantidade de escolas com alemão, na primeira metade do séc. XX, e, muitas vezes, não é abordada a temática da conscientização linguística frente às variedades locais. O ensino, não raro, se restringe ao desenvolvimento do alemão *standard* com foco em provas de proficiência, e as pontes entre o alemão *standard* e as variedades alemãs locais (PUPP-SPINASSÉ, 2016) não são estabelecidas, quando a variedade local poderia estar servindo de ponto de partida para a aprendizagem. Essa situação confere vulnerabilidade à entrada de elementos do português na fala dos descendentes, conduzindo à desconstrução do alemão no eixo da diacronia. O português como língua majoritária, de prestígio, que está para o desenvolvimento, o acesso e a inserção na vida social, econômica e política, atinge sobretudo a geração [+jovem].

Nos domínios públicos, administrativo, comercial, religioso e escolar, predomina o português regional, paralelo ao alemão local, sobretudo em caso de interação com falantes [+velhos]. Os domínios em que a variedade [+dial] Nordböh. ainda está presente restringem-se a Bo06 e constituem o encontro de idosos *Böhmerkreis* e o domínio familiar de moradores específicos, mas, no geral, essa variedade foi vinculada com domínios de uso de épocas passadas, como veremos na sequência. A variedade *Böhmisch* também é relacionada a falantes específicos situados no passado, conforme revela o trecho a seguir:

((Tx_Böhmische Nachnamen_Bo06_CbGII_2018-06_00:00:48))

- 01 I: gib`s noch andre werter wo die gesproch hann, so behmische werter oder sätze?
- 02 M: ja das sinn vielleicht viele. ich hab jo viele, vieles wo ich schon trockiert hann.
- 03 I: aber hann die so gesproch so jeden tach, werklich behmisch?
- 04 F: jo, unne sich jo.
- 05 M: die alde jo. die nachbarsleut auch, die meiste so. wie der nietsche, der war behmer, der hübner war behmer, siebeneichler, der posselt.
- 06 F: der elídio seine wowwo der kamt eftes bei uns. der...

07 M: nietsche.

A informante relaciona o *Böhmisch* com falantes de famílias específicas, todas descendentes de boêmios, e caracteriza a variedade como comum entre a vizinhança na época, possivelmente final da década de 1930, quando os informantes possuíam em torno de 10 anos. A variedade [+dial] também é associada ao domínio cultural, no caso às associações recreativas.

((Tx_Böhmisch im Schiessverein_Bo06_CbGII_2018_00:00:22))

01 I: im schützenverein hat man auch deutsch gesprochen oder behmisch?
 02 M: ja alles, frihers behmisch.
 03 F: immer war das behmisch, jo friher mehr.
 04 I: mehr behmisch.
 05 F: mehr behmisch jo, do warn halt mehr behmische gewes.
 06 M: der anfang von den verein do war das behmisch jo.

E mais uma vez a informante relaciona a identidade étnica boêmia com os falantes fluentes da variedade [+dial] boêmia, quando diz ‘*do warn halt mehr Behmische gewes*’ e com a época de início das associações. No próximo excerto, os informantes vinculam a variedade com a geração [+velha] da época:

((Tx_Primeria conversa_Bo06_CbGII_2016-04))

01 M: aber wenn die gesprochen honn, wenn die beisame wan, oh je do is so viel viel viel.
 02 I: unn dehemm hann die so gesprochen, mehr behmisch?
 03 M: die ganz alde mehr behmisch. [...] nur gesprochen, was die alde wan, die hamm so unnichnaner gesprochen das behmische jo. [...]
 04 I: do hat das behmisch sich mehr verlor?
 05 M: bis jahrgang, ja das is dann mehr var... aber... ja mir machen unser spaß immer, mir lachen dann, setzen uns beisame, trinken ein bisse bier unn fangen an, was eine net weiss, weiss der andere.

Quando questionado sobre a perda da variedade, o falante masculino manifesta a sobrevivência da variedade em situações informais, entre amigos e familiares, no estilo

conversa de humor. O fato de um complementar o conhecimento do outro na variedade mostra que a fluência já está se perdendo. No excerto a seguir, porém, há indícios de que ainda há falantes que apresentam um domínio maior da variedade, o que os permite serem classificados como boêmios pelos informantes:

((Tx_Posselt und Nowatny_Bo06_CbGII_2018-06_00:03:58))

- 01 M: mir misst`n dich mo beim echter behmer wo noch werklich behmer wär. der nowattny edmund. der posselt teobald. das ist jo zum verwunre. [...] der lebt noch. die spreche so quatschich. unn dem sein schwester die spricht auch so scheen behmisch. aber die sinn aarich stumm.
- 02 F: é, die kenne bis ausreise.
- 03 M: aber scheen is, der edmund hat so`n lange bart.
- 04 I: wie alt sinn die?
- 05 M: die sinn auch in die achtzig.
- 06 M: aber ganz verkomm, derech zurick zurickgehal, wenich schul, so meio scheu.

Esse excerto indica que, aos falantes indicados como *bons falantes* da variedade e, por isso, *boêmios*, é vinculada uma identidade de pessoa pouco escolarizada (*wenich Schul*), retraída (*aarich stumm, derech zurick zurickgehal, so meio scheu*), descuidada fisicamente (*ganz vorkomm*) e da geração [+velha] (*in die achtzig*), isolada geograficamente, conforme revelado em um comentário de um informante CbGII do mesmo ponto (*dott kommt me schlecht hin, is uffn Berich*). Essa descrição mostra que descendentes boêmios que viviam em espaços geográficos pouco acessíveis estavam em contato reduzido com outras variedades e com o português, o que pode se colocar como um importante motivador da maior preservação da variedade [+dial] Nordböh. Porém, estes caracterizam um grupo muito restrito.

E, por fim, a variedade [+dial] Nordböh. foi vinculada ao domínio literário. Porém, a informante CbGII do ponto Bo06 indicou a existência de falantes específicos que ainda teriam conhecimento de poemas e histórias em *Böhmisch*, moradoras da localidade de Linha Isabel, conforme o seguinte comentário da informante: *Mein Tante, die wussten das genau immer uffsetze. Mein Mama och. [...] Ich weiss uff Behmisch ein Geschichtche. [...] Da is hier ein, die sprecht noch Behmisch. Die weiss viel so Sache*. A informante mesma traz duas histórias, uma na variedade [+stand] e outra na variedade [+dial] Nordböh.

A identificação de variantes [+dialetais] como formas de relictos no repertório dos falantes boêmios no Rio Grande do Sul comprova a existência de um comportamento diglótico dos imigrantes ainda na década de 70 do séc. XIX. Porém, provavelmente tratou-se de uma diglossia já enfraquecida na época, o que pode explicar a existência de um número muito reduzido de variantes boêmias na fala dos pontos Bo04 e Bo07 e o desconhecimento sobre essa variedade por parte de todos os informantes do primeiro ponto e da maioria dos informantes do segundo ponto. Como menciona Bellmann (1983), o comportamento diglótico coordenado foi mais intenso apenas até o início do séc. XIX, transformando-se com o passar das décadas em um uso diglótico mais composto, fundido, com surgimento de variedades intermediárias regionais numa relação diaglótica (AUER; HINSKENS, 1996). Essa diaglossia pode ter apresentado graus distintos, podendo ter havido localidades de origem em que o dialeto tenha convergido mais com a língua *standard* do que em outras.

Segundo Wildfeuer (2017), em suas pesquisas nos Estados Unidos e na Nova Zelândia, o tempo de duração da diglossia é um dos fatores que precisa ser considerado na análise da manutenção do *Böhmisch*. É possível dizer que em Bo06 a diaglossia tenha perdurado até antes da metade do século XX, intensificando-se, após este período, a convergência com as variedades em contato, sobretudo *Hunsrückisch*. No Rio Grande do Sul, a diaglossia nesses moldes sobreviveu de forma variável entre uma localidade e outra, havendo uma maior manutenção da variedade dialetal Nordböh. na forma de relictos em Bo06. Nos pontos Bo04 e Bo07, o grau de desconstrução da variedade dialetal Nordböh. foi mais acelerado, paralelo à quase inexistência de associações culturais e à menor consciência sobre a origem étnica e linguística dos falantes. Em Bo07, os falantes conhecem a história migratória da localidade de Linha Boêmia, onde estão situados, mas não possuem informações tão precisas como em Bo06 e também não se autodenominam boêmios ou seus antepassados como falantes de *Böhmisch*. Em Bo04, famílias específicas, como Dressler, Porsche, Prediger e Rieger, começaram a pesquisar suas origens nos últimos anos, organizando encontros de família, publicando livros e folders da história da família. Porém, o conhecimento sobre a história dos boêmios na localidade é ainda restrito. Também neste ponto, os falantes não se autodenominam como boêmios ou seus antepassados como falantes de *Böhmisch*.

Nos pontos Bo04 e Bo07, as variantes dialetais *Nordböhmisch*, quando disponíveis na fala dos informantes, aparecem, sobretudo, na forma de sugestões aceitas, o que porém, não necessariamente significa que se trata de relictos. É preciso considerar que poderia tratar-se de

conhecimento variacional geral dos informantes, ou seja, conhecimento de variantes que são transportadas por outras variedades em contato, já que várias formas encontradas não fazem parte apenas de uma variedade dialetal *Nordböhmis* como também se encontram em outras variedades faladas, por exemplo, na Baviera, na Turíngia e na Saxônia, conforme atestado pelos atlas e dicionários consultados e mencionados nas notas de rodapé no decorrer do capítulo de análise. Pesquisas sobre o alemão de outros grupos migratórios em contato no Rio Grande do Sul, como bávaros, turíngios, saxões e, também, austríacos poderão ajudar a compreender as contribuições linguísticas desses grupos na formação de repertórios locais.

A maior sobrevivência de variantes [+dial] Nordböh. no ponto Bo06 pode estar vinculada à participação da CbGII em associações culturais e esportivas durante a infância e início da adolescência, como o *Schützenverein* (Sociedade de Tiro), *Kegelverein* (Sociedade de Bolão) e as festas de *Kerb*, em que as gerações [+velhas] da época ainda falavam com mais intensidade a variedade [+dialetal] boêmia. Além disso, até há poucos anos, a GII ainda participava do *Böhmertreffen* (encontro de descendentes boêmios) e do *Böhmerkreis* (encontro de boêmios idosos), dos quais participavam sobretudo falantes [+velhos], entre eles alguns que ainda falam a variedade *Böhmisch* [+dialetal]. A fala [+dialetal] boêmia, hoje, está vinculada a descendentes específicos da comunidade e ao estilo de fala narração de fatos do passado, o que aponta para essa variedade como uma variedade de relicto.

Até a primeira metade do séc. XX, as funções da língua, inclusive da própria variedade [+dial] Nordböh. eram possibilitadas por meio das atividades citadas e da própria interação na família. Como essas funções foram se perdendo, as gerações mais novas já não tiveram a oportunidade de desenvolver o conhecimento nessa variedade, restando apenas algumas variantes passivas na memória desses informantes. É possível que o processo pudesse ter sido retardado, se políticas de revitalização linguística e em prol do plurilinguismo fossem desenvolvidas, com o objetivo de contribuir na manutenção dessa variedade nas comunidades, por meio do conferimento de funções à língua ou ao menos da retomada de funções que lhes foram retiradas durante a década de 1940. Segundo Eller-Wildfeuer (2017), em Banater Bergland, na Romênia, por exemplo, decisivo para a manutenção do *Böhmisch* foi a permissão do ensino na língua dos falantes e a não proibição do uso da língua deles em espaços públicos, acrescentando-se a circulação livre de um jornal diário na língua minoritária. Políticas como essa poderiam ter contribuído para a manutenção da diglossia nas localidades boêmias do Rio Grande do Sul.

No processo de desdiglossização, conforme os indícios apresentados nas respostas ao questionário e nos comentários dos informantes, ocorreu, por um lado, a fusão da variedade [+dialeto] com a [+standard] e, por outro lado, a sobreposição destas últimas sobre as variantes [+dialeto]. Conforme Faraco (2005), as variantes linguísticas estão em constante competição, podendo, porém, haver fases intermediárias, em que duas ou mais variantes podem coexistir, até que uma delas se sobressaia. O uso da variedade [+standard] foi se tornando frequente nas localidades, devido à necessidade de comunicação com outros grupos migratórios como os hunsriqueanos, os vestfalianos e os pomeranos, colocando-a em competição com a variedade [+dialeto] original. Essa substituição de variantes, contudo, foi se desenvolvendo lentamente.

O contato com outros grupos migratórios, com o passar das décadas, foi se tornando mais intenso na medida em que as comunidades se tornaram mais topodinâmicas, devido a migrações para outras localidades em busca de trabalho e estudo, migrações diárias para centros urbanos, turismo e atividades de lazer semanais em outras localidades. Devido a tudo isso, a variedade inovadora, no caso a [+standard], passou a ter o controle sobre a outra variedade, a [+dialeto], desconstruindo-a. Segundo Bellmann (1983), nesse estágio da variação, pode ocorrer uma mudança na língua.

A variedade objetivada, [+standard], começou atuando com interferências linguísticas na variedade [+dialeto]. Segundo o autor, essas interferências ocorrem em ambas as direções, da variedade [+dialeto] sobre a variedade [+standard] e vice-versa, passando por diferentes graus. Enquanto que em um estágio, a variedade [+standard] apresentaria ainda nuances dialetais, isto é, leves colorações de elementos linguísticos provenientes do basileto, num próximo estágio de avanço da variedade [+standard], os contrastes entre ambas as variedades estariam ainda mais minimizados, tornando-a uma variedade regional. Apesar da resistência de variantes [+dialeto] originais no ponto Bo06, o processo de desconstrução dialetal é saliente, sobretudo na GI desse ponto e nos outros dois pontos como um todo, apresentando por resultado a formação de variedades regionais. Bo04 e Bo06 constituem uma variedade regional, devido a uma maior aproximação com o *Hunsrückisch*, já Bo07 uma outra variedade regional, mais distante das duas primeiras, visto que a aproximação com o [+standard] se sobressai.

Os dados indicam que, da diaglossia original, houve uma sobreposição da variedade mais *standard* à variedade dialetal Nordböh., o que surtiu na desconstrução deste último. O dialeto foi ressignificado, pois, hoje, está vinculado a situações muito específicas, como uma

entrevista, uma piada, uma narração de um fato do passado, e não mais à comunicação cotidiana em família e entre amigos. Tornou-se uma variedade de relictos, sendo resgatado por meio de variantes-lembrança, sobretudo pela geração [+velha]. A variedade mais *standard*, por sua vez, também passou por uma ressignificação, a partir do momento em que a sua orientação na língua *standard* entrou em processo de perda, assumindo o português esse *status* de língua *standard* (décadas de 30 e 40 do séc. XX), e com a intensificação dos contatos linguísticos a nível transregional (décadas de 70, 80 e 90), devido à maior mobilidade dos falantes, graças à construção de rodovias asfaltadas entre localidades vizinhas e regiões, ampliação dos meios de transporte e mídias da comunicação, o que tem conduzido a contatos linguísticos ainda mais múltiplos por um lado com as variedades do alemão e por outro lado com variedades regionais do português.

Tanto no Rio Grande do Sul quanto na Boêmia, os boêmios sempre conviveram com mais de uma língua. Devido ao contato com as diversas línguas e variedades da matriz de origem no Rio Grande do Sul, o *Böhmisch* configura, hoje, um complexo variacional (THUN, 2010), composto pela combinação de variantes *standard* e dialetais de contato e originais.

Em Bo06, os informantes, sobretudo da CbGII, parecem ainda conseguir acessar variantes-lembrança da matriz de origem com maior intensidade do que nos outros pontos, mesmo que estas não integrem mais o conhecimento ativo dos falantes. Porém, o que se sobressai na fala de Bo06 é um nivelamento maior na direção do *Hunsrückisch* através da GI, conforme respostas das fases de insistência e de sugerência as variantes [+dialetais] predominam. Enquanto isso, na fala de Bo07 se sobressaem as variantes [+st], ainda muito presentes na GII. Nos três pontos, há indícios de que a entrada do *Hunsrückisch* está ocorrendo sobretudo pela GI, caracterizando a dimensão diageracional como o fator dominante nesse processo.

O fato de marcas da variedade *Hunsrückisch* desempenharem um papel significativo na fala dos informantes sinaliza que a mudança linguística está na direção de um nivelamento linguístico da variedade intermediária mais *standard* dos boêmios com o *Hunsrückisch* em contato, sobretudo nos pontos Bo04 e Bo06. Quanto à tendência de aproximação com o português, os três pontos indicam uma inclinação para o empréstimo de lexemas lusos, sobretudo por parte da geração [+jovem] e também da classe [+alta].

Diante do exposto, o que melhor parece definir a língua dos falantes boêmios nos três pontos do Rio Grande do Sul é a noção de complexo variacional, já que é composta por relictos linguísticos da matriz de origem, relacionadas ao saxão, ao turíngio, ao silésio e ao

bávaro, e por elementos provenientes de contatos linguísticos com o *Hunsrückisch*, o *Westfälisch*, o *Sächsisch* e o Português. Justamente a apresentação dessa composição diversificada, ou arquitetura linguística, e não de outra é que confere a singularidade ao *Böhmisch* e que permite denominá-lo como tal, levando em consideração a topodinâmica e os contatos linguísticos associados a esta no contexto histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Cíntia; GREVE; Gustavo. *Planejamento estratégico do Vale do Taquari*. Lajeado: Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (CODEVAT), 2009. Disponível em: <http://codevat.com.br/uploads/paginadinamica/1984/planejamento_estrategico.pdf>. Acesso em: jul. 2017.

AHLERT, Lucildo. *Diversidade étnica das imigrações europeias*. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11424304-Diversidade-etnica-das-imigracoes-europeias.html>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei Terezinha. *Povoamento e Desenvolvimento Econômico na região do Vale do Taquari, RS -1822 a 1930*. Lajeado: Estudo & Debate, 2001.

ALERS = KOCH, Walter; Altenhofen, Cléo V.; KLASSMANN, Mário (Hg.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. rev. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

ALERS = ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário (Hg.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

_____. *Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil*. In: Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI), Frankfurt a.M., n. 1(3), 2004. p. 83-93.

_____. *A constituição do corpus para um “Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”*. In: Martius-Staden-Jahrbuch. São Paulo, n. 51. São Paulo, 2004. p. 135-165.

_____. *Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual*. v. 6. In: Revista de Letras Norte@mentos. Sinop, 2013. p. 19-43.

_____. *O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata*. In: FERNÁNDEZ, Ana Lurdes da Rosa Nieves [et al.] (Org.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: UFPEL, 2014. p. 69-104.

_____. *Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen*. In: LENZ, Alexandra N. (Org.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Viena: Viena University Press, 2016. p. 103-130.

_____. *Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien*. In: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (eds.). *Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. p. 531-552.

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. *As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil Bacia do Prata*. In: AGUILERA; Vanderci de A.; ROMANO, Valter Pereira (eds.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.

AUER, Peter; HINSKENS, Frans. *The convergence and divergence of dialects in Europe: New and not so new developments in an old area*. In: AMMON, Ulrich; MATTHEIER, Klaus J.; NELDE, Peter H. *Konvergenz und Divergenz von Dialekten in Europa. Internationales Jahrbuch für Europäische Soziolinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer, 1996.

AUER, Peter; HINSKENS, Frans; KERSWILL, Paul. *Dialect Change: Convergence and Divergence in European Languages*. New York: Cambridge University Press, 2005.

AUER, Peter. *Europe's sociolinguistic unity, or: A typology of European dialect/standard constellations*. In: N. Delbecque, J. Van der Auwera and D. Geeraerts (eds.). *Perspectives on variation. Sociolinguistic, historical, comparative*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2005.

Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.497.368>>. Acesso em: abr. 2019.

AZAMBUJA, Lissi I. B. *A escola comunitária e a preservação da cultura herdada*. In: Revista do Mestrado em Desenvolvimento Regional – UNISC. *Redes: 150 anos de Colonização Alemã em Santa Cruz do Sul, 1849-1999*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 1999.

BAHLCKE, Joachim. *Böhmische Reformation und Ständestaat (1415-1620)*. In: BAHLCCKE, Joachim. *Geschichte Tschechiens: Vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. München: C.H. Beck oHG, 2014. p. 35-51.

_____. *Barock und Aufklärung (1620-1790)*. In: BAHLCCKE, Joachim. *Geschichte Tschechiens: Vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. Ed. C.H. Beck oHG: München, 2014. p. 51-67.

_____. *Von der Nationalen Wiedergeburt bis zum Zerfall Österreich-Hungarns (1790-1918)*. In: BAHLCCKE, Joachim. *Geschichte Tschechiens: Vom Mittelalter bis zur Gegenwart*. Ed. C.H. Beck oHG: München, 2014. p. 67-91.

_____. *Historische Stätten Böhmen und Mähren*. In: BAHLCCKE, Joachim; EBERHARD, Winfried; POLÍVKA, Miloslav (Orgs.). *Handbuch der historischen Städten Böhmen und Mähren*. Stuttgart: Kröner, 1998. p. 159-597.

BARDEN, Júlia E.; AHLERT, Lucildo. *Fluxos migratórios e distribuição de renda interna na evolução da economia do Vale do Taquari no período de 1930-70*. v. 10, n. 2.: Lajeado: Estudo & Debate, 2003.

BAUMBACH, Rudolf. *Einführung in die Dialektologie der deutschsprachigen Länder*. Olomouc: Univ. Palackého, Fak. Filozofická, 2001.

BECKER, Ítala I. B. *O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas (UNISINOS), 1995.

BELLER, Steven. *Geschichte Österreichs*. Tradução de Susi Schneider. Título original da obra: *A Concise History of Austria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. Böhlau Verlag Wien / Köln / Weimar, 2007.

BELLMANN, Günter. *Mundart - Schriftsprache - Umgangssprache. Eine Betrachtung zur soziologischen Sprachschichtung an der Grenze des oberlausitzischen Mundartgebiets*. In: *Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur*, Halle/Saale, Niemeyer, n. 79 Sonderband, 1957. p. 168-181.

_____. *Probleme des Substandards im Deutschen*. In: MATTHEIER, Klaus J. *Aspekte der Dialekttheorie*. Coleção: Germanistische Linguistik, n. 46. Tübingen: Niemeyer, 1983. p. 105-130.

BERANEK, Franz J. *Atlas der sudetendeutschen Umgangssprache*. Volume I. *Handbuch der sudetendeutschen Kulturgeschichte*. Marburg: N.G. Elwert Verlag, 1970.

BÉRENGER, Jean. *Die Geschichte des Habsburgerreiches: 1273-1918*. Wien: Böhlau Verlag Wien / Köln / Weimar, 1995.

BERRUTO, Gaetano. *Identifying dimensions of linguistic variation in a language space*. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. (HSK 30.1) p. 226-241.

BESCH, Werner; WOLF, Norbert R. *Geschichte der deutschen Sprache*. Längsschnitte – Zeitstufen – Linguistische Studien. Berlin: Erich Schmidt, 2009.

BISPO, Antônio A. *De Liberec/Reichenberg a São Bento do Sul: boêmios alemães no alto da serra em Santa Catarina - situação há 120 anos segundo testemunho de visitante da região de Eifel*. *Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira* 133/3 (2011:5). Atualizado em: 05 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.revista.brasil-europa.eu/133/Reichenberg-Santa-Catarina.html>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

BÖHM, Winfried. *Kindermann von Schulstein, Ferdinand*. In: *Neue Deutsche Biographie* 11, 1977. 616p. Disponível em: <<https://www.deutsche-biographie.de/pnd122913051.html#ndbcontent>>. Acesso em: jul. 2019.

BREMER, Otto. *Karte der deutschen Mundarten*. In: *Brockhaus Konversationslexikon*. Leipzig, 14. ed., 1894.

CELESTINO, Ayrton G. *Associação Alemã-Bucovina de Cultura (ABC)*. Atualizado em: 2008. Disponível em: <<http://rionegro.pr.gov.br/noticias/bucovinos.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CHRISTILLINO, Christiano. *Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações de terras na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (o Vale do Taquari no período de 1840-1889)*. Dissertação (Mestrado, História da América Latina). São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Cuadernos de Lingüística, Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.

_____. "Historische Sprache" und "Dialekt". In: GÖSCHEL, Joachim; IVIĆ, Pavle; KEHR, Kurt (Hrsg.). *Dialekt und Dialektologie: Ergebnisse des Internationalen Symposiums „Zur Theorie des Dialekts“ (Marburg/Lahn, 05.-10. Sept. 1977)*. Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik; Heft 26. Wiesbaden: Franz Steiner, 1980. p. 106-122.

_____. "Língua histórica" e "dialeto". Trad. Carolina Falck Grimm. In: Cadernos de Tradução. Porto Alegre, n.40, p.9-27, jan/jun 2017. [1980] Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>>. Acesso em: jul. 2018.

_____. *Synchronie, Diachronie und Geschichte. Das Problem des Sprachwandels*. Tradução de Helga Sohre. München: Wilhelm Fink, 1974. Original: *Sincronía, diacronia e historia. El problema del cambio lingüístico*. Montevideo, 1958.

CUNHA, Jorge L. da. *Imigração e colonização alemã*. In: PICCOLO, Helga I. L.; PANDOIN, Maria M. (Orgs.). Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 279-300.

DIE SUDETENDEUTSCHEN. *Grundsatzklärung der Sudetendeutschen Landsmannschaft*. München: Sudetendeutsche Landsmannschaft Bundesverband e. V. Atualizado em: 2015. Disponível em: <<http://www.sudeten.de>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

DREHER, Martin N. *190 Anos de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. 2. ed. v. 01. São Leopoldo: OIKOS, 2014.

_____. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: UCS, 1984.

EHRISMANN, Otfried. *Sudetendeutsches Wörterbuch: Wörterbuch der deutschen Mundarten in Böhmen und Mähren-Schlesien*. München: R. Oldenbourg, 2005.

ELLER-WILDFEUER, Nicole. *Sprecherbiographien und Mehrsprachigkeit: Deutschbasierte Minderheitensprachen in Osteuropa und Übersee*. v. 96. Tübingen: Stauffenburg GmbH, 2017.

ENGELS, Heinz; EHRISMANN, Otfried. *Sudetendeutsches Wörterbuch: Wörterbuch der deutschen Mundarten in Böhmen und Mähren-Schlesien*. München: R. Oldenbourg, 1996.

FARACO, Carlos A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola: 2007.

FENDRICH, Henrique. *Lista de imigrantes boêmios*. In: FENDRICH, Henrique. *Genealogia Boêmia: boêmios brasileiros em busca de sua história*. Pub. em 2016. Disponível em: <<https://genealogiaboemia.wordpress.com/2016/01/13/lista-de-imigrantes-boemios-list-of-bohemian-immigrants-2/>>. Acesso em: jun. de 2018.

FERGUSON, Charles A. *Diglossia*. In: FERGUSON, Charles A. *Language structure and language use. Essays*. Selected and introduced by Anwar S. Dil. Stanford: Stanford University Press, 1971 (1959). p. 1-26.

FERRI, Gino. *Roca Sales: cidade da amizade*. Lajeado: Lajeadense, 1998.

FISHMAN, Joshua A. *Bilingualism with and without Diglossia; Diglossia with and without Bilingualism*. Oxford: Journal of Social Issues, n.23, 1967. p. 29-38.

FLORES, Hilda H. *Imigrantes boêmios*. Porto Alegre: IHGRGS, 2015.

_____. *Canção dos imigrantes*. Porto Alegre: UCS, 1983.

FOLHA DOS DISTRITOS. *Um povo com muitas origens*. In: FOLHA DO MATE. *História dos Distritos de Venâncio Aires*. Venâncio Aires: Folha do Mate, jun 2008.

FRIEDRICH, Walter A. *Die Glaskunst schlägt im Osten Wurzeln*. In: FRIEDRICH, Walter A. *Die Wurzeln der nordböhmischen Glasindustrie und die Glasmacherfamilie Friedrich*. Nürnberg: Promedia werbe-services Thomas Friedrich, 2005. p. 50-67.

_____. *Die erste Blüte deutscher Glaskunst*. In: FRIEDRICH, Walter A. *Die Wurzeln der nordböhmischen Glasindustrie und die Glasmacherfamilie Friedrich*. Nürnberg: Promedia werbe-services Thomas Friedrich, 2005. p. 32-49.

_____. *Die Glaspioniere im Osten: die Freiesten der Untertanen*. In: FRIEDRICH, Walter A. *Die Wurzeln der nordböhmischen Glasindustrie und die Glasmacherfamilie Friedrich*. Nürnberg: Promedia werbe-services Thomas Friedrich, 2005. p. 68-105.

FRINGS, Theodor. *Grundlegung einer Geschichte der deutschen Sprache*. Halle (Saale), 1957.

GHYSELEN, Anne-Sophie. *From diglossia to diaglossia. A West-Flemish case-study*. In COTÉ, Marie-Hélène; KNOOIHUIZEN, Remco; NERBONNE, John (Orgs.). *The future of dialects*. Berlin: Language Science Press, 2016. p. 35-63.

GRÜNBERG, Karl. *Die Bauernbefreiung und die Auflösung des gutsherrlich-bäuerlichen Verhältnisses in Böhmen, Mähren und Schlesien: Überblick der Entwicklung*. Leipzig: Duncker & Humblot, 1894. 497 p. Disponível em: <<http://digital.obvsg.at/ulbtirol/content/pageview/15324>>. Acesso em: mar. 2018.

HABEL, Jussara M. *Das böhmische Deutsch: perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado, UFRGS). Porto Alegre, UFRGS, 2017.

_____. *Fundamentos para o estudo da língua dos imigrantes boêmios no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

HAUFFEN, Adolf. *Die deutsche Sprache in Böhmen*. In: KRÖNER, Adolf. Die Gartenlaube. Illustriertes Familienblatt. n. 38. Leipzig: Ernst Keil's, 1853. p. 640-643.

HAUGEN, Einar. *The Norwegian language in America: A study of bilingual behavior*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1953.

HÜBNER, Hans-Joachim; FISCHER, Kurt. *Gablonzer Mundartkreis: Paurisch Wörterbuch der Gablonzer Mundart*. Gablonzer Bücher; n. 86. Augsburg: Wißner, 2017.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas*. Rio de Janeiro, 2012. <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>>. Acesso em: jul. 2019.

KOLIBOVÁ, Kateřina. *Die deutschen Mundarten in den böhmischen Ländern*. Dissertação (Mestrado, Universidade de Masaryk). Brno: Philosophische Fakultät. 2008. 105 p. Disponível em: <http://is.muni.cz/th/177794/ff_m/diplomova_prace.pdf> Acesso em out. 2016.

KLAUCK, Samuel. *O apostolado da imprensa: a revista St. Paulus-Blatt como instrumento de informação, formação e catequese no Rio Grande do Sul (1912-1934)*. Tese (Doutorado, UFPR). Curitiba: Letras e Artes, 2009.

KÖNIG, Werner et al. *Dtv-Atlas Deutsche Sprache*. 18 ed. rev. München: Deutscher Taschenbuch, 2015.

LABOV, William. *Principles of language change: internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

LACKNER, Christian et al. *Geschichte Österreichs*. Stuttgart: RECLAM, 2016.

LAROQUE, Luís F. et al. *Imigrantes açorianos e seus descendentes no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul: processo histórico envolvendo movimentações e práticas socioculturais*. In: Ensino, Humanidades. Revista Signos, a. 37, n. 2. Lajeado: UNIVATES, 2016. p. 104-123. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1103>>. Acesso em: jan. 2019.

_____. *Relações interétnicas: (des)encontros entre Kaingang e imigrantes holandeses no séc. XIX em territórios das bacias hidrográficas Taquari-Antas e Caí, Rio Grande do Sul*. In: História Indígena, Etno-história e Indígenas Historiadoras/es: experiências descolonizantes, novas abordagens, sujeitos e objetos. Revista Tellus, a. 19, n. 38. Campo Grande: UCDB, 2019. p. 103-128. Disponível em: <<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/556>>. Acesso em: jan. 2019.

LENZ, Alexandra. N. *Emergence of varieties through restructuring and reevaluation*. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen E. *Language and space: theories and methods*. An International Handbook of Linguistic Variation. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

LUNTE, Gabriele. *Besondere Dialektmerkmale der bairisch-deutschböhmischen Mundart Von Ellis, Kansas, USA*. In: BEREND, Nina; KNIPF-KOMLÓSI, Elisabeth (eds). *Sprachinselwelten – The World of Language Island*. Frankfurt: Peter Lang, 2006.

_____. *The Catholic Bohemian German of Ellis County, Kansas: A Unique Bavarian Dialect*. In: Europäische Hochschulschriften: v. 316. Ed. 1. Berlin: Peter Lang, 2007.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Joshua A. [ed.]. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MCCLELAND, Martha. *The Bukovina Society of the Americas*. Atualizado em: 25 set. 2013. Disponível em: <<http://www.bukovinasociety.org/ABC-main.html>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

MÜLLER, Estevão. *Os imigrantes alemães de São Bento do Sul*. Atualizado em: 12 ago. 2009. Disponível em: <<http://imigracao germanica irmuller.blogspot.com.br/2009/08/os-imigrantes-alemaes-de-sao-bento-do.html>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

NAÇÕES UNIDAS. *Declaração universal dos direitos linguísticos*. Barcelona, jun. 1996. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2013.

NEUMANN, Pedro S. *O impacto da fragmentação e dos formatos das terras nos sistemas familiares de produção*. Tese (Doutorado, UFSC). Florianópolis: UFSC, 2003.

NEUMANN, Pedro S.; DIESEL, Vivien. *Histórico de ocupação social do espaço agrário na região central do RS*. In: DIESEL, Vivien; FRÖEHLICH, José. M. (Orgs.). *Espaço rural e desenvolvimento regional: estudos a partir da região central do Rio Grande do Sul*. Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

PREDIGER, Fritholdo. *A história da família Prediger no Brasil*. Venâncio Aires: Três de Maio, 2001.

PUPP-SPINASSÉ, Karen. *Fazendo política linguística em sala de aula: ações didático-pedagógicas pela manutenção da língua minoritária Hunsrückisch*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL: v.14, n.26, mar. 2016. p.103-119.

PUPP-SPINASSÉ, Karen; KÄFER, Maria L. *A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch*. Revista Gragoatá: Niterói, v. 22, n. 42, 2017. p. 393-415.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996.

_____. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz*. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 1-24.

RAMBO, Arthur Blásio. *A história da imprensa teuto-brasileira*. In: CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: UFSM, 2003. p. 59-79.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Tarefas da lingüística no Brasil*. Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada: São Paulo, v. 1, n. 1, p. 4-15, jul. 1966. Disponível em: <http://biblio.wdfiles.com/local--files/rodrigues-1966-tarefas/rodrigues_1966_tarefas.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2013.

ROMAINE, Suzanne. *The bilingual child*. In: ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 181-240.

SAUSSURE, Ferdinand. de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHABUS, Wilfried. *Tirol do Brasil: Das „Dorf Tirol“ in Brasilien*. Innsbruck: Berenkamp, 2009.

SCHIERHOLT, José A. *Estrela ontem e hoje*. Lajeado: Novak Multimídia, 2002.

SCHMIDT, Jürgen E. *Die deutsche Standardsprache: eine Varietät - drei Oralisierungsnormen*. In: EICHINGER, Ludwig; KALLMEZER, Werner (Orgs.). *Standardvariation. Wie viel Variation verträgt die deutsche Sprache?* Berlin, New York: De Gruyter, 2005. p. 278-305.

SCHMIDT, Wilhelm et al. *Geschichte der deutschen Sprache*. Ein Lehrbuch für das germanistische Studium. Ed. 11. Stuttgart: Hirzel, 2013.

SELTING, Margret; AUER, Peter et al. (2010). *Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT 2)*, in *Gesprächsforschung – Online Zeitschrift für verbalen Interaktion*. Ed. 10.

SIEGEL, Jeff. *Koinés and koineization*. In: *Language in Society*. v. 14, n. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 357-378. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4167665>>. Acesso em: abr. 2018.

STAUB, Augustinus. *O empréstimo linguístico: um estudo de caso*. Porto Alegre: Acadêmica, Revista Letras de Hoje, 1983.

THUN, Harald. *Pluridimensional Cartography*. In: LAMELI, Alfred et al. *Language mapping*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.

_____. *Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010b. p. 706-723.

_____. *A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Londrina: EDUAL, 2009. p. 533-558.

_____. *Variation im Gespräch zwischen Informant und Explorator*. In: LENZ, Alexandra N.; MATTHEIER, Klaus J. (Hrsg.). *Varietäten – Theorie und Empirie*. Frankfurt a. Main [u. a.]: Lang, 2005. p. 97-127.

_____. *Variação na interação entre informante e entrevistador*. Trad. Cléo Vilson Altenhofen / Filipe Neckel. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.40, p. 82-107, jan/jun 2017. [2005] Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>>. Acesso em: jun. 2019.

_____. *La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay)*. In: RUFFINO, Giovanni (Org.). *International congress of romance linguistics and philology* (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. v. 5. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

_____. *Movilidad demográfica y dimensión topodinâmica. Los montevidianos en Rivera*. In: RADKE, Edgar; THUN, Harald (Orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee, 1996. p. 210-269.

_____. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org.). *Estudos de variação lingüística no Nrasil e no Cone Sul*. Porto Alegre Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

TRUDGILL, Peter. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1974.

UMANN, Josef. *Lebenslauf von Josef Umann und zugleich Entwicklungsgeschichte der Linha Cecilia Mun. Venancio Ayres*. Santa Cruz (RS): Lamberts & Riedl, 1891.

_____. *Memórias de um imigrante boêmio*. [Edição bilíngue] Trad. e notas Hilda Agnes Hübner Flores. 3. ed. Porto Alegre, EST/Nova Dimensão, 1997. [1938] 108 p. (Coleção Imigração Alemã; 13.)

WEINREICH, Uriel. *Is a structural dialectology possible?* WORD (2/3). 388-400. URL: <<https://doi.org/10.1080/00437956.1954.11659535>>. Acesso em: jun. 2019.

WIESINGER, Peter. *'Nation' und 'Sprache' in Österreich*. In: Gardt, Andreas (Hrsg.): *Nation und Sprache. Die Diskussion ihres Verhältnisses in Geschichte und Gegenwart*. Berlin/New York: de Gruyter, 2000.

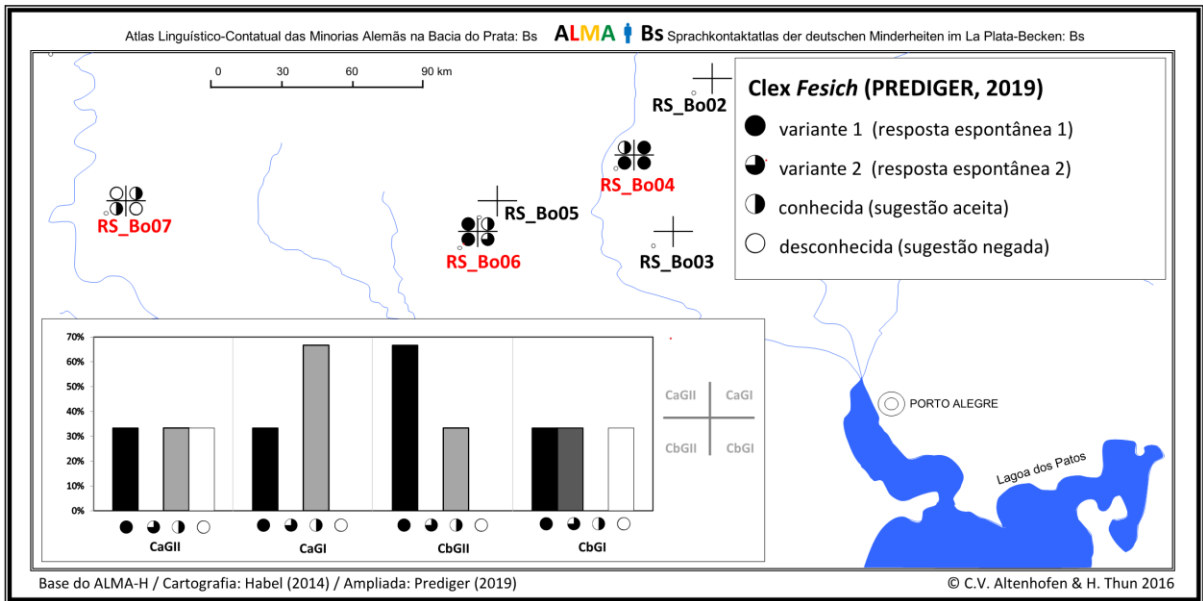
WILDFEUER, Alfred. *Sprachenkontakt, Mehrsprachigkeit und Sprachverlust: deutschböhmisch-bairische Minderheitensprachen in den USA und in Neuseeland*. Coleção: Linguistik - Impulse und Tendenzen, v. 73. Berlin: de Gruyter, 2017.

WOLF, Karl. *Deutschland um das Jahr 1000*. In: *Meyers Konversationslexikon*. 4. ed. 1886.

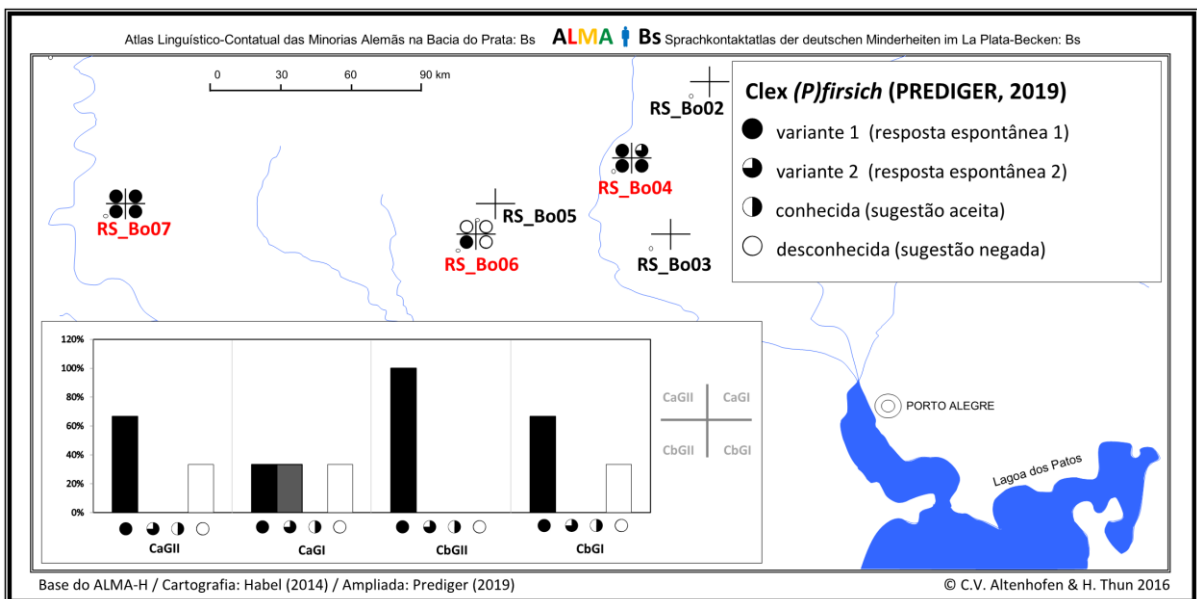
ANEXO A (MAPAS)

A1 - Variável Nhd. *Pfirsich*

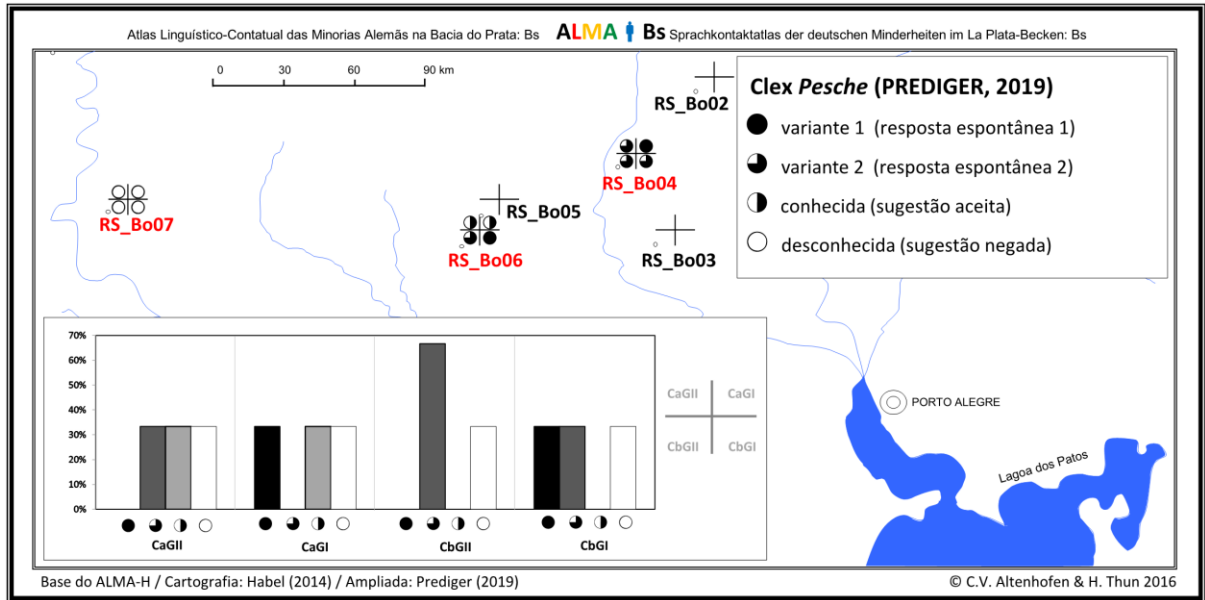
A1.1 – Variante *Fesich*



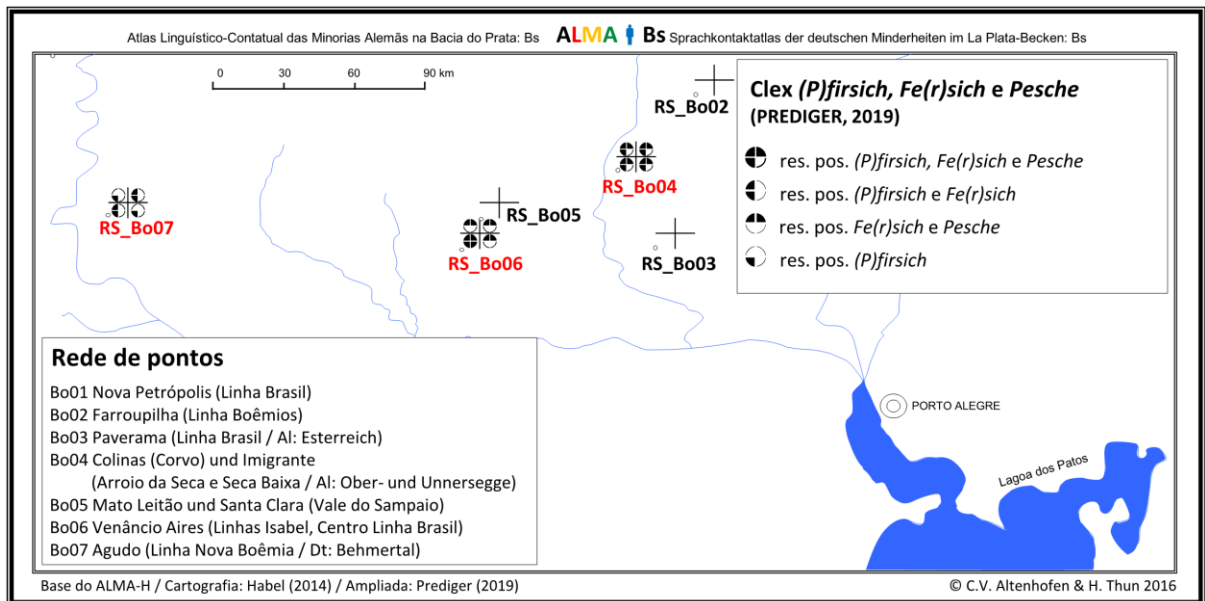
A1.2 – Variante (*P*)*firsich*



A1.3 – Variante *Pesche*

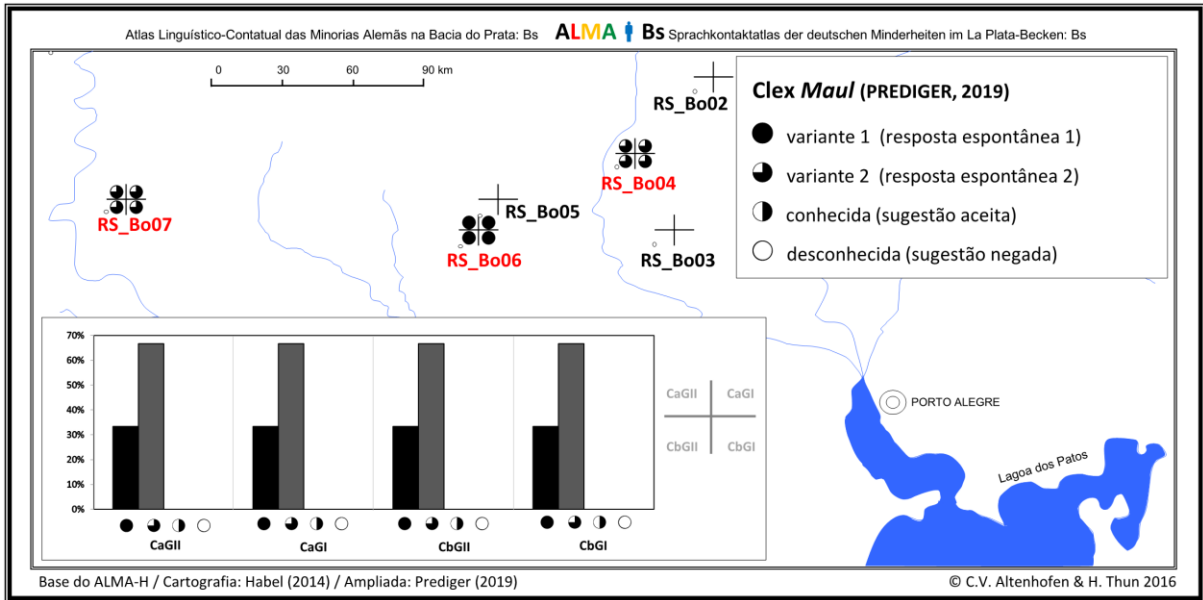


A1.4 – Cruzamento de (*P*)*firsich*, *Fe(r)sich* e *Pesche*

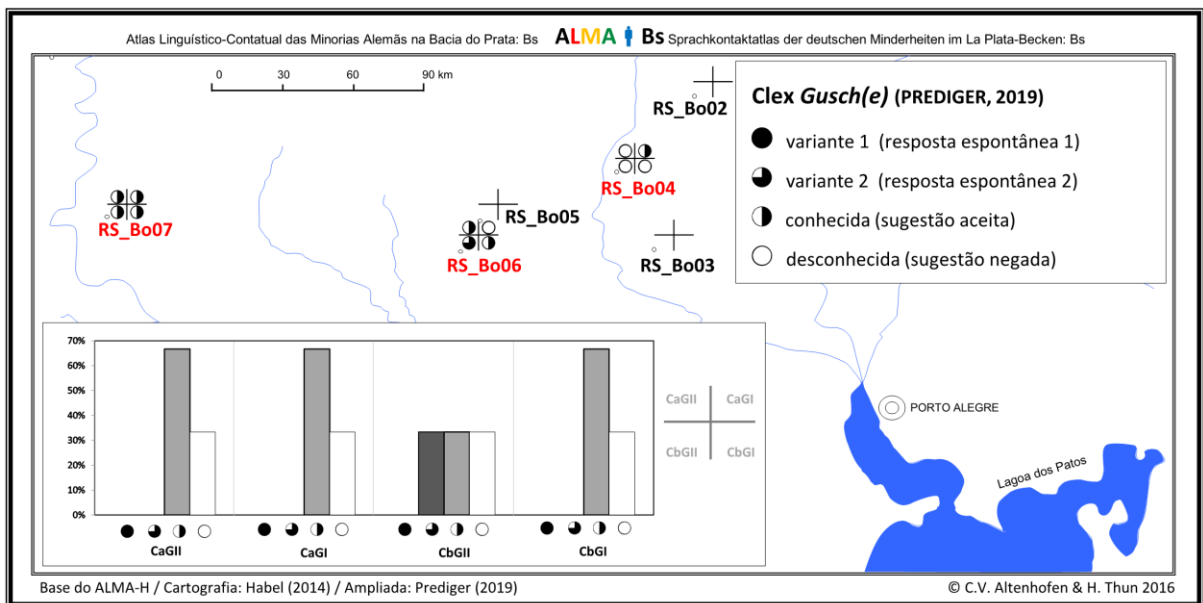


A2 – Variável Nhd. *Mund*

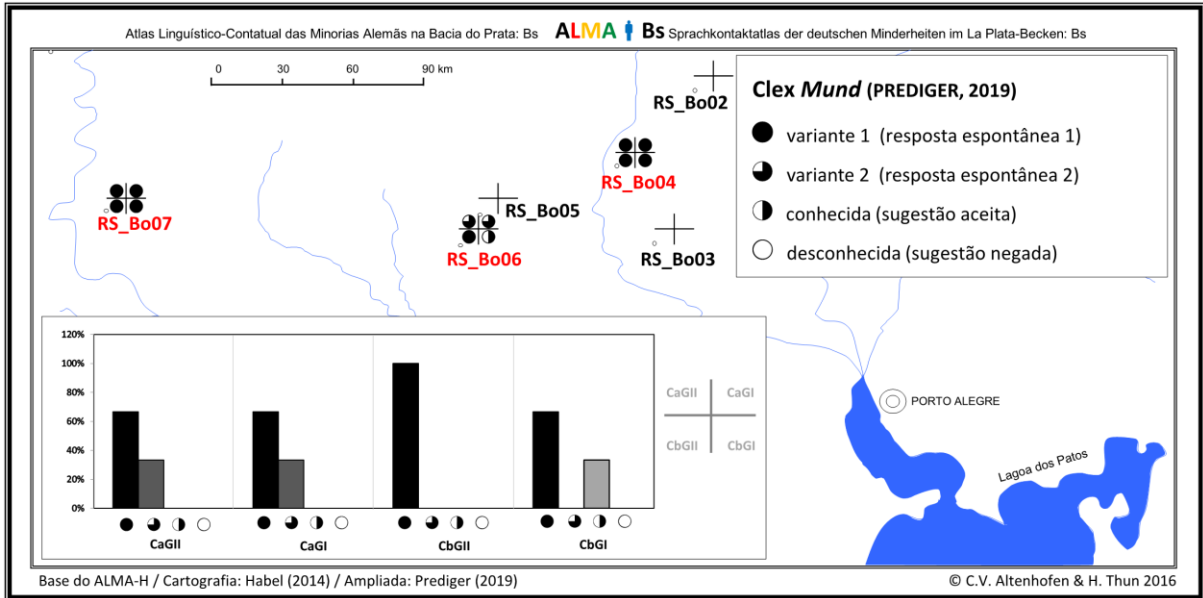
A2.1a – Variante *Maul*



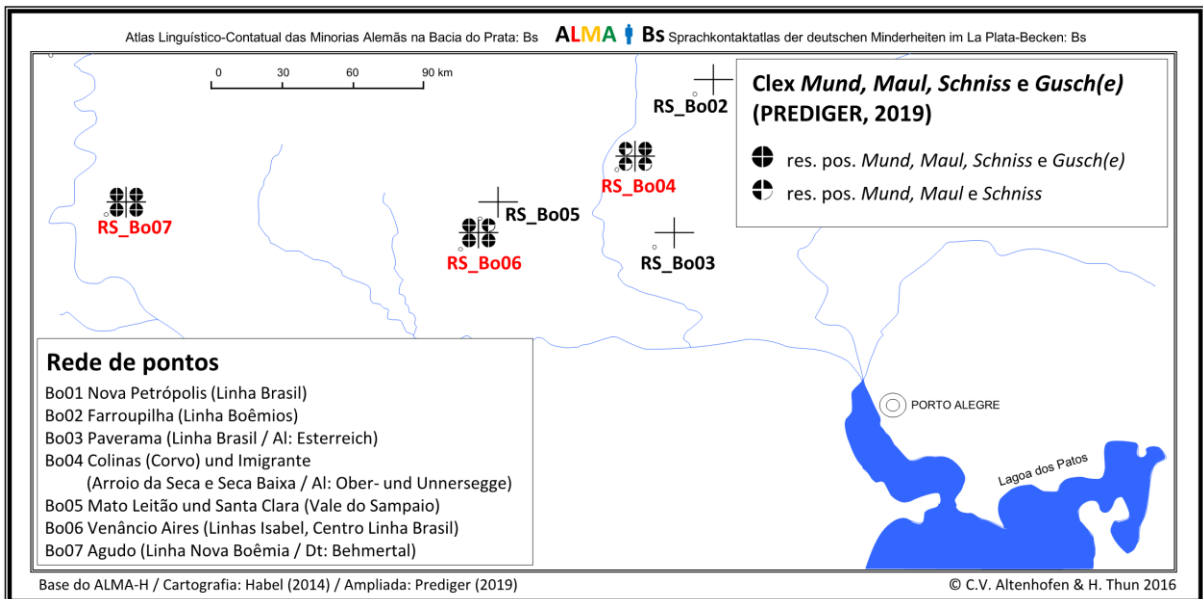
A2.1b – Variante *Gusch(e)*



A2.2 – Variante *Mund*

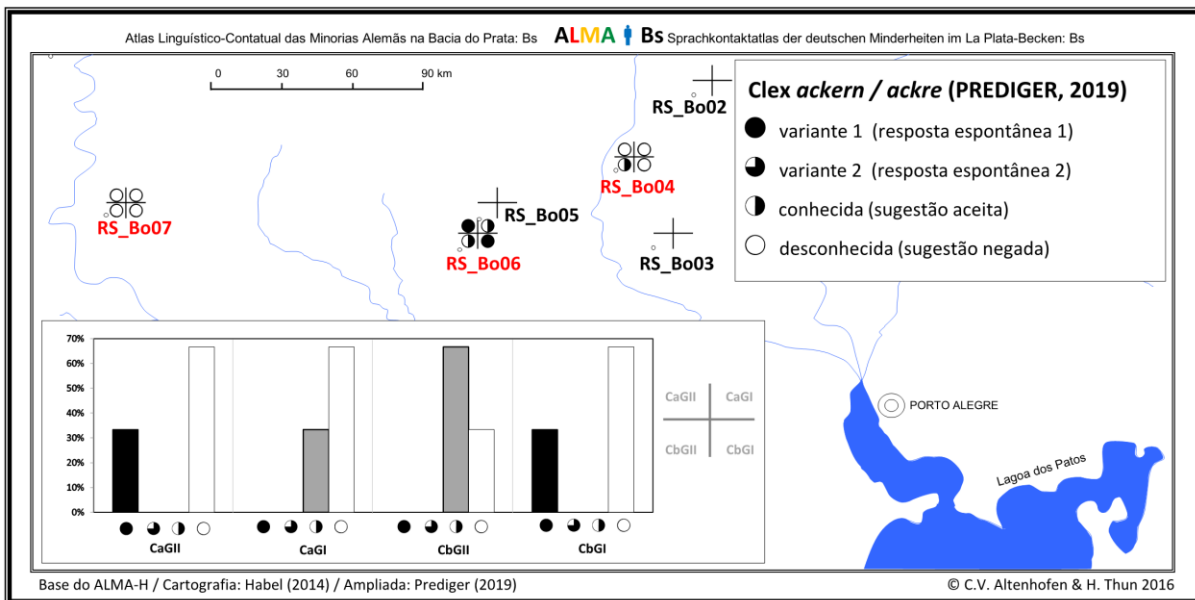


A2.3 – Cruzamento de *Mund*, *Maul*, *Gusch(e)* e *Schniss*

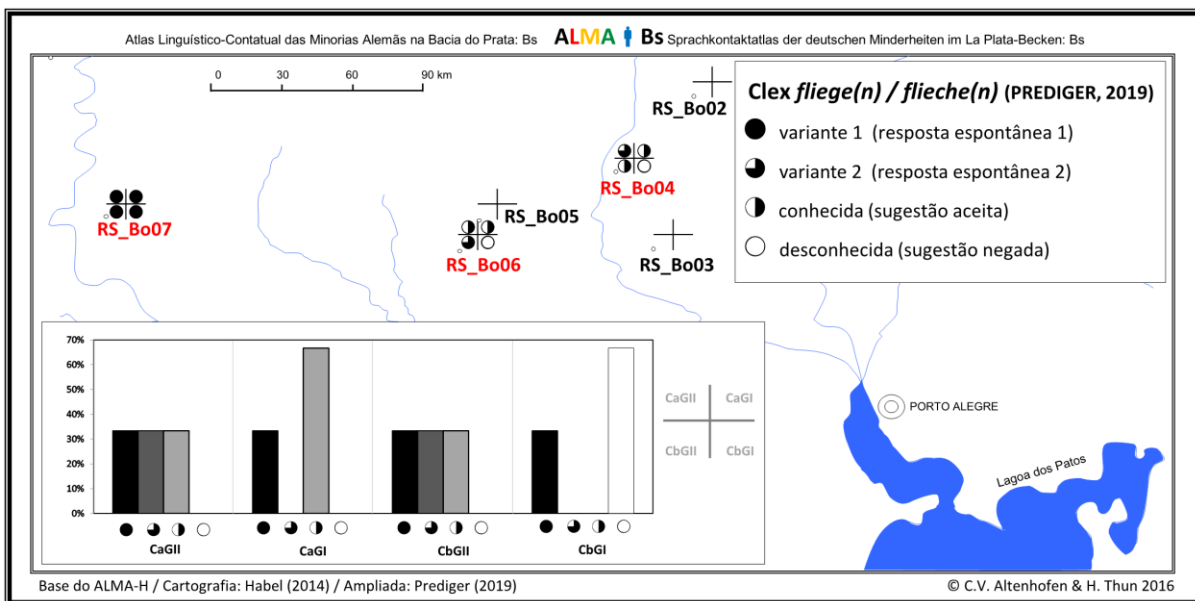


A3 – Variável Nhd. *pflügen*

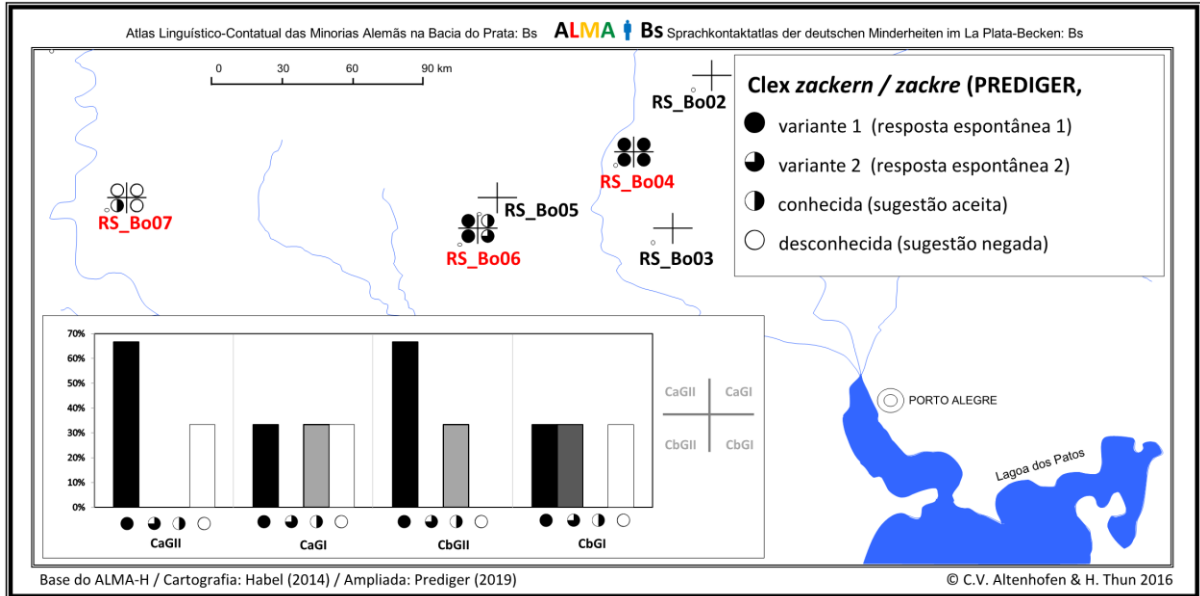
A3.1 – Variante *ackre / ackern*



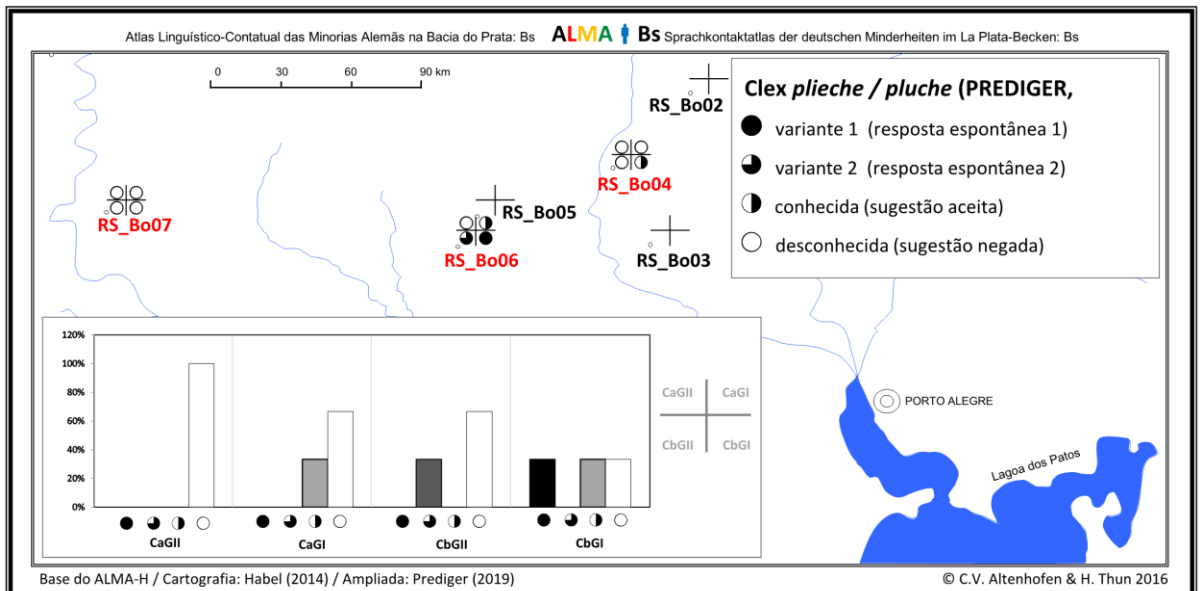
A3.2 – Variante *fliege(n) / flieche(n)*



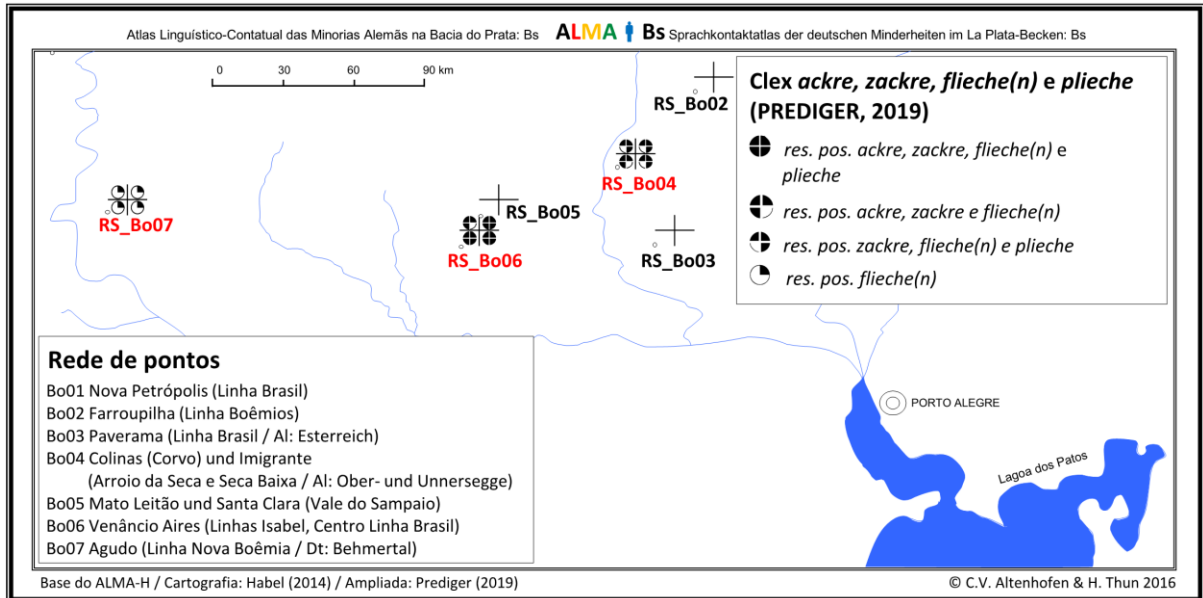
A3.3 – Variante *zackern / zackre*



A3.4 – Variante *plieche / pluche*

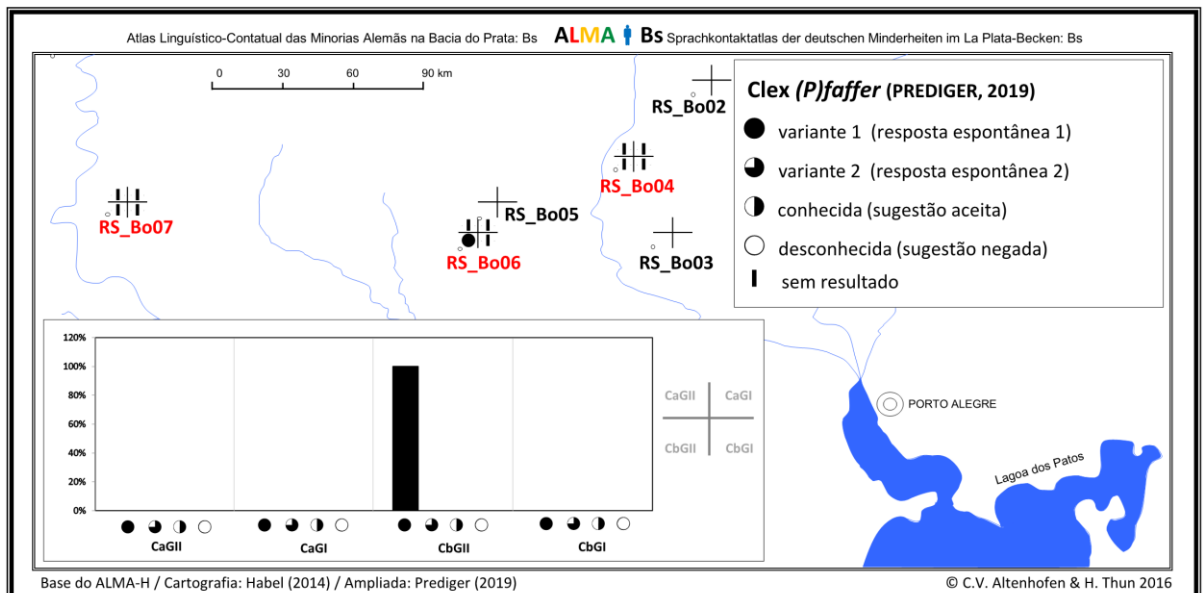


A3.5 - Cruzamento de *ackre*, *zackre*, *flieche(n)* e *plieche*

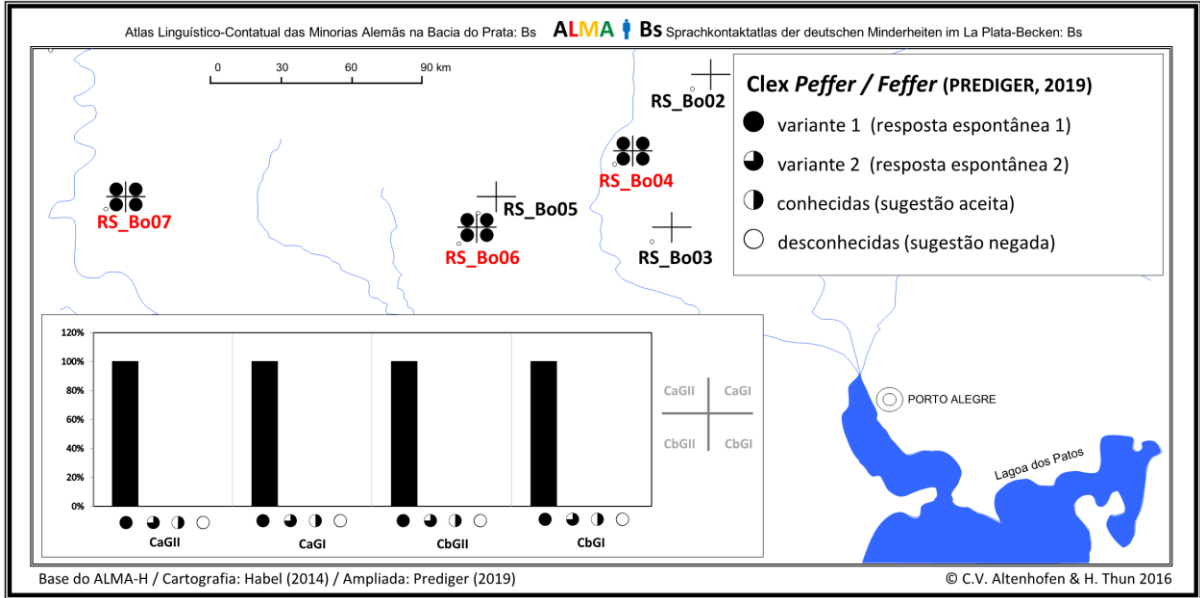


A4 – Variável Nhd. *Pfeffer*

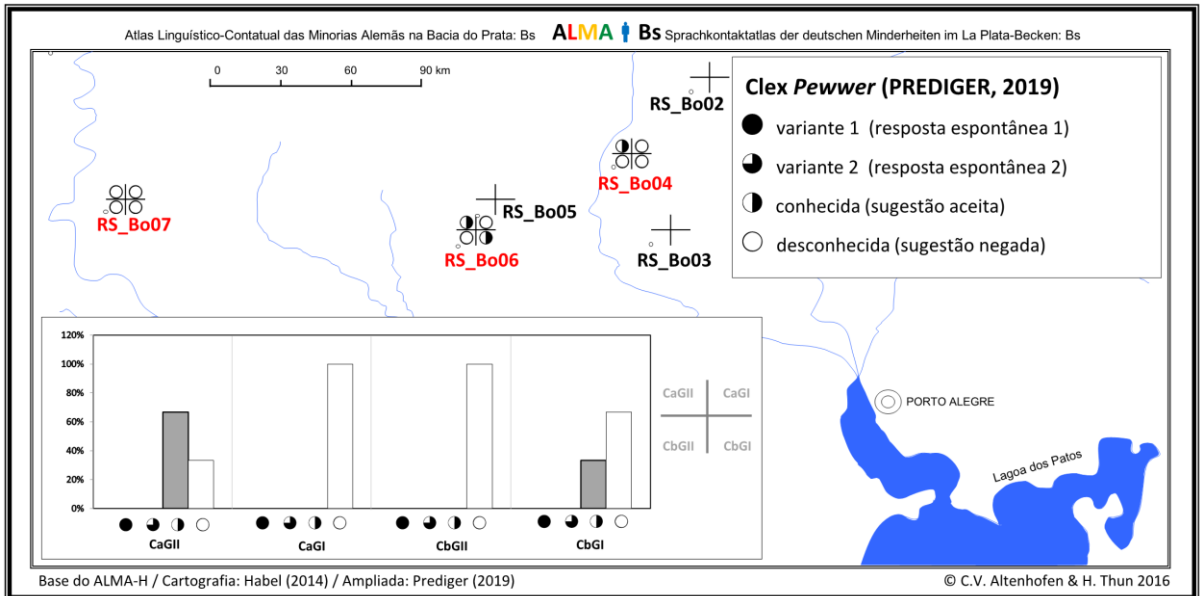
A4.1 – Variante *P(f)affer*



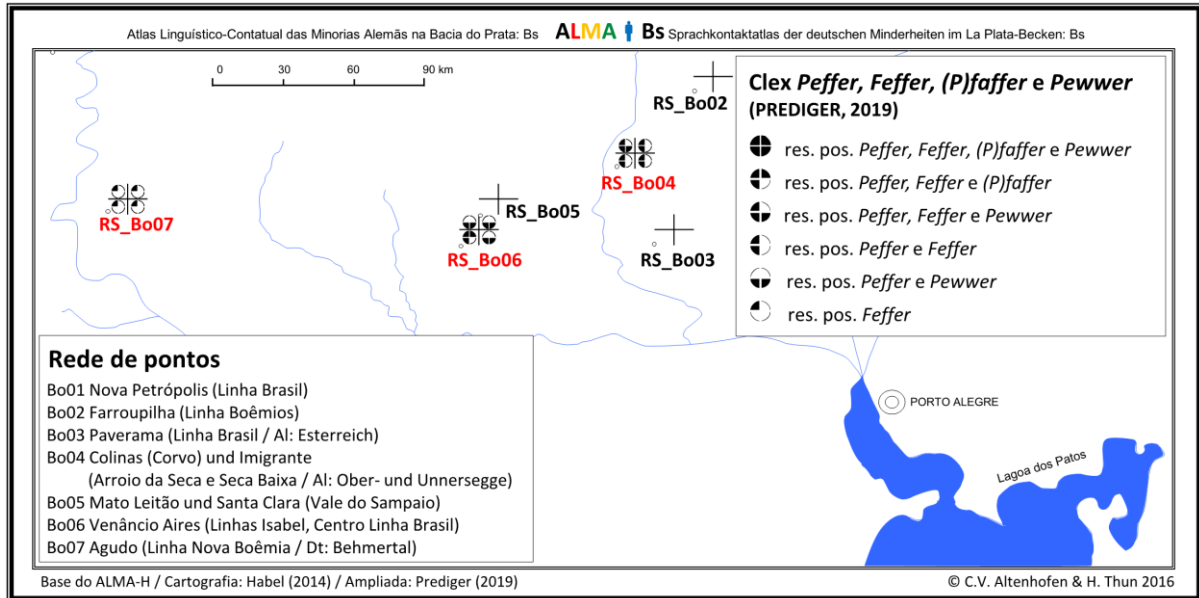
A4.2 – Variante *Peffer / Feffer*



A4.3 – Variante *Pewwer*

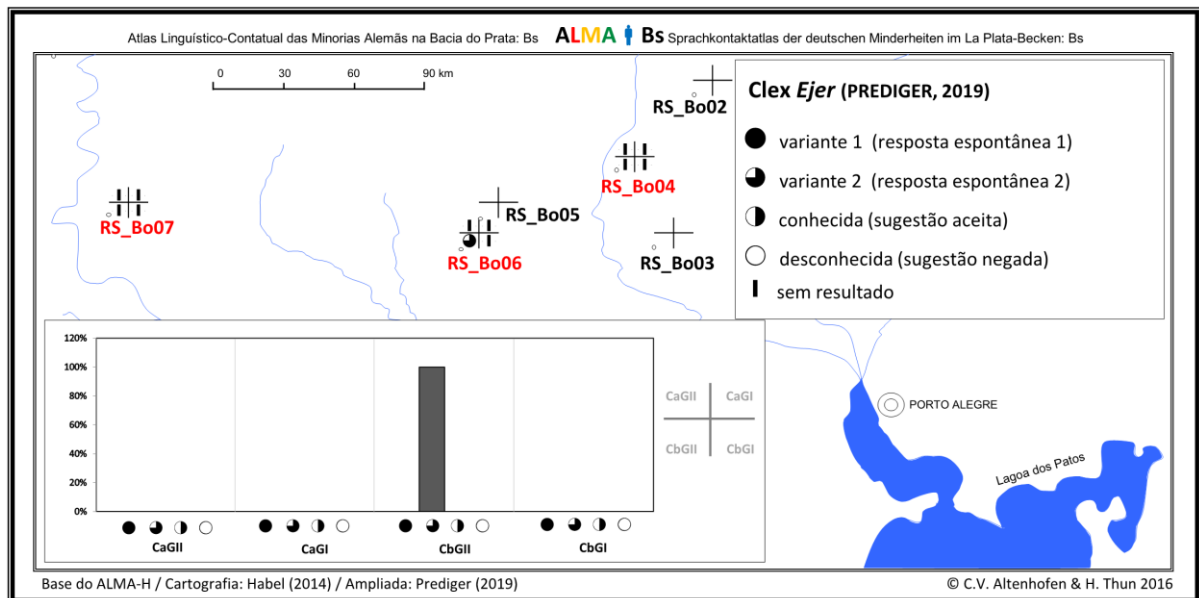


A4.4 – Cruzamento de *Peffer*, *Feffer*, *(P)faffer* e *Pewwer*

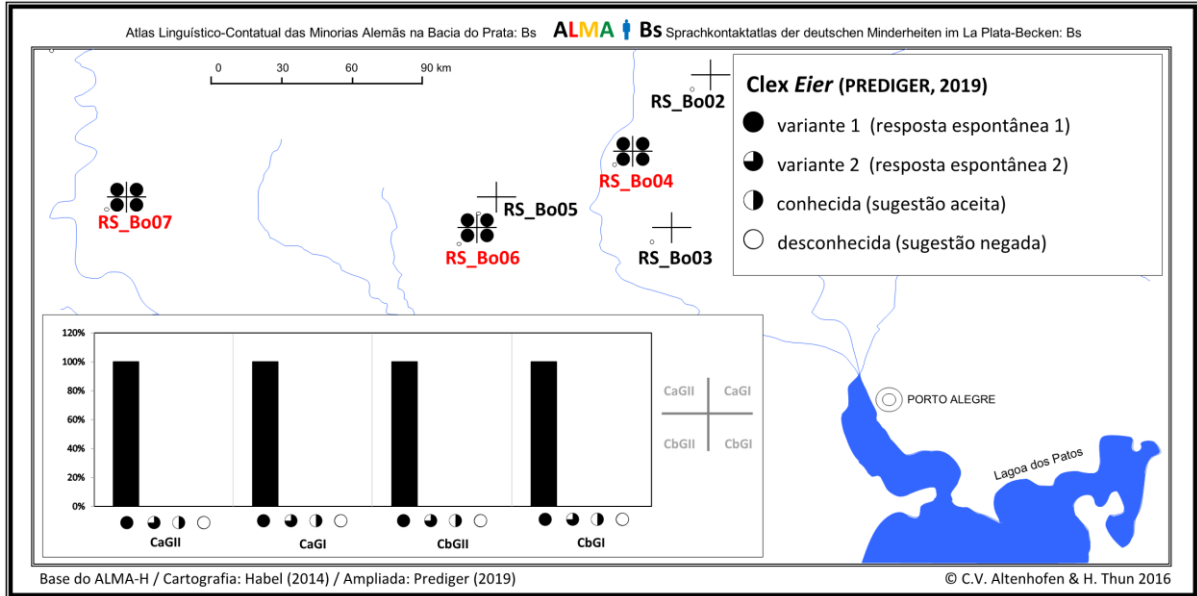


A5 – Variável Nhd. Eier

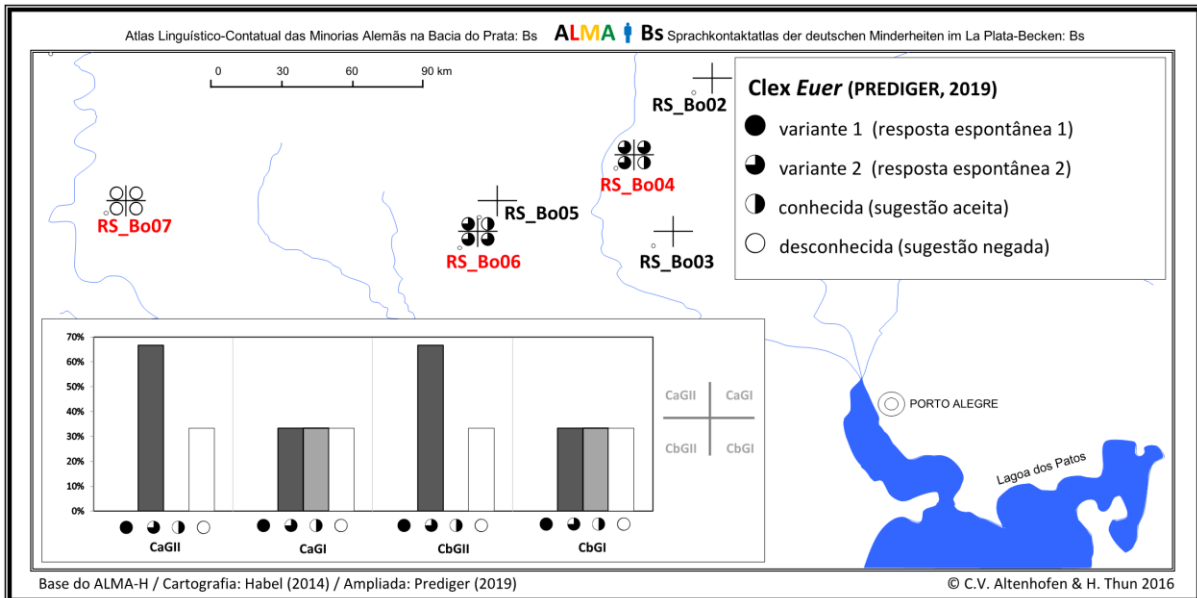
A5.1 – Variante Ejer



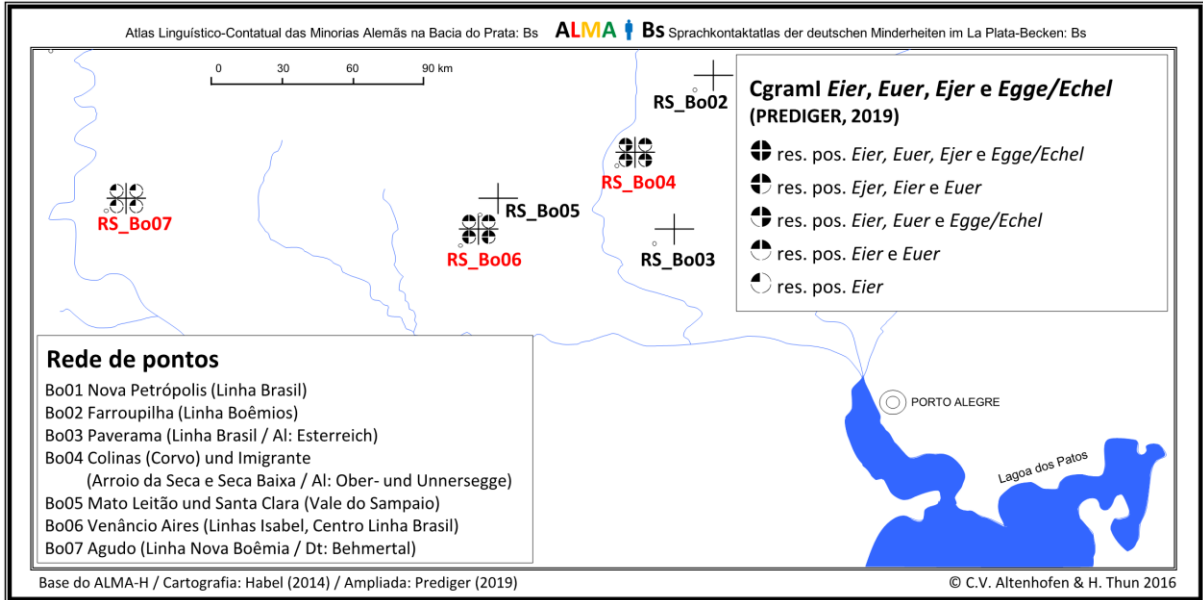
A5.2 – Variante *Eier*



A5.3 – Variante *Euer*

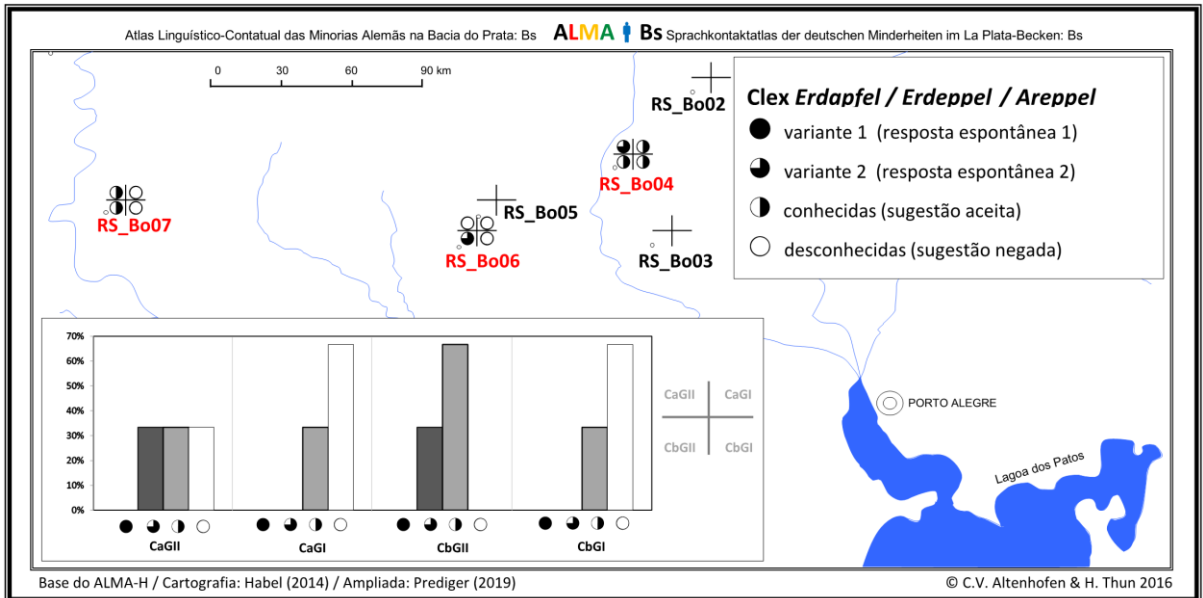


A5.4 – Cruzamento das variantes *Ejer*, *Eier*, *Euer* e *Egge/Echel*

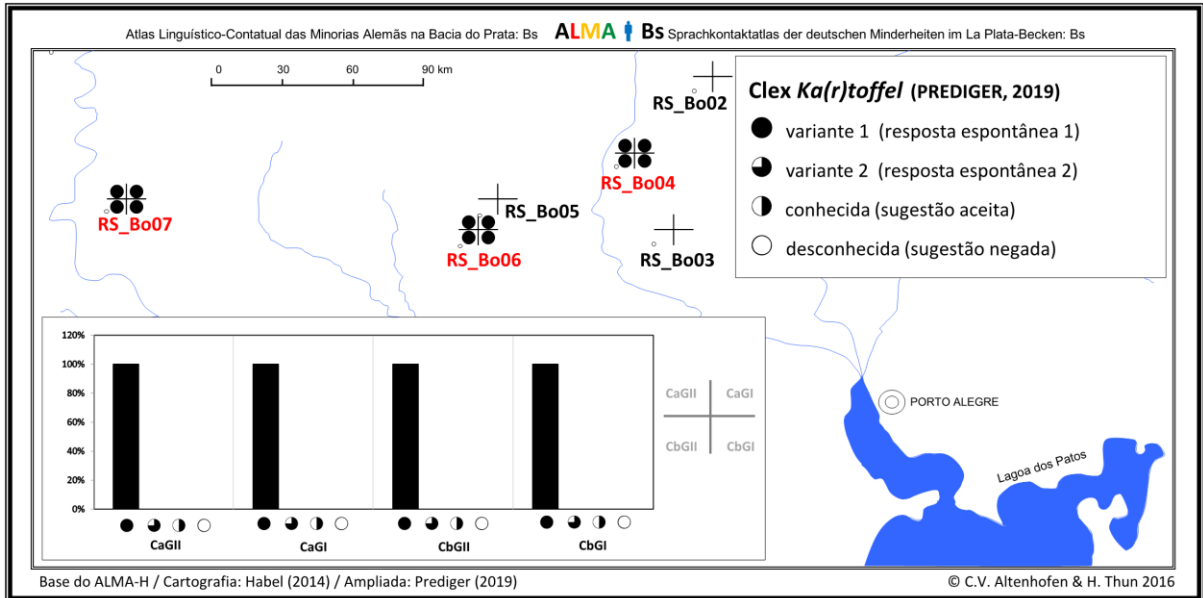


A6 – Variável Nhd. *Kartoffeln*

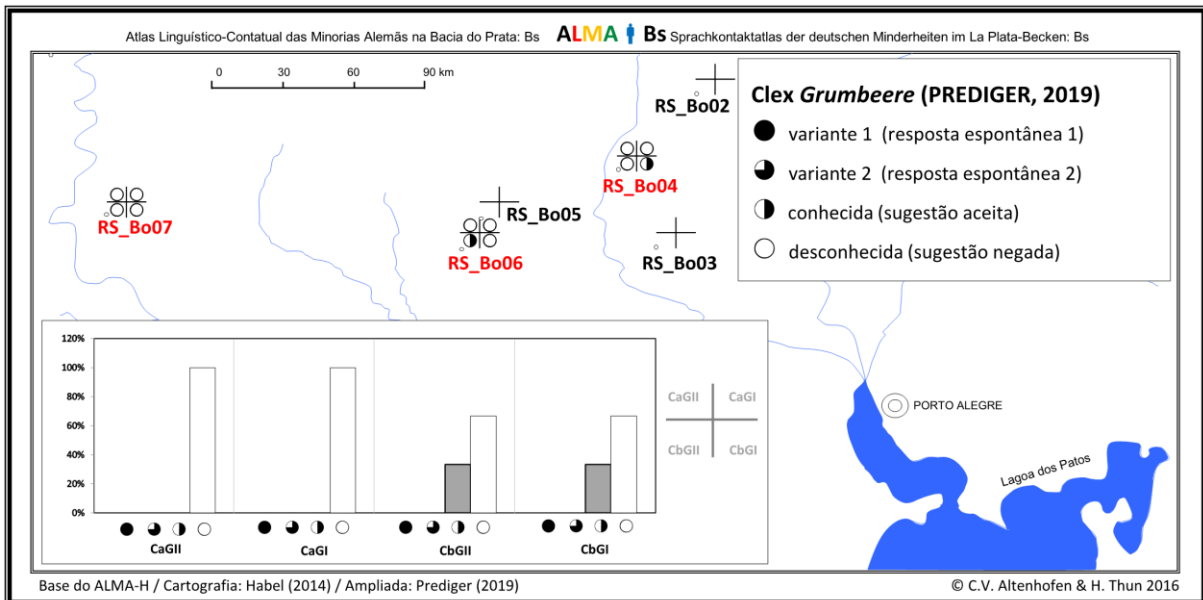
A6.1 – Variante *Erdapfel* / *Erdeppel* / *Areppel*



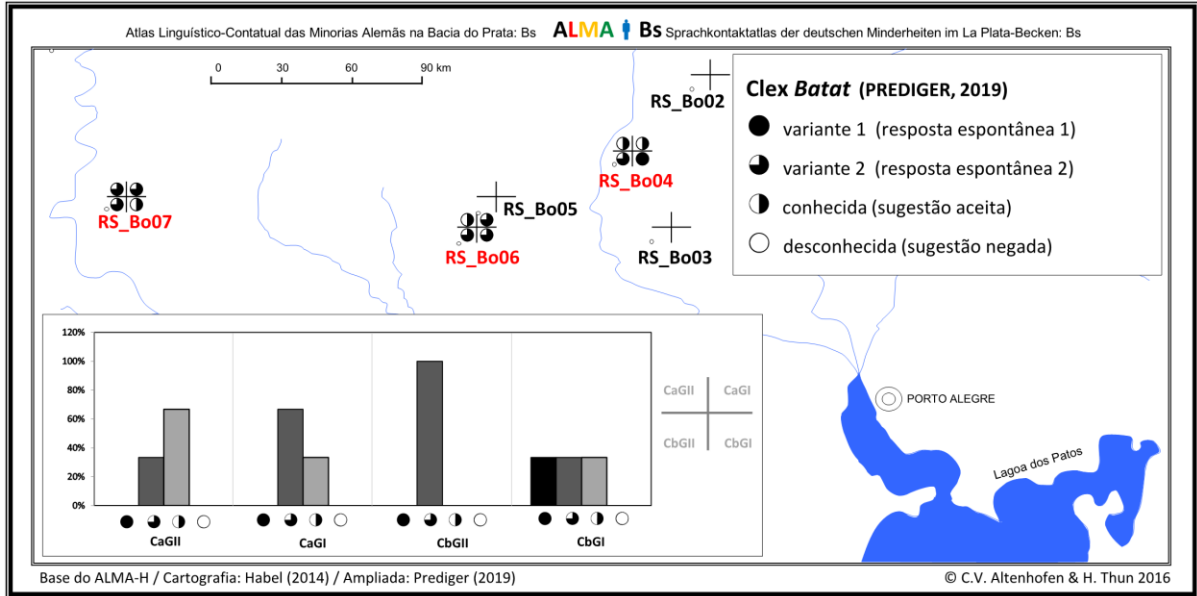
A6.2 – Variante *Ka(r)toffel*



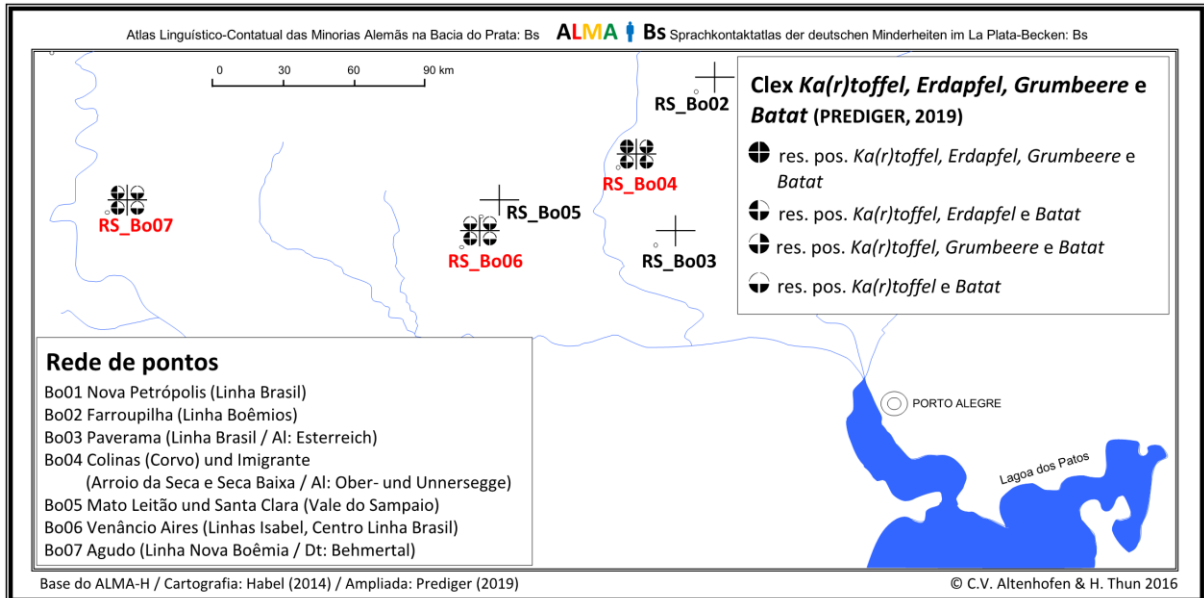
A6.3 – Variante *Grumbeere*



A6.4 – Variante *Batat*

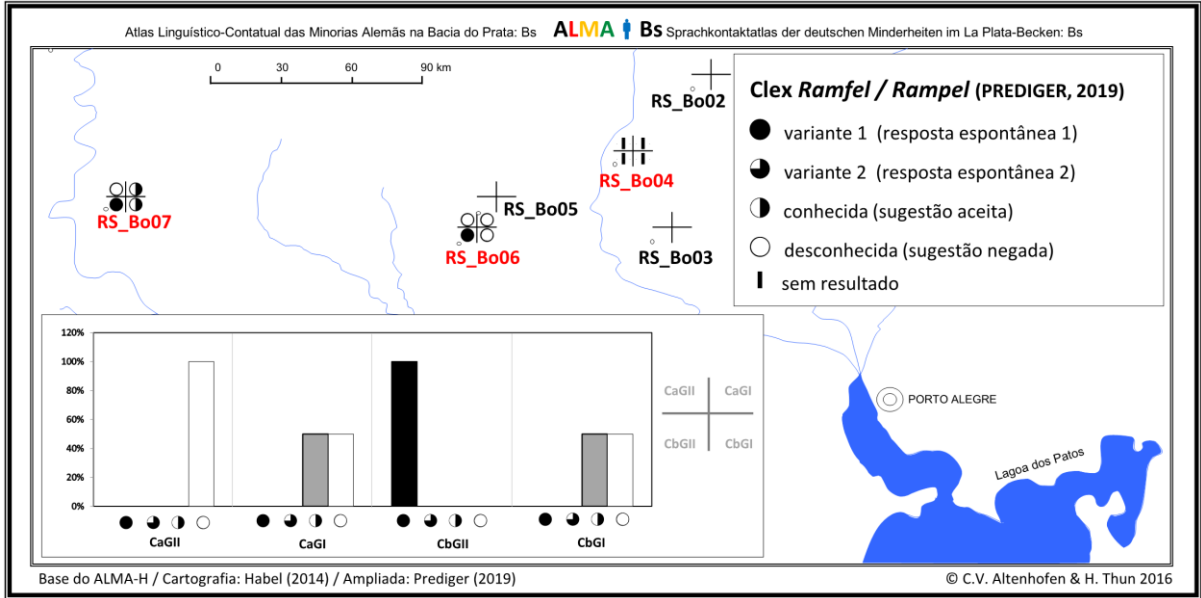


A6.5 – Cruzamento de *Ka(r)toffel*, *Erdapfel*, *Grumbeere* e *Batat*

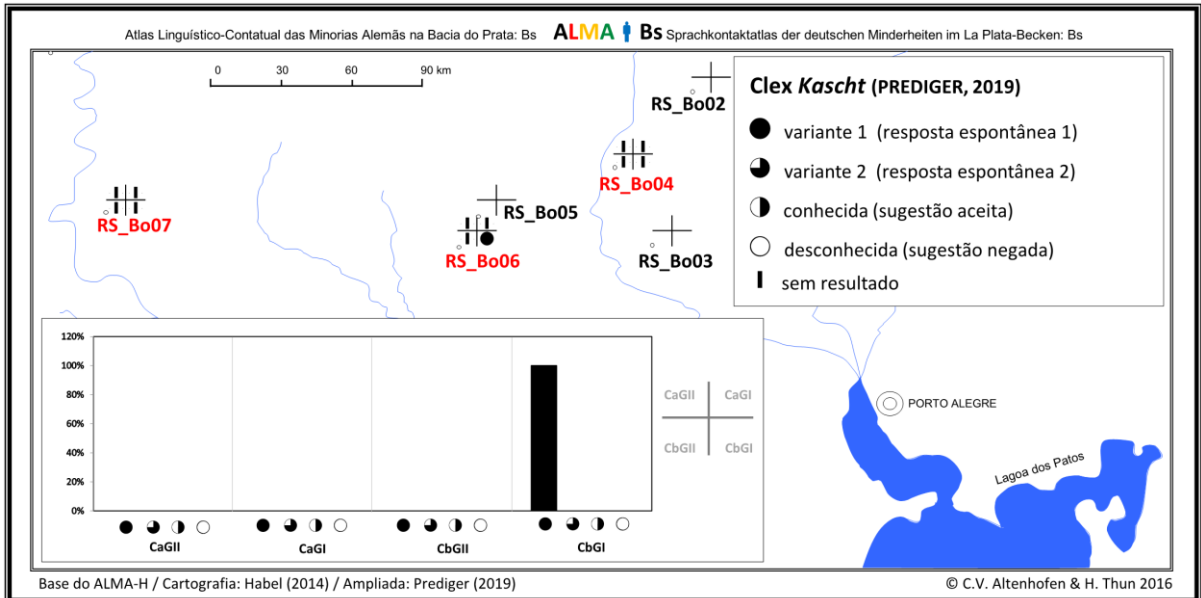


A7 – Variável Nhd. *Kruste*

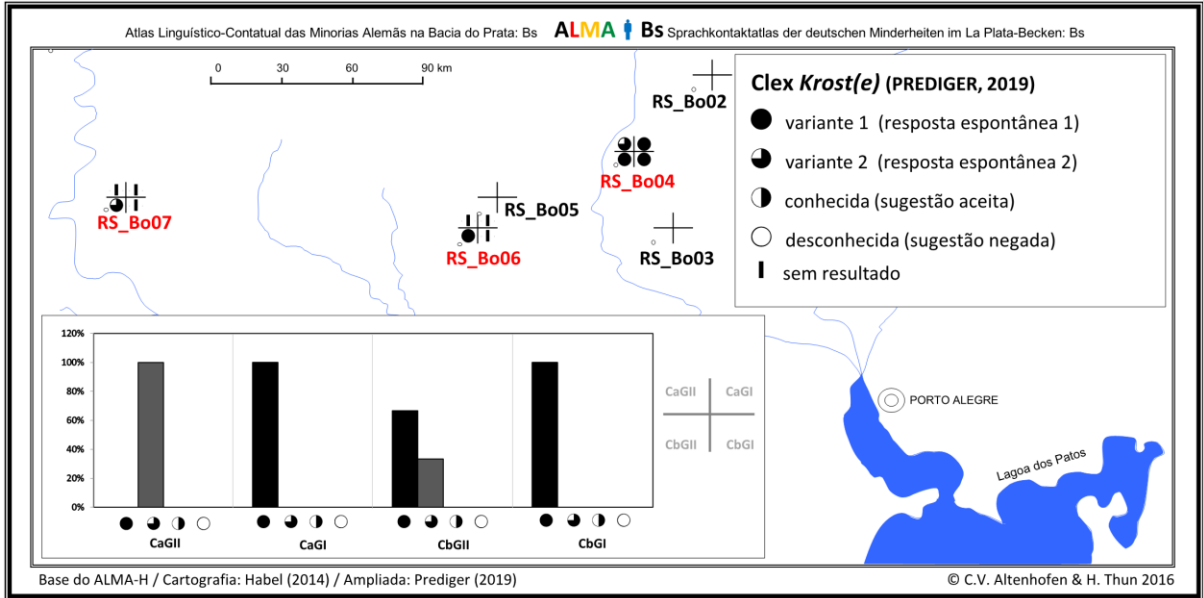
A7.1a – Variante *Ramfel / Rampel*



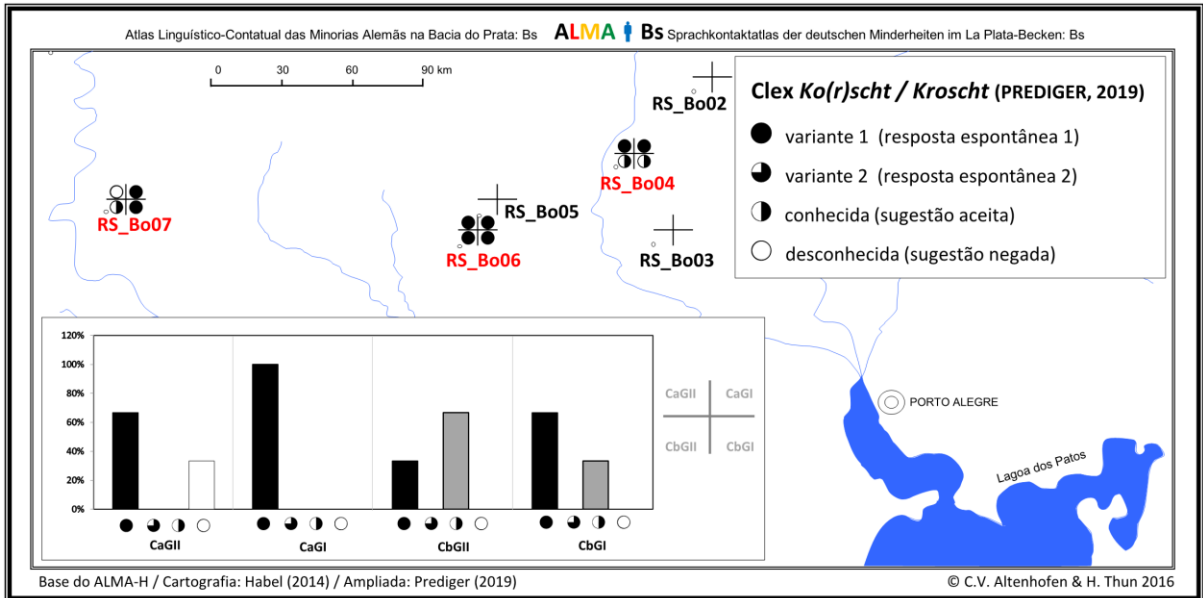
A7.1b – Variante *Kascht*



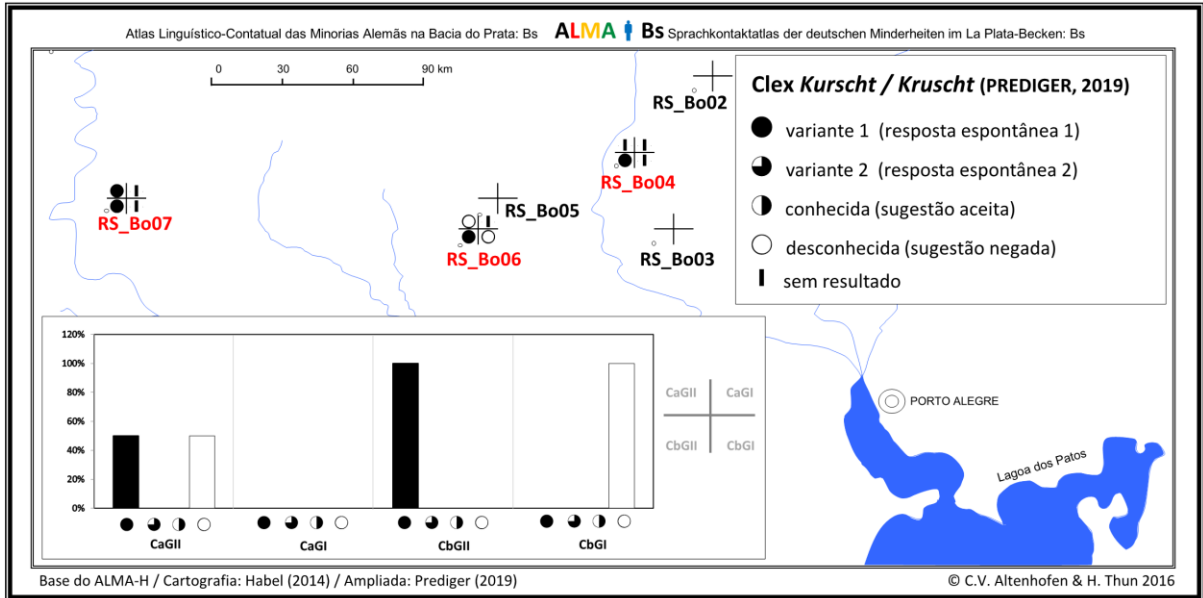
A7.2 – Variante *Krost(e)*



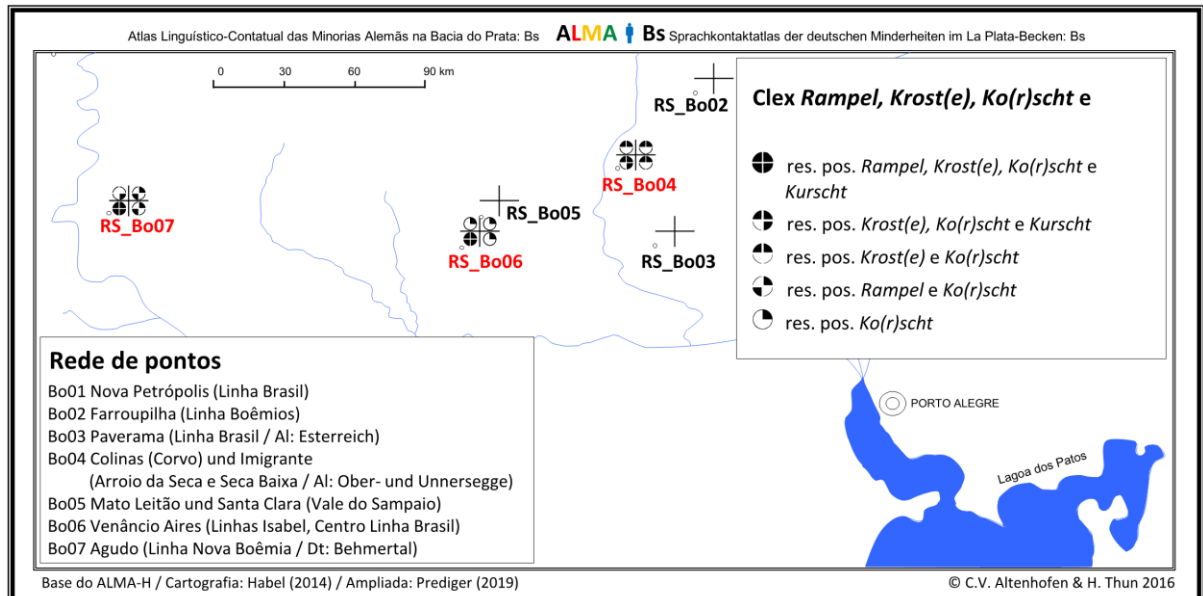
A7.3 – Variante *Ko(r)scht / Kroscht*



A7.4 – Variante *Kurscht / Kruscht*

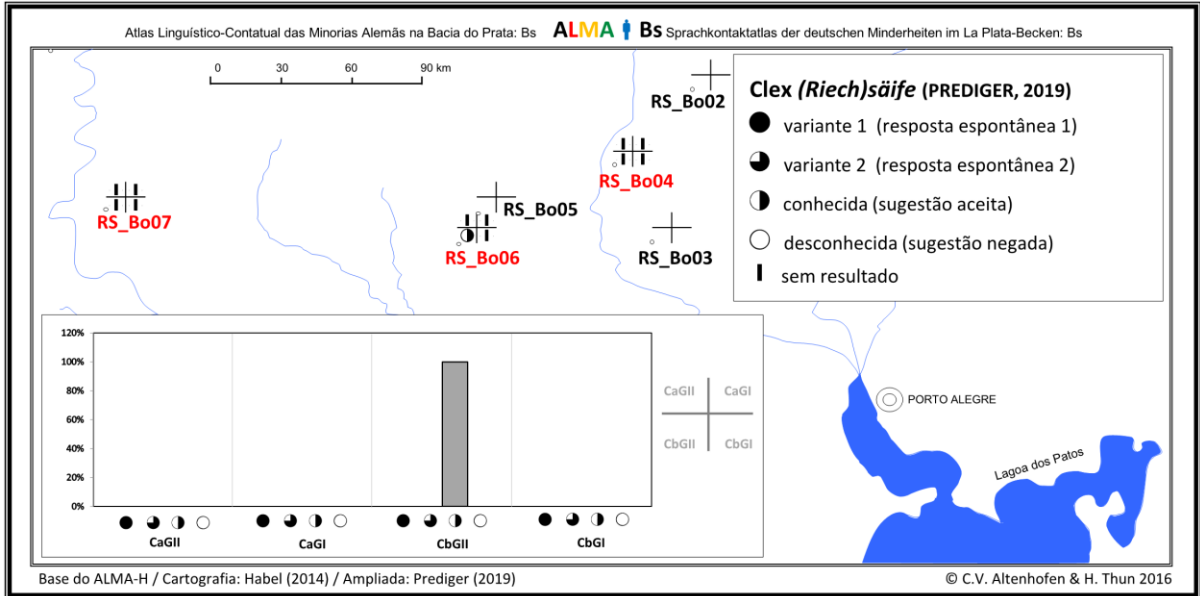


A7.5 - Cruzamento das variantes *Rampel*, *Krost(e)*, *Ko(r)scht* e *Kurscht*

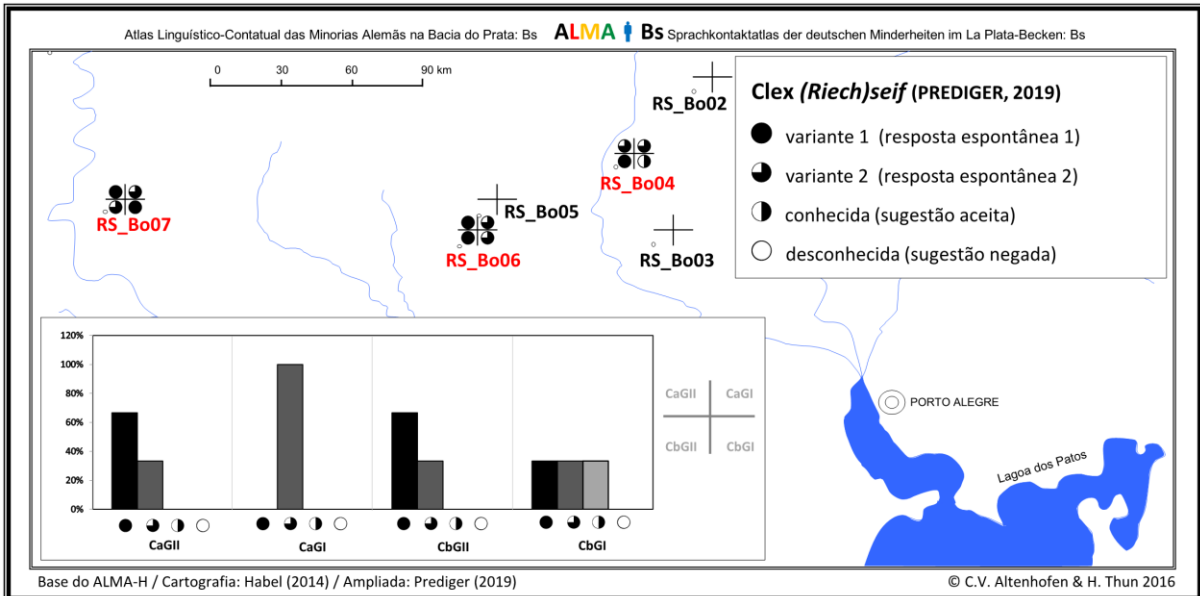


A8 – Variável Nhd. *perfümierte Seife*

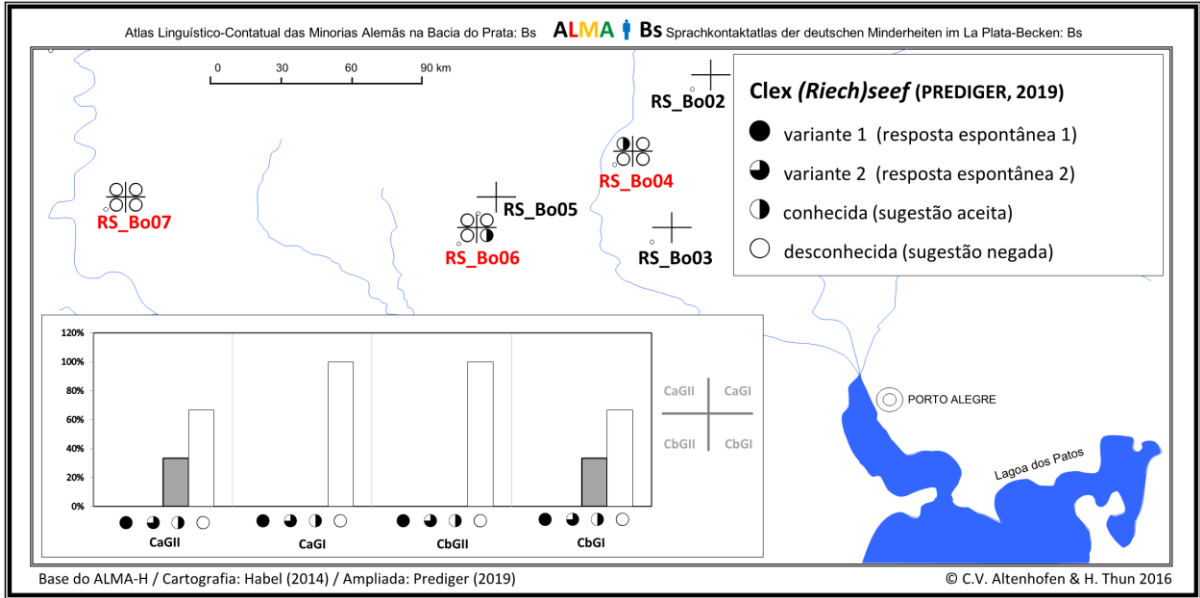
A8.1 – Variante (*Riech*)säife



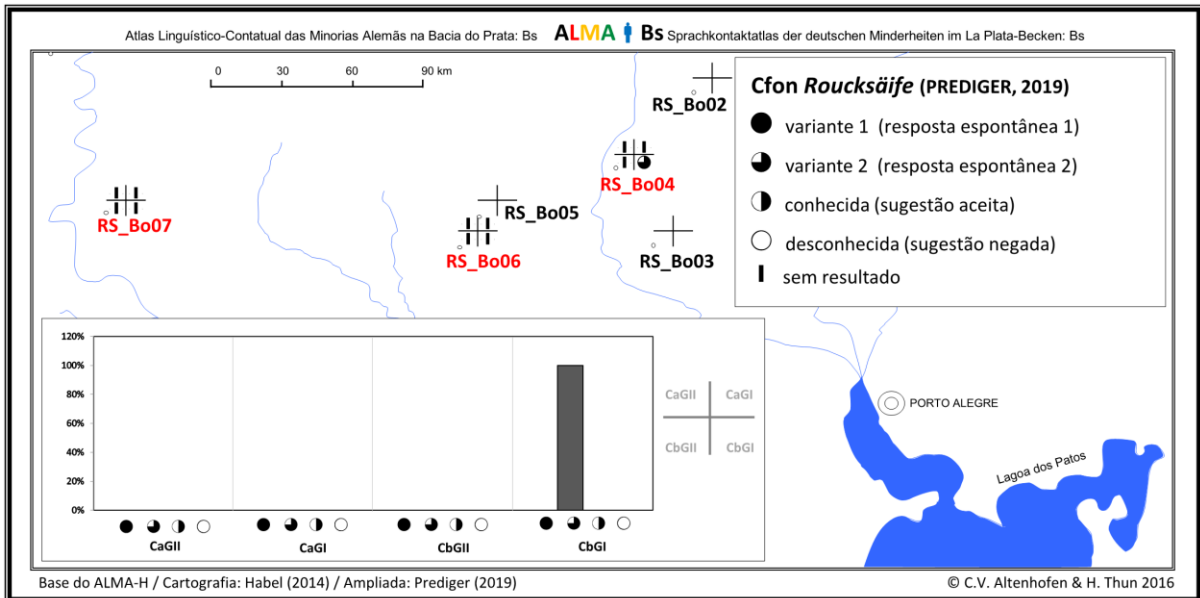
A8.2a – Variante (*Riech*)seif



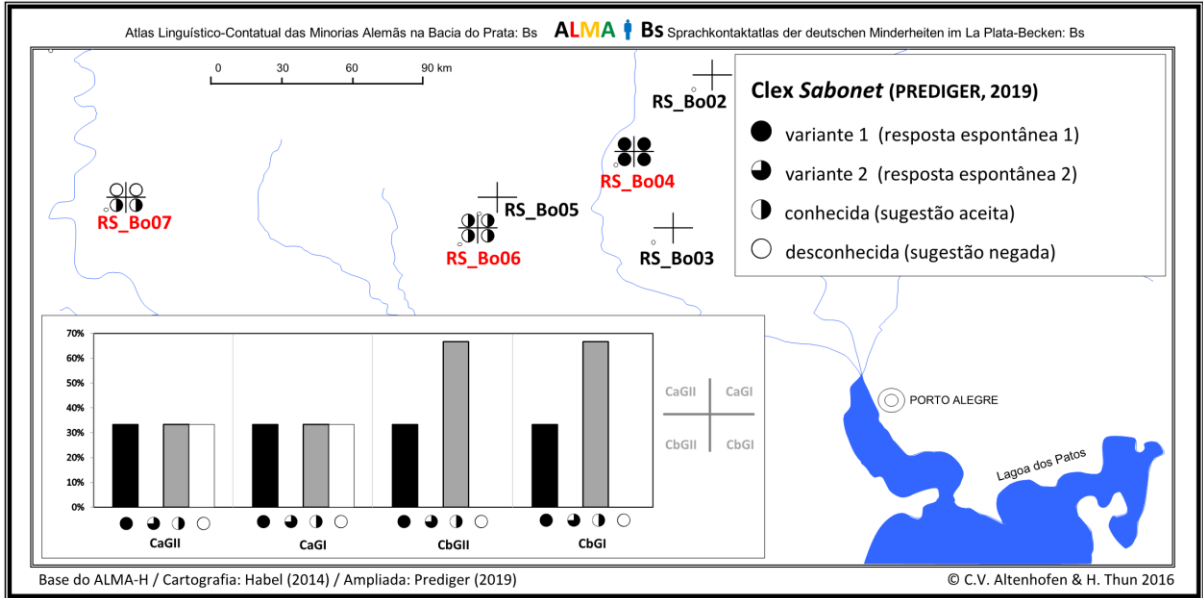
A8.2b – Variante *(Riech)seef*



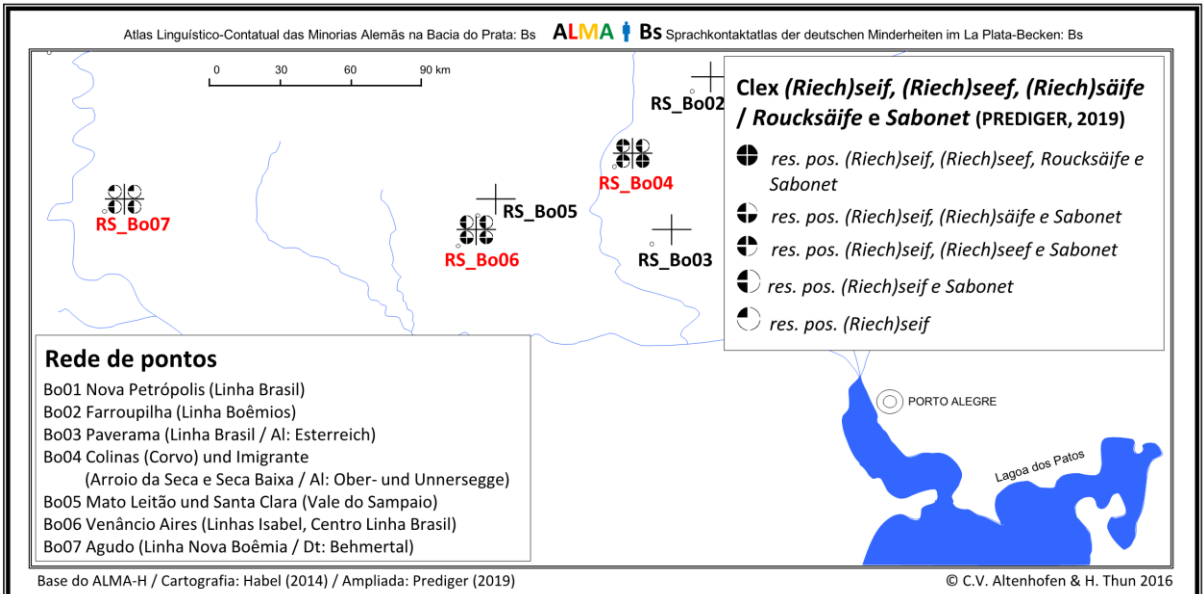
A8.3 – Variante *Roucksäife*



A8.4 – Variante *Sabonet*

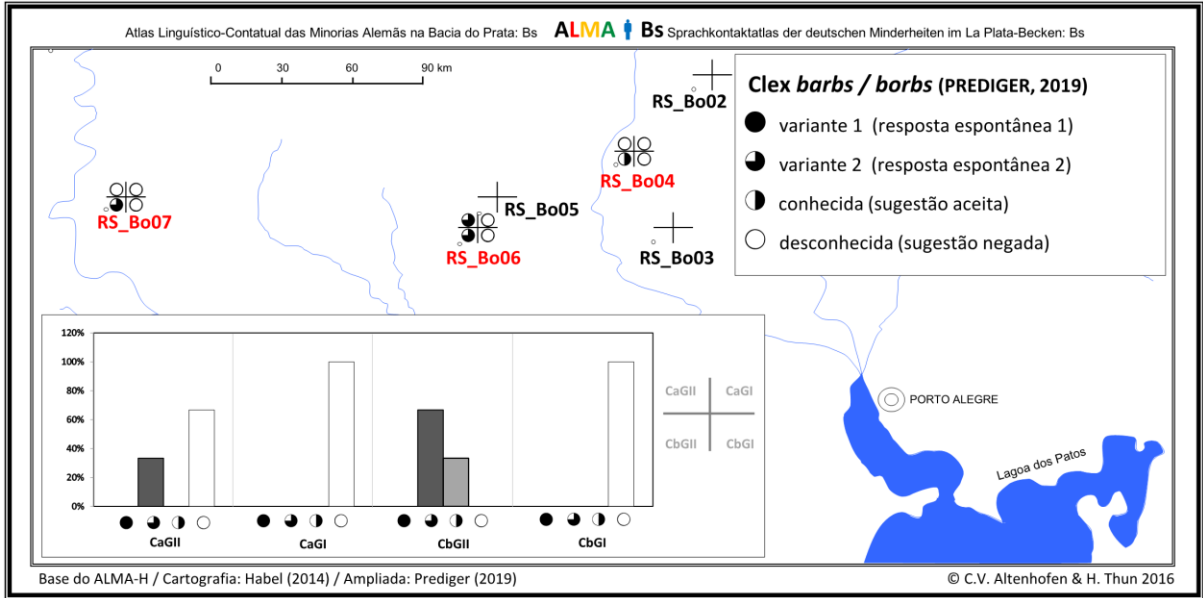


A8.5 – Cruzamento das variantes *(Riech)seif*, *(Riech)seef*, *(Riech)säife* / *Roucksäife* e *Sabonet*

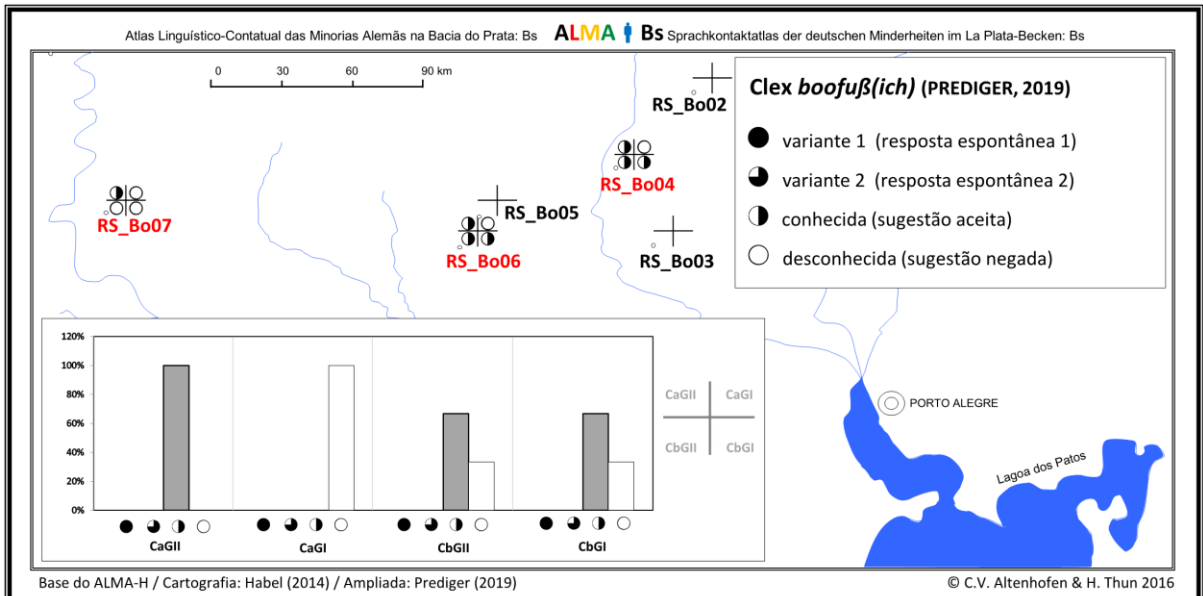


A9 – Variável Nhd. *barfuß*

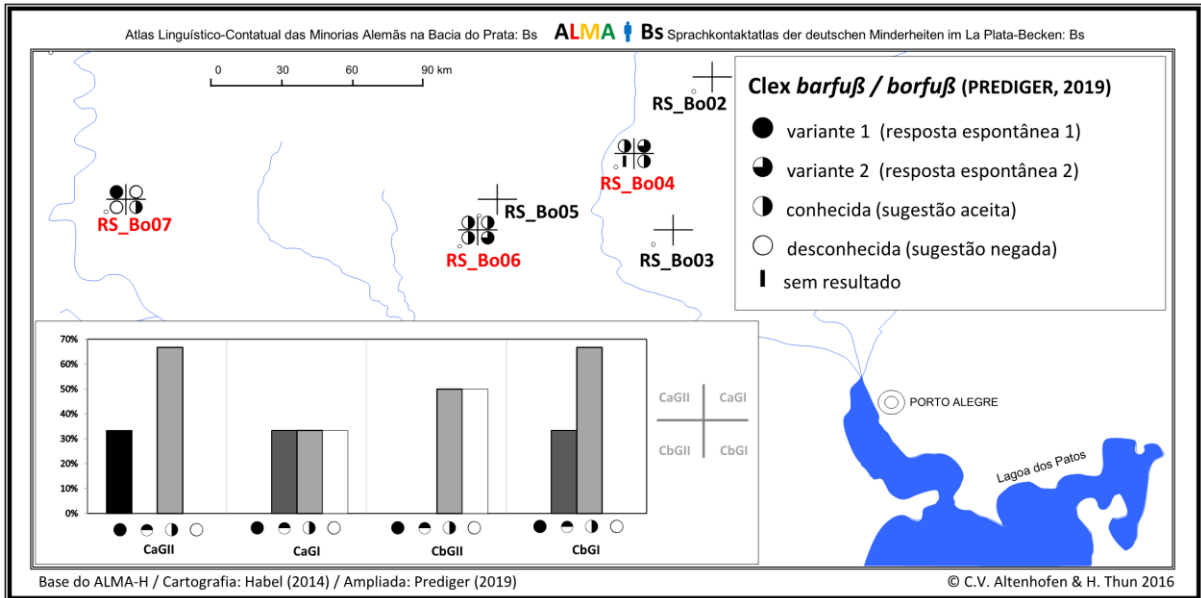
A9.1a – Variante *barbs / borbs*



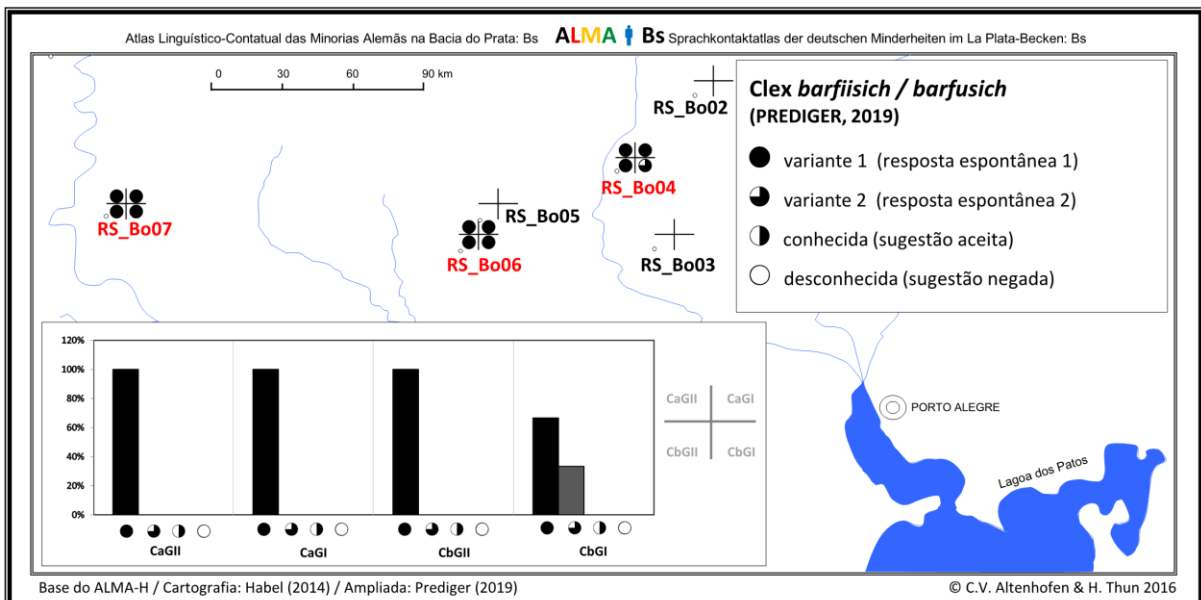
A9.1b – Variante *boofuß(ich)*



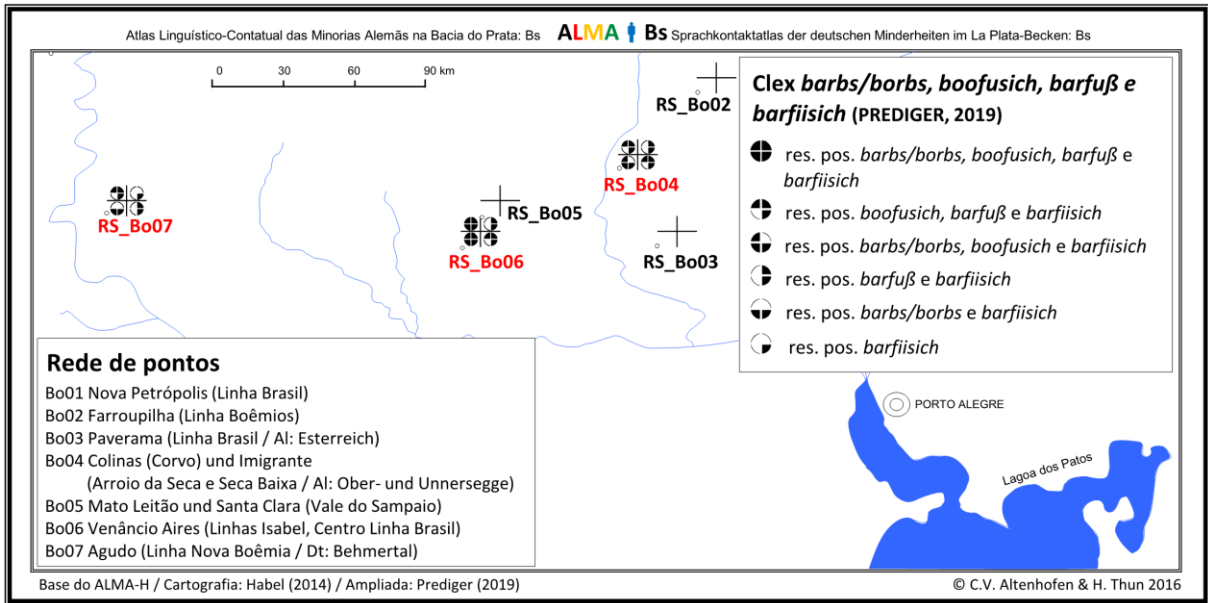
A9.2 – Variante *barfuß / borfuß*



A9.3 – Variante *barfiisich / barfusich*

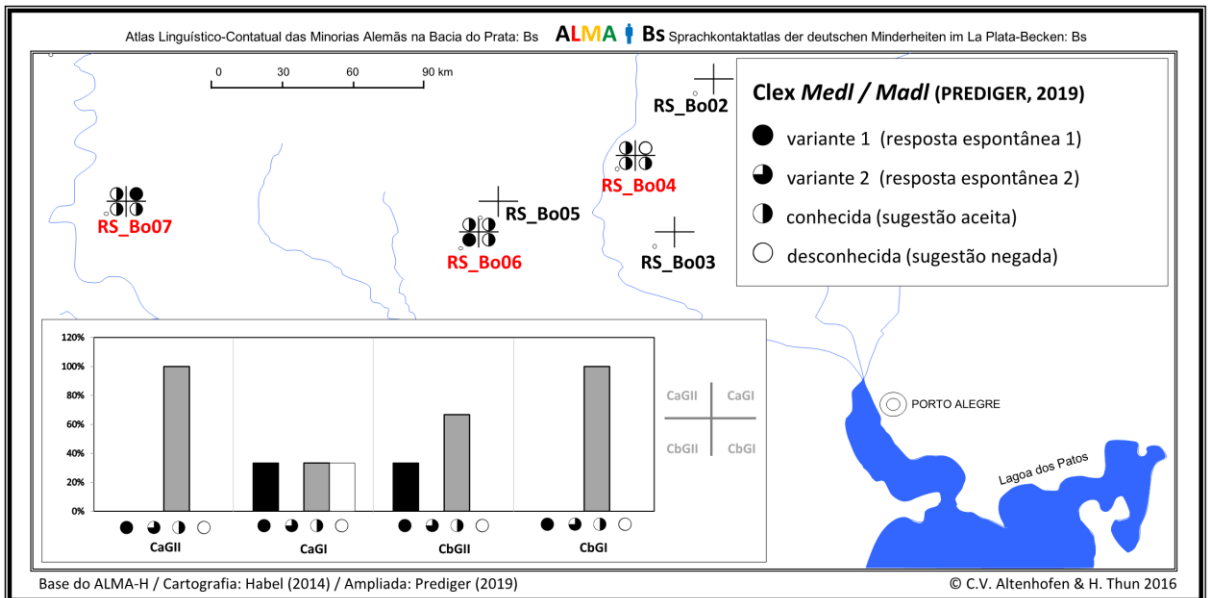


A9.4 – Cruzamento das variantes *barbs/borbs*, *boofus(ich)*, *barfuß* e *barfiisch*

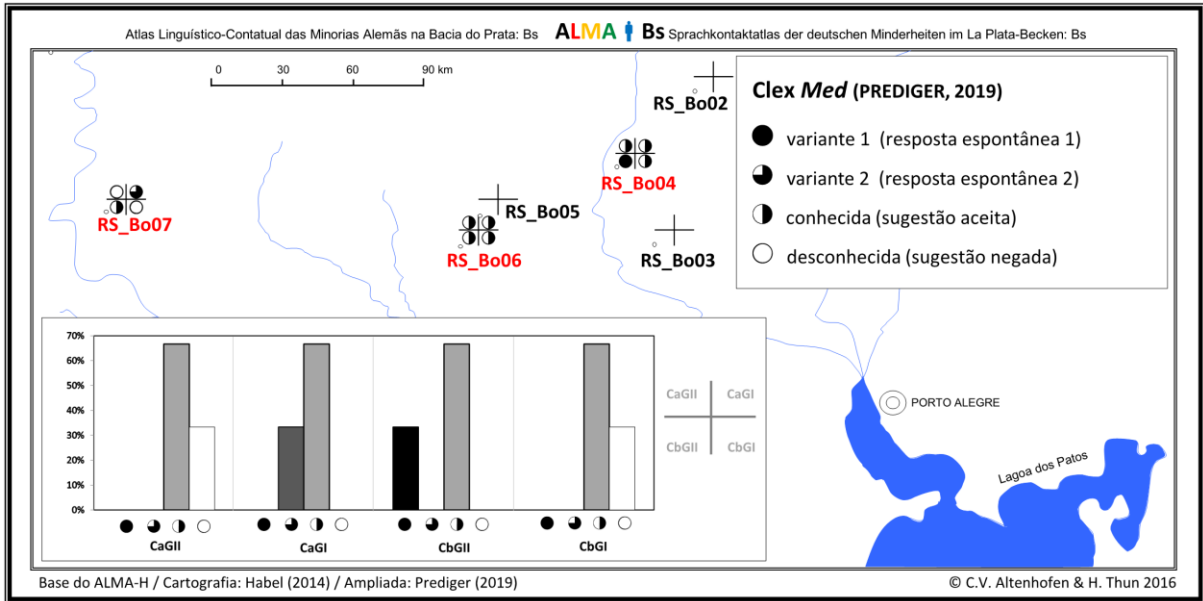


A10 – Variável Nhd. *Mädchen*

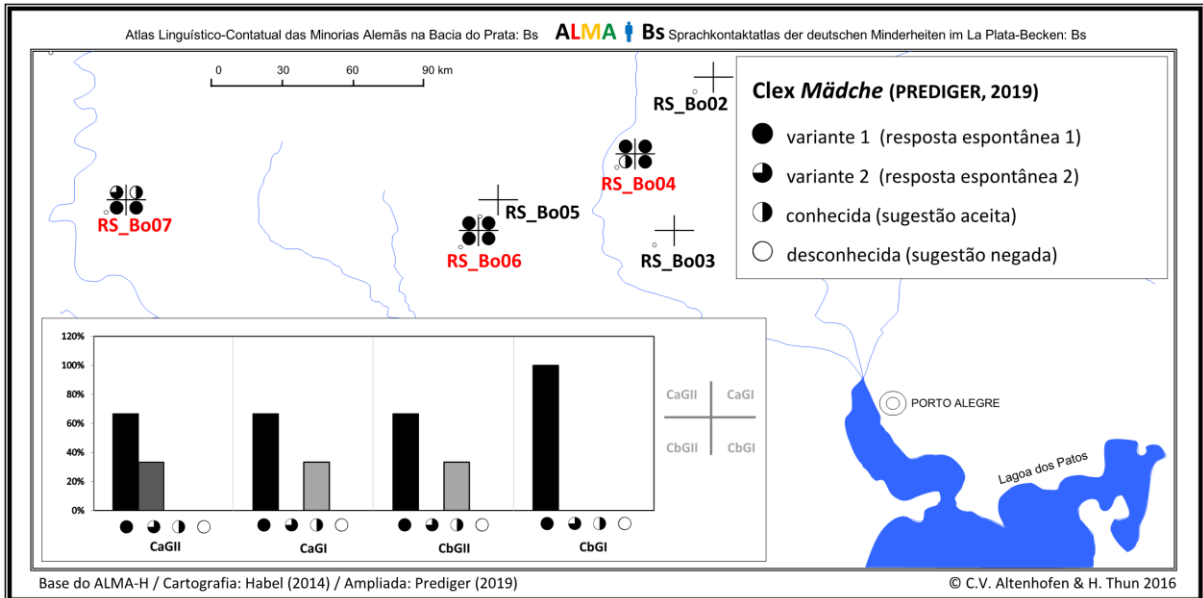
A10.1a – Variante *Medl / Madl*



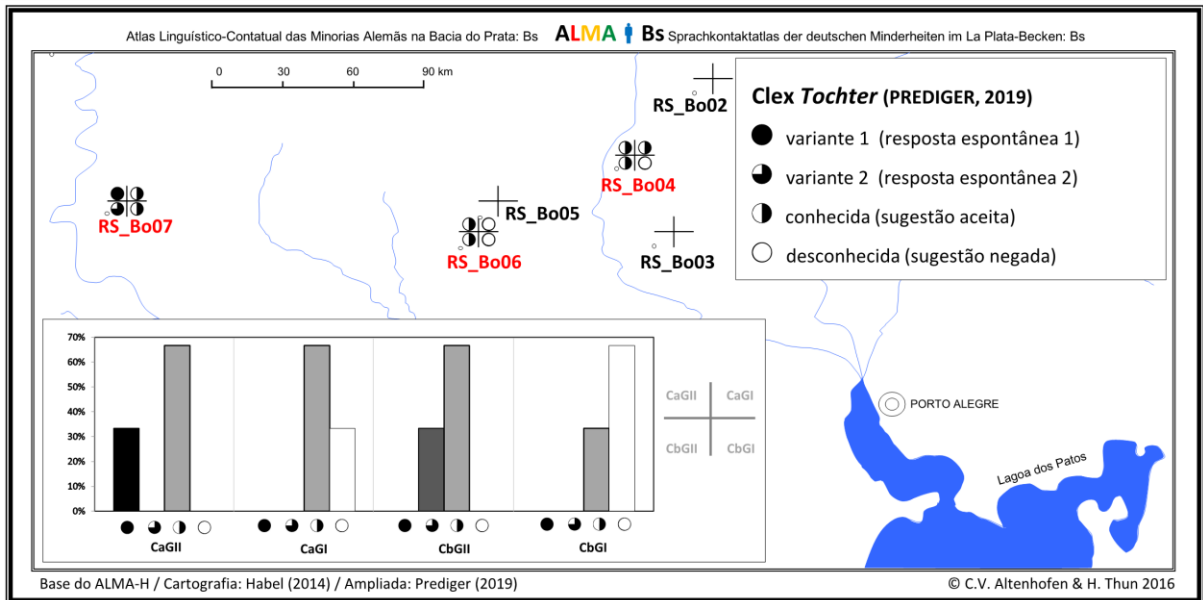
A10.1b – Variante *Med*



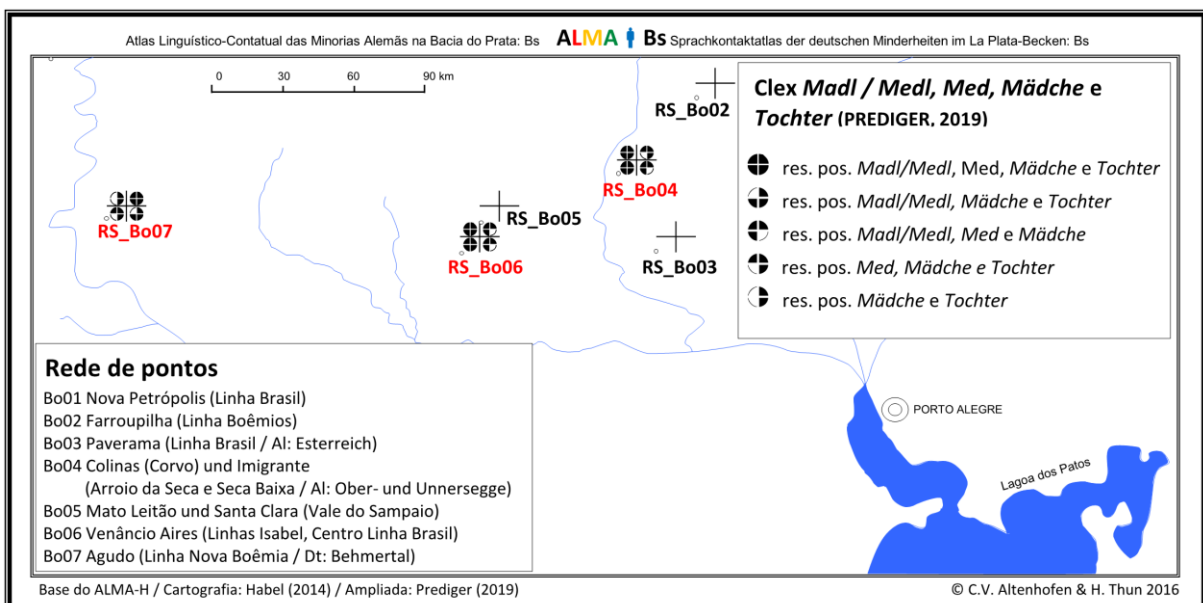
A10.2a – Variante *Mädche*



A10.2b – Variante *Tochter*

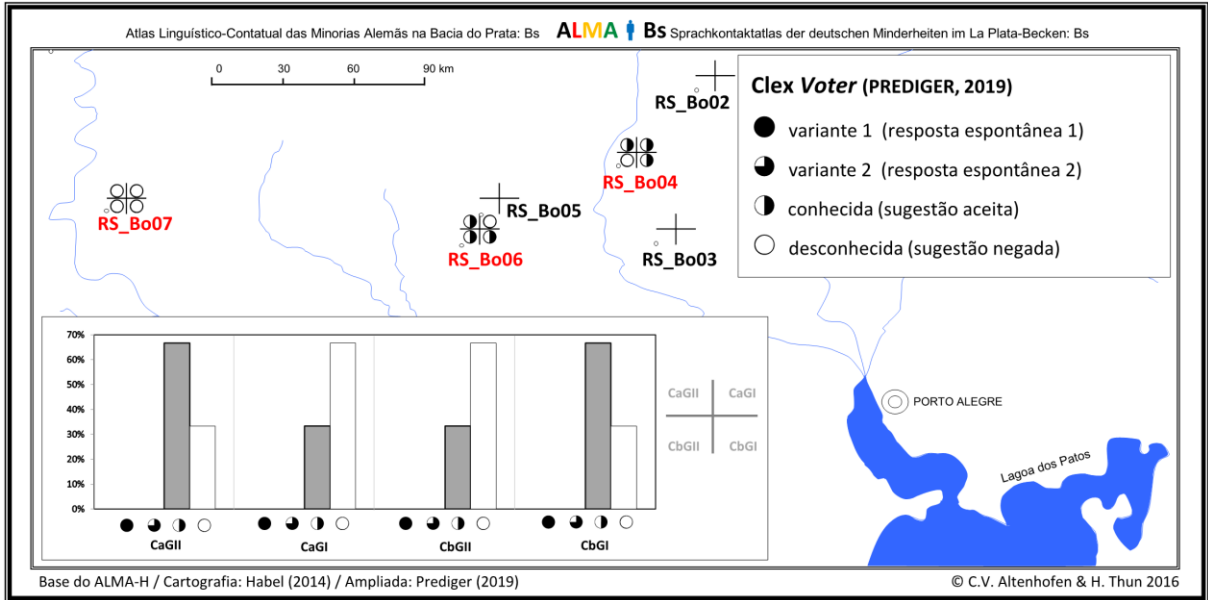


A10.3 – Cruzamento das variantes *Madl / Medl, Med, Mädche e Tochter*

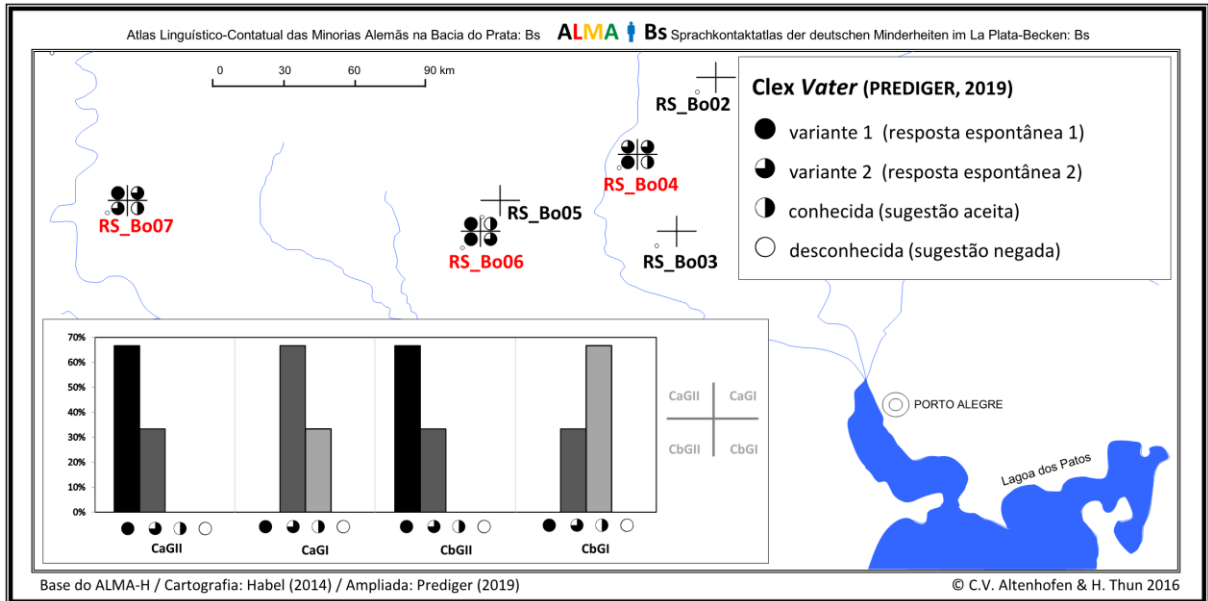


A11 – Variável Nhd. *Vater*

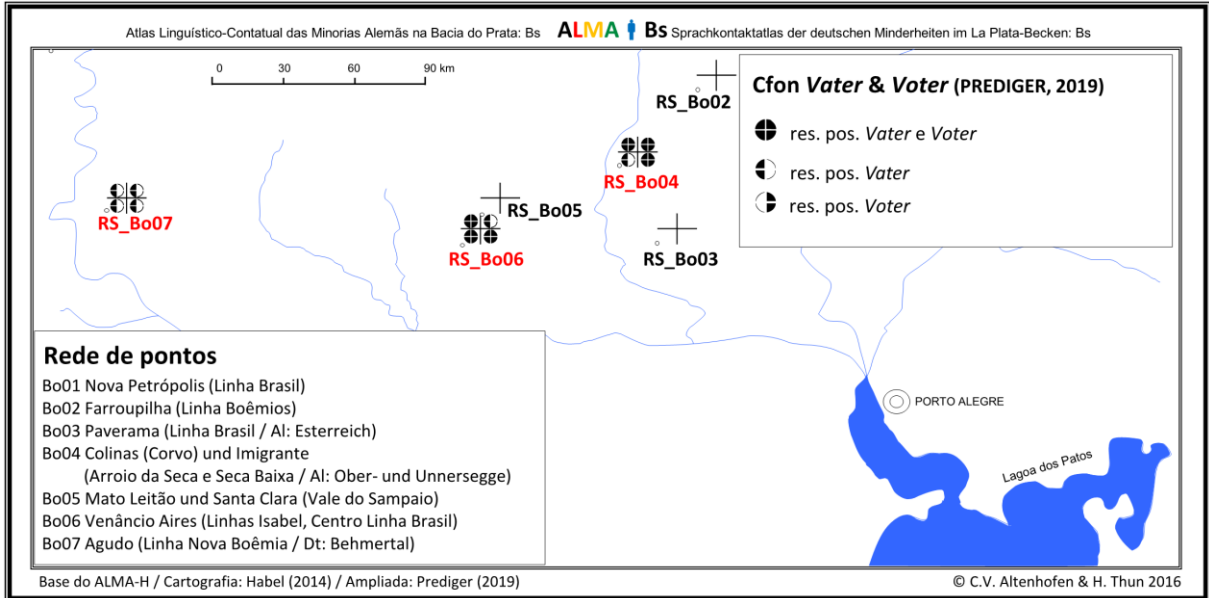
A11.1 – Variante *Voter*



A11.2 – Variante *Vater*

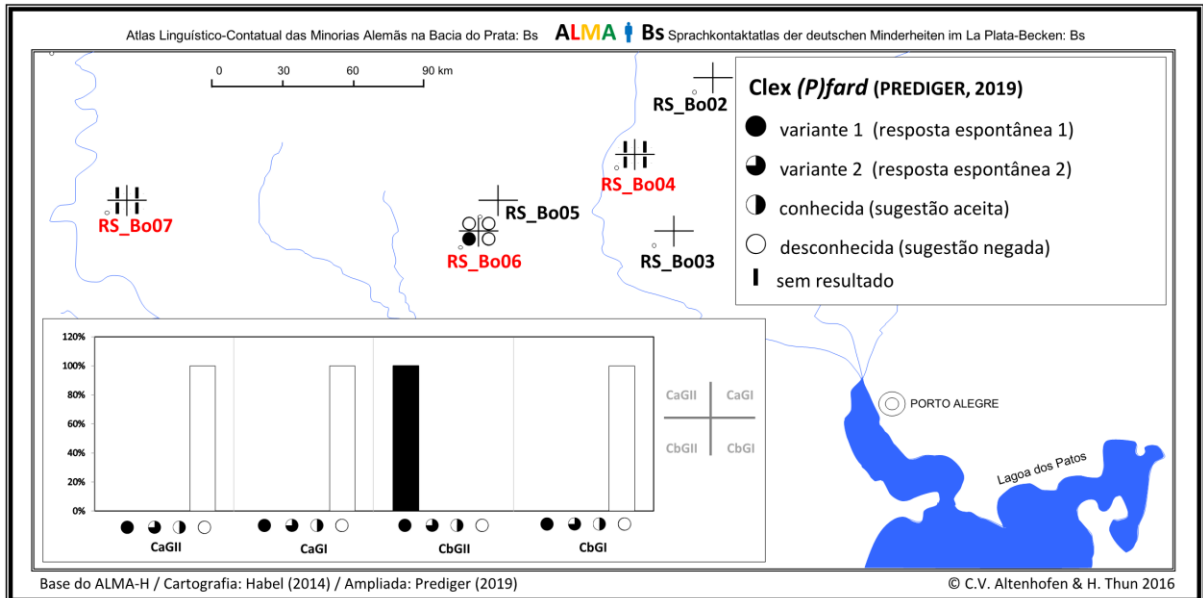


A11.3 – Cruzamento das variantes *Voter* e *Vater*

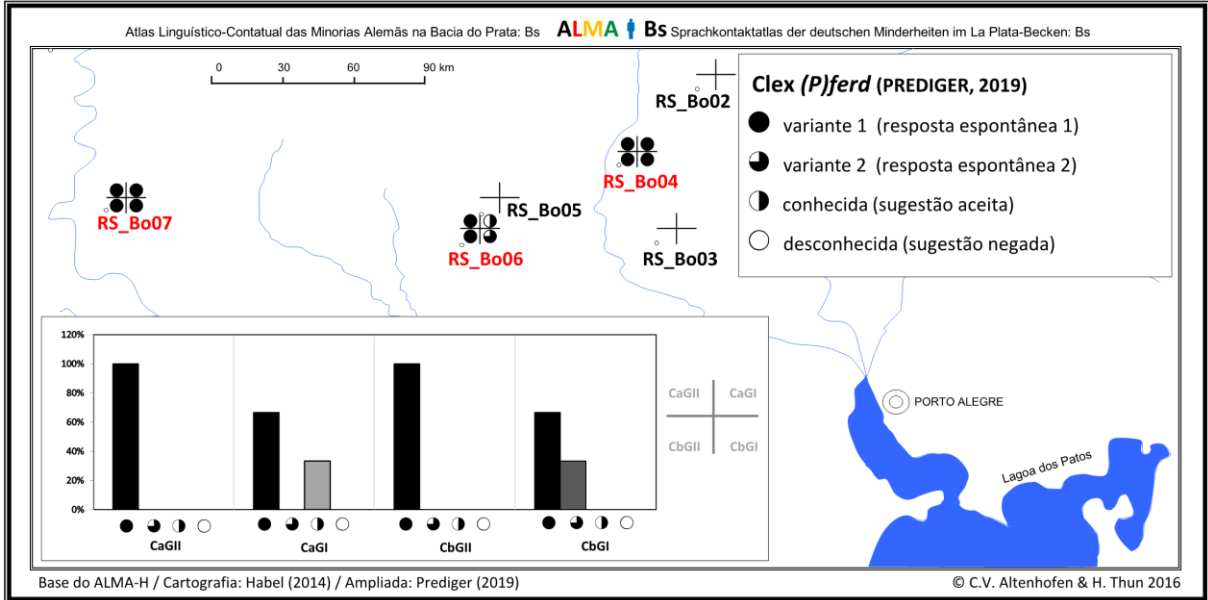


A12 – Variável Nhd. *Pferd*

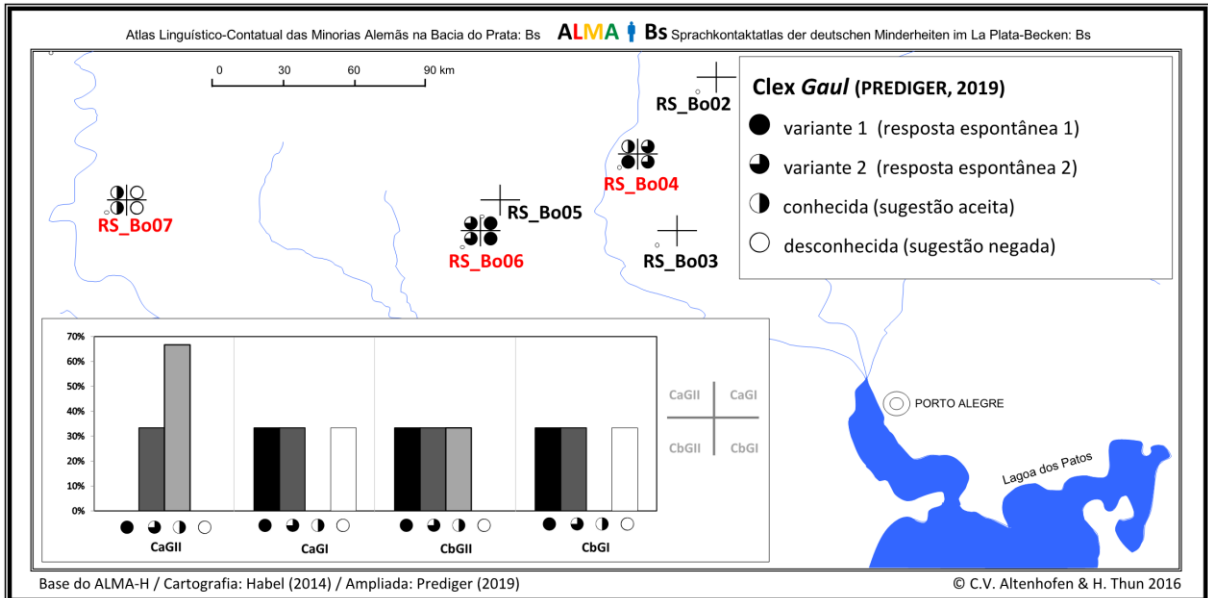
A12.1 – Variante (*P*)*fard*



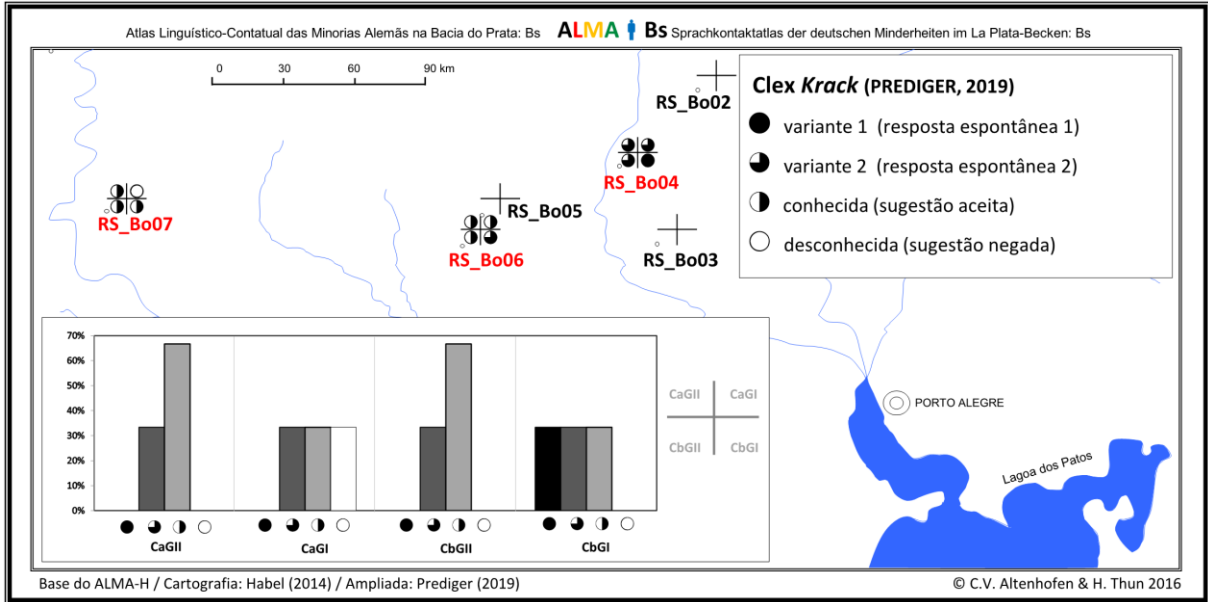
A12.2 – Variante (P)ferd



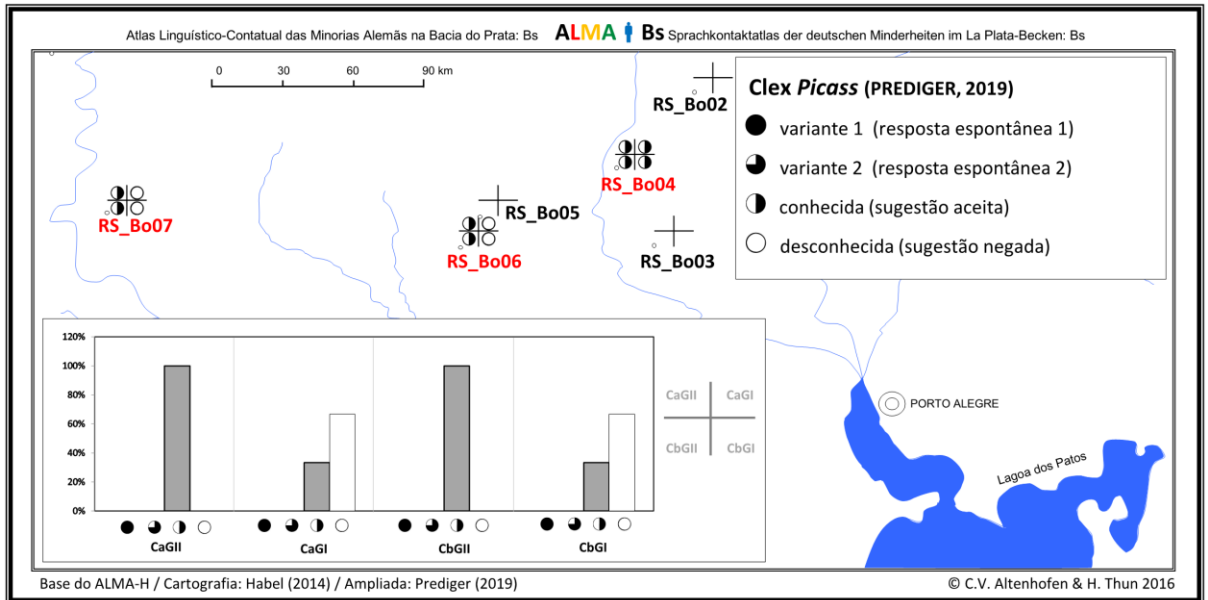
A12.3a – Variante Gaul



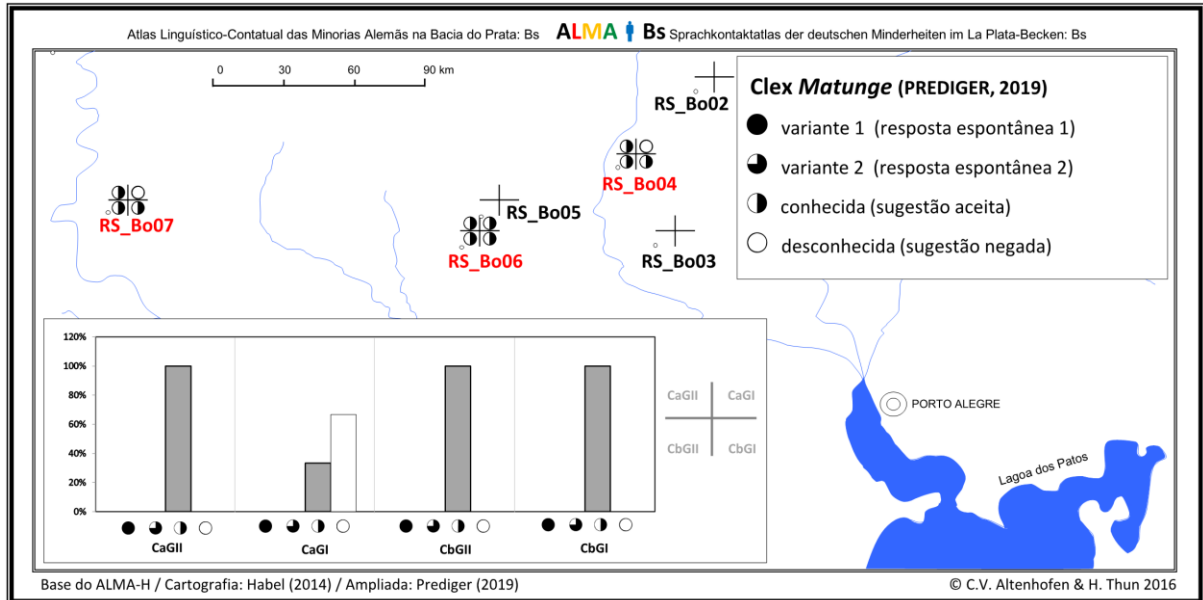
A12.3b – Variante *Krack*



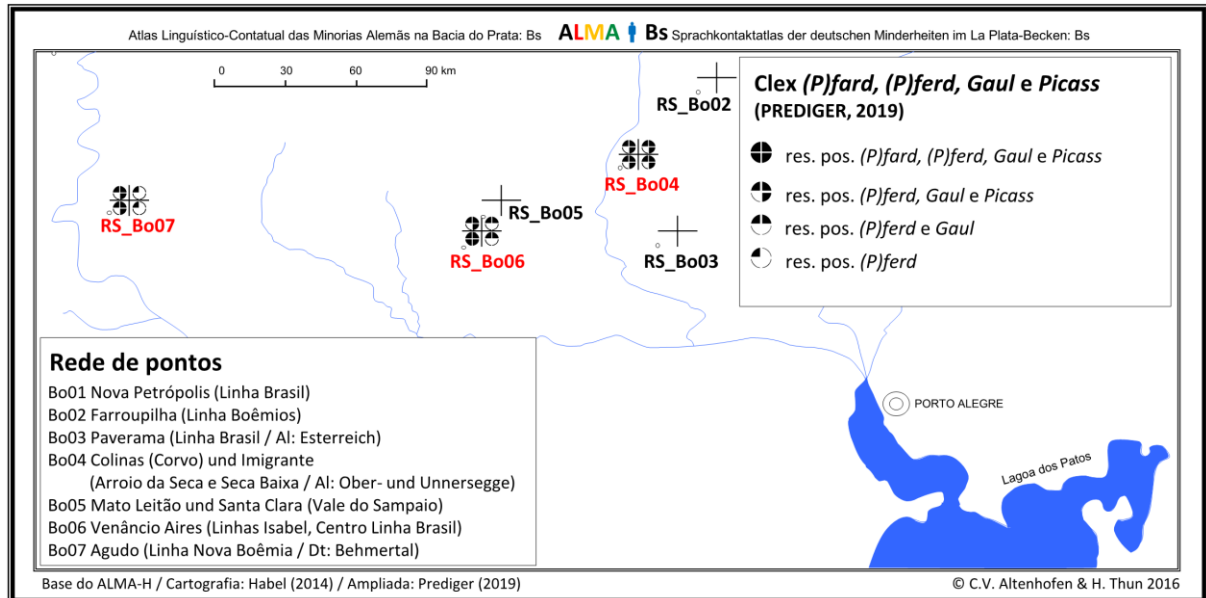
A12.4a – Variante *Picass*



A12.4b – Variante *Matunge*

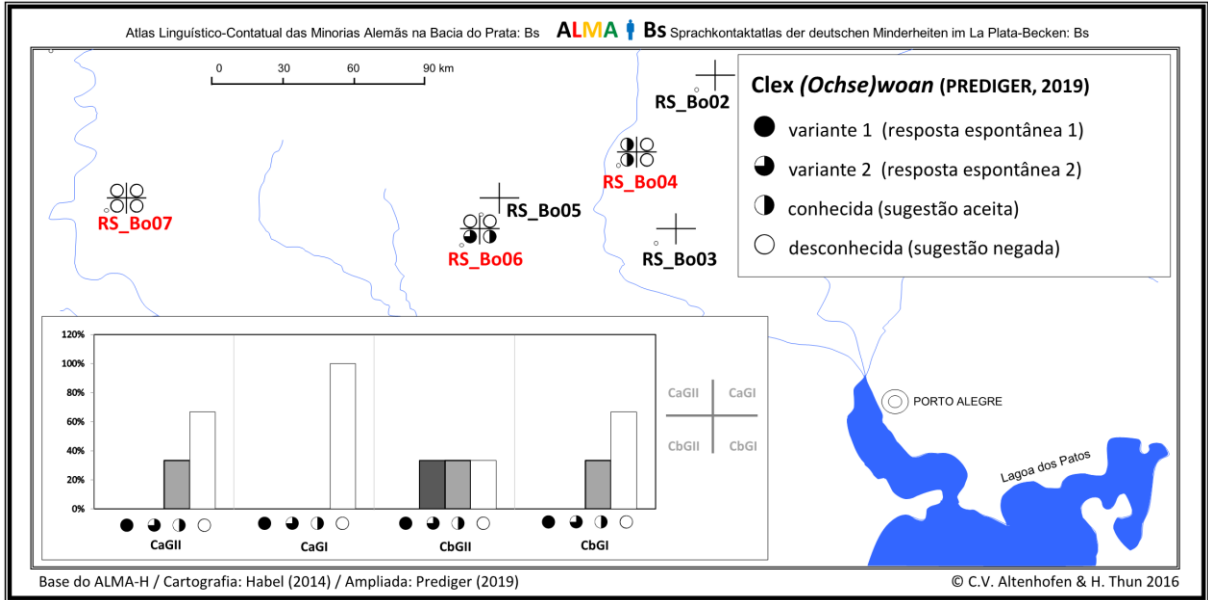


A12.5 – Cruzamento das variantes (*P*)fard, (*P*)ferd, Gaul e Picass

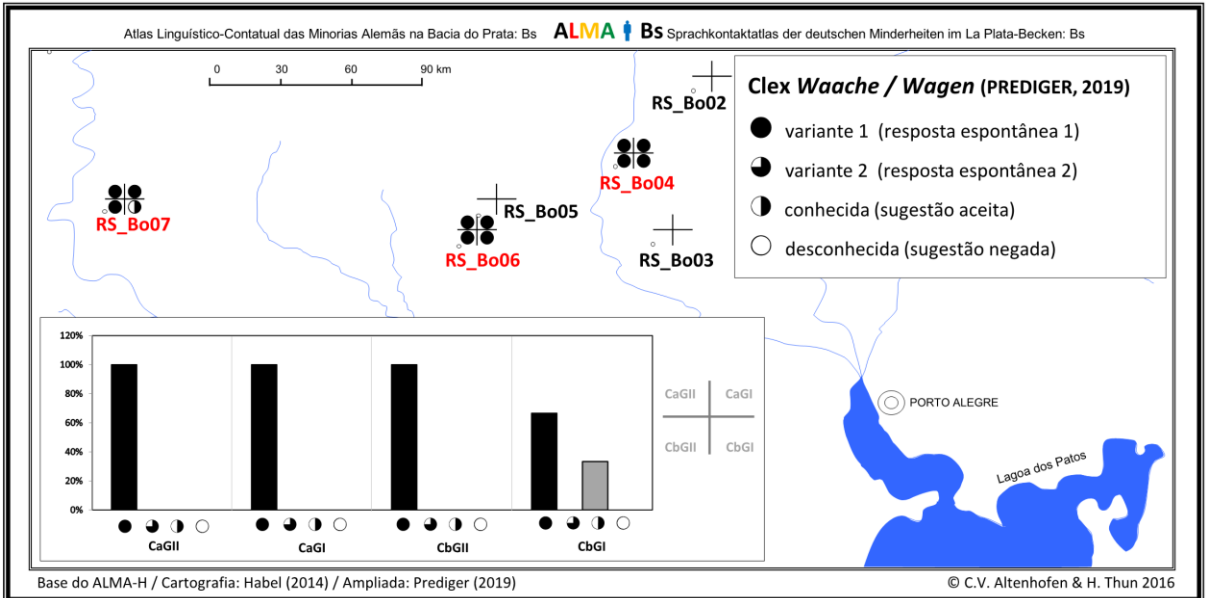


A13 – Variável Nhd. *Ochsenwagen*

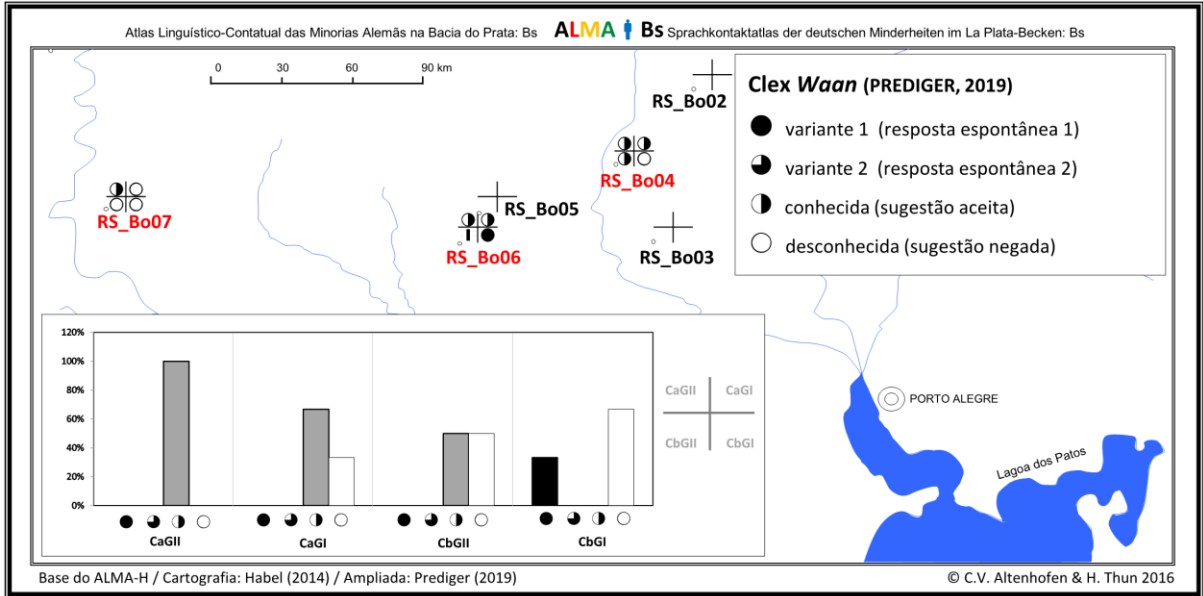
A13.1 Variante (*Ochse*)woan



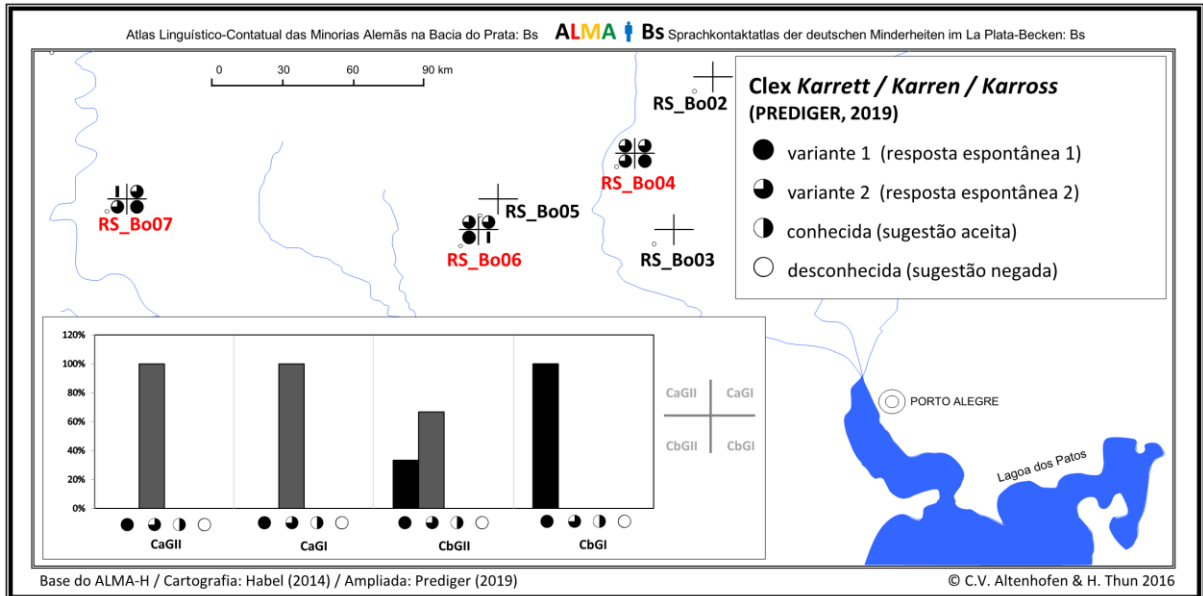
A13.2 – Variante *Waache* / *Wage(n)*



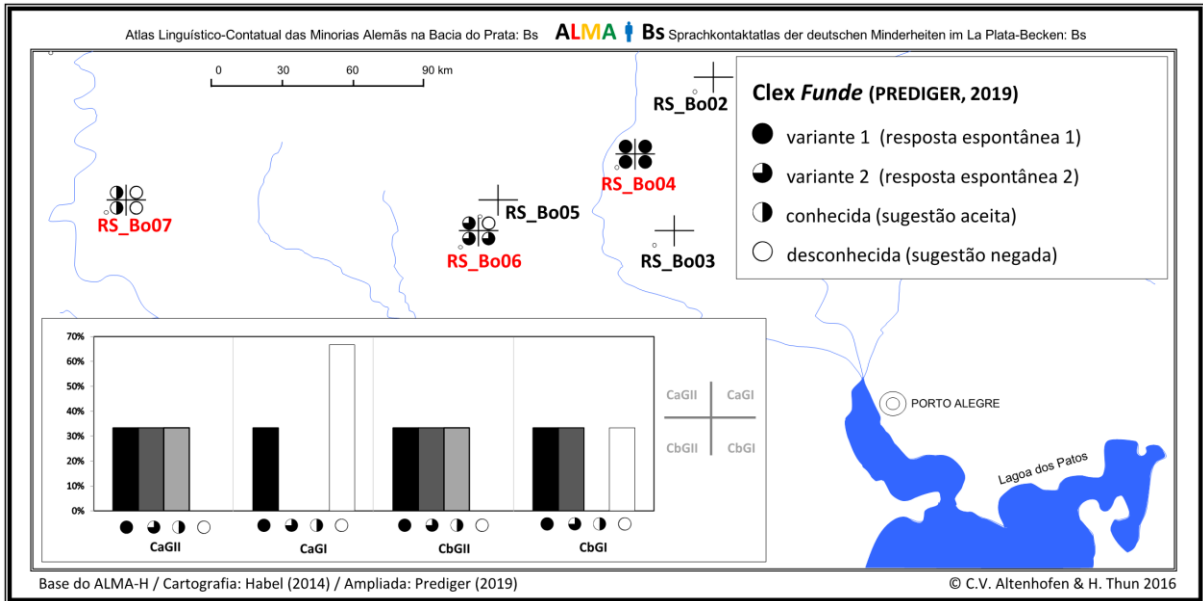
A13.3 – Variante *Waan*



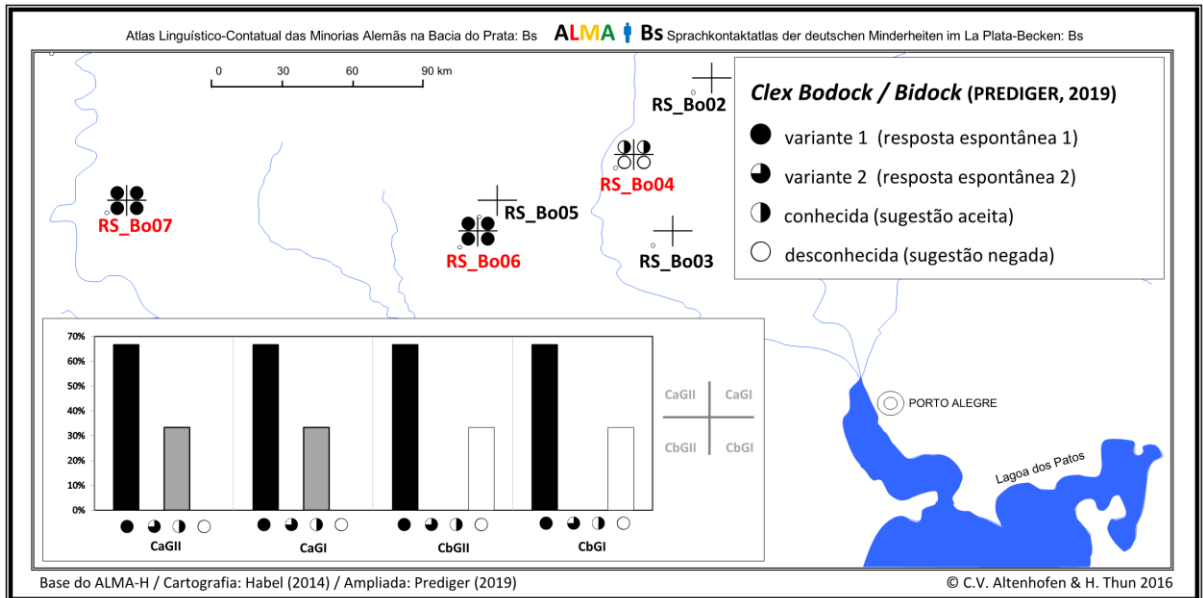
A13.4 – Variante *Karrett / Karren / Karross*



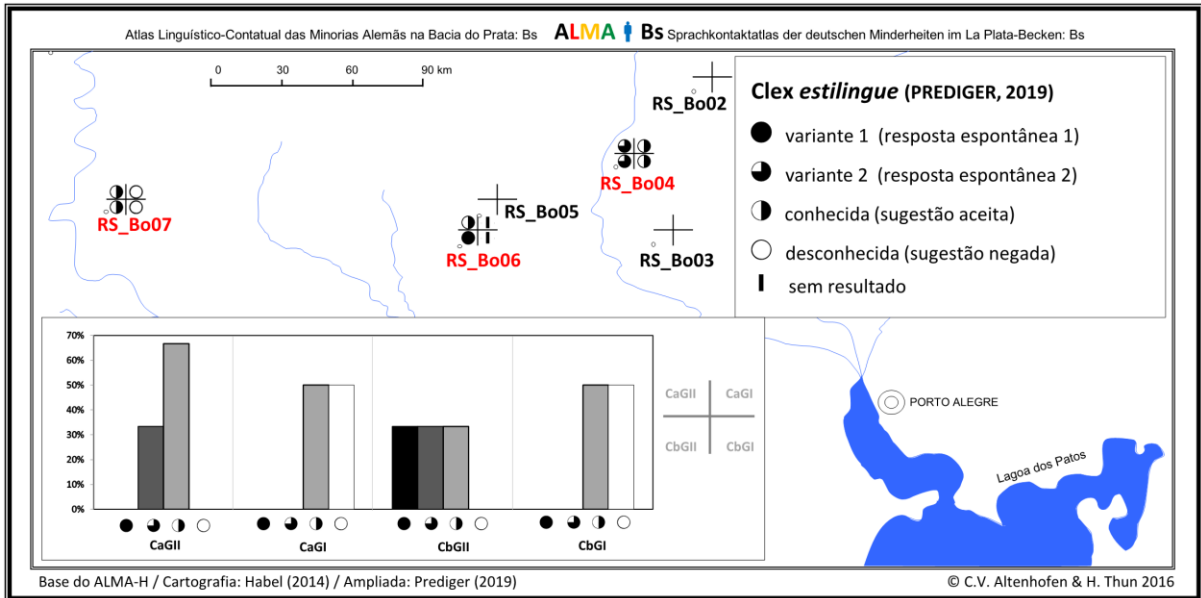
A14.2a – Variante *Funde*



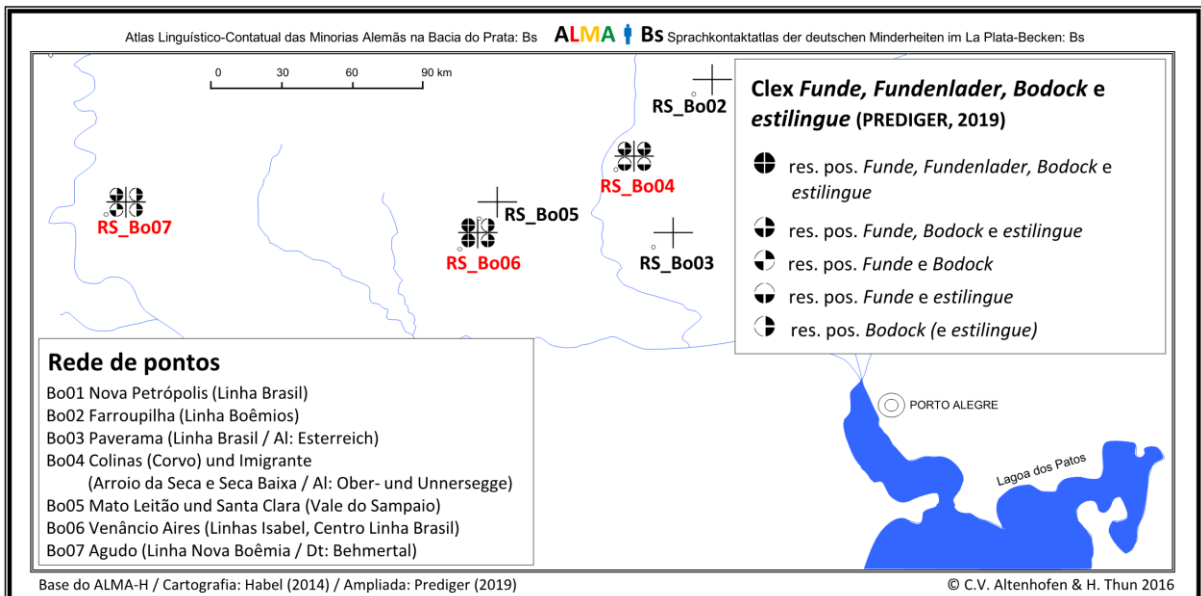
A14.2b – Variante *Bodock / Bidock*



A14.2c – Variante *estilingue*

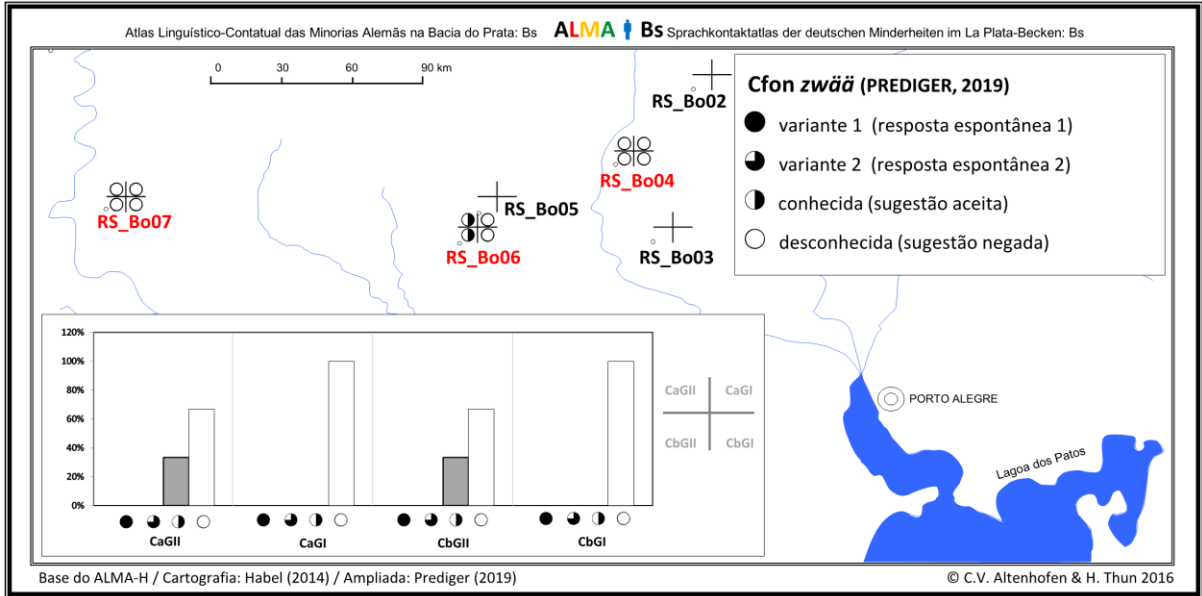


A14.3 – Cruzamento das variantes *Funde*, *Fundenlader*, *Bodock* e *estilingue*

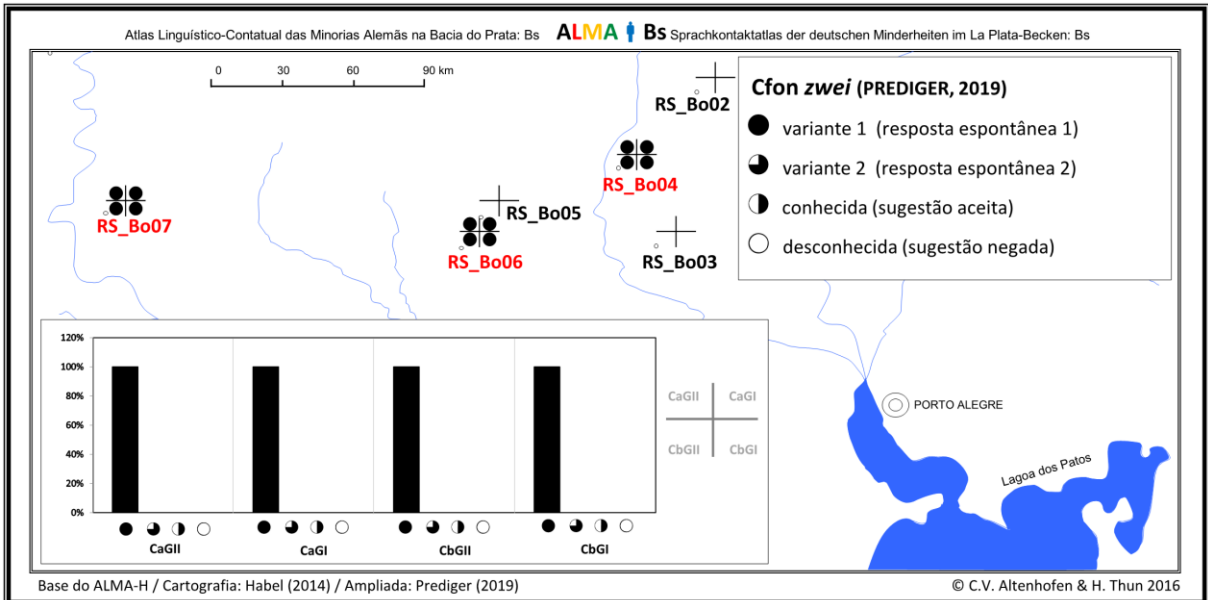


A15 – Variável Nhd. *zwei*

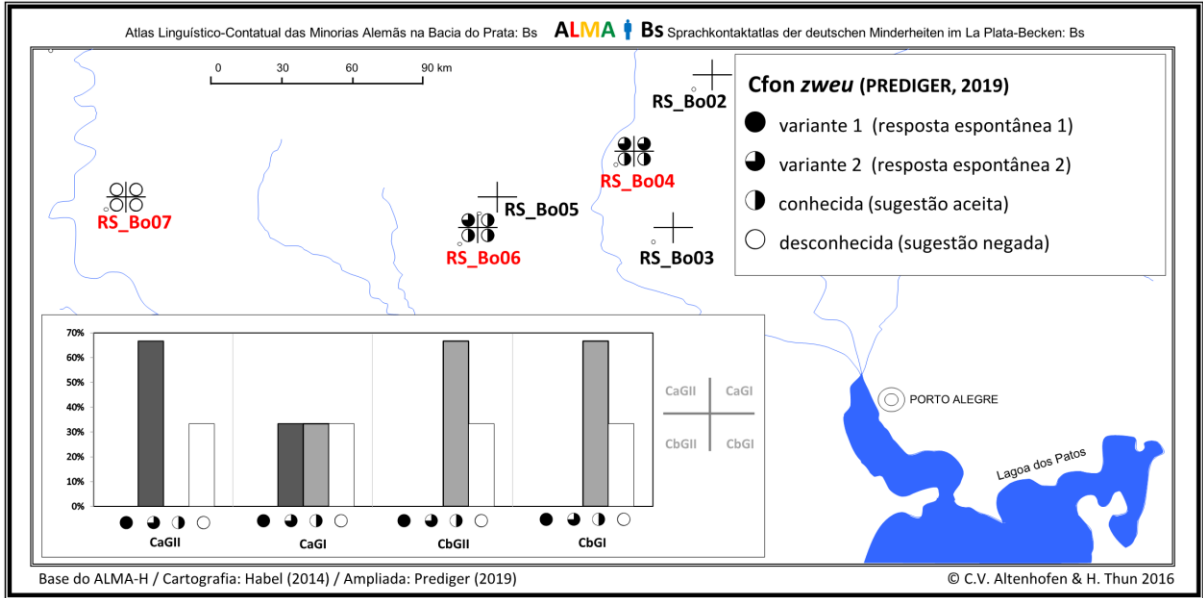
A15.1 – Variante *zwää*



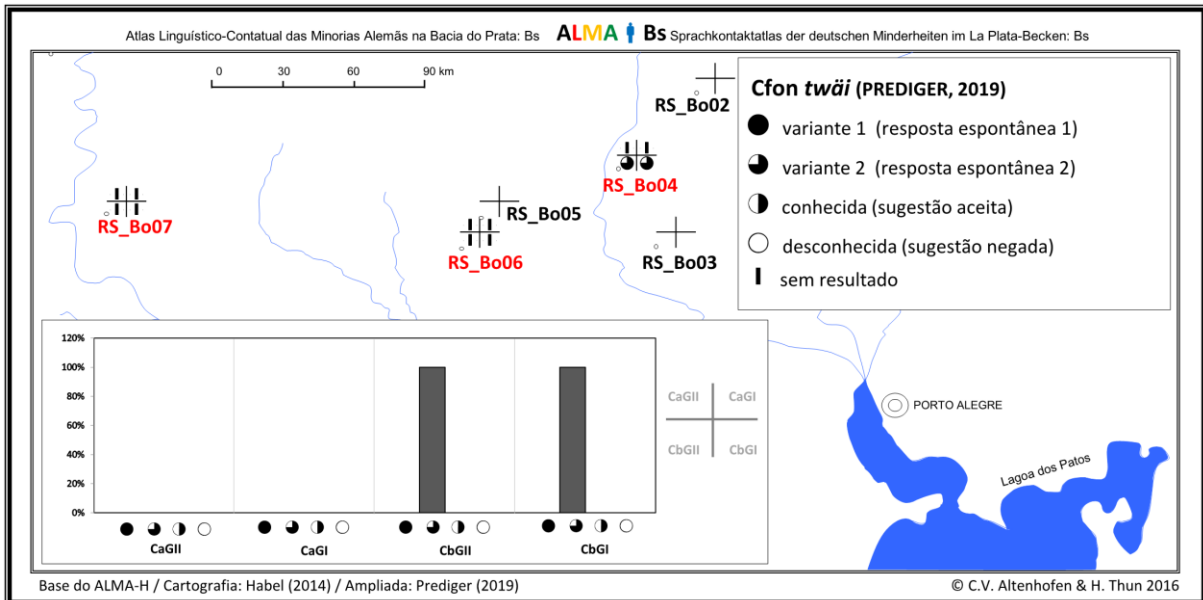
A15.2 – Variante *zwei*



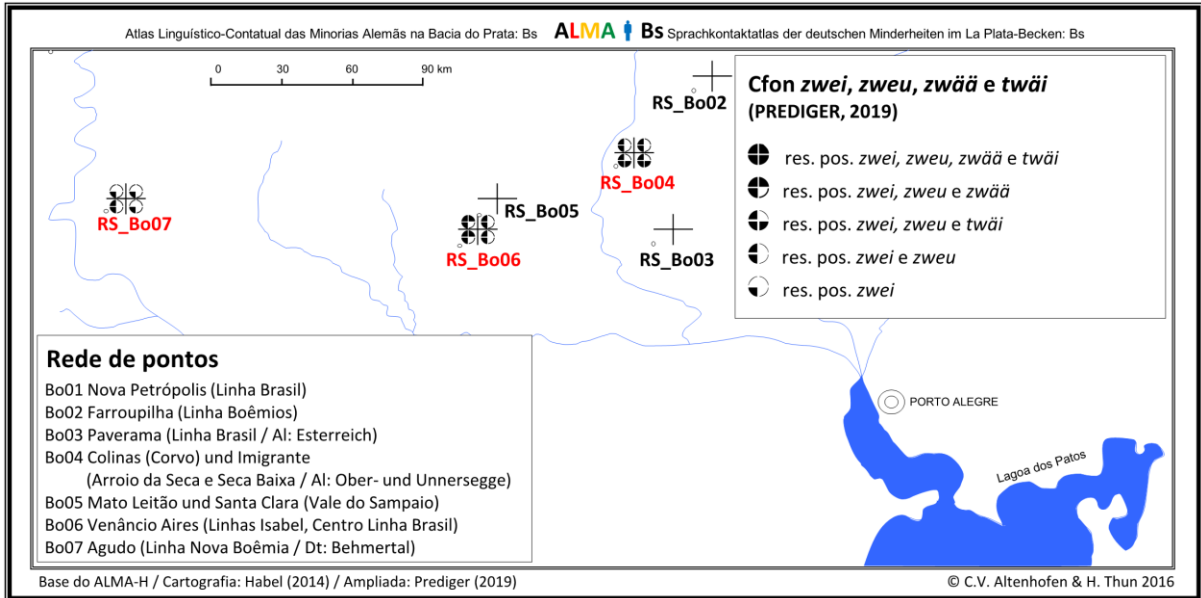
A15.3a – Variante *zweu*



A15.3b – Variante *twäi*

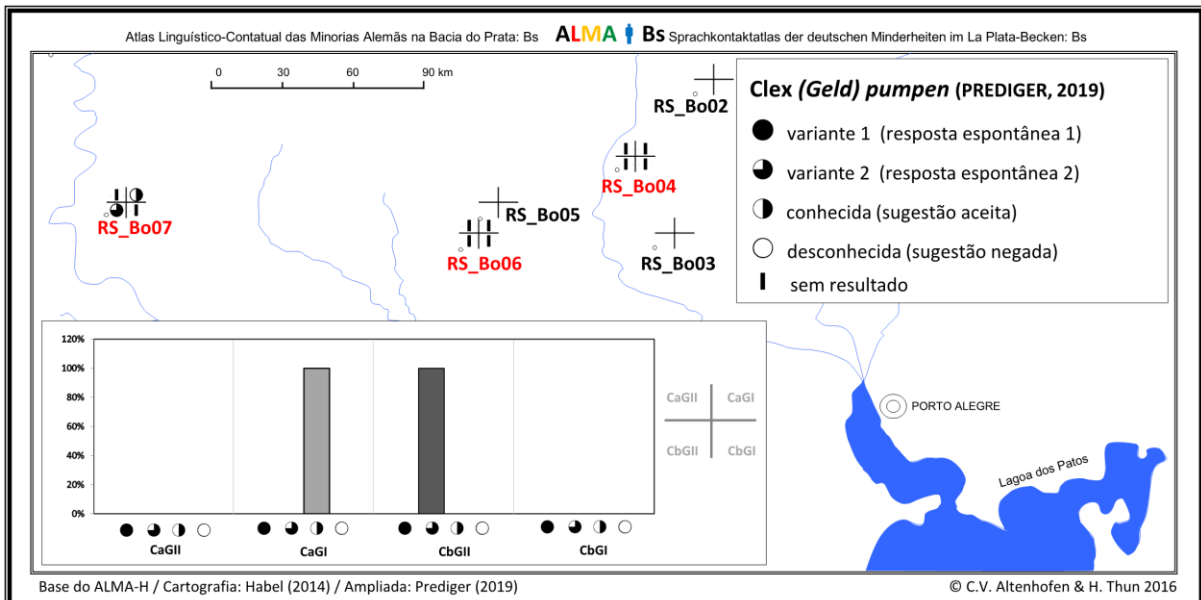


A15.4 – Cruzamento das variantes *zwei*, *zweu*, *zwää* e *twäi*

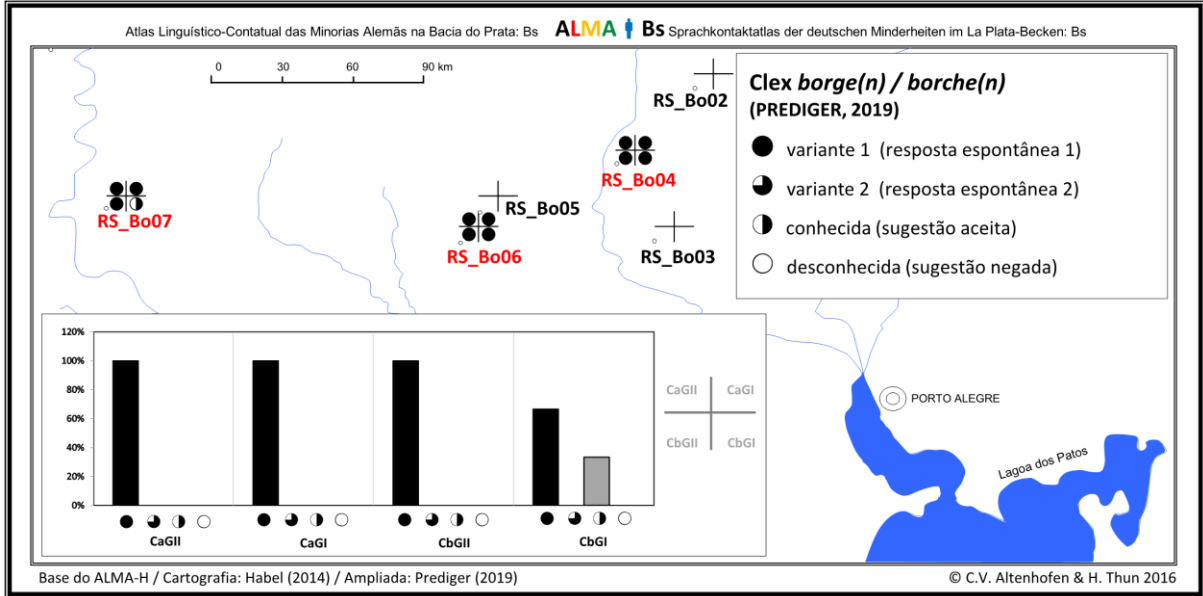


A16 - Variável Nhd. (*Geld*) *leihen*

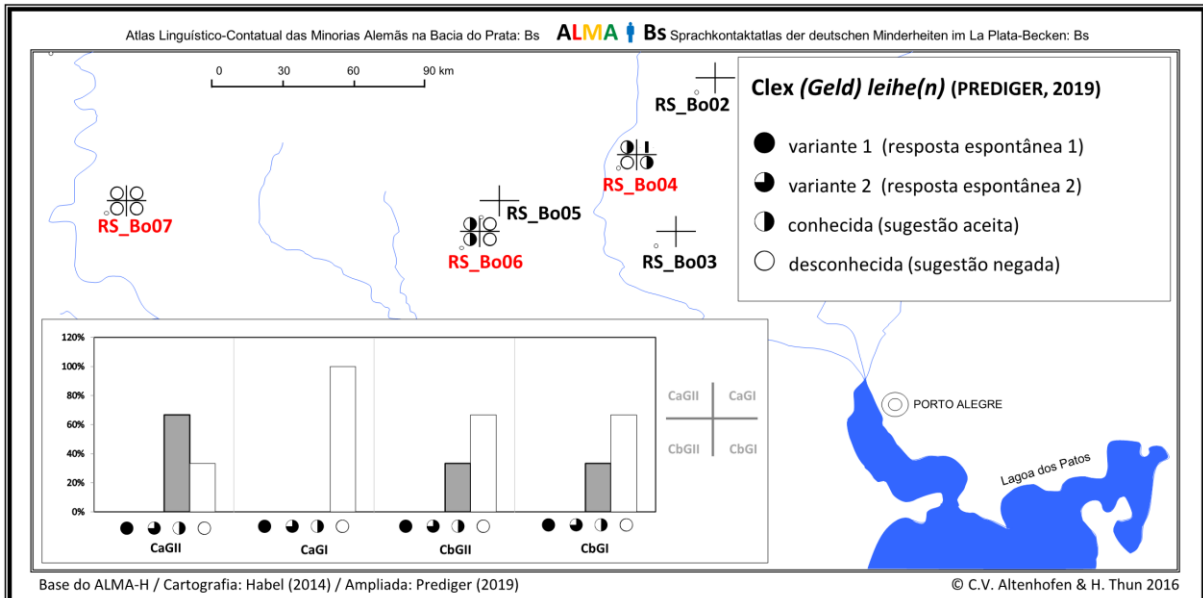
A16.1 Variante (*Geld*) *pumpen*



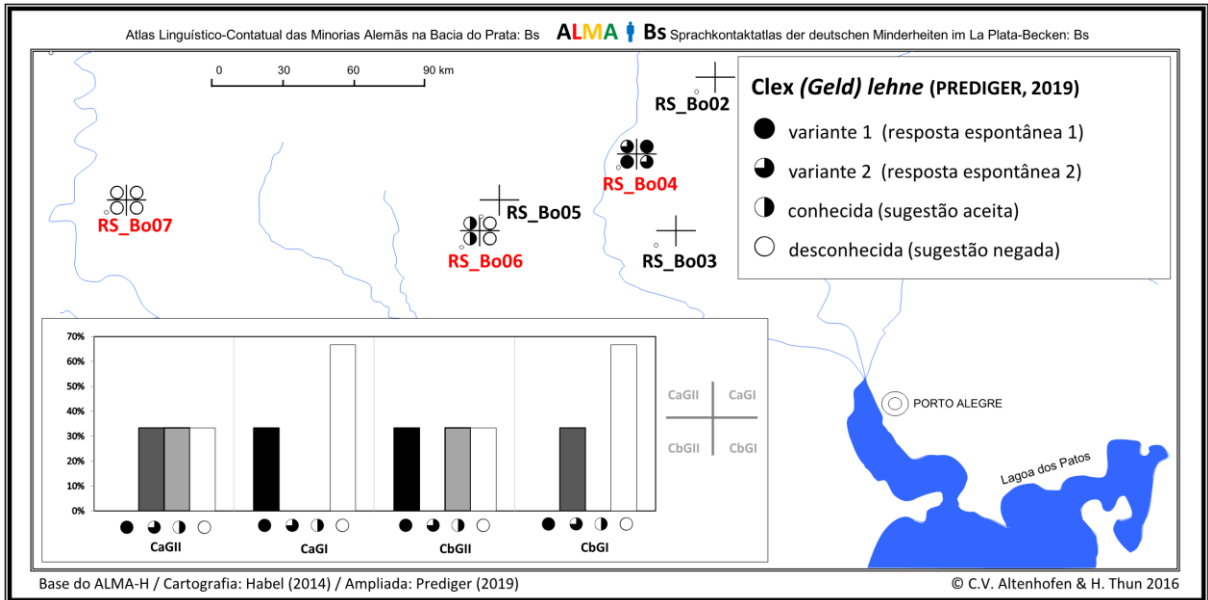
A16.2a Variante (*Geld*) *borge(n) / borche(n)*



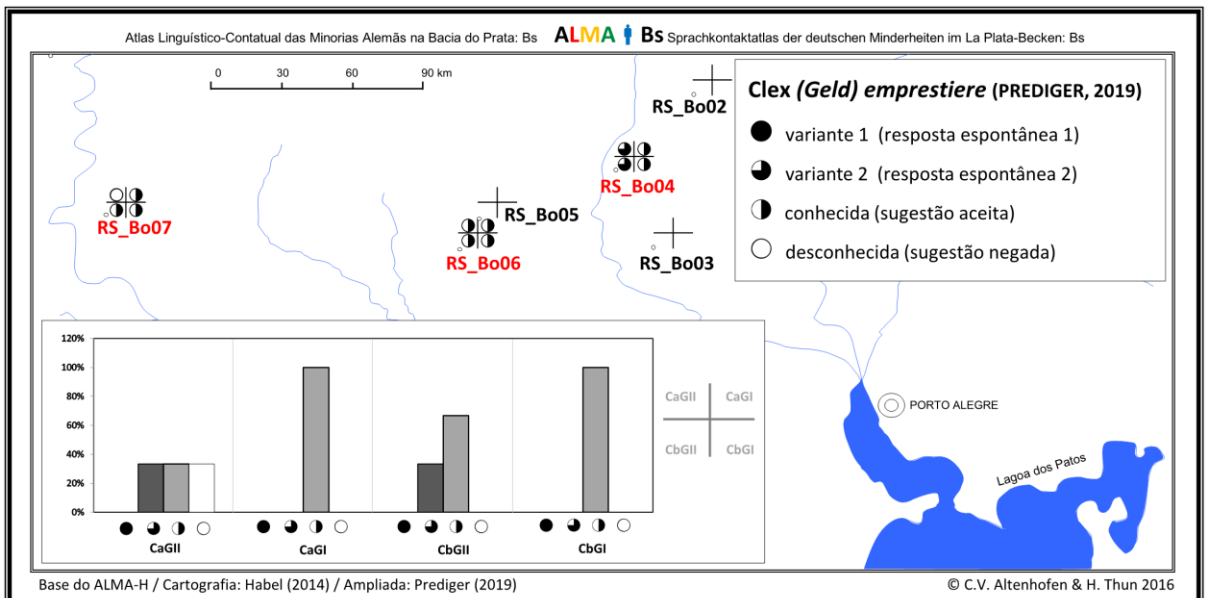
A16.2b Variante (*Geld*) *leihe(n)*



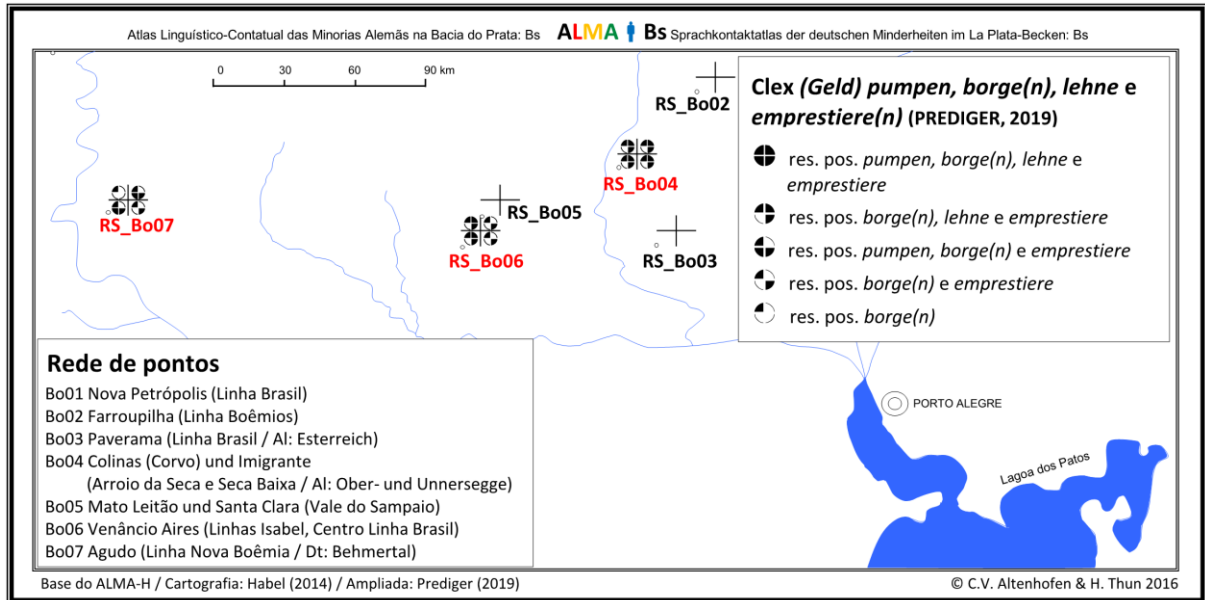
A16.3 Variante (*Geld*) *lehne*



A16.4 Variante (*Geld*) *emprestiere(n)*

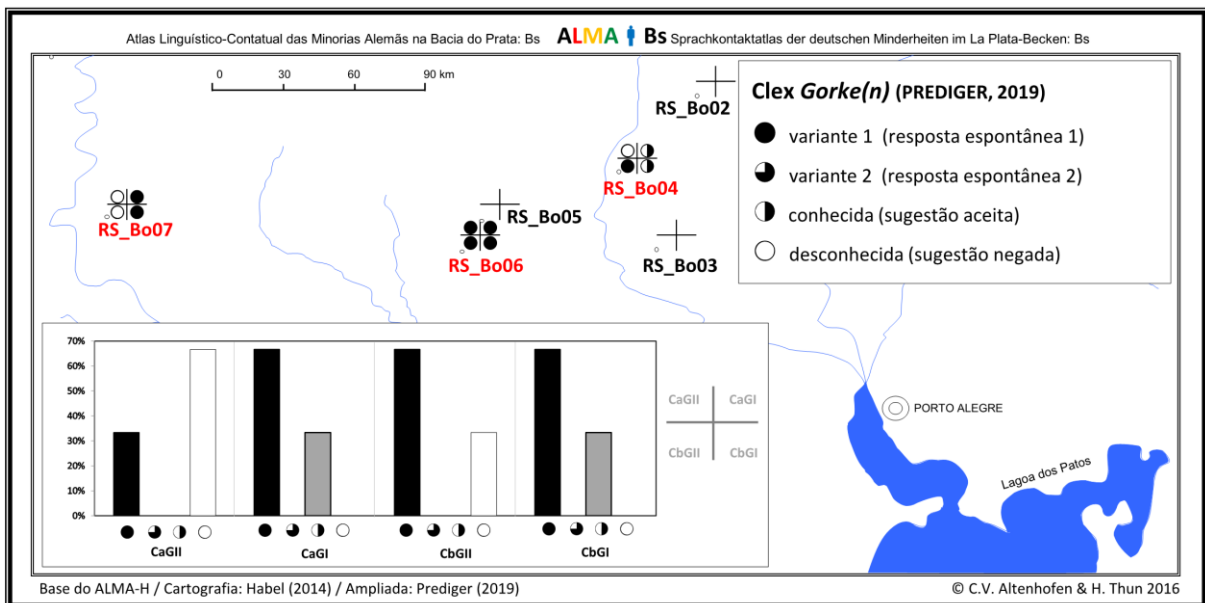


A16.5 – Cruzamento das variantes (*Geld*) *pumpen*, *borge(n)*, *lehne* e *emprestiere(n)*

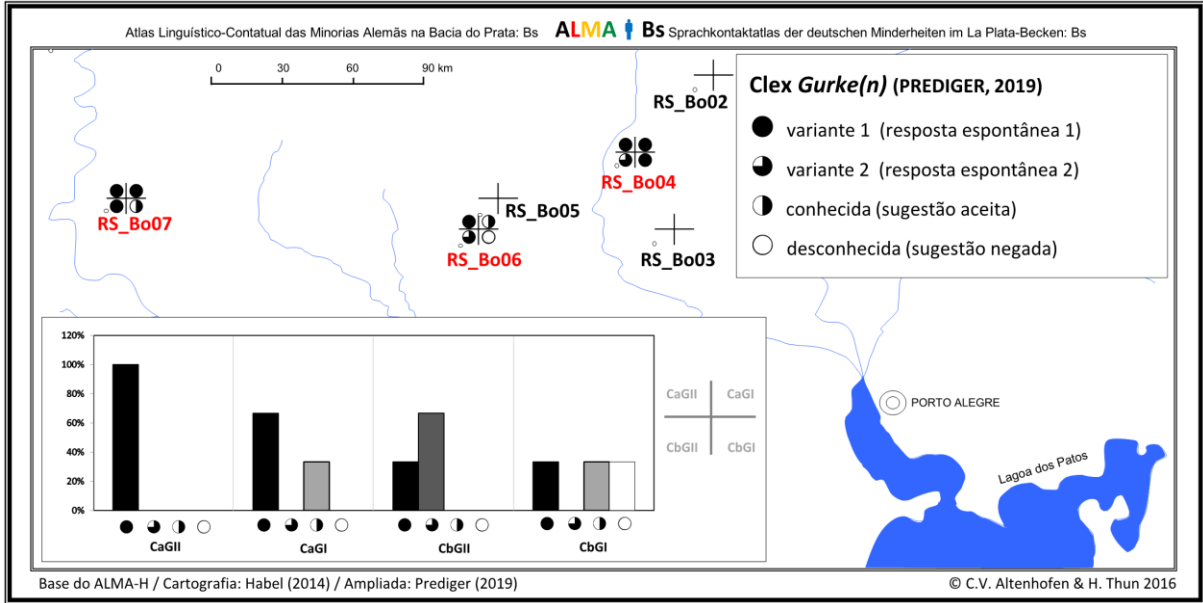


A17 – Variável Nhd. *Gurken*

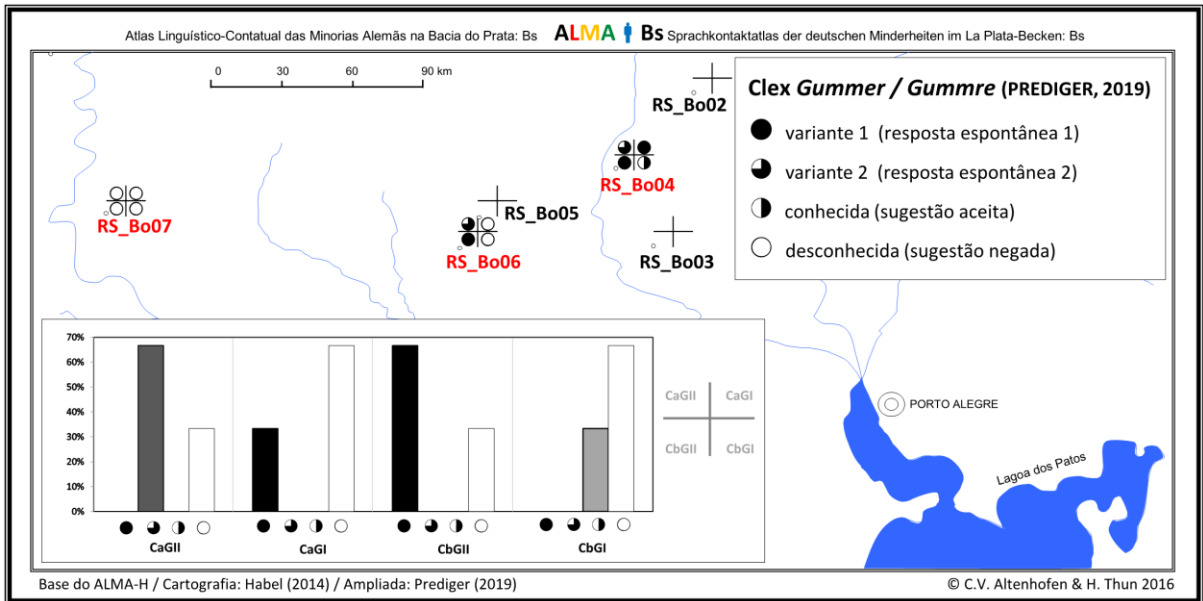
A17.1 – Variante *Gorke(n)*



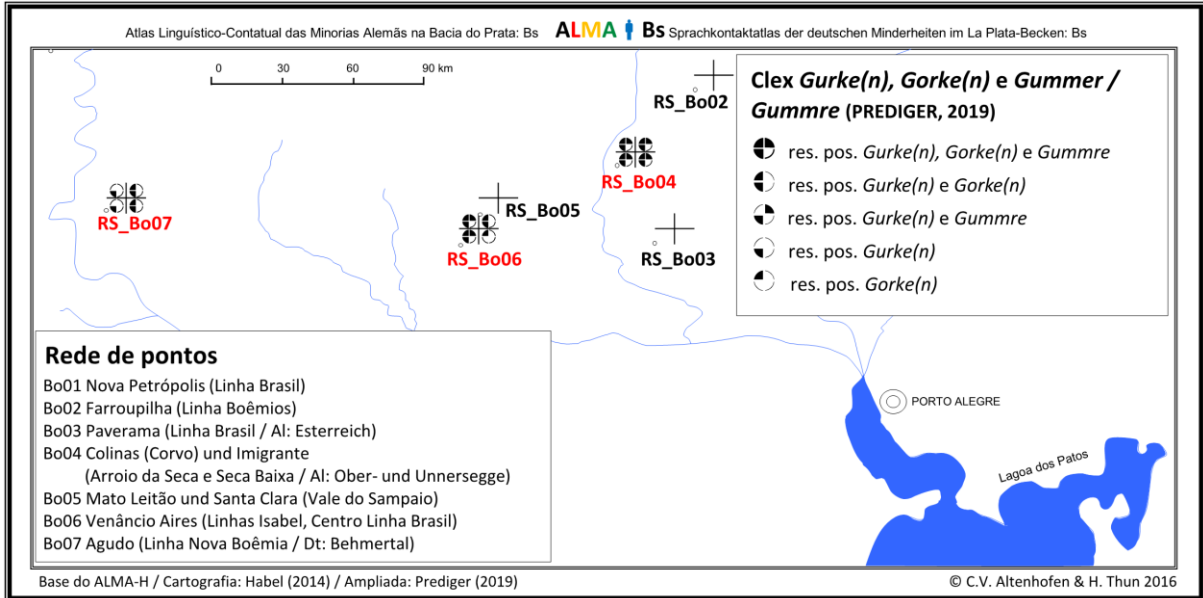
A17.2 – Variante *Gurke(n)*



A17.3 – Variante *Gummer / Gummre*

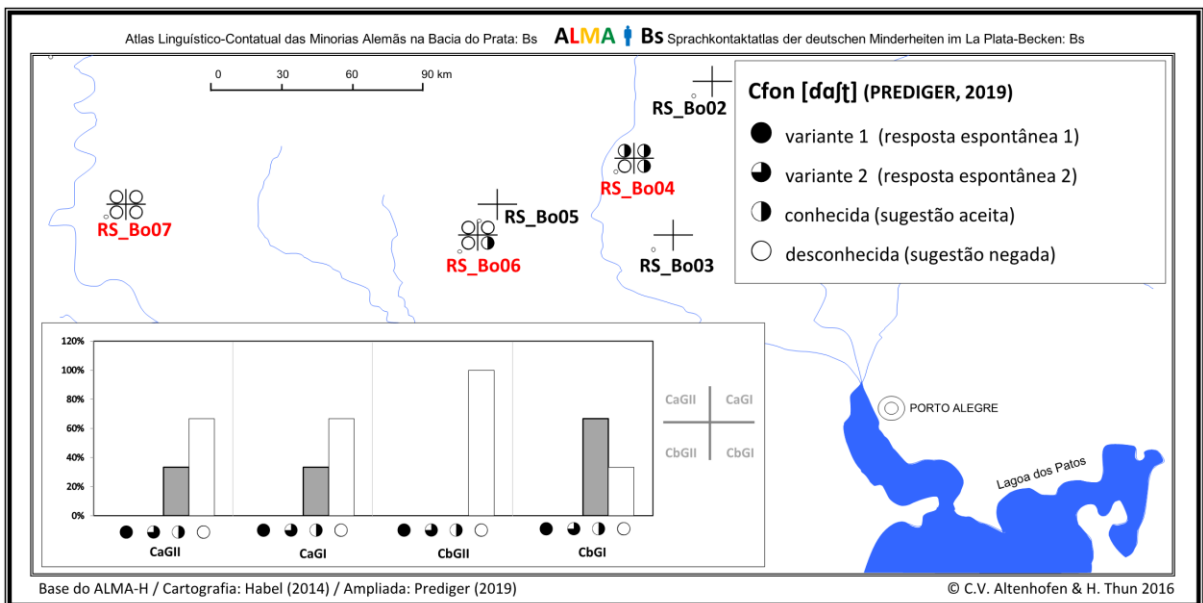


A17.4 – Cruzamento das variantes *Gorke(n)*, *Gurke(n)* e *Gummer / Gummre*

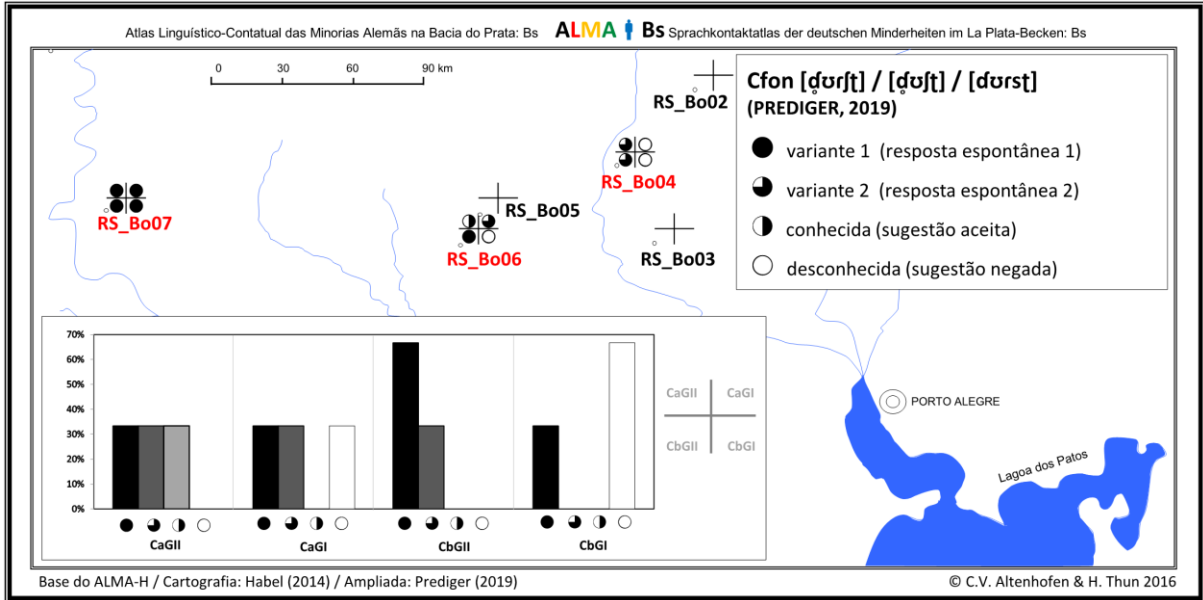


A18 – Variável Nhd. *Durst*

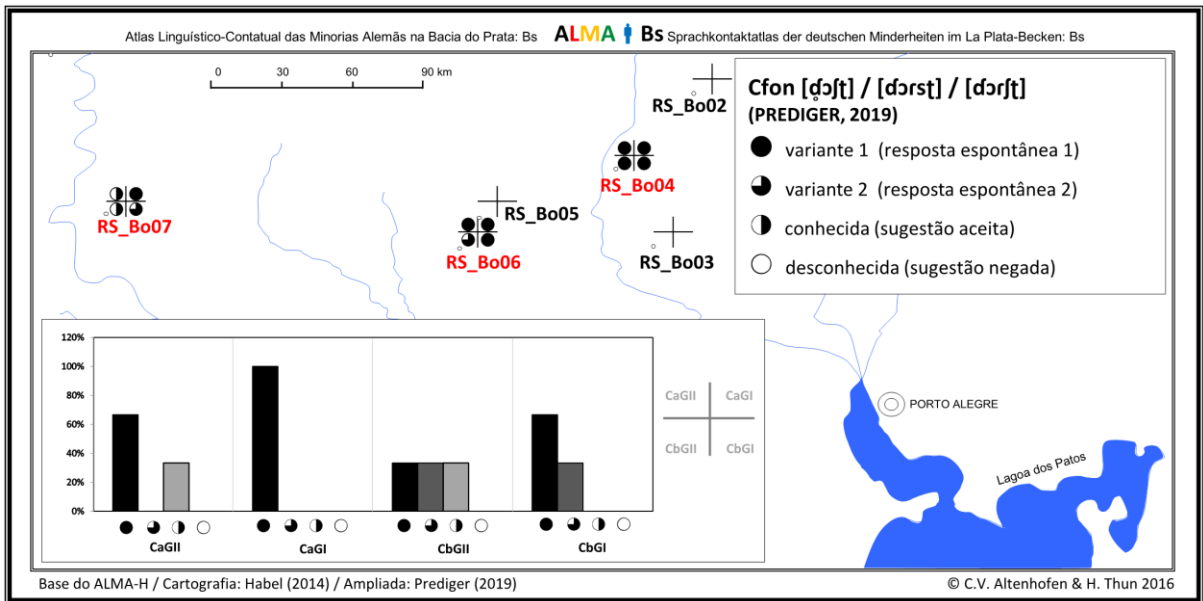
A18.1 – Variante *Dascht*



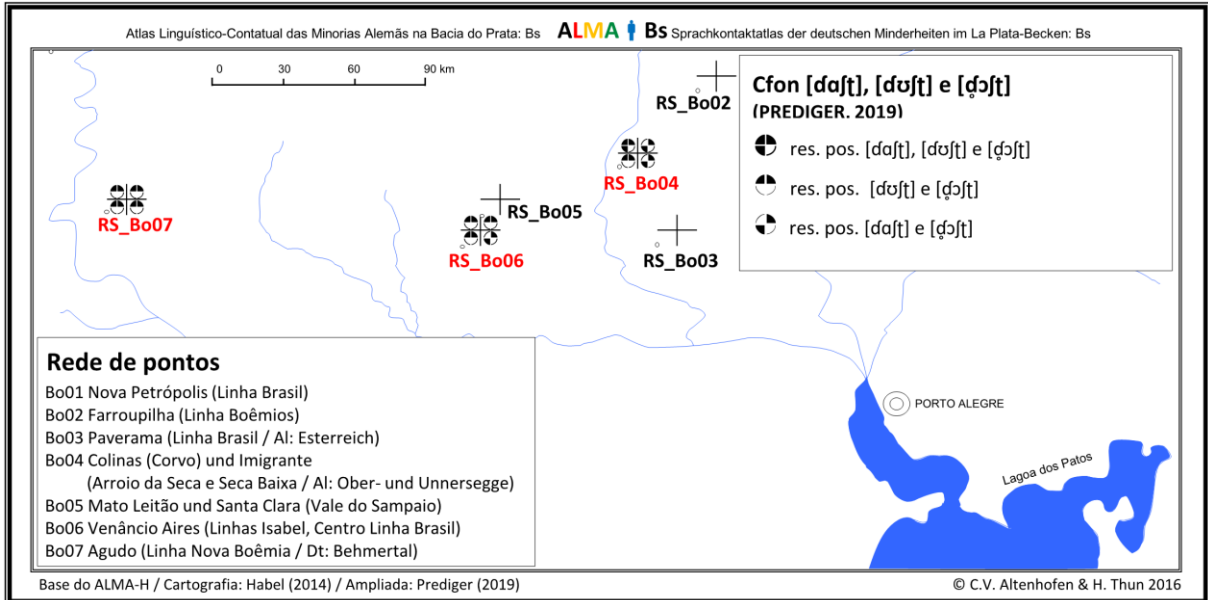
A18.2 – Variante *Du(r)scht / Durst*



A18.3 – Variante *Do(r)scht / Dorst*

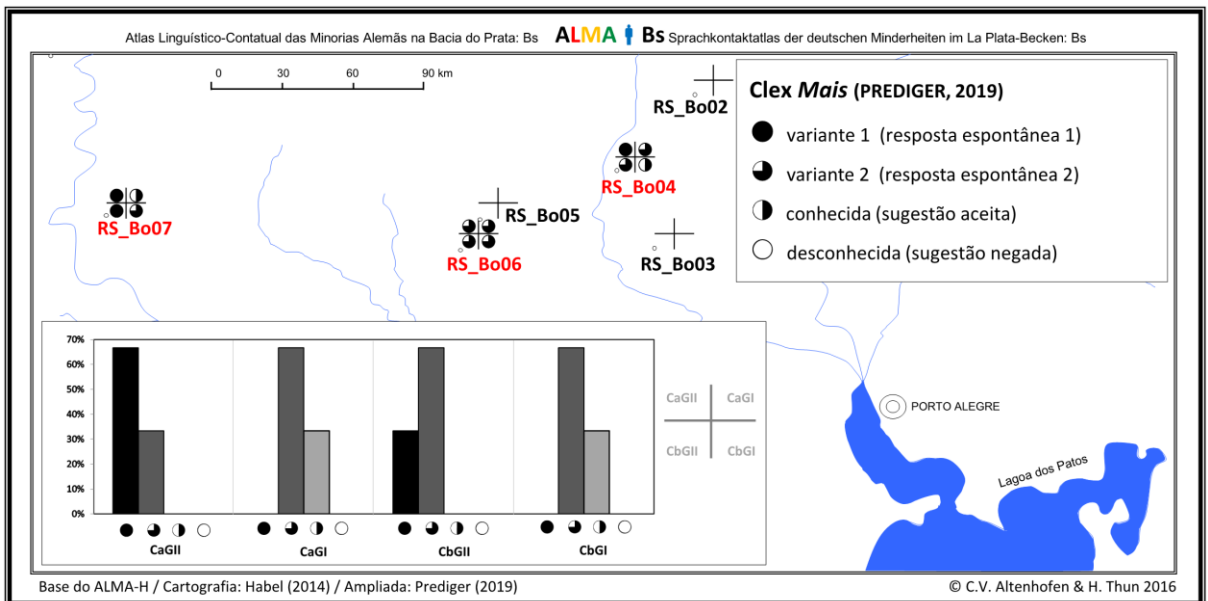


A18.4 – Cruzamento das variantes *Dascht*, *Du(r)scht* e *Do(r)scht*

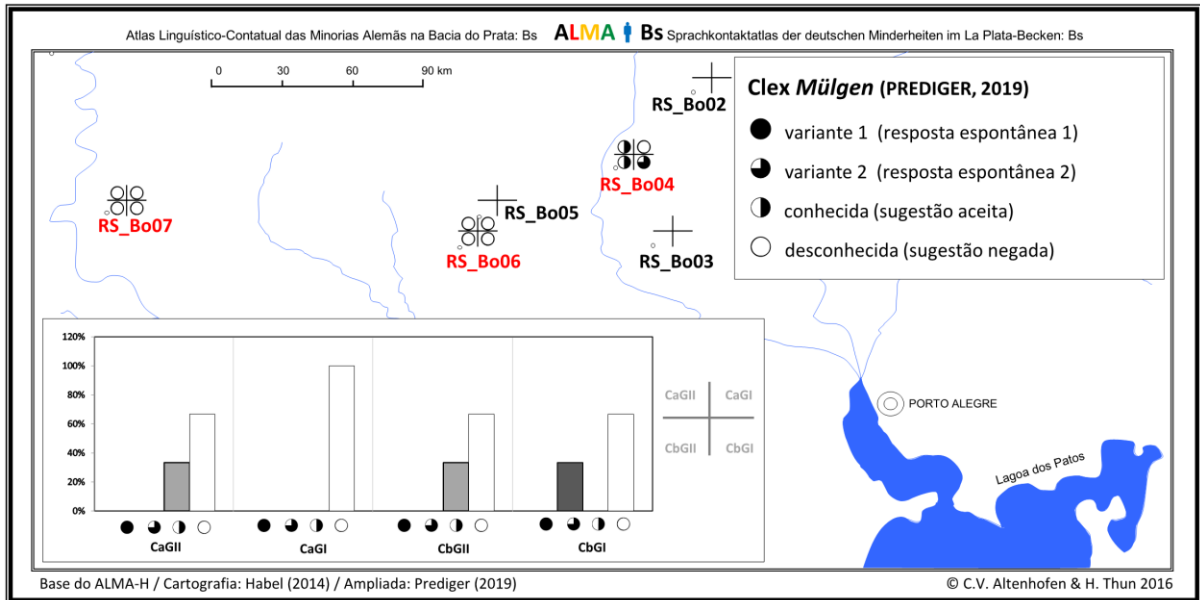


A19 – Variável Nhd. *Mais*

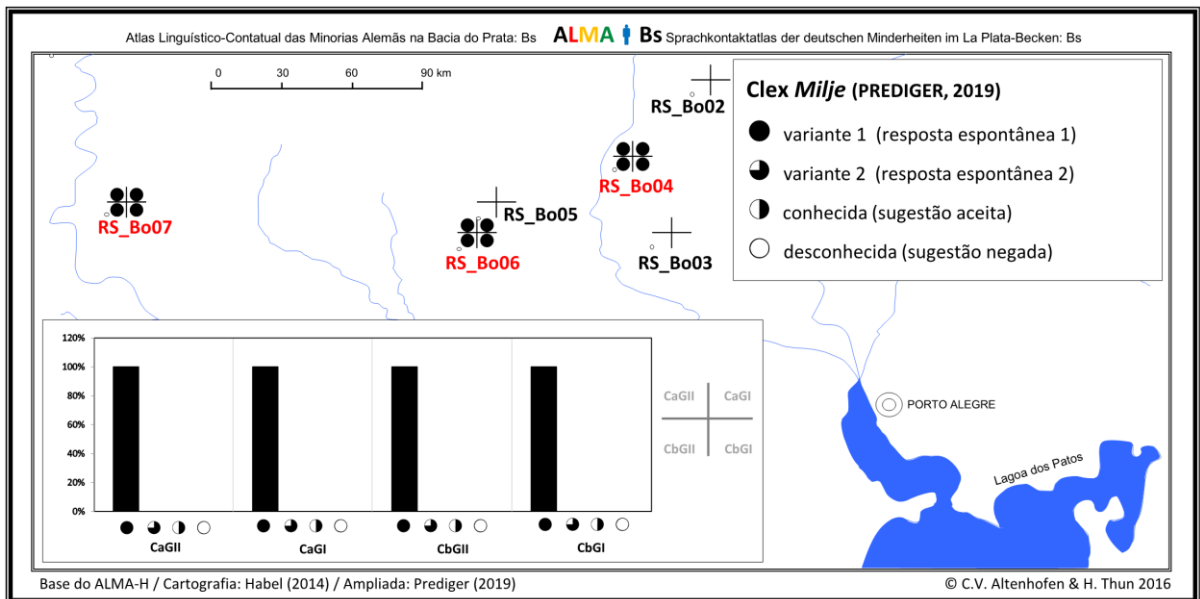
A19.1 – Variante *Mais*



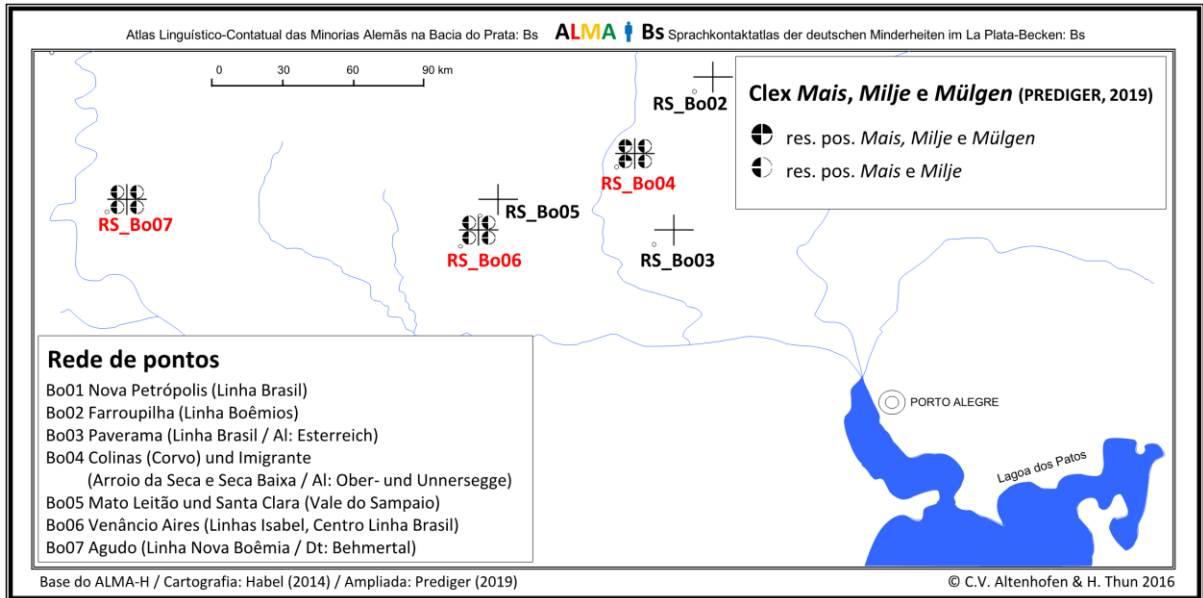
A19.2 – Variante *Mülgen*



A19.3 – Variante *Milje*

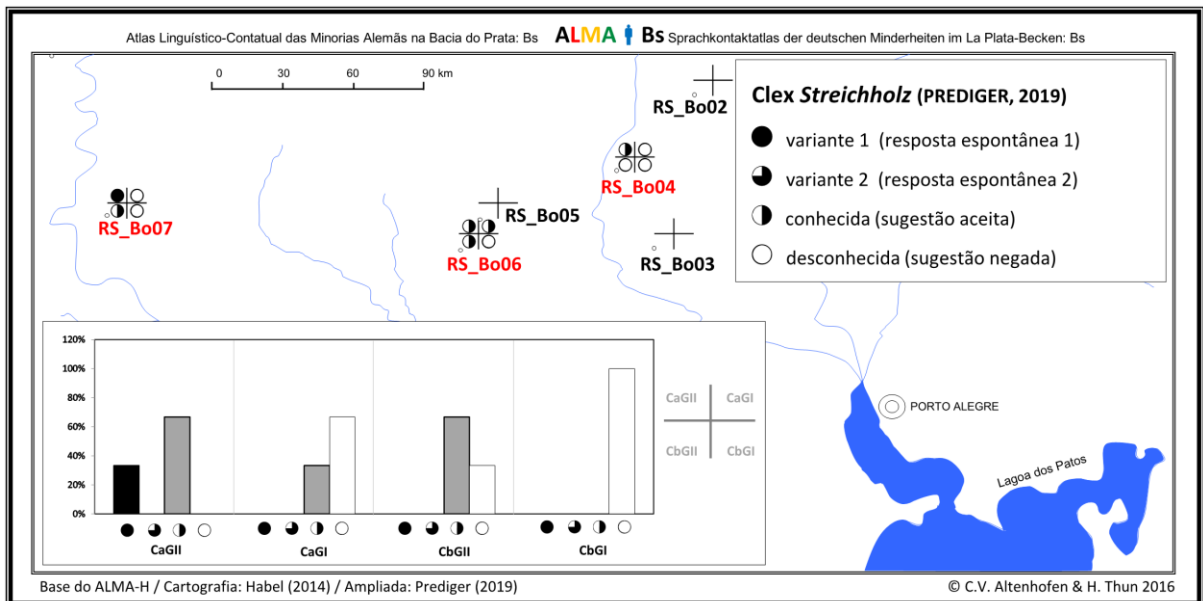


A19.4 – Cruzamento das variantes *Mais*, *Milje* e *Mülgen*

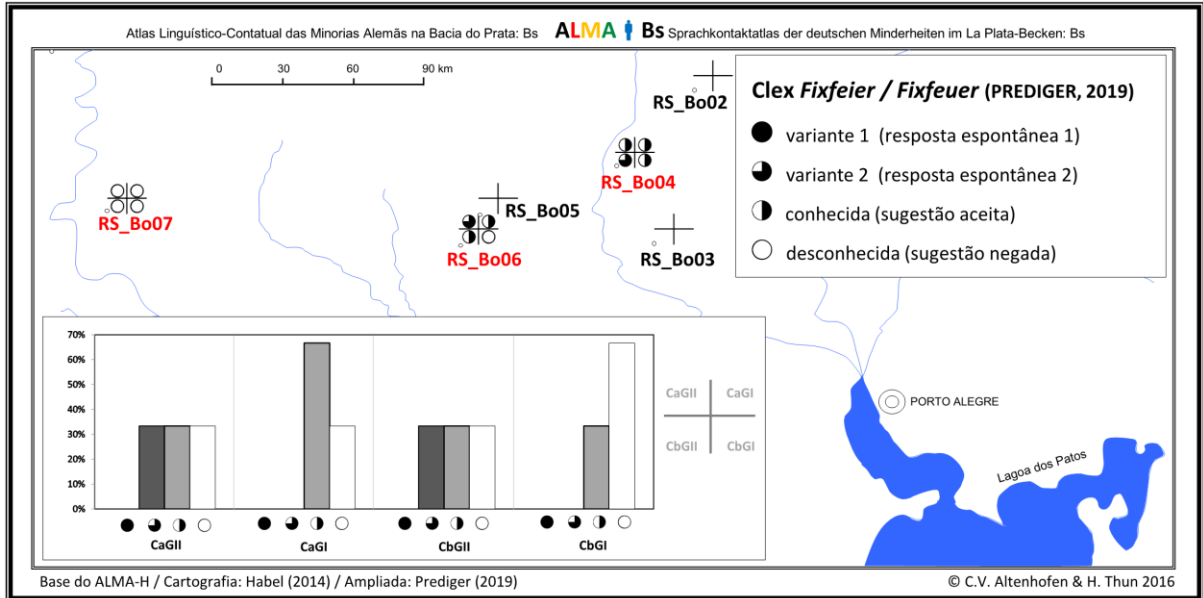


A20 – Variável *Streichholz*

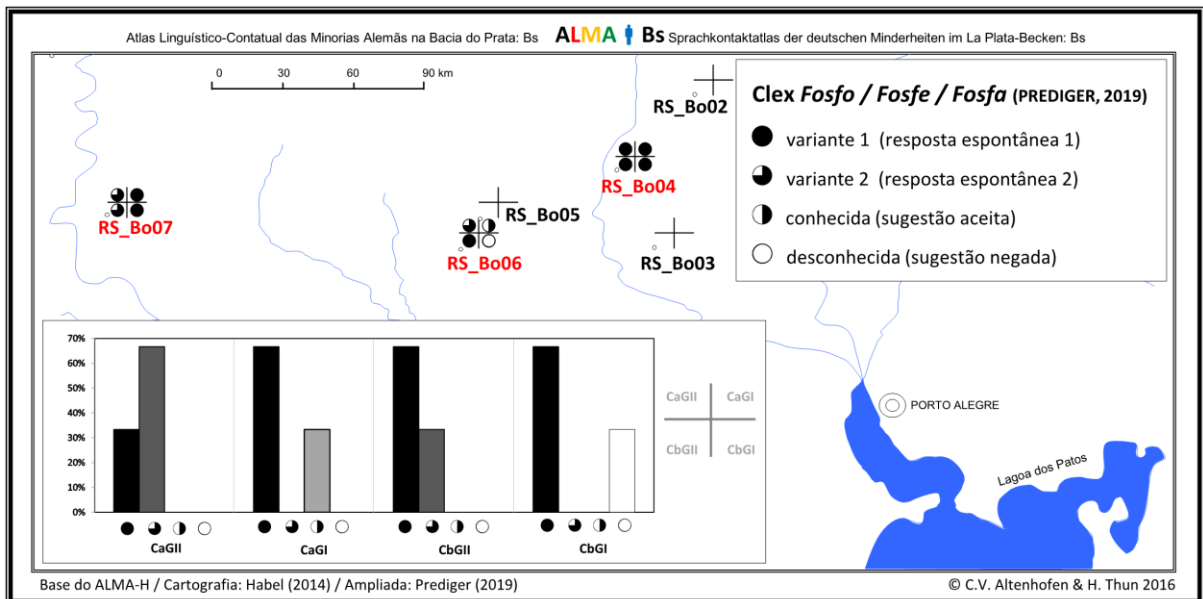
A20.1 – Variante *Streichholz*



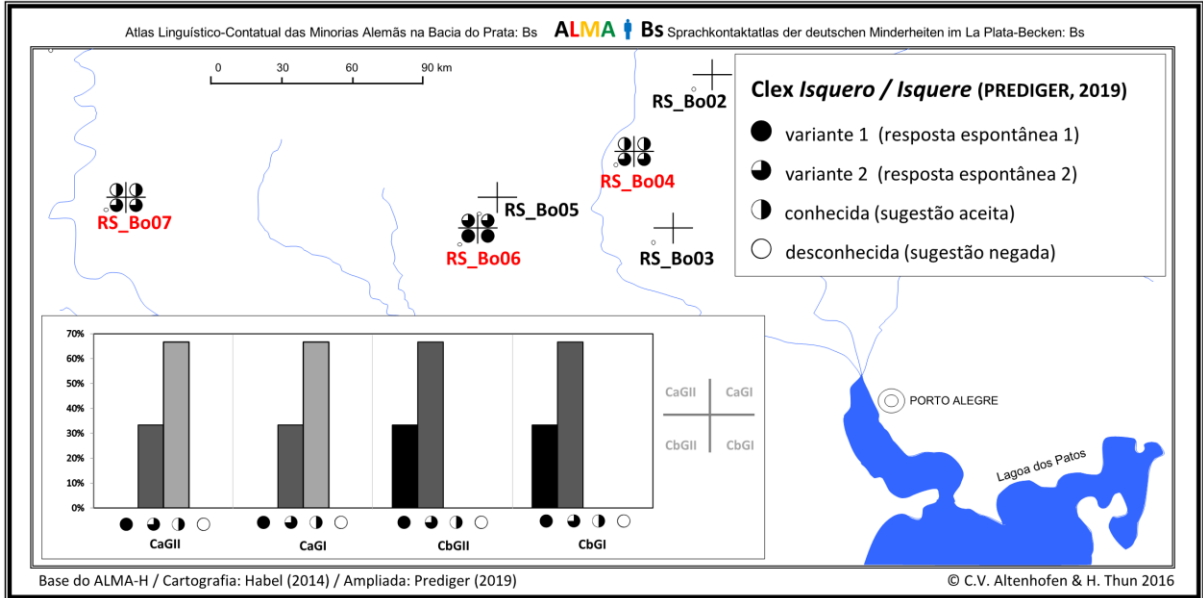
A20.2 – Variante *Fixfeier / Fixfeuer*



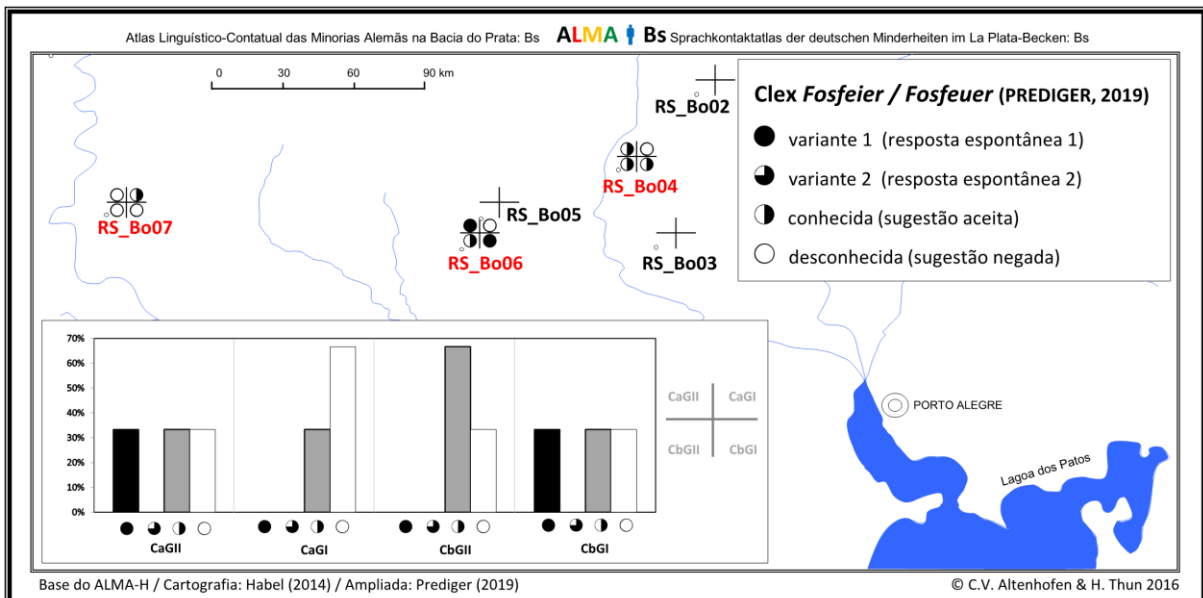
A20.3a – Variante *Fosfo / Fosfe / Fosfa*



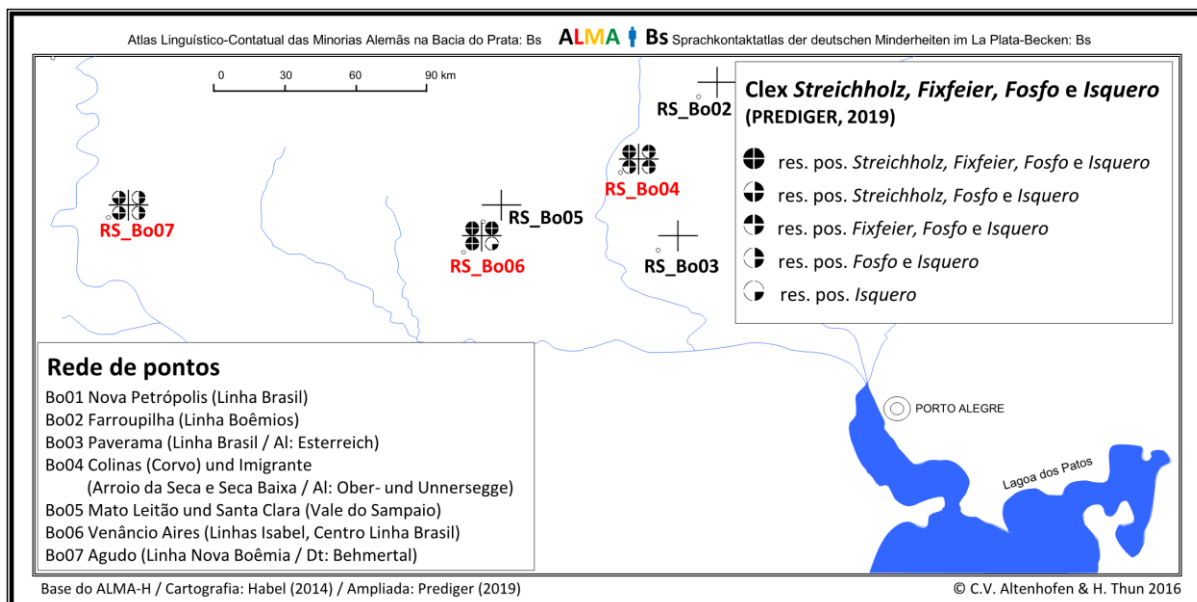
A20.3b – *Isquero / Isquere*



A20.3c – Variante *Fosfeier / Fosfeuer*



A20.4 – Cruzamento das variantes *Streichholz*, *Fixfeier*, *Fosfo* e *Isquero*



ANEXO B (TERMOS)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
SOCIOLINGUÍSTICA

Projeto: *"Topodinâmica da Variação e Mudança do Alemão Falado em Comunidades de Imigração Boêmia no Rio Grande do Sul"*



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

A presente pesquisa tem como objetivo a produção de conhecimento sobre as variedades faladas em comunidades de imigração alemã, com vistas a registrar, entender e divulgar a dinâmica de formação dessa língua ao longo da história, considerando sua origem, migrações e contatos com outras línguas e variedades.

Os encontros para a realização das entrevistas serão pré-agendados diretamente com o informante selecionado. Cada entrevista será gravada em áudio e/ou vídeo. Estes registros audiovisuais serão transcritos para análise da fala.

De modo a nos anteciparmos ao risco da identificação de sua identidade, os participantes serão identificados nas transcrições e relatos de pesquisa apenas por códigos.

Não há benefício direto para você ao participar deste estudo, mas as descobertas poderão servir como fonte de consulta para estudiosos sobre línguas em contatos e fomento do plurilinguismo. Além disso, os resultados da pesquisa poderão auxiliar a comunidade local a refletir sobre a sua língua de origem. Os resultados da pesquisa serão divulgados à comunidade acadêmica e à comunidade em geral por meio de publicações, apresentações em eventos acadêmicos, oficinas, entre outras formas.

Sua participação é essencial para a realização do trabalho de pesquisa, mas você tem a liberdade para se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízos.

Em caso de dúvida ou necessidade de esclarecimentos sobre o estudo, ou se acreditar que algum prejuízo pode ser causado por sua participação no estudo, por favor, entre em contato:

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Prédio Administrativo do Instituto de Letras – Sala 227 – Campus do Vale
Av. Bento Gonçalves, 9500 – 91501-000 – Porto Alegre, RS
Telefone: (51) 3308- 6790
E-mail: cvalten@ufrgs.br

Em caso de dúvida relacionada a seus direitos e participação nesta pesquisa, por favor, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

Comitê de Ética em Pesquisa/UFRGS
Prédio da Reitoria – 2º andar – Câmpus Central
Av. Paulo Gama, 110 – 90040-060 – Porto Alegre, RS
Telefone: (51) 3308- 3738
E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

Porto Alegre, 01 de fevereiro de 2017.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
(PPG-Letras/UFRGS)

Angélica Prediger (Doutoranda)
(PPG-LETRAS/UFRGS, CAPES)

Informante *

*Livre para assinar, seguindo a Resolução 510/2016.

Projeto: "Topodinâmica da Variação e Mudança do Alemão Falado em Comunidades de Imigração Boêmia no Rio Grande do Sul".

INFORMIERTE ZUSTIMMUNG DER GEWÄHRSPERSONEN /

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS INFORMANTES

mit Tonband aufnehmen / gravar

Einführungstext zum Aufnehmen in der Sprache der Gewährsleute
Texto introdutório para ser gravado na língua dos informantes

Mein Name is.....

Meu nome é [Befrager / Entrevistador]

Ich sinn hier mit

Eu estou aqui com [Assistent/Zeihe 1-2 / Assistente/testemunha 1-2]

Ich/mir sinn hier bei

Eu estou/Nós estamos aqui em [Namen der Gewährspersonen / Nomes dos Informantes]

in.....

em [Wohnort, Munizip / Localidade, município]

for ein Pesquisa se mache ibich das Deutsch, wo hier gesproch wedd.

para fazer uma pesquisa sobre o alemão falado aqui.

Heut is der.....

Hoje é [Datum / Data]

Frage nach informierter Zustimmung

Pergunta por consentimento livre e esclarecido

1. [Hr] unn, seid ihr defoa, dass mir die Gravações, wo'me mit euch mache, for Pesquisas nutze ibich die deutsche Sprach, wo hier gesproch wedd, unn in Publicações benutze (das heisst, dotdriber schreibe), ohne natierlich eure Name se nenne?

[Pt] e, você(s) concordam que nós utilizemos as gravações que vamos fazer com vocês, para pesquisas sobre as línguas faladas aqui, e que as citemos em publicações (isto é, que escrevamos a respeito), sem naturalmente mencionar os nomes de vocês?

2. [Hrs] Elaubt ihr auch, dass mir Gespreche, wo'me mit euch graviere ode filmiere, unn interessant finne, ins INTERNET stelle, fo dass andre Leut eure Sprach besser kenneleenne kenne?

[Pt] Vocês autorizam também que nós possamos disponibilizar na INTERNET conversas que gravamos ou filmamos com vocês e que achamos interessantes, para que outras pessoas possam conhecer melhor o alemão falado aqui?

3. [Hrs] Is es euch bekannt, dass ihr net gezwung seid, an unsrem Gespreech mitsemache, also dass ihr uns freiwilllich helft, ohne euch bei die Arbeit unn in die Gesundheit Schade se bringe?

[Pt] Está claro para vocês que vocês não são obrigados a participar da nossa conversa, que portanto o fazem de livre e espontânea vontade, sem prejuízo de trabalho e de saúde?

Danke scheen! / Obrigado!

Obs.: entregar TCLE impresso com endereço do Projeto.